RACNEGÊ

GRUPO DE PESQUISAS · RAÇA · CULTURAS NEGRAS · GÊNEROS

BEATRANS

REDE ANTI-TRANSFOBIA

Vivências, enfrentamentos e diferenças: relatos, pesquisas e ações

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

RACNEGE & REATRANS vivências, enfrentamentos e diferenças [livro eletrônico] : relatos, pesquisas e ações / organização Antonio Cesar Lins Rodrigues, André Luis Silva Vieira. -- Cubatão, SP : Ed. dos Autores, 2024.

PDF

Vários autores.

ISBN 978-65-01-28359-3

1. Antirracismo 2. Educação 3. Relações étnico-raciais 4. Homofobia - Prevenção 5. LGBTQIAPN+ - Siglas 6. Preconceitos 7. Transfobia - Prevenção

I. Lins Rodrigues, Antonio Cesar. II. Vieira, André Luis Silva.

24-246287 CDD-370

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação 370

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415



Antonio Cesar LINS RODRIGUES (Org)
André Luis Silva Vieira (Org)
Fabiana Lacerda Vilaço
Sérgio Henrique Rocha Batista
Michelle Perez Dos Santos
Leonardo Xavier do Nascimento
Alyssa Israel Baptista
Liam Michelazzo dos Santos Ventura
Maria de Lara Silva
Matilde Perez Quintairos
Dav dos Santos Alves

RACNEGÊ & REATRANS

Vivências, Enfrentamentos e Diferenças: relatos, pesquisas e ações.

Cubatão - SP

2024

O livro RACNEGÊ REATRANS “Vivências, enfrentamentos e diferenças: relatos, pesquisas e ações”, trata-se de um retrato do Grupo de Pesquisas Raça, Culturas Negras e Gêneros - RACNEGÊ, aliado às experiências da Rede Antitransfobia - REATRANS. Ao longo dos escritos que se seguem vocês terão a oportunidade de mergulhar em nossas realizações em prol da educação para as diferenças. Questões relacionadas diretamente à luta Antirracista e Anti-LGBTfóbica também estarão presentes, assim como a transcrição de todas as ações realizadas durante os oito anos de existência do RACNEGÊ e um ano e nove meses da Rede Antitransfobia - REATRANS.

As diversas narrativas têm características singulares, levando em conta as preferências de estilo de escrita de cada uma/um, juntamente com a indicação de relevância livremente escolhida por elas/eles, o que perfaz uma característica dos grupos, ou seja, a liberdade para a exposição de variadas interpretações sem que haja um “fechamento” clássico característico dos processos de escolarização que exigem a figura centralizadora da/do proprietário de uma suposta “verdade”. Seguimos estritamente as múltiplas e polissêmicas *possibilidades.*

As autoras e autores que assinam essa publicação são personagens múltiplos, oriundas/os não somente do meio acadêmico, mas também das diversas camadas de formação e social, fazendo jus às “únicas” exigências para a participação nos referidos grupos, sejam essas a disposição para a leitura dos textos-referência; disponibilidade para as reuniões híbridas quinzenais propostas por ambos os grupos; participação presencial ou virtual nos eventos híbridos e/ou presenciais realizados pelos grupos e comprometimento com a defesa das causas relacionadas às diferenças, especificamente à População Negra, população LGBTQIAPN+, Culturas Negras e Educação Antirracista e Anti-LGBTfóbica.

Esperamos que todas, todos e TODES, possam desfrutar dessas nossas experiências e que também encontrem em nossas ações, a necessária “inspiração” para somarem força suficiente, para avançarmos nos feitos em prol da justiça social e curricular.

Uma boa viagem e aguardamos as próximas parcerias, convocando a TODES para essas novas empreitadas.

É com grande alegria e imensa satisfação que apresentamos esta coletânea, que reúne vivências, pesquisas e reflexões profundamente comprometidas com a construção de uma sociedade mais justa e acolhedora. Esta obra representa o empenho coletivo de estudantes, docentes e colaboradores do Campus Cubatão do Instituto Federal de São Paulo, que, por meio dos grupos RACNEGÊ e REATRANS, têm feito da educação um instrumento de transformação social.

Nos últimos anos, temos nos dedicado a fortalecer práticas que reconhecem e valorizam as diferenças, superando barreiras do senso comum e abrindo caminhos para uma convivência mais equânime e respeitosa. O Campus Cubatão tem se empenhado em ser um espaço onde cada pessoa, com sua história e identidade, seja reconhecida e respeitada. Esse compromisso se reflete nas ações aqui relatadas, que não apenas denunciam desigualdades, mas propõem caminhos concretos de enfrentamento, diálogo e construção coletiva.

É motivo de orgulho ver o nosso campus protagonizar iniciativas que dão voz a quem tantas vezes foi silenciado, que constroem pontes em vez de muros, e que educam não apenas para o conteúdo, mas para a cidadania, o respeito e a empatia.

Que esta publicação inspire novas ações, provoque reflexões e fortaleça o compromisso de todos nós com uma educação verdadeiramente pública, inclusiva e transformadora. Sigamos juntos, com coragem e esperança, rumo a um futuro onde a diversidade não apenas seja respeitada, mas celebrada.

É sempre um privilégio poder ser a primeira leitora de uma obra para construir um prefácio sobre ela. O problema é que privilégio ainda é algo que poucos podem usufruir, por isso nos provoca muitos atravessamentos, principalmente, quando o assunto é educação para as diferenças. É contra certos tipos de privilégios que lutamos para podermos redesenhar os modelos de uma sociedade se torne um lugar seguro e inclusivo, por meio do respeito às diferenças. As violências como racismo, discriminação, LGBTfobia, machismo, sexismo, etarismo, misoginia são realidades que afetam nosso viver em sociedade.

Conheço o RACNEGÊ (Grupo de Pesquisas – Ração, culturas negras e gêneros) desde os primeiros passos, me sinto parte dele, e cada linha deste livro confirma que estamos diante de um projeto gigante, contra as diferenças, graças à iniciativa do professor César Rodrigues, que se tornou referência para a educação para as relações étnico-raciais no Brasil, defendendo de maneira incansável uma escola mais humana, sensível e antirracista, juntamente ao professor André Vieira.

Foi por causa desta visão inclusiva, do professor César, provocado pela ideia da doutora Adriana Martins de Oliveira, que agora podemos contar com o REATRANS (rede antitransfobia), atendendo a urgência de se discutir no âmbito acadêmico o tema da LGBTfobia. Para que outras vozes e experiências sejam acolhidas, porque sabemos que as opressões sociais se entrecruzam e são muito cruéis quando falamos que parte das vítimas são crianças, adolescentes e jovens, que sofrem violências, preconceitos e discriminações no âmbito escolar ou universitário.

O RACNEGÊ e a REATRANS juntos se transformaram em lugares de travessia, de diálogos e de afeto político. Espaços onde o saber impulsiona projetos de vida quem possam transformar relações e conquistar aliados em outras redes de solidariedade contra o racismo e a LGBTfobia. Ao ler este livro não tenho dúvidas de que agora temos em mãos um manifesto em movimento. Os textos, relatos, ações e pesquisas aqui reunidos são expressões da potência de uma educação que não teme as diferenças, mas as celebra. São resultados de iniciativas que nos mostram a educação como o caminho possível para a transformação.

Claudia Alexandre
Jornalista, Escritora, Mestra e Doutora em Ciências da Religião. Ganhadora do Prêmio Jabuti acadêmico 2024.

Graças à iniciativa da Adriana, que esteve em nosso Campus por um curto período para o cumprimento de alguns créditos de seu doutorado e realizou importantíssimos feitos que marcaram a história da instituição. Adicionalmente ao atendimento irretocável prestado as(aos) estudantes, teve também nas reuniões e planejamento das ações do REATRANS uma participação fundamental para que avançássemos na conquista de novos espaços de enfrentamento à LGBTfobia.

Atualmente o REATRANS não conta mais com a participação direta da Doutora Adriana Martins de Oliveira, contudo a marca indelével por ela deixada tem reflexos de fulcral importância em todas as nossas ações e realizações.

Todas, todos e todes da Rede-Antitransfobia REATRANS têm por você e em você, Adriana, admiração e inspiração para continuar avançando.

Vida longa, Adriana Martins e muita força para continuar a inspirar tantas outras Redes Antiexclusão mudo afora.

Muito obrigado pela entrega.

Também não poderíamos de deixar de registrar aqui a nossa profunda gratidão à Reitoria do Instituto Federal de São Paulo pelo apoio irrestrito ao nosso projeto, não medindo esforços para nos atender nas diversas demandas que essa empreitada exigiu. Ao Magnífico Reitor Silmário Batista dos Santos, o nosso muito obrigado!

AGRADECIMENTO

O1
RELATOS.....09

O2
AÇÕES.....76

O3
TRANSCRIÇÕES DOS EVENTOS 84

O4
PESQUISAS.....304

SUMÁRIO

01

RELATOS

ALVES, Dav dos Santos 12

BAPTISTA, Alyssa Israel.....17

BATISTA, Sérgio Henrique Rocha.....22

LINS RODRIGUES, Antonio Cesar.....26

NASCIMENTO, Leonardo Xavier.....32

QUINTAIROS, Matilde Perez.....37

SANTOS, Michelle Perez dos 38

SILVA, Maria de Lara.....40

VIEIRA, André Luis Silva 44

VILAÇO, Fabiana Lacerda.....73

Os escritos seguintes tratam das impressões pessoais de cada participante do Grupo de Pesquisas RACNEGÊ e da Rede Antitransfobia, REATRANS. Em sua maioria, passam por marcas pessoais de cada componente, relatando suas experiências vividas nos grupos, assim como a relevância e contribuições construídas em conjunto até o momento de elaboração dos escritos. As formas de expressar essas sensações é que marcam as assinaturas de cada relato, garantindo o espaço de reconhecimento de cada uma/um.

Pode-se dizer que foi um exercício sui generis onde a linguagem mais aproximada à academia transita lado a lado com a informal rompendo as perspectivas de quaisquer estéticas pré-estabelecidas. Aliás, essa fuga é uma das propostas tanto do RACNEGÊ quanto do REATRANS, na medida em que abre possibilidades de participação sem as exigências comumente vistas nos grupos tradicionalmente circulantes na academia.

Esperamos que as mensagens transmitidas as(os) toquem e despertem novas compreensões, incentivando-as(os) a se juntar a nós nessa jornada de combate aos mecanismos de exclusão, que são o foco principal do RACNEGÊ e do REATRANS.

Que todas, todos e todes tenham uma excelente leitura.

Minha história com o grupo de pesquisa Racnegê e Reatrans, muito se mistura com minha trajetória ao entrar na vida acadêmica. Estão, para melhor entender essa linda história que estamos construindo juntos, peço que me permitam contar um pouco de quem eu sou e quais caminhos trilhei até aqui.

Meu nome é Dav Alves, sem i mesmo, sou uma pessoa Trans Não-Binária, preta, periférica e estudante de Licenciatura em Letras no Instituto Federal de São Paulo – campus Cubatão. Sou a primeira da minha família a entrar numa faculdade, isso é algo que digo com muito orgulho, só quem viveu a realidade cruel da favela sabe como ter a possibilidade de estudar é algo que poucos dos nossos têm acesso. Nasci e fui criada em Campinas-SP, me mudei para São Vicente em 2019 e foi aqui, na baixada santista, que encontrei o lugar onde mas me senti acolhida, apesar do sotaque interiorano, me sinto uma vicentina legítima! Enfim, é difícil definir quem nós somos em poucas linhas, mas acredito que essa é uma boa introdução para quem se interessa em me conhecer.

Minha vida como estudante universitária começou em 2022, quando quase que de surpresa descubro que passei na segunda chamada do curso de Licenciatura em Letras no IFSP de Cubatão, cidade vizinha a qual eu vivo atualmente, nem preciso dizer a surpresa imensa que foi para mim. Quando eu fiz o Enem pela primeira vez, não tive preparo nenhum, sempre tive na mente o sonho de fazer faculdade, mas parecia algo muito distante da minha realidade, mesmo assim eu fui fazer a prova levando apenas os conhecimentos que aprendi na escola pública. Foi assim, que aos 20 anos, depois do meu primeiro Enem, que entrei na faculdade. Foram dias de comemoração, meus amigos e familiares ficaram muito feliz, isso me deu uma força incrível para acreditar que meus sonhos são possíveis.

Infelizmente, mal sabia eu que poucos dias depois de entrar na faculdade, eu iria encontrar alguns novos desafios... Eu tinha uma ideia muito diferente do que seria a vida universitária, querendo ou não, somos muito influenciados pela imagem que a cultura cria sobre esses ambientes. Quando cheguei nesse ambiente tido como exclusivo, esperava não ter que lidar com certos preconceitos antiquados.

Inocentemente, achei que se tratava de um ambiente de pessoas “informadas” que tivessem consciência das questões sociais de gênero e negritude. Logo, descobri que nesse ambiente descobri que esses preconceitos também estariam presentes nesse ambiente e que eu tinha o dever de combatê-los de alguma forma para poder resisstir a essas opressões. Os escritos seguintes tratam das impressões pessoais de cada participante do Grupo de Pesquisas RACNEGÊ e da Rede Antri-Transfobia, REATRANS. em sua maioria

passam por marcas pessoais de cada componente, relatando suas experiências vividas nos grupos, assim como a relevância e contribuições construídas em conjunto até o momento de elaboração dos escritos. As formas de expressar essas sensações é que marcam as assinaturas de cada relato, garantindo o espaço de reconhecimento de cada uma/um.

Pode-se dizer que foi um exercício sui generis onde a linguagem mais aproximada à academia transita lado a lado com a informal rompendo as perspectivas de quaisquer estéticas pré-estabelecidas. Aliás essa fuga é uma das propostas tanto do RACNEGÊ, quanto do REATRANS, na medida em queabre possibilidades de participação sem as exigências comumente vistas nos grupos tradicionalmente circulantes na academia.

Esperamos que TODES possam se apropriar das mensagens transmitidas e que as mesmas instiguem possibilidades diversas de compreensão, despertando o desejo de estarem conosco participando dessa jornada de enfrentamentos aos diversos mecanismos de exclusão, que se pretende, esteja no cerne do RACNEGÊ e do REATRANS.

Meu primeiro contato com o grupo Racnegê, foi quando o professor Cesar me convidou para fazer uma palestra sobre o tema “Cabelos Crespos e a construção das subjetividades negras. Quando recebi esse convite, não fazia ideia poder resistir a essas opressões.

Era quase impossível não se sentir um estranho naquele ambiente, principalmente, quando falávamos de quais escolas aquelas pessoas vinham, eu era cria da escola pública de bairro, nunca tinha visto um artigo antes. Esse é o tipo de coisa que não te contam antes de entrar na faculdade, é esperado que você tenha tido acesso aos clássicos do conhecimento de diversas áreas. Então, tive que correr atrás do prejuízo, tudo isso enquanto tentava manter o mesmo nível que meus colegas que tiveram acesso as melhores escolas técnicas da baixada. É como Racionais’ mcs dizem na música: a vida é o desafio “Como fazer duas vezes melhor, se você tá pelo menos cem vezes atrasado pela escravidão, pela história, pelo preconceito, pelos traumas, pelas psicoses...” depois do meu primeiro semestre, acho que finalmente entendi o que o Mano Brown quis dizer nessa frase.

Em meio aquele caos de mudar minha rotina, me adaptar a um mundo que dizia o tempo todo que eu não era bem-vinda e professores que diziam que “a rotina pesada não é desculpa, não pode fazer corpo mole”, parecia que nada ali conversava comigo. Porém, foi em uma das muitas matérias que encontrei algo que me interessou, um professor que falava das questões de raça e gênero, algo que os outros pareciam ignorar totalmente.

Esse professor se chamava Cesar Rodrigues, hoje eu e ele trabalhamos juntos, mas naquele primeiro momento ele era o único professor que falava sobre as coisas que de fato eu entendia. O professor Cesar chamou minha atenção pela forma que ele tratava esses assuntos, eu já vi muitas pessoas me perguntaram sobre minhas vivências, sempre com aquele tom de curiosidade de quem vê algo exótico, mas com ele era diferente, ele realmente queria saber. Aquilo foi algo muito novo para mim, alguém via valor no que eu tinha para falar e me desafiava a sair do básico, me fazendo mergulhar de cabeça nos meus conhecimentos e assim afiando meu discurso, para que eu pudesse usá-lo para alcançar cada vez mais longe.

Foi com esse novo interesse que eu comecei a participar cada vez mais das aulas do professor Cesar Rodrigues, ele como sempre muito desafiador, me fazendo refletir ainda mais sobre essas causas tão importantes. As terças-feiras, dia das aulas do professor, já tinham virado meu dia favorito da semana, eu poderia perder qualquer aula, mas era quase certeza que terça eu estaria no campus.

Hoje eu entendo a importância de uma aula que fale sobre a negritude tem sobre os alunos, ter um espaço que fale sobre quem somos nos faz sentir parte de fato daquele ambiente. Do que falar, eu nunca imaginara que minha experiência com meu cabelo crespo teria algum valor em discussões sérias. De repente, meu rosto estava num banner do Racnegê, uma live, onde minha experiência era ouvida e valorizada. Por fim, a live foi um sucesso, eu fiz uma pesquisa boa antes de tudo, queria aliar minha experiência junto à teoria, e tudo se desenrolou da melhor forma.

A partir daquele momento, eu já estava familiarizada com o projeto do professor Cesar e que suas pautas muito me interessavam. Logo, de forma muito natural, comecei a acompanhar e participar nas atividades do professor Cesar. No meio do ano de 2023, o professor, junto a uma psicóloga que estava de passagem pela baixada, convidam alguns alunos do instituto para discutir as questões de Lgbtfobia no campus. Eu que já tinha passado por alguns constrangimentos por situações delicadas no campus, me senti na obrigação de compartilhar isso, então, fiz questão de participar. Essa reunião seria a semente que logo viria a se tornar o Reatrans.

Nessa reunião, após discutir com alguns alunos presentes, Adriana Martins, a psicóloga que nos acompanha nesse projeto, compartilha com os presentes que não haviam denuncias Lgbtfobia, logo, para o olhar documental não havia nenhuma violência do tipo no Instituto Federal. Isso foi chocante!

Quase todos os presentes já tinham passado por algum tipo de violência no campus, como era possível que ninguém tivesse denunciado? Então, ali começava uma saga que durariam meses de reuniões, para discutir o que impedia dessas denúncias acontecerem e como poderíamos trazer luz a esses problemas. Foi assim que surgiu o REATRANS, a Rede Antitransfobia do campus Cubatão. É uma missão muito difícil, ir contra esses tipos de preconceitos já estabelecidos pela norma, mesmo assim, com a ajuda daqueles interessados por essas mudanças, conseguimos nos unir e estabelecer uma forma de resistência. São coisas simples, como: rodas de conversas, palestras e oficinas, mas com a diferença de falar sobre esses temas antes ignorados. Tenho muito orgulho do que fazemos no REATRANS, acredito que aqueles que viram após mim vão ter acesso a algo que me faltava, um espaço de escuta e acolhimento real.

Consequentemente, minha participação nos assuntos do Campus aumentou, muito me interessava saber o que acontecia nas vivências das pessoas trans do Campus, o que me fez conhecer muitas pessoas nova e organizar-me melhor para dar a voz a essas necessidades. Ao mesmo tempo, as questões raciais, desta vez, sob um viés mais acadêmico e como a literatura do tema se aplicava nos ambientes escolares. Aprendi, também, como se fazer pesquisa e seus diferentes métodos de se aplicar. Preciso dizer que apesar de um trabalho “duro”, a pesquisa tem muitos lados interessantes. Principalmente, quando notamos os sintomas denunciados pelos artigos de educação tão de perto.

O grupo de pesquisa reúne pessoas de diversos lugares, já que possibilita a participação remota. Graças a isso, conheci pessoas que se interessam por esses temas tanto quanto eu, como a Michelle de Campinas, que participa conosco a quase um ano, ela sempre contribui com uma visão muito afiada dos assuntos e me inspira participar ainda mais. Esse definitivamente é um dos meus lados favoritos de participar do Racnegê, pois as análises são livres e sem julgamentos,mesmo sem uma formação completa podemos participar e aprender num lugar seguro. Essa união entre o Reatrans e o Racnegê é muito importante, ambos são frutos da mesma mente, pois o professor Cesar Rodrigues criou os dois, mas mais que isso, é possível notar uma vontade real dos participantes de mudar as coisas. Por muito tempo, esse ambiente se manteve estático, perpetuando as mesmas ideias, mas agora, graças ao trabalho de todos os envolvidos, uma onda de mudanças movimenta os parâmetros dessa instituição. Para mim, tudo isso prova a capacidade de mudança que nossas atitudes têm sobre os lugares que ocupamos. mesmo sem uma formação completa podemos participar e aprender num lugar seguro. Essa união entre o REATRANS e o RACNEGÊ é muito importante, são frutos da mesma mente, pois o professor

professor Cesar Rodrigues criou os dois, mas mais que isso, é possível notar uma vontade real dos participantes de mudar as coisas. Por muito tempo, esse ambiente se manteve estático, perpetuando as mesmas ideias, mas agora, graças ao trabalhos de todos os envolvidos, uma onda de mudanças tem movimentado os parâmetros dessa instituição. Para mim, tudo isso prova a capacidade de mudança que nossas atitudes têm sobre os lugares que ocupamos.

Nesse ano de 2024 que venho trabalhando com esses dois projetos, fomos capazes de produzir muito coisa boa, as rodas de conversas no REATRANS e pesquisas com Racnegê, nos renderam muitos novos conhecimentos. É muito bom saber que essa construção foi feita com a ajuda de todos que quisessem participar. Acredito que esse trabalho ainda vai render muitos frutos, pois os planos de expandir já estão em produção! Nesse ritmo vamos crescendo cada vez mais.

Agrego muito desse sucesso ao professor Cesar, ele como um bom professor me inspirou a entrar nessa luta e usar a minha inteligência para vencer. Não tem como falar sobre essa linda trajetória sem falar dessa grande inspiração! Cada vez que aprendo algo novo, mais eu entendo a importância da educação e como devemos sempre avançar nossas discussões, para termos um acesso democrático ao aprender.

Ao falar sobre a educação, penso muito em minha irmã mais nova, que logo terminará o ensino médio. Tudo que aprendi com esses projetos, expliquei para ela também. Ela gostou muito e agora sonha em ser professora também, logo ela estará fazendo faculdade comigo. Essa é a importância de projetos como esses, eles nos dão oportunidade de sonhar e expandir esse sonho no coração dos outros.

Não tem como não se emocionar ao contar essa história, para aqueles que foram impedidos de sonhar, esse é um relato muito pessoal. Como também diz Racionais’mcs “É necessário sempre acreditar que um sonho é possível, que o céu é o limite e você, truta, é imbatível”, quando eu penso nisso, lembro o quanto é importante acreditarmos no nosso próprio potencial. Como um professor meu do ensino médio acreditou em mim e disse para eu fazer o Enem, também, como o professor Cesar acreditou que eu seria capaz de apresentar uma palestra sozinha, eu sempre devo, antes de tudo, acreditar em mim.

ALVES, Dav dos Santos.

Eu sou a Alyssa, tenho 21 anos, sou uma mulher branca, e estou cursando licenciatura em matemática desde 2022 no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo - Campus Cubatão. Iniciei no projeto “Calidoscópio racial escolar: à quantas andam os processos de engendramentos das identidades negras nas escolas de Educação Infantil de Praia Grande? - 2ª fase” no mês de junho de 2022, quando o professor Cesar Rodrigues apareceu na minha turma oferecendo uma bolsa de iniciação científica pois uma aluna havia desistido.

Essa pesquisa buscava o entendimento da construção das identidades negras das crianças de algumas escolas da Praia Grande de educação infantil. Para isso, foram realizados grupos focais com as/os profissionais de educação para a coleta de dados. Durante a realização dos grupo focais, o intuito era apresentar sob forma de cartazes em uma folha de sulfite para os participantes as seguintes provocações:

1. A QUESTÃO RACIAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL;
2. A QUESTÃO RACIAL NESSA ESCOLA;
3. A QUESTÃO RACIAL E AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS;
4. COM QUE FREQUÊNCIA TRABALHAM A QUESTÃO RACIAL;
5. RACISMO;
6. NEGRITUDE, APRENDIZAGEM, ENSINO.

As provocações foram feitas nessa ordem, e conforme eram apresentadas, os participantes respondiam em uma folha à parte e depois expressavam suas opiniões para o grupo. Durante a pesquisa, observei que desde a infância, as crianças começam a formar suas percepções sobre o mundo ao seu redor, incluindo questões de raça e identidade. A escola, como um ambiente social e educacional, desempenha um papel fundamental na formação dessas percepções. Como a diversidade racial é abordada nas escolas pode impactar não apenas o desenvolvimento individual das crianças, mas também a dinâmica social e a construção de uma sociedade.

Observei que desde cedo, as crianças podem internalizar estereótipos raciais e preconceitos que são transmitidos através de modelos sociais, mídias e até mesmo interações cotidianas. Nos grupos focais, houve muitas questões nas escolas que eu e o professor Cesar fomos, por exemplo, quando os servidores que um aluno xingou o outro de macaco.

Para situações como essas, as escolas devem estar atentas para identificar e combater esses preconceitos, promovendo um ambiente onde todas as identidades

são valorizadas e respeitadas, entretanto, a maioria dos participantes obtiveram falas de que crianças são inocentes e não possuem essas “maldades”, ou seja, infelizmente, as escolas ainda tentam tratar esse assunto de forma implícita e “passar pano” para certas situações. Ademais, também houve uma situação que aparentemente a professora era negra, e não se identificava como tal.

Mesmo que o currículo inclua a história, a cultura e as contribuições de diferentes grupos raciais que enriquece o aprendizado, mas também ajuda as crianças a verem a diversidade, as escolas ainda têm práticas somente em datas específicas, como a da consciência negra, com isso, a prática antirracista não é diária. Além disso, observei que os professores e demais profissionais da educação não estão preparados para lidar com questões de racialidade. Muitas escolas ainda adotam um currículo predominantemente eurocêntrico, que pode marginalizar ou ignorar as contribuições e perspectivas das culturas negras. Isso pode limitar a exposição dos alunos a uma compreensão completa e equilibrada da história e da cultura global.

Pode ser que ocorra uma resistência em algumas comunidades e instituições em integrar adequadamente a cultura negra no currículo, muitas vezes devido a preconceitos, falta de conhecimento ou uma visão limitada sobre a importância da diversidade.

Durante o ano de 2022, também houve palestras sobre questões de gêneros e raças, e ademais, fizemos reuniões para discutir os capítulos do livro “Cultura e Representação” de Stuart Hall. O livro detalha a teoria da representação de Hall, que distingue entre duas formas principais de representar: a "representação linguística", que envolve a linguagem e o discurso, e a "representação visual", que inclui imagens e símbolos. Hall examina como essas formas de representação influenciam a maneira como entendemos conceitos como raça, classe e gênero. Hall também discute como as representações culturais são influenciadas por relações de poder e ideologias dominantes. Ele analisa como a mídia e outras instituições culturais podem reforçar ou desafiar estrturas de poder e como as representações podem perpetuar estereótipos e desigualdades sociais.

Durante os estudos, discutimos que a ausência de representações positivas e diversificadas de negros na mídia, na educação e em outros contextos pode afetara forma como as crianças negras se veem e como acreditam serem vistas pelos outros. Se uma criança negra não vê personagens e figuras públicas negras em papéis de liderança, sucesso ou heroísmo, pode começar a duvidar de seu próprio potencial e valor. Na parte da educação, a falta de apoio e inclusão nas escolas pode impactar a autoestima das crianças negras.

Um ambiente escolar que não valoriza a diversidade ou não oferece apoio

adequado pode contribuir para sentimentos de isolamento. Currículos que não incluem perspectivas e histórias negras ou a falta de professores e funcionários que reconheçam e apoiem as necessidades específicas dos alunos pode afetar negativamente a autoaceitação das crianças.

Durante o ano de 2022, eu comecei a discutir mais nas conversas em família sobre gênero e raça. Mesmo que anteriormente eu já tivesse discutido, pois já havia feito o ensino médio na federal e isso abriu muito minha mente, com o projeto eu comecei a discutir mais sobre esses assuntos. Um exemplo é que muitas pessoas ainda têm a visão que as mulheres têm que assumir a maior parte das tarefas domésticas e do cuidado com os filhos, mesmo quando trabalham fora de casa, e que os homens são muitas vezes vistos como os principais provedores financeiros, o que pode limitar suas oportunidades de participar mais ativamente na vida familiar. Esses papéis tradicionais estão mudando um pouco, mas ainda há desafios significativos para alcançar uma divisão de tarefas mais equitativa e reconhecer o valor das contribuições de todos os membros da família.

Percebi que nas famílias ou dos grupos sociais, as questões de gênero e raça podem levar a conflitos, especialmente entre diferentes gerações. Principalmente pessoas mais velhas podem ter visões mais tradicionais ou conservadoras sobre esses temas, mas quando os adultos têm uma mente mais “aberta”, essas questões geram oportunidades para o diálogo.

A conclusão a qual eu cheguei é que pode haver diferenças nas visões sobre gênero e raça entre gerações dentro de uma família ou da sociedade ao qual a está dentro, mas a comunicação aberta faz com que haja diálogos honestos e respeitosos sobre preconceitos e desigualdades, além de trazer grandes informações de ambas as partes. Entretanto, quando não há uma comunicação aberta, traz conflitos, que podem ser que haja mudanças, ou não, somente discussões.

No ano de 2023 eu não participei de nenhum projeto voltado ao RACNEGE, mas eu soube de algumas pautas que estavam acontecendo, como a da representação de crianças negras nos materiais da escola, principalmente meninas negras. A disponibilidade de livros e materiais didáticos que representam a cultura negra de maneira precisa e positiva é crucial. Muitos materiais educacionais ainda carecem de diversidade e podem perpetuar estereótipos ou omissões significativas.

A inclusão de imagens, histórias e perspectivas de diferentes culturas negras nos materiais educacionais ajuda a promover uma visão mais abrangente e respeitosa.

A ausência dessas representações pode levar à marginalização e à falta de reconhecimento das contribuições e experiências das culturas negras. A forma como a cultura negra é tratada nas escolas pode impactar o sentimento de pertencimento e a autoestima dos estudantes negros. A ausência de uma representação significativa pode levar a sentimentos de alienação ou invisibilidade.

Nesse ano, de 2024, estou participando do projeto “Gênero e sexualidade nos anos iniciais do ensino fundamental: o que nos dizem os Projetos Políticos Pedagógicos e o Referencial curricular do município de Santos - SP?”. O objetivo do projeto é identificar se o município de Santos tem um compromisso com as diferenças relacionadas a gênero e sexualidade e se esse está registrado como política pública de educação dentre os componentes do seu referencial curricular oficial, encontrando-se presente nos Projetos Políticos Pedagógicos das escolas do Ensino Fundamental.

Os Projetos Políticos Pedagógicos (PPPs) das escolas são documentos que orientam as práticas educacionais e definem os objetivos pedagógicos das instituições de ensino. No contexto dos anos iniciais do Ensino Fundamental, os PPPs de Santos refletem a missão e visão das escolas em relação à educação inclusiva e ao tratamento de temas relacionados a gênero e sexualidade. escolas em lidar com essas questões pode afetar significativamente o bem-estar e o desempenho acadêmico desses estudantes.

Durante todos esses anos ao qual estive presente no grupo, fizemos reuniões quinzenais, nas quais discutimos sobre alguns textos, além do livro do Stuart Hall já citado, e também sobre o andamento dos projetos de pesquisa. Acredito que isso seja de extrema importância pois trouxe grandes aprendizados.

Alguns textos desse ano de 2024, por enquanto, foram sobre pesquisa documental e bibliográfica, racismo estrutural e samba nas escolas. A pesquisa documental é bastante semelhante à pesquisa bibliográfica, com a diferença principal na natureza das fontes utilizadas. Enquanto a pesquisa bibliográfica foca nas contribuições de diversos autores sobre um determinado tema, baseando-se em fontes secundárias, a pesquisa documental se concentra em materiais que ainda não passaram por uma análise profunda, ou seja, fontes primárias.

A formação de professores na educação básica, muitas vezes, não prepara adequadamente os educadores para lidar com as questões de raça e racismo estrutural. Há uma falta de formação específica sobre como identificar e combater essas desigualdades. Portanto, deveriam integrar conteúdos sobre raça e racismo estrutural nos currículos de formação de professores, no qual o futuro educador

seja capacitado para reconhecer e enfrentar o racismo estrutural, promovendo uma educação mais inclusiva e equitativa.

O samba, como gênero musical e expressão cultural, é um dos mais importantes elementos da cultura negra no Brasil. O estudo e a prática do samba ajudam a promover a inclusão cultural, oferecendo aos alunos uma compreensão mais completa da diversidade cultural brasileira. Isso pode contribuir para a valorização da cultura negra e para a redução de preconceitos e estereótipos.

O Grupo de Pesquisas RACNEGÊ (Raças, Culturas Negras e Gêneros) e os outros projetos que também participei e participo que estão englobados no RACNEGE me trouxeram grandes conhecimentos e reflexões. O Grupo também já realizou palestras e debates que discutem temas relevantes relacionados a raça, cultura e gênero. Todos esses anos que estive no grupo fizeram com que eu me questionasse e também questionasse as pessoas ao meu redor. Percebi que é de extrema importância falar e também ouvir sobre esses assuntos, pois mesmo que muitas pessoas possuam opiniões e conhecimentos diferentes, é essencial abordarmos sobre isso.

O racismo está presente na cultura, nas pessoas e em nós mesmos, e para combatê-lo precisamos primeiro admitirmos que temos, falarmos sobre isso, e depois mudarmos, pois sem mudança não há progresso.

BAPTISTA, Alyssa Israel.

Tão espantoso quanto o racismo que permeia e organiza a sociedade brasileira é a constante negação da racialidade no país, que, como verdadeiros antolhos, historicamente tapa a visão de leigos e acadêmicos às mais banais conclusões, como a de que brancos e negros ocupam espaços injustamente diferenciados.

O Brasil nasce enquanto projeto paralelo do colonialismo português, já em 1500 bastante acostumado ao tráfico de escravos africanos e ao trato de pessoas de diferentes continentes como seres humanos de categoria inferior a quem competia ao rei de Portugal subjugar, num ato que, a um só momento, reúne o fervor religioso ao pecuniário. Senhora de vasta costa povoada por pessoas de tecnologia bélica inferior e sem anticorpos contra as doenças europeias, a metrópole lusitana precisava arrumar alguma forma de povoar as terras brasileiras para evitar que estas fossem perdidas para a concorrência. Tal povoamento só se faria possível mediante uma pequena elite de portugueses controlando física e culturalmente os povos indígenas em um arranjo produtivo capaz de produzir bens de exportação impossíveis de serem criados na Europa, fosse por inadequação climática ou pela necessidade de condições de trabalho inumanas.

Nascia assim a colonização, o primeiro passo na construção do capitalismo. Os escravos africanos, antes exportados para a Europa para trabalhar como servos domésticos ou trabalhadores de agricultura pouco intensiva, agora eram sob cruel relho do cálculo financeiro enviados para as Américas a fim de produzir bens de luxo: açúcar, tabaco, ouro. A dureza de suas vidas e sua condição de bem semovente impunham a essa nascente sociedade não apenas uma constante ameaça de violência mas também o calejamento da moral e a calcinação da empatia. Em outras palavras, o escravo era singularizado por algumas características étnicas que foram eleitas para marcá-lo nas consciências como sendo digno de todo tipo de abuso, enquanto seu senhor, detentor de outras características vistas agora como diametralmente diferentes, era quase que um anjo a andar na terra.

Assim, a construção do Brasil está intimamente entretecida ao redor da viga da raça, a qual nos divide entre pretos e brancos, escravos e senhores, preguiçosos e trabalhadores, malandros e confiáveis, demoníacos e divinos. Ao mesmo tempo, esse fundamento precisa ser sempre negado, porque de outra forma seria um jugo intolerável para uns e uma mancha nos privilégios de outros. O racismo, mais do que um ato individual, é uma chave de leitura de todos os principais fatos sociais do país, bem como da insistente invisivilização deles. Ele é o garrote que estrangula, a venda que encobre e a cantiga que distrai. Múltiplo, mortífero e invisível, sua análise demanda uma miríade de diferentes aproximações para não apenas compreendê-lo, mas também superá-lo em busca de um Brasil

Neste país em que tantos negros ainda precisam ser convencidos de sua negritude, todos os trabalhos de resgate da cultura, história, tradições e beleza dos descendentes de africanos foram tratados com silêncio desdenhoso. Se tivemos Abdias do Nascimento fundando uma companhia de teatro de negros ou intelectuais que apontavam a necessidade de uma sociologia do povo negro e de uma crítica à condição de penúria em que muitos viviam, é, também, necessário lembrarmo-nos do pesado investimento que se fez no mito de que seríamos uma democracia racial, um belo povo miscigenado sambando no coração dos trópicos, sem preocupações, dispostos a dar um jeitinho para tudo e receber de braços abertos os turistas estrangeiros. A denúncia podia pouco contra a fantasia, mas seguiu, corajosa, organizada e certeira, arrancando ao Estado leis que promovessem a igualdade.

Foram durante os momentos de abertura democrática que o povo negro conseguiu ganhos. A lei Afonso Arinos, de 1951, transformava atos racistas em contravenções penais. Mas é somente no bojo da redemocratização que o debate sobre a negritude e o papel do Estado como mantenedor de seus direitos toma força: a Constituição de 1988 declara com firmeza que a República impede a discriminação por raça, ao passo que a prática do racismo torna-se crime inafiançável e imprescritível. A lei complementar 7716, no ano seguinte, criaria a pena de reclusão para o racismo e para a injúria racial.

Conforme se criava uma sociedade mais aberta, as reivindicações dos militantes da luta antirracial se fizeram ouvir mais fortes, e de Brasília vieram finalmente as leis 10639/2003 e 11645/2008, ambas fruto de intensas participações dos movimentos negro e indígena. Finalmente, no país onde a regra fora a negação da questão da raça, tornava-se obrigatório que o ensino da história e da cultura dos povos afro-brasileiros e indígenas recebessem um lugar de destaque na educação. A formação dos futuros cidadãos a partir de então contaria com um tão negligenciado olhar para alguns dos seus componentes mais marginalizados, a fim de começar finalmente a pensar as feridas da escravidão, do extermínio, da desumanização.[1]

Logicamente, seria tolo esperar que por via de lei séculos de preconceitos e inação fossem quebrados. Contudo, a luta antirracista possuía no seio das Instituições de Ensino Superior aliados valiosos, na figura dos professores, alunos e demais pesquisadores que estudavam a cultura e a história afro-brasileira e indígena, vários deles também importantes militantes pela causa, em consonância à máxima de que não importa apenas compreender o mundo, mas também modificá-lo. Essa torrente de saberes e ações costumava estar organizada em núcleos, geralmente chamados pela sigla NEAB ou NEABI (Núcleo de estudos afro-brasileiros e

indígenas), que vieram para o centro da discussão sobre como implantar e cuidar para que as leis acima mencionadas fossem devidamente aplicadas. Assim, em várias instituições federais o NEABI tornou-se uma comissão permanente de consulta e ação para tais ações, garantindo que as direções-gerais de cada Campus possuíssem especialistas para cumprir com a legislação.

Em minha passagem pelos campi do IFMS sempre fiz questão de participar do NEABI local. Além de ser uma honra, possibilitou-me a possibilidade de ações importantes, em contato com povos indígenas e com os alunos negros, além de garantir que atos racistas não passassem impunes, já que servíamos como um primeiro acolhimento para denúncias. Ao chegar no Campus Cubatão imediatamente inquiri sobre o NEABI local para poder fazer parte. Aqui as funções do NEABI são realizadas pelo RACNEGÊ, brilhantemente liderado pelo professor Cesar Rodrigues. A primeira grande vantagem que o RACNEGÊ possui sobre os NEABIs que conheci anteriormente é a sua preocupação com o estudo. A cada quinze dias, invariavelmente, há novos artigos a serem lidos e discutidos pelo grupo, no momento com ênfase nas questões de raça e gênero na escola. Esse diferencial permite que os membros meditem mais profundamente sobre as questões que atravessam a racialidade, principalmente no contexto escolar no qual estamos inseridos. A ação, quando amparada pela teoria, pode ir muito mais longe e se espalhar muito mais rapidamente.

Dentro do RACNEGÊ são também efetuadas pesquisas de campo, levando os pesquisadores e estudantes que dele participam para as escolas da cidade, entrevistando crianças e professores dessas instituições para posteriormente discutir os resultados e organizar artigos sobre o tema. Longe de ser somente uma ação de pesquisa ou de extensão, o RACNEGÊ cria pontes entre essas duas dimensões da atividade das instituições de ensino superior, unindo-as a uma reflexão mais profunda sobre o ensino e possibilitando a amplitude do olhar de seus membros.

Contudo, o RACNEGÊ não se contentou em manter-se na sua proposta original, criando, então, mais um braço, o REATRANS, voltado para apoiar a comunidade trans dentro e fora dos muros da instituição. Tal iniciativa não poderia ser mais oportuna, visto que pessoas transexuais e travestis têm se tornado o fulcro de um debate sórdido promovido por setores reacionários no Brasil e no mundo que questionam a própria existência dessas identidades e o direito de crianças que as apresentam de receber cuidados que lhes garantirão vida e saúde mental. Estar numa instituição que não apenas acolhe, mas empodera pessoas trans e travestis para se reunirem e produzirem força e conhecimento uns para os outros é um orgulho imenso do qual serei eternamente grato.

RACNEGÊ mostra que um grupo bem liderado e com novas propostas de ação pode ir ainda além da proposta inicial dos NEABIs existentes em outros IFs e UFs. Exemplo único e digno de ser replicado, ele se manifesta como lugar de encontro, de compartilhamento de conhecimentos, de pesquisa, de extensão, de ensino, de acolhimento, de ramificações para quantas áreas forem necessárias até todos os corpos tratados como desiguais estejam em condição de se tornar agentes da mudança que desejamos para toda a sociedade. Seja nas opressões mais centrais ao sistema capitalista colonial, seja nas acessórias, o RACNEGÊ atua na linha de frente de seus combates, reensinando-nos a lição de irmandade e resistência advinda do quilombo.

BATISTA, Sérgio Henrique Rocha

Há oito anos oficializado pelo CNPq e atuando a partir do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – Campus Cubatão, o Grupo de Pesquisas RACNEGÊ tem se debruçado na temática racial, entendendo que ela é basilar no que se refere às questões de justiça social e curricular. Por ser o primeiro e único grupo da Região Metropolitana da Baixada Santista dedicado a estudar Raça, Culturas Negras e Gêneros dentro do ambiente escolar, partilha do entendimento de que tais temáticas estão presentes no cotidiano educacional e têm de ser tratadas com o cuidado que se dispensa à própria existência.

Desde o momento em que tivemos a oficialização do RACNEGÊ, procuramos cuidar para que ele fosse um lugar de resistência em sentido stricto sensu no tangente ao nosso escopo de pesquisa e no sentido lato sensu acolhendo todas as temáticas que, de modo interseccional, espraiam-se a partir da questão racial. Para tanto, vimos desenvolvendo estudos e pesquisas ao longo dos últimos sete anos alicerçando a construção de um aporte teórico suficientemente “capaz” de criar condições, pelo menos iniciais, para que se possam reivindicar as políticas públicas que deem conta do atendimento às necessidades preeminentes da população negra da Região Metropolitana da Baixada Santista.

Um contraponto à academia – o passo primordial!

O Grupo de Pesquisas RACNEGÊ em sua genealogia traz a ideia de repensar o espaço acadêmico enquanto local de acolhimento às diferenças. Entendendo que a oficialização é uma condição para a existência de entidade de pesquisa, desde sempre questionou os critérios – tácitos ou não – que comumente estão presentes nos grupos da mesma natureza do Brasil, sejam esses, das/os membros estarem, de uma forma ou de outra, ligadas/os à academia. Partindo dessa premissa de questionamento, buscaram-se outros critérios de anuência às participações solicitadas, tendo uma única exigência, seja essa, a obrigação de leitura dos textos para a participação nos encontros quinzenais nas formas presencial, híbrida ou online. Nunca esteve em jogo como pretenso critério a exigência de formação ou vinculação à alguma pesquisa enquanto bolsista, quer seja oficial ou voluntária/o. Ou seja, o entendimento de que um grupo de pesquisas têm de ser um lugar de engendramento oportunidades às/aos cidadãs/ãos de toda a comunidade foi o ponto de partida para a criação do RACNEGÊ.

Tentando agregar o maior número de pessoas em torno dos nossos objetos de pesquisa e oferecendo a oportunidade de tensionar os

mecanismos de exclusão presentes no meio acadêmico, construímos um dos compromissos fundantes ligados ao entendimento acatado em relação a nossa função social.

Poder materializar um espaço para tais ações também é uma forma de contraponto entre as pessoas ditas “cidadãs e cidadãos comuns” e seus saberes, em relação aos conhecimentos legitimados matizados pelo referencial da branquitude que sempre estiveram presentes em nossa sociedade, ditando os caminhos e selecionando as/os que por ele poderiam percorrer.

Pois bem, mexer com esses arranjos há séculos cristalizados é uma maneira direta de tensionar o status quo e, por conseguinte, as relações de poder. Leva-se em conta no movimento anteriormente citado o currículo figurando como protagonista, pois “[...] ele está centralmente envolvido nas relações de poder [partindo-se da premissa de que] ... o conhecimento corporificado é tanto o resultado de relações de poder quanto seu constituidor” (MOREIRA; SILVA, 2002, p. 29), ao transgredir as exigências tacitamente acordadas na dinâmica comum que rege a constituição da grande maioria dos grupos de pesquisa, executa-se o contramovimento, lendo o RACNEGÊ como uma das inúmeras arenas contra hegemônicas de enfrentamento. O combate contínuo às desigualdades instituídas pelas relações desiguais de poder nos impulsiona, pois, a reboque, traz não somente a questão da prática de uma política educacional mais igualitária – partindo-se de uma política equitativa – como também o reforço das trincheiras de enfrentamento ao racismo e demais formas de exclusão, que não permitem o avanço do neoliberalismo estatal sem a presença de todas e possíveis formas de resistência.

Nesse caminho, o conceito de Quilombagem como uma estrutura para um “[...] continuum social, cultural, econômico e político durante a vigência do sistema escravista [ou seja] ... o processo contínuo e permanente de desgaste dá um nível de resistência revolucionária porque destrói ou corrói por desgaste permanente a estabilidade e eficiência do sistema nas suas bases[...] (MOURA, 2001, p. 108), nos ajuda a estruturar um modus operandi transgressor, funcionando como a nossa estratégia de contraposição ao *status quo* acadêmico. Devassar os muros do espaço acadêmico é um trabalho de resistência e persistência constantes. Todas as ações que subvertem a ordem, questiona conhecimentos, abre espaços de legitimação inquirindo, de forma permanente, as certezas, escutando e materializando vozes outras às de sempre, podem,assim entendemos, fortalecer muitos devires. Legitimar esses devires emergentes das diferenças provavelmente é um dos maiores desafios da sociedade contemporânea. E, nesse caminho, o acolhimento a outras

subjetividades dentro do espaço acadêmico, para além das que já têm o seu lugar garantido pela estratificação sócio-histórica, entende-se, como uma forma de Quilombagem, já que tal ato traz muitas possibilidades de desgaste da cultura da meritocracia espoliante de acesso e permanência acadêmica.

Contudo o simples fato de criar possibilidades de resistência assumido como posição do grupo RACNEGÊ é condição, mas não suficiente para dar conta da inserção de subjetividades outras no espaço acadêmico. Entende-se ser extremamente necessário que uma profunda apropriação dos referenciais teóricos seja tão importante quanto a abertura do espaço acadêmico às subjetividades historicamente excluídas. Em razão do exposto, o mergulho profundo na leitura e análise dos textos quinzenalmente propostos durante essa quase uma década de trabalho nos encaminhou a muitas reflexões, dentre elas a percepção de uma tendência às apropriações superficiais de certos conceitos pelas/os a nós aliadas/os – de pesquisadoras/es e de outras instâncias de resistência – na luta em prol das causas antirracistas, anti-LGBTfóbicas, anti-intolerância religiosa, anti-misóginas etc. Essa passou a ser uma das grandes preocupações do grupo nos encaminhando a uma postura muito cautelosa, a fim de não nos comprometer na assunção de certas posições impulsionadas pelas *pressões modais*, presentes no cotidiano acadêmico com tamanha força, a ponto
de exceder os limites de suas significações para os meios mais populares. Tais palavras de ordem, percebemos, são tratadas como a panaceia contra todas as desigualdades e essa é uma prática muito perigosa.

Na contramão da apropriação superficial

Levar em conta o fato de a luta antirracista ser árdua, contínua e permanente figura como uma das mais importantes premissas ao assumirmos a posição de signatárias/os dessa guerra. Entendemos que acatar tal pressuposto com seriedade significa estender o nosso compromisso a uma dimensão para além do privado. A responsabilidade ao militarmos no combate por uma sociedade racialmente igualitária nos coloca em uma delicada posição. Levando em conta o fato de que a população negra do Brasil urge por políticas e práticas equitativas, para que se chegue a práticas igualitárias, unirmo-nos é condição sine qua non à materialização de um avanço engendrador de possibilidades. Anuir posturas discursivas mais contundentes sem uma materialização da retórica – entende-se – não ajuda na elaboração de instrumentos concretos de avanço no campo dos enfrentamentos cotidianos aos quais são sujeitadas/os cidadãs e cidadãos negras e negros todos os dias.

Pois bem, entendemos que a transformação dos discursos em possibilidades

e essas em ações, passa por vários filtros, podendo ou não ganhar pujança durante o processo.

Não tem sido incomum que alguns conceitos tenham permeado o discurso de pesquisadoras/es, militantes, coletivos etc. antirracistas e servido de palavras de ordem, bradadas com retumbância nas falas e escritas. Interseccionalidade, Necropolítica e Decolonialidade, por exemplo, são algumas das palavras de ordem que têm figurado nos meios anteriormente referidos. Parece-nos que, de uma maneira geral, individual e coletivamente as pessoas se apropriam de tais conceitos de forma muito superficial e impelem a eles o c*ondão polissêmico de solução*, identificação ou condensação de todos os possíveis entendimentos para os variados tipos de opressão aos quais a população negra vem sendo exposta e as desigualdades vêm sendo criadas. O conjunto de fatores que compõem o racismo e todos os efeitos dos hierarquizantes raciais é cheio de nuanças culturais, sociais, religiosas, sexuais, econômicas, psicológicas, de gênero etc. e não dá para ser resumido a uma só instância lexical que dê conta de todas as suas demandas. Entendemos que, ao se assumir tal discurso sem o devido aprofundamento, incorre-se no que Patrícia Hill Colins (2017) nos aponta em seu artigo “Se perdeu na tradução”, onde chama a atenção para os significados assumidos como tradutores do termo interseccionalidade virem se distanciando cada vez mais do significado inicial e, com isso, perdendo um dos princípios fundamentais do mesmo, ou seja, a capacidade de juntar o termo à questão dos movimentos sociais considerada basilar na construção desse conceito.

Valemo-nos desse exemplo para destacarmos a necessidade de uma apropriação mais profunda de conceitos como os citados, a fim de não os tornar uma arma a ser utilizada contra nós mesmas/os. Nesse sentido vimos produzindo um material consistente ao nível de leitura em nossos encontros quinzenais há sete anos, conforme anteriormente citado, o qual aprofunda e direciona o trabalho dentro dos nossos objetos de pesquisa e, em especial na questão racial, de tal maneira a poder criar um arcabouço teórico que nos fundamente consistentemente, percebendo de maneira crítica as possíveis armadilhas discursivas presentes no cotidiano “acadêmico-popular” com o qual lidamos quer seja pelo contato com a comunidade intragrupo, extra grupo, escolar e/ou na sociedade como um todo.

Estar sempre atentas/os aos efeitos que as políticas neoliberais vêm causando à educação é uma de nossas funções sociais. Por isso atribuímos ao aprofundamento em nossas leituras e discussões um importante papel, atentando à nefasta e constante possibilidade que o neoliberalismo tem ao construir e manipular o “novo imaginário social”, ou seja, “um novo senso comum” (GENTILI, 1996).

Raça, Culturas Negras e Gêneros: um compromisso de pesquisa como contrapartida social.

Identificar e entender as questões de pesquisa como pontos cruciais na prática antirracista, supõem-se, ser um dos importantes passos para uma educação que contemple as diferenças. A desconstrução das hierarquizações estabelecidas nos projetos educacionais que perpassam os sistemas de ensino faz parte de uma luta constante contra as práticas excludentes vigentes em nossas escolas. Dentre tais práticas, o racismo se destaca como uma das principais e de mais difícil combate, em razão da sua não explicitude. Por conta de vivermos culturalmente por décadas o Mito da Democracia Racial e esse ter construído uma convicção estruturante de não termos problemas raciais no Brasil por não termos uma classificação racial, essa eliminada pela mestiçagem que estreitou as relações entre negras/os e brancas/os, sem que essas pudessem causar outro senão um tratamento e convivência social igualitária (BERNARDINO, 2001, p. 250), “sem conceder” maiores privilégios ao segmento humano branco, torna-se uma tarefa hercúlea a construção de ações de enfrentamento ao racismo nas mais distintas instâncias da sociedade.

Em meio a essa engrenagem excludente enxergamos a escola, dentre todos os equipamentos públicos, como um espaço privilegiado onde os comportamentos humanos são estruturados. E se ao espaço escolar não se possa atribuir a unicidade da genealogia do racismo, nossas pesquisas – “As escolas de educação infantil de Praia Grande e a construção da autoimagem e autoestima das crianças Negras. – 2018/2019 concluída”; “Caleidoscópio racial escolar ofuscado: à quantas andam os processos de engendramentos das identidades negras nas escolas de Educação Infantil de Praia Grande? – 2021 concluída”; “Calidoscópio racial escolar: à quantas andam os processos de engendramentos das identidades negras nas escolas de Educação Infantil de Praia Grande? - 2ª fase – 2022 concluída” e “A Produção da Representação do feminino na escola: quais ideias de "ser menina negra" estão presentes nos anos iniciais do ensino fundamental das escolas de São Vicente- SP? – 2023 concluída”; Gênero e sexualidade nos anos iniciais do ensino fundamental: o que nos dizem os Projetos Políticos Pedagógicos e o Referencial curricular do município de Santos -SP?” 2024 concluída e “CURRÍCULOS DE PEDAGOGIA DAS INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO SUPERIOR DA BAIXADA SANTISTA E AS RELAÇÕES RACIAIS: reflexos nas práticas docentes e nas crianças negras das redes municipais de São Vicente e Praia Grande” 2024 concluída – nos têm mostrado que a mesma é um importante lócus de perpetuação da estrutura racista inscrita na mais profunda tradução de nossa sociedade.

A preocupação acadêmica do nosso grupo de pesquisas assumindo a escola como instância investigativa fulcral nos dá subsídios à materialização de nossos *discursos-causas*. Apoiar e construir ações que busquem as plenas condições para a corporificação de práticas antirracistas na escola é a mais importante contribuição a ser dada pelo RACNEGÊ à sociedade. Abrir canais de comunicação entre entidades e cidadãs/ãos adeptas/os a tal ideal também faz parte de nosso escopo político-ideológico não partidário, pois entendemos que somos muitas e muitos, porém muitas vezes desconectadas/os. O esforço ininterrupto para o cumprimento dos pressupostos estabelecidos na "Lei 10.639 de 2003" vai ao encontro de toda uma gama de representações da história de resistência da população negra brasileira e ritma a pulsação dos incontáveis enfrentamentos diários vivenciados por cidadãs/ãos, entidades não governamentais, governos democráticos, movimento negro, professoras e professores, estudantes, pesquisadoras/es, operárias/os, religiosas/os de matriz africana, enfim de TODES inconformadas/os com as injustiças sociais e curriculares.

Por fim, assinalamos a adesão irrestrita à iniciativa de uma escrita compartilhada na qual a "Negritude e Direitos Humanos" é a tônica. Agradecemos também, enquanto grupo, a honra de poder participar de tal evento, entendendo-o como um marco para toda a Região Metropolitana da Baixada Santista, retirando-a de uma participação tímida em iniciativas semelhantes pululantes em todo o Brasil e avançando para uma efetivação de ações, a partir desse registro histórico de parte da luta.

Que as vozes, os escritos, pesquisas, poesias, contos e cantos das/dos excluídas/os ensurdeçam as identidades.

Que o questionamento das verdades esteja sempre presente toda vez que essas verdades representem unilateralmente algum privilégio para poucas e poucos.

Que se façam mais e mais volumes de Negritudes e Direitos Humanos. Mojubá!

LINS RODRIGUES, Antonio Cesar.

Todo menino é um rei.
Eu também já fui rei Mas
quá! Despertei Nelson
Rufino e Zé Luiz

Começo com esse trecho numa terna lembrança de um encontro virtual do Racnegê em uma sexta-feira à noite, em meio à pandemia de COVID-19. César, com o violão nas mãos, tirava algumas músicas e compartilhava com o pessoal, antes do início das discussões teóricas e práticas daquele dia. Aquela música de Roberto Ribeiro, em específico, com bastante carinho ele disse estar cantando por se alegrar com a minha participação.

Em meio às piores tragédias da pandemia, da angústia infinita do isolamento, das tantas vidas que se foram e que poderiam ter sido salvas, do alarde no número de crianças e adolescentes negros assassinados pelas polícias, às várias dificuldades que eu enfrentava na minha rede familiar e na saúde mental para finalizar o ensino médio, os encontros quinzenais do Racnegê eram um alento. Quando tudo ao redor daquele menino negro, de 17 anos de idade, indicava morte, os encontros do Racnegê o enchiam de vida. Eram marcados por falas e reflexões potentes, de pessoas que exalam vida. Que constroem, em seu cotidiano, Lutas pela vida e pelo Viver com dignidade e em sua máxima plenitude a todas as pessoas. São pessoas que se inconformam absolutamente com as injustiças de raça, gênero, sexualidade e tantas outras na nossa sociedade, e discutem a sua transformação.

Comecei a participar do grupo aos 16 anos de idade, quando aluno do ensino médio integrado ao técnico em informática no Instituto Federal de São Paulo – Campus Cubatão, a convite do professor César, que mais tarde se constituiria em um amigo querido, no qual eu guardo profunda gratidão. Lembro como se fosse hoje a ocasião do convite. Estava no pátio do Instituto, durante o intervalo das aulas, conversando com os meus colegas de turma. De repente, surge aquele cara simpático, elogiando o corte do meu cabelo e falando de seu cabelo Black Power durante a juventude. Papo vai, papo vem, comentou das reuniões periódicas que fazia em seu grupo de pesquisa e que eu estava convidado a participar. Levaram alguns meses até que eu conseguisse encaixar a minha disponibilidade e participar do primeiro encontro, mas o convite tinha ficado marcado na minha cabeça, justamente por como se deu.

Chegando na primeira reunião, eu fiquei lisonjeado. Digo do lugar do encantamento mesmo. Em um espaço onde o conhecimento e as discussões teóricas são tão reservadas às pessoas brancas, me reconhecer em meus

semelhantes, que falavam com tanta propriedade, de maneira firme, e que se debruçavam a todo momento em fugir de armadilhas que se criam, às vezes, no próprio discurso, foi uma sensação de nostalgia. Até então, na maioria dos espaços que frequentei no Instituto, a minha voz e as minhas opiniões sobre os assuntos que ocasionalmente eram discutidos, não se constituíam importantes. No Racnegê, ao contrário, esperavam que eu falasse, provocavam para que, do meu jeito, pudesse ter a fala garantida. Chegando em casa, compartilhava com os meus familiares o quanto me sentia bem e confortável nesse espaço.

Assim, até antes da pandemia, as reuniões presenciais se seguiram. Se enfrentava o racismo cotidianamente na instituição de ensino, ainda que velado, às sextas-feiras à noite eram dias de frequentar um espaço em que eu recebia acolhimento, em que cada discussão podia me fortalecer e sair profundamente reflexivo. Sempre foi desafiador garantir a minha participação, tanto porque ia às aulas de manhã e ficava no Instituto ao longo do dia até dar o horário do encontro, às vezes com pouco dinheiro para alimentação, quanto para voltar à noite, já que morava em um bairro afastado de outra cidade vizinha a Cubatão. Mesmo em meio a essas dificuldades, sentia que não poderia deixar de participar. Se eu fosse vencido por elas, deixaria de alimentar o espírito, que fortalecia a ideia da importância da minha permanência e formação no IF.

Em 2021, fui bolsista de iniciação científica em um projeto vinculado ao grupo de pesquisas, com a orientação do Prof. Dr. César Rodrigues. Entre as tantas reflexões que as leituras e encontros me proporcionaram, em que eu pude “reolhar” a minha própria infância e os vários atravessamentos raciais ao longo da minha escolarização, também pude ter essa experiência com a pesquisa e os quesitos metodológicos. O projeto pretendia fazer um mapeamento da rede municipal de ensino infantil de Praia Grande/SP, no que tange às relações étnico-raciais. Para isso, na primeira fase, foram aplicados questionários com servidoras/es e analisados projetos político-pedagógicos. As análises da pesquisa, em conjunto com as/es/os integrantes do grupo, suscitaram questões importantíssimas. No meu íntimo, reafirmou o quanto que a transformação do abismo racial que reflete em discriminações e violências que a maior parte da população brasileira enfrenta, passa pela educação, desde os seus anos iniciais. Não é possível que, como eu e tantas outras pessoas, crianças negras continuem tendo as suas infâncias profundamente marcadas pelo racismo, ou seja, sendo inseridas à sociedade através da violência.

Os encontros do Racgenê proporcionam experiências únicas a quem os vivencia. Por ter participantes da academia, servidores do chão da escola, da gestão de escolas, estudantes de variados cursos, ou qualquer outra que seja a ocupação, possui uma característica bastante interdisciplinar. Cada discussão propicia que haja contribuições densas das mais diferentes áreas, no qual são trazidas vivências pessoais e profissionais, que saltam às análises e dão potência aos discursos. Mais do que isso, reflexiona na elaboração e reelaboração de práticas continuamente.

Uma coisa é certa nos encontros: não existe nem certo, nem errado, no que diz respeito às interpretações e contribuições. Não existem verdades pré-estabelecidas, que não podem ser desestabilizadas, nem tampouco existe “fim” = conclusão, mesmo no final das discussões. As conclusões são sempre inconclusas. Não há significados fixos, como dita a lógica operante na nossa academia. Encontrar-me com essa concepção de encontros e diálogos, de início, confesso que me revirou por inteiro. Mas, estando em outros lugares depois, vejo que me abriu muito para visualizar as coisas de forma diferente; outras formas possíveis.

As falas ouvidas no Racnegê sempre me despertaram para as tamanhas armadilhas que há nas essencializações, sobretudo no “ser negro”. Existem espaços que tentam me embalar a todo momento no que é ou deveria “ser negro”, amparado, por vezes, num discurso frágil, que aprisiona. Fugir desse caminho, é libertador. Ser livre é poder viver, consciente das implicações e responsabilidades que estão atreladas às minhas ações; mas é poder ser-humano; é também poder ser-eu; é poder extrair o melhor de mim; e é poder compartilhar o melhor de mim com as/es/os outras/es/os.

Posso ser quem eu sou,
ter os meus gostos,
os meus ‘deles’ costumes e desejos,
e ainda sim,
continuar sendo eu um
Ser Negro no meu tempo-espaço
e no meu
‘não-tempo’ e ‘não-espaço’.

A minha passagem pelo Instituto Federal na totalidade, apesar das dificuldades e dos percalços negativos aos quais tive que passar ao longo da formação, foi um divisor de águas na minha vida. Aquilo que o instituto fornece dentro, mas principalmente fora de sala de aula, capacita suas e seus estudantes, desde tão novos, a enxergarem o mundo de forma crítica, a se indignarem com as injustiças sociais e compreender que é preciso intervir. Nossa formação libertadora, fortalece a ideia de que somos sujeitas e sujeitos de direitos e que, então, devemos lutar para que esses direitos se afirmem no campo da materialidade e que possamos gozar plenamente deles.

Idealizado para potencializar a transformação da sociedade brasileira, ao longo dos anos, institutos federais espalhados, país afora, proporcionam uma revolução silenciosa na trajetória de milhões de jovens e famílias, muitos daqueles em que seus pais, mães, avós e avôs nunca puderam acessar um ambiente de ensino público de excelência. Justamente na adolescência, fase tão importante, os institutos têm moldado percursos, e inserido jovens pobres e marginalizados – muitos deles com cor e raça – na sociedade, para terem, além do diploma, vez, voz e protagonismo nas ações por mudanças.

A existência do Racnegê, aliado a essa formulação mais ampla, portanto, potencializa esse projeto transformador dos institutos federais. A minha própria trajetória é exemplo disso. Nunca pensei que acessasse o Instituto, quiçá uma universidade pública para cursar o ensino superior. Na maior parte do tempo, os docentes com os quais eu e meus colegas nos deparamos no Instituto Federal, sustentavam a ideia de que as universidades públicas deveriam, sim, serem ocupadas por nós que viemos do ensino público. A mesma ideia era reforçada participando do Racnegê. E assim foi. Em 2022, pude passar na primeira chamada do vestibular para cursar Ciências Sociais na Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, bem como diversos colegas que vêm de uma base social semelhante à minha, passaram a ocupar cadeiras de universidades públicas. Esse acesso é possibilitado graças à integração do bom ensino do Instituto com as políticas de cotas e ações afirmativas adotadas pelas universidades nos últimos anos. Com as políticas de ações afirmativas, o próprio público dos IFs também se transformou.

Por causar tamanho impacto de mudança e forçar a correção de profundas distorções sociais no Brasil, os Institutos Federais começaram a sofrer diversas políticas de desmonte ainda em 2016, por parte do governo golpista que se instalou no poder, e, a partir de 2019, até 2022, se intensifica, com sucessivos ataques por parte do governo neofacista e ultraneoliberal que passa a dirigir o país. Parte desse período, coincidiu com a minha formação.

Dentre os tantos absurdos de negacionismo e incentivos deliberados às discriminações a grupos historicamente violentados e invisibilizados na sociedade brasileira, os Institutos e Universidades Federais sofreram duros cortes orçamentários, bem como as agências de fomento à pesquisa. Diante desse cenário aviltante, os participantes e pesquisadores do Racnegê jamais se abstiveram de se posicionar. Já que a rua se tornou a única arena de conflito possível, capaz de disputar publicamente as agendas progressistas frente à política do atraso que estava posta e exigir que nos respeitassem, recordo de me encontrar muitas pessoas às quais participavam ou já participaram dos encontros do grupo nos atos. Por mais ultrajante que fosse aquele momento, reforçou para o Leonardo o quanto a 'Luta' importa. O quanto as 'Lutas', num país como o Brasil, se traduzem no único meio de se fazer acessar direitos.

Afirmo, com convicção, que o Racnegê é a iniciativa mais extraordinária que existe no Instituto Federal de São Paulo. E olha que existem muitas! Chegando à Unicamp, e me deparando com uma estrutura ainda mais racista e extremamente violenta para pessoas negras, não consegui encontrar um espaço com tamanha capacidade de aquilombamento real como o Racnegê. Sou grato aos vários encontros e discussões com pessoas extraordinárias que participam e participaram ao longo de sua existência.

As partilhas, as trocas, os afetos, as conquistas; tudo isso guardo profundamente em minhas lembranças.

Sempre quando compartilho com amigos e conhecidos sobre o Racnegê, falo com bastante orgulho e entusiasmo. Trata-se de uma iniciativa que ganha uma dimensão que atravessa a minha vida e me lança no mundo, molda a minha trajetória, que "segue sendo seguida". Todo adolescente negro deveria ter a oportunidade de ter o seu caminho cruzado por pessoas como um tal de Cesar Rodrigues, André Vieira, Aurélia Rios, e por tantas e tantos outras/os/es lutadoras/es comuns da vida real que vieram abrindo caminhos.

Penso que os anos de experiência adquiridos pelo grupo, e os acúmulos que foram se dando, possam ser um imenso valor a ser compartilhado como modelo, diante das novas fases e lugares que se alçam no presente. Vida longa, Racnegê!

NASCIMENTO, Leonardo Xavier.

Em 18 de novembro de 2022, tive uma experiência que transformou profundamente a relação do meu filho Ricardo com a sua identidade. Na ocasião, ele estava mediando uma palestra sobre turismo acessível e, durante sua autoaudiodescrição, se apresentou como "um garoto branco". Aquela frase me impactou de maneira inesperada, pois Ricardo é filho de uma mulher branca, filha de imigrantes espanhóis, e de um homem preto das Minas Gerais. Seus traços, sem dúvida, o identificam como um jovem afrodescente.

Naquele momento, comecei a refletir sobre o que ele tinha acabado de dizer e percebi que, embora ele tenha feito um ótimo trabalho na mediação do evento, o meio no qual ele estava inserido o afastava, de certa forma, das questões relacionadas à sua ancestralidade. Ele estuda em uma escola majoritariamente frequentada por estudantes e funcionários brancos, o que, sem que eu percebesse, limitava a percepção que ele tinha de si mesmo.

Foi nesse contexto que busquei ajuda de dois professores aqui do IFSP Campus Cubatão, que são referências no estudo sobre raça e cultura negra, o professor Antonio Cesar Lins Rodrigues (RACNEGÊ) e o professor Wellington Santos Ramos (NEABI). Conversando com eles, compreendi que meu filho, por todo o ambiente em que vivia, tinha a prerrogativa de se identificar como um "garoto branco". Mas também entendi que o desconhecimento e a falta de vivência com sua própria afrodescendência estavam fazendo com que ele não enxergasse a riqueza de sua história.

Foi a partir dessa reflexão que me aproximei do Grupo de Pesquisa RACNEGÊ, um espaço onde eu e meu filho fomos acolhidos, respeitados e, o mais importante, incentivados a nos conhecer e a valorizar nossas raízes. Foi ali que pude compartilhar com Ricardo, com mais profundidade, sobre nossa ancestralidade, sobre as nossas origens, e sobre a importância de nos reconhecermos em nossas origens.

O processo foi intenso e transformador. Ricardo começou a se identificar com sua herança africana de maneira exemplar. Ele passou a se ver de forma diferente, a entender o quanto sua história está entrelaçada com a história de tantas outras pessoas negras e a perceber a beleza de suas origens. A transformação dele não foi só externa, mas também interna: ele se viu mais forte, mais seguro e mais consciente de quem é.

Hoje, Ricardo se identifica como um garoto pardo e, ao fazer isso, tem se conectado cada vez mais com a beleza ancestral que ele possui. A gratidão que sinto por esse processo é imensa. O RACNEGÊ, com seu acolhimento e conhecimento, desempenhou um papel fundamental nesse despertar. É um lugar de aprendizado e de valorização da nossa identidade, e sou eternamente grata por ele ter se tornado parte da nossa jornada.

QUINTAIROS, Matilde Perez.

ESTUDOS E PRÁTICAS ANTIRRACISTAS PARA PROFESSORES E ALUNOS COMO TORNAR O AMBIENTE ESCOLAR MELHOR?

Gostaria de iniciar este relato agradecendo primeiramente a todos os membros do grupo de pesquisa Racnegê pela oportunidade de aprender e aplicar diversas metodologias antirracistas. Tenho me esforçado para implementar essas práticas na sala de aula, mesmo enfrentando os desafios sistêmicos que dificultam um processo de ensino- aprendizagem mais efetivo com os alunos. O ambiente do Racnegê, para além de pesquisar como efetivar melhorias e conscientização e práticas antirracistas na educação e na sociedade, para eu tem sido um espaço coletivo e de reflexão sobre como as questões teóricas estão atreladas a realidade e de como modifica-las, quanto tratamos de noções racistas dentro da vivência escolar.

Fui apresentada a participar do Racnegê por um ex companheiro, que mencionou que estava lendo um livro do Stuart Hall “A identidade cultural na pós-modernidade” coletivamente. A princípio, ao tentar ler sozinha, achei o texto muito difícil e com questões muito complexas do que em havia aprendido sobre questões raciais até aquele momento na universidade, logo isso me suscitou uma curiosidade em conhecer o grupo de pesquisas.

A primeira perspectiva que tive antes de conhecer o grupo tratava-se de pessoas negras e cultura negra, com uma noção mais essencialista sobre nossas identidades. Ao ter esse primeiro contato com o grupo, discutimos pluralidades acerca das nossas identidades, mas para além disso realizamos muitas leituras de artigos científicos acerca de análises de professores e suas experiências com a educação antirracista e sobre como é o funcionamento do racismo e como combatê-lo de uma forma material. Os resultados disso foram muito interessantes, na minha trajetória como educadora social do Cursinho Nilma Lino Gomes com a colaboração deste excelente grupo.

A minha primeira prática na turma que leciono aula de filosofia; foi de tratar as narrativas a partir de uma tentativa de contar a história afro-brasileira por um viés; não opressor como normalmente isso é posto em livros didáticos.

O exemplo que consegui colocar em prática é falar acerca do Iluminismo numa perspectiva brasileira focando na conjuração baiana e o filósofo ANTON WILHELM AMO que foi intelectual negro, apagado durante este mesmo período, trouxe as suas ideias principais e a importância dele na história do iluminismo. É algo simples, mas que criou novas narrativas de repertório de aprendizagem dos alunos de tal forma a colocar o intelectual negro como ator social principal enquanto que os europeus deixei-os por último. A participação nas leituras coletivas desse grupo de

pesquisas tem sido fundamental para me ajudar a pensar de forma mais seletiva e consciente na elaboração das aulas, especialmente em relação à saberes já produzidos de autores negros e que por conta do racismo, são esquecidos ou deixados de lado, em relação a autores não racializados. Embora as abordagens tradicionais sejam frequentemente permeadas por autores europeus, tenho aprendido a identificar contornos teóricos que podem substituí-los, criando um imaginário social nos alunos que valorize a história afro- brasileira e suas lutas importantes. Esse processo é essencial para promover uma educação antirracista, que contrarie a hegemonia da visão eurocêntrica e reconheça a importância das narrativas africanas e indígenas no Brasil.

Além disso, minha participação neste grupo de pesquisa tem sido crucial para compreender como iniciar e abordar esses temas em sala de aula. Isso inclui lidar com os desafios enfrentados pelos alunos racializados, que muitas vezes se desumanizam em razão da opressão racial. Também me ajuda a refletir sobre o reconhecimento das vivências marcadas pelo racismo, que frequentemente são reproduzidas tanto no ambiente escolar quanto nas relações sociais dos alunos. Além de fazer uma autorreflexão como educadora sobre práticas que nos ajudam a não banalizar e naturalizar ainda mais as violências cotidianas em sala de aula, envolvidas neste quesito racial e com questões que que interseccionam como gênero, religiosidade e identidade negra de reconhecimento dos próprios alunos.

Nesse breve relato, menciono apenas uma parcela ínfima de discussões envolvidas durante o tempo que estou participando do grupo, acredito que ele é um ótimo grupo, que poderia ter uma expansão maior no país para que efetivamente os educadores das escolas de ensino básico ao superior pudessem colocar em prática ações antirracistas, assim como os alunos racializados possam ter os seus direitos garantidos.

Só possuo agradecimentos a todos os membros do grupo de pesquisas pela partilha e produção de conhecimento científico ao longo desses meses.
Muito obrigada!

SANTOS, Michelle Perez dos.

Declaração à escuridão.

É certo que por meio de uma tese curta e simplificada como esta jamais poderia explicar a minha paixão pelo sombrio e pelo obscuro (sentimento tal que nunca saberei ao certo de onde veio), então tentarei, pelo menos, costurar neste texto, as minhas emoções aos fatos da minha vida.

Ainda criança demonstrei certo interesse por este mundo na medida que uma criança é permitida se interessar, era fascinada pelos monstros de Scooby-Doo e Hotel Transilvânia.

As festas de Halloween eram a minha maior felicidade, sempre ia de vampira e nunca fiz fantasia diferente dessa, com o poder da minha imaginação, me transformava em morcego, sugava o sangue das vítimas e corria da luz fatal do Sol.

Filmes de terror sempre me causaram curiosidade pelos simples fato de que não me era permitido vê-los devido à faixa etária, aquela curiosidade me corroía por dentro, tinha medo, mas as histórias, fantasmas e a atmosfera sombria me encantava cada dia mais.

Ao chegar na adolescência os jogos, livros e vídeos de terror me seduziram ainda mais, com a minha obsessão aumentando progressivamente, comecei a vestir preto, preferencialmente, me trazia um ar de conforto e de mistério.

Na minha transição não demorou muito para imagens como as de Elvira, Morticia Addams, Vampira e Carmilla me inspirassem no meu visual e gradualmente fossem me tornando gradualmente, a moça sombria que sempre existiu em mim.

Claro, essa moça não veio ao mundo sozinha, com a ajuda da terapia, de amigos e do grupo REATRANS foi imprescindível nesse processo, com eles eu pude dar a luz a quem sempre fui, com eles eu me sentia enfim respeitada e acolhida, e pude não somente me expressar do modo que sempre quis, mas também mudar o meu olhar sobre mim e sobre este universo noir.

Então hoje visualizo quem estes personagens, sejam eles criaturas, vampiros, e até os assassinos mais psicóticos estavam representando na sociedade, e é com essa percepção que digo:
aos vampiros Queer, às travestis da Transsexual Transilvânia, às autoras e autores, às diretoras e diretores que deram vida aos monstros que no fundo sempre foram a representação das párias da sociedade, das pessoas que desejam liberdade de amar, de viver e de se expressar, obrigada.

Viva à escuridão e ao esquisito!

SILVA, Maria de Lara

Meu nome é Liam, sou um garoto trans de 15 anos, nascido em Santos no dia 13 de abril de 2009. Morei em São Vicente até os 6 anos de idade. Meus pais dizem que sempre que nasci, tentaram me criar de forma neutra em termos de gênero. Enquanto as outras mães que minha mãe conhecia continuavam fazendo uso do padrão azul=menino e rosa=menina, meus pais fizeram meu quarto de verde.

Fui criado desde que nasci em uma igreja, que por sua vez, faz separação de gênero até no local que sentamos. Mulheres pra um lado, homens pro outro. Homens tem direito a certos cargos enquanto mulheres se atém em apenas alguns. Isso não passou desapercebido por mim, que tenho lembranças de questionar esse padrão, mesmo com minha inocência de criança. Mas esse não era meu foco. Eu ia, sim todo domingo de dia e de noite para a igreja, mas meu objetivo lá era encontrar com meu melhor amigo.

Nós brincávamos de faz-de-conta, juntando nossas ideias de aventuras que preparamos durante a semana, levávamos brinquedos que ganhavamos para mostrar um ao outro. Claro, eram sempre bonecas, já que nós dois éramos vistos como garotas por todos ao redor. Nunca nos importamos muito com isso, de qualquer forma. Brinquedo era brinquedo. Tudo que importava era nosso momento juntos, eu e meu melhor amigo. Eu tinha também um melhor amigo na minha primeira escola, e há até uma história engraçada envolvendo ele.

Sabendo que eu iria me mudar, a escola me colocou como cantor principal da apresentação de final de ano, para que servisse como um “adeus”. Em um dos ensaios para essa apresentação, eu e ele fomos pra um cantinho, e temendo nossa separação, tentamos colar nossos braços com cola bastão kkkkk obviamente, não funcionou.

Então, me mudei de cidade, fui para Praia Grande. Não tenho muitas lembranças vividas do meu período na escola de lá, mas lembro que tinha uma amiga muito próxima, a Emily, e duas que implicavam com a gente, beirando o bullying. Uma delas se auto intitulava amiga da Emily, mas se aquilo era amizade, era uma muito tóxica. A outra ficava zombando da gente (principalmente eu) e virando as outras crianças contra mim. Tenho lembranças dela atacando minhas inseguranças tanto comportamentais quanto corporais. Eu não tinha celular nessa época, e ainda estava em uma fase minha que tentava ser o mais “anjinho” e exemplar possível. Ela se aproveitou muitas vezes dessa minha inocência.

Mas isso acabou quando eu fui para o 6 ano. Essa escola de Praia Grande só tinha até o 5 ano, então tive que sair junto com todos os outros da minha sala. Dessa vez fui para uma escola em São Vicente, mesmo morando em Praia Grande. Lá fiz dois amigos muito legais, Felipe e Kayky. Durante o sexto ano

(maior parte do ano letivo foi online) fomos só nos três, até que no sétimo, algumas pessoas novas chegaram, outras saíram, eu comecei a interagir mais com um garoto que já estava lá desde o sexto ano, o Luiz, e conheci o Léo. Mas não o conheci por esse nome. Enfim, o ano passou, o Luiz que mencionei foi um dos principais fatores pelo qual eu fui gradualmente perdendo minha inocência já mencionada. Ele era legal, mas falava coisas muito explícitas na maioria das vezes. Além disso, novas matérias na escola que nos faziam questionar a sociedade, como história e geografia, fizeram exatamente isso comigo. Fizeram-me questionar.

Comecei a prestar mais atenção nos meus arredores, nas dinâmicas da sociedade. Nos padrões impostos, nas tradições e dogmas que eu estava acostumado e acomodado a seguir. Foi nessa época que me aproximei do Léo. Eu comecei a comentar sobre meus questionamentos, e ele me disse que também questionava daquele jeito. No ano seguinte, Léo saiu do armário, e foi aí que eu conheci esse nome.

Léo é trans. Um garoto trans. Se eu soubesse desse fato desde o momento que o conheci, talvez não fosse tão tolerante. Eu era preconceituoso. Eu não questionava, eu seguia os preconceitos que minha vó, pessoa que eu mais passava tempo, ensinava. Mas o Léo me fez pensar e refletir, me fez mais tolerante. Eu comecei a olhar para dentro.

Nessa época também me apaixonei por um garoto, garoto que me fez questionar ainda mais. Eu era cristão, ele, ateu. Eu sofri muito com isso. Muitas vezes tentei fazê-lo ir pra minha igreja. Converte-lo. Esse era meu dever, não era?

Depois de quase um ano de namoro, ele mudou de escola e nós terminamos. Uma parte de mim sabia que não conseguiria converte-lo. Foi isso que eu pensei. Agora, sem ele, passei o nono ano pensativo. Eu agi certo? Era isso mesmo que eu deveria ter feito? Eu sabia que não gostava mais dele romanticamente, mas eu deveria ter me afastado por conta do que ele acredita ou deixa de acreditar. E em falar nisso…. No que eu acredito?

Essa pergunta me assombrava. Não estava eu questionando demais? Eu estava errado, não estava? Eu fui longe demais, não fui? O que eu estava fazendo? Talvez a internet me corrompeu. Talvez as “ciências do homem” estavam me afastando do divino. Certo?

E em meio a todo esse medo, essa insegurança quanto a minha fé, eu me aprofundei mais em mim mesmo. Fui olhando lá dentro, tentando pensamentos, cenários, e observando minhas próprias reações. Eu estava me experimentando. Experimentei roupas diferentes de tudo que eu usava até aquele momento, experimentei nomes, rótulos, pensamentos. Comecei a sonhar com meu cabelo sendo mais curto, usando roupas que até o momento me disseram que eu não deveria usar. Lembrei-me de todas as vezes, em minha infância, que eu observava os garotos na igreja e desejava me juntar a eles, as vezes que eu queria estar no meio da orquestra, composta apenas por homens, e me sentir parte deles. Das vezes que eu não me reconhecia no espelho, que eu fantasiava sobre acordar e não me parecer mais como eu parecia.

Em meio a pesquisas, novas amizades, noites pensando, observações, introspecções, lágrimas derramadas, pensamentos que invadiam minha mente, a ficha caiu. Eu sou um garoto!

E eu estava bem com isso. Meus amigos estavam bem com isso. Mas eu sabia que minha família não estaria.

Tenho sorte que meus pais nunca me bateram, e sei que nunca me expulsaram de casa. Foi pensando nisso que sai do armário para eles. Eles não aceitaram de todo. Eles só não mudaram nada. Não tentaram mudar meus pronomes, não se interessaram pelo meu novo nome. Pelo menos, deixaram que eu cortasse meu cabelo e usasse as roupas que eu quisesse (mais ou menos, na verdade).

Foi aí que eu entrei na Federal e sabia que meus horizontes estavam se abrindo ainda mais. Conheci a Alice, uma garota trans na minha sala, comecei a ter contato com o Reatrans. Recentemente também mudei meu nome na chamada, meus colegas parecem não ligar, mas não preciso de atenção. Preciso do respeito deles. Felizmente, não estou tendo problemas com isso.

Em casa, a situação é outra. Minha terapeuta conversou com eles, as coisas parecem não ter mudado em nada, mas isso é só o tempo que dirá.

Sonho todos os dias com minha transição, ter meu corpo alinhado com minha mente e identidade, ser aceito inteiramente por todos que eu amo. Ser chamado de **filho,** de **neto,** de **primo,** de **sobrinho,** de **amigo**, de **garoto**. Por que é o que eu sou. Sei que nada é perfeito, eu vou ter que lutar muito agora e no futuro, que vou ser odiado, que vou ser invalidado, que vou ser mal visto e condenado. Mas nada disso pode mudar quem eu sou. Eu sou Liam, um garoto trans e eu tenho 15 anos.

VENTURA, Liam Mechelazzo dos Santos

NOSSO SENHOR JESUS O ÚNICO SALVADOR

RESUMO

Tambor bateu na serra, marimba recongou no mar, o candomblé, ainda é, a voz que faz o negro se junta. (Nana Vasconcellos – Voz Nagô)

Trago um trecho da música Voz nagô de Nana Vasconcellos para pensar o presente ensaio, o qual se faz a partir de um relato de experiência de discussões realizadas com uma turma do 3º ano do fundamental I de uma Escola da Rede Municipal da Cidade de São Paulo. A escola está localizada na Zona Sul da Cidade na região do Jardim São Luis, vale muito citar o contexto uma vez que a localização nos trará questões para pensar as situações vividas pelas/los estudantes que abrilhantaram a discussão. A partir de algumas falas ocorridas em sala de aula, passamos a pensar a intolerância religiosa de modo que pudéssemos entender o teor das falas e o que produzem, durante toda a discussão foram apresentadas possibilidades de pensar o que esteve em jogo e, sempre com o cuidado de não legitimar como única forma de pensar, uma prática que contou com a intenção de lançar muitas provocações e poucas respostas. Utilizei o documento Currículo da Cidade educação antirracista (Documento institucional da Secretaria Municipal de Educação da Cidade de São Paulo – SME-SP) e a Lei 10.639/2003 como forma de legitimar o que foi trabalhado.

Palavras chaves: Intolerância religiosa; Tambor; Deus; Macumba; Jesus

Onde tudo começou

Em aulas anteriores apresentei para as/os estudantes a música: Maracatu atômico – Nação Zumbi. As/os estudantes gostaram muito da música, passamos a ouvi-la com mais frequência nas nossas aulas. A partir do interesse das/os estudantes pela manifestação cultural em questão, pensei em aprofundar as discussões. Realizei uma busca na internet sobre a manifestação cultural, encontrei na plataforma do ***Youtube*** um documentário sobre Maracatu.

Com a intenção de problematizar a música que estávamos ouvindo a um tempo, mencionei para as/os estudantes que para alguns/umas praticantes de maracatu a música da Nação Zumbi não era considerada Maracatu e sim Manguebeat1 uma "criação" com influência do Maracatu.

Após a conversa as/os estudantes mostram empolgação em saber mais sobre a cultura do Maracatu, o documentário 2 foi dividido em três parte por se tratar de um vídeo muito grande achei por melhor dividir para conseguir fazer as discussões de acordo com cada questão apresentada. Conforme íamos assistindo as/os estudantes levantavam questões em relação ao Maracatu, em alguns momentos, fazia questão de reforçar o que estava posto questões como, a perseguição sofrida pelos/as seus praticantes; a influência negra na manifestação; a ligação com nações de candomblé, ou seja, toda aproximação dos corpos negros foi enfatizadas na intenção de apresentar para as/os estudantes a resistência que os corpos negros enfrentam para validar suas manifestações culturais.

Sabendo da ligação do Maracatu com as religião de matriz africana, pensei para aula seguinte em apresentar para as/os estudantes uma música em Yoruba, cantada pela Nação Estrela Brilhante3 que fazia menção a Oxum. No primeiro momento não tiveram muitas reações, sempre fazíamos o movimento de ouvir a música ou assistir ao vídeo, depois realizávamos as discussões. Quando começou a parte em quem se canta em Yoruba, muitas foram as expressões de estranhamento, dentre elas, alguns/umas estudantes taparam os ouvidos mostrando um ar de reprovação, após ouvimos a música abri espaço às falas:

---

[1] Manguebeat é um movimento de contracultura brasileiro. Surgiu a partir de 1991, na cidade de Recife, e se destaca pela combinação original de diversos gêneros musicais, unindo ritmos regionais, como o maracatu, a rock, hip hop, funk e música eletrônica.

[2] Maracatu – Esse som é massa – disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=v_KP7qgrkxo&t=645s

[3] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=8wQZ5v-VM9Q&t=57s

- Essa música é estranha, não dá para entender nada
- Eu não gostei
- Parece as músicas da macumba, isso não é de Deus
- Qual música é de Deus?
- As que tocam na igreja
- Professor, a gente não gostou porque essa música não é de Deus, coisas que não são de Deus a gente não gosta
- É mesmo, coloca essa música professor ela sim é de Deus

> [...] aos poucos fui vendo que muitas das práticas racistas e intolerantes que vigoram hoje na escola são tributárias de uma catequização, instrução e educação da mesma forma intolerante e racista, inaugurada pelos católicos de antanho e herdados pelos neopentecostais de hoje (ARAUJO, p.50, 2017).

Apenas ouvi as falas das/os estudantes na intenção de coletar o máximo de falas que pudessem nos ajudar a entender o que estava posto naquele momento. Procurei na plataforma do ***Youtube*** a música sugerida por um dos estudantes, quando começamos a ouvir a música alguns/umas estudantes se levantaram e fizeram gestos como se estivessem em um louvor na igreja, deixei que os fizessem e não mencionei nada. Realizamos a audição da música, quando acabou fiz a seguinte pergunta:

- O que acharam da segunda música?
- Essa sim é de Deus
- Essa música é muito linda
- Por que uma música é de Deus e a outra não?
- A primeira a gente não entendeu por que é estranha e não dá para saber o que estão falando

Perguntei para as/os estudantes se elas/eles achavam estranho música em inglês uma vez que ali na sala ninguém fala inglês fluente e se colocássemo suma música ali, não saberíamos o que estavam falando. Finalizei a fala perguntando com a seguinte pergunta:

- A estranheza vem da origem?

Ficou um silêncio por algum tempo, até que um dos estudantes falou:

- Ah, pro! A gente não gosta da música da macumba é isso, a gente vai para igreja

Nesse momento poucos/as estudantes se opuseram dizendo que cada qual pode gostar do que quiser e que não tem nada a ver ouvir a música, outros/as disseram que a música é ruim e que não deve ser tocada. Mesmo aquelas/es que

a música é ruim e que não deve ser tocada. Mesmo aquelas/es que não frequentam a igreja não falaram nada, eu segui provocando a turma.

- Então preciso entender uma coisa, nessa sala todas/os vão para igreja?
- Eu não vou não
- Eu também não
- Lá na minha casa ninguém vai
- Ué, mas vi que você cantou a música, como você conhece?
- A minha mãe ouve para limpar a casa...

Não estou dizendo que somente as/os praticantes devem ouvir louvor, tão pouco que todas/os são de bairros periféricos, não está em jogo fixar sentido para quem ouve. Mas sim, pensar o impacto e influência do gênero musical. Ao término da discussão fiquei bem pensativo com o que estava acontecendo ali na sala. Estávamos vindo de longas discussões sobre corpos negros e possíveis modos de vida e, em um dado momento as/os estudantes passam a se pronunciar dessa forma. Outra coisa que me chamou muito à atenção foi a reação das/os estudantes ao ouvirem o louvor, a sala entrou em catarse. Aquelas/es que não sabiam a música gesticulavam e fingiam saber a música fato
muito interessante para pensarmos a noção de pertencimento e aceitação. Se meu grupo faz certas coisas, logo tenho que fazer para estar incluso/as. Tendo em mente as falas das/os estudantes comecei a pensar o planejamento da aula seguinte, precisava criar estratégias e formas de apresentar para as/os estudantes questões que dialogassem com o que estava posto em relação a noção de bem a mal, ou melhor, eu precisava identificar no discursos das/os estudantes o que estavam considerando bem e mal. Pensei na estratégia de provocá-las/os com a intenção de buscar respostas para a situação posta e, que de certo modo eu poderia apresentar outras formas de olhar para o que estava sendo discursado como mal, neste contexto pensei em ações que pudessem gerar muitas perguntas para as/os estudantes, neste momento não estava em jogo trazer respostas, mas sim perguntas-ações que pudessem contribuir para desconstrução dos discursos pré-estabelecidos.

Na aula seguinte apresentei para as/os estudantes personalidades negras que já havíamos estudado cantando músicas mencionando Orixás e Yabás, fiz a seguinte provocação:

- Nós já vimos trabalho dessas pessoas, já estudamos, o que elas cantam? Elas cantam sobre a vidas das/os negros, sobre as coisas que acontecem na vida delas.
- Elas falam coisas do mal?

- Não falam não porf - Agora nós vamos ouvir algumas músicas das mesmas pessoas, só que nessa música elas

falam de Orixás e Yabás (expliquei para turma o quem eram os Orixás e as Yabás).

- Vamos ouvir o que estão falando? Apresentei para as/os estudantes uma música do cantor Thiago Elniño, Luedji Luna e Xênia França, ambas as músicas mencionavam Orixas e Yabás, após ouvimos as músicas, pedi que as/os estudantes falassem sobre as músicas e o que puderam perceber, eis que surgem algumas falas:
- Nossa, não falam coisas ruins, falam de amor
- Falam da vida e que as pessoas devem ser felizes
- Falam que Orixás fazem o bem
- Mas vocês falaram que a música era do mal
- Achei que a música que fala sobre Orixás também fosse do mal!
- Silêncio na sala...

Deixei que o silêncio permanecesse na aula, como mencionado em linhas anteriores, não tinha a intenção de dar resposta para situação. Vale ressaltar que em momento algum as discussões eram encaminhadas com respostas, pelo contrário, a todo momento eu apresentava mais questões sempre na ideia de provocar e não de responder, fazendo das provocações momentos de reflexão e aprofundamento na discussão.

As discussões passaram a acontecer nos primeiros momentos de aula, momento que intitulamos como reflexão [4] a cada dia eram apresentados outros discursos em relação ao que estávamos estudando. Com o intuito de provocaras/os estudantes, na aula seguinte apresentei para as/os estudantes uma música do intelectual Mingo Silva. Na música o artista faz menção ao **Orixá *Obaluayê*** – Povo do ***Ayê*[5].** Apresentei o clipe, diferente das músicas anteriores que não foram mostradas com o ***clipe***, fiz de proposito para entender o que as/os estudantes estavam considerando bem e mal, ou seja, será que a imagem como linguagem produz o sentido de bem e mal? Após assistirmos ao clipe abri espaço para falas:

- O que acharam da música?
- É estranha
- Não é não
- Aparece velas; colares; as roupas; roupas de palha; usam pipoca...

Apenas registrei as falas das/os estudantes, tendo visto previamente o próximo episódio do documentário sobre Maracatu e que nesse episódio iriam aparecer questões voltadas as nações do Maracatu e Orixás não me esforcei em

[4] A reflexão era um momento dedicado a discussão, seja de um vídeo, foto, poema, música, notícia dentre outras situações cotidianas, nesse caso a reflexão estava voltada para discussão relacionada as músicas.

[5] Música do intelectual Mingo Silva – Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=YqeujTsH0bE

desconstruir as falas anteriores, no vídeo as/os praticantes de Maracatu relatam os desafios enfrentados e que muitas das vezes sofreram e sofrem perseguições por questões religiosas/os mencionando que em alguns momentos não aceitavam-aceitam a cultura do Maracatu.Durante os vídeos alguns/as estudantes mostram indignação e interesse pelo tema, outras/os nem tanto, mesmo assim, seguimos com o vídeo, no final apresentei um questionário para as/os estudantes, esse questionário deveria ser feito no caderno, o fato de estar na sala como professor polivalente fez com que algumas atividades tivesse caráter interdisciplinar, assim sendo, muitas discussões se espraiavam para as outras áreas do conhecimento sendo discutidas ao longo da semana, sinalizei à turma o que iria acontecer.

- Tenho algumas perguntas para fazer para vocês e preciso que registrem no caderno

1. O que é Maracatu?
2. Por que a manifestação cultural do Maracatu sofreu/sofre perseguição
3. O vídeo nos apresentou questões já discutidas em sala? Quais?
4. Faça um relato sobre o que você entendeu do vídeo

2. Porque era dos escravizados e hoje os negros sofrem perseguição

Dado o tempo para realização da atividade, convidei aquelas/es que tivessem vontade de partilhar o que escreveu que realizassem a leitura para as/os colegas, nesse momento poucas/os se aventuraram, todo contexto fez parte do processo que estávamos construindo, as/os estudantes foram pegando confiança em falar para as/os colegas.

Alguns se aventuram a falar do próprio lugar (não era necessário ir à frente para falar) algumas falas das/os estudantes:

1. O Maracatu é uma cultura dos/as negras é uma dança, uma música porque fala de Orixás; tem tambor...
2. Porque era dos escravizados e hoje os negros sofrem perseguição
3. Falou sobre as culturas dos negros e sobre reis e rainhas negras...
4. Entendi que algumas culturas não são aceitas, tem gente que acha que é do mal só por ser coisa de negro. É resistência...

As falas registradas acima são falas das/os estudantes durante as discussões, sempre que possível procurava ressaltar a importância da partilha durante as aulas, uma construção feita aos poucos que, em muitos momentos, gera discussões incríveis que são muito importantes para pensar as próximas ações.

Nas primeiras aulas, as/os estudantes não falavam nada, alegando vergonha e medo de falar, aos poucos fomos construindo uma prática em que as/os estudantes podem falar, se expressar e trazer suas questões e modos de pensar para as aulas, em alguns momentos tinham que realizar inscrições para as falas (risos)...
Realizei a seguinte pergunta para turma:

- Será que quando falamos que alguma coisa é do mal por fazer parte de determina grupo não estamos sendo intolerantes?
- Vocês sabem o que isso significa?
- Silêncio na sala...
- Pode falar o que vier na cabeça...
- Eis que surge; sei o que é ser tolerante - O que é? - É você não gostar do que a pessoa faz, mas mesmos assim você fica perto dela...
- Se ser tolerante é isso, o que é ser intolerante?
- Silêncio...
- Vamos pensar, ser tolerante é não gostar, mas ficar perto, ser intolerante é ficar?

Realizei alguns gestos a fim de que as/os estudantes entendessem o que estava posto ali, um estudante entendeu o gesto e disse:

- É querer longe...

Considerei o que estava posto naquele momento validando a definição apresentada pelo estudante passando a ser a definição da “sala”. Com isso, pensei em apresentar para as/os estudantes questões relacionadas a intolerância religiosa haja visto que em momentos anteriores tivemos algumas falas de intolerância religiosa, mas não pontuei, a intenção era ampliar a discussão até podermos voltar na discussão sobre intolerância. Foi um risco que corri, as discussões poderiam muito bem terem tomado outro rumo e não teria conseguido fazer a discussão que se resulta no relato, vale ressaltar que em muitos momentos houveram tensões por parte das/os estudantes e professor, não podemos ausentar as relações de poder existentes dentro do espaço escolar e, nos enfrentamentos das imprevisibilidades nas situações cotidianas que se fazem atravessadas de múltiplos no fazer pedagógico6.

- Realizei uma pergunta
- Já que temos uma “noção” do que é intolerância
- O que é intolerância religiosa?

6 Tal fato válida ações de planejamento em cada aula, não é possível prever as ações de forma estanque como se fosse uma linha do tempo com começo, meio e fim, nesta condição as aulas são planejadas ao final de cada aula, entendemos que dessa forma, as aulas estão suscetíveis aos atravessamentos.

Na aula seguinte apresentei para as/os estudantes uma música dos intelectuais Luciano Bom Cabelo e João Martins – Povo de Santo7. Na música eles apresentam questões sobre intolerância religiosa, mencionando ataques sofridos por terreiros e situações de perseguição. Após a música abrimos para discussão, durante a discussão surgem falas:

- Isso não é de Deus; do nosso Jesus
- O único Deus

Para ampliar a discussão lancei a seguinte questão:

- Por que valorizamos algumas religiões e outras não?

Através das falas de Patrício Carneiro de Araújo 2017 “O que motiva mais a intolerância, a intransigência beligerante neopentecostal ou o racismo que se revela pela rejeição à herança cultural e religiosa africana?” (ARAUJO, p.56, 2017).

A turma ficou em silêncio, poucos/as falaram sobre. Na tentativa de trazer mais questões como provocação, apresentei no mesmo dia um curta metragem chamado: Do meu lado8 durante o filme ocorrem inúmeras situações que pontuam a intolerância religiosas, as/os estudantes queriam falar durante o vídeo,pedi que esperassem que no final iriamos conversar sobre. No final após uma das vizinhas receber ajuda, encerram se cumprimentando dizendo a paz do senhor. Lancei uma provocação na intenção de que iriam surgir manifestações em relação às falas.

- A paz de qual senhor?
- Do nosso senhor jesus o único salvador...
- Por que nosso?
- Porque ele é nosso senhor, morreu por nós...
- Aqui na sala tem colegas que falaram que não são da mesma religião que você, penso eu que esse não seja o senhor jesus deles/as...
- Ficou um silêncio na sala
- Acredito que precisamos entender de onde vem a ideia de nosso senhor jesus...

Pensando nas últimas falas e no modo com o estudante se manifestou trazendo a ideia de “nosso senhor jesus” apresentei três vídeos que discutem intolerância religiosa, um que praticantes de evangélicos quebram imagens.

7 Música – Povo de Santo dos intelectuais Luciano Bom Cabelo e João Martins, Disponível em : https://www.youtube.com/watch?v=OYG9Mz4BN0Q

8 Duas vizinhas, uma evangélica outra umbandista. Vão acontecendo situações no curta que vai denunciando a intolerância religiosa. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=DSBVBLAI-yw&t=258s

Outro que praticantes de candomblé falam sobre intolerância religiosa e um vídeo do pastor Henrique Vieira falando de intolerância religiosa. Os vídeos não foram apresentados na ordem citada9. Gostaria de ter apresentado mais praticantes evangélicos falando sobre intolerância, mas não consegui encontrar.

Os vídeos que apresentei nos ajudou pensar as questões que foram propostas. No memento da discussão alguns/as estudantes começaram a perceber o que era intolerância religiosa e que estavam presentes ali na sala falas de intolerância, as/os estudantes começaram a apontar as falas realizadas pelos/as colegas, tive que conter a turma falando que naquele momento, não tínhamos a intenção de gerar uma confusão tão pouco abrir espaço para julgamentos e, que estávamos ali para entender o que estava por de trás das falas apresentadas pelas/os colegas. Salientei que tínhamos que observar algumas falas ali na sala, que eu tinha percebido falas do tipo:

- Aquela outra religião, a que não é de Deus

Sempre na intenção na de provocar eu lançava perguntas

- O que é de Deus? Qual Deus?

Após algumas discussões realizadas surge na sala uma fala de um estudante em relação ao tambor10 -

Meu vizinho é cheio de tatuagem, até no rosto ele tem tatuagem
- Ele toca um tambor que dá agonia
- Minha mãe falou que é da macumba
- Por isso dá agonia
- Mas porque o tambor da macumba da agonia?
- Porque ele é do mal.
- Ué, lá na igreja tem tambor
- Mas o tambor da igreja não do mal!
- Qual é o tambor do mal?

Naquele momento para além das discussões que estavam acontecendo entraríamos nas discussões sobre tambor. É muito interessante pensar o quão a sala de aula proporciona discussões incríveis, tal fato, nos faz pensar em uma prática atenta às falas das/os estudantes, caso isso não ocorra, podemos cair no erro de reforçar e/ou invisibilizar situações que precisam ser discutidas.

---

9 Vídeos apresentados para as/os estudantes Religião de matriz africana. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=oP4IJ_gDQgM Evangélicos quebrando imagem de santo. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=VFN-cNhUVKU. Pastor Henrique Vieira. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=EzGnodJiytc

10 O estudante se refere ao atabaque como tambor.

Pensando nessa prática atenta, os estudante traz duas questões que chamaram muita atenção, as tatuagens do vizinho como marcador e o tambor tocado por ele, ou seja, além de ter tatuagem ele toca um tambor que dá agonia e a afirmação que a mãe dele disse que[10] dá agonia porque ele toca o tambor da macumba.

Tambores e significantes

Na intenção de aprofundar a discussão sobre tambor/atabaque passei a apresentar para as/os estudantes as formas de olhar para o instrumento e, antes que isso acontecesse, tivemos noção de que macumba é um instrumento e que ao se referir a macumba naquela condição estava sendo preconceituoso. Para identificar algumas falas das/os estudantes apresentei quatro vídeos; um sobre capoeira; jongo; escola de samba e roda de samba em ambos os vídeos ocorre a aparição do tambor, após os vídeos realizei três perguntas

1. O que aparece e como aparece o tambor nos vídeos?
2. O que podemos dizer dos usos do tambor?
3. O que você achou dos vídeos?
4. Escolha um dos vídeos para comentar

Algumas falas das/dos estudantes[11]:

1. Diferente pessoas tocando e fazendo capoeira, aparece vários tipos que tem baqueta e tambor de mão;

- Que dá para usar em várias manifestações;
- O tambor apareceu como instrumento musical e o que aparece são pessoas tocando tambor;

2. O tambor é para todo mundo e, que tambor se dança e se brinca, que os tambores conseguem se comunicar e fica no mesmo ritmo e que pode ser tocado em qualquer lugar;

- Dizem que ele é mal e tals, mas o tambor serve para muita coisa, que pode ser da escola de samba, religiosa, capoeira, na rua e uma série de coisas
- Para avisar se a polícia está perto e fazer samba.

3. Vou escolher a 1 como uma pessoa fala o que os africanos dançaram capoeira era uma brincadeira!!! Olha como falam que a capoeira vem dos escravizados/as negros/as e africanos/as, que em alguns países não sabem o que é capoeira;

- O vídeo 1 o moço pergunta para negros africanos se estão fazendo capoeira só que eles nem sabem o que é capoeira e na verdade só tão brincando;
- O terceiro vídeo mostrou pessoas tocando tambor e chocalho e tamborins e os instrumentos estavam conversando;

[11] As falas foram preservadas na integra, trata-se de registros realizados em folhas separadas, ao serem transcritas algumas as questões ortográficas foram realizadas conforme as normas.

Em contato com as falas das/os estudantes pude perceber que a partir dos vídeos, passaram a perceber outros significantes em relação ao tambor algo que nos possibilitou avançar na discussão, como forma de apresentar outros significantes encontrei na internet a presença do tambor em um culto evangélico[12]. Apresentei para as/os estudantes o vídeo e aproveitei para passar parte do documentário ***Orin:*** música para os orixás[13], no trecho apresentado fala o que o tambor/atabaque significa para as pessoas que exercessem a função de ogã no terreiro, trazendo a importância do tambor/atabaque nos cultos aos ***Orixás*** e ***Yabás.***

Em nenhum momento as discussões foram minimizadas, pelo contrário, realizamos discussões muitas vezes densas sempre com o objetivo de apresentar para as/os estudantes outros discursos e modos de olhar para o instrumento que estavam dizendo ser do mal, podemos perceber ao longo das discussões que muitas vezes produzimos falas sem ao menos saber do que se trata. Algumas/uns estudantes começaram a se questionar sobre falas preconceituosas que carregam nelas intolerância religiosa, as/os estudantes identificaram as falas dos colegas e passaram a chamar atenção.

Ampliando as provocações apresentei para as/os estudantes alguns vídeos, tambor de mina; congada; Moçambique e folia de reis a parte que mais chamou atenção das dos estudantes foi a parte da folia de reis em um determinado momento aparece no vídeo uma faixa se referindo a eles como poetas de Jesus, um dois estudantes traz a seguinte questão:

- Ué, se é uma manifestação de origem africana, por que está escrito que eles são poetas de Jesus?
- Em outros vídeos também apareceram imagens e falas se referindo a santos católicos, manifestações afro-brasileiras.
- Seriam os reflexos da colonização e uma herança do sincretismo?

Atravessamentos

As discussões realizadas em sala de aula me trouxeram inúmeras questões dentre elas as formas como as/os estudantes estão inseridas/os em uma cultura do preconceito e por muitas vezes do estranhamento. Algo que reforça as condições dos corpos tidos como não desejáveis em uma ótica legitimada

12
Vídeo com a presença do tambor no culto evangélico disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ugRXfaYWG2g

13
Documentário apresentado para as/os estudantes, disponível em https://www.youtube.com/watch?v=hL-A29lLa5Y&t=539s

“comum”, mas o que é comum? Vale perguntar inúmeras vezes sobre a existência do “comum”. Outra questão que se fez presente de forma muito forte foi o discurso religioso, sabe-se que tal discurso não está só presente na sala de aula, mas por se tratar e uma sala de aula do 3ºano do fundamental I com estudantes na faixa etária de 8 e 9 anos me trouxeram inúmeras questões, uma delas é que em muitas das vezes as/os estudantes estão inseridas/os em uma cultura cristã que marca aquelas/es que não o são. Fazendo com que reproduzam falas muitas vezes dos espaços que frequentam ou até mesmo de casa, vale ressaltar que a importância de uma pedagogia atenta como já mencionada, pode vir a ser condição para que as/os estudantes acessem outros discursos possibilitando a interrogação e quem sabe através dela outros modos de olhar para o que está posto como verdade absoluta.

Tive como intenção, rasurar o que está posto e apresentar para as/os estudantes outras formas de olhar para aquilo que tinham como algo do mal. Em nenhum momento minimizei a presença do tambor/atabaque nos ritos de matriz africana, pelo contrário, mostrei a sua presença lá e em outros lugares também, dando voz para o atabaque que toca para ***Orixás*** e ***Yabás*** dançarem.

VIEIRA, André Luis Silva.

Referências

ARAÚJ, Patrício Carneiro. **Entre ataques e atabaques: intolerância religiosa e racismos nas escolas**. São Paulo, Aché Editora, 2017.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade do ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, ano 141, n. 7, p. 1, 10 jan. 2003. Disponível em: BRASIL, LEI Nº 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003. – Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm#:~:text=L10639&text=LEI%20No%2010.639%2C%20DE%209%20DE%20JANEIRO%20DE%202003.&text=Altera%20a%20Lei%20no,%22%2C%20e%20d%C3%A1%20outras%20providências. . Acesso em: 11 jun. 2025.

SÃO PAULO (Cidade). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. **Currículo da Cidade**: educação antirracista: orientações pedagógicas: povos afro-brasileiros. Versão atualizada. São Paulo: SME / COPED, 2022. Disponível em: https://acervodigital.sme.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/2023/04/Curriculo-da-Cidade-Ed.-Antirracista.pdf. Acesso em: 11 jun. 2025.

O CORPO NEGRO DO DISCUSO: CORPOS NEGROS E MÍDIA

Primeiras ideias

As discussões surgiram quando um estudante se referiu a mim a partir da imagem de um personagem da novela. Segundo o estudante me pareço com o Sabiá, um personagem negro que fez papel de traficante. No primeiro momento as/os estudantes deram risadas e alguns afirmaram que me pareço com ele. Deixei acontecer aquela situação a fim de provocá-las/os, por ser uma situação ocorrida nos primeiros dias de aula não realizei uma discussão aprofundada da situação, até porque não tinha a intenção de apontar de imediato questões raciais, imaginei que não seria a solução para o momento, uma vez que, as/os estudantes estão inseridas/os em uma condição que repercute o imaginário representacional de certo modo colonizado.

Lancei as seguintes provocações:
- Por que será que acham que me pareço com ele?
- Será que todas as pessoas negras vieram do mesmo lugar?

No primeiro momento a turma ficou em silêncio, não tínhamos estabelecido uma condição de diálogo para os nossos encontros situação essa que vale ressaltar, as/os estudantes nos primeiros dias dos encontros1 pouco falavam algo que me fez pensar nas formas que a figura da/o professor é representada, poder-se-á dizer que as/os estudantes estão inseridas/os em uma lógica de que quando o professor/a fala, preciso ouvir, aprender e não posso ficar “falando”, ou até mesmo na ideia da/o professor ser detentor/a de certa verdade, assim sendo, não tenho que expressar minha opinião.

Outra questão interessante a se pensar é que um dos estudantes sempre chorava quando chegava na escola para os encontros, eram poucas as vezes que ele ficava na escola, os choros eram bem extremos. No primeiro momento me pareceu ter problemas para adaptar-se, mas o estudantes está na unidade

[1] A utilização da palavra encontro faz referência às aulas

escolar desde o primeiro ano, ou seja, o estudantes já estava a 2 anos na unidade escolar.

Enveredamento

Sabendo da minha participação nas aulas do período integral (horário das 12h00 às 14h00 que as/os estudantes permanecem na escola para realizarem algumas atividades) acreditei na hipótese de tematizar com as/os estudantes questões que envolviam os corpos negros, no que se refere a estética; condições sociais; questões raciais; midiáticas dentre outras que pudessem aparecer nos encontros. Vale ressaltar que as discussões não se limitaram apenas às aulas do período integral. O dia a dia da escola nos possibilitou inúmeras discussões que foram para além do período dedicado a elas.

Após alguns encontros com as/os estudantes, apresentei imagens, vídeos e músicas que relatavam outras condições para os corpos negros/pretos durante uma das muitas discussões realizadas, decidiu-se o tema para os encontros **"O CORPO NEGRO DO DISCUSO: CORPOS NEGROS E MÍDIA".** O tema surge após perceber que as/os estudantes criam e estão com o imaginário do negro que é apresentado pelos meios midiáticos reproduzindo o que está posto relegando aos corpos negros papeis sociais pejorativos não possibilitando questionar o que está posto. Tendo isso como forma de provocação, imaginei que as discussões pudessem produzir outras significações.

Isso posto, passamos a intencionar que as/os estudantes acessassem outras estéticas-performances2 que colocassem os corpos negros no centro do debate dando-lhes outras condições, trazendo para o debate os vários modos de vida, condições de existência para além do que está posto socialmente como sendo coisa de negro ou até mesmo um jeito negro de ser, a descolonização- discursiva precisava acontecer de alguma forma e com uma certa urgência.

[2]A condição de estética-performance aqui utilizada se refere a toda manifestação cultural dos grupo étnico-racial negro, nesse sentido, entende-se por estética as manifestações culturais e as relações que o grupo estabelece socialmente em um conjunto de significações

Rasurando o imaginário na urgência de possibilidades outras

Sabe-se que todas/os somos atravessadas/os pelo processo de colonização resultando inúmeros efeitos nas construções discursivas que compõem o imaginado povo brasileiro, um povo miscigenado que não se faz distinção. ***"A verdade é que você, todo brasileiro tem sangue crioulo…"***. Nos últimos tempos as discussões promovidas pelos movimentos sociais, em especifico o movimento negro, os discursos integracionistas foram colocados em xeque nas pautas dos movimentos, passaram a serem refutadas algumas ideias integracionistas dando lugar às discussões que envolvem negritude, raça, diferenças culturais, estéticas sociais e, outros modos de vida, desaguando nas discussões em relação às culturas negras em diáspora. Stuart Hall (2018) [...] "traz questões que possibilitam pensar que negro/a é imaginado na cultura negra".
- Como estão sendo feitas tais discussões?

- É possível fazer uma luta antirracista dentro do espaço escolar?
- O que seria uma luta antirracista?

Deste modo, se faz urgência discutir o racismo nos espaços escolares, este relato se refere a um trabalho desenvolvido com os/as estudantes do 3ºano do Ensino Fundamental I de uma Escola da Rede Municipal de Educação da Cidade de São Paulo, a unidade escolar está situada na Zona Sul da cidade no Bairro do Parque Santo Antônio. É de suma importância situar o contexto da unidade escolar uma vez que a unidade se encontra na periferia da cidade. As condições e discussões ganham proporções outras, em sua maioria reverberadas na família, sabendo dos possíveis enfrentamentos com as temáticas me antevi fazendo uso da LEI 10.639/20033 a qual discute a obrigatoriedade de se pensar as culturas de matriz africana e afro-brasileiras dentro do espaço escolar, deste modo as ações e prática pedagógica ganham legitimidade, algo fundamental quando se trata de discussões antirracistas.

Mesmo tendo em vista a obrigatoriedade, existem resistências para colocar a LEI em ação, por parte da família e das/os docentes que em alguns momentos relatam não realizar as discussões por não saberem lidar com as questões raciais, ou até mesmo, por acharem que não existe a necessidade de

[3] A LEI No 10.639, diz respeito a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências em todos os níveis e ensino.

realizar tais discussões, alegando que as/os estudantes não têm atitudes preconceituosas, ainda existem grupos que relatam desconhecer a LEI.
Em uma situação específica uma família se opôs à discussão dizendo que não era para serem apresentadas as discussões raciais para a/o estudante, mesmo sendo apresentada a LEI a família segue na afirmação de que não queria que a/o estudante ficasse sabendo de certos assuntos. Nas palavras da família "a criança não precisa saber nada sobre cabelo e nem sobre quem ela é".

Sinalizar as ações realizadas se faz importante uma vez que a tematização esteve atravessada por inúmeros acontecimentos, neste contexto, acreditamos na possibilidade de aproximação da prática pedagógica com a teoria, ou seja, as discussões com as/os estudantes tornam-se possíveis mediante estudos em momentos de formação e trocas no grupo de pesquisas. A exemplo disso o grupo Racnegê[4] que se faz condição necessária na construção da educação antirracista.

O que legitima e abrilhanta o relato em questão é o fato de ter sido realizado a três mãos, duas professoras que acompanhavam as aulas teceram seus comentários nas linhas do relato, hora apareceram em forma de citação e em muitos momentos as falas das docentes estão imbricadas no relato fazendo com que este seja nós, vivenciamos, sentimos e nos permitimos a escrita daquilo que foi vivido, as observações realizadas por elas me serviram de condição balizadora em relação às discussões com as/os estudantes ao longo dos encontros.

Vou aprender a ler pra ensinar meus camaradas...

- Pro se parece o sabiá da novela!
- Por que eu pareço com ele?
- Porque ele é negro e parece com você
- É mesmo, parece mesmo…

Rasurar o imaginário se faz priori na construção de uma pedagogia antirracista a qual se compromete com as temáticas que envolvem discussões

[4] Grupos de pesquisas Raça, culturas negras e gêneros

raciais, culturais, sociais, dentre tantas outas que trazem para o centro do debate os corpos negros.

Voltando à sala de aula, os primeiros encontros apresentaram situações importantes para que pudéssemos pensar os discursos que as/os estudantes reproduzem criando um imaginários fabulado em relação aos corpos negros.

A partir de algumas situações passei a apresentar para as/os estudantes outros discursos que focalizavam os corpos negros em outras condições, percebido que as/os estudantes estavam inseridas/os no senso comum. Naquele momento, se fez condição fundamental ampliar a discussão dando possibilidades para que os/os estudantes pudessem acessar outros discursos.

Durante os encontros, passamos a discutir a existência dos corpos negros a partir das contribuições apresentadas por Stuart Hall (2018), o autor nos permite pensar na multiplicidade dos corpos negros trazendo para centro do debate as questões que evolvem as diferenças, estas colocam em xeque o senso comum, rasurando a noção de que todo negro é igual.

Vale salientar que as discussões tomaram proporções não imaginadas, surgindo questões que geraram a dúvida as/os estudantes passaram a questionar suas próprias “existências” e, sobre as negritudes5 expressas e seus corpos consequentemente presentes na sala de aula.

> Ao longo desses três meses estagiando na sala do 3° Ano B, pude perceber o quão dinâmicas as aulas são, essas aulas vão na contramão do ensino clássico de escrever a matéria que está na lousa. Todos os alunos querem participar e darem seus pontos de vistas sobre o tema abordado, acredito que isso aconteça pelo fato de o professor André saber como conduzir as aulas, fazendo com que os alunos se sintam acolhidos, aguçando, provocando as crianças a refletirem e questionarem o que lhes foi apresentado (Bastos, 2023).

A fala da professora que esteve presente nas discussões contribui para pensarmos que muitas vezes ao estarmos imersas/os nas ações pedagógicas não percebemos os efeitos das práticas, ao travar contato com a fala da docente se faz possível perceber que as/os estudantes acessam as contribuições de diversas formas, a todo momento os encontros eram planejados partindo do que estava posto, ou seja, sempre existia uma aproximação da realidade das/os

5 Neste contexto o termo aqui utilizado negritudes vem das contribuições de Aime Cesar, o autor traz à discussão do conceito, nas palavras do autor negritude se faz condição da multiplicidade e das diferenças do ser negro, ou seja, negritude é uma condição da diferença entre os corpos negros.

estudantes e das discussões anteriores com a intenção de aproximar a prática das questões vivenciadas. Para que tal ação fosse possível o mapeamento e a etnografia foram condições fundamentais tornando-se ferramentas que possibilitaram maior dialogar com as questões culturais acessadas pelas/os estudantes

> [...] “sempre tem um aluno que tem algum relato a fazer sobre o que ele vivenciou ou que alguém próximo a ele tenha vivenciado, isso é fantástico, porque vejo que eles estão de fato entendendo o que está sendo conversado em sala e as ligações feitas por eles diante desses assuntos tão importantes de serem debatidos” (Bastos, 2023).

> - Eu chorava quando chegava na sala porque eu vi em um vídeo que um homem negro que parecia com você sequestrava crianças - Aí dava medo vim para as aulas - Nossa, que coisa ruim isso (fala de um dos colegas) - Por que será que isso acontece? (fala do professor) - Silêncio - Alguém tem alguma opinião sobre? Lembrando que não existe certo e nem errado, estamos aqui para pensar juntos algumas coisas…

Ali estava em cena toda uma construção da noção de que o homem negro é mal, de imediato me lembrei de um documentário norte-americano chamado Décima terceira emenda que comenta sobre um filme chamado o Nascimento de uma nação6 onde os corpos negros são retratados como violentos, abusadores, extremamente marginalizados, corpos que precisam ser eliminados para que uma nação posso prosperar. Em certo contexto o que o estudante traz torna-se a condição de que o corpo negro ameaça o funcionamento “comum” das coisas, logo este passa a ser ameaça, o fato de o estudante chorar para não querer ficar na aula com um professor negro, expressa toda uma condição discursiva de quem é o homem negro.

[6] No Brasil, podemos citar os filmes Cidade de Deus e BOPE, filmes que retratam o negro de forma extremamente marginalizada e, também apresentam a naturalização da morte do corpo negro.

Identificada a urgência de apresentar para as/os estudantes outros discursos, algumas personalidades negras7 estiveram presentes nos nossos encontros, me preocupei em trazer os corpos negros em vários espaços, apresentando condições que pudessem contrapor as representações trazidas pelo estudante que passaram a ser testemunho de outras/os.

- É mesmo, em quase tudo que passa na TV fala mal do negro
- Sempre aparecem como bandidos
- Por que será que isso acontece? Precisamos estudar sobre

Dispus-me a fazer uma prática que estivesse mais ligada à provocação do que a respostas, a partir do que as/os estudantes apresentavam como pergunta, eu lançava mais provocações, na intenção de gerar reflexões. As/os estudantes passaram a participar mais das discussões, algo que não ocorria nas primeiras aproximações [...] “o professor procura trabalhar a autonomia e o protagonismo das crianças, ou seja, sempre valorizando o diálogo, reflexões, questionamentos e os conhecimentos que eles trazem a cada dia” (Santos, 2023). Nota-se que os efeitos dos encontros passam a reverberar nas ações das/os estudantes, algo que nos traz condições para pensar sobre práticas que possibilitam diálogo em detrimento de silenciamento.

Para além do que a mídia anuncia: personalidades negras em questão

As discussões dos encontros anteriores me fizeram pensar em ações que pudessem auxiliar as/os estudantes na construção de outros discursos em relação aos corpos negros, tem em mente alguns nomes de personalidades negras, recorri primeiramente a intelectual Diva Green, ela faz uma discussão política a partir do cabelo. Em momentos anteriores as/os estudantes estavam discutindo questões que envolviam cabelo, tal discussão se deu após uma

[7] As seguintes personalidades negras que estiveram presentes: Diva Green; Nilma Lino Gomes; Luiz Carlos da Vila; Jurema Werneck; Conceição Evaristo; Thiago Elniño; Jota Ghetto; Liniker, Stuart Hall; Dexter; Racionais Mc´s; Grada Kilomba; Gilberto Gil; Russo Passapusso; Adbias do Nascimento dentre outras/os.

colega dizer que o cabelo de uma das estudantes era cabelo de ***fúa***8. Na situação ocorrida, parei a aula e perguntei a ela

- O que seria um cabelo de ***fuá***?
- Não sei, minha tia que fala isso
- Ela fala isso para quem?
- Para mim, fala que meu cabelo está parecendo cabelo de fuá
- Mas ela fala em qual momento?
- Quando está desarrumado

Ali estavam em jogo as relações que são estabelecidas através do cabelo, neste momento me lembrei do livro Memórias da plantação, especificamente o capítulo intitulado: Políticas do cabelo. Sabendo da complexidade da discussão do capítulo, naquele momento achei por melhor apresentar para as/os estudantes um vídeo9 com a intelectual Diva Green. De forma muito didática ela apresenta questões que trazem o cabelo para o centro do debate, nas palavras da intelectual: “cabelo é afirmar uma condição estética, é um ato político” (Diva Green, 2018). Durante a exposição do vídeo as/os estudantes ficaram atentas/os para ouvir o que ela tinha a dizer, olhares de curiosidade em relação ao estilo dela e, também, sobre as condições que ela apresentava como sendo outra forma de olhar para estética negra.

8 *Fuá* o termo tem sua origem *yorubá* e traz algumas significações: Briga, rolo, desordem, intriga. Diz-se também do equino arisco.

9 Vídeo da intelectual Diva Green https://www.youtube.com/watch?v=QUu5b0hpfyI



Imagem retirada do vídeo

- Nossa, ela fala que cabelo é político!
- Qual a relação que ela traz com a ideia de político?
- Ela fala que certo tipo de cabelo é um ato político
- Por que será que ela traz isso?
- Silêncio…10

Ela possibilitou imaginar outras formas de conceber os corpos negros e suas performatividades estéticas, as/os estudantes passaram a tecer falas sobre os cabelos e as formas de significá-los, com o evento apresentei para as/os estudantes imagens com diferentes cortes e estilos de cabelos com a intenção de romper com a estética única, buscando aprofundar as questões que pudessem ir ao encontro do que seria um ato político.

Com o passar dos encontros, algumas estudantes passaram a se sentir à vontade para partilhar suas experiências com seus cabelos, o que chamou a atenção foi que em sua maioria as meninas dos cabelos crespos ou cacheados foram as que mais narraram momentos de atravessamento em relação aos cabelos, alguns meninos timidamente trouxeram algumas experiências, isso nos mostrou que os atravessamentos estéticos em relação aos cabelos estão em sua maioria ligados às meninas e também dizem respeito a um certo fenótipo.

[10] Na tentativa de fazer uma prática que possibilita questionamentos, me arrisquei gerando mais provocações aos estudantes do que trazendo respostas às provocações, que se tornaram condição fundamental na produção de novos discursos

Percebido tal movimento das estudantes e de alguns estudantes falando sobre suas experiências com os cabelos, imaginei ser possível acessar o que Grada Kilomba (2021), teria para nos dizer sobre o cabelo. Assim fizemos, nos aventuramos na leitura de uma sessão do capítulo 11 anunciado anteriormente.

Durante a leitura muitas coisas foram acontecendo a personagem entrevistada relata situações vivenciadas por ela desde a infância, as/os estudantes começaram a se manifestar durante as leituras, para maior aproximação das/os estudantes separamos a leitura em três partes, a cada final da leitura realizávamos discussões e cada estudante fazia seu registro em folha separada. Os registros serviam de análise para que eu pudesse pensar as próximas ações. As falas das/os estudantes também potencializaram os planejamentos, ou seja, a cada desdobramento a partir das discussões dos encontros novas ações eram planejadas, uma prática neste viés não se permite planejamentos fixados tão pouco projetos que visam começo, meio e fim.

Corpos negros intelectuais, outras formas de ser e estar no mundo

Outros modos de olhar para os corpos negros mas uma vez entrou em cena, recorri a um livro do intelectual negro Nei Lopes (2019)12, ao mergulharmos na obra do autor passamos a perceber que para além dos discursos midiáticos existem vários modos de existência e que os corpos negros estão performando a vida de várias formas, detalhe importante uma vez que estava posto a rasura naquilo que podemos dizer ser um imaginário colonial, as/os estudantes puderam perceber para além ao ponto de alguns/as estudantes passarem a se reconhecer negras/os.

> Fico pensando em quantos novos olhares vieram à tona a partir de reflexões feitas em sala, preconceitos quebrados, quantos alunos se viram por uma nova ótica, um exemplo que possa dar, é o da aluna “A”. Ela não se reconhecia como uma menina negra, mas com o passar do tempo, ela passou a se ver sim como sendo negra, olha como isso é incrível, imagino o quão gratificante devem ser para o professor (Bastos, 2023).

11 Capítulo 6 Políticas do cabelo na sessão: Eu e meu cabelo natural - cabelo, mulheres negras e consciência política

12 Nei Lopes é um intelectual negro que traz muitas contribuições para se pensar questões afro-brasieliras e africanas. Neste caso utilizamos o seu livro, Afro-Brasil reluzente: 100 personalidades negras notáveis do século XXI. Nesta obra o autor traz a bibliografia das personalidades, estas nos ajudaram e muita na construção de outros discursos em relação aos corpos negros.

Interessante pensar no que a professora traz, podemos perceber alguns efeitos nas/os estudantes, quando a professora identifica as ações das/os estudantes, de certo modo ela traduz o que está posto nas ações pedagógicas e nas formas das construções discursivas realizadas em sala de aula. Algo que podemos pensar é de que forma os encontros passaram a fazer sentido não só para as/os estudantes, mas sim, para todas/os envolvidos, efeito que não controlamos, mas sentimos no fazer pedagógico de cada dia [...] “preciso dizer que aprendo bastante com as aulas, a cada semana surgem novas reflexões, dúvidas, enfim, sempre novas descobertas acontecem” (Santos, 2023)13.

Seguimos com a companhia de intelectuais negras/os que nos possibilitaram muitas outra reflexão a cada nova leitura as/os estudantes se depararam com lugares e condições não ditas, criando forma e modos de olhar para aquilo que estava sendo apresentado muitas/os estudantes começam a trazer falas importantes para os encontros.

- Nossa pro, por que a gente não sabia dessas coisas?
- Eles não querem que a gente fique sabendo?
- Eles quem?
- A, os colonizadores pro!
- Será, o que faz você pensar assim?

A importância de ampliar a discussão com as/os estudantes estão reflexionadas nas linhas acima, o estudante que trouxe as questões foi o mesmo estudante que nos primeiros encontros trouxe a ideia que eu parecia com o personagem Sabia da novela. Após algumas discussões e aproximação de outros discursos, o estudante passa a fazer outros discursos. Em nenhum momento expressei reprovação ao que foi posto anteriormente, pelo contrário, apresentei possibilidades ao longo dos encontros para que as/os estudantes pudessem acessar outros discursos, vale ressaltar que nesta lógica não entra em cena certo e errado não se tem espaço para binarismos pedagógicos.

13 Em muitos momentos a professora relatava ser atravessada pelas questões discutidas com as/os estudantes, chegando a afirmar que os encontros trouxeram contribuições significativas para que ela pudesse acessar questões sobre sua própria negritude.

> Desde que comecei a frequentar a sala pude perceber bastante diferença em relação à didática que é praticada com os estudantes do 3º ano B. Muitas vezes temos o triste pensamento de achar que as crianças não são capazes de realizar determinadas atividades, seja pelo fator da idade, por questões sociais ou por outros diversos motivos (Santos, 2023).

Entre tantas formas de significar sentidos para o que foi trabalhado, tendo em vista a chegada do mês de novembro, junto das/os estudantes realizamos uma roda de conversa para que pudéssemos pensar no que seria feito em relação.

- Vai ter alguma apresentação?

Ao falar para as/os estudantes sobre a proposta vinda da unidade escolar uma estudante se pronunciou de forma enfática

- Por que só falam dos negros em novembro?
- Outras/os também seguiram esta questão e começaram a fazer inúmeras perguntas sobre a data e sobre as discussões realizadas na data.
- É mesmo pro, só agora vão falar do negro? - Nós falamos o ano inteiro...

Pontuei com a turma que as questões levantadas tinham muita relevância e que precisávamos pensar de que forma poderíamos chamar atenção para tal questão, uma vez que julgamos importante. Entre muita conversa, surge a ideia de fazermos um cartaz como forma de provocação, as/os estudantes passaram a pensar frases para colocar no cartaz, surgiram frases de toda ordem, tendo em mente algumas questões que precisavam ser problematizadas e, pensando nas contribuições do intelectual Antonio Cesar Lins Rodrigues apresentei para as/os estudantes um artigo do autor14.

[14] Pós-doutor pela Universidade de São Paulo - USP, o autor traz para centro do debate questões relacionadas à raça, racismo, reverberando em questões étnico-raciais. O texto publicado pelo autor intitulado 1 dia de consciência negra x 364 dias de consciência branca, nos serviu de inspiração para a elaboração da nossa frase do cartaz que ficou com o seguinte dizer: “364 dias de consciência branca x 1 dia de consciência negra. Vale ressaltar que a frase surge por parte dos/as estudantes após tomarem conhecimento do texto do autor em questão. Link: https://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/uploads/20170427133149.pdf

Na aula seguinte começamos a realizar a confecção do cartaz a ideia inicial era colocá-lo no corredor das salas uma das estudantes sinalizou que se estávamos a fim de alertar as pessoas o cartaz deveria ficar fixado no pátio da escola, assim muitas pessoas poderiam ver. Para além do cartaz que seria fixado no pátio, as/os estudantes também fizeram cartazes em pequenos grupos com frases de provocação.







Acervo pessoal





Acervo pessoal



Acervo pessoal

Os cartazes foram fixados no início do mês de novembro, seguimos nas discussões e nas leituras sobre as personalidades negras, tendo em vista a apresentação para as famílias no dia 20 de novembro, apresentei paras as/os estudantes se era possível apresentarmos uma exposição com as personalidades negras que estudamos e com os livros que foram trabalhados ao longo do ano. De imediato as/os estudantes gostaram da ideia e assim fizemos, uma exposição com as personalidades negras estudantes com os livros que foram trabalhados ao longo do ano.



Acervo pessoal

Atravessamentos

A inclusão do tema "corpos negros" no currículo escolar possibilita a promoção de uma educação mais justa e igualitária. Ensinar sobre as diversas representações e experiências de pessoas negras na sociedade, pode contribuir com as/os estudantes à aproximação das questões relacionadas ao racismo. Para além da questão citada as/os estudantes puderam acessar a história, as culturas negras e as várias identidades. Neste contexto, a desconstrução de estereótipos se faz presente a partir da valorização das diferenças e da multiplicidade de corpos e modos de vida dentro da comunidade negra. O debate na escola, se faz condição de visibilizar e fortalecer as diferenças no compromisso com a luta antirracismo e a promoção de um ambiente educacional mais disposto ao diálogo.

Gostaria de agradecer a todos que contribuíram para a realização dos encontros, que reflete a importância da educação antirracista no processo de transformação social. Apesar do pouco envolvimento nas aulas, por exercer outras funções dentro da unidade escolar, pude construir conhecimentos significativos junto aos estudantes. Acompanhei desde o início do ano letivo e, participei de certa forma desse processo de transformação. Com o passar dos meses as/os estudantes passaram a realizar debates, estudos, e questionamentos, produzindo conteúdos relacionados a educação antirracista.

A cada dia que passava as/os estudantes se mostravam pessoas críticas com posicionamentos admiráveis. Apesar da resistência, as/os estudantes se mostraram muito firmes, perseverantes e com muita vontade de aprender, lutando pelos seus direitos. É possível ver tais mudanças através dos trabalhos produzidos por elas/es durante o andamento das discussões. Gostaria de agradecer a oportunidade que tive em participar de aulas que no meu ponto de vista foram enriquecedoras para os alunos e para mim. Participar dos encontros e escrever este relato foi um desafio.

Acessar a condição de mulher negra, assim como a aluna A, me fez entender o meu lugar, contribuindo para que eu pudesse me reconhecer como tal, eu não me achava capaz de produzir conteúdo educacional. Término este trabalho com a certeza de que posso ir mais longe, além de continuar a caminhada em busca de tempos melhores.

Neste contexto, pode-se perceber que não só as/os estudantes foram impactadas/os com as questões discutidas em aula, as ações se fizeram presentes a todo momento sendo elas ponto importante nos efeitos gerados em todas/os que estiveram presentes nos encontros-aulas. Vale ressaltar que tais efeitos não foram e não tem como serem previstos, o que esteve em xeque foram as ações que possibilitaram questionamentos e reflexões e estas se tornaram discursos pulverizados em novos olhares.

Visando uma prática que possibilite mais aproximação dos discursos que estão em circulação, em muitos momentos as/os estudantes foram provocadas por inúmeras questões, como já mencionado, não tinham a intenção de responder e sim de trazer mais e mais questões como forma de ampliar o que estava posto naquele momento. Um prática atenta com as questões e demandas vigentes se faz no dia, dia, na condição de rasura, provocação, questionamento, a final o que pode vir a ser uma prática antirracista?

VIEIRA, André Luis Silva.

A experiência da sala de aula nos ensina, como poucas outras que podemos ter na vida, sobre a convivência com o diferente. Ensina também sobre a importância de ouvir com sinceridade, procurando entender de onde vem o que o outro diz e quais visões de mundo sustentam aquilo que acredita. Sem estar entregue de fato a esse ritual de aprendizado mútuo, não é possível nem aprender e nem tampouco ensinar.

Minha aproximação do Racnegê e do Reatrans tem a ver com uma busca por espaços para dialogar mais sobre certas questões que aparecem com frequência na prática docente e para as quais nossa formação profissional parece não ser suficiente. Dentre elas, o racismo, a homofobia, a transfobia. Isso para não citar uma longa lista de outras faltas de empatia, de tolerância, de respeito e de cuidado com o próximo. Meu objetivo ao participar das reuniões, mais do que qualquer outra coisa, é ouvir as experiências de pessoas que vivem na posição de ser alvo daquelas formas de preconceito. Também é fundamental ouvir de colegas docentes e profissionais da educação em geral como têm lidado com esses desafios em sua prática diária, e compartilhar as tentativas que tenho feito, o que permite a construção coletiva de um repertório, bem como a discussão acerca de erros e acertos com os quais todos aprendemos. Mais do que uma formação profissional, o espaço oferecido pelo Racnegê proporciona uma formação política mais sólida para a construção de uma sociedade efetivamente mais democrática, em que as pessoas possam ser respeitadas, validadas e apoiadas para a dignidade e a cidadania.

Isso tudo se relaciona à minha concepção de que somos sujeitos em constante formação. Esse não é um processo que se encerra algum dia, que encontra um fim. Ninguém pode acordar um dia e dizer “Estou formado, sou um ser humano completo!” Tal condição é verdadeira sobretudo para quem trabalha com educação. A graduação, o mestrado, o doutorado, os cursos de formação continuada, são apenas parte de nosso processo formativo eterno — parte essencial, é claro, pois não é possível ensinar sem rigorosidade no conhecimento científico, como dizia Paulo Freire. Contudo, como também nos ensina o monumental professor brasileiro, educação é um fazer que contempla autoridade, mas sem autoritarismo, e liberdade, mas sem libertinagem.

E quais são as medidas limítrofes entre um comportamento e outro? Como saber se estamos agindo da forma correta? A única possibilidade de nos aproximar de um entendimento disso é compartilhando conhecimento, ouvindo sinceramente, com uma permanente disposição de calibrar nossas práticas visando a fazer de nossa sala de aula um bom ambiente de convivência entre as diferenças.

Ler também é uma forma de ouvir. O Quilombo Racnegê oferece em sua biblioteca inúmeras opções para adentrarmos a reflexão sobre as pautas da diversidade, tanto a partir da perspectiva da literatura, da arte e da criatividade, quanto da perspectiva acadêmica, a partir de obras escritas por pensadores e pensadoras que estão desenvolvendo pesquisa séria e expondo as entranhas de nossa sociedade por meio de suas descobertas. Já tive a oportunidade de acessar algumas daquelas obras, ainda que não necessariamente por meio do acervo do projeto. Dentre elas, destacaria as obras de bell hooks, a pensadora estadunidense — professora de literatura, como eu — que fez a partir dos estudos culturais uma profunda reflexão de como a sociedade retrata as pessoas negras e, desse modo, dá forma simbólica a seus conceitos e preconceitos que definem comportamentos. A disponibilização desse tipo de obra para a nossa comunidade é um grande privilégio, e ainda não tenho certeza o quanto tal acervo tem sido de fato acessado por ela. Parece-me uma urgente frente de trabalho para nós, parceiros e parceiras do projeto, ampliarmos o incentivo, e mesmo a propaganda, da existência desse material ali tão perto de nós, para que ele de fato circule e promova o aprendizado que tem o potencial de promover.

Ainda buscando essa oportunidade de desenvolvimento pessoal e profissional, é necessário lembrar que, como se diz, nem tudo são flores. Mesmo com toda a preocupação em dar o melhor tratamento a situações conflituosas envolvendo essas questões, já tive que enfrentar desafios que pareciam sem saída. Para concluir este relato, gostaria de partilhar uma experiência bastante desafiadora.

Houve uma ocasião em que lecionei em uma turma com uma liderança muito negativa, com estudantes comparativamente frágeis que a seguiam e, do outro lado, uma minoria que não se alinhava a eles, mas tinha grande dificuldade de se impor. “Piadas” preconceituosas em aula, ofensas nos grupos

de WhatsApp e palavras desrespeitosas para se referir aos colegas eram comuns. Diante de uma situação específica que ocorreu em uma aula minha — em que um aluno referiu-se de forma racista a um outro —, vi que seria necessária uma intervenção pedagógica mais sistemática. Preparei uma sequência didática em que trabalhei o documentário O Riso dos Outros, de Pedro Arantes, que trata da problemáticas das piadas preconceituosas; a leitura de trechos do livro Racismo Recreativo, de Adilson Moreira; discussões e produção de reflexão escrita. Embora meu posicionamento claro contra esse tipo de comportamento já fosse evidente para a turma, inclusive por meio de diversas conversas no sentido de desestimulá-lo, os eventos reiteradamente ocorridos demandaram um tratamento que parecesse mais direto. Ao longo da sequência didática, observei a participação ativa de muitos estudantes interessados em refletir sobre o tema, embora simultaneamente eu tenha reparado que vários escapavam da discussão, ou até mesmo da aula, não entrando em sala no horário correto. Consegui fazer parcerias com outra professora e uma pedagoga, que me apoiaram e na medida do possível fizeram intervenções no mesmo sentido educativo. Ao final, eu diria que o balanço foi positivo. Contudo, os relatos que me chegam é de que essa turma ainda apresenta predominância de comportamentos intolerantes. Isso é evidência de um fato que, afinal, é um pouco óbvio: o de que a construção do letramento racial e da educação para o respeito à diversidade é de fato um processo lento, desgastante, nem sempre progressivo, mas muito necessário.

Nesse trabalho específico, estar nas reuniões do Racnegê e do Reatrans foi bastante inspirador. Além de reafirmar minha certeza de estar no caminho certo, as reuniões me proporcionaram ideias frescas e novas perspectivas para olhar para o problema e atuar de forma realmente educativa e formativa para com aqueles estudantes.

Dessa maneira, é inegável que é muito grande a importância desse centro de construção de conhecimento sobre o respeito, a cidadania, a dignidade e os direitos que todas as pessoas têm. Esse é o caminho para a construção de uma escola e uma sociedade mais justas e democráticas.

VILAÇO, Fabiana de Lacerda.

02

AÇÕES

SINOPSE

As ações descritas a seguir integram a história do Grupo de Pesquisas Raça, Culturas Negras e Gêneros e da Rede Antitransfobia. Elas englobam um conjunto de atividades como: calendários de reuniões com os textos estudados, palestras, *lives*, mesas-redondas etc. todas com foco nas temáticas referentes aos objetos de estudo pesquisados e discutidos.

Algumas das ações realizadas sob a forma de palestras, mesas-redondas etc. terão suas transcrições no **Capítulo 3**, dedicado às transcrições dos eventos.

Esse capítulo ajudará você leitora(or) a ter uma dimensão real do que temos realizando durante esse tempo de existência. Espera-se que as referências de textos e eventos possam servir como referência de consulta, não somente acadêmicas, mas também para toda a população que queira ter acesso a alguns modos de se trabalhar com pesquisa e disponibilizando possibilidades que, quiçá, tornem-se vias de acesso ao trânsito nas temáticas que envolvem os grupos impactados pelas desigualdades de raça e gênero. Em sequência, apresentaremos os calendários de reuniões do RACNEGÊ, seguido dos eventos realizados pelo grupo. Finalizaremos com o calendário de encontros do REATRANS, seguido dos eventos promovidos.

NOSSAS PRODUÇÕES

PESQUISAS

2018 – Relações raciais e o desempenho discente em matemática nos anos iniciais das escolas da comunidade local do IFSP – PIBISF.

2019 – As escolas de educação infantil de Cubatão e a criação da autoimagem e autoestima das crianças negras. SIGPROJ Proex.

2020-2021 – Caleidoscópio racial escolar ofuscado: à quantas andam os processos de engendramentos das identidades negras nas escolas de Educação Infantil de Praia Grande? PIBIC.

2022 – Calidoscópio racial escolar: à quantas andam os processos de engendramentos das identidades negras nas escolas de Educação Infantil de Praia Grande? – 2ª fase. PIBIC.

2023 – A Produção da Representação do feminino na escola: quais ideias de "ser menina negra" estão presentes nos anos iniciais do ensino fundamental das escolas de São Vicente- SP? PIBIC.

2023 – CURRÍCULOS DE PEDAGOGIA DAS INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO SUPERIOR DA BAIXADA SANTISTA E AS RELAÇÕES RACIAIS: reflexos nas práticas docentes e nas crianças negras das redes municipais de São Vicente e Praia Grande – PIBIC-AF/CNPq.

2024 – Gênero e sexualidade nos anos iniciais do ensino fundamental: o que nos dizem os Projetos Políticos Pedagógicos e o Referencial curricular do município de Santos -SP?
Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica e Tecnológica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo - Edital de Pesquisa

NOSSAS PRODUÇÕES

2019

ENCONTROS COM AS DIFERENÇAS – sugerida outra palestra de Afroempeendedorismo.

Mini seminários de educação em direitos humanos

Mini curso de pesquisa etnográfica da prática escolar

QUILOMBAGENS.
Mini seminários de educação em direitos humanos

NOSSAS PRODUÇÕES

EVENTOS REALIZADOS

2020

I SEMANA RACNEGÊ "Corpos no Mundo, Mundo nos Corpos: as contribuições em trocas – Maria Ileana Fuguaga Iglesias".

I SEMANA RACNEGÊ – palestra das professoras doutoras Renata Gonçalves – UNIFESP e Mirian Alves – UFPeL.

I SEMANA RACNEGÊ – palestra com o pedagogo e dirigente partidário Everton Vieira.

I SEMANA RACNEGÊ – palestra com a professora Adriana Vasconcelos.
I SEMANA RACNEGÊ – mesa-redonda entre os membros do grupo de pesquisas RACNEGÊ.

ESPAÇO RACNEGÊ "Jogos Interculturais na Matemática".
Mostra multidisciplinar 2020

XX ENDIPE – RIO 2020
Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino
Fazeres-Saberes Pedagógicos: diálogos, insurgências e políticas.
Minicurso - A DESCOLONIZAÇÃO DO CURRÍCULO E AS POSSIBILIDADES DE EXISTÊNCIA: negritudes em pauta.

2021

ESPAÇO RACNEGÊ "Uma conversa sobre as relações raciais e gêneros na escola com o Grêmio Estudantil Carolina Dantas".

ESPAÇO RACNEGÊ "Intolerância Religiosa, Racismo Estrutural e Educação: reflexões para além dos tempos de pandemia".

Mostra Multidisciplinar 2021



NOSSAS PRODUÇÕES

EVENTOS REALIZADOS

2024

Evento

Congresso de Acessibilidade e Inclusão ano 2024 – CAIE. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – Campus CubatãoPalestra "A escola e os corpos conflitantes: o combate ao racismo e LGBTfobia no ambiente escolar." Professor Doutor Cesar Rodrigues.

21º Semana Nacional da Ciência e Tecnologia, Semana da Licenciatura em Matemática – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – Campus Cubatão. Palestra "Movimento LGBT e Educação Matemática", Professor Doutor Cesar Rodrigues.

AQUISIÇÃO DE EMENDAS PARLAMENTARES

2022/2024

2023 – Instalação do Laboratório "Quilombo RACNEGÊ", a sede do Grupo de Pesquisas Raça, Culturas Negras e Gêneros – RACNGÊ, por meio de Emenda Parlamentar adquirida com o então Deputado Alexandre Padilha do Partido dos Trabalhadores – PT, atual Ministro de Estado da Pasta Saúde.

2024 – Instalação do 1º Laboratório de Produção de Mídias "Quilombagens em REDE" de acesso gratuito para a população da Região Metropolitana da Baixada Santista, por meio da Emenda Parlamentar da Deputada Federal Sâmia Bonfim do Partido Socialismo e Liberdade – PSOL.

TEXTOS LIDOS, DISCUTIDOS E ANALISADOS
ENCONTROS QUINZENAIS 2018

A PRODUÇÃO SOCIAL DA IDENTIDADE E DA DIFERENÇA

TOMAZ TADEU DA SILVA

"PEDAGOGIAS DA RACIALIDADE: MODOS DE SE CONSTITUIR CRIANÇAS NEGRAS EM ESCOLAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL DO BRASIL", POR LENI VIEIRA DORNELLES Y CIRCE MARA MARQUES

UMA ABORDAGEM CONCEITUAL DAS NOÇÕES DE RAÇA, RACISMO, IDENTIDADE E ETNIA-KABENGUELE MUNANGA

TEXTOS LIDOS, DISCUTIDOS E ANALISADOS
ENCONTROS QUINZENAIS - 2019

FEVEREIRO
06
1. PRIVATIZAÇÃO E MILITARIZAÇÃO: AMEAÇAS RENOVADAS À GESTÃO DEMOCRÁTICA DA ESCOLA PÚBLICA - TARES DO ESTADO DE GOIÁS

DIFERENCIAL DE DESEMPENHO DAS ESCOLAS MILITARES: BONS ALUNOS OU BOA ESCOLA?

FEVEREIRO
22
3. ESCOLA E DEMOCRACIA SAVIANI - CAP I AS TEORIAS DA EDUCAÇÃO E O PROBLEMA DA MARGINALIDADE

MARÇO
06
4. PNBE 2010 - PERSONAGENS NEGROS COMO PROTAGONISTAS "QUE COR É A MINHA COR? A AUTOIDENTIFICAÇÃO RACIAL DAS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL
QUE COR É A MINHA COR? A AUTOIDENTIFICAÇÃO RACIAL DAS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

ABRIL
12
5. NILMA LINO GOMES - CULTURA NEGRA E EDUCAÇÃO

MAIO
03
6. NILMA LINO GOMES - EDUCAÇÃO, IDENTIDADE NEGRA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS: UM OLHAR SOBRE O CORPO NEGRO E O CABELO CRESPO

MAIO
17
7. NILMA LINO GOMES - O MOVIMENTO NEGRO NO BRASIL: AUSÊNCIAS, EMERGÊNCIAS E A PRODUÇÃO DOS SABERES

MAIO
31
8. ANTONIO FLAVIO BARBOSA MOREIRA E VERA MARIA CANDU - EDUCAÇÃO ESCOLAR E CULTURA(S): CONSTRUINDO CAMINHOS

JUNHO
28
9. BELL HOOKS - PEDAGOGIA ENGAJADA CAP I - IN ENSINANDO A TRANSGREDIR

AGOSTO
13
9. A EMERGÊNCIA DO "GÊNERO" 14 A MULHER VISÍVEL. GÊNERO, SEXO E SEXUALIDADE. DESCONSTRUINDO E PLURALIZANDO OS GÊNEROS. IN: GÊNERO, SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO UMA PERSPECTIVA PÓS-ESTRUTURALISTA - GUACIRA LOPES LOURO

SETEMBRO06
10. GÊNERO, SEXUALIDADE E PODER 37 DIFERENÇAS E DESIGUALDADES: AFINAL, QUEM É DIFERENTE? IN: GÊNERO, SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO UMA PERSPECTIVA PÓS ESTRUTURALISTA - GUACIRA LOPES LOURO

SETEMBRO
20
11. A CONSTRUÇÃO ESCOLAR DAS DIFERENÇAS 57 A ESCOLARIZAÇÃO DOS CORPOS E DAS MENTES. A FABRICAÇÃO DAS DIFERENÇAS. SEXISMO E HOMOFOBIA NA PRÁTICA EDUCATIVA. IN: GÊNERO, SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO UMA PERSPECTIVA PÓS-ESTRUTURALISTA - GUACIRA LOPES LOURO

OUTUBRO
04
12. O GÊNERO DA DOCÊNCIA 85 MAGISTÉRIO: UM TRABALHO "FEMININO"? REPRESENTAÇÕES DE PROFESSORES E PROFESSORAS. IN: GÊNERO, SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO UMA PERSPECTIVA PÓS-ESTRUTURALISTA - GUACIRA LOPES LOURO.

OUTUBRO
18
13. PRÁTICAS EDUCATIVAS FEMINISTAS 110 PEDAGOGIAS FEMINISTAS: ARGUMENTOS E CRÍTICAS. POR UMA PRÁTICA EDUCATIVA NÃO SEXISTA. EDUCAÇÃO SEXUAL: QUE FAZER? IN: GÊNERO, SEUALIDADE E EDUCAÇÃO UMA PERSPECTIVA PÓS-ESTRUTURALISTA - GUACIRA LOPES LOURO

NOVEMBRO
01
14. UMA EPISTEMOLOGIA FEMINISTA 142 DESAFIOS E SUBVERSÕES. TENSÕES E ALIANÇAS. IN: GÊNERO, SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO UMA PERSPECTIVA PÓS-ESTRUTURALISTA - GUACIRA LOPES LOURO

NOVEMBRO
22
15. A IDENTIDADE EM QUESTÃO 07 TRÊS CONCEPÇÕES DE IDENTIDADE. O CARÁTER DA MUDANÇA NA MODERNIDADE TARDIA. O QUE ESTÁ EM JOGO NA QUESTÃO DAS IDENTIDADES? 2. NASCIMENTO E MORTE DO SUJEITO MODERNO 23 DESCENTRANDO O SUJEITO. IN: A IDENTIDADE CULTURAL NA PÓS MODERNIDADE - STUART HALL

TEXTOS LIDOS, DISCUTIDOS E ANALISADOS
ENCONTROS QUINZENAIS 2021

MARÇO
26
IDENTIDADE EM QUESTÃO - LIVRO "IDENTIDADE CULTURAL NA PÓS-MODERNIDADE" - STUART HALL.

ABRIL
09
NASCIMENTO E MORTE DO SUJEITO MODERNO - LIVRO "IDENTIDADE CULTURAL NA PÓS-MODERNIDADE" - STUART HALL.

ABRIL
23
AS CULTURAS NACIONAIS COMO COMUNIDADE IMAGINADA - LIVRO "IDENTIDADE CULTURAL NA PÓS-MODERNIDADE" - STUART HALL.

MAIO
07
GLOBALIZAÇÃO - LIVRO "IDENTIDADE CULTURAL NA PÓS-MODERNIDADE" - STUART HALL.

MAIO
21
O GLOBAL, O LOCAL E O RETORNO DA ETNIA - LIVRO "IDENTIDADE CULTURAL NA PÓS-MODERNIDADE" - STUART HALL.

JUNHO
04
FUNDAMENTALISMO, DIÁSPORA E HIBRIDISMO - LIVRO "IDENTIDADE CULTURAL NA PÓS-MODERNIDADE" - STUART HALL.

AGOSTO
27
IDENTIDADE E DIFERENÇA: UMA INTRODUÇÃO TEÓRICA E CONCEITUAL - LIVRO "IDENTIDADE E DIFERENÇA NA PERSPECTIVA DOS ESTUDOS CULTURAIS". TOMAZ TADEU DA SILVA

SETEMBRO
10
PENSANDO A DIÁSPORA: REFLEXÕES SOBRE A TERRA NO EXTERIOR - LIVRO "DA DIÁSPORA". STUART HALL.

SETEMBRO
24
QUE NEGRO É ESSE NA "CULTURA NEGRA" - - LIVRO "DA DIÁSPORA". STUART HALL.

TEXTOS LIDOS, DISCUTIDOS E ANALISADOS
ENCONTROS QUINZENAIS 2022

LIVRO: NECROPOLÍTICA - ACHILLE MBEMBE

MARÇO
04
DISCUSSÃO DAS ESTRATÉGIAS DA PESQUISA "CALEIDOSCÓPIO RACIAL ESCOLAR: A QUANTAS ANDAM OS PROCESSOS DE ENGENDRAMENTOS DAS IDENTIDADES NEGRAS NAS ESCOLAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL DE PRAIA GRANDE? - 2ª FASE.

MARÇO
18
POLÍTICA O TRABALHO DA MORTE E O "DEVER DO SUJEITO. LIVRO "NECROPOLÍTICA" - ACHILLE MBEMBE.

ABRIL
01
O BIOPODER E A RELAÇÃO DE INIMIZADE. LIVRO "NECROPOLÍTICA" - ACHILLE MBEMBE.

ABRIL
22
NECROPODER E A OCUPAÇÃO COLONIAL NA MODERNIDADE TARDIA. LIVRO "NECROPOLÍTICA" - ACHILLE MBEMBE.

MAIO
06
MÁQUINAS DE GUERRA E HETERONOMONIA. LIVRO "NECROPOLÍTICA" - ACHILLE MBEMBE.

JUNHO
03
DE GESTO E DO METAL. LIVRO "NECROPOLÍTICA" - ACHILLE MBEMBE.

LIVRO: CULTURA E REPRESENTAÇÃO - STUART HALL
CAPÍTULO I - O PAPEL DA REPRESENTAÇÃO

AGOSTO
26
1. REPRESENTAÇÃO, SENTIDO E LINGUAGEM

SETEMBRO
09
2. DA LINGUAGEM À CULTURA: DA LINGUÍSTICA À SEMIÓTICA

SETEMBRO
23
3. DISCURSO, PODER E SUJEITO

OUTUBRO
07
4. ONDE ESTÁ O "SUJEITO"?
5. CONCLUSÃO: REPRESENTAÇÃO, SENTIDO E LINGUAGEM RECONSIDERADOS

CAPÍTULO II - O ESPETÁCULO DO "OUTRO"

OUTUBRO
21
6. RACIALIZANDO O "OUTRO"
7 A ENCENAÇÃO DA "DIFERENÇA" RACIAL: "É A MELODIA DEMOROU-SE..."

NOVEMBRO
04
8. A ESTEREOTIPAGEM COMO PRÁTICA DE PRODUÇÃO DE SIGNIFICADOS

NOVEMBRO
18
9. CONTESTAÇÃO DE UM REGIME RACIALIZADO DE REPRESENTAÇÃO

6. CONCLUSÃO

DEZEMBRO
02
DISCUSSÃO DA PESQUISA (LEITURA ENCERRADA)

DEZEMBRO
09
AVALIAÇÃO DO SEMESTRE
LEITURAS COMPLEMENTARES: DOCUMENTOS DE IDENTIDADE, IDENTIDADE E DIFERENÇA (TOMAZ TADEU DA SILVA), A IDENTIDADE CULTURAL NA PÓS-MODERNIDADE, DA DIÁSPORA (STUART HALL)

TEXTOS LIDOS, DISCUTIDOS E ANALISADOS
ENCONTROS QUINZENAIS 2023

MARÇO
24
RAÇA E EDUCAÇÃO INFANTIL: À PROCURA DE JUSTIÇA
NILMA LINO GOMES

ABRIL
14
A CRIANÇA NEGRA NO COTIDIANO ESCOLAR
SARA MOSTINHO

ABRIL
28
QUE INFÂNCIA É ESTA?
MARIA ISABEL EDELWEISS BUJES

MAIO
11
ESPAÇO ESCOLAR E DISCRIMINAÇÃO:
SIGNIFICADOS DE GÊNERO E RAÇA ENTRE CRIANÇAS
TÂNIA MARA CRUZ

MAIO
26
NECROPOLÍTICA, GOVERNO SOBRE AS INFÂNCIAS NEGRAS E EDUCAÇÃO DO ROSTO
DIVINO JOSÉ DA SILVA;JONAS RANGEL DE ALMEIDA; PEDRO ANGELO PAGNI.

JUNHO
16
"NÃO É NENÊ, ELA É PRETA": EDUCAÇÃO INFANTIL E PENSAMENTO INTERSECCIONAL. FLÁVIO SANTIAGO

AGOSTO
18
ANÁLISE DE CONTEÚDO EM PESQUISA QUALITATIVA: MODO DE PENSAR E DE FAZER
JOSÉ RAUL DE SOUSA E SIMONE CABRAL MARINHO DOS SANTOS

SETEMBRO
01
DISCUSSÃO DOS DADOS DA PESQUISA A PARTIR DO REFERENCIAL DO TEXTO "ANÁLISE DE CONTEÚDO EM PESQUISA QUALITATIVA: MODO DE PENSAR E DE FAZER" DE JOSÉ RAUL DE SOUSA E SIMONE CABRAL MARINHO DOS SANTOS

SETEMBRO
15
ANÁLISE INICIAL DOS DADOS DA PESQUISAS: DEPOIMENTOS DAS PROFESSORAS E DAS/DOS DISCENTES.

OUTUBRO
06
CONSTRUÇÃO DAS CATEGORIAS INICIAIS A PARTIR DOS REFERENCIAIS DO SUBTÍTULO 3 DO TEXTO "COMO CRIAR E CLASSIFICAR CATEGORIAS PARA FAZER ANÁLISE DE CONTEÚDO: UMA QUESTÃO METODOLÓGICA" DOS AUTORES MARCIO C. CARLOMAGNO E LEONARDO CAETANO DA ROCHA

TEXTOS LIDOS, DISCUTIDOS E ANALISADOS
ENCONTROS QUINZENAIS 2024

MARÇO
01
PRÁTICAS DOCENTES E RELAÇÕES ÉTNICO RACIAIS: REFLEXOS DA SOCIEDADE BRASILEIRA.

MARÇO
15
FORMAÇÃO DOCENTE NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA
COMO PRÁTICA SOCIAL. SOUSA; SOUSA; CARVALHO E SILVEIRA.

ABRIL
05
"RAÇA" E RACISMO ESTRUTURAL: (RE)PENSANDO A FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA EDUCAÇÃO BÁSICA. RODRIGUES E BRÉDER.

ABRIL
12
PRÁTICAS ANTIRRACISTAS NA FORMAÇÃO DOCENTE: RUPTURAS EPISTEMOLÓGICAS E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES EM DISCURSOS ACADÊMICOS DISCENTES - ALMEIDA; SOUZA E GIORGI

MAIO
03
ESCREVIVÊNCIAS: POSSIBILIDADES DE UMA EDUCACIÓN ANTIRRACISTA. OLIVEIRA; PEDROSA E PULINO.

MAIO
17
EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: UM CONVITE À INSUBORDINAÇÃO CRIATIVA. FARIAS, LINS E BRIÃO.

MAIO 31
A LEI 10.639/03 COMO ORIENTAÇÃO POLÍTICO-PEDAGÓGICA PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NA ESCOLA.
POSSIBILIDADES PARA DECOLONIZAÇÃO DO CURRÍCULO. FERREIRA; TELES E ARAÚJO.

OUTUBRO
04
DENEGRENDO A EDUCAÇÃO: UM ENSAIO FILOSÓFICO PARA UMA PEDAGOGIA DA PLURIVERSALIDADE. RENATO NOGUEIRA

OUTUBRO
18
O GÊNERO NEGRO: APONTAMENTOS SOBRE GÊNERO, FEMINISMO E NEGRITUDE. DANUSIA DE ANDRADE FERNANDES

NOVEMBRO
01
MEMÓRIAS DA PLANTAÇÃO - CAP 6 POLÍTICAS DO CABELO. GRADA KILOMBA

NOVEMBRO
22
TRAJETÓRIAS ESCOLARES, CORPO NEGRO E CABELO CRESPO: REPRODUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS OU RESSIGNIFICAÇÃO CULTURAL? NILMA LINO GOMES

DEZEMBRO
06
COLONIZAÇÃO, QUILOMBOS: MODOS E SIGNIFICADOS - CAP 1 INVASÃO E COLONIZAÇÃO. ANTONIO BISPO DOS SANTOS

DEZEMBRO
13
AVALIAÇÃO DO SEMESTRE

03

TRANSCRIÇÃO DOS EVENTOS

A seguir, apresentamos os principais eventos realizados pelo Grupo de Pesquisas RACNEGÊ e pela Rede-Antitransfobia - REATRANS transmitidos ao vivo no período de 2020 a 2024 .

É importante ressaltar que as transcrições foram feitas com o auxílio direto da Inteligência Artificial. Por isso, na maioria das vezes, são literais, **capturando interjeições e a linguagem coloquial.** As marcações de tempo das falas foram mantidas como referência, permitindo maior exatidão para quem desejar pesquisar, por curiosidade ou qualquer outro motivo.

As(os) palestrantes, de diversos níveis acadêmicos ou não, tiveram uma inestimável contribuição para que pudéssemos atingir o nível de produção apresentado, sendo de fundamental importância para essa construção.

A equipe de organização do livro, assim como as(os) demais participantes do RACNEGÊ e do REATRANS aproveitam esse momento para prestar as devidas homenagens e agradecimentos por todas as colaborações.

Ao lado do título de cada transcrição, há um QR Code do respectivo vídeo, para que as pessoas interessadas possam assisti-lo da maneira mais prática e rápida possível.

Uma boa leitura a todas, todos e todes.

Evento
Live - Espaço RACNEGÊ O papel da Mulher Negra na construção sócio-histórica do Samba. Doutora Claudia Alexandre. https://www.youtube.com/watch?v=p1hjVVC5pfs&t=435s - 13 de agosto de 2020.



É uma live de comemoração dos 3 anos de história do grupo de pesquisa Raça, Cultura Negra e Gênero – RACNEGÊ, e temos a honra de receber Cláudio Alexandre, uma grande amiga, mestra e doutoranda em Ciências da Religião pela PUC de São Paulo. Para quem não sabe, ele foi a primeira pessoa institucionalmente a mapear os Quilombos aqui do Brasil, na época do governo Fernando Henrique Cardoso. Ela é uma pessoa que viveu problemas e enfrentou barulho para o movimento, de extrema valia para o samba, para as culturas negras e para as questões das relações étnico-raciais.
03:30 A pressão é ruim, mas às vezes uma cana deixa ela forte. Tem muita bagagem, muito tempo de estudo para ser contemplado. Sua presença aqui é essencial. Somos amigos espirituais em outras dimensões também, mas não só isso. Claudinha, sua presença é uma grande honra! Nossa amizade se fortalece. Seja bem-vinda, Claudinha.
04:29 Boa noite, boa noite, César! Eu fico até envergonhada, mas vamos lá. O grupo RACNEGÊ, do qual faço parte, me acolhe e estou em falta com vocês, mas acompanho à distância. Você sabe como está a correria na minha vida acadêmica e profissional. Tenho certeza de que vocês me perdoam. Também quero saudar as pessoas que estão começando a chegar na live e agradecer a você. Nossa amizade e irmandade construíram este tema tão precioso para mim. Como estudiosa do samba, como mulher negra no samba, isso é muito significativo.
05:07 Hoje estamos em um momento importante. Mulheres negras que trabalham com o samba estão cada vez mais ganhando espaço, assim como acontece no futebol e em outras manifestações da cultura afro-brasileira, especialmente o samba. Quando falamos de machismo e sexismo, da discriminação e do preconceito contra o trabalho feminino e a mulher no samba, temos muito o que discutir. Essa questão especial reflete o lugar que a mulher negra está conquistando.
05:51 Restituir a história do samba foi apenas o começo. Opa!
Então, inicio a construção dessa provocação: pensar sobre o samba como um ambiente extremamente machista, segregador, racista e até homofóbico. O sambista nasce e se forma nesse cenário. Mas a questão é: como os tensionamentos tomam forma? Como nos levam à reflexão sobre o que oferecemos enquanto agentes dessa cultura?

É muito relevante olhar para a frente e pensar na influência dos sambistas na transformação de suas próprias vidas. Mas aqui entra a grande questão: como é ser uma sambista nesse ambiente? Essa provocação traz luz à reflexão. Que seja um ponto de partida para lembrarmos de toda a genealogia da exclusão e da resistência.

07:41 Agora, quero trazer alguns pontos para reflexão e discussão, César. Se as pessoas quiserem participar e mandar perguntas, podemos respondê-las.

Minha intenção é buscar todo o histórico da presença da mulher negra dentro desse contexto, a partir do tema robusto que você trouxe para nosso encontro. Precisamos debater a resistência feminina no samba e entender como, hoje, a mulher negra sofre com a subvalorização, o silenciamento e a tentativa de apagamento de um espaço que sempre ocupou como protagonista.

Não se pode contar a história do samba sem destacar sua constituição, a proteção de suas redes e seu desenvolvimento como manifestação cultural, onde a presença da mulher sempre foi essencial.

08:57 Quando falamos da história do Brasil e dos sambas, já começamos reconhecendo o samba como uma manifestação de matriz africana, carregada dos valores civilizatórios afro-brasileiros. Desde a sua formação, mulheres negras desempenharam um papel fundamental e ancestral.

Se entendermos que em algum momento essas mulheres tiveram protagonismo, podemos compreender que hoje elas lutam politicamente para restituir esse lugar de centralidade nas manifestações do samba. E, por isso, devemos falar no plural: "sambas", pois esse complexo cultural é diverso e múltiplo.

09:33 A herança e as memórias africanas se manifestaram através dos corpos negros, que carregaram experiências mantidas na musicalidade, ritualidade, religiosidade, sociabilidade e energia vital, além das memórias negras. Tudo isso ocorreu com a presença marcante das mulheres negras.

Se olharmos para a história do samba, veremos o quanto essas mulheres foram fundamentais.

10:12 A formação de redes de sociabilidade, como mencionei anteriormente, ocorre tanto por meio de trocas de bens simbólicos e materiais, resultando em ajuntamentos, transmissão de experiências negras e ressignificações. As mulheres, nesses espaços, reivindicavam o sentido de família e herança ancestral nos encontros coletivos. Isso se manifesta na formação das irmandades negras, nos batuques, nas rodas de samba, nos candomblés, nos ranchos, nos blocos carnavalescos, nos cordões e, finalmente, nas escolas de samba—expressões culturais que o feminino ajudou a criar.

10:52 Não há dúvida sobre isso. Basta acessarmos documentos históricos,

acervos da cultura afro-brasileira e também as práticas festivas de integração. Quando falamos do negro na rua, do corpo negro na rua, observamos a presença marcante das mulheres negras escravizadas. Entre elas, destacam-se as mulheres de ganho, as ganhadeiras, as negras de tabuleiro, as vendedoras de manifestações fundamentais para que essa tradição continue viva. O samba se mantém graças à presença das mulheres negras.

Quando falo em memórias, muitas dessas memórias ainda estão vivas. Contudo, foram marginalizadas e desvalorizadas. Agora, precisamos falar sobre as narrativas da história do samba.

11:29 A presença feminina se fortalece nas ruas, especialmente quando analisamos as manifestações festivas dos negros. Antes da abolição, algumas dessas celebrações eram permitidas, mas no pós-abolição passaram a ser controladas. Ainda dentro das memórias, encontramos, em várias partes do Brasil, heranças deixadas por mulheres sambadeiras, cantadeiras, versadeiras e tocadoras de prato com faca.

12:05 Recentemente, houve uma polêmica envolvendo esse instrumento. Durante uma live, um crítico cultural da revista Rolling Stone comentou que o filho de Caetano Veloso pegou o prato e a faca para tocar, alegando que isso era um improviso, pois um instrumento havia sido esquecido. Essa visão revela racismo estrutural operando na mentalidade de um veículo de comunicação e desinformação sobre uma cultura tradicional e de raiz negra.

O prato e a faca não são meros instrumentos improvisados; são parte de uma tradição profundamente ligada à cultura afro-brasileira e à presença das mulheres no samba.

12:49 Historicamente, o prato e a faca foram usados pelos negros na criação de seu samba de roda. Ainda hoje, esse instrumento está presente não só no samba de roda do Recôncavo Baiano—onde é amplamente utilizado por homens e mulheres—mas também foi levado pelos negros para o Rio de Janeiro.

13:26 Para compreender essa cultura, é necessário ter conhecimento, vivência e interesse genuíno. A análise superficial, como ocorreu com o crítico da Rolling Stone, ignora toda a carga histórica do instrumento e sua importância. A rápida resposta de Caetano Veloso evidenciou isso, quando ele gravou um vídeo sobre o assunto.

Além disso, eu mesma fiz uma crítica a essa visão equivocada, mencionando uma sambadeira do Recôncavo que está atualmente em São Paulo, onde trabalha com o som do samba de roda. Ela é cantora no bloco Ilú Obá De Min, uma das fundadoras do grupo e grande amiga, Duda.

14:06 Há uma iniciativa muito importante em São Paulo trazendo informações

sobre o samba de roda da Bahia e destacando a presença da mulher negra nessa manifestação. Hoje, inclusive, foi feito um comentário sobre a desinformação do jornalista que falou sobre o prato e a faca.

Espalhadas pelo Brasil, há mulheres tocando prato e faca, pandeiro, viola e compondo sambas de roda. Elas são versadeiras, pastoras, cantoras e compositoras que sempre estiveram presentes na construção do samba.

14:45 Ao longo dessa análise, trarei alguns pontos para refletirmos sobre o que aconteceu com o protagonismo das mulheres. Elas seguem realizando manifestações fundamentais para que essa tradição continue viva. O samba se mantém graças à presença das mulheres negras.

Quando falo em memórias, muitas dessas memórias ainda estão vivas. Contudo, foram marginalizadas e desvalorizadas. Agora, precisamos falar sobre as narrativas da história do samba.

15:20 Para mim, o samba, enquanto expressão cultural negra e de matriz africana, é feminino. Não tenho dúvida disso. Porém, quando se tornou um produto nacional, passou a ser masculinizado, especialmente a partir da era Vargas, na década de 1930, período marcado pela política de branqueamento e pela apropriação da cultura negra pela indústria cultural.

15:58 Na década de 1930, houve perseguição a diversas manifestações afro-brasileiras, como batuques, capoeira, candomblé e macumba. Isso também afastou a mulher negra da centralidade do samba. A apropriação cultural transformou a tradição em mercadoria, removendo sua essência. A mulher, que era protagonista, começou a ser silenciada e teve que lutar contra seu apagamento.

16:38 O samba só passou a ser aceito no Rio de Janeiro quando deixou de ser uma expressão cultural negra e foi institucionalizado como um produto nacional, especialmente sob a política populista de Vargas. Para ser aceito pela indústria cultural, o samba teve que se enquadrar em padrões impostos pelo mercado, e isso impactou diretamente o papel das mulheres negras.

17:20 Nesse momento, as mulheres perderam protagonismo e passaram à margem da história, enfrentando o apagamento total de sua presença no universo do samba. Esse apagamento envolveu não apenas figuras históricas, mas também subjetividades e experiências que foram silenciadas.

18:01 Alguém pode dizer que ainda existem mulheres negras no samba—como as passistas das escolas, historicamente chamadas de "mulatas", ou as baianas das alas tradicionais. No entanto, essa visibilidade imposta às mulheres negras no samba vem carregada de estereótipos e objetificações, retirando delas o papel central na construção desse universo cultural.

18:42 Um exemplo recente que vale destacar foi a vitória da escola de samba Viradouro, que levou à avenida o enredo Alma Lavada, de Marcos Ferreira e Tarcísio Zanon. O tema homenageava as Ganhadeiras de Itapuã, grupo de mulheres que preserva a memória das lavadeiras do litoral baiano.
Essa história deveria ser amplamente conhecida, mas foi apresentada como uma "descoberta". Houve até uma matéria de jornal afirmando que a Viradouro "revelou" a história das primeiras feministas do Brasil—quando, na realidade, o Brasil sempre negligenciou e apagou essas narrativas.
19:21 O Brasil se surpreendeu com o samba-enredo da Viradouro como se essa história tivesse surgido em 2020, quando, na verdade, remonta ao século XVIII. Isso revela o desconhecimento do Brasil sobre si mesmo e sobre a história das mulheres negras que moldaram o samba.
20:01 Os enredos de escolas de samba ajudam a trazer de volta histórias negras que não aprendemos na escola, o que nos leva à pedagogia do samba. Esse tema é fundamental para entender a construção da identidade brasileira e como a cultura negra é frequentemente invisibilizada.
2**0:59** O estudo do samba envolve múltiplos objetos de análise. Eu mesma estudo o samba dentro de uma abordagem que reflete sobre corpo negro e suas representações. Quando esse corpo é excluído ou marginalizado, enfrentamos preconceitos estruturais e desafios para o reconhecimento de sua relevância cultural.
21:52 As mulheres negras lidam com barreiras estruturais em diversas frentes—no trabalho, no movimento feminista, na política e na arte. Setores profissionais e espaços de representação muitas vezes invisibilizam suas contribuições.
A resistência da mulher negra no samba é apagada pela indústria cultural, e sua luta contra a invisibilidade se torna um enfrentamento constante. É um ciclo histórico que precisa ser rompido para que a centralidade das mulheres negras na cultura brasileira seja devidamente reconhecida.
22:58 A capitalização da ideia do samba pelo exótico tem sido um fenômeno recorrente ao longo dos anos.
Sobre os participantes, eu não consigo visualizar quem está presente, mas você pode me dizer quem está interagindo. Boa noite para todos!
23:47 Quero destacar a presença de Juliana Barbosa, que faz parte do grupo Academia e Casa do Samba. Ela escreveu um livro sobre Nelson Sargento e tem uma pesquisa maravilhosa.
Juliana precisa conversar com você sobre sua pesquisa, que é incrível. Além dela, temos Maria Helena, Isabel e outros participantes.
25:12 O samba é um movimento complexo e cheio de nuances. Muitas vezes,

enfrenta desafios impostos por estruturas machistas. Isso se reflete em diversas instâncias, desde revistas especializadas até o espaço das mulheres dentro do universo acadêmico e artístico.

26:19 Alexandre, Melo e outros estão participando. Parabéns pela iniciativa!

27:13 É fundamental destacar que ainda existem manifestações essencialmente femininas na diversidade dos sambas no Brasil. Um grande exemplo é o samba de roda do Recôncavo, onde a presença feminina é crucial.

Aliás, quero mandar um abraço para todas as mulheres de Cachoeira, no Recôncavo Baiano, onde fica minha casa e minha família. Esta semana acontece a festa de Nossa Senhora da Boa Morte, uma celebração profundamente ligada às irmandades negras e à ancestralidade feminina no Brasil.

27:48 Além do samba de roda, há outras manifestações culturais de grande importância:

- Samba de Caxambu, mantido por terreiros de umbanda, como na festa de Vera Rita, no Espírito Santo.
- Samba de Pareia, que tem como base os tamancos e é protagonizado exclusivamente por mulheres.
- Quilombo de Açúcar em Pernambuco, que preserva tradições afro-brasileiras.
- Tambor de Crioula no Maranhão, onde as mulheres desempenham papel essencial.
- Samba de Coco em Pernambuco, com brincadeiras rítmicas de forte presença feminina.
- Jongo, presente em Minas Gerais, no Rio de Janeiro e no interior de São Paulo. Destaca-se o Jongo do Ribeirão, mantido por Alessandra Ribeiro em Campinas, onde as mulheres têm sido fundamentais para sua resistência e continuidade.

29:01 Antes de avançarmos para a discussão sobre grandes figuras femininas do samba, como Tia Ciata e Jovelina Pérola Negra, há pontos importantes sobre a literatura do samba que merecem reflexão.

O samba, infelizmente, foi transformado ao longo dos anos em uma narrativa predominantemente masculina. Muitos textos sobre identidade nacional e memória coletiva foram escritos por homens, mas é essencial recuperar o papel das mulheres por meio do matriarcado e da ancestralidade negra.

29:36 Duas teóricas me ajudam muito a pensar a trajetória da mulher negra no samba:

Doutora Helena Theodoro – Grande pensadora sobre a identidade e sexualidade de mulheres negras. Escreveu uma biografia recente de Martinho da Vila e contribuiu para a concepção de diversos sambas-enredos no Rio de Janeiro. Sua obra fundamental, Mito e Espiritualidade: Mulheres Negras (1996), é essencial para compreender as conexões entre ancestralidade e resistência feminina.

30:56 Na nova geração, há um movimento crescente de mulheres negras que

retomam essa memória ancestral e a utilizam como ferramenta de resistência.
A participação das mulheres negras no samba não é apenas uma questão de presença; é uma continuidade da luta das ganhadeiras, das plantadeiras, das adubadeiras e das vendedoras. Elas carregam uma dinâmica de resistência política que se mantém viva até hoje.
32:06 Outra teórica fundamental é Doutora Jurema Werneck, uma das principais vozes do movimento de mulheres negras no Brasil. Em 2007, escreveu uma tese de doutorado sobre mulheres negras no samba e seu diálogo com as tradições do candomblé.
Seu trabalho, Samba, Mulheres Negras e Cultura Midiática, explora o impacto da comunicação na representação feminina no samba. Essa abordagem é essencial para compreender como o protagonismo das mulheres no samba continua sendo invisibilizado pela mídia e pela indústria cultural.
32:43 A médica e doutora em comunicação faz uma aproximação entre a trajetória das sambistas Leci Brandão, Alcione e Jovelina Pérola Negra, relacionando-as aos mitos das bruxas e às divindades Obá e Nanã, que são as Iyalodês na tradição yorubá africana.
Ela explora essa conexão para entender a disputa que as mulheres sambistas enfrentaram, considerando gênero e raça na historiografia do samba. Além disso, destaca que essas mulheres não apenas perderam protagonismo na história do samba, mas também foram estereotipadas e subvalorizadas no desenvolvimento social desse gênero musical.
33:24 Partindo do pensamento de Helena Theodoro e Jurema Werneck—duas importantes intelectuais negras—eu faço a opção de construir minha análise com base em perspectivas que dialogam com minha percepção de mundo. Assim, busco os mesmos objetos e sujeitos dentro da pesquisa sobre mulheres negras no samba.
34:01 Confirmando o que Jurema Werneck argumenta, basta pesquisar os livros sobre samba disponíveis no mercado literário para perceber que praticamente não existem títulos dedicados às mulheres no samba. Tampouco há biografias que retratem a vida de sambistas negras que foram extremamente relevantes para essa história.
As biografias sobre sambistas homens são abundantes, mas os relatos sobre mulheres negras no samba são raros. Apenas recentemente algumas cantoras começaram a figurar nas capas de livros, como Aracy de Almeida e Clementina de Jesus.
34:40 Entre os poucos títulos disponíveis, destacam-se:
Leci Brandão, uma obra importante sobre sua trajetória.

Elizeth Cardoso, que também tem um livro dedicado a ela. Elza Soares, cuja biografia foi escrita por Zeca Camargo. Clara Nunes, que possui algumas biografias publicadas. Ainda assim, vemos uma repetição de nomes que receberam investimentos da indústria cultural, deixando de fora mulheres fundamentais para a preservação do samba. Por exemplo, Dona Edith do Prato e Dona Dalva, do samba de roda do Recôncavo, são raramente mencionadas.

35:52 Um exemplo interessante aconteceu no Rio de Janeiro, no ano passado, quando o Instituto Glória Hazan publicou um levantamento intitulado 50 livros essenciais da literatura do samba.

O processo de seleção envolveu um corpo de jurados que recebeu 183 títulos e escolheu 50. O problema? O júri era composto por aproximadamente 90% de homens.

36:34 Como resultado dessa composição, pelo menos dez dos livros selecionados traziam nomes de sambistas homens na capa, incluindo biografias de Noel Rosa, Ismael Silva, Candeia, Silas de Oliveira, entre outros.

Dos 50 títulos escolhidos, apenas um livro trazia o nome de uma mulher na capa: Tia Ciata e a Pequena África no Rio de Janeiro, escrito por Roberto Moura e publicado em 1983. Esse é o único livro que coloca uma mulher no centro da narrativa, que foi indicado pelos jurados.

37:53 Isso demonstra um problema recorrente: a bolha machista e masculina que domina as narrativas sobre samba. Embora tenha havido jurados negros, como Haroldo Costa e Nei Lopes, a seleção ainda privilegiou biografias de homens e praticamente ignorou a história de mulheres sambistas.

38:37 Essa disputa no campo do samba reflete uma visão limitada, como se essa manifestação cultural tivesse uma única origem geográfica. Por isso, faço questão de usar sambas no plural, enfatizando que a cultura negra se espalhou pelo Brasil devido ao processo escravocrata, gerando diferentes expressões musicais e rituais.

39:14 Historicamente, algumas pessoas afirmam que o samba pertence ao Rio de Janeiro, mas, na verdade, o que se originou no Rio foi o modelo das escolas de samba.

39:49 Como capital do país por muito tempo, o Rio de Janeiro influenciou padrões culturais, econômicos e políticos, impactando também o formato do carnaval. A mídia, o rádio e as gravadoras estavam concentradas no Rio, o que contribuiu para consolidar a escola de samba como referência nacional.

40:01 Queria mandar um beijo especial para Duda, nossa querida sambadeira, que está na live! Obrigada pela presença! E aproveito para mencionar seu comentário sobre o prato e a faca—um tema essencial para essa discussão sobre cultura afro-brasileira.

40:26 A lista de livros considerados essenciais para entender o samba muitas vezes limita a abrangência dessa manifestação cultural.

São Paulo, por exemplo, tem uma rica produção sobre o samba paulista, que possui características próprias. Da mesma forma, Salvador também contribui para essa diversidade, e é essencial reconhecer que o samba tem vertentes espalhadas pelo Brasil.

Existem publicações como As Bambas do Samba e Mulher e Poder na Roda, organizada pela professora Marilda, lançada em Salvador—um livro que merecia estar indicado nessas seleções.

41:08 Sobre Tia Ciata, há uma foto amplamente associada a ela, mas sua autenticidade não foi comprovada. Em meus cursos sobre mulheres no samba e no axé, uso essa imagem para discutir não apenas a construção simbólica de sua figura, mas também questões de racismo e apagamento histórico de mulheres negras essenciais para o samba.

41:56 Quero saudar a Maria Célia de Oliveira, de Ubatuba e Caraguatatuba, e também enviar um abraço para Rose, professora e contadora de histórias.

43:01 Estamos juntos nessa discussão! Como já mencionamos, o samba marginalizado é constantemente colocado à margem das grandes produções culturais.

44:07 Trabalhar com samba em espaços educacionais exige cuidado. Não se trata apenas de ensinar a tocar, mas também de pensar criticamente sobre sua origem, suas narrativas e a forma como se insere na história brasileira.

45:19 O apagamento das mulheres negras dentro da história do samba precisa ser enfrentado. A genealogia do samba é profundamente feminina, e entender esse aspecto é essencial para reconstruir sua história com justiça.

Não devemos tratar o samba como uma única cultura, mas sim reconhecer culturas negras, com diversas ramificações e particularidades espalhadas pelo Brasil.

46:16 Sempre digo que a inclusão do samba nas escolas seria um avanço enorme. A **Lei 10.639/2003** trouxe a obrigatoriedade do ensino da cultura afro-brasileira, mas ainda falta o reconhecimento do samba como parte dessa educação.

O samba foi essencial para minha própria formação enquanto mulher negra. Minha memória afetiva está ligada aos sambas que ouvi em casa, incluindo sambas-enredos que muitas vezes trazem histórias ignoradas pelos livros escolares.

46:49 Sobre a sub-representação de Tia Ciata, há um problema grave: existe apenas uma biografia associada a ela, o livro Tia Ciata e a Pequena África no Rio de Janeiro, de Roberto Moura, publicado em 1983.

No entanto, esse livro não foi concebido como uma biografia completa, mas acabou se tornando a única grande referência sobre Tia Ciata.

47:28 Ele é essencial para pesquisadores que estudam o samba e sua história, especialmente no que diz respeito às Tias Baianas, que foram fundamentais na

constituição dos sambas urbanos e no surgimento dos primeiros blocos carnavalescos, cordões e escolas de samba.

48:04 No entanto, há um perigo em depender de uma única referência—isso cria uma circularidade discursiva, reforçando a ideia de uma história única e limitando a profundidade do conhecimento sobre Tia Ciata.

Minha pesquisa busca ir além dessa narrativa restrita, explorando aspectos menos documentados sobre sua vida e influência no samba.

48:45 Além disso, não há uma fotografia confirmada de Tia Ciata. A imagem amplamente utilizada foi associada a ela sem comprovação da autoria ou autenticidade. Sua bisneta, Grace Mary, mantém essa foto na Casa de Tia Ciata, um espaço de preservação da memória e das manifestações culturais que ela ajudou a consolidar.

49:23 A ausência de imagens de Tia Ciata é um reflexo do apagamento sistemático das mulheres negras que foram centrais na formação do samba. Esse apagamento está diretamente ligado à lógica racista da sociedade brasileira, que marginaliza figuras históricas negras e as invisibiliza dentro das narrativas oficiais.

O racismo no Brasil opera em várias camadas—estrutural, institucional, religioso, patrimonial e cultural—impactando tanto aspectos físicos quanto simbólicos da identidade negra.

50:06 Voltando ao pensamento de Jurema Werneck, sua pesquisa confirma que a literatura sobre o samba não corresponde à importância da participação feminina, que está presente desde os primórdios desse gênero musical.

50:48 Pensando na dívida que a história do samba tem com as mulheres negras, além do meu doutorado, tenho trabalhado em uma produção independente que busca recuperar referências e vivências de mulheres negras, resgatando suas trajetórias de forma mais aprofundada.

Tia Ciata foi uma iniciada nos cultos afro-brasileiros e nasceu Hilária Batista de Almeida, em 1854. Para contextualizar sua história, basta pensar no Brasil naquele período—um país ainda imerso no sistema escravista.

Tia Ciata faleceu em 1924, um período em que o samba já começava a se transformar em um produto cultural nacional. A maioria dos textos históricos, no entanto, não se aprofundam na relação entre sua trajetória e esse processo.

51:33 Começo pelo nascimento de Tia Ciata, marcando o tempo, o espaço e o contexto em que ela nasceu.

Ela veio ao mundo em um período em que sua trajetória inicial não foi considerada relevante pela literatura do samba. O que sabemos sobre ela só começa a partir dos seus 22 anos, conforme o livro Tia Ciata e a Pequena África no Rio de Janeiro.

Essa limitação é problemática. Como podemos reverenciar uma matriarca do samba apenas a partir dos 22 anos, ignorando sua formação anterior?

52:07 Tia Ciata, cujo nome verdadeiro era Hilária Batista de Almeida, nasceu em

1854, antes mesmo da Lei do Ventre Livre (1871). Quando essa lei foi aprovada, ela tinha 17 anos.

Qual foi o impacto desse contexto histórico na sua trajetória? O que a moldou até sua chegada ao Rio de Janeiro?

52:51 Investigo as condições das meninas negras no período da escravidão para compreender melhor o contexto em que Tia Ciata cresceu. Há dúvidas sobre sua origem: teria sido escravizada ou filha de pessoas escravizadas?

Seja qual for a resposta, é essencial entender suas referências de infância e juventude, que a levaram a se tornar uma figura tão relevante no Rio de Janeiro.

53:28 Quando chega ao Rio, Tia Ciata se impõe. Ela tem posicionamento político, interage com a comunidade, protege tradições e mantém viva a memória das negras africanas.

Não podemos compreender plenamente seu impacto sem investigar sua trajetória antes dos 22 anos.

Ela estava no Rio durante grandes momentos históricos:

- A festa do Treze de Maio (1888), comemorando a abolição da escravidão.
- A instalação da República Velha (1889).
- Transformações políticas e sociais que culminaram no ano de 1924, quando faleceu.

Além disso, sua casa é apontada como o local onde nasceu o primeiro samba registrado na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

A centralidade de Tia Ciata no samba é indiscutível.

54:09 Sobre a chamada Pequena África, o termo não deve ser entendido de maneira pejorativa. Ele se refere ao território de resistência cultural negra no Rio de Janeiro, onde Tia Ciata viveu.

O samba é, de muitas formas, um quilombo social, preservando tradições africanas através da música, da dança e das práticas religiosas.

55:11 Quero saudar Ângela Gonçalves, Rose, Alexandre e todos que estão acompanhando a live!

56:03 Sobre a construção intelectual do samba, é essencial reconhecer sua dimensão comunitária. O pensamento acadêmico deve contribuir para ampliar o reconhecimento da participação negra na sua formação.

Para quem acompanha a transmissão e deseja obter um certificado de duas horas, há um formulário disponível.

57:10 Quero agradecer Rose Santana, Juliana Barbosa e todos que estão interagindo!

57:56 Para finalizar minha reflexão sobre a subjetividade de Tia Ciata, destaco uma questão crucial: como ela se construiu como mulher negra e superou os

traumas da escravidão?Sabemos que meninas escravizadas enfrentavam condições brutais, incluindo abandono, abuso e castigos físicos, com correntes no pescoço.Muitas **crianças negras eram tratadas como objetos de estimação na casa grande**, chamadas de dog e criadas para entreter os filhos dos senhores. Após os oito anos, eram forçadas a trabalhos braçais.

58:43 O que Tia Ciata vivenciou nesse período? Quais traumas teve que superar? Ela nasceu em **Santo Amaro da Purificaçã**o, no Recôncavo Baiano, por volta de 1824. Pesquisadores indicam que sua família circulava entre diferentes localidades, possivelmente como **escravos de ganho.**

Sabemos que, por volta de **1840, Tia Ciata estava em Cachoeira**, onde participou das primeiras reuniões da **Irmandade da Boa Morte**—uma organização feminina que mantinha tradições afro-brasileiras vivas.

1:00:00 A **Irmandade da Boa Morte** é composta por mulheres mais velhas, que fazem pactos de preservação cultural. Elas dialogam com a Igreja Católica, mas mantêm fortes raízes africanas, inclusive incorporando tradições do candomblé.

Dizem que Tia Ciata tinha entre 16 e 17 anos quando começou a participar desse grupo. Depois, seguiu para Salvador, tornando-se parte de um fluxo migratório que levaria sua cultura para o Rio de Janeiro.

1:00:39 O fluxo afro-baiano que chega ao Rio de Janeiro é fundamental para a formação do samba carioca. **Tia Ciata chega ao Rio em 1876, ainda antes da abolição da escravatura, aos 22 anos de idade**.

Há indícios de que tenha sido **iniciada para Oxum** no *Casa Branca do Engenho Velho*, considerado o primeiro candomblé organizado como tal, antes do *Ilê Axé Opô Afonjá*. Antes do Casa Branca, existia o *Candomblé da Barroquinha*, que depois foi oficializado como Casa Branca, e Tia Ciata fez parte dessa tradição.

Ela chega ao Rio já iniciada e, possivelmente, com **sua primeira filha, Isabel**. Há relatos de que tenha tido entre **14 e 26 filhos**, mas esse número pode estar ligado à estrutura de família extensa, característica das famílias negras na época, algo que **também se reflete na configuração do candomblé.**

1:01:57 Não há dúvidas de que Tia Ciata teve uma trajetória admirável na história do samba. Com muita luta e apoio de conterrâneos, conseguiu se firmar socialmente no Rio de Janeiro. Mas sua **atitude ancestral** foi o que a tornou uma referência extraordinária. O casarão onde viveu se tornou **um verdadeiro quilombo urbano**, espaço de resistência e celebração cultural. Ali, **havia samba, seresta, choro, macumba, candomblé e muita comida.**

Ela cantava, dançava, cuidava das pessoas, cultuava os orixás, costurava roupas para cerimônias religiosas e para grupos de teatro. Sua casa era frequentada pela intelectualidade, e ela ainda vendia comida na rua. **Tia Ciata era**

empreendedora.

1:03:15 O problema da grafia do nome de Tia Ciata e seu significado reflete sua sub-representação. Ela frequentemente aparece como "cozinheira" nas buscas online, reduzindo sua importância a um papel doméstico, ignorando sua centralidade na cultura negra.

Essa questão é central na pesquisa de Jurema Werneck, que evidencia o apagamento sistemático das mulheres negras na história do samba.

1:04:49 Em minha pesquisa, começo falando sobre Hilária Batista de Almeida, a mulher por trás da matriarca do samba.

Muitas vezes, falar de Tia Ciata significa apenas citar sua influência no samba, sem considerar sua história completa. Ela foi silenciada na historiografia do samba, apesar da sua participação na composição do primeiro samba registrado.

1:05:21 No período de 1910 a 1915, o casarão de Tia Ciata foi palco de transformações rítmicas que ajudaram a moldar o samba como o conhecemos hoje, passando do maxixe para a nova forma de samba.

Negros baianos influenciaram esse processo, que posteriormente levou ao movimento de Ismael Silva e dos sambistas que criaram um formato de samba para se dançar e caminhar nas ruas.

1:06:01 No carnaval, ranchos e blocos não saíam às ruas sem primeiro passar pelo casarão de Tia Ciata e pedir sua bênção.

Isso também acontecia com outras Tias Baianas, que eram figuras centrais na comunidade negra do Rio de Janeiro. Tia Ciata, no entanto, possuía uma autoridade política e ancestral, preservando memórias de mulheres africanas que disputavam espaço no governo e na economia em sociedades africanas.

1:07:19 As mulheres africanas tinham grande participação na política e na economia. No entanto, com a colonização, o matriarcado foi destituído, e as ialodês passaram a ser vistas apenas como figuras do mercado.

Mas, historicamente, essas mulheres eram líderes políticas, participando ativamente da organização de suas sociedades.

1:08:35 A iniciação de Tia Ciata em Oxum está conectada a essa ancestralidade política e econômica das mulheres africanas. A memória dessas figuras influenciava diretamente sua postura no Rio de Janeiro.

1:09:11 No casarão de Tia Ciata, formou-se uma rede de sociabilidade, proporcionando proteção às manifestações culturais negras.

Ela negociava com a sociedade racista, garantindo que seu espaço fosse preservado. Isso era um feito notável, considerando que sambistas eram frequentemente perseguidos e presos.

1:09:51 Para uma mulher negra que nasceu no sistema desumano da escravidão

brasileira, Tia Ciata alcançou um reconhecimento extraordinário na capital.
O Brasil foi o último país das Américas a abolir a escravidão, e a presença dela no Rio, como figura essencial na cultura afro-brasileira, deveria ser amplamente celebrada.
1:10:33 *A proposta de incluir Tia Ciata no Livro dos Heróis da Pátria—ao lado de figuras como Luiz Gama e Zumbi dos Palmares—foi rejeitada*.
Isso mostra como sua importância ainda não recebeu o devido reconhecimento.
1:11:12 *Tia Ciata não estava sozinha. Outras Tias Baianas e mulheres negras cariocas fizeram parte desse legado. No entanto, seu casarão foi um espaço único, central para a preservação das tradições culturais negras.*
Ela negociou com o Estado e conseguiu uma proteção especial para seu espaço, o que reforça sua habilidade política e estratégica.
Seu marido conseguiu um emprego no Departamento de Polícia com apoio do presidente Venceslau Brás, garantindo ainda mais estabilidade para sua comunidade.
1:11:49 O território de Tia Ciata foi fruto de uma negociação brilhante. Seu casarão era um espaço seguro e protegido, diferentemente de muitos sambas que enfrentavam perseguição policial.
Se compararmos, é como decidir entre ir a um samba sem segurança ou um onde a proteção é garantida—naturalmente, o público se concentrava na casa de Tia Ciata, que oferecia esse território seguro para o samba e suas manifestações.
1:12:27 *O reconhecimento de Tia Ciata cresceu porque jornalistas frequentavam seu espaço e registravam o movimento cultural.*
Dois nomes importantes são **o jornalista Vagalume**, que exaltava as manifestações negras no Rio, e **João do Rio**, que observava essas manifestações de forma crítica. Embora João do Rio, em alguns momentos, demoninasse o samba, Vagalume, sendo um jornalista negro, reconhecia a força e a beleza da cultura negra na casa de Tia Ciata.
Lá estavam intelectuais como **Pixinguinha, João da Baiana, Clementina de Jesus** e muitos outros nomes marcantes da música popular brasileira.
1:13:04 As mulheres que participaram desse espaço desempenhavam papel semelhante ao das Ialodês, liderando e preservando tradições culturais e religiosas. Muitas dessas mulheres eram Ialorixás, o que reforça a forte ligação do samba com o candomblé e outros ritos afro-brasileiros.
No começo do samba urbano, as vozes femininas eram fundamentais, puxando os ranchos carnavalescos e influenciando a musicalidade dos blocos. Algumas dessas tradições ainda são preservadas na Velha Guarda da Portela, embora, infelizmente, o espaço feminino tenha diminuído ao longo do tempo.
1:14:21 Um exemplo marcante é **João da Baiana**, conhecido por tocar pandeiro como ninguém. *Mas o detalhe é que ele aprendeu com sua mãe, Perciliana*, que também era Ialorixá e exímia instrumentista. Perciliana teve 12 filhos, todos músicos, incluindo João da Baiana. Entre eles, havia uma filha que tocava violino

—um fato surpreendente para uma mulher negra do século XIX.

1:14:56 Além de Tia Ciata, muitas outras mulheres desempenharam papéis centrais no samba. Podemos destacar:

Tia Amélia do Dragão, ligada ao jongo.

Tia Celeste, mãe do sambista Heitor dos Prazeres, que retratou artisticamente a vida no casarão de Tia Ciata e compôs músicas marcantes.

1:15:34 Há debates sobre quem realmente compôs Pelo Telefone, o primeiro samba registrado, pois versos eram criados coletivamente no casarão.

Esse estilo de composição improvisada lembra o samba de roda da Bahia, onde sotaques e improvisos se misturam para formar a identidade do samba.

1:16:11 Tia Ciata faleceu em 1924, antes da criação da primeira escola de samba. Mas sua influência foi essencial para consolidar os grupos carnavalescos e proteger as manifestações negras que levaram à fundação das escolas.

1:16:55 A partir da década de 1930, o governo de Getúlio Vargas passou a agenciar o samba, que até então era perseguido. O Estado promovia uma política de branqueamento, apropriando-se do samba como produto nacional.

Com isso, negros e negras começaram a disputar protagonismo, e as mulheres enfrentaram ainda mais dificuldades para garantir seu espaço dentro do samba.

1:18:12 Em 1933, surge o *Trio de Ouro do Samba, formado por Aracy Cortes, Francisco Alves e Mário Reis*—todos brancos. Isso exemplifica como, para que o samba fosse aceito pelo mercado, era necessário que fosse representado por artistas brancos.

A produção do samba continuava sendo negra, mas sua exposição pública passou a ser filtrada por interesses comerciais e raciais.

1:18:55 Chegamos à conexão entre **Tia Ciata e Jovelina Pérola Negra**, duas figuras que representam a força da mulher negra no samba.

Tia Ciata foi a mãe do samba, enquanto Jovelina se tornou referência como sambista e compositora.

1:19:34 Jovelina Pérola Negra teve uma trajetória impressionante. Antes da fama, trabalhava como empregada doméstica. Foi descoberta aos 40 anos, uma idade em que muitos artistas já estão estabelecidos.

Seu grande sucesso veio com o **disco Raça Brasileira**, um clássico do samba dos anos 80, que revelou nomes como **Zeca Pagodinho** e outros sambistas icônicos.

1:20:14 Durante 14 anos de carreira, Jovelina desafiou padrões estéticos impostos pelo racismo. Ela se destacava não apenas por sua voz, mas por sua atitude autêntica e irreverente.

Seu jeito marcante e sua postura firme no samba fizeram dela uma referência de

resistência. Sambistas como Reinaldo, o Príncipe do Pagode, relatam que, quando Jovelina começava a cantar, toda a roda se voltava para ela—um talento incontestável.

1:20:59 Jovelina Pérola Negra teve um impacto profundo na história do samba. Sua atitude e sua coragem em enfrentar o sistema a conectam diretamente com a força de Tia Ciata e das Tias Baianas, que sustentaram a cultura do samba e foram essenciais para sua consolidação.

1:21:40 A ala das baianas é obrigatória nas escolas de samba porque faz referência a figuras como Tia Ciata e outras mulheres negras fundamentais. Jovelina também passou por esse espaço antes de brilhar como intérprete de samba.

Ela tinha uma paixão especial pelas rodas de samba, onde sua presença era marcante. Seu estilo e voz eram únicos, tornando-se referência no gênero.

1:22:15 O estudo da trajetória das mulheres negras no samba envolve raça, gênero e também classe social. O trabalho de Jurema Werneck faz um recorte nessas questões, e eu acrescento a dimensão de classe para compreender melhor os desafios enfrentados por essas mulheres.

Entre elas, destacam-se **Elizeth Cardoso, Elza Soares, Clara Nunes, Clementina de Jesus, Dona Ivone Lara, Leci Brandão, Alcione** e muitas outras que batalharam para conquistar espaço em um meio dominado por homens e por estruturas racistas.

1:22:52 Essas mulheres disputaram espaço dentro do samba e romperam barreiras, mas o sistema as impôs desafios imensos. Quando falamos delas, também precisamos discutir como o sistema tratou artistas como Beth Carvalho e Elizeth Cardoso, que enfrentaram obstáculos para consolidar suas carreiras.

Elizeth Cardoso, por exemplo, sofreu branqueamento pela indústria cultural, algo que acontecia com frequência. Se observarmos capas de discos de cantoras negras da época, muitas foram editadas para que sua pele aparentasse ser mais clara.

1:24:09 A trajetória de **Elza Soares** é um exemplo de resistência. Ela veio de uma extrema pobreza e chegou a passar fome antes de sua ascensão.

Ainda jovem, pegou um vestido da mãe, foi até um programa de calouros e concorreu em um concurso de talentos. No palco, foi recebida com preconceito pelo apresentador **Ary Barroso,** que ironizou sua origem e fez um comentário racista ao perguntar *"De que planeta você veio?*".

A resposta de Elza foi certeira: **"Venho do planeta fome"**. Em seguida, ela cantou, impressionou a audiência e venceu o concurso, garantindo dinheiro para alimentar seu filho.

1:25:13 Clara Nunes também quebrou paradigmas ao conquistar um sucesso extraordinário em um período no qual nenhuma mulher sambista vendia discos em larga escala.

Ela inseriu elementos da religiosidade afro-brasileira em sua música e cantou sobre seus orixás, desafiando preconceitos. A influência de Adelzon Alves, um grande comunicador do rádio, ajudou a impulsionar sua carreira.

1:25:50 Clementina de Jesus é uma das figuras mais fascinantes do samba e merece maior reconhecimento. Sua musicalidade trazia referências ancestrais, e sua voz transmitia memórias africanas preservadas no Brasil.

Apesar de seu impacto, Clementina de Jesus ainda é pouco celebrada, e muitas pessoas desconhecem sua importância e seu sucesso.

1:26:29 Dona Ivone Lara foi pioneira como compositora no samba. Sua musicalidade era inovadora, e suas melodias trouxeram uma identidade única ao gênero.

Além de sua trajetória no Império Serrano, ela tinha forte ligação com Mangueira. Sua influência se estendeu por gerações, e sua contribuição para o samba é incomparável.

1:27:13 Leci Brandão, Alcione e outras cantoras também enfrentaram desafios para conquistar espaço. Algumas começaram como faxineiras, telefonistas, ou viveram períodos de dificuldade financeira antes da ascensão na música.

Alcione deixou o Maranhão para tentar carreira no Rio de Janeiro, enfrentando barreiras no mercado musical. Muitas dessas artistas começaram cantando na noite, sustentando-se com apresentações em casas de show antes de atingirem o sucesso.

1:27:55 A dívida do samba com as mulheres negras ainda existe, especialmente no que diz respeito às compositoras.

Na década de 1990, quando o pagode ganhou força em São Paulo, centenas de grupos masculinos surgiram, mas apenas um grupo feminino conseguiu espaço. A indústria musical tratava mulheres no pagode como exóticas, ignorando sua capacidade artística.

1:28:30 Isso reflete um problema maior: o desconhecimento da história do samba como manifestação negra e feminina.

Sem as mulheres negras ancestrais, o samba não teria se constituído como conhecemos hoje. Foram elas que protegeram essa cultura e a sustentaram ao longo dos tempos.

1:29:38 Quero mandar um abraço para todos que estão acompanhando esta discussão! Entre os participantes estão Ana Rodrigues, Josemar Barbosa, Daniel de Lima, Guilherme do Templo da Liberdade Tupinambá e muitos outros.

1:30:14 Essa conversa tem sido rica e fundamental para resgatar memórias importantes da história do samba. O grupo de pesquisa está de parabéns por essa iniciativa!
1:30:34 Há uma questão relevante sobre a presença da mulher branca no samba e a luta das mulheres negras para ocupar espaços de protagonismo dentro desse universo.
Um exemplo marcante é o papel de Beth Carvalho, reconhecida como madrinha do samba.
1:31:40 Quando analisamos colorismo e classe social, percebemos como as trajetórias de Clementina de Jesus e Beth Carvalho foram completamente diferentes.
Clementina de Jesus foi descoberta aos 67 anos, depois de passar a vida trabalhando como empregada doméstica. Sua voz ancestral e suas referências musicais foram ignoradas por décadas.
Por outro lado, Beth Carvalho teve uma trajetória distinta:
Foi professora de música e estudou balé.
Teve uma condição social mais favorável.
Era uma mulher branca, rapidamente aceita pela indústria musical.
1:32:13 Beth Carvalho exerceu um papel importante ao amadrinhar novos talentos, algo que Elizeth Cardoso já fazia antes dela.
Ela trouxe ao centro do samba nomes como **Cartola, Jacob do Bandolim** e outros artistas que estavam à margem.
1:33:08 No entanto, quando observamos os músicos que Beth Carvalho revelou, notamos que a maioria eram homens.
Ela teve um impacto significativo ao ajudar a impulsionar o grupo Fundo de Quintal, que contou com artistas como **Almir Guineto, Sombrinha e Arlindo Cruz,** todos com carreiras solo bem-sucedidas.
Porém, **Beth Carvalho não trouxe mulheres negras para o centro da roda do samba**, *o que evidencia a desigualdade de oportunidades dentro do gênero.*
1:34:27 A luta das mulheres negras para ocupar espaço no samba é histórica. Elas enfrentaram barreiras estruturais e lutaram para restituir seu protagonismo.
Saúdo minhas companheiras do grupo Acadêmicas do Samba, onde mulheres pesquisadoras analisam o samba como sujeito e objeto de estudo. Esse grupo busca ampliar a visibilidade do trabalho acadêmico e das mulheres no samba.
Quem quiser conhecer mais, pode seguir no Instagram: @academicasdosamba.
1:35:08 Além disso, coordeno um projeto de rádio online chamado BR Brasil, espaço dedicado ao samba e suas narrativas culturais.
Entre os participantes estão Moisés da Rocha, Cláudio Afonso, Cláudio Luiz e

Camila Alexandre, que é nossa produtora. Quem quiser acompanhar, pode baixar o aplicativo BR Brasil Show ou seguir as redes sociais da rádio espaço dedicado ao samba e suas narrativas culturais.
Entre os participantes estão Moisés da Rocha, Cláudio Afonso, Cláudio Luiz e Camila Alexandre, que é nossa produtora. Quem quiser acompanhar, pode baixar o aplicativo BR Brasil Show ou seguir as redes sociais da rádio.
1:36:43 Agradeço a todos que estão acompanhando essa discussão! Essa troca de ideias é essencial para resgatar memórias e fortalecer o reconhecimento da participação das mulheres negras no samba.
1:37:34 Se você tem projetos sobre samba na escola, eu ficaria feliz em contribuir com algumas reflexões baseadas na minha experiência.
Precisamos cada vez mais garantir que o samba seja estudado não apenas como música, mas também como cultura, história e resistência.

Evento

Palestra com a Professora Doutora Ana Elisa Ferreira “Inteligência Artificial e Raça”. Mediação Professor Doutor Cesar Rodrigues. 16 de setembro de 2022. Link: https://www.youtube.com/watch?v=ywHc7mHfuq4&t=88s



Começando a nossa transmissão hoje, temos aqui conosco uma convidada muito especial, que é uma amiga. Trabalhamos juntos há algum tempo já no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia. É uma pessoa pela qual tenho muita admiração, respeito e reconhecimento pelo trabalho. Quem acessou o que foi repassado pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia sabe muito bem do currículo da nossa querida Ana Elisa. A professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia é Doutora em linguística.

01:05 Tem também o pós-doutorado colaborativo. Fiz o ***visiting scholar*** para Berkeley, que não é só de música (tá? Porque é o berço para a galera da música, né? Fazer o curso lá é outra coisa). E aí, vamos lá, agora sim: essa Doutora em linguística pela Universidade Federal de São Carlos, com educação pela mesma instituição, na Universidade da Califórnia, Departamento de Francês (olha que legal!), faz parte do grupo de pesquisa ELIM, né, estudos linguísticos do Instituto Federal de Educação Física e Tecnologia.

01:59 Escritas profissionais do processo de edição na UFSCAR, professora do quadro permanente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, Campus Cubatão. A pesquisa dela trabalha com capitalismo de vigilância, plataformização da educação e construção da subjetividade por meio de algoritmos, na perspectiva da análise do discurso e da midiologia. É autora do e-book "Sistemas de Gerenciamento de Aprendizagem e Imagens do Professor do Século XXI" em 2018, e de "Saiba e a Prisão do Corpo: Materialidade e Resistência à

02:44 Virtualização em Euro Romance em Língua e Linguagens Interface Coleção Polifonia". Essa é apenas alguns dos muitos atributos acadêmicos e também enquanto pessoa humana que a Ana tem. Agora, hoje, ela vai falar conosco, né, de Inteligência Artificial e raça, que foi uma coisa que me fascinou. Nós dois conversando lá na sala dos professores, e aí ela falou, eu falei: "Não, você tem que falar! Hoje as pessoas precisam conhecer isso também". E a palavra é sua, Ana, minha querida, lá mostrando o pessoal que já tá aqui com a

0**3:34** gente. Obrigada, César. Agradeço o convite. É um grande prazer falar com vocês. Aí foi o relógio da minha avó que deu o ar da graça agora, marcando o horário quando a gente começou, né, a conversar ali no corredor. E eu comentei um pouco com... Acho que eu estava com esse livro aqui na mão (posso fazer propaganda de livro? Tudo bem). Eu estava com esse livro na mão, que chama "Todo Mundo Mente", que também fala sobre dados e algoritmos. E aí eu comentei um pouquinho da minha pesquisa de doutorado, que não é exatamente sobre raça. Oi,

0**4:17** Felipe, boa noite. Fico muito feliz de ver vocês aqui. Tô vendo aqui o nomezinho dos alunos maravilhosos, ter vocês aqui, gente, principalmente numa sexta à noite. Muito obrigada. Então, a minha pesquisa, ela não é necessariamente sobre raça, né? Mas ela é a construção da subjetividade da perspectiva da programação algorítmica, tendo como base a linguagem, né? Então, até nesse percurso que eu fiz como visiting scholar em Berkeley, foi muito interessante, porque eu tive a oportunidade, né, como Berkeley fica perto do Vale do Silício ali, de Palo Alto,

05:00 grandes empresas estadunidenses, né, de tecnologia, eu pude perceber ali uma pesquisa muito, muito pulsante e uma pesquisa muito preocupada sobre as questões que a gente vai debater um pouquinho hoje, né, que são as questões de dado, de privacidade e como isso também tem um caráter excludente, né? Então, eu vou, não sei se você consegue colocar aí na tela, César, eu preparei um pouquinho só para a gente ter um norte, né? Para a gente conseguir seguir a linha de raciocínio. Eu pensei em conversar sobre três pontos, né? É sobre linguagem e algoritmos, depois falar um

0**5:48** pouquinho sobre o capitalismo de vigilância, que é como a gente vai fazer essa leitura desses dados, e aí entrar na ideia do racismo algorítmico em si, né? Porque para a gente chegar na ideia de como esse racismo ele é perpetuado através da programação, a gente tem que entender antes a linguagem e tem que entender a programação enquanto uma linguagem, né? Então, vamos pensar aqui sobre essa perspectiva, né, que é muito presente na análise do discurso, na ideia de que a linguagem, ela não é neutra, né? E ela é tão pouco transparente.

0**6:32** Isso querdizer, né, que não existe um posicionamento neutro quando a gente toma a palavra, né? Ela não é... Quando a gente fala: "Ah, mas isso é óbvio", a linguagem, ela nunca é óbvia, ela sempre tem outras camadas. E aí, para a gente exemplificar o que isso quer dizer, eu acho importante, como eu pesquiso a plataformização da educação, eu tirei dois exemplos justamente de plataformas que são plataformas que cunharam, principalmente a primeira

plataforma, né, a Uber, que muita gente chama de uberização, tem gente que chama de plataformização. Eu adoto o termo

07:19 plataformização bem com a ideia do Pessanha, que é um pesquisador que vai falar sobre isso. Porque a Uber, né? Por que que a gente usa a Uber como grande exemplo? Veio com essa ideia, né, ou quis implementar uma ideia de que o motorista, ele ia ser um empreendedor, ele ia ser um parceiro, ele não ia ser um trabalhador, né? Então, a gente tem dois recortes aí: a gente tem a Uber (eu entrei no site da Uber e tirei esse print: "Baixe o aplicativo do parceiro") e no iFood tem o "Portal do Entregador", mas a ideia do entregador desliza o sentido

08:03 para parceiro, né? E aí eu vou jogar uma pergunta para vocês, vamos ver se alguém vai responder aí, se meus alunos da análise de discurso já estão acompanhando, se alguém vai colocar no chat: será que eu colocar "parceiro" ao invés de "trabalhador" ou de "empregado", "operário", se eu troco essas palavras por "parceiro", será que eu também mudo o sentido? Que que vocês acham? Será que o sentido é outro na hora de eu chamar essa pessoa para o trabalho, convocar essa pessoa para o trabalho, né? A gente fala assim: "empreendedor", infelizmente eles tiraram

08:51 do ar, porque antes eles colocavam assim: "Seja um empreendedor", né? Como se aquela pessoa que está fazendo delivery ou que tá dirigindo um carro durante 12 horas, ela realmente estivesse empreendendo naquela, naquela empresa. Eu acho que muda aí. A Alicia falou: "Atrai mais o público". Então, e aí essa totalmente tentativa de intimidade, isso mesmo, Bárbara, essa proximidade, na verdade, não é só uma proximidade para eu ganhar, conquistar, mas ela também tem uma proximidade de sentidos do trabalho. Então, se o Rubens... Olha, tô pensando no Rubens.

09:39 Se o César puder passar um pouquinho aqui para baixo na apresentação, isso, olha só o que que a gente tem, né? É, eu coloquei uma citação da Luciana Salgado, que é da UFSCAR, e é uma citação que vai mostrar para a gente muito o que que acontece nessa mudança de palavras. Então, "a disputa pelo sentido da fala de uma palavra é uma disputa pela descrição do real". Que que isso quer dizer? Se eu coloco "trabalhador", eu convoco sentidos que tão ligados à estabilidade, à segurança de trabalho, a direitos trabalhistas. O Felipe falou do sentido

10:30 das relações de trabalho iguais. No caso do empreendedor, dá a sensação de liberdade, e isso, Felipe, "faça seu horário", entendeu? "Você é dono do seu emprego", né? Só que, como a Bárbara trouxe aqui, apaga-se o sentido de uma

denominação, né? Então assim, é como se você não tivesse subordinado àquela empresa, e você sendo parceiro, você sendo empreendedor, você tem essa independência, o que mostra aí esse deslize de sentido que tá na figura, né? Mas, ao mesmo tempo, se instala uma insegurança, né? Porque perde-se a questão dos direitos trabalhistas,

11:13 a questão é do trabalhador enquanto força de trabalho, até para se sentir parte de uma classe mesmo, né? Então, você não tem esse envolvimento, você vai segmentando. Então, cada trabalhador é um empreendedor, e é como se eles não tivessem nada entre si, né? Eles não têm uma liga do trabalhador que dá sentido a eles. E aí, o que que acontece, né, que eu vou trazer também a ideia da Luciana... Deixa eu ver aqui, Ana Carolina: "Esse tipo de linguagem demonstra também que a empresa não se responsabiliza pelos parceiros". É porque é a falácia da

11:59 parceria. Não existe parceria, na verdade, né? É justamente uma maneira de precarizar o trabalho. Então, essa plataformização é uma precarização do trabalho. E o que que a gente tem que pensar aqui? Que a precarização desse trabalho começa na mudança da palavra. Vou dar um exemplo muito, muito pessoal e vocês vão entender. Eu, quando era professor de inglês em escola de inglês, fui registrada como monitora, né? Então, eu tenho aí 10 anos de registro, quase 10, como monitora. Quando você passa para a Educação Básica, você tem um registro de professor.

12:46 O que que acontece? Essas duas palavrinhas... Eu fazia o mesmo trabalho, dava aula de inglês aqui, dava aula de inglês lá, mas a mudança da palavra faz toda a diferença no meu registro para aposentadoria especial, o quanto eu ganhava. Então assim, a linguagem é muito importante a genteentender que a disputa do poder, ela tá na linguagem, e que a mudança da palavra "trabalhador" para "parceiro" é uma característica ideológica, né? Aproxima, mas ao mesmo tempo traz todo um contexto que a empresa, ela não vai se responsabilizar

13:27 por esse trabalhador, né? Então, a Luciana vai dizer que "a manutenção da ideologia dominante depende da transmissão de transmissão via determinados objetos técnicos". E aí a gente já começa um pouquinho a entender a questão do digital, né? Então, oi, Michele, boa noite. "A mudança da palavra empodera sim", a "o jogo de poder está na palavra". Então, os objetos técnicos, né, que são esses objetos, e aí a gente vai trazer um pouco de Milton Santos, que vai ser muito importante, vou mostrar livro também, vou mostrar hoje, vou fazer parece ***vlog*** de livro.

14:10 Milton Santos, maravilhoso, é "A Natureza do Espaço", grande geógrafo

brasileiro. Tá muito importante, para quem não conhece, tem que, tem que conhecer um pouquinho da obra do Milton Santos, porque ele vai falar assim que os objetos técnicos (e aí o objeto técnico da perspectiva do Milton Santos, né, do recorte temporal, mas também da ideia do Debret, que é um filósofo francês, que o objeto técnico, o celular, ele também não vai ser neutro, né? O modo como ele é produzido, o modo que ele é, como ele é pensado, ele vai estar embutido o que ela fala desses aspectos

14:55 culturais, já que não existe transmissão neutra). E aí a gente vai entrar na questão da plataforma de novo. Se eu uso aplicativo X ou aplicativo Y, isso implica no modo como eu me relaciono com o conteúdo na internet, né? Então, eu coloco lá no buscador mais famoso da internet uma pesquisa, por exemplo, a pesquisa é "cabelo feio", que até pouco tempo apareciam só cabelos de negros quando eu colocava "cabelo feio". O que que isso quer dizer? Que existe uma seleção da plataforma em me mostrar aquelas imagens, ela não é neutra, a seleção, então a transmissão, ela

15:48 não é neutra. O que que a Luciana ainda vai falar? A gente tem que entender os objetos técnicos como materialidades institucionais que são, que sustentam e são sustentadas por certos valores e crenças, são os mundos éticos, né? Aí também é uma ideia do Mangueneau, e são características, essas características dos modos de viver dos quais se apoia a produção de determinado período, né, que a gente vai entender esse período como um período técnico-científico informacional. E aí, o que que acontece? Se eu tenho as grandes plataformas, né,

16:31 Uber, sociais, produzidas no Vale do Silício, né? Essas plataformas produzindo vários de silício com os valores estadunidenses por homens brancos, então a gente está construindo toda essa ideia de que essas plataformas, elas levam valores e valores e crenças de onde elas são produzidas, e que a gente não pode descartar isso quando a gente utiliza, né? Por que que houve uma guerra grande contra o TikTok quando o Trump estava no poder? Porque não era uma plataforma estadunidense, era uma plataforma chinesa. Então assim, percebam que isso afeta espaços que

17:23 vão além do consumo, por exemplo, né, que chegam em espaços políticos. E aí, para a gente entender como a linguagem se traduz dentro do algoritmo, a gente precisa entender o que que é um algoritmo. Então, segundo a perspectiva que a gente adotou, o algoritmo, ele é uma receita, né? Ele é uma sequência instrucional para calcular determinado resultado. Que que isso quer dizer? Isso quer dizer que se eu fizer uma receita com as, por exemplo, as frutas tropicais, eu não vou conseguir transpor essas receitas para frutas... Como é

chama as frutas?
18:13 Cereja, morango. Eu vou ter que usar as frutas tropicais, né? Eu tô dando um exemplo bem básico, bem bobo, mas para vocês entenderem que uma receita, ela vai depender também de como eu escrevo essa receita, o que que eu uso como, como objeto para aquela receita, né? E o que que acontece? A gente tem a tendência de olhar para o celular, olhar para os algoritmos como eles, como se eles fossem confiáveis, como se eles fossem transparentes, porque é uma ilusão, é uma ilusão, porque a gente relaciona com a ideia da matemática. A matemática
18:58 enquanto uma linguagem universal, mas ela não, não é essa ideia do infalível, né? Da linguagem universal é uma ideia que se aproxima desse conceito de linguagem que eu trouxe para vocês, que é esse conceito que carrega sentidos, e esses sentidos, eles são bases ideológicas. Então, vamos continuar, frutas do clima temperado, né? Na chegada, porque eu fiquei pensando assim, as primas, as frutas tropicais, vai lá, banana, manga, aí você vai fazer um bolo, uma torta, não dá para substituir por cereja e morango, né? São coisas diferentes. E aí
19:44 a gente, a gente naturalizou, e é muito, muito interessante a gente pensar nisso, a gente naturalizou tanto o uso da internet, o uso do celular, que a gente nem se pergunta mais qual foi a origem da internet. E é isso, a gente precisa falar um pouquinho. A internet surgiu, né, como um projeto militar estadunidense. Aí eu vou mostrar o meu livro aqui, ó, é esse aqui. E aí vou até ler um pedacinho aqui, só uma citação rápida para vocês lembrarem da origem da internet. Então, era um projeto estadunidense que foi lá junto com a Universidade de
20:37 Stanford, né? Então, eu acho interessante, vou fazer um parêntese assim, que o pessoal critica muito o estado, né? Querem o estado mínimo e tal, mas se a gente pensar nas grandes produções, né, nos grandes investimentos tecnológicos, eles foram feitos pelo Estado. Quem inventou a internet foi o estado estadunidense, não foi um liberal que inventou a internet, foi o dinheiro do Estado, né? Então, as pessoas falam: "Nossa!". Então, a gente tem que pensar nisso um pouquinho, né? Tem que tirar dessa superfície e aprofundar um pouquinho. Então, a internet,
21:20 só um trechinho: "A Guerra Fria marca o nascimento da ARPANET, né, que é a Agência de Projetos Avançados estadunidense. Ela foi criada pelo Departamento de Segurança norte-americano como parte de uma operação de desenvolvimento científico em resposta ao lançamento do foguete Sputnik em 1957". Então, percebam que a internet, ela nasce num contexto militar e ela nasce num contexto de briga de poder, né? Porque assim, os russos estavam no espaço e agora como é que a gente não vai ficar para trás, o contexto de briga de poder

né ? Porque assim, os russos estavam no espaço e agora como é que a gente não vai ficar para trás, o estadunidense? Então, enquanto os Russos
22:04 exploravam o espaço sideral, Joseph Licklider percebeu que, ao desenvolver uma rede de comunicação entre computadores, estava desenvolvendo um meio de compartilhamento do tempo e do espaço.
Então, eles estavam criando um espaço novo. Então, a gente tem que pensar que, a gente navega num espaço que foi pensado dentro dos Estados Unidos, né?
Então, isso já é muito importante. E aí tem um, tem um pesquisador de Buenos Aires que eu gosto muito, que é o Ierardo, que ele fala, né, como é que a gente desmistifica essa ideia do algoritmo sendo algo
22:49 infalível da seguinte maneira: os algoritmos não pensam, eles são frutos da consciência do programador. Então, a gente tem que perguntar: quem programa e para quem programa? Acho que pode passar para outra, para outra folhinha. E aí o que que o
22:49 infalível da seguinte maneira: os algoritmos não pensam eles são frutos da Consciência do programador.
Então a gente tem que perguntar quem programa e para quem programa acho que pode passar para outra para outra folhinha e aí o que que o Ierardo vai falar, ele vai falar que isso é relacionado a um *modus cogitandi* instrumental, econômico, liberal, insistente de um capitalismo que sempre transforma, mas que nunca altera seu princípio constante: a otimização da ganância e do poder econômico como um valor de si mesmo.
Então, o algoritmo não
23:35 pensa, mas o programador, ele tem uma consciência, né?
Ele, na hora de programar, ele vai colocar ali. E aí eu não digo de uma maneira consciente, né? Porque aí a gente vai trabalhar também na linguagem com aquestão dos deslizes, né, com ato falho, mas ele tá programando e tá ali. Então, já até pulando um pouquinho para um exemplo que eu vou dar mais para frente, mas eu acho que vocês sabem, aquele, tem um aplicativo agora de reconhecimento facial que ele abre os olhos, sabe assim? Que você bate a foto, você tá de olho fechado, ele reconhece a
24:15 foto e abre os olhos, não sei se vocês conhecem isso. Alguns celulares até já estão vindo com isso dentro do aplicativo da câmera. Só que o que que tá acontecendo? O reconhecimento não tá reconhecendo rostos asiáticos. Então, o que que isso quer dizer, né? Será que os asiáticos não compram celular, né? Olha quanto... Vamos pensar na China, né? Então, o que que esses rostos, eles estão sendo silenciados? É uma questão racial. Quem que tá programando esse algoritmo para fazer a leitura do rosto? Qual é o banco de dados desses

rostos? Não são rostos asiáticos,

25:02 não são rostos africanos, são rostos estadunidenses. Então, é isso que a gente tem que pensar. E aí, o que que acontece, né? O Ierardo vai trazer a questão do capitalismo, e o nosso recorte vai ser o capitalismo de vigilância, que é o que é da Shoshana Zuboff. Aí eu vou trazer uma pequena Bíblia aqui, ó, que é esse livro aqui gigante que foi base do meu, do meu doutorado. O que que acontece? A Shoshana Zuboff, ela percebeu que o monopólio dessas empresas tava criando é uma retenção de dados, né, em mãos muito específicas. Então, a gente

25:51 vai pensar num recorte sócio-histórico, que é o período técnico-científico informacional do Milton Santos, que ele vai dizer que essa globalização, essa rede, ela vai pensar muito no Norte, onde são produzidos. Mas e o Sul Global, né? Ainda é... Eu sou explorado, ainda é o Sul que vão tirar os dados, né? Ele não vai falar exatamente dos dados, mas ele vai falar da rede, né? E que a informação, que a informação técnica, né? Quem produz a técnica, quem programou o algoritmo, vai ter o poder, né? Então, quando a gente tem um desmonte dos

26:30 investimentos na educação, na ciência, a gente também tem um desmonte de poder científico, de produção científica. Por que que a gente terceiriza para o Google, né? Porque tem um site chamado "Educação Vigiada". Por que que as maiores universidades do Brasil têm a nuvem do Google? Será que a gente no Brasil inteiro, a gente não tem capacidade de desenvolver um sistema onde os nossos dados fiquem dentro do espaço brasileiro? Será que a gente precisa terceirizar os nossos dados para os Estados Unidos? Então, é para se pensar, né? São questões

27:12 muito, muito complicadas. E o que que a Shoshana Zuboff vai falar? Que essa nova... Ela usa a palavra, não é metamorfose que ela usa, é como se fosse uma, uma transformação perversa, né? Essa nova perversão do capitalismo, ela é muito profunda, porque ela não é só a exploração do corpo, mas ela é a exploração psíquica, que é uma coisa que o Byung-Chul Han também vai trazer, né? Essa questão do controle do panóptico do [Música] do Bentham. O panóptico, ele vai se transformar no panóptico digital, que a gente é vigiado 24 horas. Bom, a gente já

28:03 sabe que a informação, ela tá na mão dos GAFAM. E aí eu coloco o GAFAM com T, porque também o Twitter entra aí muito forte. E a palavra "nuvem", ela também não é escolhida ao acaso, né? O que quando eu falo "nuvem", a ideia é de algo muito etéreo, de algo celestial, né, de algo quase divino, uma nuvem. Mas o que que acontece de imediato? A palavra "nuvem" já

te desarma, porque pelo fato de ser metafísico, de ser espiritual e tudo mais, você tem uma, uma senha prévia de confiança, né? Uma entrega, né? Você tem uma entrega. E aí o que que acontece? Eu acho que a Luciana

29:04 desenvolveu isso muito bem assim nesse pensamento. Ela fala que essa metáfora da nuvem, ela é muito emblemática, né? Porque ela faz crer, né, o usuário, ela faz crer que esse, esses dados, eles não vão ocupar um espaço, né? Eles não têm custo. Mas e de fato, eles estão em galpões que têm máquinas sofisticadas em trabalho ininterrupto, gerido por desenvolvedores altamente qualificados, totalmente dependente de energia elétrica, que é uma coisa que a gente não pensa. Se dá um pane num galpão da Google e aí cai a internet do que a gente

29:43 entende a internet como o Google, agora, por exemplo, a gente já fez esse deslize de sentido, né? É como se fosse uma coisa só, mas não é. E o número de materiais que eles usam, né, a manufatura, o processo de extração, tudo isso é apagado pelo sentido da palavra "nuvem". "Ai, tá na nuvem". A gente até brinca: "E se chover, os meus dados caem da nuvem?". Se fosse esse o problema, a gente estaria só a ficar esses dados, né? Mas na verdade, se a gente pensar na estrutura de cabos oceânicos, né? Então, a conexão, aonde chegam esses cabos, quem paga por esses

30:32 cabos, né? E é uma coisa que é totalmente apagada pela linguagem. Por isso que eu quis começar pela linguagem, né? Para a gente ir construindo isso aos poucos e quebrar essa ideia de que a internet é um lugar neutro, né? Que tudo que eu no WhatsApp... OK, a gente tem que começar a movimentar essas ideias, porque existe toda uma camada, várias camadas por baixo, que são camadas que dependem de dinheiro, de fomento, assim, os custos são altíssimos. E pensa, o Google fala que é de graça, né? A gente, todo mundo já, já ouviu: "Ah, é de graça, não tem problema". E agora, né, de

31:25 uns tempos para cá, a gente já tem a máxima, né? "Se é de graça, você tá, você que é o produto". Então, você tá, você tá sendo o produto. A Shoshana Zuboff, né, que cunhou o capitalismo de vigilância, ela vai falar que é muito pior, a gente não é o produto, a gente é a carcaça do elefante depois da extração do marfim. Olha que imagem forte que ela faz para descrever o capitalismo de vigilância. E por que que ela faz essa imagem tão forte? Porque a matéria-prima do capitalismo de vigilância são as experiências humanas que são datatificadas, né, datificadas. Então, o que

32:14 acontece? Você tá com o seu relóginho, seu relóginho manda você beber água a cada não sei quantos minutos, esses dados... "Ai, que coisa boa, né? Vou lembrar de beber água". Eles não tão só aqui no seu pulso, eles estão lá na

nuvem, lembra? E você em algum momento deu um "OK" para aquele monte de privacidade, né, que a gente assina lá os termos de uso, você nem viu, você deu "OK", seguiu a sua vida e, de repente, consultar tudo na nuvem, e a Google, que é muito legal, que não te cobra nada, vai o quê? Vai vender as suas experiências. E você tá perguntando: "Mas qual que é o

33:04 problema disso?". O problema é o que o Silveira vai trazer, que ele define como modulação, é uma modulação de comportamento, né, através da extração de dados. Vou dar um exemplo dessa modulação de comportamento que a Zuboff vai falar: "Se tu queres economia da ação, passa para o próximo, por favor". A economia da ação é você movimentar o usuário através dos dados dele, sem que ele entenda que ele tá sendo movimentado. Por exemplo, vocês jogaram Pokémon Go? Não sei se tem alguém que jogou Pokémon Go que vai lembrar do Pokémon Go. Quem

33:54 jogou Pokémon Go fez parte do maior experimento de modulação humana até hoje feito na história. As pessoas tinham que caçar aqueles Pokémons. É o Google Maps já tinha mapeado todas as ruas, ele não queria mais mapear a rua. Como é que eu vou mapear dentro da casa das pessoas e dos lugares fechados sem que isso pareça uma invasão de privacidade? Vamos gamificar, vamos colocar um monte de Pokémon por aí, né? Eu sei que a Nintendo, ela fez uma parceria, né? A Google, ela entendo para trabalhar o Pokémon, e as crianças começaram a ficar... Não são crianças, as

34:42 pessoas ficaram alucinadas, começaram a sair mapeando todos os ambientes internos que não poderiam ser mapeados se não fosse desse jeito. E esses dados começaram a funcionar para direcionar essas multidões para determinados lugares. Então, de repente, você tinha um Pokémon especial que só estava dentro de uma determinada cafeteria, que para você caçar esse Pokémon, você tinha que entrar na cafeteria e você tava lá, você tomava um café. Então, isso é a economia da ação: eu movimento meu usuário sem que ele saiba que ele está sendo movimentado, né? Eu

35:24 faço ele interagir com, com consumo, sem que ele tenha ideia de que ele tá sendo orientado pelos dados que foram escolhidos, extraídos durante a navegação da internet. Isso vem da economia do escopo, que é, que é quanto mais dados, melhor para eu direcionar o meu usuário. Então, a gente vai pensar assim, eu trouxe um recorte, né, para vocês verem aí da Netflix. Esse recorte, ele foi exemplo do congresso que chama Privatshow, que é "a privacidade tem que cair", que aconteceu em 2019 lá em Berkeley. E aí vocês veem duas, duas capas do mesmo filme, né? E aí a provocação tá

36:20 no meio que a que a palestrante falou, né? "Alexa, qual arte personalizada

os outros estão vendo?". Então assim, essa plataforma de filme, né, de série, Netflix, ela vai perceber qual é a minha raça pelas minhas escolhas dos meus filmes, e a partir das minhas escolhas, ela vai colocando não só minha raça, tá, gente? Meu gênero, minha idade, e aí ela vai modificando as capas de acordo com os meus dados para que aquele filme, para que aquela série fique mais atrativa para mim. Então, a capa que você vê não é necessariamente a capa que eu vejo,

37:08 e isso já é um recorte, né? É assim que a gente forma as bolhas. Então, a primeira capa, a gente tem uma mulher branca com telefone na mão, o nome do filme é "Like Father", né, como como se fosse o pai, como pai e mulher, pessoas brancas em volta dela fotografando, né? Caso algum caso com meus alunos, né, estejam assistindo, a Bianca, a Kate. E na outra capa, a gente tem o mesmo nome, mas duas pessoas negras que não têm nada a ver com a primeira capa, ela se parecem que estão sentadas num sofá, a roupa do dia a dia, sendo que a mulher tá

37:50 com uma roupa de... Parece que um casamento, né? Tá sendo fotografada, e no outro eles estão tomando suco de laranja, mas que são, na verdade, o mesmo e são apresentados para o usuário de uma maneira que ele passe mais tempo dentro da plataforma, porque o que acontece? Como essas plataformas ganham dinheiro? Com o seu tempo, com seu tempo, com seus dados. Então, eu vou escolher o que você vai ver de acordo com o que você já viu e eu vou te prendendo cada vez mais dentro da plataforma. Então, se a gente for um pouquinho mais para baixo, a gente entra

38:30 justamente nessa questão do racismo algoritmo, que aí eu trouxe o Tarcísio Silva, pesquisador muito bom, né, que tem muito o que contribui sobre racismo e inteligência artificial. E ele fez nesse artigo, nesse capítulo do livro, ele fez algum, ele fez uma tabela, né? Ele levantou alguns casos, e aí eu vou ler com vocês, e alguns eu vou comentar mais profundamente. Então, ele são três, são três colunas. A primeira coluna é o caso de racismo algoritmo, a segunda é o que ele fala de microagressões (que aí quem tiver interesse, eu deixo o link do livro

39:17 para você se aprofundar), e qual é a categoria, né? Então, olha só, o primeiro é o sistema do Google permite empresas exibirem anúncios de crime especificamente a afro-americanos. Então, por que que está expondo aqueles anúncios de crimes para aquela, aquele recorte da população? Porque existe uma suposição de criminalidade, e essa suposição de criminalidade, eu mostrando o que que o, o que que o programa pensa, talvez isso evite, né? As pessoas percebam que as pessoas estão sendo presas e não cometam crime, mas na realidade isso é um insulto, né? Por que

40:05 por que que eu tô dirigindo esse tipo de informação para aquele recorte? A hiper sexualização das garotas negras, né? Então, isso aparece quando você busca imagens no Google. Então, e gente, essa questão da, das imagens quando na busca do Google deu muito problema, né? Deu processo, mas isso só aconteceu porque houve mobilização da comunidade. Caso contrário, os programadores nem teriam percebido, porque aí que eu, que eu quero voltar na linguagem, porque isso já é uma coisa atravessada, né? Para análise do discurso, o sujeito discursivo, ele é um sujeito

40:57 atravessado, né? Então, esse, esse atravessamento, ele, ele diz respeito a questões, por exemplo, do racismo estrutural, né? Então, o cara tá programando, ele não vai perceber, ele é como se ele fosse cego para esse tipo de injúria, de insulto, né? Mas como é que eu posso ter o maior pesquisador da internet replicando um discurso desse tipo? Porque na verdade eu tô perpetuando através da busca de imagens, né? E aí o Facebook esconde manifestações contra violência especial racista, né? Então assim, teve um levantamento até na época do, da hashtag

41:46 Black Lives Matter, "as vidas negras importam", que se você postasse a hashtag, ela não ia ter a mesma entrega da foto. Então, isso é uma maneira de silenciar um movimento. Quando eu não... Porque quando você tá vendo ali (eu não sei se todo mundo sabe, mas quando você tá vendo o Instagram, por exemplo), ele não tá te entregando aquilo na ordem cronológica como ele foi postado. Ele tá te entregando aquilo numa ordem de acordo com o que o algoritmo entende que precisa ser entregue para consumo ou por causa da sua bolha, mas você não tá vendo a mesma

42:30 coisa que tá todo mundo vendo. Cada um tá vendo a sua própria timeline, que é manipulada. E aí se eu tiro uma hashtag como "Black Lives Matter", eu silencio todo o movimento, eu tiro a voz, né? Eu tiro a potência desse movimento. Então, o Facebook, o Instagram, eles fazem parte da mesma empresa, né? Que agora eles mudaram o nome, não é mega, ai, do, do Covid acabou com a minha memória, gente, tá? Eu tô assim, ó, nome vem assim, é a empresa, ai, do mundo virtual... Como é que é o nome que agora todo mundo fala que o mundo vai ser? Não é alfabeto do Google, o marido veio

43:23 soprar que alfabeto, Meta, do metaverso, isso. Então, o Facebook, o Insta, o WhatsApp faz tudo parte da Meta, né? Que essa empresa. Então, gente, pensa no WhatsApp, o tanto de informação que ali acontece, né? A troca de

informação. Por que que o, a empresa Meta investiu tanto na Índia e no Brasil? Porque aqui as pessoas utilizavam muito WhatsApp e o que rola de informação no WhatsApp, né? E aí a gente tem o caso de confiar, né? O sentido assim de, o, aquela pessoa que me mandar mensagem, eu tenho um grau de proximidade que eu acabo confiando nela. Então,

43:23 soprar que alfabeto meta do metaverso. Isso! Então, o Facebook, o Insta, o WhatsApp fazem tudo parte da Meta, né? Que essa empresa. Então, gente, pensa no WhatsApp, o tanto de informação que ali acontece, né? A troca de informação. Por que que a empresa Meta investiu tanto na Índia e no Brasil? Porque aqui as pessoas utilizavam muito WhatsApp e o que rola de informação no WhatsApp, né? E aí a gente tem o caso de confiar, né? O sentido assim de, o, aquela pessoa que me mandar mensagem, eu tenho um grau de proximidade que eu acabo confiando nela. Então, o recurso do fiador do discurso: se a minha avó me manda uma fake news, meu pai mandou uma fake news, como é que eu vou duvidar? É meu pai, a minha avó, né? Então, isso vai proliferando. Mas vamos voltar aqui. Então, a Google também teve um processo muito complicado com o Google Fotos quando marcava, aparecia, né? Quando colocava a palavra "gorila" para pesquisar, apareciam fotos de jovens negros. O chatbot da Microsoft no Twitter, ele aprendia.

Então, a gente tem também essa ideia da Inteligência Artificial que consegue aprender através das

44:56 interações, né? Então, as pessoas começaram a xingar o chatbot, né, do Twitter da Microsoft, ah, usando palavrão, coisa racista, questão nazista, e ele começou a reproduzir aquele tipo de discurso como se fosse normal. Então, ele aprendeu e se tornou racista em menos de um dia. E aí a gente vai ter assim, até dou um gancho para a próxima, para nossa próxima conversa, né, César? Vocês também pensam que o ethos, né, a figura desses chatbots, na sua grande maioria são mulheres? E aí um banco do banco no Brasil teve que fazer uma grande campanha

45:48 publicitária para as pessoas pararem de assediar o robô do banco.

Então, chega nesse nível de maluquice: as pessoas estão assediando um robô que não existe, mas que tem o nome de mulher. Então, vão assediar a mulher. A questão de reconhecimento de face, né? Robôs conversacionais. Então, quando você tem atendimento através de robôs, não reconhecem as faces das mulheres negras, né? Isso em 2018, mas em 2022 também não mudou, né? Então, é uma negação da cidadania, uma exclusão, questão do isolamento. Logo, como eu me sinto quando eu coloco lá "cabelo feio" e só

46:34 aparece cabelos iguais aos meus dentro do Google, né? Isso daí, é uma,

um total assim, uma questão de identidade muito forte, muito negada, né?
Por que só o meu cabelo é feio, né? No caso dos cabelos negros, por quê? Aqui o mecanismo de bancos de imagem inviabiliza famílias e pessoas negras, e eu vou mostrar isso com exemplo de imagem, tá, gente?
É aplicativo transforma selfie, equipa para selfie a beleza da brancura, porque a gente tem um conceito de beleza muito eurocêntrico, e isso é reproduzido nos algoritmos, né? É a beleza
47:20 branca, é a beleza europeia. Aqui esses aplicativos de inteligência de visão computacional confundem cabelo negro com peruca. Ferramentas de processo de linguagem natural possuem viés contra linguagem e termos negros. Então, por que eu não vou ter a minha linguagem reconhecida, né, quando eu falo da maneira que eu falo? Análise facial das emoções associa a categorias negativas a atletas negros, supondo que eles sejam o quê? Criminosos. O Twitter decide não banir discurso de ódio nazista branco para não afetar políticos republicanos. Isso foi **48:05** especialmente na época do Trump. E aí, se a gente for para a próxima imagem, esse daqui eu trouxe da Fernanda Carreira, tá? Também é no mesmo livro do Tarcísio. Quando você coloca nesses bancos de dados de imagens a palavra "chefe", aparecem essas imagens da primeira foto, né? Homens brancos se posicionando e a palavra "chefe", né? Poderiam aparecer mulheres também, mas não aparecem, homens brancos. Agora, se eu coloco a palavra "pobreza", aparecem o quê? Pessoas negras, indígenas, em sua grande maioria mulheres e crianças, né? Então, essa questão aqui, ela é muito
48:57 forte. Eu queria, eu queria encerrar essa minha fala com essas imagens, porque a gente foi da linguagem à imagem, e a imagem, ela tem um impacto visual, né? Então, por que que a pobreza é negra? Por que que a pobreza é indígena? E por que que a pobreza é associada à mulher, né? Então, para quem quiser se aprofundar um pouquinho mais nessa questão de algoritmo, de Inteligência Artificial, de raça, eu deixo algumas indicações de leitura aí no próximo, na próxima página: o Milton Santos que eu mostrei para vocês, a Nina da Hora (o nome dela é "Da Hora")
49:47 mesmo, é Nina da Hora), ela é uma cientista, é programadora, ela fala muito de racismo algoritmo, ela tá nas redes sociais, vocês colocam "Mina da Hora", mas ela também tem publicação, né? Se quiser procurar as publicações dela, estão disponíveis. Então, é muito boa, indico "Tecnopolíticas da Vigilância", que é um livro organizado pelo Fernanda Bruno, que é muito bom, que vai ter um texto traduzido, um dos primeiros textos que ela usa o termo "capitalismo de vigilância", e o próprio Tarcísio Silva, que eu utilizei para mostrar os exemplos
50:30 de racismo. Sim, é muito importante para os organizadores. Isso,

Angélica, muito obrigada. Curtir mesmo, né? Porque [Música] é isso que alimenta as plataformas. A gente tem que divulgar o trabalho que também é feito de maneira positiva, né? Se a gente vai divulgar, pelo menos, vamos divulgar coisa boa, né? Deixa os comentários, estão passando muito rápido aqui, ó. "A internet está cheia de ideologias colocadas de forma, até então, verdade", Magda. Para quem não entende esses processos, é por isso que a gente precisa fazer de uma forma bem

51:09 didática, né? Para que as pessoas consigam entender que não é neutro. "Ah, é assim porque é a tecnologia desse jeito". Não, a tecnologia é desse jeito porque ela é pensada por determinadas pessoas com interesses dessas pessoas, né? E aí que eu falo: representatividade importa, porque a gente tem que colocar mulheres, negros programando, né? A gente precisa ocupar esses espaços. Teve alguém que falou dos emojis, eu achei muito interessante, né? Exatamente, os aplicativos que transformam é muito assim dos emojis, né? Totalmente distorcidos.

52:02 Teve um filtro também que rolou muito no Instagram, que era um filtro de princesas e príncipes da Disney, que deixava, afinava os traços também, né? Deixava uma coisa muito característica da beleza eurocêntrica e associada, entregava resultados distorcidos. E é o banco de dados, né? A quem interessa esse banco de dados? Por que que ele é feito desse jeito? Sim, e esses filtros do Instagram, eles são extremamente curiosos, né? Porque a lente da frente, né? O movimento de tirar selfie com uma lente de um determinado ângulo que o nariz é, ele

53:00 parece um pouco maior, porque é o tipo da lente que a gente tem para selfie, né? E o que que acontece? Que é uma lente que distorce mesmo, e as pessoas usam os filtros para afinar o nariz. E o que que aconteceu? Um aumento impressionante nas cirurgias de plástica de nariz, que as pessoas foram querendo diminuir cada vez mais porque elas queriam ser aquela imagem do filtro. Isso é uma questão, acho que eu vou trazer principalmente quando a gente for falar de gênero, porque impacta muito a perspectiva de identidade da mulher, né?

53:37 Como é que a mulher tem que ser? Filtro que tira todas as expressões do rosto, fica com aquela pele que não existe. A gente tem pergunta? Ah, obrigada, Ana Laura. Que bom, fico muito feliz. Ana Laura também é doutora em educação, é professora da rede Cubatão, amiga, tive até opção de gente. Legal! Tem Leli, faz lá do Instituto, nosso querido coordenador da licenciatura em matemática, tem a Michele querida, onde estivemos juntos lá na banca da Ana Cláudia, né, da nossa amiga, que defendeu o seu mestrado. Pessoal, é,

vamos lá, vamos aproveitar essa
54:30 oportunidade incrível aí que dos ensinamentos da Ana. Acho que as pessoas estão assim meio que boca abertas como eu, né? A partir do momento que se apropriam de tanto conhecimento, né, com tanta tranquilidade que ela falou de coisas, ela tá falando de coisas que não são simples de se entender, tá legal? São questões assim bem complexas e vamos aproveitar, vamos aproveitar, vamos fazer as perguntas aí e, por favor, acessem aqui, tá legal?
Esse link, preencham. Tá dando certo? Não deu certo para o Eli, faz no momento, mas ele já conseguiu e vocês receberão via
55:14 e-mail as certificações, né, os certificados pela participação nessa palestra aqui, ó. Olha só que legal! Ai, que lindo, Ivo! Obrigada! Ai, amigo também, professor do Instituto lá do Recife, grande abraço, querido! Ai, Vitor, maravilhoso, do meu grupo de pesquisa lá da UFSCAR! Ai, tão bom ver gente querida, né? Ah, lá vem o Rafael. Vamos lá, Rafael queria perguntar da LGPD. Então, nesse sentido específico, Rafa, não aparece na lei, né? Porque é uma lei que fala sobre a privacidade, mas não necessariamente enfatizando políticas públicas de
56:10 integração de combate ao racismo. Eles falam sobre privacidade. A gente teria o LGPD, né? Na verdade, o Marco da Internet, que foi muito importante e que foi derrubado e que depois veio a LGPD, né? Que é aí de todo um assunto muito complicado, porque no plano individual, a privacidade, a luta, né, pela privacidade, a gente pode dizer que a gente perdeu, né? O usuário indivíduo perdeu. Então, a luta pela privacidade, ela tem que ser uma, uma questão do estado mesmo, garantir a privacidade dos usuários, mas, infelizmente, a gente não tem políticas
57:01 assim sobre. Até falar de racismo algoritmo é uma coisa que as pessoas muitas vezes não aceitam, não entendem, né? Então, aí é um assunto que precisa ser aprofundado. Obrigada pela pergunta, Rafa. "Tentamos fazer um reconhecimento facial da minha mãe, que é uma idosa de 91 anos, para desbloquear o cartão da pensão que recebe e não consigo de forma nenhuma". Nossa, Selma, isso é um dado muito, é um dado muito expressivo, né? E eu acho assim, a questão dos idosos é uma questão que também precisa ser olhada de maneira com muito cuidado, com muito, com muita
57:43 atenção, porque é totalmente, eles são totalmente excluídos da questão digital, né? Não são pessoas que, se a gente pensar na lógica do capitalismo, não estão produzindo e não estão consumindo tanto quanto aquele recorte de dar de faixa etária ali, né, que estaria consumindo. Então, eles realmente não se preocupam, os bancos de dados são, são muito pobres nessa visão do

recorte idoso. Então, realmente é impressionante esse dado e é muito, muito triste, né? Porque é uma sociedade que exclui totalmente a velhice, que não aceita a velhice e que é

58:27 um processo que a gente vai passar, todo mundo vai passar, né? Então assim, a gente tem que lutar para que isso mude o mais urgente, porque se a sua mãe não consegue desbloquear o cartão, quer dizer que ela não vai ter acesso ao dinheiro. Então, é extremamente excludente, né? E não acontece só com ela, acontece com muita gente. Ah, obrigada, Gui. "Ana, você acha que o processo se tornar ainda mais sedutor nas redes, perdemos o poder das palavras e as máquinas tomaram conta desses espaços?". Então, mim, eu não, eu não acredito num futuro

59:17 distópico igual "O Exterminador do Futuro", né? Eu acho que a gente não vai chegar nesse momento que as máquinas vão tomar conta desses espaços. Mas eu acredito que as empresas que lucram em cima dos nossos dados vão sim aprofundar essa questão do poder, né, da modulação humana. Então, vão cada vez mais extrair dados, cada vez mais direcionar as nossas intenções através das redes e, principalmente, de uma forma que a gente leve a crer que estamos escolhendo, que não estamos sendo dirigidos pelo algoritmo, mas não é necessariamente a

1:00:07 máquina, o robô, são as empresas, a ideologia das empresas. Por isso que quando eu falei de racismo algoritmo, a gente vai olhar para esses programadores e vai pensar: são homens brancos. Por isso que a gente tem que colocar outras pessoas, a gente tem que colocar mulheres programando, a gente tem que colocar mulheres negras programando. Mas isso não é só, né, na questão da Computação, isso em todos os espaços, né? A gente pode olhar aí, né, a nossa representatividade no campo da política, né? Cadê as mulheres? Cadê os negros? Cadê os indígenas? É isso que a

1:00:47 gente tem que refletir. Ai, Áurea, obrigada! Eu tenho uma tia muito querida que se chama Áurea. A Angelita, obrigada! Gledson, legal, maravilhoso! Valeu, Rafa! Elifas, trazer ter você aqui. Elifas: "A gente não poderia dizer que não existe racismo da máquina, o que existe mesmo é racismo das pessoas e da estrutura social?". Isso, Elifas, é por isso que eu comecei pela linguagem, né? A gente tem que entender, a linguagem é uma ferramenta humana de comunicação, né? E

1:01:51 ela, por ser uma ferramenta humana, carrega a questão da estrutura social e cultural. Essa linguagem é uma linguagem que se propaga na hora da programação. A gente entende, né, da perspectiva da qual eu estudo, que a programação é uma linguagem, logo ela não é neutra, logo ela não é

assim, a gente tem que lutar para que isso mude o mais urgente, porque se a sua mãe não consegue desbloquear o cartão, quer dizer que ela não vai ter acesso ao dinheiro. Então, é extremamente excludente, né? E não acontece só com ela, acontece com muita gente. Ah, obrigada, Gui. "Ana, você acha que o processo se tornar ainda mais sedutor nas redes, perdemos o poder das palavras e as máquinas tomaram conta desses espaços?". Então, mim, eu não, eu não acredito num futuro

59:17 distópico igual "O Exterminador do Futuro", né? Eu acho que a gente não vai chegar nesse momento que as máquinas vão tomar conta desses espaços. Mas eu acredito que as empresas que lucram em cima dos nossos dados vão sim aprofundar essa questão do poder, né, da modulação humana. Então, vão cada vez mais extrair dados, cada vez mais direcionar as nossas intenções através das redes e, principalmente, de uma forma que a gente leve a crer que estamos escolhendo, que não estamos sendo dirigidos pelo algoritmo, mas não é necessariamente a

1:00:07 máquina, o robô, são as empresas, a ideologia das empresas. Por isso que quando eu falei de racismo algoritmo, a gente vai olhar para esses programadores e vai pensar: são homens brancos. Por isso que a gente tem que colocar outras pessoas, a gente tem que colocar mulheres programando, a gente tem que colocar mulheres negras programando. Mas isso não é só, né, na questão da Computação, isso em todos os espaços, né? A gente pode olhar aí, né, a nossa representatividade no campo da política, né? Cadê as mulheres? Cadê os negros? Cadê os indígenas? É isso que a

1:00:47 gente tem que refletir. Ai, Áurea, obrigada! Eu tenho uma tia muito querida que se chama Áurea. A Angelita, obrigada! Gledson, legal, maravilhoso! Valeu, Rafa! Elifas, trazer ter você aqui. Elifas: "A gente não poderia dizer que não existe racismo da máquina, o que existe mesmo é racismo das pessoas e da estrutura social?". Isso, Elifas, é por isso que eu comecei pela linguagem, né? A gente tem que entender, a linguagem é uma ferramenta humana de comunicação, né? E

1:01:51 ela, por ser uma ferramenta humana, carrega a questão da estrutura social e cultural. Essa linguagem é uma linguagem que se propaga na hora da programação. A gente entende, né, da perspectiva da qual eu estudo, que a programação é uma linguagem, logo ela não é neutra, logo ela não é transparente, ela é uma manifestação do homem, né? Não é a máquina. Ah, obrigada, Ângela! Exato, André, o racismo é de quem alimenta o banco de dados, só que o que acontece é que esse programador, ele não percebe, né? Então, é por isso que os movimentos

1:02:41 sociais, eles têm que exigir através de leis, né? Exigir através de... Precisa ter voz, porque senão, se não processassem a Google, se não fizessem estardalhaço quando rostos negros começaram a aparecer quando você colocava a palavra "gorila" no pesquisador, eles não mudariam, né? Então, essa, a política tem que ser uma política de inclusão nesses espaços. Regina, a Lucélia fez uma pergunta: "O que existe enquanto legislação hoje para regulamentar?", ou a LGPD, que é a Lei Geral de Proteção de Dados no Brasil, né? Aí cada país vai ter uma lei diferente.

1:03:33 Ah, obrigada, Fábio! Isso mesmo, eu acho interessante ele trazer essa imagem, pensar para além da era digital, os próprios pintores também distorciam faces a partir de estereótipos e tipos hegemônicos, como Jesus branco de olhos azuis. Então, é realmente é pensar no Jesus 2021, 22. Tô presa na pandemia, sempre. A Laura, obrigada! Deixa eu ver o que a Ana perguntou aqui: "Pensa que o estado só irá se posicionar no combate ao racismo e às distorções de identidade visuais culturais se a população se manifestar? A academia poderia ajudar sempre?". Eu acho que a academia, né?

1:04:20 Por exemplo, esse o espaço que o César traz é um grande exemplo disso, né? Eu acho que, inclusive, eu agradeço de novo o convite, César. É um prazer estar aqui, porque a gente precisa de mais espaços assim, né, onde se discutam questões que me irrita muito esse termo, né, que fala assim, "as minorias", porque não somos minorias. As mulheres não são minorias, os negros não são minorias, e a gente precisa ocupar esses espaços. "É o orgulho do campus", verdade, Elias, concordo. Somos todos aí uma, uma, procuramos fazer uma grande rede, né? O Elias com o CAIE, né?

1:05:11 Que é o Congresso de Inclusão, Acessibilidade, CAIE, né, que é o Congresso de Inclusão, Acessibilidade, Escola na Educação, na Escolar, e que vai ter mais uma palavra agora, mais uma edição, uma edição esse ano, e todos, todas e todos estão convidados. É um cara que sempre nos apoia. Tem aqui, ó, Rosângela, que é nossa aluna, né? Ô, Ana, olha só a interação, 46, a média que a gente tava conseguindo aqui de 45 a 50. Os números dizem muito, né? Numasexta-feira, um assunto que não é um assunto comum, entendeu? E que pode se tornar atrativo como se tornou, sendo passado de uma maneira tão, tão light, tão

1:06:05 tranquila, tão didática, porque veja, os muros da academia, a gente sempre, nós, você pelo menos, somos de uma corrente que diz: "Não, vamos quebrar esses muros e tudo mais", mas de vez em quando nós somos mesmo embebidos, né, nessa, nessa rede, nessa, nessa questão da linguagem, que aí a gente pensando, né? Você falou tanto aí, falou de forma autismo, então é vigiar e

punir, a gente pensa nessas questões aí cotidianas, e assim são os regimes de verdade e os efeitos de verdade que são provocados, né, com tudo isso. Eu vivo, vira e mexe, eu toco nesse assunto porque é muito
1:06:48 emblemático. E assim, eu tinha certeza que eu ia dar um tiro certeiro trazendo você para falar sobre isso. E olha, gente, ela queria falar sobre Inteligência
Artificial e raça, e gira, não vai ter uma específica de Inteligência Artificial e gênero, já temos a data, né? Sem ser essa sexta, outra, não é isso, Ana? Isso aí! Então, vamos lá! Vou até ver aqui, ó, 16 dias, vai ser dia 30, né? Dia 30, dia 30, e eu quero que vocês repassem para todo mundo. Teve algumas pessoas foram incluídas no grupo Espaço Hacking do WhatsApp, eu sei que o povo
1:07:34 não aguenta mais grupo, mas é uma maneira de divulgar, entendeu? Mas a gente vai trabalhando. E aí o pessoal, ó, olha só, tem aqui [Risadas], "está com muita frequência que haja Conceição, mudança de paradigma". Legal! Tem ótimas reflexões para nossa realidade. A Flávia Gomes, ou Flavinha, lá do Campos também, olha, por favor, acessem esse link que está disponível aí. Façam as suas, preencham o formulário para receber esses certificados. É conforme a Angelita Rodrigues, sugeriu, se vocês puderem dar um like lá no YouTube, porque da
1:08:23 mesma maneira que eles trabalham o algoritmo para nos alienar, pelo menos hack energia tenta quebrar, sair na contramão e viver nessa atenção, dando uma escapada, né? Eu, nosso querido Rafael, estou, é professor maravilhoso, generoso, grande amigo. E aí é sempre um você poder ocupar esse espaço. E assim, a nossa meta lá no Hack NG, aproveitar até o fim do ano, é para trazer essas falas, para provocar essas discussões. E já que o Swap melhorou bastante, Ana, a gente consegue programar esse evento rápido. Isso daí é uma, e as pessoas de fora têm acesso a essa
1:09:12 certificação? E usar as pessoas de fora, de fora têm vindo mais do que as pessoas de dentro. Então, vamos juntar, vamos trazer mais pessoas de dentro e de fora também, tá? Legal! E seguir, Ana, eu assim, o encerramento vai ser feito com você, porque a gente já discutiu isso no grupo e que seja uma prática para os nossos encontros. E de antemão, eu te agradeço em nome do Hack Energia, em nome do Instituto, em nome da Educação, em nome da informação, em nome das muitas e muitos que estão por aqui: professoras, professores, sambistas, é população negra, população
1:10:02 LGBTQIAPN+, e tem mais outro que eu agora eu esqueci, o pessoal vai me ajudar aqui, entendeu? É sempre um serviço que a gente pode prestar

que tá dentro da nossa, o serviço não no sentido da exploração do Capital, mas um serviço no sentido de você conseguir criar espaços de possibilidades de informação barra formação, tá? É importante demais, é abrir os espaços acadêmicos. Olha quanta coisa linda, quanta coisa fértil, olha quantos autores você citou aqui com a maior tranquilidade, são autores difíceis, é, Ana, isso é muito dinheiro.

1:10:53 Poxa, eu sou nada pedagogia, Michele também, outras tantas pessoas que estão aqui, isso não é, não é, não é, não é qualquer nota, tá? Como diria na música, isso aí é um acorde bem complexo que faz com que as harmonias que estão aí, é, colocando por meio de implantes, elas sejam transgredidas, elas sejam borradas, e outras questões, outros sonhos, outros tons possamos invadir. Então, muito obrigado, você tá agora comprometida, gente, olha, dia 30, tá legal? Sem ser essa sexta que vem, a outra, ela falará sobre inteligência artificial e gênero ou gêneros, como

1:11:43 essa cultura brasileira, e gêneros. Então, não é, gente, é muito bom, muito bom, muito bom mesmo, tá? O Vitor falou aqui, ó, que legal, o Vitor é daqui da Universidade Federal do Ceará, né? Um grande abraço para toda a comunidade LGBTQIAPN+, minha comunidade Negra, somos todos símbolos da luta da Resistência. A Ana foi Educadora Ensino Fundamental, os nossos alunos estão submersos no universo digital, porém não possuem esse repertório crítico. Que ações em conjunto possam tornar acessíveis para todos? A Michele agradece, a Bárbara também. Isso!

1:12:30 Obrigado, Bruna! [Música] LGBTQIAPN+, entendeu? Porque são muitos gêneros, são muitas questões. Então, esse universo vai se abrir cada vez mais e tem que falar, vai se criar uma palavra, entendeu? Que é uma palavra que tá bem de acordo com os nossos dias pós-modernos, pós-estruturalistas, é destrutivo das certezas e amigos das incertezas. Então, Ana, a palavra é sua para nós fecharmos. Olha que coisa linda, 45 pessoas, gente! Isso é muita vitória para a educação, é muita vitória. Muito realizada por compartilhar a pesquisa assim, né? Um

1:13:23 recorte da minha pesquisa que eu acho que o César me entende, né? Quem aqui é pesquisador, a gente se apaixona pelo objeto da pesquisa, né? Por mais assustador que o objeto da minha pesquisa seja, né? Que essa subjetividade, como ela vai sendo transformada através da programação algorítmica, eu me sinto muito feliz de poder compartilhar com vocês algo que é realmente uma paixão para mim e que é uma bandeira, né, pela qual eu luto, que eu acho que é urgente a gente se conscientizar dessa questão, que o espaço virtual é, na verdade,

1:14:04 um pedaço, né, uma continuidade do Espaço Real, e que a gente precisa lutar para ocupar esse espaço de uma maneira democrática.
Então, eu acho que é isso. Assim, eu agradeço muito todo mundo aqui na sexta-feira, foi muito bom. Fechou, gente!
Um beijo! Ana, fica por aqui para nós conversarmos. Sexta-feira, dia 30, Inteligência Artificial e Raça. Por favor, preencham lá, tá legal? O link, o formulário para receber os seus certificados. Tá? Um beijo! Tchau!

Evento
Palestra com a Professora Doutora Ana Elisa Ferreira "Inteligência Artificial e Gênero". Mediação Professor Doutor Cesar Rodrigues. 14 de outubro de 2022.
https://www.youtube.com/watch?v=TIU5YoXJ4fI&t=784s



É com muito prazer é um grande orgulho para mim trabalhar com a Ana que nós estamos assim criando afinando cada vez mais o nosso lastro fraterno e também de companheirismo profissional é uma para quem não conhece vocês vão conhecer é uma grande
09:15 Pesquisadora, uma grande estudiosa uma grande incentivadora dos colegas que trabalham com ela lá no instituto federal a mim eu não tenho nem o que falar e é uma pessoa da qual me orgulho muito eu faço parte dessa equipe ele é do curso de letras é Doutora linguística ela tem um currículo é assim é incontestável e vai apresentar a vocês aqui o nosso tema né que é inteligência artificial e gênero tá e agradeço-lhes pela presença, e espero que vocês incentivem o pessoal para que eles possam também dividir conosco esse Grande Momento. Tá bom Ana a palavra é sua.
Obrigada a todos e todas que estão aqui com a gente né conectados nessa sexta-feira é um prazer estar aqui de novo Agradeço o convite César é uma honra né. Compartilhar um pouquinho do que eu sei nesse grupo de pesquisa que que é um orgulho para o Instituto mesmo hoje você compartilhou as fotos do espaço físico né e eu acho que a gente vai conquistando espaços né a gente tem que conquistar o espaço físico a gente tem que conquistar o espaço virtual também
10:43 né então eu acredito que essas contribuições que a gente faz que ficam gravadas também vai construindo um espaço né que a gente depois pode voltar e consultar e dividir com outros colegas de pesquisa então.
É um prazer estar aqui com vocês hoje vou falar um pouquinho sobre inteligência artificial e gênero vou retomar algumas questões que eu já abordei no encontro anterior que é sobre inteligência artificial e raça para a gente poder entender um pouco como é que funciona a programação algorítmica enquanto linguagem né.
O que que essa linguagem com questões que eu já abordei no encontro anterior que foi sobre inteligência artificial e raça para a gente poder entender um pouco como é que funciona a programação algorítmica enquanto linguagem né.

O que essa linguagem **11:26** vai nos dizer da perspectiva sempre da análise de discurso que a perspectiva na qual eu me filia.
César Depois você conseguir colocar na tela a gente vai conversando assim então eu vou comentando eu vou fazendo algumas questões para o pessoal que tá aqui e aí se eles comentarem você coloca aqui de volta para eu poder ter o retorno porque eu tô sem o YouTube aberto eu tô só na página da transmissão eu vou colocar algumas figuras né algumas imagens para a gente pensar eu não sei a idade de vocês que estão assistindo né
12:06 Mas algumas poderão ser mais a primeira, por exemplo, é mais atual, mas depois eu vou puxar um pouquinho da memória de quem tem a mesma idade do que eu né então vamos ver eu tô conseguindo ver aqui eu não sei se o pessoal tá conseguindo ver estava bom César daquele jeito dá para ver pelo menos aqui tá dando para ver isso tá então essa primeira imagem que a gente tem que é esse homem de camisa vermelha um pouco triste olhando para um computador que a gente consegue ver que é uma tela né como se tivesse uma tela de instalação mesmo de um programa é um
13:03 pedaço de um filme que se chama Run de 2013 eu não sei se vocês conhecem esse filme né Tem alguém aí que assistiu ao na época que foi lançado ele foi um filme é um filme que eu indico muito para quem quer estudar essas questões de Inteligência Artificial porque é um filme que nos faz refletir sobre algumas relações que o homem desenvolve com a máquina.
E aí vocês podem pensar: *nossa, que esquisito como é que a gente pode falar de relações que o homem desenvolve com a máquina* quantas vezes vocês pegaram o seu celular hoje quantas vezes vocês
13:50 iniciaram a tela por exemplo né Vocês têm ideia de quantas vezes vocês tocam no celular por que é que eu faço essa pergunta porque o celular ele acabou se tornando uma extensão do próprio corpo né E quando a gente fala com os alunos ai não pode usar o celular ou deixa o celular é guardado ou os pais tiram o celular dos filhos por algum motivo assim de correção de comportamento ele se sentem amputados essa sensação como se eles tivessem perdendo uma parte do corpo Então essa relação que se estabelece com a máquina
14:38 como se esse mesmo uma prótese do corpo como se eu não conseguisse enxergar o mundo por exemplo eu uso óculos César usa óculos se a gente tira o óculos a gente não enxerga o mundo da maneira que a gente deveria enxergar o que que acontece com uma geração que nasceu com o celular na mão eles acreditam que o mundo ele é filtrado por essa tela e o Hur lá em 2013 vai

colocar uma inteligência artificial o nome né é a tradução seria dela mas seria mais uma coisa como ela é um homem muito solitário que tá saindo de um real que

15:23 acabou um relacionamento frustrado instala um programa né dentro do computador dessa esse assistente virtual que aí é uma mulher né e ele começa a desenvolver sentimentos por essa inteligência artificial e por mais estranho que isso possa parecer né Por mais ficcional que essa narrativa possa suar nós nesse momento estamos todos um pouco Apaixonados Pela máquina em que sentido no sentido que ela reflete o nosso próprio narcisismo é muito fácil a gente se apaixonar pelo mesmo e é isso que o algoritmo faz ele vai replicando várias

16:16 vezes o mesmo para os usuários então eu vou escutando músicas que são muito parecidas com as músicas que eu já escutava eu vou navegar entre comentários que vão ser de acordo com os comentários do modo que então o algoritmo ele vai construindo um perfil do usuário né E esse perfil ele cria essas bolhas então o que que acontece com Run essa inteligência artificial ela vai entendendo o perfil daquele homem e ela alimenta a aquela solidão em dar para ele tudo que ele quer ouvir então ela é literalmente o par perfeito

17:08 e Pode parecer ficção né Pode parecer a coisa mais louca mas a gente já tem relatos de no Japão pessoas se casando com um videogame com a inteligência artificial de um videogame e aí isso na época de um grande problema seria legal ou não então são coisas que eu tô colocando aqui para a gente começar a questionar essa problemática da Inteligência Artificial e gênero porque E aí vem o gancho no Run quem se apaixona é um homem por uma assistente virtual que é colocada numa figura feminina. Os casamentos que acontecem no

17:53 Japão em sua grande maioria são homens casando com máquinas. Porque esse é o problema? Porque então o Ganchinho tá aí vamos descer um pouquinho mais para baixo agora eu vou eu vou precisar da ajuda dos Universitários que são da época dos anos 1980 eu não sei se vocês lembram dessa série da supervik ela era uma menina robô que vivia dentro de um armário e aí A família abria aquele armário e colocava a menina para limpar a casa e ela fazia várias peripécias a supervik também é colocada na figura de uma menina né então mais uma vez a

18:36 gente tem a figura da mulher envolvida em questões da máquina né. Trabalhando para sentidos que já circulam socialmente antes do digital. É isso isso a gente tem que entender o que que são esses sentidos que circulam, por exemplo, qual é a função social da mulher!

Esse sentido, ele é antes do digital. Ele é antes da máquina né. Ele é uma função

construída discursivamente através de uma ideologia que atravessa a sociedade. E aí a gente vai discutir ideologia perspectiva de programação. A gente
19:33 olha para essas representações da máquina e a gente sempre cai no lugar do feminino então.
Eu adorava super Vick assim era um dos meus favoritos eu achava uma loucura aquela menina robô fazendo um monte de coisa tendo muita força que não é uma questão associada a mulher né então assim em alguns momentos a minha idealização ia para esse lugar de força de agilidade que não é um lugar muitas vezes atribuído ao feminino. E aí a gente vai mais um pouco para o passado a gente tá fazendo uma viagem aí ao passado e a gente lembra da querida Rose dos Jetsons que é de 1962 e a
20:17 Rose né quem lembra do desenho. Era empregada domésticas dos Jetsons era um robô mas é personificado numa figura feminina claramente ela usa saia ela tem a mesma roupa né um uniforme da empregada doméstica então o que que a gente pensa aqui que o digital né o essa questão do algoritmo agora na Inteligência Artificial e a representação ficcional dessas questões quando elabora a personagem feminina Ela traz conceitos muito estabilizados não discurso não discurso que diz onde a mulher deve
21:12 estar que espaços a mulher deve ocupar e esses espaços são espaços muito de serventia de subserviência de prestação de serviço né então quando a gente pensa pode baixar um pouquinho tá todo mundo acompanhando aí César não tem perguntas por enquanto tá sem áudio eu não tô conseguindo tem vários comentários a gente.
Pode voltar depois de volta apresentação [Música] a Ana o filme rede anunciava a dependência do conteúdo da Inteligência Artificial que era a reprodução da identidade do usuário a partir das métricas do uso daquele software.
22:16 Antes da gente continuar eu acho que fica gostoso meio bate-papo né Ela assistiu ao filme Você não acha interessante que era uma mulher né era um homem se apaixonando por essa inteligência artificial que vai dar ao homem aquilo que ele espera que ela dê né. Então essa questão do usuário da dependência da reprodução da identidade se fosse ao contrário seria muito disruptivo né pensar que uma mulher ia se colocar nesse lugar de poder e aí criar um ser que colocaria assim que completaria essa solidão dessa mulher,
23:04 mas não é uma é um recurso já muito trabalhado dentro da sociedade né a mulher se adaptando reproduzindo.
Muito bom o comentário da Ana Elisa. Aí a mulher objeto ela vai aparecer muito, principalmente porque a gente tem os programadores homens né. E quando a

gente fala que representa atividade importa não é porque a gente quer ocupar espaços assim no sentido de ai falar né Tem muita gente eu não gosto dessa expressão mas tem quando ele fala assim ah representatividade de porta tem gente que fala ai que mimimi né gente

23:52 representa atividade importa porque os lugares de poder vão reproduzir condições sociais então se eu tenho só homens brancos programando as Mulheres sempre serão mulheres objetos Os negros sempre serão retratados como marginais Então essa reprodução que acontece na Inteligência Artificial que não é novidade porque a gente vê aquilo como uma linguagem mesmo né uma linguagem que carrega um determinado discurso então a Rosângela falou que ele é bem atual a ilusão das pessoas né então a gente pensa o que me assusta muito agora

24:37 é a questão do metaverso isso é uma coisa que me incomoda demais assim essa o Marquise assim para a gente engolir de qualquer jeito né porque é uma representação é um simulacro de uma realidade que só existe na cabeça de cada um E se eu não convivo como diferente como é que eu vou conseguir ver a pluralidade então assim nesse momento que a gente tem tanto discurso de ódio. Imagina isso não é taverso que vai ser uma grande bolha que pode ser um espaço é que vai dar vazão a coisas que por exemplo a nossa Constituição não permite né então

25:23 só é uma reflexão então aproveitando que você tocou no assunto muita gente não tá tão assim imensa nessa linguagem e não sabem até do conceito do metaverso né se pegar né se você fizer por analogia das metas narrativas então é uma coisa assim que a questão das meta narrativa é que é um discurso somente daria conta de todos os problemas resolveria tudo e primeiro que não 10 segundos que o grande perigo é desse discurso indicar somente uma maneira de pensar que vai de encontro bate de frente é isso tudo que você tá falando da

26:04 pluralidade das [Música] não é um conceito novo né O Marcuse ele está revivendo algumas questões por exemplo a gente tinha um jogo é no começo da internet que era o Second Life que era tipo uma coisa tradução livre segunda vida que as pessoas criavam avatares e elas viviam nesse jogo e era assim era um jogo no qual você fazia coisas do dia a dia você podia criar um Avatar e resolver que você ia trabalhar num banco então você trabalhava se era professora amanhã à tarde e à noite você ficava jogando sendo um bancário ou

26:55 sendo uma garçonete você tinha uma vida naquele jogo né Pega essa ideia renova essa ideia até por questões de ferramenta do digital mesmo que o edital avançou para as questões de realidade virtual os óculos né e fala que a nova a nova sensação vai ser viver nesse espaço desse simulacro onde você vai usar

dinheiro por exemplo né dinheiro de verdade você vai comprar roupas de verdade então tem grifes que que estão famosas que estão fazendo um tênis que você paga sei lá 5 mil dólares para ter um tênis virtual um dos jogadores famosos é brasileiro.

27:45 Eu não vou citar o nome por questões né de não vou citar o nome, mas ele compra uma ele fez uma compra assim Milionária de arte digital que é uma arte que não existe é um pen drive. Então é isso que tá chegando É nesse nível de abstração do simulacro que a gente tá chegando e aí o que que acontece o Mark Zuckerberg né sendo um cara visionário no sentido de aproveitar o momento do jeito que ele consegue aproveitar tendo os dados que ele tem porque ele é dono do Facebook é dono do Instagram é dono do WhatsApp ele

28:28 percebe né com a pandemia também que foi um momento que a gente ficou em casa que talvez as pessoas realmente queiram viver no mundo virtual E aí ele investe uma grana tanto é que o Facebook mudou de nome o Facebook agora é meta de meta verso E assim a gente vai viver um grande problema voltando no começo da nossa conversa ainda sobre Face fake News né porque esse metaverso ele vive num lugar que não é um lugar físico não é um lugar onde uma nação pode ter alguma constituição por exemplo né então a gente vai ter o que políticas de

29:18 privacidade do próprio da própria empresa meta mas como é que não funciona as trocas Como é que vão funcionar eu vou trabalhar lá então isso ainda não tá definido mas tem muitas empresas investindo fortemente nesse Campo totalmente virtual E aí por que que ele é perigoso E por que que tem a ver com a nossa palestra porque as bolhas elas vão se tornar cada vez mais inchadas né E vão se tornar muralhas mesmo então vamos pensar que alguém é um nazista resolve fazer um mundo para ele onde ele não tem ninguém

30:02 que ele considere o outro ele não convive com o outro né é o inferno do igual mas essa bolha ela vai propagar aquele determinados discurso e ali vai criar tipo uma comunidade mas não uma comunidade como a gente tem agora a Rosângela falando que ela lembra do seca Life é a gente entrega um pouco a idade né Rosângela quando a gente fala que a gente lembra Mas é isso mesmo a ideia do metaverso E por que que isso tem a ver porque a internet né a gente tem essa ilusão que ela é diminuiu as diferenças né que ampliou o conhecimento mas o que a gente

30:48 viu principalmente durante a pandemia quando a gente teve essa questão do estudo e que nem todo mundo teve acesso à internet né Quais são os aparelhos que as pessoas têm que tipo de internet as pessoas têm então pensar né na Inteligência Artificial e na questão das minorias E aí eu não gosto de pensar

por exemplo as mulheres não são minoria mas somos condicionados pelo discurso apesar de sermos maioria ser chamada de minoria né uma questão da linguagem também e isso vai ser cada vez mais acentuado dentro do metaverso porque quem programa

31:31 Quem tá lá quem é o dono do metaverso né então são essas questões que a gente até pode discutir mais para frente mas vamos voltar na questão da Inteligência

Artificial e do gênero e pensar nessa mulher que serve né no papel social da mulher que está estabilizado socialmente né assim no sentido de Servidão se vocês pensarem nos principais assistentes virtuais do mercado que nomes que vem a cabeça e assim eu até quero ver veja aí pode ver César que o pessoal vai digitar eu acho que o primeiro que vai aparecer é o que

32:14 eu tô pensando que é o mais famoso Vamos fazer uma pesquisa podem digitar eu quero saber que nome que vocês vão lembrar de assistente virtual que pode ser do celular que pode ser aquele que você compra e coloca em casa E aí povo cadê ninguém voa a Magalu é um assistente virtual mas ele é do Twitter mas muito bom eu vou entrar nesse caso da Magalu que foi bem polêmico eu quando eu estava preparando a apresentação a primeira que veio na minha cabeça na verdade foi Alexa porque ela é muito famosa né ó Siri a Ana Carolina trouxe a da Apple

33:15 Alexa ela foi um bom até por ser da Amazon e o Jeff berços por ser um bilionário ele pode subsidiar a tecnologia ele pode vender tendo prejuízo para que a tecnologia se torne recorrente e isso que é o mais louco de ser um bilionário da tecnologia então quando ele começa a vender Kindle que aquele leitor ele não tá tendo lucro com Kindle mas ele quer formar o Kindle uma cultura de leitura e aí as pessoas vão consumir e vão se aquilo não vai substituir o livro mas vai se tornar recorrente a mesma coisa aconteceu com a Alexa ela

33:58 era vendida por um preço muito baixo e aí todo mundo falando Gente esse cara é louco mas por que que ele tá perdendo dinheiro porque o negócio não era Alexa o negócio era os dados Alexia tá 24 horas escutando que as pessoas estão falando em casa esses dados dentro do capitalismo de vigilância tem um valor imensurável por exemplo vocês usam GPS para do ponto de vista Mental é um grande perigo metaverso muito muito e a gente já tá vendo questões assim de questões psicológicas né muito grandes com a pandemia com excesso de telas

34:43 então isso vai explodir como essa verso infelizmente porque as pessoas vão parar de ter o contato físico no sentido do concreto vai ser tudo no simulacro e a mente ela precisa né do concreto a experiência né O Jorge laraça vai falar que a internet essa exposição é a anti- experiência então ah eu coloco um óculos virtual

eu tô no topo do Everest Mas a sensação não é do topo do Everest porque para chegar no topo do Everest eu preciso treinar eu preciso é comprar as coisas eu preciso caminhar aquilo tudo a experiência também faz parte do corpo né

35:31 colocar o óculos virtual a Bia a Bia também vai estar no nosso slide hoje que também foi bem complicada a questão da Bia mas bom Alexa começou ali a ser subsidiada pelo berços e ouvir todos aqueles dados e entender a rotina de cada usuário E aí como uma analista do discurso eu pensei em duas questões né primeiro Por que que esses assistentes virtuais tem nome de mulheres porque Alexa porque Bia porque magalu e os que tem voz tem voz de mulheres então a Siri você pode mudar mas a voz que vem no celular é uma voz

36:19 de mulher a Alex eu não sei se você pode mudar mas também ela vem de padrão uma voz feminina Então a primeira questão porque essa personificação da máquina através do feminino e segundo como as pessoas interagem com essas assistentes virtuais elas falam assim Alexa acende a luz por favor não Alex acende a luz Então esse imperativo ele também funciona porque a Alexa é uma mulher é uma mulher no sentido personificam um espírito feminino Então essa é uma questão muito complicada e ela chega ao ponto quando interesse mercadológico se unir

37:17 com a exploração de um segmento sim as mulheres têm-se a sensação de que o Imaginário machista é quem define esse padrão E aí eu não diria que é um Imaginário né assim a gente realmente na análise do discurso a gente pensa numa Imaginário mas é realmente um atravessamento do sujeito né como a sociedade se dá em relações de poder as mulheres ganham menos que os homens as mulheres ocupam posições de serviço muito mais de serviço de atendimento de cuidados muito mais do que os homens por exemplo E aí a gente chega em tal

37:56 absurdo né quando a gente pensa nessa questão de como eu vou interagir com aquela voz feminina ou com aquela imagem né feminina que a gente chega no caso da Bia que é assistente virtual de um banco né aqui no Brasil e que foi assediada sexualmente ela não existe ela é um programa de computador e pelo fato dela ter o nome Bia e ela se portar no discurso E aí como eu falo assim como é que se porta no discurso por ela ser delicada pela escolha das palavras os homens começaram a mandar nudes para o banco assim é de uma é uma loucura né E aí as

38:49 pessoas perguntam Nossa mas que coisa como é que pode acontecer porque acontece todo dia acontece no ônibus enquanto a gente está indo para o

trabalho acontece no metrô acontece quando a gente recebe uma mensagem de um desconhecido a gente abre é um nude é claro que ia acontecer com uma máquina porque não interessa ela é como acho que foi a Rosângela ou foi a Ana que trouxe é como se a mulher realmente fosse um objeto então aquele objeto tá lá para servir e as pessoas começaram a sediar a assistente virtual do banco e o banco

39:31 teve que fazer uma campanha publicitária na internet e na TV para falar assédio não vivemos em um big brother depois do avançar do avanço tecnológico das redes sociais sim aí que eu gosto muito de indicar para quem quer refletir sobre isso um autor que chama Beauty show han que ele é um filósofo muito interessante eu tenho um livrinho dele aqui ó os livros são muito fininhos tá vendo ó eles são bem fininhos assim mas ele tem esse que é ótimo que chama no enxame e ele tem esse daqui a sociedade da Transparência que faz a gente pensar

40:19 justamente em como essa exposição nos levou a uma situação de falta de subjetividade né de atravessamento total é misturar totalmente né uma coisa plastificada no sentido todas as pessoas têm a mesma cara porque as pessoas usam o mesmo filtro para tirar as fotos é sempre o mesmo ângulo né então esse excesso de disposição também mexe com a subjetividade do sujeito né que começa a se questionar quem sou eu quem sou eu sendo que todas as caras são iguais mas voltando lá na Bia por que será que uma linguagem

41:10 algorítmica uma inteligência artificial foi assediada ai que coisa absurda e aí eu retomo não é absurdo porque é o que acontece E aí o que acontece na sociedade no ônibus no metrô vai acontecer na internet a internet é uma extensão daquilo que a gente vive no real e as pessoas não percebem isso os programadores que estão lá programando Eles não têm essa consciência essa reflexão crítica sobre o uso da tecnologia né então atacam assistente virtual aqui eu coloquei vamos ver se a gente consegue voltar lá César

41:54 a Magalu também sofreu ataques né e é interessante depois pensar na estética da propaganda que eles fizeram para acabar com isso né para falar assédio não é que eram imagens de mulheres digitais né Não colocaram mulheres reais para falar assédio ou não Colocaram um desenho né um holograma ali para falar a Bia isso aqui e assim Eu ainda acho extremamente incômodo e bizarro que existam modelos que recebem cachê né que o programador recebe cachê que são modelos que não existem são mulheres programadas depois

42:43 entre num site a gente pode até deixar no link tem um site que é uma coisa assustadora o site chama dispercing essa pessoa não existe e quando você entra

no site ele gera através da programação algorítmica pessoas que não existem fotos de pessoas que não existem então assim é uma loucura a gente pensar que isso só foi possível porque tem milhões e milhões e milhares de fotos de pessoas do mundo inteiro que ele vai pegar pedacinho e vai criar uma pessoa que não existe isso é um prato cheio por exemplo

43:27 para pessoas criarem perfis falsos né Então pega lá uma pessoa que não existe nesse site que gera E cria um perfil falso E aí é o mundo inteiro da maldade né então aqui em 2020 o número de mensagens que a Bia né assistente social assistente virtual desse banco recebeu foram 95 mil mensagens é um número assustador né assim porque o que motivou né 95 mil mensagens para uma inteligência artificial que não vai responder E aí quando isso explode é muito interessante porque faz refletir a experiência de cada mulher na sociedade

44:19 né eu converso muito com os homens que me rodeiam e muitos deles fazem umas caras assim eu pergunto você tem medo de sair sozinho não tenho medo de sair sozinho né porque o medo de que algo aconteça conosco mulheres ele é trabalhado discursivamente desde a nossa infância então é do jeito e a culpa é sempre nossa no sentido de olha como você tá sentando Olha a perna Olha a roupa né então isso vai atravessando a Constituição da identidade da mulher mas aí a gente fala ah vivemos num mundo melhor mas igualitário

45:13 A artificial recebeu 95 mensagens de assédio sexual não a gente não tá melhorando né a gente tem muito chão aí para melhorar E aí o que que acontece o chat da Magalu que é a assistente virtual da Magazine Luiza é também foi o mesmo caso ela recebeu pedidos de namoro xingamentos né insultos Então a gente tem que começar a pensar talvez como trabalhar isso nas escolas né Isso é muito importante porque é uma coisa muito da base mesmo da Constituição do que é a mulher né E esse lugar que ele é repetido ele é estabilizado através dessas repetições

46:15 no digital Então acho tudo bem até aqui gente eu vou ficando meio inflamada quando eu falo desse assunto sabe então vocês me segurem porque daqui a pouco vou estar toda vermelha não vai ser só a blusa vai ser a bochecha e tudo porque é realmente para quem é mulher e para quem está assistindo né aqui eu acho que vocês entendem essa questão né esses 95 mil xingamentos refletem uma realidade que a gente tenta lutar há muito tempo né e eu acho que a questão de gênero eu vou trabalhar depois eu vou abordar a questão

46:55 LGBTQIAPN+, mas é uma questão do feminino e do masculino na sociedade é uma questão muito ainda irregular temos perguntas. Por enquanto não Então vamos continuar pode baixar bom pensando nessa desigualdade né esse é um são dados que eu trouxe um anterior, mas eu achei importante

ressaltar agora né então tem uma pesquisa né do nesen de 2007 não é uma pesquisa nova mas ele coloca que as vozes femininas são acolhedoras e
48:01 subservientes ao contrário de vozes masculinas que representam autoridade ou comando E aí é um dado interessante porque a única Inteligência Artificial assim a única não né mas a mais famosa que tem nome de homem é o Watson que é da IBM e o Watson ele é considerado o grande gênio né é o grande computador então quando a gente relaciona o ó a figura masculina Imaginário do masculino a gente representa a autoridade o comando E aí a pergunta né quem é o chefe quando a gente coloca a pesquisa no banco de imagens da palavra voz que é
48:50 chefe em inglês a gente encontra homens e homens brancos né então isso diz muita coisa sobre esse lugar esse espaço social que a gente ocupa Ah mas como isso tem relação com a inteligência artificial é através do dado da procura mesmo se a pessoa coloca chefe para procurar lá e ele cada vez que o usuário clica ele clica numa imagem de um homem branco ou de um homem de terno está reforçando para Inteligência Artificial que tá aprendendo com aquilo uma Shine learning de que chefe é um homem então quanto mais eu procuro e quanto mais eu
49:38 clico naquela imagem mas eu reforço essa questão é do Papel social né E quando eu coloco mulheres e crianças aí eu vou ter o quê pobreza né eu vou ter assim questões de insegurança né então a senhora a questão da idade Então isso é muito complicado você relaciona o imaginário de pobreza a mulheres e crianças e você relaciona o imaginário de comando de chefia aos homens agora eu vou assustar um pouco as mulheres que estão com a gente mulheres se preparem vamos falar sobre aplicativos
de controle de ciclo menstrual E como eles funcionam no
50:31 capitalismo de vigilância eu acho que foi por isso que essa ideia a gente teve essa ideia né César porque a gente eu parei você e a gente começou a conversar sobre isso e falou nossa cara isso é muito louco vamos conversar sobre isso então assim muitas mulheres utilizam aplicativos de ciclo menstrual né para controlar o ciclo mesmo a famosa tabelinha né que antigamente se fazia no calendário hoje a inteligência artificial faz ali no aplicativo Mas por que que os aplicativos pedem que as usuárias resistem dados sobre estado
51:12 mental métodos anticoncepcionais e Com que frequência elas utilizam o banheiro não são não são perguntas um pouquinho íntimas demais né para fazer uma tabelinha para fazer uma conta que eles conseguiriam fazer simplesmente com o dado do fluxo menstrual é porque eles não eles os dados não ficam só com esses aplicativos esses dados são compartilhados com os terceiros e aí a gente

tem o que as o bofe vai denominar de economia do escopo ou economia e economia da ação economia do escopo é quanto mais dados mais eu consigo

51:56 denominar né mas eu consigo traçar um perfil do usuário e economia da ação eu vou levar aquele usuário a fazer alguma coisa que ele vai achar que foi ele que resolveu fazer Então dependendo do ciclo menstrual da mulher ela tem picos de hormônio e esses hormônios por exemplo eles podem influenciar nas compras então a mulher fica mais impulsiva e por isso consome mais na internet pode influenciar por exemplo em questões de humor então a mulher tá mais para baixo será que na hora que aquela mulher tá mais para baixo os

52:40 as propagandas que vão aparecer para aquela mulher serão propagandas que vão relacionar com aquilo então tudo isso tá muito bem arquitetado e tá muito ligado sendo que ao usuária daquele aplicativo não sabe que os dados dela estão sendo vendidos para terceiros e que ela tá sendo manipulada pelo próprio aplicativo do ciclo menstrual inclusive nesse trabalho né nessa pesquisa que eles fizeram sobre o ciclo menstrual nenhum dos cinco aplicativos que foram consultados né através de e-mail quiseram falar sobre a política de

53:21 porque a gente acaba não lendo aquele monte de letrinha a gente vai passando só com corda e aí os dados são todos vendidos Então esse do ciclo menstrual para mim é um é o mais perverso de todos eu acho porque usa muito a questão biológica da sensibilidade para colocar a mulher numa questão de compra numa questão que ela vai estar mais vulnerável né então é muito muito mais o controle do corpo ele é muito mais individual né cada mulher cada indivíduo cada usuário vai ser manipulado de acordo com o seu relógio ali é biológico

54:11 Eu acho esse dado extremamente assustador passando um pouquinho sobre o para o livro de chama todo mundo mente né A internet e o que os dados dizem sobre quem realmente somos e pensando também no discurso né como esse o discurso ele vai ter um atravessamento anterior ao próprio sujeito por exemplo como que a relação entre os pais e o preconceito as buscas feitas no Google no Google no buscador do Google meu filho é brilhante então o menino né uma questão aparece duas vezes e meia a mais do que a minha filha é brilhante Então as

55:08 pessoas procuram muito mais se o filho é brilhante do que se a menina é brilhante agora meu filho é feio e minha filha é feia essa comparação acontece três vezes mais para as meninas então pais né mães e pais de meninas procuram três vezes mais minha filha é feia do que minha filha é brilhante o corpo da mulher ainda é um corpo muito social no sentido de que todos podem falar sobre o corpo

feminino por exemplo a pesquisa de peso a tendência que os meninos tenham sobrepeso em determinada idade que o Davi the wits ele traz é

55:58 muito maior do que as meninas mas as buscas né da questão de peso são muito mais relacionadas a garotas então minha filha tem sobrepeso é muito mais pesquisado no Google do que meu filho tem sobrepeso E isso não é porque a gente está falando de internet não é porque a gente tá falando do Google é porque é uma questão enraizada socialmente né as mulheres têm que ter ou tem que seguir determinado padrão estético né E aí também a gente tem a questão da Comunidade LGBTQIAPN+ que também foi uma pesquisa muito interessante quando o primeiro casamento

56:49 homossexual né aconteceu nos Estados Unidos é o jornal Washington times que é um jornal conservador ele colocou assim homossexuais se casam e Massachusetts Washington Post que é muito é que é liberal colocou uma vitória para casais do mesmo sexo então o que que a gente percebe aqui né E por que que eu trouxe esse exemplo para o final para mostrar que a linguagem ela não é neutra e ela não é transparente né as pessoas vão falar nossa mas isso daqui podem ser sinônimos eu tô falando da mesma coisa mas eu tô falando de olhares diferentes

57:33 né então para fechar com essa ideia né de como a internet como a inteligência artificial ela vai refletir a manutenção da ideologia vigente eu trouxe a citação de salgado e Oliva então a manutenção da ideologia dominante depende da transmissão via determinados objetos técnicos então a manutenção da ideologia dominante depende da transmissão via determinados objetos técnicos Alexa de mulher a Bia personificação feminina que estão embutidos em aspectos culturais Onde são produzidos né Por que que a Bia é branca

58:21 por exemplo no comercial eu acho que a Magalu também é branca né são questões são aspectos culturais que que mostra que a transmissão não é neutra né trata-se de entender objetos técnicos como materialidades institucionais esses midiums como transmito a informação é muito importante já diria o Mac luhan lá o meio é a mensagem né então como eu transmito isso e eles são sustentados por valores e crenças que é o que o manguenor vai chamar né os mundos éticos características dos modos de viver nos quais se apoia a produção do período

59:06 então o que que isso quer dizer que o filme Ele é um homem se apaixonando esse daí eu já expliquei um pouquinho Ele é um homem se apaixonando por uma mulher pela máquina né pela Inteligência Artificial porque é uma característica de um valor e crença de um aspecto cultural né então assim essa questão ela se repete por que que a Rose vai ser essa robô vestida de empregada doméstica porque é o papel que a mulher desempenha né aqui é só

uma explicação eu trouxe até um pouquinho da anterior se alguém tivesse uma dúvida do que que

59:54 é algoritmo né como uma sequência E por que que a gente confia nesse algoritmo porque ele tá ligado sempre a ideia da linguagem matemática podem falar nossa mas como é que o algoritmo vai falar que é mulher você é homem que é preto que é branco né as pessoas falam assim ah o algoritmo é neutro. Não o algoritmo não é neutro a consciência do programador que está programando vai colocar vai dentro dessa linguagem questões né do *modos cogitantes,* instrumental econômico Liberal que insiste em capitalismo que sempre transforma que é essa a questão

1:00:36 do Ierardo né, então assim a gente não pode esquecer que a programação ela não acontece ela é programada né E aí a gente tem essa repetição desses valores não sei se eu falei demais [Música] gente aqui tem o padrão que as mulheres Ah tá vamos lá aqui o padrão social que as mulheres de qualquer idade pertencem aos homens abre concessão para todo tipo de agressão exploração da fêmea por parte é verdade ai não é e hoje em dia tá acho que não sei tá mais difícil ser mulher pergunta porque a mulher pode ser considerada

1:01:37 problemática por menstruar engravidar as características femininas deveriam ser respeitadas e ter sua privacidade e garantida Então eu acho que essa pergunta Ana nem é uma pergunta tanto relacionada com a tecnologia. Mas é porque a gente vive numa sociedade capitalista que a mulher menstrua e engravida né E essa gravidez ela tende a ser um prejuízo para o patrão né então tem que afastar né a gente já ouviu tanta coisa tão dura nesses últimos anos aí que é melhor contratar o homem do que mulher né então assim parece que a gente está

1:02:24 retrocedendo a Passos largos nesse momento e é muito triste né porque é é a função só da produção da mulher né a mulher tem que engravidar ou a mulher não pode engravidar né é a função a mulher sempre produzindo o corpo da mulher sempre em função da sociedade ou para dar mais filhos ou tem que trabalhar e não pode engravidar ou pode ter um determinado número de filhos e mais ou menos né a gente chega uma certa idade e todo mundo pergunta você não vai ter filho olha o relógio biológico né Isso já é uma invasão essa pergunta não cabe ao outro

1:03:06 né cabeça somente a mulher e eu sou parceiro eu sou parceira né Então realmente a privacidade ela não é respeitada em muitos momentos a privacidade da mulher e existe uma naturalização de algumas atitudes por exemplo Gente colocando a mão na barriga de mulher Imagina você tá na rua e de repente

alguém Encosta na tua barriga surda que isso né ou ainda cabelos né pessoas encostando a mão no seu cabelo para sentir a textura do seu cabelo assim meu corpo não é público e isso acontece muito e essa invasão é uma invasão que acontece no mundo real né no

1:03:55 mundo concreto e no aplicativo né Por que que o aplicativo de menstruação quer saber se eu tô bem se eu tô mal para fazer uma tabelinha que eu consigo muito bem fazer no calendário se eu quiser é uma invasão né A gente devia ter os nossos corpos respeitados mas a gente não tem temos mais perguntas e eu acho que o César vamos lá quem tem mais colocações eles podem ter saído também na temporariamente do ar né não se esqueçam de acessar o link e preencher com os dados para receber em seu certificados em Tá bom então eu tô 1:05:01 vendo um negócio aqui o Ana que é assim é uma provocação né quer ver porque quando você quando você traz a imagem da Rose né A primeira coisa que bate na minha cabeça que arroz é o perfil da mama da mama que vem após abolição da escravatura que era a mãe de leite tudo mais depois se torna a empregada lembra aquela empregada doméstica do Tom e Jerry em cima então a Rose até o arquétipo entendeu a questão da da do corpo a questão do glúteo e tudo mais dos seios e como isso daí essa configuração base ela tá muito também é

1:05:55 um discurso que é dito de outra forma né criando sentido né e representações né então assim Jetson 62, 60 anos entendeu 60 anos atrás quando a mídia infantil né A questão do cartão infantil entra com força sempre reforçando essas questões e aí cai até naquele papo de um dia a gente estava conversando né sobre a questão do Monteiro Lobato né que tem muita gente que acha que é um ícone que não deve ser mexido eu tenho carro eu não sou da área de literatura. Mas eu sou um cara que tem um pensamento crítico né fico pensando aqui poxa mas **1:06:42** isso tudo cara extremamente racista tá vamos jogaro ser humano pela obra né não temos erros o acerto mas eu digo o seguinte teve obviamente que teve uma significação uma importância na literatura principalmente infantil brasileiro mas essa Literatura Infantil ela reforçou estereótipos ela assinou embaixo das representações ela fez no momento onde o livro era o objeto que se tinha para acessar certas coisas

que hoje não é na internet é muito mais rápido mas por fez esse papel cara e foi o papel tão assim digamos tão

1:07:26 perverso que ficou na imaginário de muita gente tem pessoal o pessoal do nosso curso mesmo eu digo nosso curso porque eu também dou aula no curso de letras que acha essas coisas não Sacrilégio ainda mais comentadas por um pedagogo né como então é bom mas aí vida que segue eu não tô nem aí para

essas questões e outro dia eu estava conversando com as alunas e alunos a respeito disso não tem essa de não se mexer entendeu não tem essa de você continuar reverenciando os bandeirantes que arrebentaram com os destruíram todos nós

1:08:04 então sabe isso daí incomoda demais o pessoal da Ultra conselho do Ultra conserva mesmo que é 50% da população brasileira né Entendeu infelizmente para mim infelizmente eles batem nisso por isso que eles ficam querendo reproduzir certas coisas das coisas não tem nem conhecimento não tem nem sentido eu tenho uma um amigo meu de Infância André me passou acho que foi ontem ou hoje uma questão assim um vídeo muito interessante muito tranquilo depois eu vou te passar o link eu não sei se eu consigo reproduzir o link aqui vou até

1:08:42 dar uma olhada que fala cara sobre questões muito muito muitíssimo interessante entendeu É a respeito que tem agora tipo vamos virar a Venezuela entendeu então a menina ela questiona Será que nós vamos virar a Venezuela aquele negócio de Se valer de uma carta aqui coloquei gostei aqui o link do YouTube sabe uma coisa assim ela vai com toda tranquilidade mostrando a não porque esse aqui se lá tem a população de 28 milhões aqui nós só aqui nós temos 33 milhões passando fome não por conta disso daquilo as questões da ditadura

1:09:27 são essas coisas absurdas e que você vê as pessoas engolindo assim engolem essas outras coisas dentro desse meta aí cara que agora não é então a gente fica presa determinadas coisas e essa falta de informação não que nós sejamos um único caminho para a verdade e razão mesmo porque essas coisas são valores referenciais mas pelo menos a pessoa não eu também vi isso né também posso pensar Sei lá desse jeito gente acessem o link e preencham para vocês poderem receber o certificados tá legal isso daí é

1:10:16 importantíssimo Tá bom uma coisa muito boa César da Rose que até eu vou notar aqui porque me deu um Insight para escrever eu acho que a gente pode até escrever junto Olha só aquilo que louco a Rose é uma ideia do Futuro no qual o preconceito ainda vai estar enraizado em posições sociais é o arquétipo dessa ama de leite no futuro então isso quer dizer que o sentido né Vai estar estabilizado nesse futuro essa mulher ela nunca vai ter mobilidade uma isso dá um super um super artigo eu olhei agora eu falei gente é como se ele

1:11:18 já colocassem essa questão do digital como uma forma de manter essa posição achei essa ideia da Rose sensacional muito bom tá me ouvindo Ana então tô tentando ligar aqui correndo a bateria não vai parar mas é essas questões elas são elas são elas estão aí o pessoal é fica morrendo de ódio né

porque acha que é aquele discurso aquela falta de argumento né que chama de mimimi as coisas estão aí e nós precisa tem uma música do Paulinho da Viola canta né que

1:12:23 é muito interessante porque ele vai contando que ele vinha ele vai falando para a mulher dele né que ele vinha passeando o certos lugares consegui ligar ele venha passear com certos lugares e tudo mais e de repente ele encontra pessoas x aí faz um samba para ela e fica tudo legal aí encontra a pessoa Y faz em samba para ela e fica muito legal e depois ele encontra uma pessoa morta ele fala assim ó guardei a minha viola não fiz o samba porque não era legal E ele disse o seguinte as coisas estão no mundo só que eu preciso aprender

1:13:08 mais ou menos por aí que eu acho que é bem legal olha aí a Ana colocou mais alguma coisa agradeço a denúncia temos que ter nossos corpos respeitados e devemos lembrar que a visão da mulher objeto perpassa desde a relações próximas até o macro vamos lembrar na hora das escolhas exato muito bom reforço que vocês acessem vocês estão conseguindo acessar o link pessoal tá tudo certo esse link está rolando aí digam só assim aí quem já acessou por favor Luana eu olha mesmo com chuva mesmo com o problema de um feriado que quebra a

1:13:58 semana e com toda sexta-feira você também mandou muito bem Cara ficamos Entre 16 e 20 participantes eu acho que semana é muito importante e essas pessoas vão. Ah então tá rolando! Obrigado Letícia Essas pessoas vão potencializar entendeu essa palestra maravilhosa esse vídeo vai ficar lá no site do hacker NG se vocês quiserem podem se inscrever tá ela te agradeço assim imensamente completamente dentro dessa possibilidade de escrevermos Essa questão aí ainda mais pelo que a gente tá estudando aqui a questão das representações Então

1:14:41 bate até em tudo inclusive para a gente fazer esse contraponto aí entre o sushi e o focou né porque isso se fala do dia do sentido né da produção de sentido e diz que o que são os discursos na verdade que produz sentido a gente pode brincar com isso trazer a questão da culturalista culposa estruturalista bem interessante eu te agradeço como sempre uma grande aula com Hoje eu estava falando com a Ana antes de vir para cá né a Jeana tá aqui com a gente tá com a professora Marisa demais também que estava trabalhando conosco até bem pouco

1:15:32 tempo e continua numa dirigir tem o Geraldo mandando a Carolina todo mundo essa palestra Me lembrou o modelo falando aqui entendeu desejar tudo certo Marisa muito bom a Diana Estão dizendo que realmente estava rolando a inscrição foi um prazer enorme Espero que tenhamos outras oportunidades para

que possamos avançar. Muito obrigado pela sua disponibilidade também me coloco utilizar o espaço para depois quando a gente montar tudo bonitinho você vai ser participar contribuir reforço que a inauguração do espaço vai ser dia 2 de
1:16:33 dezembro e dia 3 dia 2 de dezembro vai ter uma palestra com a Cláudia Alexandre que é uma pesquisadora assim de altíssimo nível e com o dia nacional do Samba. Então tem um que é o Aloísio Júnior né que faz o movimento Cubatão chamado pagode do Mumu, movimento cultural muito interessante estudante de história tudo mais e tem com Rubens gordinho que é um grande compositor da Baixada Santista um cara respeitadíssimo carnavalesco renomado é músico é um cara que ele tem uma visão assim crítica fantástica do cotidiano ela é um cara
1:17:09 com humor muito apurado Então vai ser um lance bem legal agradeço a todas e todos que participaram. Ana fechamento é seu palavra sua vamos lá. Tenho que agradecer assim a presença de todos que todas que estão assistindo o convite e Nossa tô cheia de ideias cheia de ideias César Adorei essa da Rose eu vou agora já vou escrever eu acho que a gente pode desenvolver e podem contar comigo sempre que é um prazer tá aqui tá legal gente um beijão tenha um grande fim de semana fiquem bem por favor preencham lá o formulário divulguem
1:17:55 contamos com vocês. Muito obrigado pessoal do Rio pessoal da Baixada Santista pessoal de São Paulo de todo o Brasil Um beijo grande

Evento
II Semana RACNEGÊ
Mesa-redonda com a professora Doutora Angélica Ferarez. O que há de mais trágico na ideia de mulatas: a morte simbólica da subjetividade de mulheres negras. Mediação Professor André Vieira. Apresentação Professor Doutor Cesar Rodrigues. 28 de novembro de 2022.

Link: https://www.youtube.com/watch?v=CRcPhBJMiLs&t=63s



Gente, boa noite! É um prazer imenso para nós do grupo RACNEGÊ, o André e eu na coordenação aqui, é recebermos a Professora Doutora e pós-doutoranda Angélica Ferraz. Eu aqui hoje, meu papel é coadjuvante, o mediador. André e Angélica é a nossa, é a nossa grande estrela, que certamente nos habilitará com todas as suas contribuições, a que o RACNEGÊ agradece. Muito obrigado pelo privilégio.
Bom, como já dito, boa noite a todas, todos e todes que estão aí nos ouvindo, nos vendo. É, nós estamos, nós estamos na segunda semana RACNEGÊ, né?
E como muito 00:50 bem disse César, hoje nós vamos fazer um bate-papo com a doutora pesquisadora Angélica Ferrarez, professora, né, doutora, pós-doutoranda, pesquisadora e curadora, né? Pós-doutoranda em sociologia política e pesquisa a história social do Samba, cultura no pós-abolição e artes urbanas na Zona Portuária do Rio de Janeiro. É procuradora da FLUP e na exposição Pequenas Áfricas pelo IMS, compõe o júri de Estandarte de Ouro do Carnaval carioca, pesquisa as tias baianas e tem se dedicado ao perfil bibliográfico da porta-bandeira Tia Dodô
01:34 da Portela. Então, hoje nós teremos uma discussão para além dessas pesquisas dela, dessas pesquisas que ela vem desenvolvendo, nós vamos discutir aqui o que há de mais trágico na ideia de mulata: a morte simbólica da subjetividade de mulheres negras.
Então, seja muito bem-vinda a esse espaço, Angélica Ferrarez, e que tenhamos
02:17 também com vocês, com o grupo e e também por conhecer o grupo, viu, André? Muitíssimo obrigada por estar conhecendo o grupo, porque eu fico muito impressionada com a qualidade dos grupos, saca? Que eu tenho visto nos grupos

de estudos, nos grupos de pesquisa, seja em pesquisas na área da história, seja a galera de arte, de audiovisual, né? Mas assim, a gente tem tido uma juventude muito vibrante, sabe? Encabeçando assim os grupos, os projetos de pesquisa, né? E aí tá conhecendo mais um grupo, né? Isso, isso me deixa feliz, dá força para a caminhada,

03:01 né? Como você tá me apresentou, André, você, enfim, né? Só para eu entrar um pouco, fazer um preâmbulo antes de entrar no tema, o que que acontece quando eu vou estudar a história social do Samba? Eu vou com esse olhar para essa mais velha, né? Por isso que eu começo com as tias pretas, né? Essas tias, eu tô aqui no Rio de Janeiro, então transitei por outros lugares, mas começo minha pesquisa em história social do Samba a partir do Rio de Janeiro e a partir desse olhar para as mais velhas, né? Muito tocada pelas, pela, pelos conceitos de memória, de ancestralidade,

03:46 pensando pós-Abolição, aquele pós- Abolição imediato, pensando como que a comunidade negra se organiza naquele pós- Abolição, né? E vendo que a história, que a história não conta, para trazer já um samba da Mangueira aqui para nossa roda, né? E aí foi quando eu começo a olhar a história dessas mulheres, dessas mais velhas, mulheres negras em sua maioria, século, finalzinho do século XIX, essas tias, em geral, são tias baianas, essas mais velhas, essas pretas velhas, né? Mas no século XX já começa a ver um fluxo migratório maior do Vale do Café,

04:30 então tem uma, um descentramento ali dessa ideia da diáspora baiana, né, para o Rio de Janeiro, que é muito forte no final do século XIX, mas aí no século XX já começa vindo o Vale do Café, então começa a vir um fluxo da comunidade negra de Minas Gerais, do Espírito Santo, saca? E esse fluxo migratório, claro que tem a ver, falando bem superficialmente, né, tem a ver com a decadência ali da economia cafeeira. Aliás, é bom entender tudo que a gente vai falar, a gente, eu gosto muito de puxar para coisa do, a gente pensar pelo viés 05:12 da econômico, saca? A gente tá falando de cultura, a gente tá falando de história social da cultura, a gente tá falando de história social do Samba, a gente tá falando de dimensões, vamos falar, né, sobre dimensões de imagem, de representações, que eu acho que inclusive é uma pauta que o grupo traz, né? A coisa de talento, Stuart Hall. Então, tá trazendo uma coisa de, tá pensando em representação, tá pensando em imaginário social, e nada disso tá descolado docapitalismo, nada disso está descolado da economia, de movimento econômico, né? Então,

05:46 bem superficialmente, a gente tem ali um momento da economia cafeeira, de uma decadência da economia cafeeira. Ou seja, a pauta econômica é a pauta

econômica que tá, que tá fazendo com que os fluxos, né, migratórios, os deslocamentos de trânsito sejam acontecendo. E aí o que acontece é que muitas das famílias do Vale do Café saem do Vale do Café, isso eu tô 1900, de 1901 a 1920, esse movimento é muito forte, sai do Vale do Café e vai para as regiões centrais do Sudeste, e eu tô falando de Rio de Janeiro, de São Paulo, aí já entra São Paulo nesse

06:28 movimento, o Espírito Santo e Minas, sai do interior e vai para a região central desses, desses lugares. E então, essas mulheres mais velhas que estão fazendo esse movimento, né, que são mulheres conhecidas, são as verdadeiras narradoras ali do seu espaço tempo, são mulheres que estão organizando a comunidade no espaço físico mesmo, no espaço territorial. A gente costuma falar muito a ideia de uma chefia da pequena artesã e a Pequena África, né? Ou Quintal de Tia Ciata, ou o quintal das Tias do Samba. E o que que é o quintal se

07:15 não é um bem físico territorial? Entendeu? Para você falar do quintal, esse quintal, ele pertence a alguém, esse quintal foi comprado? A gente tá falando de dinheiro, né? Então, é todo uma, uma, todo um jogo, né, que passa por relações econômicas que eu gosto de estar trazendo, porque senão a gente fica muito no lugar do lúdico, como, saca? Fica muito nessa, nessa coisa da cultura como algo que é lúdico, como algo que está para as relações de sociabilidade, e a gente esquece que, por exemplo, quintal, para ter quintal tem que ter dinheiro,

07:58 para você ter um quintal, para você ter uma casa, para você ter condições. Imagine, a gente tá falando 1900, e tô pensando numa data estratégica aqui, vamos, vamos para Tia Ciata, vamos recuar século XIX, a gente tá falando que 1850, 1850, a gente tá falando que Tia Ciata tá no Rio de Janeiro com condições de receber outras pessoas vindas da Bahia. Então, assim, como que ela tem essas condições materiais, saca? De receber pessoas, né? De estar acolhendo, né? Das pessoas chegarem. Aquela coisa, né? Eu vou migrar para São Paulo em

08:41 busca de oportunidade, então eu vou ficar na casa do André, sabe? O André vai me hospedar ali, e a partir dessa, desse momento, dessa, dessa estadia, eu vou em três meses arrumar minhas condições de vida, de sobrevivência. E isso é uma rede, isso é uma rede que essas mulheres fazem, né, no território do Rio de Janeiro. E isso é uma história muito pouco contada, e quando é contada, é contada justamente por esse viés do lúdico, do batuque, como se o batuque fosse descompromissado, como se o batuque não tivesse compromisso religioso, que aí a gente tá

09:22 falando de uma organização que é mental, né? Como se esse batuque, esse samba, esse quintal não tivesse uma relação com atualização de

ancestralidade, né? Ou seja, como é que essa população, como é que essa comunidade, sem nenhum, dentro da tragédia da diáspora negra, que a diáspora é a tragédia, o que a comunidade negra faz a partir da diáspora, que é um processo, um processo de criação, de criatividade, de subversão, mas a diásporância é uma grande tragédia, né? Então, a gente tá falando que existe uma uma negrada nas ruas dispersa, e a gente tá falando que
10:04 existe grupos específicos que têm um poder de organizar, né? Que têm um poder de se articular, que tá tendo um poder de transitar, de se deslocar. Quando você lê um "Defeito de Cor", por exemplo, a personagem num "Defeito de Cor", ela é uma mulher viajante. E o pouco que a gente tem, né, da história, por exemplo, de Tia Ciata, Carne do Tibuca, de algumas tias do século XIX, essas mulheres eram mulheres viajantes, elas vêm para o Rio de Janeiro, elas se estruturam, né, se consolidam, e no trânsito muito forte com a Bahia, elas continuam indo a Salvador,
10:47 né? né? A Kehinde, em "Defeito de Cor", ela não só tem um trânsito Rio-Salvador, como vai, como mora em outros lugares, como esse trânsito dela chega em África. A personagem do "Defeito de Cor" ela transita em África, né? Os estudos de Bamboche, só para a gente, eu vou sair um pouquinho da tia agora, mas os estudos de Bamboche, porque eu tô falando de um homem nesse universo, né? E tiveram vários homens nesse universo, nessa, né, nessa comunidade, né? Homens importantíssimos. E os estudos mostram a quantidade de viagens que ele fazia
11:26 à África, né? Isso não sou eu que tô falando, isso tem Elaine Marcelino, que agora tem uma pesquisa voltada para Literatura Infantil, mas academicamente ela tem essa pesquisa voltada para as cartas, para as correspondências de Bamboche com as filhas de Santos, né? E ele vai viajar e é o comércio de coisas que ele traz de lá, sabe? A gente tá falando de terreiros em Salvador e no Rio de Janeiro também que têm muito luxo. Esses terreiros, eles têm muito luxo. A gente tá falando de roupas de fazendas, de tecidos que elas trazem de fora, né?
12:07 A gente tá falando de joias, né, de indumentária de Orixá, e tudo isso tá dentro desse trânsito com as Áfricas. Ou seja, essas mulheres, elas têm muito mais, isso, isso é uma coisa que eu tenho pensado muito agora, fazendo um salto estratégico, eu tenho acreditado que essas mulheres negras, elas tinham muito mais condições materiais do que atualmente nós, mulheres negras, temos. Eu tô falando de condições materiais, essa condição da viagem, saca? Essa condição de receber outras, outras famílias, outras pessoas. Eu tô falando de uma palavra que

12:53 caiu, eu uso com ressalva, né? Porque quando a gente fala empreendedorismo, né, o empreendimento cai nesse lugar do capitalismo muito selvagem, mas eu tô falando de mulheres que eram empreendedoras antes desse termo ser apropriado pelo capitalismo para o uberizar, digamos assim, né, uma, uma camada da população. Então, a própria Tia Ciata, por exemplo, ela tem um comércio de roupa, ela aluga, ela começa a trabalhar, ela vestia tanta coisa do, ela tinha tanta roupa de baiana, porque a ideia era você vestir a baiana, não necessariamente você era baiana para

13:35 vestir a baiana, vestir a roupa da baiana para vender seus quitutes, né? E elas eram mais quituteiras, diferente das quitandeiras, que as quitandeiras eram mais mulheres africanas, né? Inclusive, tem muito relato de que quando as baianas chegam no século XIX, elas ficam impressionadas que as africanas já dominam o comércio da quitanda, então elas começam a fomentar o comércio do quitute, que aí eram os doces, manjar, pudim, era essas, né, eram esses doces. E aí você vestia a baiana para poder fazer essa venda. Então, Tia Ciata, ela tinha tanta roupa, e aí

14:23 pensar que ela tinha tanta roupa e pensar em condições materiais, ela tinha tanta roupa que ela começou a trabalhar com aluguel dessas roupas para teatro, foi uma, um dos empreendimentos, entendeu? Para além do quintal, ela teve esse, esse empreendimento com roupa, ela teve a quitanda dela, ela teve mais de uma quitanda que outras pessoas ficavam vendendo, ela já não ficava mais vendendo na quitanda, né? Então, assim, a gente tá falando de, quando eu começo, quando eu entro, eu entro pensando nesse, nesse universo, né? Eu entro pisando neste lugar. E aí, quando

15:04 você entra pisando neste lugar e você dá um salto do século XIX para pensar quem são essas mulheres hoje em dia, né? E o que que as imagens e o que que o consumo, o que que o fetiche faz, né? Trabalha, manipula em mulheres negras, foi quando eu começo a entender também dentro do universo do carnaval, porque aí tem, antes da minha entrada no Estandarte de Ouro, eu já, eu já começo a pesquisar a escolas de samba, que é diferente de tudo isso que eu falei até agora, né? Eu tô falando anterior à escola de samba, né? E aí eu começo a pesquisar

15:43 escola de samba, e aí imagine, né? Eu, mulher negra, pretinha, chegando na escola de samba com olhar realizado, pensando gênero, né, na escola de samba, eu dou de cara com quem? Com a atualização da imagem da mulata, né? E aí a mulata, ela começou a me afetar. Então, quando eu entro na escola de samba pensando nessas tias, a gente encontra, por exemplo, uma, uma, um sinônimo ali, poderia usar a palavra sinônimo, que tá faltando outra, dessas tias

numa ala das baianas, né? Ou então na cozinha da escola de samba, na coisa da feijoada, né? Geralmente tem ali a
16:28 manipulação de, né, o poder ali dessa tia, né? No ofício da porta-bandeira, hoje muito pouco, mas antes mais, porque porta- bandeira tá cada vez mais um ofício jovial, né? A maioria de quem tá, né, levando pavilhão são mulheres mais novas, mas antes, tanto que eu estudo uma porta- bandeira durante a minha, o meu doutorado, eram mulheres mais velhas, né? Então, essas tias, se a gente for procurar similaridade, né, dentro do universo da escola de samba, elas estão ocupando o ofício da própria bandeira, estavam, né? Estão na cozinha de santo, elas estão na
17:10 cozinha da, do segredo ali da feijoada. E aí eu começo a ver os outros ofícios, eu gosto de falar ofício porque tem cargos e tem ofícios dentro da escola de samba, né? E se eu não chamar atenção para, para coisa do ofício enquanto pesquisadora, né, desse universo daqui a pouco tudo tá virando cargo, porque tudo é comprado, sabe? O cargo que você compra, então a rainha de bateria, ela, ela já tá no limite, né, de um ofício que tá se tornando cargo, cada vez mais cargo, você compra o cargo de rainha de bateria, aí o que que eles fazem? Eles criam um outro
17:52 cargo, que é a princesa da bateria, né? Porque aí a princesa da bateria sim pode ter o status, o hábitos, né, de ofício, né? A princesa da bateria geralmente é essa menina que é da comunidade, essa menina mesmo samba no pé, né? É uma outra relação mesmo do chão da escola de samba, né? A porta-bandeira é ofício, né? A ala das baianas é ofício, assim como mestre-sala, né? Eu falei da porta-bandeira, mas o mestre-sala. E aí eu vejo a passista, passista é um ofício, né? E aí eu ver, eu começo a olhar a passista a partir desse olhar do outro,
18:41 isso antes de começar a olhar passista mais de dentro. Que que é o olhar do outro? É o olhar de quem vai olhar para passista e vai nomear ela de mulata, sabe? É esse olhar que vai criar ali em torno da figura da passista um atos ali de hipersexualidade, né? Que que é essa passista? O que que é essa mulata, né? E aí eu vou buscar quando que começa, quando começam a mulatizar, né? As mulheres negras, começam a mulatizar mulheres negras, e essas mulheres negras, elas acabam, sabe aquela, aquele, aquela imagem de quando você pega o olhar do outro mesmo,
19:32 você acaba naturalizando, você acaba naturalizando em si, né? As impressões do dedo opositor, ou seja, de um outro que está, né, que está apontando ele para você e tá falando, você é um assim ou você é uma assada ou você é uma quente, você é uma que é interessante porque afinal de contas

eu estou na década de 80, eu estou vendendo uma cidade extremamente um potencial turístico que é o Rio de Janeiro. Primeiro que já tem uma ideia de Brasil como esse país que é o país do futebol, é o país do carnaval, é o país do homem cordial, né? Sérgio

20:14 Buarque de Holanda ajudou muito nessa construção, é um país dos trópicos, né? Então, é um país quente. Então, dentro dessa, desse, dessas imagens que estão ligadas, estão ligadas ao mito da democracia racial, né? Essas imagens desse país, dessas imagens que tá sendo vendida do Brasil, existe uma cidade que é o Rio de Janeiro, dentro desse, dentro desse país, que é uma cidade com uma forte tendência turística, e o que que a gente vai vender? É o carnaval, é o melhor carnaval, é aqui, é Rio de Janeiro, venha para o Rio de Janeiro para viver a melhor experiência.

20:55 Isso eu tô na década de 80, tá, gente? Então, assim, é Rio de Janeiro e Salvador são cidades que estão ali do alisando, né, legalizando, mas se complementando no quesito lúdico, festa, carnaval e sexualidade, porque essa sexualidade dessa mulher negra, ela tá nesse bolo, né? Ela é vendida também como essa, essa imagem do "Venha visitar o Rio de Janeiro, venha para o Brasil, porque além de você ser bem recebido, além do, do homem cordial, das pessoas cordiais, né, um país que nunca tá em guerra, é um país onde se plantando tudo dá, e é um país

21:44 onde você vai ver muitas experiências, uma delas vai ser essa, essa passagem sexual com uma mulher negra." O que que a gente mais vê na década de 80 quando vai se vender o Rio

de Janeiro? Cartão postal, quem é a imagem desse cartão postal? É essa mulher negra mulatizada, é a passista, né? E isso, gente, eu não tô falando nada muito novo, não, assim, não tô também inventando nada, não. Lélia Gonzalez já tá falando isso lá em "Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira", né? O quanto que a passista ela atualiza, né? Essa ideia da mulata, esse fetiche, essa

22:26 hipersexualização da mulata como um passaporte mesmo, né? Do tipo, "venha viver essa experiência sexual nos trópicos, venha para o Rio de Janeiro", e aí o cartão postal é essa mulher mais seminua e tal. Se eu vou recuar, é que eu não tô querendo recuar muito, mas eu sou historiadora, historiador fica sempre, né? E aí, mas se eu for recuar um pouco, eu tô na década de 80, mas antes disso, a gente tem no teatro de revistas também essa, essa ideia dessa, dessa desse passe com essa mulher interessante, com essa mulher quente, né? Olha que

23:07 interessante, a gente tem uma grande personagem do teatro, né? Uma personagem do teatro e uma personalidade mesmo indiscutível da história, que é

significações e vocês não precisam dizer o que que esses corpos estão fazendo, porque a gente ouve é um discurso superficial sobre o que ela não ser negro, né? Perfeito! É isso aí, ô, André, você foi perfeito, porque assim, quando eu entro nesse teu piso, nesse território, né, e

26:47 começo a entender ali a mulata e os lugares da mulata não só no carnaval, eu trouxe a coisa da passista, mas aí eu vou também para o audiovisual, por isso que a ideia da mulata trágica que eu vou falar daqui a pouco, eu vou para novela, eu vou para literatura, eu começo a ver a representação de mulheres negras através de personagem mulata, eu tô vendo isso tudo e eu tô mega influenciada, por favor, eu estava ali com Fanon, né? E Fanon tá o tempo todo, Fanon, Bel Hooks, então assim, mostrando, né, a criação desse, dessa, dessa

27:23 representação, é isso, né? Quem tá representando, quem tem o poder de representar, né? De quem tem, quem tá tendo poder, ou seja, esse, Fanon chama de estímulo externo. Tem uma passagem de Fanon que eu vou falar rapidinho, nem ia falar porque eu tem coisas que eu já cansei de falar, mas eu, é importante falar, tem uma passagem de Fanon que me, que me mexeu muito comigo, que ela, que ele tá andando, Fanon tá andando em Paris, e aí ele olha e tem, ele tá andando sozinho e passa, isso tá tipo, sei lá, página 105, já até gravei a página da

27:59 edição da UFBA do "Pele Negras, Máscaras Brancas", ele tá andando na rua e aí tem uma criança andando com a mãe, né? E a mãe vira e fala assim: "Olha, mãe, um negro!" E aí como é que é a situação dele aí? Ele fala assim: "Era um estímulo que me perturbava", e ele olhava de novo e a criança repetia: "Olha, mãe, um negro! Tipo, olha, mãe, tem um negro, olha ali um negro". E aí ele dizia: "Aquilo começou a mexer comigo e eu comecei a rir", ele começou a rir de nervoso da situação, e aí a criança, a mãe acho que olhava, mas não tava dando muita atenção pra criança e tal, e aí a

28:40 criança gritava, a criança insistia, e aí a criança falava, gritava de novo: "Olha, mãe, um negro!", até que no final a criança vira e fala: "Olha, mãe, um negro, e eu estou com medo!". E aí ele falou que ali, a partir daquele momento, começaram a temer ele, ou seja, ele tomou consciência que a partir daquele momento ele era um corpo que andava em Paris e que imprimia medo, né? Então, eu vou para esse território, para esse, vou pisar nesse terreno e vou muito pensando no estímulo externo, ou seja, esse, esse ser, né, que vai apontar quem

é o outro, eu

29:24 vou muito nessa coisa, só que depois, André, eu continuo minhas pesquisas e aí eu decido conversar com as tais mulatas, eu decido conversar com as passistas, eu entro no universo do, das passistas e chamo elas para conversar, e aí eu começo a ver essa produção de imagem, de significados de corpo, né? A partir de mulheres negras politizadas, onde nada do que eu tô falando aqui era novidade para elas, talvez não tivesse um Fanon, talvez não tivesse, mas assim, o cerne da questão para elas não era nada novo, até porque elas me deram é muito mais **30:05** referencial de coisas que elas viveram e vivem a partir desse estímulo externo, né? Elas me deram muito mais exemplos, né? Me contaram muito mais situações e, ao mesmo tempo, elas me deram essa dimensão de contar a subjetividade, dessa dimensão de subjetividade, essa dimensão de corpo, essa dimensão de politização do espaço através do olhar delas. E eu peguei, André, desde, eu fiz entrevista desde Globeleza Valéria Valença, que é conhecida, né? Ficou eternizada, a Sabrina Ginga, que é passista do Salgueiro e é uma menina jovem que tá no **30:49** palco do Salgueiro, que tá no palco de acompanhando a galera do funk e tal, fazendo um trabalho de dança incrível. Então, assim, eu fui, né, pegando, cruzando gerações e pensando esse universo só que a partir dessas mulheres, e é muito mais interessante, é muito mais é isso, né? É autoral, é protagonizar, né? E elas estão bem ligadas no que tem um vídeo que quando eu fui contar para uma delas, tem um vídeo, tá no YouTube, do Schwarzenegger quando chega, vem ao Brasil, ele vem para Copacabana, e aí enchem o palco de passistas e ele tem **31:30** uma coisa de tocar nelas e tal, e eu fui contar nesse vídeo para uma delas, e ela me deu aula, sabe? Então, assim, é muito interessante pensar que o movimento que a gente está vivendo, né? A gente for pensar em protagonismo,

emancipação, autonomia de mulheres e de mulheres negras, né? Imagine, eu sou uma, uma mulher que tô fazendo minhas pesquisas, eu tô falando tudo isso, mas o meu campo de atuação, digamos, está mais ligado à vida acadêmica, né? Elas não, né? Elas, inclusive, elas, algumas, elas são acadêmicas, né? Tem seu, tem sua vida acadêmica, mas elas

32:12 estão ali no, tô lendo aqui a Glícia, Gleicia Lins que foi para a sexta, mas elas estão, é isso, elas estão no chão, elas estão com, né, com samba no pé lá.

com samba no pé lá, defendendo, defendendo um ofício, né? E então, se a gente está vivendo um movimento de, digamos, de explosão feminista, né? E dentro disso, de feminismo, pensando, e aí não vou entrar em qual feminismo você acredita, mas assim, se é feminismo negro, se é mulhererismo, se é feminismo das mulheres do campo, da floresta, mas se a gente tá nesse movimento, esse movimento, ele ia, ele ia chegar, ele ia espirrar, ele ia

33:01 acontecer, né? E ele ia, né, tá ganhando corpo também dentro do universo das escolas de samba. E aí eu consigo encontrar isso quando eu chamo essas passistas, né, para conversa, né? Saindo um pouco do carnaval e encaminhando aqui também para não, para o final, mas para a gente conversar mais, que o tema do, o tema que eu mandei foi a mulata trágica. Então, eu queria falar o que que é essa tragicidade, o que que é essa mulata trágica. Quando eu falei de estereótipo, né? Eu falei que estereótipo, eu falei de produção de estereótipo, mas

33:38 do que isso, de imagens de controle, né? Porque estereótipo, gente, é um conceito que tá ligado, ele é sempre negativo, sabe? Não existe essa coisa de um estereótipo positivo. Imagens de controle sim, imagens de controle podem ser positivas ou negativas. O estereótipo é sempre, sempre ligado a algo que é negativo, algo que é ruim, algo que não, né, que não se quer, que não se valoriza, né? Mas as imagens de controle, elas são muito, por isso que eu costumo dizer que imagens de controle são muito mais poderosas porque elas podem consolidar espaços incríveis

34:18 para determinados grupos, né? E espaços desprezíveis, desumanizados para outros grupos, né? É, tem uma, eu gosto muito de pensar, né? Quando a gente fala assim, "ai, fecha os olhos e pense num senhor de sucesso, pense num empresário de sucesso", né? Geralmente, quando eu fazia isso com os alunos, geralmente os alunos pensavam que esse empresário era um homem branco, né? Então, isso é um estereótipo. Homens brancos serem pensados como empresários, se ou de sucesso, não, isso é imagem de controle, porque esse é um lugar de muito prestígio, de muito privilégio, e homem

34:55 brancos acabam naturalizando, né, que ele realmente tem a imagem e semelhança do Senhor de sucesso, ou seja, eles são líderes natos, eles nasceram para liderar, eles nasceram para ter dinheiro, né? Quando eu falo,

"fecha os olhos e imagine quem foi o motoboy que foi entregar a comida do seu iFood essa semana, fim de semana, sei lá", e aí sempre foi a imagem de um homem negro, né? Ah, isso é estereótipos, mas isso também é uma imagem de controle, porque isso gera, a imagem de controle, ela gera esse confinamento de determinados grupos

35:40 num lugar, né? Então, fecha os olhos e pensa na empregada doméstica, é uma mulher negra. Pense numa ascensorista do elevador, é um homem negro, né? Pense no motoboy, no motorista do Uber, pensem no gari, no lixeiro, né? Agora pensa no seu de sucesso, agora pense na modelo de sucesso. Então, assim, isso são imagens de controle, né? Então, essas mulheres negras ao serem [Música] subjetivadas por outro, por homens brancos em geral, né? Muitas vezes, elas naturalizaram mais do que hoje, porque hoje o discurso, como eu falei, o discurso está muito visceral, né?

36:27 O discurso, ele tá chegando e ele tá sendo também produzido por essas mulheres dentro do universo de samba. Mas se a gente for lá na década de 80, é Sônia Giacomini, por exemplo, que é uma professora, uma das, uma das professoras que estudou esse universo da mulata, é uma professora branca da PUC, da sociologia, mas que tem um trabalho pioneiro nisso, Sônia Giacomini, e tem "Profissão Mulata", ou seja, o quanto que ser mulata já foi realmente uma profissão. Então, quando mulata era uma profissão, muito provavelmente essas imagens de controle que confinaram essas

37:06 mulheres negras em lugares muito, muito frágeis, né? Essas imagens, elas foram naturalizadas por essas mulheres. E por que que eu falo que é muito frágil? Porque esse lugar que essa mulata ocupa, por que que ele é frágil? Porque ele esconde, né, de forma ali escamoteada, um certo grau de violência, porque junto com esse desejo, com esse fetiche, né, que tá aderido, que tem aderência com a sexualidade, tem também um fetiche, um desejo de [Música] do corpo, esse corpo que é meu, e se esse corpo é meu, eu faço o que eu quiser

37:56 desse corpo. E aí é uma linha tênue entre essa hipersexualização e a violência, né? É por isso que essa mulata ela é trágica. Claro que tem uma outra linha de interpretação também da mulata trágica, que Bel Hooks, quando ela tá analisando o audiovisual na década de 60 e 70 nos Estados Unidos, mas ela como ela tá fazendo a crítica, a crítica cultural, né, de audiovisual, ela tá falando das representações de mulheres negras no cinema. Então, essa mulher negra

quer representada como a babá, né, a mami, a mãe preta, né? Só a gente pensar naqueles personagens da Up Gold,
38:44 quando ela, ela faz a babá, é sempre de uma criança branca, uma criança esperta, uma família passa mais alta e tal, e ela é aquela mulher negra que ela não tem subjetividade, ela esquece de si porque ela tá ali, né, no exercício de cuidado ali com aquela criança. Então, a gente fazendo uma apropriação, a gente pode chegar, por exemplo, na mãe preta, mas essa mulata, essa mulher hipersexualizada, ela também está no cinema, e ela sempre, que isso é Bel Hooks falando, né, o destino dela no cinema, né, das mulatas sempre era morte, essa mulata, ela sempre,
39:25 essa mulher negra, ela sempre morria no filme, e é por isso que é a mulata trágica, porque a tragédia, diferente do drama, né, a tragédia, o caminho natural da tragédia é a morte. O drama é a encenação do conflito social, você tem um drama, né, não necessariamente você tem a morte no drama, mas a tragédia, ela ensina o conflito social, ou seja, ela parte do drama, mas ela tem como um fim a morte, e é por isso que essa mulata no audiovisual, década de 60, 70, nos Estados Unidos, lá para trágica, e é por isso que eu trago a ideia dessa
40:03 mulata trágica, né, incorporando aqui, pensando no Brasil, se a gente pensar tanto na novela, se a gente pensar no próprio cinema nosso, Joel Zita Araújo tem texto sobre isso, quem quiser entrar mais, se a gente for pensar na literatura, que que é Jorge Amado pensando Gabriela Cravo e Canela? Gabriela que é cheiro de cravo e canela, ou seja, olha os sentidos que Gabriela desperta, né? Sentido do paladar, no sentido do olfato, né? A Luís Azevedo chama a mulata, que eu esqueci a personagem dele, mas ele chama mulata e ele diz que
40:39 ela tem cheiro de manjericão, a flor de manjericão, ou seja, o sentido também do olfato, né? E no carnaval, as marchinhas, né, que alguém até comentou, que é um brinde pra gente pensar nessa normatização de mulheres negras, né? "Seu cabelo não nega, mulata, porque és estimada na cor, mas como a cor, a cor não pega, mulata." Ou seja, eu posso me envolver com você, eu posso me esfregar com você que a cor não pega, "mas como a cor não pega, mulata, aí simulada eu quero seu amor", né? Então, o que que é essa tragédia, se a gente puxa, né? Se a gente traz isso para poder
41:26 pensar as nossas imagens e as nossas representações na cultura do Brasil, é a morte da própria mulher negra, porque você fica no personagem, né? E aí é esse personagem cheio de caminhos que inclusive, né, um dos caminhos é a tragédia. A senhora poderia falar da mulata do cinema brasileiro, Mariano de Assis? É isso, quer que eu continue, que aqui eu acho que eu já falei demais. Eu

envolvida com Lima Barreto por conta da curadoria da FLUP, por conta da, dos trabalhos que eu tenho feito dentro do universo da mais literário, né? E eu tô muito envolvida com Lima Barreto. Lima Barreto, ele bem diferente de Machado de Assis, 45:48 Machado de Assis é a ideia do mulato é isso, né? Sendo bem sem senha, sem falar, entrar muito nisso, né? Porque também não tem muito tempo, mas Machado de Assis é esse homem que, que veste terno, é o homem que cria a Academia Brasileira de Letras, é o homem que cria, que entra, que circula, que está nos grandes cafés, que está nas grandes repartições de jornal, é o homem que tá dentro de um meio jornalístico e político transitando muito bem, fazendo muito bem, né? A coisa, e é um homem muito, né? Um dos autores hoje em dia se fala muito do enfraquecimento

46:33 de Machado, mas até sei lá, cinco anos atrás, o enfraquecimento dele passava de forma natural, e quem é Lima Barreto se não é a subversão disso tudo? Ou seja, é o homem que apesar do recalque, né, que ele tinha, mas é um homem que não vai entrar na Academia Brasileira de Letras, apesar de ter se submetido três vezes, ou seja, ele não é o perfil para aquela academia, que ele não é o perfil do mulato, ele não é o perfil intelectualizado domesticado, eu acho que a palavra domesticada, ela cabe bem aqui agora. Então, [Música] E aí eu falei isso em algum lugar e a

47:21 pessoa fez uma pergunta do tipo, ah, então o par de atômico da mulata poderia ser malandro, poderia ser, saca, essa imagem, essa figura do malandro? E eu tenho pensado nisso, mas eu também não tenho resposta para isso ainda, não sabe? Porque eu não sei se o malandro, ele tem essa esse apelo sexual tão forte, entende? Como a mulata, mulata tem, tem essa, tem essa essa sexualidade selvagem, né? Agarrada, atrelada à ideia da mulata, né? Sexualizada, ela é fetiche, ela é mercadoria, ela é um corpo desejo, ela é um corpo mercadoria, ela é um corpo, 48:07 é um corpo violência, ela é um corpo posse, né? A gente não tem essa relação com o corpo do malandro, né? E talvez realmente o par de hipotâmico do malandro, né, é a pomba gira, sabe? Que aí a gente tá dentro do universo religioso, e o plástico atômico da mulata, a gente vai continuar pesquisando, porque, né, alguém me perguntou isso, eu fiquei pensando nisso, mas não temos assim essa, essa, essa dupla, entendi? A gente não tem essa, professora. Sim, você trazendo essa, essa questão, né, do desse simulado e dessa construção, me

vem muito, né? Tem me vindo muito
49:00 ultimamente, né? Olhando todo esse movimento negro, essa discussão de ascensão, o Abdias do Nascimento, né? Quando ele vai falar da estética da brancura em corpos negros aculturados, né? Que ele vai falar desse corpo negro midiático, a gente pode arriscar aqui dizer, né? Que essa mulatização, podemos dizer assim, desse homem preto seria esses corpos midiáticos, eles passam por esse processo? Tá, mas aí esse corpo, eu acho que eu não entendi, André. Esse pouco desse homem negro, ele, ele tá onde que eu não entendi? Esse homem negro que tá na TV, se eu me
49:48 nego que tá no cinema, porque quando ele vai retratar, né? Essa, essa, esse corpo aculturado, ele vai falar que esse corpo para ser aceito ninguém determinados lugares midiáticos, ele sofre como se fosse uma pincelada, né? É dado um embranquecimento nele para que ele seja aceito nesse espaço. Então, será que seria um processo desse homem mulato tornar simulado aceito mediatamente? Será que a gente pode dizer assim? Ou sim, entendi agora, é porque realmente é, sabe qual foi a minha dificuldade com a tua pergunta? É porque eu estava pensando
50:31 nesse mulato agregando a agência sexual selvagem a ele, ele não tem essa, essa agência, ele é embranquecido porque ele vai circular em determinados espaço, ou seja, para você entrar nesse espaço, então ele, ele é enlouquecido, ele é, ele faz parte de, de um, de um grupo, né? Tem um grupo que se sente privilegiado, não sei se é privilegiado, mas que se sente privilegiado por estar acionando determinados espaços, seriam o lugar do negro cordial, então, né? Se a gente for pensar esse, essa construção, sim. E aí a gente cai naquela, naquela ideia do negro de alma branca né!
51:20 ideia do negro de alma branca, né? Eu tava pensando nisso, age como um branco, fala como um branco, né? Eu tava pensando sobre isso agora, você falou, eu tava pensando nessa ideia da alma branca, né? Porque a gente tem, por exemplo, essa, porque assim, a mulher quando ela é pensada negra de alma branca, ela tá longe do, da imagem da mulata, muito pelo contrário, né? Ela se veste, ela se, a questão do corpo, eu acho que ela é muito central nesse que a gente está pensando, entende? É a relação que se tem com o corpo, é o quanto que esse corpo é um corpo
52:07 mercadoria, ou seja, o quanto que eu negocio com meu corpo para poder entrar em determinados espaços, para poder, né, para poder circular, para poder acionar, para poder ter dinheiro, para poder ter poder, né? Então, eu acho que tem uma relação com o corpo que ela é muito central, né? Um debate do corpo que é muito central. Agora, o embranquecimento, se a gente

for pensar um embranquecimento [Música] para essa circulação, né? Esse corpo, ele acaba sendo o oposto do corpo do, da ideia da mulata, ele é quase um corpo tabu, né? Porque ele é um corpo que você

52:44 vai precisar botar no terno, ele é um corpo que você vai pesar botar um taier, essa mulher, essa CEO, essa mulher negra, se ou, né, ela vai botar uma, ela vai se vestir, ela vai se fechar, até porque existe uma coisa que é importante pensar, que é o corpo dessa mulher negra como ele é, esse corpo mais fragilizado, ou seja, esse corpo que já, que já é o corpo posse do mundo, né? Essa mulher para ela entrar em determinados espaços, em lugares de poder, se mantendo ali, mantendo a sua integridade, né? Ela acaba realmente fechando esse corpo, saca? Ela acaba

53:31 cobrindo esse corpo, ela vai acabar cobrindo esse corpo. Não é à toa que hoje em dia a gente tem um grupo de intelectuais, esse fim de semana eu tava com uma intelectual incrível em São Paulo, né? Fazendo uma mesa com a Carla Coticchio, e a Carla Coticchio lá subversão disso, ela vai de mini saia, porque isso é uma vestimenta política, ela usar a mini saia no lugar de filósofa, no lugar que ela está ocupando, né? Ela botar o shortinho, ela botar o corpete
e tal, é justamente uma afronta, né? É embaralhar essas imagens. Mas é claro que aí é para embaralhar essas

54:10 imagens você precisa estar muito, aí isso é muita segurança de si, é muita segurança desde o corpo, né? E é saber que você acaba ofertando ali com um lugar de fragilidade, independente da intelectual, independente da cabeça que, que se tenha, porque existe a reação do outro que é incontrolável, essa reação do outro que a gente não controla e daí se desdobram outras significações em relação a esse corpo que está posto ali, né? Perfeito, Angélica, é muito incrível essa discussão, acho que ela, ela precisa ser refeita, deixo aqui

54:54 já o nosso convite, né, para um próximo debate, porque é de muito caldo isso, então não se resume, né? Felizmente, nós vamos precisar caminhar para os, não vou dizer aqui finalmente, porque eu acho que não existe esse finalmente, né? Mas para as considerações aí que você tenha fazer, e é isso, né? Então, André e professora Angélica, antes eu queria colocar uma provocação, mesmo tendo sido emendado em outra, outro assunto super interessante, porque é uma perspectiva quase que infinita, né, de assuntos interessantes e da sua pesquisa,

55:38 do que você traz. É assim, eu queria deixar uma provocação para você, e aí é uma coisa bem bairrista mesmo, como nós somos cariocas e percebemos esse universo de maneira diferente, assim como paulistanos

percebem, e os paulistas percebem o universo de São Paulo, Estado de São Paulo, capital, de outra forma. Quando você fala nessa questão da contrapartida, da dicotomia da mulata, eu pensei muito, muito no Zé, entendeu? Como representação. E assim, mesmo tirando a questão do que o Zé Pilintra representa em relação à religião da Umbanda, por exemplo, mesmo

56:23 tirando, acho que no ideário, no imaginário do carioca, ele tem muita essa questão do malandro que é o sensual, que conversa, que dança, que fetichiza, que atrai. É uma imagem que foi uma identidade, que foi um estereótipo que foi imposta, foi imposto também na mulata. Então, acho que nesse sentido, se você pudesse sacar dele essa, essa questão da religiosidade, que é uma coisa assim, que é, não dá para as pessoas entenderem se não tiverem imersas nesse movimento, né, envolvida nisso tudo, mas acho que fica uma provocação para se pensar nesse lado

57:04 talvez como uma das, da questão dicotômica, antitética, ou a representação em termos de gênero masculino do que, do que foi forjado para esse corpo feminino preto, né, que é o da mulata. Talvez só para te provocar, você pensar assim, uma questão bem regional mesmo, porque a questão da figura mitológica do Zé Pilintra no Rio de Janeiro, ela, ela, ela extrapolou a questão da espiritualidade há muito. E eu acho assim, um símbolo de resistência muito, muito bom, muito legal, entendeu? Olha aqui, ó, não é só isso, não, tem aquilo, tem aquilo outro, tem

57:47 outras coisas, mas ele, ele representa muito, eu, principalmente no meio do Samba, você pode até restringir mais ainda no meio do Samba, o que isso representa homens, você tá falando e eu tô lembrando, não sei se você quer um movimento recente, não sei se você esteve no Rio e tá sabendo, tem um movimento agora que é um encontro de malandro de uma Lapa, para você ter ideia, que é bem isso que você tá falando, o quanto que é a representação do Zé Pilintra do malandro, ela extrapolou o universo religioso, claro que assim, tá colado com o universo

58:28 religioso, porque a ideia do encontro desses malandros, e eu tô falando de um encontro assim com muita gente, eu tô falando de mais de 100 pessoas nos Arcos da Lapa. E aí o cara ele vai com a, com a vestimenta do Zé Pilintra, né, de outros malandros assim, as mulheres vão também com suas saias, uma coisa meio, tem uma coisa meio cigana, tem uma coisa Pomba Gira, tem uma coisa meio bruxa até, tem umas, quer dizer, não é bruxa, né, mas tem uma pomba gira de preto, né, tem essa, essa diversidade aí dentro da identidades. E aí tem um encontro de mais de 100

59:05 pessoas, isso tem acontecido, né? E ali as pessoas vão, claro, para

saudar a nossa querida Doutora com essa, com essa brincadeira aqui. André, passa a bola para você, para você passar a bola para ele. Vamos que vamos, eu não estou vendo. Muitíssimo obrigado, Angélica, pela incrível discussão, né? Como já mencionei, a gente precisa retomar isso e pensar nas múltiplas facetas, né, dessa, dessa discussão e o que ela pode provocar nas pessoas aí. E aí deixo com você as palavras finais em relação à pesquisa, live, suas redes sociais, como

1:03:31 que as pessoas podem acessar a sua pesquisa, isso é de suma importância, né? A gente pulverizar e a gente disponibiliza também no site do Hack NG, né, sua pesquisa, deixar lá publicada para as pessoas acessarem. Aí é com você agora. E sim, show. Então, eu só tô, eu só tô gratidão. Eu virei a pessoa da gratylus, gente, ultimamente, sabe? Depois dessa, dessa, depois dessa eleição, eu mudei muito, sabe? Eu tô mais otimista, eu tô gratidão, eu tô, e eu tô vendo aqui um comentário da galera, então isso vai potencializando aí a, os novos rumos, sabe? Vagando, né? Pagando

1:04:22 energia para os caminhos, assim. Então é isso, é agradecer mesmo, viu? Eu gosto muito das coisas presenciais, então assim, me chamem, né? Eu tenho ido muito a São Paulo, não sei como é que vocês têm se encontrado. Mas enfim, vamos, né? Vamos marcar um presencial em algum, em algum momento, né? Eu tô, a minha rede é meu nome, Angélica Ferrarez, né? Eu tenho alguns artigos, enfim, né? Quem quiser entrar mais na coisa da mulata, tem um artigo meu, se eu não me engano é, 10, tenho no grupo de historiadores negros, que eu não lembro citar no culto,

1:05:07 nos dois, porque é uma parceria com um grupo de historiadores negros, isso com relação à questão da mulata, com relação ao universo das chias, né, de memória de museus, que é uma discussão que eu trago com a

coisa dos acervos do Samba, aí eu tenho até mais artigos, porque aí eu tenho mais artigos acadêmicos, quem quiser, né, entrar e é isso, a rede é essa, a rede é meu nome, a rede é meu nome e aí a gente se encontra na luta. Ótimo, Angélica, só então vamos fazer assim, você manda pra gente esses links e aí o vídeo vai ficar salvo no canal do RACNEGÊ

1:05:51 e aí a gente deixa na descrição do vídeo esses pessoas publicações tchau precisam ser divulgadas e pulverizadas isso que massa André Obrigada viu muito obrigada pelo convite Adorei o momento aqui achei que passou rápido isso quer dizer que foi bom quer dizer que foi bom então é isso e agradecer a galera que tá aí na nos ouvindo aí participando é isso valeu gente até a próxima.

Evento
Espaço RACNEGÊ
Palestra com Dav dos Santos Alves - Cabelos crespos e a construção das subjetividades Negras. 20 de set. 2023. https://www.youtube.com/watch?v=IoKZNOkXJGM&t=172s



04:39 A palestra aborda a importância do cabelo crespo na construção da identidade negra e sua relação com a resistência cultural. O palestrante, Dav, traz uma perspectiva pessoal e histórica sobre o tema. Dav enfatiza a relevância de compartilhar experiências pessoais para discutir questões raciais e culturais. A vivência de uma pessoa negra é fundamental para entender a complexidade do tema. A palestra também menciona o papel dos cabelos crespos na luta contra o racismo. Os cabelos crespos são vistos como um símbolo de empoderamento e orgulho cultural na comunidade negra. O movimento Black Power dos anos 70 teve um impacto significativo na valorização do cabelo crespo como símbolo de resistência e identidade. Esse movimento ressoou internacionalmente, especialmente no Brasil.
06:05 – Toda a importância do cabelo crespo está ligada a herança cultural que remonta a sociedades pré-coloniais na África. Ele tem um papel espiritual significativo e representa a identidade de um povo ao longo da história.
A relação das pessoas negras com o cabelo crespo é marcada por pressões sociais e preconceitos. Essa relação pode ser complicada, afetando a autoestima e a identidade individual. O ambiente dos salões de beleza muitas vezes não é acolhedor para pessoas com cabelo crespo. A experiência de ir ao cabeleireiro pode ser dolorosa e desafiadora,refletindo a falta de compreensão sobre esses cabelos.
A especialização no cuidado de cabelos crespos é frequentemente negligenciada pelos profissionais. Isso leva à dificuldade em encontrar cabeleireiros que tratem esses cabelos com respeito e habilidade.
12:07 – A relação com o cabelo é uma extensão da identidade e autoestima, refletindo desafios enfrentados em ambientes sociais que perpetuam o racismo. A busca pela aceitação do cabelo crespo é um ato de afirmação da identidade Negra. Cortar o cabelo por pressão social muitas vezes representa um momento de violência pessoal e dificuldade em aceitar a própria identidade. Essa experiência é comum entre pessoas que lidam com o racismo. Ter cabelo crespo

é uma característica que remete à ancestralidade e à identidade Negra, tornando-se uma parte fundamental da autoestima e da autoaceitação.
O movimento da transição capilar tem contribuído para a valorização do cabelo crespo e para a promoção de discussões sobre identidade e autoestima nas redes sociais.
18:12 – Fundamental é a importância do cabelo crespo na identidade negra é inegável, pois simboliza resistência e ocupação de espaço. Valorizar essa característica é fundamental para a autoestima e autoconhecimento da população negra.
O cabelo crespo é visto como uma impossibilidade por muitos, mas deve ser reconhecido como uma expressão identitária poderosa. Essa mudança de perspectiva é essencial para a valorização da negritude. A relação entre cabelo crespo e autoestima é significativa. O reconhecimento dessa conexão pode levar a um empoderamento pessoal e coletivo entre as pessoas negras. Todas as violências enfrentadas por pessoas negras com cabelo crespo são uma realidade que precisa ser discutida. É fundamental dar visibilidade a essas experiências para promover a conscientização e a mudança social.
24:15 A relação entre autoestima e a aceitação do cabelo crespo é fundamental no combate ao racismo. O cabelo, como símbolo de identidade, influencia a forma como as pessoas pretas se veem e se sentem. O racismo age de maneira ativa ao excluir pessoas pretas de espaços, afetando sua autoestima. Essa exclusão é evidenciada na dificuldade de encontrar salões especializados. Aceitar o cabelo crespo é um passo importante para a valorização da identidade negra. Essa aceitação pode levar a um olhar mais carinhoso sobre a própria imagem e traços. A diferença entre cabelo crespo e cabelo cacheado é frequentemente negligenciada pela indústria da beleza. Isso resulta em representações inadequadas e confusas nos produtos para cabelo.
30:19 – O crescimento do cabelo crespo representa uma jornada de autodescoberta e empoderamento. Essa experiência é essencial para fortalecer a autoestima e a identidade de pessoas negras. Referências culturais, como artistas negros, proporcionam modelos positivos que ajudam na aceitação do próprio cabelo. Essa conexão aumenta o orgulho e a valorização da beleza negra. O cabelo crespo é uma forma de expressão cultural que conecta as pessoas à sua ancestralidade. Usar tranças é uma maneira de celebrar essa identidade e história. A valorização do cabelo crespo é fundamental para combater estigmas raciais. Ver a beleza em si mesmo permite que outros também se sintam bonitos e dignos.
36:24 – Refletir sobre a beleza e a aceitação dos cabelos crespos é um

exercício fundamental para valorizarmos nossa identidade. Essa prática desafia os padrões de beleza impostos pela sociedade e fortalece a autoestima. Olhar no espelho e aceitar nosso cabelo natural é um passo importante para a autoestima. Essa aceitação ajuda a desassociar a estética imposta e valorizar a individualidade. Cercar-se de pessoas que também valorizam os cabelos crespos, contribui para uma visão mais positiva. Essa conexão fortalece a comunidade e promove um espaço de apoio mútuo.

O mercado de trabalho ainda apresenta preconceitos em relação aos cabelos crespos, exigindo que profissionais se ajustem a padrões. Isso evidencia a necessidade de lutar por dignidade e igualdade de oportunidades.

42:27 – A beleza e a aceitação do cabelo crespo são fundamentais para a afirmação das identidade das pessoas negras. Enfrentar preconceitos e se empoderar são passos essenciais nessa jornada de autovalorização. A pressão social sobre a aparência do cabelo crespo é um desafio constante. O empoderamento pessoal é uma construção que ocorre dia após dia, refletindo na autoconfiança. O cabelo crespo possui características únicas que não devem se encaixar em padrões eurocêntricos. A valorização dessas características é uma forma de afirmar a identidade cultural. Pode-se viver a experiência de um preconceito intensificado no meio acadêmico. A presença de pessoas negras e suas características, como o cabelo crespo, muitas vezes é alvo de discriminação.

48:30 – Assumir a própria identidade, incluindo cabelo e traços, é crucial para o bem-estar pessoal e social. Isso promove um ambiente onde todos se sintam Isso confortáveis para se expressar livremente. Apresentar o cabelo crespo como forma de resistência é uma declaração de identidade e força pessoal ajuda a criar um espaço de inclusão e diversidade. O papel do professor é fundamental para inspirar alunos a aceitarem sua própria identidade. A presença de referências positivas é essencial para a formação de novos valores. Engendrar um alicerce social é importante para que futuras gerações possam avançar e se sentir seguras em suas identidades. Isso envolve compromisso e responsabilidade social.

54:35 – Construir diariamente a identidade negra no Brasil é um ato simbólico que vai além de aspectos biológicos. É fundamental refletir sobre como essa identidade se forma em um contexto racista. O respeito e o reconhecimento são essenciais, mas insuficientes para a verdadeira legitimação da identidade negra na sociedade. É necessário um entendimento mais profundo dessas questões. A importância de espaços de discussão sobre autoestima e identidade negra é destacada, permitindo que as pessoas compartilhem experiências e reflexões

significativas. Pequenas revoluções diárias são propostas como formas de resistência e construção da identidade, desafiando as estruturas racistas presentes na sociedade.

A relação entre cabelo crespo e identidade negra.

***Autoestima e Aceitação*:** a aceitação do cabelo crespo é um caminho para a autoestima. A importância de se olhar no espelho e reconhecer a beleza do próprio cabelo, que muitas vezes é visto de forma negativa pela sociedade.
***Resistência Cultural*:** o cabelo crespo é visto como um símbolo de resistência contra os padrões eurocêntricos de beleza. Ao abraçar o cabelo natural, as pessoas negras desafiam as normas que muitas vezes desvalorizam suas características.
Experiências Coletivas: Apesar das experiências individuais, há uma dor coletiva entre as pessoas negras em relação à aceitação do cabelo crespo. A pressão para manter o cabelo "finalizado" e como isso pode afetar a autoestima.
Importância da Representatividade: a presença de outras pessoas negras que usam o cabelo crespo ajuda a criar um ambiente de aceitação e valorização. Ver outras pessoas com cabelo crespo contribui para uma visão mais positiva sobre a própria identidade.
Desafios no Mercado de Trabalho: o cabelo crespo pode ser alvo de preconceito no ambiente profissional, onde muitas vezes se espera que as pessoas negras apresentem seus cabelos de maneira "mais aceitável" para serem vistas como profissionais competentes.
Construção de Identidade: a relação com o cabelo crespo é parte da construção da identidade negra, que envolve tanto aspectos individuais quanto coletivos. O reconhecimento e a valorização do cabelo crespo são essenciais para a afirmação da identidade negra.

O impacto do Racismo na autoestima de pessoas negras

***Pressão Social e Estética*:** existe uma pressão constante para que pessoas negras apresentem seus cabelos de maneira "aceitável" dentro de padrões eurocêntricos de beleza. Isso leva a um sentimento de inadequação quando não se conformam a essas expectativas, afetando a autoestima.
Autoimagem e Reflexão: o ato de se olhar no espelho e aceitar a própria imagem é um exercício importante. Muitas vezes, a sociedade impõe uma visão negativa sobre o cabelo crespo, fazendo com que indivíduos se sintam feios ou

indesejáveis, o que pode ser extremamente cruel e prejudicial à autoestima.

Experiências Coletivas: a vivência de experiências semelhantes entre pessoas negras cria um espaço de solidariedade, mas também reforça as dores compartilhadas. A luta contra a discriminação e a busca por aceitação são comuns, e isso pode ser desgastante emocionalmente.

Empoderamento e Resistência: apesar das dificuldades, há um movimento crescente de empoderamento, onde pessoas negras estão se apropriando de suas características naturais, como o cabelo crespo, e desafiando os padrões impostos. Essa resistência é fundamental para a construção de uma autoestima positiva. ***Ambiente Acadêmico e Profissional:*** o racismo também se manifesta em ambientes acadêmicos e de trabalho, onde a aparência pode influenciar oportunidades. A pressão para se conformar a padrões de beleza pode levar a um sentimento de desvalorização e insegurança.

Construção de Identidade: a construção da identidade negra é um ato simbólico que vai além do aspecto físico. É um processo de afirmação e valorização de si, que pode ser dificultado por um ambiente racista.

Acesso a Produtos e Cuidados: embora tenha havido um aumento na disponibilidade de produtos para cabelo crespo, muitos ainda são caros e inacessíveis. Isso limita as opções de cuidados adequados para manter a saúde e a beleza dos cabelos crespos.

Experiências de Preconceito: pessoas com cabelo crespo frequentemente enfrentam preconceito e discriminação, tanto em ambientes sociais quanto acadêmicos. Isso pode se manifestar em olhares, comentários ou até mesmo em oportunidades de emprego.

Evento
Palestra
- ESPAÇO RACNEGÊ FORMAÇÃO - Os atravessamentos raciais no contexto de escolarização com o Cursinho Nilma Lino Gomes. Professor Cesar Rodrigues – 26 de out. 2023. https://www.youtube.com/watch?v=l928uu9rAoU&t=955s



O Espaço RACNEGÊ promove uma formação sobre os atravessamentos raciais na educação, discutindo a importância da temática racial na escolarização. O cursinho Nilma Lino Gomes, fundado em Campinas, busca acolher alunos negros, refletindo sobre suas realidades e promovendo a inclusão nas universidades públicas. A formação é um espaço de troca e aprendizado.

Seguem alguns destaques elencados a partir dos principais momentos cronometrados das falas das/dos convidadas/os.

00:28 – A Palestra busca expandir a discussão sobre a temática racial na educação, promovendo um espaço de reflexão e inclusão para alunos e educadores. O evento é visto como o início de um trabalho contínuo nessa área. O cursinho Nilma Lino Gomes foi criado para atender a uma população majoritariamente negra, oferecendo oportunidades de acesso à educação superior. Essa inclusão é fundamental para combater desigualdades sociais. Proporcionar experiências aos educadores, como a presente com o professor Cesar Rodrigues, é crucial para a formação dos alunos, pois traz uma perspectiva prática que enriquece o aprendizado. A troca de vivências fortalece a conexão entre teoria e prática. A importância de homenagear intelectuais negros como Nilma Lino Gomes demonstra um compromisso com a valorização da cultura e da história afro-brasileira. Esse reconhecimento é essencial para a formação de uma identidade racial negra positiva.

10:22 – A sociedade brasileira é estruturada por desigualdades raciais e de gênero, que se manifestam em diversas esferas da vida. Essas desigualdades são perpetuadas por um sistema que favorece a exclusão e a homofobia. A colonização europeia trouxe um legado de racismo e homofobia que ainda

influencia a cultura e as relações sociais no Brasil. Esses aspectos se entrelaçam com a educação e a formação de identidades.

> Discutir sobre a lógica neoliberal de individualização do sucesso e a coletivização do fracasso pode ser um ponto de inflexão, pois ela ignora as desigualdades que existem entre os estudantes, colocando todas, todos e todes sob jugo de uma falsa meritocracia, que na verdade privilegia as/os privilegiadas/os (Lins Rodrigues, 2023).

20:24 O grupo de pesquisa raça, culturas negras e gêneros, RACNEGÊ, passou por diversos desafios, mas conseguiu se estruturar e avançar nas discussões. O trabalho coletivo e a troca de ideias foram fundamentais para fortalecer a pesquisa na área. As reuniões do grupo de pesquisa eram locais de troca rica, apesar das dificuldades enfrentadas na própria instituição de ensino. O apoio de colegas foi crucial para a continuidade do trabalho. A importância do financiamento para a pesquisa foi destacada, especialmente com o apoio de figuras políticas que contribuíram com recursos. Esses aportes financeiros foram essenciais para a realização das atividades do grupo. O grupo RACNEGÊ se destacou por sua produção acadêmica e pela promoção de eventos que fomentam discussões profundas. A diversidade de pensamentos entre os participantes enriquece as pesquisas realizadas.

30:29 – “A educação deve ser encarada como um ato de amor, coragem e estratégia, essencial para superar desafios sociais e políticos” (Informação verbal, Lins Rodrigues, 2023). É fundamental adaptar-se às circunstâncias e aprender a partir da realidade dos alunos. A resistência ao uso de novas tecnologias na educação pode ser superada com a experiência prática. A pandemia forçou a adaptação e mostrou a importância de se aproveitar as ferramentas disponíveis.

As/os docentes precisam considerar as realidades e contextos dos alunos para promover um aprendizado mais significativo e inclusivo. A educação não pode se limitar a conteúdos acadêmicos. O conceito do “estirão pedagógico” (Informação verbal, Lins Rodrigues, 2023) ilustra como os alunos podem ter avanços inesperados na aprendizagem, especialmente quando encontram

40:32 – Pensar na função social da escola como de fundamental importância para lidar com desigualdades sociais e étnico-raciais. O discurso sobre a

[1] É o momento em que a aprendizagem, até então silenciada ou reprimida por diversos fatores, encontra um espaço de expressão e, surpreendentemente, desabrocha em sua plenitude. Ou seja, um estudante que antes era considerado incapaz de assimilar determinado conhecimento ou conjunto de conhecimentos dá um salto qualitativo e demonstra total domínio sobre os conteúdos previamente propostos, os quais, até então, eram vistos como inatingíveis pelo docente.
Um exemplo claro desse fenômeno ocorre no processo de alfabetização: um aluno que inicia no estágio pré-silábico, após várias tentativas frustradas, pode, ao fim do ano letivo, alcançar a alfabetização plena, contrariando expectativas que sugeriam que, por não progredir nas etapas anteriores, ele jamais atingiria o aprendizado completo. Esse conceito pode ser aplicado a todos os conteúdos em diversas áreas do conhecimento. Informação verbal obtida na disciplina de Estudos Integradores II, proferida pelo Professor Doutor A. C. Lins Rodrigues, no Instituto Federal de Cubatão, em 07 de agosto de 2023.

privatização e a desvalorização da educação pública afeta a percepção da qualidade do ensino.

O papel dos professores é crucial na identificação do potencial dos alunos, mesmo quando eles não parecem estar se destacando. O ensino deve considerar diferentes perspectivas e abordagens. As desigualdades sociais e a falta de valorização das instituições públicas de ensino têm sido alvo de críticas. É necessário questionar as relações de poder dentro do sistema educacional. Propaganda negativa em torno das escolas públicas e universitárias contribui para a desvalorização da educação. Essa situação gera uma pressão para privatizar a educação em vez de fortalecer as instituições públicas.

50:37 – O neoliberalismo tem o poder de moldar o senso comum, levando a interpretações distorcidas sobre grupos sociais. Isso gera regimes de verdade que afetam a inclusão e a percepção social de indivíduos de comunidades marginalizadas. A influência dos regimes de verdade na educação é notável, onde pessoas de certas origens enfrentam barreiras que afetam suas oportunidades acadêmicas. Tais estigmas podem limitar o avanço de estudantes em instituições de ensino. A percepção negativa sobre comunidades, como as favelas, cria estereótipos que não refletem a realidade. A maioria dos residentes dessas áreas é trabalhadora e digna, mas é frequentemente rotulada de forma injusta. Iniciativas de inclusão, como a Rede Antitransfobia, buscam combater preconceitos e promover a visibilidade de grupos marginalizados. Essas ações são essenciais para a construção de um ambiente mais justo e acolhedor.

A inauguração do espaço no Instituto Federal de Educação é um marco importante para a coletividade, onde as pessoas podem se reunir e compartilhar conhecimento. Há uma crítica à individualização promovida pelo sistema neoliberal, que dificulta a mobilidade social e a coletivização do aprendizado entre os alunos.

1:10:42 – O conceito de mobilidade social é frequentemente mal interpretado, levando a uma visão individualista do sucesso. É importante reconhecer que o sucesso deve ser visto coletivamente para incluir todos os indivíduos da sociedade. “A individualização do sucesso e coletivização do fracasso” (Informação verbal, Lins Rodrigues, 2023) podem criar armadilhas, onde apenas alguns alcançam objetivos enquanto outros são deixados para trás. Essa visão distorcida ignora o contexto e os desafios enfrentados por muitos. O mapeamento de oportunidades educacionais é essencial para transformar a lógica atual e garantir que todos tenham acesso a recursos e suporte. Isso pode ajudar a melhorar a situação da educação pública. A desvalorização dos professores e a violência nas escolas são questões críticas que afetam a

educação. Essas realidades impactam diretamente o ambiente de aprendizado e o futuro dos alunos.

1:20:45 – A discussão sobre a legitimidade da guerra é uma oportunidade para os alunos refletirem sobre suas posições e as informações fornecidas pela grande mídia. É essencial que eles estabeleçam diálogos críticos com as fontes de informação disponíveis. Os alunos devem mapear seu contexto social para compreender melhor as questões discutidas em sala de aula. Isso envolve conhecer a comunidade com a qual estão lidando. A matemática não deve ser vista isoladamente; ela se relaciona com outras disciplinas e pode ser usada para abordar questões sociais e geopolíticas. Isso enriquece o aprendizado dos alunos. Construir relações afetivas entre alunos e professores é crucial para o sucesso do aprendizado. Essa relação pode influenciar a motivação e a participação dos estudantes.

1:30:48 – A importância do acolhimento afetivo na educação é fundamental para que as crianças se sintam valorizadas e possam se apropriar do conhecimento. Quando se sentem parte do ambiente escolar, elas avançam no aprendizado. A relação entre professores e alunos deve ser construída com empatia, permitindo que as crianças se sintam livres para explorar e aprender. Isso cria um ambiente mais participativo. Os cursinhos populares enfrentam desafios de continuidade, e é importante desenvolver estruturas que garantam sua sustentabilidade a longo prazo. Isso ajuda a criar raízes na comunidade. É essencial reconhecer e valorizar a cultura dos alunos, pois isso gera um senso de pertencimento e fortalece seu aprendizado. A diversidade cultural deve ser parte do currículo.

1:40:57 – A lei 10.639 estabelece a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira nas escolas, mas sua implementação ainda enfrenta sérios desafios. É crucial discutir como as instituições, como a UNICAMP, estão cumprindo essa determinação legal. Os espaços de reflexão sobre questões raciais são fundamentais para a formação acadêmica e pessoal dos estudantes. Essa reflexão ajuda a combater o racismo e valorizar a diversidade. É fundamental termos a presença de referências negras nas universidades para inspirar e fortalecer a identidade dos estudantes. Isso ajuda na criação de um ambiente acadêmico mais inclusivo e representativo. Uma falta de disciplinas obrigatórias sobre questões raciais em cursos de licenciatura contribui para a dificuldade na aplicação da lei 10.639. Essa ausência prejudica a formação de educadores conscientes sobre as diferenças.

1:51:01 – A formação de um perfil de egresso deve considerar o contexto cultural e social dos alunos, promovendo um ensino que integre as vivências e expressões culturais. Isso é fundamental para que o ensino não seja

desvinculado da realidade dos estudantes.

Fundamental é a importância de compreender as manifestações culturais dos alunos é essencial para uma educação mais inclusiva e representativa, que valorize a diversidade. Isso ajuda a conectar o conteúdo acadêmico com a vida real.

O desafio de trabalhar com conteúdos literários que muitas vezes são considerados marginais é identificar seu valor e relevância dentro do currículo. Isso requer uma mudança de perspectiva na abordagem educacional.

Classifico como a “política do cancelamento e as relações de poder dentro da academia afetam o modo como as vozes e expressões culturais são recebidas” (Informação verbal, Lins Rodrigues, 2023). É crucial promover um diálogo aberto e respeitoso sobre essas questões.

2:01:01 – O ideário docente é uma construção permanente que afeta o processo de escolarização, refletindo a lógica comum entre professores e alunos. Essa lógica influencia a compreensão das funções sociais na educação.

A modelagem matemática é apresentada como uma abordagem prática que conecta teoria e cotidiano, despertando o interesse dos alunos. Esse método é reforçado por exemplos do dia a dia.

Propõe-se um currículo 'movediço' sugere que a educação deve ser flexível e adaptativa, permitindo que alunos e professores se ajustem às necessidades e contextos variados.

A superação de barreiras nas licenciaturas é discutida, enfatizando que a educação não deve ser vista como um processo linear, mas como um caminho repleto de desafios e aprendizagens contínuas.

Os principais desafios do cursinho popular incluem:

***Acesso e Inclusão*:** garantir que alunos de diferentes origens sociais e raciais tenham acesso ao cursinho e se sintam acolhidos. A falta de representatividade de professores e autores negros nas disciplinas pode dificultar essa inclusão.

***Currículo e Metodologia*:** a necessidade de um currículo que dialogue com as realidades dos alunos, evitando uma abordagem tradicional que não considera suas vivências. Isso envolve a inclusão de conteúdos que reflitam a diversidade cultural e social.

Valorização da Educação Popular: combater a desvalorização da educação popular em relação a outras áreas do conhecimento, como as ciências sociais e a medicina, que muitas vezes são vistas como mais prestigiadas.

Resistência Institucional: enfrentar a resistência de instituições educacionais

que podem não apoiar iniciativas de educação popular, dificultando a implementação de práticas pedagógicas inclusivas.
Formação de Educadores: promover a formação contínua de educadores para que eles possam abordar questões raciais e sociais de maneira crítica e eficaz, contribuindo para uma educação mais inclusiva.

A educação pode abordar questões raciais de várias maneiras, conforme discutido no contexto apresentado. Apresentam-se alguns pontos-chave como sugestão:

***Integração Curricular*:** é fundamental que as questões raciais sejam integradas ao currículo de forma ampla, não apenas em disciplinas específicas, mas em todas as áreas do conhecimento. Isso envolve a inclusão de autores e perspectivas diversas, especialmente de autores negros e de outras minorias.
***Formação de Educadores*:** a formação continuada de professores é crucial. Educadores devem ser capacitados para reconhecer e discutir questões raciais, promovendo um ambiente de aprendizado inclusivo e respeitoso. Isso inclui a reflexão sobre suas próprias práticas e preconceitos.
***Diálogo e Reflexão*:** criar espaços de diálogo onde alunos e professores possam discutir abertamente questões raciais, suas implicações e a importância da diversidade. Isso ajuda a desconstruir estereótipos e preconceitos.
***Contextualização do Ensino*:** o ensino deve ser contextualizado, levando em consideração a realidade dos alunos. Isso significa que os conteúdos devem ser relevantes para suas vidas e experiências, auxiliando-os a se verem refletidos no que aprendem.
Valorização da Cultura Popular: a educação deve valorizar e incluir a cultura popular e as manifestações culturais das comunidades, reconhecendo sua importância e relevância no contexto educacional.
Crítica ao Sistema Educacional: é necessário criticar e desafiar as estruturasque perpetuam a desigualdade racial no sistema educacional. Isso inclui a análise de como as políticas educacionais podem marginalizar certas vozes e experiências.
Apoio a Iniciativas Inclusivas: apoiar cursinhos populares e outras iniciativas que busquem promover a inclusão de alunos de grupos raciais historicamente marginalizados é essencial para criar um ambiente educacional mais equitativo.

A formação continuada para educadores é crucial por várias razões:

Atualização de Conhecimentos: as práticas pedagógicas e os conhecimentos sobre metodologias estão em constante evolução. A formação continuada permite que os educadores se mantenham atualizados sobre novas pesquisas, tecnologias e abordagens de ensino.
Desenvolvimento Pessoal e Profissional: promove o crescimento profissional e o fortalecimento da identidade docente, além de estimular a reflexão sobre a prática educativa e a inserção de novas ideias.
Melhoria da Qualidade Educacional: ao aprimorar suas habilidades e conhecimentos, os educadores podem oferecer uma aprendizagem mais significativa e envolvente para os alunos, impactando positivamente o desempenho escolar.
Atenção às Diferenças: a formação continuada pode incluir discussões sobre diversidade, inclusão e questões sociais, ajudando os educadores a lidarem melhor com a heterogeneidade das turmas.
Promoção de Redes de Apoio: participar de programas de formação possibilita a
formação de redes de colaboração e apoio entre educadores, o que pode enriquecer suas experiências e práticas.
Fomento à Inovação: uma abordagem de formação continuada incentiva a experimentação de novas práticas educativas, contribuindo para um ambiente de ensino mais dinâmico e adaptável.

Evento
Mesa-redonda com a professora Andreia Tenório. Mediação Professor André Vieira. Apresentação Professor Cesar Rodrigues. II Semana RACNEGÊ – Entre o espetáculo e a marginalização. 30 de novembro de 2022. https://www.youtube.com/watch?v=JX-2l0xxK_c&t=391s



Salve, pessoal! Boa noite! Eu sou o professor Cesar Rodrigues. Estamos aqui em mais um dos eventos, aliás, mais uma das sessões do evento Segunda Semana RACNEGÊ. Hoje nós, com imensa satisfação, estamos recebendo o professor André Tenório e quem vai ficar mais uma vez responsável pelo comando aí na mesa é o André Vieira, que é a pessoa que divide a coordenação comigo, lá do RACNEGÊ, e o pessoal está chegando.
00:41 Fiquem aí sob os auspícios do Professor André Vieira e da Professora Andréia Tenório. Tenho certeza que o bate-papo será de extrema valia, com muitas contribuições da prática pedagógica para todas e todos e TODES que estão por aqui. Está legal? Boa noite. Parabéns, professora. Parabéns, professora, parabéns, André, a palavra é sua. Boa noite a todas e todos, a todos que estão nos vendo, nos ouvindo.
01:27 Mais uma vez, né, completando mais uma live dessa semana RACNEGÊ, essa II semana RACNEGÊ, hoje a gente recebe aqui para bater um papo a professora Andréia Tenório, né? Minha amiga, pedagoga, fez o curso na Universidade, né, presbiteriana Mackenzie, já é um enfrentamento, né, professora? É professora da rede municipal da cidade de São Paulo e atua como militante e articuladora cultural na região do Jardim Ibirapuera, na zona sul de São Paulo.
01:51 E hoje ela vem para falar um pouco para a gente sobre o bloco É Di Santo. E o tema da mesa de hoje é entre a marginalização e o espetáculo, essa construção desse espaço, desse bloco, entre a marginalização e o espetáculo, resistência, lutas e contradições. Quais são as resistências, quais são as lutas e quais são as contradições desse bloco ou as contradições que vêm esse bloco, dentro desse espaço de luta e resistência e da periferia né então sejam todas e todos bem-vindas e bem-vindos então e bem-vindes então vamos começar **02:34** para esse bate-papo aí Andréia seja bem-vinda a segunda semana RACNEGÊ. Vamos nessa. Vamos lá, né? Boa noite, pessoal. Sou a Andrea. Agradeço desde já o convite do André, que estamos aí diariamente lá na escola,

conversando, trocando ideias, falando sobre os nossos enfrentamentos, né? E... E aí, falar um pouco do nosso processo, né? Aqui da minha atuação no bloco, né? Como o André disse, o meu enfrentamento, ele começa desde o meu processo de formação, né? Eu estudei sempre em escola pública, coincidentemente ou não, né?

03:23 Eu estudei no De Gaulle eu estou trabalhando numa escola que eu estudei do primeiro ao oitavo ano, que é a MF General de Gol, e depois eu volto agora como professora. Além do sentimento de pertencimento que eu tenho com a escola, uma relação afetiva, a escola também do bairro onde eu moro, onde eu sempre morei, que é o Jardim Mirapuera.

03:50 E aí, depois que eu saio do De Gaulle, dessa escola, eu vou para uma escola estadual, eu tenho um percurso na escola da rede pública, e aí depois eu vou fazer magistério, fiz o Cefam, foi um projeto de formação de professores que aconteceu na rede municipal na rede estadual de São Paulo saio do ser fã e aí
eu vou em busca da Universidade né E aí a busca da Universidade para mim foi um grande enfrentamento porque por uma questão de grana, meu pai era metalúrgico, minha mãe empregada doméstica, eu era a mais nova de dois filhos, homens, eu sou a única mulher.

04:41 E aqui a primeira que ia fazer a universidade. A gente sempre ouve, eu fui a primeira é fazer a universidade. Eu fui a... A gente sempre ouve, né? Ah, eu fui a primeira a fazer a universidade. Eu sou uma delas, né? Eu fui a pessoa que abri esse portal aí para a minha família. Eu estou muito orgulhosa disso mesmo, né?
E ver os enfrentamentos.

04:59 E aí eu fui para a universidade privada, né? E aí fui preencher uma bolsa, procurei a universidade Presbiteriana Mackenzie e consegui, né, fui bolsista no Mackenzie e lá eu me formei. E mesmo sendo bolsista, né, eu precisei trabalhar, precisei me envolver nos projetos sociais, nos estágios que a universidade tinha para eu conseguir sobreviver nesse território.

05:26 E eu estudava, inicialmente eu estudava no período da tarde, então quem é que estuda no período da tarde? Eu era, acho que tinha duas pessoas negras na minha turma. E depois do sétimo semestre, que automaticamente nós vamos para a noite. E aí esse é o meu percurso pessoal. Depois de formada, eu fui trabalhar nas organizações sociais como educadora, trabalhar também nos equipamentos culturais, e aí eu me envolvo nos movimentos culturais aqui do território.

06:07 Então, eu estou aqui no território do Jardim Ibirapuera, distrito de Jardim São Luís, zona sul de São Paulo, Piraporinha, Jardim Ângela, Jardim São Luís. Éum território que é muito fértil no movimento cultural de São Paulo, tanto no vou circulando, sarau, um movimento muito forte que tem no nosso território aqui

é o sarau da cooperifa, o sarau do vinho.
06:36 E aí eu começo a sair por esses lugares, andando percorrendo esses lugares, conhecendo pessoas, me apropriando né também desses lugares e aí me envolvendo nos coletivos né e especialmente nos coletivos de manifestações negras de manifestações populares afro-brasileira e aí por ter também uma trajetória na religiosidade, eu nasci numa família umbandista.
07:08 A minha mãe é uma Ialorixá, Templo de Umbanda Maria Baiana, que é um terreiro de Umbanda. E aí eu também nasço nesse lugar do terreiro, e onde a musicalidade é muito presente. E nisso eu aprendi a tocar. Eu sou uma pessoa que sei tocar tabaque, por exemplo. Eu vou no terreiro, lá na casa da minha mãe, por exemplo, eu toco. Que aí também...
07:33 Os tambores no terreiro, no seu lugar sacro, ele traz uma questão de que mulher não pode tocar, mulher não toca tambor. Então, eu cresci ouvindo isso o tempo inteiro. Aí, eu como criança falava, não, mas na minha casa eu toco. Como assim não toco? E é lógico, que aí a gente vem crescendo, a gente vem se apropriando também das questões da religião e a gente vai entendendo os motivos.
08:05 E aí, com essa minha experiência, com essa minha vivência no terreiro, aí eu também passei a tocar nas manifestações populares. Maracatu, samba de coco, samba de roda. samba de roda. Agora, no Ed Santo, estou no universo do samba reggae, do samba afro, que são manifestações afrobaiano Mas tudo isso, essa minha experiência, nasce a partir do terreiro.
08:37 Não tem outro lugar que eu aprendi. Tudo o que sei, o pouco que sei, é a partir dessa minha vivência do terreiro. E aí nisso eu passo a integrar, sou cofundadora do Bloco Afro de Santo, e aí eu estou há 13 anos, o Bloco Afro de Santo está há 13 anos aqui no território, nesse território super fértil, que tem um movimento gigantesco, e a gente não tem noção, quando a gente está dentro do território, a gente não tem a noção de o quanto o nosso terreiro é fértil.
09:13 E é sobre isso, por enquanto. Ai, ai, o que mais, André? É muito interessante ouvir essa sua trajetória e pensar o quanto a resistência sempre esteve presente. As coisas não são dadas, as coisas são a base da luta, a base dessa resistência. E aí, André, para a gente... Vamos nos enveredar um pouco no tema.
09:48 Como que você vê essa questão da marginalização? Essa marginalização, o que seria para você essa marginalização? O caso do bloco, o caso da marginalização das práticas periféricas né para gente ir trazendo um pouco essa discussão né para gente chegar lá na nessa ideia do espetáculo né vamos pensar essa marginalização como que você vê essa marginalização e é eu

entendo né é a partir do meio da minha da minha vivência né do meu ponto de vista eu entendo, né, a partir da minha vivência, né, do meu ponto de vista.
10:23 Eu entendo que a marginalização, ela existe a partir do território onde nós estamos, na periferia, né, Jardim São Luís, né, nós estamos próximo ao cemitério Jardim São Luís, onde há sepultamento de maiores jovens negros, inclusive de violências policiais. Nós estamos nesse lugar. E aí essa marginalização também acontece por ser um movimento preto, um movimento preto que traz toda a sua bagagem histórica, cultural e política, de nos jogar às margens.
11:06 Então, nós herdamos isso, esse processo de exclusão. E a marginalização também acontece no território a partir do ponto de vista religioso. E aí, nós que somos tocadores de tambores, a gente passa por um processo muito duro, que aí já se associa ao tom pejorativo da macumba, do processo de demonização, são os demônios, são os servos de Satanás, todos esses termos, né? E isso acontece desde a nossa...
11:47 Desde o momento que a gente toca o tambor, sai com os nossos tambores na rua, até o momento das nossas vestimentas, né? Porque a gente se veste de branco, a gente usa os nossos fios, a gente usa os nossos turbantes. Então, essa marginalização, ela passa a partir dos nossos corpos literalmente na nossa chegada né quando a gente chega nos lugares ou as pessoas chegam aqui nos lugares e olham para nós e percebe Opa tem uma coisa diferente aí né ou esse diferente ele vai para o lugar lá do exótico né olha que lindo que 12:15 maravilhosa tal ou vai para marginalização Opa tem uma coisa errada aqui né isso não me serve está relacionado ao demônio a macumba terreiro a coisa de preto sentido né negativo e isso é constante né E aí a gente vai criando essas ferramentas vai as ferramentas de blindagem a gente tem que se blindar constantemente tanto do ponto de vista é político cultural mas é emocional também né Eu costumo dizer que haja emocional, né? Para a gente estar aqui fazendo as nossas coisas, né? Os nãos que a gente ouve constantemente, né?
Nos nossos processos de trabalho, nos nossos movimentos pelo território, pelo barrio, pela cidade, né? E aí às vezes a gente
13:08 fica assim, nossa, mas por que esse não, né? você fica procurando, e aí a gente tem uma tendência de não racializar as nossas, as decisões, né, ah não, deve ser por conta disso, deve ser por conta daquilo, e na última instância é racializar o processo que acontece com nós, né, e aí a marginalização, eu entendo que passa por esse lugar, desde os nossos corpos, as nossas figuras, até os sentidos mais simbólicos mesmo, da questão cultural, da questão política, da religiosidade.
13:53 Hoje em dia eu percebo que se fala com mais tranquilidade, mais ou menos

também, depende do lugar, da hora e de quem está na mesa conversando, que a gente fala de religiosidade, que a gente fala das manifestações de culturas populares, das nossas espiritualidades. a gente fala com mais tranquilidade em alguns lugares, em outros não, em outros a gente, no sentido de blindagem, inclusive, a gente prefere nem falar, né? Porque é abrir um lugar que a gente fala assim, opa, peraí, se eu for começar essa conversa aqui,

14:34 eu vou abrir uma, eu vou abrir um chakra aqui em mim e que pra fechar, velho, dá um trabalho do caramba. Haja lágrima, haja terapia, haja espiritualidade, haja coletivo. Eu entendo dessa forma. Muito bom, Andréa. E é pensar, essa marginalização vem de todos os atravessamentos, né? Seja ele cultural, seja ele estético, né? E pensar aqui um pouco como você traz, né? Vamos partir para a questão da estética, né? Quando você traz a ideia da vestimenta, a ideia dos fios, como é, para vocês do bloco, para você,

15:17 essa relação com as igrejas dentro da periféricos como é para vocês do bloco para você essa relação com as igrejas dentro da periferia porque a gente vê uma evangelização muito grande na periferia né eu costumo dizer que se na garagem não tem uma pizzaria tem uma igreja né então a gente precisa entender esse movimento não é muito grande e aí parece que os terreiros sumiram da periferia, ou esses terreiros estão escondidos.

15:44 E quando você traz a questão do terreiro da sua mãe, enfim, é um terreiro dentro da periferia. E aí, pegando essa questão dessa resistência, porque eu penso que esse terreiro é uma resistência, dentro de um espaço que está sendo evangelizado aos montes, né? E aí, pensar nessa relação, né? De que forma que se dá essa relação? Como que o bloco vê? Como que você vê essa articulação aí? E se tem, se não tem? Se é uma relação tóxica, de que forma que isso se dá? Tem, né? Tem Jardim Pirapora, Piraporinha.

16:29 que a nossa região não é diferente, imagino, nesse sentido do crescimento das religiões neopentecostais, né? Que pra nós não é problema, né? Qual é o problema? É, é... São os ataques, né? Não tem, por exemplo, da minha experiência pessoal, não tem uma semana, por exemplo, que na minha casa eu não encontro um jornalzinho de uma igreja X jogada lá no pé da escada.

16:56 Porque sabe-se que lá é um terreiro, né? E olha que lá em casa não tem placa, não tem a quartinha do lado de fora e tudo mais. As pessoas que passam lá sabem que lá é um terreiro, porque já sabem, porque aqui no bairro é bem conhecido. Minha mãe está há 50 anos aqui no bairro. Então, desde que ela veio da Bahia, a religião veio com ela.

17:20 E é um terreiro grande. E aí, esses ataques acontecem constantemente. Em relação ao Bloco África de Santo, por exemplo, no nosso percurso na rua, que

nós saímos nas ruas de Piraporinha, existem alguns pontos que são igrejas. E aí já aconteceu de tudo, já aconteceu do momento que o bloco está passando,os irmãos saírem de dentro da igreja e ficarem lá orando, aquele processo todo que a gente já imagina, já aconteceu da gente passar e aí eles aumentaram o som gigantesco para não ouvirem o som da percussão, e ao mesmo tempo também, inclusive nós uma vez, nós fizemos esse processo de tipo, não gente, quando a gente foi para... Olha que louco, né?

18:02 Jamais que alguém, algum, de repente, não fariam isso por nós. Mas a gente fez, mas a gente não faz mais. Teve uma época que a gente parava a percussão, atravessava a frente, e aí continuava a nossa música percussiva. No lugar do respeito e tudo mais.

18:44 mas não é sobre isso ainda, e a gente entendeu que nós estamos na rua, a rua é um espaço político, nós também temos direito à rua, nós também temos direito à cidade, nós não estamos invadindo a casa, o templo e tudo mais, mas ainda há esse processo de demonização em relação às nossas ações aqui no território. Demais. A contar dos nossos ensaios, por exemplo, vira e mexe, nós estamos lá na Casa de Cultura do Imbu e Mirim, aparecem pessoas adeptas à religião, vão lá querer evangelizar, congregar, fazer todo o processo.

19:21 E a gente educadamente, a gente fala, olha, aqui não é, no momento agora aqui não, depois você volta, nós estamos aqui, não sei o quê. Sempre de uma forma dialogada. É muito louco também, porque a gente está sendo violentado e sendo, e tratando o outro de uma forma educada, porque imagino que se fosse, de repente, um outro movimento, se fosse ao contrário, tacaria um soco, murros, empurrões e nós, e já era, entende? Como a gente vê que, por muito pouco, fazem isso com a gente.

19:54 Sim, é interessante ver esse lugar como a gente vê, que por muito pouco fazem isso com a gente. Sim, é interessante ver esse lugar da falta da compreensão do outro para com a nossa religião. Eu digo nossa porque eu também faço parte da religião da Umbanda, mas a gente precisa o tempo inteiro tomar cuidado com o que falar.

20:09 Só que eles não tomam esse cuidado para falar com a gente. Então, é o que... Somos violentos, né? É, é. Somos violentos, né? Sim, e aí parte de um lugar muito colonial, né? Olha lá, se a gente for trazer para as questões, né, já discutidas aqui, em lives anteriores, o senhor fazia o que fazia com o seu escravizado, mesmo assim o escravizado lhe devia respeito.

20:50 É isso. Então como que a gente vai... Nossa, chega a dó de pensar nisso. É isso, eu acho que é pensar nessas entranhas que nos envolvem e nos faz estar por quê? Tanta violência contra a gente, mas mesmo assim, nós somos

melhores não sendo violentos pô, olha lá, o tempo inteiro somos violentadas e violentados E aí, André, a pergunta que não quer calar né esse espetáculo o que que seria esse espetáculo seria o espetáculo de espetacularização de fetiche e folclore ou seria o espetáculo da apresentação do bloco propriamente dito que que seria esse espetáculo

21:21 que seria esse espetáculo? A temática que ela traz, não sei se você gosta de provocar, né, André? É o meu papel, é a minha função. Já estou ficando à vontade, está vendo? É ótimo, é isso. É um bate-papo. Essa questão do espetáculo, eu entendo que não é esse lugar de que nós vamos nos lugares se apresentar, fazer o nosso trabalho.

22:07 O Edson também sai nos lugares fazendo, a gente apresenta esses espaços culturais, equipamentos culturais, apresentamos em escola, fazemos algumas ações também em escolas. Não é esse lugar. Eu entendo que esse lugar da espetacularização está no lugar do, mais uma vez, do exótico. Aquilo que eu abomino, que não é para mim, que não é meu, e aí eu pego e trato como uma coisa...

22:37 Exótica, né? Nossa, olha como eles são, olha como que eles fazem. Olha... Que me desculpem os acadêmicos, que fica até nesse lugar do que o antropólogo fazia antigamente, ir lá estudar os povos ou uma determinada etnia e tudo mais, sair descrevendo a partir do seu ponto de vista, espetacularizar esses corpos, esse manifesto.

23:12 E esse lugar diria que a gente já sacou, a gente já percebe quando isso acontece, né, tanto que, por exemplo, eu até fui, né, na nossa conversa, eu falei assim, não, acho que não, de aceitar, né, de vir conversar com, até mesmo com a universidade, né, a universidade também pratica muito isso, né, a gente está atentos a isso, nós estamos atentos, e não que não seja importante nós estarmos na universidade, né, nós queremos estar, mas a forma que isso se dá, né, a chegada desses equipamentos, desses espaços, dessas pessoas no território,

23:49 qual o objetivo disso? Como que entende o nosso fazer e o nosso saber aqui? Para que função? É para entender, para valorizar, para reconhecer? Não dá a voz? nós já temos a voz. Nós temos voz, nós temos corpo, nós temos manifesto, nós temos corporeidade, nós temos dança, nós já temos tudo isso, ninguém precisa dar, muito pelo contrário, tentaram nos tirar, mas é reconhecer, até mesmo o lugar da visibilidade é importante também? É.

24:37 Essa espetacularização acho que está um pouco nesse lugar de vir até nós, enquanto coletivo, isso é importante, não estou dizendo que não é importante, tanto que estou aqui representando um bloco de 50 pessoas que saem no carnaval. Eu estou aqui, representando todos, não que não é

importante nós estarmos, mas qual o objetivo disso? Para que e para quem? A espetacularização para mim está nesse lugar.
25:13 É muito interessante ouvi-la, Andréa, porque ontem, na live de ontem, nós falamos um pouco sobre um currículo antirracista. E vai ao encontro do que a gente falou ontem, do que a gente está pensando. E me dá uma alegria ouvir você trazer esse lugar da espetacularização nesse sentido.
25:35 Uma vez que inserido dentro do espaço, de que forma é inserido? Muitas das vezes a gente encontra práticas que trazem a população negra para dentro de um currículo, mas trazem de uma forma fetichizada, folclorizada,e só reforçando os estereótipos. E aí, numa outra live dessa semana, a RACNEGÊ, já olha como as coisas vão se conectando. Esse estereótipo, não existe um estereótipo positivo, esse estereótipo é sempre marcador, ele é sempre o negativo, ele é sempre o lugar de rotular, ele é sempre o lugar de apontar o outro, de produzir esse lugar
26:16 do menor. E aí é muito interessante pensar, uma vez que inserido ou inserida dentro do currículo, de um currículo, de um espaço universitário, como se dá? E é olhar para isso, olhar para essas questões, porque a gente convida para dar vida ou a gente convida para dar vida ou a gente convida para desvalidar o que está sendo feito, de modo a controlar esses corpos ali dentro.
26:42 Porque, ao mesmo tempo em que a gente tem a intenção de tematizar certas práticas, quando a gente tematiza e permite a existência dessas práticas num currículo, a gente está controlando esses corpos aí de algum modo. Então, de que forma eu deixo existir dentro disso, né? E aí... E esse processo de folclorização é muito louco, né? Porque, falando um pouco quanto professora, aí quando chega lá no mês, nos marcadores de calendário do currículo escolar, que aí a gente pega o mês de agosto, pega o mês de novembro, pega o mês, agora não é mais dezembro,
27:13 o imigrante foi jogado para julho, traz até mesmo fevereiro, até mesmo o carnaval, traz como manifestações folclóricas. E esse termo, esse tom de folclore, ele traz como algo que já existiu e que não existe mais. Traz a capoeira, traz o Buba Meu Boi, traz as manifestações de cultura popular é o maracatu traz as congadas tudo como folclore e se a gente trata como folclore é uma coisa que existiu usa-se inclusive até um termo né resgatar o folclore brasileiro, não sei o quê, e se a gente trata isso como folclore, é algo que já existiu e não existe mais,
27:56 e isso não é verdade. Todas essas manifestações, é algo que já existiu e não existe mais, e isso não é verdade. Todas essas manifestações, todos esses folguedos, todas essas expressões afro-centradas, elas existem e são vivas. Nós estamos vivas, nós estamos fazendo. Há comunidades que respiram, é cultura

viva. Eu costumo dizer que, gente, quer trabalhar capoeira, quer trabalhar bumba meu-boi, quer trabalhar os fogueiros, quer trabalhar samba de Coco, quer trabalhar a ciranda, todas essas manifestações de origem afro, né?

29:02 Afro-centradas e tudo mais, trabalham enquanto cultura viva, não como folclore, né? Que é uma outra abordagem. Até porque quando se traz como folclore, é já existiu, é um mito, é uma lenda, isso não está mais dado. E é interessante, eu tenho uma ressalva, quando se diz esse resgate, se usa muito isso, isso é um termo escolarizado, é um termo muito perigoso, porque resgate é o SAMU.

29:35 Hoje o resgate estava na rua da escola, porque aconteceu um acidente, resgate é quando está hoje o resgate tava na rua da escola porque aconteceu um acidente resgate é quando tá entre vida e morte então a gente precisa olhar para esses discursos de resgatar o quê então você precisa olhar que essas práticas elas acontecem você que nunca teveos para ela sim né onde elas estão no seu território né muito tem um valor da questão dos terreiros sim aonde estão os terreiros né os três cadê esses terrenos existe André a um mapa dos

29:44 terreiros de da zona sul ou de São Paulo você sabe se tem isso Tem um pessoal aqui do território, o Cine Becos, eles fizeram um projeto chamado Pé no Terreiro. Depois vocês acessam no YouTube, que eles foram nas casas de Axé para ouvir as suas lideranças religiosas. E saíram de vários lugares aqui, Cidade Pava, que inclusive a minha mãe também faz parte desse documentário.

30:39 E são casas de Umbanda e casas de Candomblé. Chama Pé no Terreiro. Esse mapeamento. E aí, não sei se eles ainda continuam, né? E inclusive saiu até exibindo nas escolas, foi no Cieja, sabe? E, inclusive, saiu até exibindo nas escolas, foi no CIEJA, sabe? Levando esse produto final, que é esse documentário, falando um pouco sobre essas casas, aí fala como a casa surgiu, como a casa está naquele lugar.

31:10 É bem interessante. E as federações, que a maioria dos terreiros são associados a uma federações, que a maioria dos terreiros são associados a uma federação. Essa federação foi o mesmo... Eu entendo que esse processo de federalização passou pelo mesmo processo que as escolas de samba passaram, passaram a ser entendidas como agremiações, para elas funcionarem.

31:36 Então, surgiram-se as federações para registrar, para elas funcionarem. Então,surgiu-se as federações, né, para registrar, tornar os terreiros associados, para ter uma entidade que responsava a legalização legal por aquele terreiro. E aítambém tem as federações que têm esses lugares, mas eu acredito que surgiu com o mesmo propósito das escolas de samba.

31:52 Sim. E é interessante pensar esse mapeamento, pensar esse

documentário, porque é uma memória viva, como muito bem disse você, é uma memória viva do que está posto. E aí, Andréia, pensando nessa memória viva do que está posto. E aí, Andréia, pensando nessa memória viva, pensando naquilo que é visceral, naquilo que a gente se debruça a fazer, a chorar, a resistir, a lutar como sempre, o que seria essa resistência e essa luta? Como que o Bloco está vendo essas questões, ou a Andrea está vendo essas questões enquanto bloco, enquanto mãe, enquanto mulher preta, como que seria essa resistência e luta?

32:31 A resistência já está desde o nosso estar vivo, né? Estar vivo e conseguir acordar e trabalhar e sobreviver no seu local de trabalho, né? A partir dos impasses que vão acontecendo, seja ele a partir da linguagem, seja ele a partir dos símbolos, isso já é uma resistência, né? E aí, uma hora ou outra, você vai pontuando algumas questões, vai trazendo para a reflexão, né? As pessoas que estão em sua volta.

33:20 E isso é resistência, né? A resistência é você estar em ação o tempo inteiro, né? A gente até brinca, né? Nossa, a militância não descansa, e não descansa mesmo, né? Porque a gente, desde o momento que a gente come até o momento que a gente vai dormir, a gente está tratando sobre as nossas questões, né? Fazendo esses atravessamentos, sejam eles positivos ou negativos, né? Agora, enquanto bloco, a nossa resistência é diária também no território, né? Então, por exemplo, o Ed Santo não tem uma sede própria,

33:53 mas estamos situados na Casa de Cultura do M'Boi mirim, que é um equipamento público. E aí o equipamento público tem toda a sua demanda, não só o Ed Santo está sediado lá, existem outros coletivos também, que inclusive a Casa de Cultura do M'Boi mirim é uma casa de cultura que concentra muitos coletivos de manifestações de matrizes africanas.

34:24 Nós temos lá, lá tem o Espírito de Zumbi, que trabalha a Samba de Coco, Samba de Roda, a Ciranda, a Capoeira, tem o Panelafro, aí tem a Flor de Lis, que é um grupo de mulheres da melhor idade, com as suas cirandas, com as suas poesias, mulheres negras. Tem o Ed Santo, que está lá também, fazendo o samba reggae, trazendo as nossas implicações sobre musicalidade afro percussiva, reggae, trazendo as nossas implicações sobre musicalidade afro percussiva, levando a levando a musicalidade negra para as ruas,

35:01 né, a gente, inclusive eu tenho até um videozinho, eu nem sei como passar aqui, mas depois você me ensina, tem um vídeo que mostra um pouquinho sobre o nosso carnaval, a resistência da É di Santo está em a gente levar na musicalidade a nossa religiosidade falar sobre orixá falar sobre os nossos corpos falar sobre a nossa cor falar sobre a sobre a nossa existência na música na percussão na vestimenta no turbante no no brinco, na maquiagem.

35:21 Isso é resistência, entende? É se fazer presente. E diante de todos esses códigos, vamos dizer assim, ou a gente é amado, e aí está relacionado, inclusive, também com a questão da espetacularização, e a gente já está numa idade, diria, que a gente já consegue sacar isso, né, opa, né, e, ou se não, vem na parte do apedrejamento, né, ah, não, isso não, vai pra lá, né, as pessoas já expressam,
né, que não que não quer, ou que não, tipo, isso não é de Deus.
36:14 Isso não é de Deus, isso é macumba, isso é coisa de preto. E aí a resistência, eu entendo que se dá dessa forma. Enquanto a existência de coletivo, se manter dentro de um equipamento público, embora as manifestações populares, a maioria dos eventos, a maioria dos coletivos que estão lá situados, é difícil.
36:43 A gente tem os nossos embates também, inclusive de permanência, permanecer num espaço de equipamento público, que a gente entende como direito, enquanto munícipes, enquanto moradores do território, enquanto coletivo que nasceu nessa Casa de Cultura do M'Boi mirim, que a partir das pessoas que nós estávamos lá, e aí tem o mestre Rabi, que é o idealizador do bloco, que na verdade ele se tornou um bloco mas nós não nascemos com um bloco o Rabi ele pegou as pessoas ali chamou as pessoas né próximas dele para na
37:09 ideia de construir uma musicalidade o terceiro elemento vamos dizer assim né e ele vai sair vamos montar e fazer um demo né gravar algumas músicas e tudo mais. Aí chamou, chamou cinco pessoas. E aí a gente foi, gravamos e tudo mais. A gente gravou até no estúdio que tem aqui no Jardim Nakamura. E aí a gente dispersou.
37:42 E aí a galera ficou, vamos colocar um bloco na rua, vamos fazer uma batucada. Nós saímos no propósito de batucada, de uma forma de carnaval mesmo, de uma forma muito livre. E aí eu diria, mais ou menos, porque qual foi a batucada que nós fizemos? Nós fizemos um afoxé, nós fizemos um cabula, nós fizemos um congo de ouro,tudo ritmos de terreiro não é de outra coisa então assim nós saímos é despretensiosamente mais ou menos né amarramos os nossos planos na nossas cinturas no né no nosso nossos planos da Costa os nossos turbantes e saímos na rua batucando
38:12 e aí que nós entendemos né Opa né dá para fazer mais coisas aí. E aí pediu-se um segundo ano, fizemos mais um segundo ano também com o batucado. E aí acoisa foi ganhando, né, uma dimensão. E aí as pessoas que gostam de manifestações populares, né, se identificam e tudo mais, foram colando.
38:20 E aí foi assim que nós fomos ganhando corpo, né? E aí pautando, e aí

fazendo com mais ênfase as nossas pautas, né? Isso é interessante. Muito interessante, Andréa. Muito, muito mesmo. E pensar, né? Quando vocês saem com essa batucada, né? Esse ritmo, que não é o ritmo dito bloco carnavalesco, como que o bloco foi visto? Os primeiros olhares para essa batucada na rua, esses toques, você tem memórias disso? Tenho, a memória que eu tenho é isso,

39:25 ou ame ou deixo, mais ou menos isso né muitas pessoas que amam caí para dentro e as pessoas que não amam que normalmente são né normalmente de outras religiosidades de outra religião que né que não se permitem ao mínimo conhecer, eu acho que uma das questões da religião, ou até mesmo de qualquer religião, vamos dizer assim, não está aberta ao diálogo, a conhecer outras manifestações, ou outro modo de ser e estar no mundo, só tem que ser daquele modo.

39:43 E aí, a questão dos ritmos, sempre esteve em evidência, a questão de onde vinha esses ritmos. E aí, falando um pouco da questão do bloco, o nome é Bloco Afro Ed Santo, esse Ed Santo, o Rabi, que é o mestre, quando ele chama, ele fala, é Ed Santo? Porque eu lem que é o mestre Quando ele chama, eu falo Ed Santo? Porque eu lembro desse momento da vida dele que a gente falava assim. Ele tocava daquela maneira, apresentava o ritmo e começava a tocar.

40:45 Aí a gente falava: Ah, mas isso é do Orixá tal! Olha esse daqui Fosse no surdo, fosse no repique fosse na caixa, em qualquer instrumento Ah, mas esse é do Orixá tal. Aí tem uma vez que ele ficou com raiva, né? Caramba, tudo que eu faço é de santo? E isso era um ponto de interrogação. Era um ponto de interrogação para ele.

41:02 E aí ele colocou, é de santo? Era uma interrogação. Aí a gente conversando, não sei o quê, nananã. É, Rabi, é de santo? Era uma interrogação. Aí a gente conversando, não sei o quê, nananã, nananã. É, Rabi, é de santo. Aí sai ponta de interrogação e vem a afirmação. A gente não tem que se interrogar, a gente tem que afirmar.

41:23 Por que a gente tem que se colocar em dúvida sobre as nossas... os nossos fazeres, os nossos saberes? O tempo inteiro a gente entra nesse jogo da interrogação. A gente fica se questionando, se colocando em xeque o tempo inteiro. Tem hora que ela é danosa, mas tem hora que a gente precisa interrogar o outro no sentido de por que você me espetacularia.

41:41 E aí, pensando nesse interrogar o outro, André, eu vejo você trazer essa questão do bloco, e aí você traz a questão do carnaval. você me espetacularia. E aí, pensando nesse interrogar o outro, André, eu vejo você trazer essa questão do bloco, e aí você traz a questão do carnaval. O bloco se organiza fora da época do

carnaval e ele sai no carnaval, certo? Certo.

42:02 E a gente vê um enxame na cidade de São Paulo. Olha lá, a cidade de São Paulo passa a ser reconhecida, antes da pandemia, a pandemia veio, Paulo passa a ser reconhecida, né, antes da pandemia, né, a pandemia veio, não teve os blocos na rua, mas a cidade de São Paulo, ela passa a ganhar um lugar de que, nossa, gente do Recife, tá saindo do Recife pra vir curtir o carnaval em São Paulo, o carnaval de São Paulo tá muito grande, e aí a gente sabe que esse carnaval muito grande tem um circuito certo, aí a gente sabe que esse carnaval muito grande

42:30 tem um circuito certo, né? Tem um circuito Vila Madalena, tem um circuito centro da cidade. O Bloco é de Santo, estar nesse circuito já foi chamado para estar, ou o Bloco é de Santo faz questão de estar no circuito da periferia? Que é um circuito que não é tão divulgado quanto esses outros. É, existe mesmo uma nata, podemos dizer assim. Tem hora que ela é danosa, mas tem hora que a gente precisa interrogar o outro no sentido de por que você me espetacula riza.

43:34 Nós não temos patrocínios, por exemplo, o que nós fazemos é o nós por nós. A estrutura que a gente tem, por exemplo, é que de alguns anos para cá,a prefeitura tem criado uma plataforma, um credenciamento dos blocos de carnaval de rua que a gente precisa se cadastrar, até mesmo para evitar um bombardeio policial.

43:51 Eles falam que é para dar estrutura para nós e tudo mais. A gente entende também. As estruturas são bem-vindas, a gente precisa deles. Mas passa muito também por esse lugar do controle da cidade. E nós fazemos questão de estar onde estamos. Nós fazemos o mesmo percurso há 13 anos, diria que há 10, porque o ano passado, o ano retrasado, nós não fomos às ruas por conta da pandemia.

44:30 2020 foi o nosso último carnaval de rua. Em 2021, nós fizemos um carnaval ali mesmo, dentro da Casa de Cultura, que tinha saído a autorização dos blocos de carnaval pra sair ali mesmo dentro da casa de cultura que aí tinha saído autorização dos blocos de carnaval para sair nas ruas e aí depois as vésperas de carnaval anunciou-se que não teria mais blocos blocos de carnaval de rua e aí a gente como a gente tinha trabalhado eu tinha montado toda uma estrutura, a gente fez como se fosse uma forma de show mesmo dentro da Casa de Cultura.

44:58 Inclusive, a gente tem esse evento gravado lá no canal do YouTube do Bloco, que a gente chama de Carnaval da Vida, um carnaval pós-pandêmico, foi muito emocionante, a gente chorou, né, um carnaval pós-pandêmico foi muito

emocionante, a gente chorou, inclusive, né, porque, enfim, né, todas as demandas, todas as questões que o contexto de pandemia trouxe para nós e estar ali, né, no carnaval, com o seu blog, com o seu coletivo, com pessoas que você gosta, fazendo o que você gosta, foi muito emocionante.

45:22 E nós só temos questão, sim, de estar na periferia. Nosso carnaval, a gente não tem nenhuma pretensão em sair da Piraporinha e pensar em outro percurso, sabe? Não, a gente, nós estamos na periferia, inclusive nós nomeamos como Carnaval Afro-Percussivo Periférico, é um carnaval de quebrada, é um carnaval de periferia, a gente não tem cordão, a gente não tem todos esses moldes, esses modelos que os blocos grandes têm, porque é um carnaval comunitário também, nós estamos na nossa comunidade, então a gente tem que se

46:20 proteger de quem? De nós mesmos? Não, nós estamos com os nossos. E os percussionistas, os dançarinos, as dançarinas, os cantores, as cantoras, as pessoas que estão envolvidas no bloco, são todos nós que estamos aqui no território. Então, a gente não tem porquê de criar essa distância entre o público e o bloco.

46:56 Nós estamos na periferia e o nosso diferencial é isso. Nós estamos lá, aqui na Piraporinha, inclusive, de 15 em 15 dias dias nós temos os nossos ensaios para para acolher quem quiser tocar por exemplo aí eu quero sair no bloco e eu não sei tocar eu não eu não tenho instrumento eu não sei dançar eu posso pode né inclusive no mês de agora de outubro nós abrimos os processos artísticos do bloco para as pessoas que querem entrar virem compor o nosso bloco.

47:13 E também pelo fato de nós estarmos na periferia, isso também é uma coisa muito presente, que as pessoas trazem para nós essa demanda, não digo nem demanda, essa questão, que eu entendo como diferencial é que, para você participar do Bloco Alfredo Santos, você não precisa ter instrumento. Nós estamos na periferia.

47:57 Um instrumento, para você ter um instrumento, é extremamente caro. Para você ter um surdo, você não paga mínimo que 600 reais, por exemplo. Ou seja, essa musicalidade também é um lugar de acesso. Quem acessa a música? Quem pode minimamente comprar um instrumento. E quanto que é um instrumento? E quanto que é um instrumento de cordas? E quanto que é um surdo? Quanto que é um repique? Quanto que é uma atabaque? Quanto é um timbal? Quanto é uma atabaque? Quanto é um timbal? É de 800 reais, 600 reais.

48:37 E quem na periferia tem essa grana à disposição para se desprender e ir

lá numa loja de instrumentos e comprar? Isso também está relacionado à acessibilidade, ao acesso, à permanência. Figurino no Ed Santo também., assim, nada no É Di Santo é pago, não se tem a taxa. Isso não se trata de uma crítica para quem faz, não é isso.

48:49 Cada bloco, cada coletivo tem a sua identidade, tem as suas diretrizes. A diretriz do Bloco Afro É Di Santo, quando nós estamos na periferia, é não cobrar nada para ninguém. Nós trabalhamos para conquistar. Então, o Bloco manda fomento, submete projetos para trazer estrutura, apresentações que a gente faz, que o Bloco faz.

49:16 Esse dinheiro é voltado para a manutenção, para a compra dos instrumentos, compra de figurino. Por quê? Pelo fato de nós estarmos na periferia, entende? Porque se a gente sabe que as pessoas na periferia são trabalhadores, trabalhadoras, que não têm um salário top, um salário que dê para você tirar 600, 800 reais do seu salário para comprar um instrumento e aí você vai lá e exige que a pessoa tenha um instrumento, você já está promovendo aí uma seleção, uma ação seletiva.

50:07 Quem é que vai colar? Quem tem poderes aquisitivos. E nós estamos na periferia, isso significa também que nós não temos grana para comprar. Então, é uma política que nós adotamos. Por isso e por outras razões, nós estamos na periferia, porque nós somos da periferia e nós queremos carnavalizar na periferia e para a periferia.

50:24 É uma escolha. A gente vai em outros territórios, chama nós que nós vamos, né? É só chamar que nós vamos. Mas o nosso carnaval é aqui no nosso território mesmo. É muito interessante, né, André, quando você traz essa questão de estar na periferia e fazer um carnaval para a periferia, né? Porque se tem um discurso da ascensão dos blocos ou da ascensão das pessoas da periferia, né? Agora a gente passa a frequentar outros lugares, passa a se comportar de outra forma, porque nós ascendemos, nós acessamos alguns espaços.

50:49 E muitas vezes isso é uma pseudo-ascensão, só um discurso para te dizer que, olha, você vem aqui, mas você volta para lá, onde você dorme, onde você está. E é muito interessante pensar nessa questão né e trazendo Andréia um pouco aqui né as contradições pelo que eu entendo as contradições elas estão a todo momento cutucando o bloco né porque o que eu percebo da sua fala é é a gente é é tido como como bloco de macumba, estou fora, está amarrado, mas ao mesmo tempo, olha quem são.

51:34 Então é o ame ou o deixe, o ame ou o dei. Olha como são lindos. Isso, a contradição está transitando aí, ela transita e ela acompanha o bloco, e é interessante pensar essas contradições no sentido de eu não dou o braço a torcer, mas é um trabalho ótimo que esse bloco vem fazendo. Então, talvez essa contradição seria uma resistência do outro a admitir que o bloco é uma potência.

52:20 Pelo que eu entendi aqui das suas falas né eu e um pouco que você

trouxe eu tenho percebido isso né que a essa contradição é a resistência do outro admitir a potencialidade que tem bloco e André você traz muito a questão do território né na sua fala então o território muitas as vezes ele é um.
52:30 Então o território muitas vezes é um espaço de aquilombamento, é um espaço de afeto, é um espaço de memória. E aí para a gente pensar um pouco aqui, o que é para a Andreia o território? Essa noção de território, essa ideia de território? O que representa? Eu nunca estive em outro lugar, por exemplo, a
52:30 Então o território muitas vezes é um espaço de aquilombamento, é um espaço de afeto, é um espaço de memória. E aí para a gente pensar um pouco aqui, o que é para a Andreia o território? Essa noção de território, essa ideia de território? O que representa? Eu nunca estive em outro lugar, por exemplo, a Andréia, eu, enquanto sujeito, nesse mundo, eu moro no mesmo lugar, por exemplo, onde eu nasci.
53:16 Moro em Jardim Bira Poeira, na mesma rua, na mesma casa casa e a gente só vai crescendo só vai fazendo os puxadinhos eu não sei o que é morar em outro lugar em outro território não sei mesmo se eu disser isso ou mentindo e aí isso já traz esse sentimento de pertencimento é o meu lugar isso lembra muito a música do Arlindo Cruz, o meu lugar.
53:53 E perceber a potência do território, sabe? É muito... E o quanto o meu bairro, o meu território, ele cresceu, e cresceu junto comigo, inclusive. Se eu nunca estive em outro lugar, eu cresci também junto com esse lugar. E hoje, né, enquanto mulher adulta, mulher preta, mãe, professora, eu busco contribuir com esse território, que também foi o lugar que me alimentou, né, e que me nutre constantemente.
54:16 Diria que aqui no território do M'Boi mirim é um território fértil. Aqui tem sarau, aqui tem samba de roda, aqui tem quebrada cultural, aqui tem panelafro, aqui tem carnaval. Só de carnaval de rua, por exemplo, nós temos 12 e nós estamos organizados em um fórum Existe um fórum de carnaval de rua do M'Boi mirim Que é cada bloco com a sua identidade Isso é muito potente E nós, inclusive, nós organizamos uma agenda de carnaval A gente não precisa mais ir para o centro Lógico, você vai se você quiser, óbvio, né?
54:59 Mas não mais por falta de opção. Se você quer curtir o seu carnaval, por exemplo, você começa na sexta-feira e vai terminar na terça-feira. Tudo aqui no nosso território, porque nós estamos organizados, os blocos daqui do nosso território, a gente se reúne para pensar nossas agendas, pensar no que o outro bloco precisa, o que um bloco pode ajudar o outro.
55:15 Um bloco toca no carnaval do outro. Por exemplo, o Ed Santo toca em todos os carnavais do bloco do Beco. Todos. Teve um carnaval desde o momento

que era só batucada, em 2010, 2011, até hoje. E aí de nós se nós não tocarmos, por exemplo. Então, assim, ao invés de ser uma revanche, nós estamos nos fortalecendo enquanto território, entende? É o Bloco Afro de Santo ir nos eventos da Casa de Cultura, ir nos eventos da Fábrica de Cultura.

56:11 É a gente percorrer esses lugares, sabe? Então, a força de um território é muito grande, né? E a gente se unir,a gente se fortalece, a gente cresce enquanto território. Então, não vejo outra forma da gente se fortalecer, outra forma de a gente crescer e não deixar cair, porque às vezes a gente tem coletivo, a vida tem esses sobe e desce.

56:34 E enquanto eu estou bem, o coletivo do meu colega, do meu parceiro não está bem, então eu como coletivo do território vou lá e dou uma força para ele, ao invés de nós nos tratarmos como rivais, como concorrentes. Inclusive isso é uma... Eu entendo que isso é uma herança é um reverberar das matrizes africanas você quer ver coisa mais unida e de fortalecimento do que uma casa de axé é um cuidando do outro por exemplo é a sintonia a gente busca a sintonia dentro de um terreiro dentro de uma casa de axé.

57:28 E colocar isso em prática enquanto território numa proporção maior é você praticar a sua... Como se fala? A sua... As suas heranças afro-africanas, porque a gente vive em comunidade o tempo inteiro. as suas heranças afro-africanas, porque a gente vive em comunidade o tempo inteiro, nós estamos em comunidade o tempo inteiro, não tem uma ascensão só, todo mundo vai junto.

57:47 A força do território para mim está nisso, e território do M'Boi mirim, Jardim São Luís, Piraporinha, Jardim Ângela, é isso, só quem ver, só quem vir, verá. Que bonito, André, que bonito pensar isso, né? A gente precisa agora marcar um outro encontro pra falar de território, porque olha lá, quanta coisa você traz, né, pra pensar o território, mas André, que incr, que incrível as coisas que você traz, a forma como você conduz esse papo para pensar esse bloco, para pensar o seu lugar no mundo, para pensar o seu lugar no bloco.

58:32 Olha para onde a gente foi. E, infelizmente, nós vamos encerrando a live. Então, André, eu gostaria que você fizesse uma fala, deixasse as redes sociais do Bloco, isso é importante. Você falou que o Bloco se alimenta de fomentos, não sei se o Bloco se alimenta também de doações. Se o Bloco tiver algum pix, você deixa aí para o pessoal.

58:44 E é isso, né? Então, vamos lá, a fala é sua. Em nome do RACNEGÊ, eu agradeço a sua incrível participação na segunda semana RACNEGÊ, e é isso, Andréa, muito obrigado mesmo. É, eu quero agradecer o convite, eu quero dizer que é um desafio estar aqui, não foi fácil para mim, inclusive é um lugar que a gente, eu digo a gente, nós enquanto mulheres negras, população negra, está

nesse lugar da fala, é muito difícil, porque isso nunca foi nos ensinado, né, diria que a gente está metendo o pé nas portas.

59:44 Ainda que seja com medo, com as suas inseguranças, a gente tem feito esses enfrentamentos também, e uma das resistências nossas é a ocupação desses espaços, né, estar nesses lugares, e não só estar enquanto corpo, estar no lugar da fala, seja da visibilidade, seja da escuta, e é muito louco isso, isso traz uns atravessamentos que que vai para um outro lugar, que passa pela nossa identidade.

1:00:10 E eu quero agradecer o convite, espero que todos compareçam ao Bloco Afra de Santo, as portas estão abertas, o coração também está aberto. O nosso carnaval acontece sempre na segunda-feira de carnaval, na Casa de Cultura do Miboi Mirim. Nós temos o Instagram, podem nos seguir, que nós colocamos as nossas ações lá.

1:00:24 E dizer que, enquanto coletivo, é muito importante, sim, essa escuta de outras pessoas que não estão no nosso território, fazer essa escuta do nosso processo e entender que isso é uma ação afro afirmativa né político afro afirmativo é por mais que a gente não esteja dentro das academias enquanto coletivo e tudo mais, mas que as nossas ações ela é reverbera né academia no território, no território, nos espaços, nas pessoas,

1:01:07 e é uma forma de existência mesmo, né, é um lugar do... e a luta, né, isso que é a luta, né, ela é constante. E é isso, gente, eu não tenho muito o que dizer, agradeço imensamente ao convite. O bloco, ele sim, ele aceita doações, né? A gente é um bloco independente, a gente nem sempre a gente consegue fomentos, shows, né? Nós estamos voltando agora, após pandemia, então nós estamos zerados, vamos dizer, financeiramente, inclusive, mas quem quiser também fazer uma doação, enfim, sejam bem-vindos, nós aceitamos também.

1:02:10 E também, se não quiser doar, só o fato de colar, o fato de curtir as nossas ações, a gente já é uma... já é um doar, né? Axé, muito obrigada. Axé, muito obrigado, André. Nós vamos deixar, então, as redes sociais do bloco, toda essa informação, na descrição do vídeo. Esse vídeo vai ficar salvo no canal do RACNEGÊ e aí a gente vai deixar essas descrições aí, tá? Das redes sociais do bloco, da sua rede social, e os contatos para doação aí.

1:02:41 Tá bom, Andréia? Muito obrigado, muito obrigado, pessoal, a quem nos acompanhou até agora nessa live. Lembrando que amanhã, segunda semana, a RACNEGÊ continua, e na sexta e no sábado será presencialmente no Instituto Federal de Cubatão. Andréa, muito obrigado.

Evento

Palestra

O lugar das pessoas TRANS no espaço escolar, com a presença da vereadora

de Santos, Débora Camilo – PSOL – ano 2023.

https://www.youtube.com/watch?v=odtsw6OHPes&t=285s



O evento abordou a importância da inclusão de pessoas trans no ambiente escolar, destacando a necessidade de políticas públicas que garantam respeito e acolhimento. A vereadora Débora compartilha sua experiência e enfatiza a urgência de debater gênero nas escolas, combatendo a violência e promovendo a diversidade desde a infância. ***Seguem alguns destaques elencados a partir dos principais momentos cronometrados das falas das/dos convidadas/os:***

00:42 – Débora Camilo, vereadora e advogada, fala sobre a importância da militância e da defesa de políticas públicas inclusivas. Ela destaca a necessidade de interação e diálogo em espaços sociais e políticos. Também ressalta a relevância de construir parcerias e desenvolver projetos que promovam a igualdade e a justiça social. Isso é essencial para transformar realidades.

Débora menciona sua trajetória de militância e como isso se relaciona com a educação e as relações sociais. A sua experiência é fundamental para debater questões relevantes. Enfatiza a importância de trazer à tona temas que muitas vezes são deixados de lado nas discussões políticas, visando dar voz a minorias. Isso é crucial para a inclusão.

09:11 – A violência contra pessoas trans no Brasil é alarmante e normalizada, refletindo uma cultura de desprezo e perseguição. É crucial discutir e implementar políticas públicas que promovam respeito e inclusão nas escolas. O espaço escolar deveria ser um ambiente de respeito e acolhimento, mas muitas vezes não está preparado para receber todas as identidades. Isso gera exclusão e violência contra os diferentes. O debate sobre gênero nas escolas é essencial para combater a ideologia que visa exterminar o diferente. Educar crianças sobre respeito e diversidade é fundamental para um futuro mais inclusivo. inclusivo. A falta de dados e políticas públicas efetivas impede a implementação de ações que diminuam a desigualdade e a violência. É necessário coletar informações para fundamentar políticas que garantam

direitos.

17:00 O debate sobre políticas públicas para a comunidade LGBTQIAPN+ é crucial para fomentar a inclusão e a proteção dos direitos dessa população. A violência política e a marginalização são questões que precisam de atenção imediata. A criação de conselhos e coordenadorias é um passo importante, mas ainda insuficiente para abordar as realidades da comunidade LGBTQIA+. A falta de ações concretas além de eventos é preocupante.

Pode-se afirmar que a violência política contra mulheres LGBTQIAPN+ é alarmante e precisa ser combatida através de legislações eficazes. A luta por igualdade deve ser intensificada em todos os espaços sociais. A situação de pessoas trans é crítica, com alta taxa de informalidade e precarização no trabalho. Muitas delas enfrentam discriminação e são frequentemente excluídas do mercado formal.

26:57 O enfrentamento à epidemia de HIV nos anos 80 e 90 foi crucial para salvar vidas e estabelecer políticas públicas de saúde. Essa luta ainda serve como referência mundial para ações de prevenção e tratamento.

A distribuição de camisinhas e seringas foi uma estratégia ousada para reduzir a transmissão do HIV, especialmente entre usuários de drogas injetáveis. Essa ação foi essencial para enfrentar o preconceito e a desinformação.

As políticas implementadas na época focavam na saúde básica e na prevenção, sendo pioneiras e inovadoras. A rapidez no atendimento médico era um diferencial importante para a população.

Apesar dos avanços, a saúde pública enfrenta desafios contínuos, como a falta de acesso e a mercantilização da saúde. É necessário relembrar essa história para continuar a luta por direitos de saúde.

35:10 O preconceito e a discriminação são crimes que afetam diversas pessoas, mas muitas vezes a dificuldade em registrar essas ocorrências impede a busca por justiça e reparação. É essencial que as instituições e profissionais estejam preparados para lidar com essas situações e garantir o atendimento adequado às vítimas.

A importância da formação contínua de profissionais que atendem vítimas de discriminação é crucial para poderem lidar com as situações de forma adequada e sensível. O projeto sobre o combate à pobreza menstrual destaca como a falta de recursos pode impactar a educação e a saúde de muitas pessoas que menstruam. O direito de ser tratado pelo nome e gênero com os quais a pessoa se identifica é fundamental, mas muitas vezes não é respeitado nas instituições públicas.

44:06 O acesso ao banheiro deve ser garantido a todos, independentemente de sua identidade de gênero. Negar esse direito é perpetuar preconceitos e violações de dignidade humana. A formação continuada dos profissionais é crucial para abordar o preconceito e garantir um atendimento inclusivo. Isso ajuda a criar uma rede de apoio e acolhimento.

A questão da segurança no banheiro é frequentemente mal interpretada, pois a violência sexual ocorre mais em casa do que em espaços públicos. É fundamental discutir a sexualidade nas escolas. Atualmente a escassez de profissionais capacitados para atender a comunidade LGBTQIAPN+ é um grande desafio e a carência de ambulatórios e estrutura adequada agrava a situação de vulnerabilidade.

52:32 Outro problema importante é a falta de orientação médica no tratamento com hormônios pode causar sérios problemas de saúde. É crucial que haja políticas públicas para garantir o acesso a esses cuidados essenciais. De suma importância é o acompanhamento profissional ao iniciar tratamentos hormonais, vital para evitar complicações de saúde.

O desconhecimento por parte da população é uma barreira significativa. Por esse motivo a necessidade de políticas públicas eficazes que garantam a presença de profissionais de saúde nos municípios é essencial para reduzir o tempo de espera e melhorar o atendimento.

Mais uma questão fundamental é a discussão das doenças que afetam grupos específicos, como a anemia falciforme – nos apropriando de uma doença de maior incidência na população masculina negra como exemplo de grupo vulnerável – e outras tantas para promover ações de saúde. É necessário quebrar tabus e envolver toda a população nesse debate.

1:02:28 É de fundamental importância que a discussão sobre diversidade e as questões da população trans não se restrinja a datas específicas, mas seja uma prática contínua.

A educação deve ser um projeto de estado, com políticas públicas efetivas e permanentes. A resistência dos profissionais de saúde em compreender as necessidades de atendimento de pessoas trans é um grande obstáculo. As políticas públicas precisam garantir um atendimento adequado e inclusivo. O papel das escolas na inclusão de debates sobre gênero e diversidade é essencial. A educação deve ser um espaço de aprendizado e respeito às diferentes identidades. A luta por visibilidade de todas as letras da sigla LGBTQIAPN+ é fundamental. É importante que cada letra tenha espaço e reconhecimento dentro do movimento.

1:12:08 A importância da inclusão social e do enfrentamento das dificuldades

enfrentadas por pessoas com autismo é fundamental para garantir seus direitos e visibilidade na sociedade.

A responsabilidade do poder público é crucial para a promoção da inclusão e do atendimento adequado. Debater sobre a inclusão e a responsabilidade do poder público é essencial, pois muitas pessoas estão perdendo vidas devido à falta de serviços adequados e suporte. Isso precisa ser urgentemente abordado. Dar visibilidade aos movimentos sociais é necessário para que as demandas sejam reconhecidas e atendidas, permitindo que mais pessoas conheçam os direitos que ainda não possuem. Isso facilita a luta pela inclusão. Uma coleta de dados e estatísticas sobre a realidade das comunidades é vital para fundamentar a criação de políticas públicas e garantir que as necessidades específicas sejam atendidas de forma eficaz. Isso fortalece o debate.

1:23:13 Pessoas em situação de rua enfrentam a falta de espaços adequados para cuidados pessoais, como banho e troca de roupas.

Acolhimento e dignidade são ações de extrema urgência e devem ser iniciativas do poder público.

Existe uma carência de projetos que garantam acesso a banheiros e lavanderias para pessoas em situação de vulnerabilidade. Isso é fundamental para garantir dignidade e segurança.

O governo enfrenta resistência ao tentar implementar políticas de acolhimento, com dificuldades em aprovar projetos que beneficiem a população de rua. Isso reflete a falta de vontade política. Arquitetura hostil é uma questão importante, pois projetos urbanos muitas

vezes impedem o descanso e a acolhida de pessoas sem-teto. Há uma necessidade de reformulação nas políticas públicas.

1:32:56 É de suma importância a participação da população nas decisões políticas, para promover mudanças reais e efetivas. Maior interação entre representantes e cidadãos fortalece a democracia e a transparência. Realizar mapeamentos e questionários é essencial para entender as necessidades da comunidade e direcionar as ações de acordo com essas demandas. Isso ajuda a criar um diálogo mais próximo entre os cidadãos e os representantes. Uma luta constante por melhorias e soluções para a sociedade exige um esforço conjunto e a união de forças entre os envolvidos.

É importante não criar ilusões de que tudo será resolvido facilmente. Parcerias e a colaboração entre diferentes grupos são cruciais para o fortalecimento dos Movimentos sociais. Elas garantem que as ações sejam contínuas e não apenas pontuais em datas comemorativas.

As pessoas trans enfrentam diversos desafios no ambiente escolar, dentre eles:

***Falta de Inclusão e Reconhecimento*: m**uitas vezes, as escolas não reconhecem ou respeitam a identidade de gênero dos alunos trans, o que pode levar a um ambiente hostil e à exclusão social.

***Formação Inadequada de Educadores*:** a formação dos professores e funcionários sobre questões de gênero e diversidade é frequentemente insuficiente. Isso resulta em uma falta de compreensão sobre como apoiar adequadamente os alunos trans.

***Políticas Públicas Fracas*:** a ausência de políticas públicas consistentes e abrangentes que garantam a inclusão e proteção dos alunos trans nas escolas é um grande obstáculo. Muitas iniciativas são temporárias e não se sustentam com a mudança de gestão.

***Violência e Bullying*:** alunos trans frequentemente enfrentam violência verbal e física, bullying e discriminação, tanto de colegas quanto de professores, o que pode afetar sua saúde mental e desempenho acadêmico.

***Acesso a Recursos e Apoio*:** há uma carência de recursos e serviços de apoio, como aconselhamento e grupos de apoio, que poderiam ajudar os alunos trans a lidar com suas experiências e desafios.

***Resistência Cultural*:** a resistência cultural e social em relação à diversidade de gênero pode criar um ambiente escolar hostil, onde a discussão sobre gênero e inclusão é vista como controversa ou desnecessária.

Esses desafios destacam a necessidade urgente de uma abordagem contínua e estruturada para a educação sobre diversidade de gênero nas escolas, visando criar um ambiente seguro e acolhedor para todos os alunos.

As políticas públicas podem melhorar a inclusão escolar de várias maneiras, conforme discutido no vídeo. Aqui estão alguns pontos-chave:

***Educação Contínua*:** a formação de educadores deve ser contínua e não limitada a datas específicas, como o mês da diversidade. Isso garante que a discussão sobre gênero e diversidade seja uma parte integral do currículo escolar.

***Implementação de Políticas*:** é fundamental que as políticas de inclusão sejam estabelecidas como leis, não apenas iniciativas temporárias. Isso assegura que as ações de inclusão sejam mantidas independentemente das mudanças de governo.

***Apoio a Diversidade*:** as escolas devem promover um ambiente que respeite e

acolha a diversidade, incluindo a população trans. Isso envolve não apenas a formação de professores, mas também a criação de espaços seguros para todos os alunos.

Combate à Violência: as políticas devem abordar a violência de gênero e a discriminação nas escolas, promovendo um ambiente seguro para todos os estudantes.

Acesso a Recursos: é importante garantir que haja recursos adequados e acessíveis

para apoiar a inclusão, como materiais didáticos que reflitam a diversidade e programas de apoio psicológico.

Envolvimento da Comunidade: todas as políticas públicas têm de envolver a comunidade escolar, incluindo pais e alunos, para que todos se sintam parte do processo de inclusão.

Monitoramento e Avaliação: o monitoramento à implementação das políticas e a avaliação de seus impactos, ajustando-as conforme necessário para garantir que as mesmas sejam eficazes.

O papel da educação na luta contra a violência de gênero:

Formação Contínua**: a** educação deve ser contínua e não restrita a datas ou meses específicos, como a Semana da Diversidade. Isso significa que o debate sobre gênero e diversidade deve ser integrado ao currículo escolar de forma regular, ajudando a desconstruir preconceitos e estereótipos.

Respeito à Diversidade**:** a educação deve ensinar que os valores pessoais, que podem ser considerados ideais em casa, nem sempre se aplicam ao ambiente escolar. É crucial promover um espaço onde todas as identidades de gênero sejam respeitadas e acolhidas.

Combate à Violência: por meio da educação, é possível abordar questões de violência de gênero, ensinando os alunos a reconhecerem e combaterem comportamentos abusivos e discriminatórios. Isso inclui a formação de professores e profissionais de saúde para poderem atender adequadamente a todas as pessoas, independentemente de sua identidade de gênero.

Políticas Públicas: implementação de políticas públicas que garantam a inclusão e o respeito à diversidade nas escolas como parte do currículo. Isso deve ser um projeto de estado, não apenas de governo, para garantir a continuidade e a eficácia das iniciativas.

Conscientização e Ação: a educação deve incentivar os alunos a se tornarem agentes de mudança, promovendo discussões sobre gênero e diversidade e

desafiando normas sociais que perpetuam a violência e a discriminação.

Em resumo, a educação é uma ferramenta poderosa para transformar atitudes e comportamentos, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, onde a violência de gênero é ativamente combatida. Essas abordagens podem ajudar a criar um ambiente escolar mais inclusivo e respeitoso, onde todos os alunos se sintam valorizados e seguros.

Evento

Mesa-Redonda Vivências e Enfrentamentos TRANS. Parceria REATRANS & RACNEGÊ , com presença de Priscyla Coutinho. 24 de out. de 2023. https://www.youtube.com/watch?v=Mn4JzlfHyZo&t=5s Canal do Grupo de Pesquisas RACNEGÊ/YOUTUBE.



O evento discutiu as vivências e enfrentamentos da comunidade trans, destacando a importância de redes de apoio e a luta contra transfobia e preconceitos. Participantes compartilharam experiências pessoais de discriminação, superação e a necessidade de inclusão e respeito. A educação e a visibilidade foram enfatizadas como ferramentas de transformação social.

Seguem alguns destaques elencados a partir dos principais momentos cronometrados das falas das/dos convidadas/os.

00:25 A Rede Anti Transfobia (REATRANS) é uma iniciativa importante que busca apoiar pessoas que enfrentam violência e discriminação, promovendo acolhimento e troca de experiências. O projeto visa criar um espaço seguro e acolhedor, essencial para a comunidade trans e suas vivências. O coletivo Diverso atua na redução de danos e garantia de direitos, sendo fundamental para a proteção e apoio à comunidade LGBTQIAPN+. Esse trabalho é vital para enfrentar as adversidades diárias enfrentadas por essas pessoas.

A violência e a marginalização enfrentadas pela população trans no Brasil são alarmantes, com altos índices de assassinato e exploração. Essas realidades exigem ações concretas para promover segurança e dignidade. A luta contra a transfobia envolve não apenas visibilidade, mas também a necessidade de respeito e empatia dentro da própria comunidade LGBTQIAPN+. É crucial reconhecer e combater todas as formas de preconceito.

08:10 A vida de uma pessoa trans e as dificuldades enfrentadas desde a adolescência são retratadas com clareza. A experiência de rejeição familiar e a necessidade de sobrevivência levam a escolhas difíceis. A rejeição familiar é um tema central, mostrando como a falta de apoio pode impactar a vida de uma pessoa trans.

Essa rejeição pode levar à busca por aceitação em outros ambientes. O envolvimento na prostituição desde jovem é destacado, refletindo a falta de opções e a pressão para se sustentar. Essa realidade é agravada pelo contexto social e econômico. O uso de drogas surge como uma forma de lidar com a dor e a pressão da vida nas ruas. Isso também contribui para um ciclo de dependência e exploração.

16:14 O preconceito e a discriminação são questões profundamente enraizadas na sociedade, afetando especialmente as pessoas trans. É crucial que as instituições educacionais reconheçam e combatam essas injustiças diariamente. Religiões de base judaico-cristã e a estrutura social muitas vezes perpetuam preconceitos, dificultando a aceitação das pessoas LGBTQIAPN+.

A discussão sobre fé e capitalismo também é pertinente nesse contexto. A militância das pessoas trans é um ato de resistência e busca por dignidade. Esse ativismo é vital para a visibilidade e a luta por melhores condições de vida. As mulheres trans enfrentam desafios significativos, incluindo a violência e a marginalização, muitas vezes resultando em consequências trágicas.

24:19 Lutar por inclusão e reconhecimento da comunidade LGBTQIAPN+ é essencial para garantir direitos iguais e acabar com preconceitos. É necessário um esforço coletivo para transformar a sociedade e criar um ambiente mais acolhedor.

A presença de pessoas LGBTQIAPN+ em espaços sociais causa choque, mas também é uma oportunidade para discutir e refletir sobre a inclusão. Esses choques são oportunidades de conscientização. A falta de políticas públicas efetivas para a inclusão da comunidade LGBTQIAPN+ é um desafio constante. As promessas de inclusão muitas vezes não se concretizam na prática.

O casamento e as relações afetivas da comunidade LGBTQIAPN+ ainda enfrentam resistência e discriminação, evidenciando a necessidade de maior aceitação social. Essa luta é uma questão de direitos humanos.

32:23 Inclusão verdadeira vai além de não agredir ou ignorar uma pessoa. É sobre acolher e integrar essa pessoa em um espaço, interagindo e conhecendo suas realidades.

O conceito de inclusão deve ser questionado. É importante refletir sobre como realmente estamos incluindo as pessoas em nossas interações diárias e ambientes sociais. A luta pela visibilidade das pessoas trans é crucial. Precisamos garantir que suas vozes sejam ouvidas e que ocupem espaços significativos na sociedade.

A educação é uma ferramenta poderosa para libertar. Precisamos incentivar pessoas trans a voltarem a estudar e buscar oportunidades de crescimento

40:30 Muito importantes são os pequenos atos revolucionários na vida das pessoas, especialmente na comunidade LGBTQ+.

Esses atos ajudam a superar a violência e a criar um ambiente de acolhimento e solidariedade. O apoio e a força que a comunidade LGBTQ+ proporciona, mostrando que ninguém está sozinho em suas lutas.

Esse suporte é fundamental para a autoafirmação e o crescimento pessoal. Experiências pessoais de superação e como a presença de indivíduos diversos em ambientes educativos pode inspirar outros.

A luta pela inclusão é um esforço coletivo. Fundamental é a transformação social que ocorre quando uma pessoa LGBT se torna um exemplo para outras, incentivando-as a buscar seus sonhos. É vital continuar abrindo portas para as próximas gerações.

48:35 A aceitação pessoal é fundamental para a felicidade e a liberdade de ser quem realmente somos. A história de Anthony destaca a importância de superar o preconceito e encontrar apoio na comunidade.

Anthony compartilha sua experiência de não se aceitar como homem trans por muitos anos, enfrentando preconceitos e lutando contra a discriminação desde a infância.

Ele menciona a dificuldade de expressar seus sentimentos em um ambiente que não acolhia a diversidade, levando a anos de sofrimento emocional e solidão.

A importância do respeito e da aceitação são enfatizadas, mostrando que a verdadeira felicidade vem de se aceitar e não do julgamento alheio.

56:40 A importância do respeito à identidade de gênero é um tema central discutido.

O vídeo explora como a falta de informações e preconceitos afetam a vida de pessoas trans.

A relação entre a falta de informação e a violência familiar é destacada. Muitos pais têm dificuldade em aceitar a identidade de seus filhos por não entenderem a diversidade.

O respeito ao nome escolhido por indivíduos trans é enfatizado. Ter um nome que ressoe com a identidade é vital para o bem-estar emocional da pessoa. O preconceito enfrentado por pessoas trans na sociedade foi abordado.

A discriminação pode ocorrer em diversos ambientes, incluindo instituições e na vida cotidiana.

1:04:44 A homofobia e a discriminação enfrentadas por pessoas LGBTQ+ ainda são problemas críticos na sociedade contemporânea. É necessário lutar por igualdade de direitos e respeito em todos os ambientes. O depoimento de uma mulher trans revela a dificuldade de ser aceita em diversos espaços, como a

pessoal e profissional, escola e a cadeia. A luta por direitos deve ser constante. A pressão social faz com que indivíduos não se sintam livres para se expressar por medo de julgamentos e discriminação.
É crucial desafiar esses estigmas.
As regras e normas frequentemente são aplicadas de maneira desigual, favorecendo certos grupos em detrimento de outros. A igualdade deve ser uma prioridade em todas as esferas da vida.
1:15:04 Aceitar a própria identidade sexual é fundamental para o bem-estar individual. A responsabilidade de aceitar e compreender a si mesmo deve ser priorizada, em vez de esperar aceitação da família. Educadores sociais desempenham um papel importante em apoiar jovens LGBT, ajudando na autoaceitação e na construção de um ambiente mais inclusivo e respeitoso.
Esse suporte é essencial para o desenvolvimento saudável.
A relação entre aceitação familiar e a autoestima individual é complexa. Quando uma pessoa se aceita, pode transformar suas relações, mesmo que a família não compreenda imediatamente.
O impacto da sociedade nas relações familiares é significativo, pois muitas vezes, a expectativa social influencia a aceitação da sexualidade. Isso pode gerar conflitos e dificuldades emocionais.
1:20:51 O reconhecimento é fundamental para a convivência e o respeito entre as pessoas, pois vai além do simples respeito, promovendo um espaço compartilhado. É
necessário invadir esses espaços e trazer nossas questões para a discussão.
O respeito é frequentemente discutido, mas o reconhecimento permite que as pessoas se conectem e entendam o espaço do outro. Essa ideia é crucial para uma convivência harmônica.
A educação e a religião desempenham papéis importantes na formação da consciência sobre diversidade e inclusão. Elas ajudam a moldar uma visão mais ampla sobre as identidades e os espaços ocupados.
Instituições de ensino enfrentam preconceitos e desafios internos, mas é mister que todos tenham voz e que as diversidades sejam representadas adequadamente. Isso é vital para o crescimento coletivo.

A comunidade trans enfrenta diversos desafios significativos, conforme evidenciado nas experiências compartilhadas no evento

Discriminação e Preconceito: membros da comunidade trans frequentemente enfrentam discriminação em diferentes contextos, como na educação e no

mercado de trabalho. Isso inclui situações em que são impedidos de participar de atividades (como fazer provas) devido à sua vestimenta, enquanto pessoas cisgênero não enfrentam as mesmas restrições.

Violência e Homofobia: a violência, tanto física quanto psicológica, é uma realidade para muitas pessoas trans. O relato de experiências de homofobia, incluindo agressões verbais e físicas, destaca a necessidade urgente de proteção e respeito.

Acesso a Serviços e Direitos: há uma luta constante por direitos básicos, como o acesso a serviços de saúde, educação e moradia. A falta de políticas inclusivas e a necessidade de adaptações para que se sintam confortáveis em ambientes como escolas e instituições de recuperação são desafios recorrentes.

Estigmatização e Exclusão Social: estigmatização social que leva muitos a situações de vulnerabilidade, como a prostituição ou o envolvimento em atividades ilícitas, devido à falta de oportunidades de emprego e aceitação.

Aceitação Familiar: a dificuldade em obter aceitação por parte da família é um tema recorrente. Muitas pessoas trans relatam a necessidade de se aceitarem antes que suas famílias possam fazê-lo, o que pode resultar em rupturas familiares e solidão.

Saúde Mental: o estresse e a pressão social, combinados com a discriminação, podem levar a problemas de saúde mental, como depressão e ansiedade, que são exacerbados pela falta de apoio.

As redes de apoio são fundamentais para pessoas trans:

Apoio emocional**: e**las proporcionam um espaço seguro para compartilhar experiências, medos e vitórias, reduzindo sentimentos de solidão e isolamento.

Informação e recursos**: r**edes de apoio oferecem acesso a informações sobre questões legais, saúde, e seguranças, ajudando as pessoas trans a navegar em sistemas muitas vezes complexos e discriminatórios.

Validação da identidade**:** a aceitação por parte de outros pode validar a identidade de uma pessoa trans, promovendo autoestima e confiança.

Oportunidades de mentoria: membros mais experientes podem servir como mentores, oferecendo orientação sobre transições sociais, profissionais e médicas.

Ativismo coletivo: redes de apoio fornecem uma plataforma para unir pessoas em causas comuns, promovendo ações coletivas contra a transfobia e por direitos civis.

Conexões sociais: facilitam a construção de amizades e conexões significativas, que são cruciais para o bem-estar psicológico. Esses fatores se combinam para criar um ambiente mais inclusivo e seguro para as pessoas trans, ajudando a combater a discriminação e promover a aceitação.

A importância da educação na inclusão social

***Desigualdade Reduzida*:** a educação acessível e de qualidade ajuda a reduzir as desigualdades sociais. Ela capacita indivíduos de diferentes origens a alcançar oportunidades semelhantes, independentemente de sua situação socioeconômica.
***Promoção da Empatia*:** promove a empatia e a compreensão entre diferentes culturas e grupos sociais. Ao aprender sobre diversidade, os alunos desenvolvem uma melhor consciência e respeito pelas diferenças.
***Habilidades e Empregabilidade*:** fornece as habilidades necessárias para o mercado de trabalho, melhorando assim as perspectivas de emprego e ajudando a romper ciclos de pobreza.
***Participação Cívica*:** cidadãs e cidadãos educadas/os tendem a ser mais engajados na sociedade, participando de decisões comunitárias e políticas, o que fortalece a democracia e a coesão social. Redução do Preconceito: por meio do ensino da história, dos direitos humanos e da diversidade, a educação pode desafiar estereótipos e preconceitos, promovendo uma sociedade mais justa e equitativa.
***Autoconhecimento e Autoconfiança*:** a educação ajuda os indivíduos a se conhecerem melhor e a entenderem seu valor, o que é fundamental para a inclusão e a aceitação em diversos contextos sociais.
***Acesso a Recursos e Oportunidades*:** uma população submetida a uma boa formação tem maior acesso a informações, recursos e oportunidades que promovem o desenvolvimento pessoal e comunitário.

Evento

Palestra

Saúde Mental LGBTQIAPN+. Parceria REATRANS & RACNEGÊ , com presença do Médico Psiquiatra Laerte Romualdo. 13 de nov. de 2023
https://www.youtube.com/watch?v=BKlYV66xy5s&t=139s



O encontro aborda a saúde mental da comunidade LGBTQIAPN+, destacando desafios enfrentados por jovens, especialmente em ambientes educacionais. A discussão inclui experiências de preconceito, a importância de um ambiente acolhedor e a necessidade de apoio psicológico. O evento visa promover um diálogo construtivo sobre a construção de espaços seguros e inclusivos.

00:28 A saúde mental é um tema crucial, especialmente para os jovens, e precisa ser discutida abertamente nas escolas e universidades. É essencial criar um ambiente acolhedor e seguro para todos os estudantes.

Com a Pandemia veio à tona a necessidade de abordar a saúde mental, impactando diretamente a vida dos jovens e suas experiências educacionais. O debate sobre esses desafios é essencial.

A presença de profissionais da educação e saúde nas discussões é vital para abordar as questões de saúde mental de forma colaborativa e inclusiva. A troca de experiências pode enriquecer o debate.

Casos de preconceito e transfobia no ambiente acadêmico evidenciam a importância de políticas inclusivas que garantam um espaço seguro para todos os estudantes. A conscientização é um passo fundamental.

09:21 Um professor foi denunciado por comportamentos transfóbicos e racistas, o que gerou grande repercussão e a necessidade de investigação por parte da universidade e das autoridades competentes.

Estudantes registraram boletim de ocorrência e a Reitoria da USP foi informada sobre o caso, destacando a gravidade das ameaças e injúrias raciais ocorridas. As estudantes trans se destacam ao se formarem em um dos cursos de medicina mais concorridos do Brasil, simbolizando uma conquista significativa na luta contra o preconceito. Além das consequências legais, o caso levanta questões sobre a necessidade de mudanças na educação e na formação de profissionais da saúde em relação à diversidade.

18:05 Empatia é fundamental ao entendimento das novas realidades sociais e lidar com a diversidade. Essa compreensão ajuda a melhorar as relações familiares e educacionais, promovendo inclusão e respeito.

É muito importante o diálogo sobre as opiniões divergentes, pois isso ajuda a criar um ambiente mais respeitoso e tolerante nas escolas e comunidades.

Reconhecer os desafios enfrentados por alunos de diferentes origens se faz necessário, garantindo que as escolas sejam espaços seguros e acolhedores para todos.

Formação de educadores deve incluir discussões sobre diversidade e inclusão, preparando-os melhor para lidar com diferentes realidades dos alunos e suas famílias.

27:39 A importância da rede de apoio para pessoas trans é fundamental para a construção de um ambiente seguro e acolhedor.

Esse apoio pode vir de amigos, grupos e instituições que respeitam e valorizam a diversidade.

Discutir a violência enfrentada por pessoas trans e a necessidade de apoio emocional é crucial. Essas conversas ajudam a respeitar limites e promover segurança nas relações.

As famílias de escolha desempenham um papel vital na vida de pessoas trans. Esse suporte pode ser mais significativo do que o apoio familiar tradicional em muitos casos.

A formação pedagógica e conscientização nas instituições é essencial para acolher estudantes trans. Um ambiente educacional inclusivo pode proporcionar segurança e aceitação para todos.

35:45 Reconhecer e revitalizar redes de apoio entre jovens é fundamental para fortalecer a confiança e a luta por direitos. A falta de engajamento geracional pode levar retrocessos significativos na sociedade.

Redes de apoio, como as feministas e LGBT, foram essenciais no passado, mas sua ausência atual gerou um vácuo de ativismo. Isso reflete a necessidade de reativação.

A luta por direitos não é garantida e requer constante vigilância e mobilização, especialmente após períodos de aparente conquista. A pandemia exacerbou essa necessidade.

Cultura e a educação desempenham papéis cruciais na sensibilização e no engajamento dos jovens. Professores devem integrar questões sociais em suas aulas para promover conscientização.

43:49 A importância de integrar temas como racismo e direitos humanos no currículo escolar é fundamental para a formação de uma sociedade mais justa

consciente. A luta por essa inclusão deve ser contínua e coletiva, envolvendo todos os profissionais da educação.
O projeto político-pedagógico das escolas deve incluir obrigatoriamente questões de direitos humanos e educação ambiental, conforme a legislação vigente. Isso garante um ensino mais abrangente e inclusivo.
Existe uma forte resistência à inclusão desses temas no currículo e isso é um reflexo de uma sociedade conservadora que precisa ser desafiada. É necessário um movimento conjunto para promover mudanças efetivas na educação.
Desconstruir preconceitos dentro da escola é um processo demorado, mas essencial. A formação de espaços de diálogo e acolhimento pode facilitar essa transformação social.
52:44 A saúde mental da comunidade LGBT é impactada por fatores como estresse e violência, levando a um aumento de casos de depressão e suicídio. O estigma e a internalização da violência contribuem para esses problemas significativos.
O conceito de estresse de minoria é fundamental para entender como a marginalização afeta a saúde mental da comunidade LGBT. Isso inclui uma prevalência maior de problemas psicológicos. A violência homofóbica não é apenas externa; a internalização do estigma também gera problemas de saúde mental. Essa dinâmica pode levar a uma autoagressão e a sentimentos de inadequação. Estatísticas revelam que a expectativa de vida de pessoas trans é significativamente menor, refletindo a gravidade da violência enfrentada.
Esses dados são cruciais para entender a saúde mental dessa população.
59:57 O acolhimento e a aceitação da diversidade sexual são fundamentais para o bem-estar psicológico. A sociedade deve criar ambientes seguros e acolhedores para facilitar a expressão da sexualidade. É importante não forçar o processo de 'sair do armário', permitindo que cada pessoa decida quando e como compartilhar sua identidade. Isso respeita o tempo e o espaço individual.
Ambientes acolhedores, como consultórios e instituições, podem incluir elementos visuais que indiquem apoio à diversidade. Cartazes e bandeiras ajudam a criar um espaço seguro para discussões sobre sexualidade.
A descoberta da sexualidade pode ocorrer em diferentes fases da vida, muitas vezes em idades mais avançadas. A falta de diálogo sobre o tema pode levar a uma repressão e confusão interna.
1:08:01 A gestão atual é pioneira em incluir a diversidade LGBTQIA+ nas universidades, enfrentando desafios para garantir a permanência e o sucesso desses estudantes. A criação de uma diretoria específica ajuda a combater a marginalização e a promover um ambiente inclusivo.

É fundamental que as instituições de ensino desenvolvam estruturas pedagógicas que acolham e apoiem a diversidade, garantindo que todos os alunos se sintam seguros e valorizados.

Os principais desafios da saúde mental na comunidade LGBTQIAPN+ incluem:

***Estresse de Minoria*:** membros da comunidade LGBTQIAPN+ enfrentam maior prevalência de sintomas de depressão, ansiedade e ideação suicida devido ao estigma e à discriminação social.
***Violência e Preconceito*:** a violência homofóbica e transfóbica, tanto externa quanto internalizada, contribui para problemas de saúde mental. Muitas vezes, as vítimas se sentem culpadas ou responsáveis pela violência que sofrem.
***Ambientes Não Acolhedores*:** a falta de espaços seguros e inclusivos, especialmente em instituições educacionais, pode agravar a saúde mental. A pressão para se conformar a normas heteronormativas e a necessidade de "sair do armário" podem ser estressantes.
***Falta de Apoio Psicológico*:** escassez de serviços de saúde mental adequados e sensíveis às necessidades da comunidade LGBTQIAPN+ dificulta o acesso a cuidados. Muitas vezes, esses serviços não estão disponíveis ou não são acessíveis.
***Internalização do Estigma*:** a internalização de estigmas sociais pode levar a uma autoimagem negativa e a dificuldades em aceitar a própria identidade, resultando em estresse emocional e psicológico.
***Dificuldades de Permanência na Educação*:** jovens LGBTQIAPN+ podem enfrentar barreiras para permanecer em ambientes educacionais, como bullying e discriminação, o que impacta sua saúde mental e bem-estar.
Esses desafios exigem uma abordagem integrada que inclua educação, apoio psicológico e a criação de ambientes mais inclusivos e acolhedores. Destacamos a dificuldade de permanência de estudantes LGBTQIAPN+ nas universidades como uma barreira que precisa ser superada, com a implementação de políticas de apoio e inclusão. Educação sexual é uma temática que deve ser abordada de forma abrangente nas escolas, preparando as crianças para entender o consentimento e prevenir abusos.

Para criar ambientes mais inclusivos, as instituições podem adotar várias estratégias:

Educação e Sensibilização: promover treinamentos e workshops sobre diversidade e inclusão, abordando questões de gênero e sexualidade, para todos os membros da comunidade acadêmica.
Espaços Seguros: criar espaços onde estudantes possam se sentir seguros para expressar sua identidade, como grupos de apoio e centros de acolhimento.
Políticas Inclusivas: implementar políticas que garantam a proteção contra discriminação e assédio, assegurando que todos os alunos tenham acesso igualitário a recursos e oportunidades.
Representatividade: incentivar a diversidade entre o corpo docente e administrativo, garantindo que pessoas de diferentes identidades de gênero e orientações sexuais estejam representadas.
Ambiente Físico: adaptar as instalações, como banheiros inclusivos, e utilizar sinalizações que demonstrem o compromisso da instituição com a diversidade.
Apoio Psicológico: oferecer serviços de saúde mental que atendam às necessidades específicas da comunidade LGBTQIAPN+, com profissionais capacitados para lidar com questões de identidade e discriminação.
Diálogo Aberto: fomentar um ambiente de diálogo onde todos possam compartilhar suas experiências e preocupações, promovendo uma cultura de respeito e empatia.

O preconceito tem um impacto significativo na saúde mental de jovens, especialmente aqueles que pertencem à comunidade LGBTQIAPN+. Os principais efeitos incluem:

***Aumento de Sintomas de Saúde Mental*:** jovens LGBTQIAPN+ enfrentam taxas mais altas de depressão, ansiedade e pensamentos suicidas em comparação com seus pares heterossexuais. Isso é frequentemente atribuído ao estigma e à discriminação que enfrentam.
***Internalização do Estigma*:** o preconceito não apenas se manifesta externamente, mas também pode ser internalizado pelos jovens, levando a uma autoimagem negativa e a sentimentos de vergonha, o que agrava ainda mais os problemas de saúde mental.
***Ambientes Hostis*:** a falta de espaços seguros e acolhedores, como em escolas e Universidades contribuem para o estresse e a ansiedade. Jovens que não se

sentem aceitos em seus ambientes tendem a ter dificuldades em se expressar e buscar ajuda.

Violência e Ameaças: a violência homofóbica e transfóbica, tanto física quanto verbal, pode causar traumas profundos, afetando a saúde mental e o bem-estar geral dos jovens.

Dificuldades de Acesso a Recursos: muitos jovens LGBTQIAPN+ enfrentam barreiras para acessar serviços de saúde mental adequados, o que pode resultar em um ciclo de sofrimento não tratado.

Impacto na Identidade e Autoaceitação: o preconceito pode dificultar a aceitação da própria identidade, levando a conflitos internos e à dificuldade em formar relacionamentos saudáveis.

Evento
Mesa-redonda
- ESPAÇO RACNEGÊ FORMAÇÃO - Ser negra no Brasil de hoje. Palestrante Ericha Azeviche. Mediadora Ana Karolina e Leonardo Xavier 30 de junho de 2023. https:// https://www.youtube.com/watch?v=iyNY33J3AFI&t=15s



00:03 Opa, vamos começar, hein, gente! A transmissão já vai começar, e já tem gente chegando. Hoje contamos com presenças ilustríssimas: a Érica, nossa querida e gentil convidada, está presente aqui. Também temos a Ana Carolina, graduanda de Letras e integrante do grupo RACNEGÊ, que, juntamente com Leonardo Xavier, aluno de Ciências Sociais, comandará nossa mesa-redonda. Eu ficarei aqui apenas na técnica, mas é um prazer enorme estar com vocês.
Vamos aguardar o restante do pessoal entrar para falarmos um pouco sobre essa mulher que se faz presente na nossa mesa-redonda e na atuação de muita gente. Muita gente aposta na militância em todas as ações que ela realiza, e vocês vão ver que essa mulher é veríssima! Eu quase cometo o erro de chamá-la de menina (já fui repreendido demais por isso!), mas é apenas uma questão de idade, já que ela tem idade para ser avó de todos aqui.
Com enorme prazer, o grupo RACNEGÊ está recebendo hoje a Érica para o fechamento do nosso semestre. É uma honra imensa e algo que nos traz muito prazer. Nossa querida Érica Azevich tem um currículo invejável — ou invejado, provavelmente —, mas isso é pouco diante das suas contribuições e do impacto que ela traz.
A Érica é ativista dos Direitos Humanos e fundadora do Instituto Caxangá. Ela estuda Gestão de Projetos na pós-graduação da USP (olha que coisa linda!) e já estudou Comunicação e Artes do Corpo na PUC-SP, com foco em Semiótica da Cultura, Pensamento Complexo e Realidade Sistêmica. Vocês vão perceber que essa mulher não é pouca coisa — ela é muita coisa! É professora de Cosmologia e Yorubá nas artes e encontros gráficos no Brasil. Além disso, é artista, intérprete de samba (meu Deus, entrou na minha praia!), e ator no Instituto Iris. Também é diretora e vice-presidente da Nova Frente Negra Brasileira e participante da PLP de Cubatão, um projeto coordenado pela nossa querida Paula Ravanelli, que estará conosco daqui a pouco.
É um prazer enorme compartilhar esse momento com vocês. E está chegando muita gente para essa transmissão especial!
03:25 Legal! Temos gente do Rio presente: a querida mestra e doutoranda Márcia

Gomes; a Mariana, que é sua fã e atua na Reitoria de Extensão daquele instituto; a Alencar, minha irmã querida lá do Rio; e Angelita Rodrigues, minha companheira. Que grupo incrível, hein! Além disso, temos Isabel Verônica, e muita gente ainda está chegando. Pessoal, vou deixar agora a Érica fazer as considerações dela. Ficarei aqui na técnica, enquanto o comando da mesa ficará com Ana Carolina e Leonardo Xavier, dois queridíssimos do grupo RACNEGÊ. Tá legal? Vamos lá, Érica!

Érica: Muito obrigada! Queria pedir um segundinho... minha cachorra resolveu fazer bagunça bem na hora da live. Isso sempre acontece aqui em casa! Então, por favor, me deem 30 segundos para ajustar a situação.

Interlocutor: Então, pessoal, a Érica está resolvendo um pequeno problema com sua amiga canina, mas já volta. É um prazer enorme ver mais gente entrando na live. Tenho certeza de que será um grande sucesso! Vamos aprender muito com o conhecimento que a Érica compartilhará conosco.

Ana Carolina e Leonardo Xavier ajudarão e conduzirão essa mesa-redonda com a maestria de sempre. Vamos lá!

Érica: Adotei uma Pitbull, e minha vida mudou depois disso... a paz já não é mais a mesma!

Quero agradecer pelo convite, primeiramente ao Júlio Itumbiara, que faz um excelente trabalho na Educação em Santos. Também agradeço à Paula Ravanelli, parceira política aqui em Cubatão, que realiza inúmeras atividades voltadas a diversas classes sociais, com um trabalho de base excelente junto à PLP de Cubatão. Agradeço também à Paloma Santos, nossa líder sindical do sindicato de limpeza, uma grande representatividade negra nesta cidade.

Vocês vão começar as perguntas agora? Bem-vinda, Érica! É muito bom ter você aqui. Tomamos a liberdade de pesquisar sobre o seu trabalho, e achamos incrível. Você é muito importante, principalmente como mulher negra representando na área de pesquisa. Foi muito significativo saber que você estudou onde nós estudamos. Obrigada por prestigiar este evento e estar aqui conosco.

Ana Carolina: Érica, dá um alô geral para todo mundo que está nos assistindo. Você é realmente uma grande inspiração! Tenho certeza de que vamos aprender muito hoje e ter várias trocas enriquecedoras. Pesquisamos um pouco sobre você e descobrimos que foi aluna do Instituto Federal, assim como nós. Para começar, queremos saber: como tem sido sua trajetória acadêmica, desde o Instituto, o bacharelado na PUC, até agora, na pós-graduação na USP? Como você atravessa essa trajetória sendo uma mulher negra?

Érica: Ah, meu microfone estava mutado, desculpem! Mesmo depois da pandemia, ainda cometemos esse erro.

Ser uma mulher negra é desafiador. Nossa imagem ainda é muito subjugada e subestimada. Por exemplo, nesta live, estou incomodada com o fundo da imagem, que não é ideal, e tive que mudar de lugar para garantir que minha mensagem fosse ouvida e levada a sério.

Minha trajetória tem sido repleta de provações. Precisei provar constantemente minha capacidade de realizar e executar as coisas. Como adolescente, cheguei a querer pintar o cabelo e adotar outros estilos, mas percebi que a minha cor e autoestima já eram suficientes para incomodar as pessoas.

Estudando em Cubatão, que é uma cidade industrial e atrai gente da Baixada Santista e do Grande ABC, tive a oportunidade de interagir com pessoas de várias localidades. Essa diversidade foi muito enriquecedora para minha formação.

10:42 Pouquíssimas vagas para mais de dois ou três mil alunos que prestavam para a prova… Falamos de cerca de 120 vagas! Na época em que estudei na Federal, o fato de ter passado por lá me deu um certo status educacional, me colocando quase nas mesmas condições de competir no vestibular com outras pessoas brancas e de diferentes classes sociais. Inclusive, eu estudava em uma escola pública. Hoje em dia, sei que as políticas da Federal mudaram bastante, e acho isso muito positivo, pois permite a inserção de pessoas periféricas, negras e indígenas. Essa mudança realmente impacta a história de uma família. Sou a primeira pessoa da minha família a se formar, mas depois meus primos também seguiram esse caminho e acabaram até saindo do Brasil. O que os impulsionou foi justamente essa autoestima de ver que alguém da família foi para São Paulo, que é praticamente outro país (tão grande quanto vários que existem pelo mundo). Esse tipo de mudança fica no imaginário tanto da família quanto de outras famílias negras e periféricas.

Não gosto de dizer que são pessoas em situação de vulnerabilidade, porque parece que são problemáticas, quando, na verdade, o que é problemático é o sistema que afunila oportunidades para um único nicho – uma camada específica banhada pela branquitude. Minha sorte na Federal foi que existia um grupo de teatro, do Vitão, filiação filantrópica de teatro. Então, mando um beijo para ele! Um grande beijo, Vitão!

Ter participado desse grupo me deu a oportunidade de ter uma turma, de estar entre colegas. Mas dizer que eram “amigos” seria exagero, porque algumas pessoas falavam mal das minhas roupas e tentavam me excluir. Ao mesmo tempo, isso também fez com que algumas pessoas se aproximassem e se tornassem verdadeiramente próximas. Quase fui expulsa da Federal porque nunca silenciei. Nunca passei por uma situação de racismo calada. Isso me

prejudicou bastante naquele momento, pois comecei a ser perseguida dentro da escola. Todo mundo podia namorar, menos eu. Se algo estava errado e eu estava no meio, imediatamente me levavam para uma reunião de advertência. Não lembro exatamente o nome, mas era uma espécie de medida socioeducativa – um núcleo dentro da escola onde a direção decidia quais medidas deveriam ser aplicadas.

A diretoria já me conhecia, e passei por situações gravíssimas: teve gente cantando “Nega do Cabelo Duro” para mim, batucando na minha mesa para me desconcentrar. Passei por momentos tensos, como quando fui chamada de negra de maneira pejorativa numa aula de educação artística. Isso mexeu muito comigo. Na época, eu namorava uma pessoa branca, e isso só piorou minha perseguição dentro da escola. Algumas pessoas simplesmente não admitiam esse tipo de relação. Mas, claro, ele não era prejudicado – eu era.

Tenho boas lembranças por ter estudado no SENAI e na Federal. Isso me deu autoestima, uma confiança que muitas pessoas brancas já tinham para concluir seus estudos e acessar grandes centros universitários. Esse foi o meu caso, e acredito que também o de muitos dos colegas que estudaram comigo. Mas levo cicatrizes dessa experiência – traumas profundos que ainda estão cicatrizando. Faço terapia até hoje devido ao momento em que estudei na Federal, em uma época em que as discussões sobre relações étnico-raciais eram banalizadas.

Em muitas situações, sempre havia justificativas que atribuíam a mim a responsabilidade pelo racismo do outro. Como se eu fosse culpada por ser negra. Isso eu nunca esqueço. Uma das razões para estar aqui hoje conversando com vocês é justamente falar sobre isso. Mas também fico feliz ao perceber que, de alguma forma, a realidade mudou. É animador saber que hoje há pessoas de diferentes raças, gêneros e classes sociais dentro desse espaço.

16:32 O machismo e o racismo contra mulheres negras estão presentes no Brasil desde a época colonial. Esses sistemas de opressão estão enraizados no nosso país, expressos de forma explícita ou implícita. Essa naturalização do preconceito se manifesta de diversas formas, como os ataques que você sofreu no ambiente educacional – algo inadmissível naquela época e ainda hoje.

A pergunta que queremos fazer para você é: como alguém que nunca se calou e lutou contra esse sistema, criando até um instituto para promover os direitos humanos e apoiar mulheres negras, como você percebe as ações do Estado atualmente? Em geral, a sociedade inteira ainda vê um cenário de discriminação racial e de gênero perpetuado. Você enxerga as ações do Estado como uma necropolítica que reforça essa desigualdade?

Érica: Fui ativar o som e quase tirei a imagem, gente! [risos] Que linda! Dá

vontade de apertar a bochecha de vocês!
Basta ligar a TV para vermos a banalização dos nossos corpos. A banalização do feminicídio. A banalização do corpo negro. É assustador.
Quando falamos do Estado e da necropolítica, é essencial entender que essa responsabilidade não recai apenas sobre as autoridades que falham na democracia representativa que temos. A responsabilidade pelo racismo e pela opressão é de todas as pessoas que fazem parte do Estado. Quando alguém é racista, não é porque essa pessoa não foi educada ou letrada – é porque ela **escolheu ser**. Isso precisa ser encarado com seriedade.
Precisamos responsabilizar **quem pratica o racismo**. Racismo é um crime e tem que ser tratado e falado como um crime. Durante anos, quando fui perseguida em supermercados, espaços parlamentares e outros ambientes, eu não tinha como reivindicar minha presença de maneira legal. É muito triste ter que justificar legalmente a nossa própria existência e nossa voz. Mas é a realidade.
Vale lembrar que o racismo já foi uma lei no Brasil. Assim como matar mulheres em nome da honra já foi lei. Precisamos garantir que as leis que hoje protegem nossas existências não sejam ignoradas. Elas precisam ser aplicadas de fato, e não apenas existir no papel.
A prática do racismo **é das pessoas**, e precisamos entender como lidar com esses indivíduos, colocando-os no lugar onde devem estar – que é fora da estrutura de poder que oprime.
Existem vários tipos de racismo. Dependendo da idade da pessoa, as formas de discriminação podem variar. Se uma senhora idosa me chama de "moreninha", eu não vou brigar com ela, porque, para ela, isso é um jeito carinhoso de dizer que sou uma pessoa bacana. Mas se uma pessoa mais jovem usa termos e atitudes racistas, eu vou rebater, porque hoje temos redes sociais e uma democratização – mesmo que parcial – do acesso à cultura.
Inclusive, estou desenvolvendo uma cartilha de letramento racial junto a outras instituições incríveis. Meu objetivo é instruir as pessoas sobre **como denunciar o racismo e como agir em situações de discriminação.**
20:36 O racismo é uma escolha. É muito fácil não ser racista, mas as pessoas optam por ser. A necropolítica brasileira é pavimentada por essa escolha. Ela é um modus operandi social, um exercício de poder estatal que humaniza pessoas brancas e desumaniza, animaliza e desvaloriza pessoas negras. Essa estrutura implica valores e princípios morais que tornam admissível, por exemplo, o assassinato de um jovem negro por roubar um celular. Mas, ao mesmo tempo, não se admite que ele mate para roubar. Não que devêssemos matar ninguém, claro. Mas é bizarro como o corpo negro vale menos do que, digamos, um celular de 10 mil reais.
Essa comparação, embora feita em tom de brincadeira, é muito séria. A carne mais barata do mercado continua sendo a carne negra. Nós, pessoas negras,

recebemos menos, temos menos oportunidades e somos constantemente ceifados – nossos corpos, nossos sonhos, nossos espaços.
É por isso que precisamos de um exercício ativo para garantir a participação plena e o exercício da cidadania das populações negras. Eu adoro ser chamada para palestras ou ações educativas com pessoas brancas, para explicar por que elas não podem ser racistas. Mas isso só faz sentido para mim se eu também puder organizar o meu povo. Quero que saibam como resistir em uma delegacia, quem acionar em situações de racismo, quais aparatos públicos e privados podem ser utilizados para defender o corpo negro.
A micropolítica é do Estado, mas também é das pessoas. Nós somos o corpo suspeito. Quando vou à casa de alguém e algo desaparece, fico com medo, torcendo para que não me acusem. Porque, invariavelmente, eu serei a primeira suspeita. Não importa o meu currículo, de onde vim ou o que posso oferecer. Sou negra. Se algo sumir na casa de uma família branca – uma chave, um celular, uma carteira –, a primeira suspeita será eu.
Essa responsabilidade não é apenas do Estado ou de políticos. É de todos. Muitas vezes, quem me acusa é alguém que se diz "não racista" e usa minha amizade como justificativa. É algo muito sério e uma responsabilidade coletiva.
Léo: Nossa, Érica, você trouxe pontos muito importantes sobre a necropolítica. Durante o semestre, discutimos bastante sobre as infâncias negras e como essas questões atravessam a sociologia da infância. Um dos artigos que lemos, da Maria Isabel Búzios, aborda a "morte das infâncias" dentro dessa política de disciplinamento. Ela argumenta que a educação infantil, como a conhecemos, tem como finalidade o governo da infância, a fabricação do sujeito infantil.
Inclusive, um dos coordenadores do nosso grupo, André Vieira, trouxe a ideia do "bandejão das identidades", mostrando como essas identidades são produzidas dentro da escola. Uma das pesquisas do RACNEGÊ atualmente aborda a representação do feminino na escola, analisando como as ideias de ser menina negra estão presentes nos anos iniciais do ensino fundamental em São Vicente.
Com base nisso, queremos saber sobre sua vivência enquanto menina negra. Como você percebe a produção dessa identidade feminina negra no ambiente escolar?
Érica: A necropolítica não apenas pavimenta, mas também assassina as infâncias negras. Tenho muitos traumas. E por que eu rio? Porque não dá para chorar. Não dá para cansar. Ser negro no Brasil é um ato de resistência diária, de segunda a segunda.
O Estado estabelece uma necropolítica que escancara as disparidades sociais, hierarquizando corpos e culturas. Uma criança negra tem menos chances de receber carinho na escola. O racismo no Brasil é tão assertivo que a menina de cabelo liso recebe carinho na cabeça, enquanto a de cabelo crespo é ignorada ou ridicularizada.

Minha infância foi marcada por isso. Fui chamada de "negra do cabelo duro" inúmeras vezes. Lembro de um dia em que cheguei chorando na casa da minha avó, que era como uma mãe para mim. Ela me disse algo que nunca esqueci: "A branca mais feia será sempre mais bonita que a negra mais linda." Eu era uma criança, tinha uns 6 ou 7 anos, mas aquelas palavras me prepararam para o mundo.

Minha avó me ensinou a resistir. Eu sabia que seria linda do meu jeito, e isso me deu força. Mas também me trouxe uma pressão enorme. Eu precisava ser a melhor em tudo – estudar mais, me destacar. Não tinha paz para ser quem eu poderia ser.

Na escola, eu reagia ao racismo. Quando me chamavam de "nega do cabelo duro", eu batia e acabava na diretoria. Era um ciclo. Naquela época, o racismo não era reconhecido como crime, e a negritude era ainda mais subestimada. Para ser respeitada, eu precisava ser impecável. Meus pais se esforçaram muito para que eu tivesse o melhor caderno, o melhor uniforme, a melhor caneta.

Essa pressão me atormentou por anos. Nunca tive a paz de ser "mais ou menos". Sempre precisei provar meu valor, mesmo sabendo que tinha chefes com metade da minha competência. O racismo não é menor porque a pessoa é criança. Ele esmaga sonhos, tanto de crianças quanto de adultos.

31:26 O racismo não tem faixa etária. Ele chega para te tombar, para te derrubar, e com as crianças não é diferente – especialmente com as meninas. Na escola, meu grupo era formado por pessoas que também eram marginalizadas: alguém afeminado, uma menina lida como masculinizada, ou o "gordo". Essas eram as pessoas que me aceitavam, e eu as defendia.

Minha infância foi uma luta constante. E não porque eu queria, mas porque era necessário. Odeio quando me chamam de "mulher guerreira" ou algo do tipo. Viver o tempo todo em uma performatividade bélica é exaustivo. Às vezes, tudo o que queremos é entrar na sala de aula e prestar atenção, mas não conseguimos. E, quando somos mulheres, tudo piora.

Basta dar um Google. Não trouxe dados aqui, mas também não seria necessário, porque é responsabilidade de todos saber o que acontece socialmente. Na estrutura brasileira, a mulher preta é a que sabe menos, a mais subestimada. E isso começa na infância.

Uma criança negra passa pelas mesmas dificuldades. Muitas escolas resistem à questão do letramento racial, mesmo com a existência de leis como a "Lei 10" (Lei 10.639/2003), sancionada no governo Lula. Essa lei foi fundamental para criar uma memória coletiva das pessoas negras.

Quando eu tinha seis ou sete anos, minha tia me deu uma cartilha chamada "A

Vida de Zumbi dos Palmares", produzida por Joel Rufino e distribuída pelo Ministério da Educação e do Desporto. Aquela cartilha mudou minha vida. Saber que Zumbi e Dandara existiram me deu a possibilidade de me imaginar como uma pessoa forte, capaz e determinada.

A escola, por outro lado, muitas vezes romantiza o período escravocrata. Fala-se de escravidão como se fosse algo distante, quase poético. Mas a realidade era brutal: pessoas empilhadas nos navios negreiros, defecando e urinando umas sobre as outras. Crianças que choravam eram jogadas ao mar. Mulheres grávidas, algemadas, não abortavam por escolha. Era um massacre.

Essa romantização na educação é um desserviço. É como se a pessoa negra no Brasil só existisse como escravizada, como se não houvesse história além disso. Não há beleza nesse passado.

Hoje, como mulher negra, eu me organizo para me locomover, para falar, para aprender a sobreviver no Brasil. É absurdo. Eu rio do desespero. Lembro de uma frase de Kurt Cobain: "Se as pessoas soubessem a dor que trago no meu sorriso, chorariam comigo." Essa é a minha realidade.

Ser mulher negra no Brasil não é fácil. Não é fácil ser a última a ser escolhida, ser a segunda opção. Não é fácil ser educada para acreditar que seu corpo não presta. Mas, mesmo assim, seguimos. Porque, apesar de tudo, somos mestres em arquitetura, engenharia, culinária, dança, música, medicina natural, fitoterapia, naturopatia – e muito mais.

38:08 Grandes engenheiros, grandes arquitetos, agrônomos do Brasil – quando olhamos para essas construções, todas foram feitas por pessoas negras. Não trouxeram "vândalos" ou "os piores" do continente africano. Trouxeram as melhores pessoas, aquelas que foram torturadas e escravizadas aqui. E, do dia para a noite, essas mesmas pessoas se tornaram corpos suspeitos, sem história, incapazes.

A negritude, muitas vezes, foi forçada a criar uma ideia folclórica de si mesma, algo que não veio da branquitude, mas da necessidade de resistir. Não vou discutir com uma mulher se ela usa turbante ou não. Vou brigar pelas cotas raciais. Vou lutar para colaborar e contribuir com as pessoas que estão no sistema carcerário, muitas vezes presas por terem 10g de maconha, enquanto helicópteros e naves espaciais que pousam no nosso solo são tratados como espetáculos, pisando sobre nossos corpos.

A ascensão da branquitude diante dos corpos negros é algo que vemos diariamente. Hoje, por exemplo, tivemos dois fatos marcantes: um grande jornalista foi demitido da maior emissora do país, no mesmo dia em que um representante facínora e genocida foi tornado inelegível. Isso não é coincidência.

Somos todos negros. Mas o corpo de um jovem negro americano parece valer mais do que o de um jovem negro brasileiro. As pessoas consomem a ideia de racismo, mas não deixam de ser racistas. Elas apenas descobriram novas maneiras de disputar a narrativa conosco. Na escola, isso é ainda mais cruel. As crianças negras são educadas para ocupar espaços sociais delimitados ou para se tornarem seres folclóricos – uma ideia de negritude criada pela branquitude, lembrada apenas no Carnaval ou em novembro. A escola é um espelho da sociedade. Quando falamos da escola, estamos falando da sociedade e do Estado.

Qual é a capacidade de uma criança negra, especialmente uma jovem negra, de disputar espaço e permanência sistêmica com um jovem branco, que tem todos os privilégios e é lido como humano? Como educar uma criança para negociar sua própria humanidade? Porque é isso que acontece.

A mudança desse cenário levará décadas. É um processo lento, que exige exercícios sociais diários. A Lei 10 é maravilhosa. Ela abre caminhos para que sejamos ouvidos, mas não resolve tudo. Muitas vezes, ela é ignorada ou aplicada apenas para reforçar a narrativa de que o corpo negro foi escravizado, enquanto o Carnaval é exaltado como o maior evento cultural.

44:44 As mulheres negras sempre foram a base da nossa sociedade. Hoje, elas representam a maior parte da população e estão frequentemente presentes no ambiente de trabalho, embora muitas vezes em funções que não recebem o mesmo reconhecimento ou remuneração que as desempenhadas por homens brancos ou mulheres brancas. Além disso, essas mulheres têm um papel essencial na perpetuação da cultura afro-brasileira.

Sobre o meu trabalho, a pesquisa dos encontros das Áfricas em Brasília – sambas, candomblés e capoeiras – é uma das formas de destacar como a cultura afro-brasileira é vasta e rica. Boa parte dela está em um cenário litúrgico porque o racismo brasileiro faz com que muitos ainda enxerguem práticas culturais como algo restrito a religiões. Essa percepção limita o acesso a outros aspectos fundamentais, como culinária, música, dança, línguas como o Yorubá, naturopatia, fitoterapia e muito mais.

O preconceito religioso impede que essas contribuições sejam plenamente exploradas em escolas, mas ainda há esperança de mudança. Além de mim, espero que outras pessoas possam defender e fortalecer essa rica cultura, não apenas a Yorubá, mas os diversos troncos linguísticos e culturais do continente africano presentes no Brasil.

É fundamental usar o termo "afro" com responsabilidade, porque a África não é uma cidade – é um continente enorme e diverso. A África de 200 anos atrás não é

a mesma de hoje, e é preciso cuidado para não criar "fantasmas culturais". O racismo, infelizmente, é magnético, como uma força que atrai olhares preconceituosos e atitudes invasivas, como quando pegam no meu cabelo para perguntar como o lavo.

Meu trabalho reflete essa realidade. Enquanto eu adoro turbantes e celebro a cultura afro-brasileira, também dedico minha prática a desfazer a folclorização da negritude e desmistificar narrativas romantizadas sobre a escravidão. Minha trajetória inclui um estudo profundo do candomblé, que pratico há mais de 10 anos. Este aprendizado não é apenas teórico – ele é experiencial. Algumas formas de conhecimento, como o conhecimento tácito, só podem ser adquiridas na prática.

A autoestima da população negra é frequentemente abalada por pessoas que não compreendem nossa riqueza cultural e intelectual. Uma pessoa branca desqualificada, infelizmente, ainda ocupa mais espaço na sociedade do que uma pessoa negra extremamente qualificada.

Tudo o que faço – minha arte, minhas pesquisas, minhas lutas – tem como objetivo trazer à tona os grandes mestres do continente africano, suas contribuições e a rede de confluências culturais que nos conecta. Estudar e destacar os encontros das Áfricas em Brasília, por exemplo, é muito mais do que falar sobre cultura. É também abordar as condições de chegada e as políticas sociais relacionadas à recepção de pessoas negras no Brasil.

A arte e a cultura não são deslocadas da realidade dessas pessoas. Embora a arte muitas vezes seja estruturada por uma linguagem centrada na visão europeia, precisamos expandir essa percepção e integrar as diversas contribuições das línguas e tradições afro-brasileiras.

51:12 O português brasileiro é resultado de uma incrível diversidade de etnias, como o Guarani e tantas outras, que enriqueceram nosso vocabulário e cultura. No entanto, nossa estrutura de pensamento e linguagem ainda é hegemonicamente moldada por influências eurocêntricas. Um exemplo polêmico para refletirmos sobre isso é o uso do verbo "pá" em Yorubá, que significa "matar". Por que a morte de uma galinha no contexto religioso é chamada de "sacrifício"? Não há sacrifício nesse ato. A galinha é consumida – uma parte dela é entregue à natureza ou a Deus, e outra parte alimenta os seres humanos.

Por que os judeus têm o selo kosher para abate, mas nós não temos nossos próprios sistemas culturais de produção e consumo de alimentos? Por que somos obrigados a depender da indústria para nos alimentar? Essas questões refletem uma estrutura que ainda limita nosso poder e capacidade de produzir e cuidar de nossos próprios alimentos e animais.

Além disso, a religiosidade frequentemente é usada como estrutura de poder sobre nossos corpos. Muitas vezes, os trabalhos ligados à cultura afro-brasileira estão dentro desse "caldeirão" de tensões e preconceitos. Por isso, minha intenção é promover reflexões, problematizar, e nunca trazer certezas absolutas. Afinal, certezas podem ser formas de condicionamento, e nós já somos sistematicamente condicionados de várias formas.

Há uma diferença importante entre ser negro e estar negro. Ser negro é algo intrínseco à nossa essência, enquanto estar negro é uma condição social que depende do contexto e das relações com aqueles ao nosso redor. É justamente sobre isso que busco trabalhar nas minhas produções – no samba, na capoeira, e em todas as discussões que conduzo.

O Instituto Caxangá, que fundei, é um espaço para trazer essas reflexões de forma mais ampliada, incentivando que elas sejam incorporadas às pautas das pessoas e que sejam vistas como relevantes. Apesar disso, ainda vivemos com restrições à liberdade, que precisamos negociar diariamente.

O medo é uma constante. Tenho medo de ter um filho com pele escura e pensar que ele pode ser abordado pela polícia, preso injustamente ou mesmo assassinado. A abolição da escravatura foi proclamada, mas nossos corpos continuam aprisionados. Como Benedito destacou tão bem, as consequências dessa abolição ainda são muito visíveis na população carcerária.

É fundamental discutir isso com responsabilidade. Precisamos entender que ainda estamos em guerra – não há paz para pessoas negras. É preciso força, embora isso seja exaustivo. Mesmo assim, seguimos produzindo, resistindo e ocupando espaços.

Para aqueles que quiserem conhecer mais sobre mim e meu trabalho, basta digitar "Érica Azevich" no Instagram ou Google. Apareço em várias frentes, seja no bloco de samba Unidos Venceremos ou no Caia na Gandaia, seja na questão do ativismo em relação ao uso de cannabis ou nas aulas e discussões que conduzo, como no Sesc Pompeia. Também estou muito envolvida com a PLP Cubatão, junto à Paula Ravanelli, e sou presidente da Nova Frente Negra Brasileira, ao lado de Crislaine Zeferino, uma mulher incrível do Espírito Santo.

Por fim, atuo como analista de projetos no Instituto Iris, que realiza trabalhos excepcionais tanto nas redes públicas quanto privadas, como em escolas e aparelhos públicos. É um orgulho estar envolvida com todas essas iniciativas e contribuir para as transformações que nossa sociedade tanto necessita.

57:59 Fico tão feliz quando minha filha diz: "Mamãe, você aparece no Google!" É verdade! Se vocês pesquisarem por "Érica Azevich", vão encontrar os diversos lugares onde atuo e também várias pessoas incríveis que trabalham comigo.

Culturalmente, estou envolvida com o samba – canto no bloco Unidos Venceremos e sou porta-estandarte do bloco Caia na Gandaia. Também abordo temas como o ativismo relacionado à cannabis, que considero o "suco do privilégio branco". Nós, enquanto pessoas negras, precisamos de um posicionamento político sobre isso, já que nossos corpos são os mais atingidos para que outros possam fumar maconha e participar de manifestações sem serem presos.

Além disso, dou aulas e participo de discussões em espaços como o Sesc Pompeia, que é um lugar maravilhoso, pois abrange pensamentos diversos. Mesmo pessoas que não pensam como eu têm o mesmo espaço para dialogar e trocar ideias. Neste semestre, teremos o curso "África Sempre". No ano passado, trabalhamos com a cosmologia Yorubá nas artes visuais.

Atuo junto à Paula Ravanelli na PLP Cubatão. Ela tem uma grande presença nesse trabalho de base, e eu estou aprendendo muito ao estar ao seu lado. É um privilégio fazer parte dessa iniciativa maravilhosa. Também sou presidente da Nova Frente Negra Brasileira, tendo como presidenta Crislaine Zeferino – uma mulher incrível do Espírito Santo. Vocês precisam conhecê-la!

A Nova Frente Negra Brasileira conta com várias delegações de diferentes estados, compostas por pessoas negras que, de alguma forma, chegaram ao espaço acadêmico. Embora a academia não seja perfeita, como diz o mestre Mourão: "Aprenda melhor sua língua para melhor resistir." Ter diplomas e certificados muitas vezes funciona como uma espécie de "carta de alforria moderna", nos permitindo acessar certos lugares que ainda nos são negados.

Também trabalho como analista de projetos no Instituto Iris, que realiza um trabalho excepcional. Atuamos em escolas, aparelhos públicos e até mesmo na rede privada, lidando com questões cruciais relacionadas às relações étnico-raciais. Inclusive, trabalhamos em redes de shoppings, onde implementamos espaços sociais na Bahia e buscamos expandir esses projetos. Isso é especialmente relevante, considerando a violência dessas relações em espaços comerciais.

Fica aqui a dica: pesquisem mais sobre esse trabalho incrível. A Nova Frente Negra Brasileira, o Instituto Iris, os blocos culturais e tudo mais que envolve nossas lutas e conquistas são fundamentais para transformar nossa sociedade. E, ao longo dessa jornada, conheci pessoas maravilhosas, como o advogado Ed Matos.

1:01:53 Infelizmente, no Brasil, o Código do Consumidor parece ser mais respeitado do que o restante da Constituição. Como mulher negra, enfrento desrespeitos constantes. As pessoas tentam subestimar ou, de maneira

criminosa, expressar atitudes racistas. Por outro lado, como consumidora, sou vista de forma diferente, o que me leva a observar essa dualidade.

Nos espaços comerciais, somos constantemente perseguidos. O Procon Racial surge como uma ferramenta essencial para proporcionar um mínimo de paz nesses ambientes. Eu gostaria que existisse algo similar nos aeroportos, pois, toda vez que pego um avião, meu medo não é apenas da altura – embora tenha medo de altura –, mas das atitudes racistas que encontro no avião, que é um ambiente fechado, sem para onde escapar. Essa realidade é dolorosa demais.

A faculdade também é um caldeirão racista, como outros espaços. Após minha mudança para a Baixada Santista, aproximei-me mais do campo da educação e, nesse contexto, há trabalhos históricos de grande relevância, como os de Júlio Tumbiare. Ele realiza um trabalho excelente, tanto na comissão de Igualdade Racial da OAB quanto na Comissão da Verdade da Escravidão. Estamos vivendo um momento de diáspora, e quero expressar minha gratidão à Paloma e à Paula Valéria. Elas também realizam trabalhos significativos e, para mim, são minhas amigas de diáspora. Da mesma forma, vocês, do CEFET, que me chamaram, também fazem parte dessa rede de diáspora. Espero que consigamos espalhar nossas ideias e pulverizar nosso talento, qualidade e excelência curricular e experiencial.

Sobre os avanços do Instituto Federal, é verdade que muitas coisas mudaram. O RACNEGÊ foi, para mim, um espaço de refúgio. No grupo de teatro do Vitão, encontrei um ambiente que me permitiu refletir sobre os atravessamentos raciais durante meu processo de escolarização. Segundo algumas pesquisas recentes do RACNEGÊ, a discriminação racial nas escolas municipais de Ensino Infantil em Praia Grande, por exemplo, passa pela negação. Essa negação está presente no quadro de funcionários e servidores da escola, dificultando a implementação da Lei 10.639.

Essa lei estabelece a obrigatoriedade do ensino da história afro-brasileira e africana, mas enfrenta obstáculos devido a essa negação, que impede o trabalho com questões sociais relevantes. Como mulher negra, artista, produtora cultural e pós-graduanda em gestão escolar, vejo essa realidade como algo que precisa ser transformado.

1:06:59 Uma forma essencial de enfrentar as barreiras que o racismo cria é formalizar as situações e buscar apoio capacitado. Não adianta brigar ou rogar pragas. Precisamos agir de maneira estruturada, com respaldo legal. O racismo cria disparidades raciais, e é fundamental procurar um aparato profissional para lidar com essas questões. Professores, pais ou qualquer pessoa interessada em enfrentar o racismo na escola precisam buscar ajuda de advogados, com especialização no tema, ou de organizações que atuam nessa luta.

Por exemplo, na Baixada Santista, temos pessoas como Júlio Tumbiare, que está

envolvido em trabalhos com a Comissão da Igualdade Racial da OAB e com a Comissão da Verdade da Escravidão. Ele é um excelente exemplo de como se conectar com aliados nessa luta. O racismo não é uma questão exclusivamente pessoal; ele deve ser tratado juridicamente, utilizando os mecanismos legais que temos à disposição.

Se, por exemplo, uma escola se recusar a implementar a Lei 10.639, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da história afro-brasileira e africana, é fundamental encaminhar o caso para a Comissão da Igualdade Racial da OAB mais próxima. Você pode procurar organizações como a Nova Frente Negra Brasileira, o MNU (Movimento Negro Unificado) da Baixada Santista, ou o projeto Educar na Baixada Santista. Essas instituições estão preparadas para oferecer apoio e encaminhar casos de forma eficaz.

É necessário lembrar que temos leis no Brasil, e elas devem ser aplicadas em nosso favor. O racismo, mesmo que disfarçado, é um crime, e quando pesa no bolso ou leva a consequências legais, muitas atitudes mudam. É preciso questionar: por que apenas nossos corpos são vistos como passíveis de punição? Se há leis no Brasil, elas precisam ser aplicadas com seriedade.

Além disso, quero convidar todos a conhecerem o Instituto Caxangá (www.caxangá.org). É um espaço que eu e uma amiga fundamos para apoiar pessoas em situação de vulnerabilidade, sejam elas negras, indígenas ou da comunidade LGBTQIA+. Nosso objetivo é aumentar a participação política dessas pessoas na democracia brasileira. Estamos com edital aberto para psicólogos ou interessados em cursos de formação sobre como tratar com segurança e responsabilidade pessoas negras, quilombolas, ribeirinhas ou indígenas. Após o curso, há a oportunidade de atender no Instituto Caxangá com supervisão e co-visão, proporcionando uma experiência rica e transformadora para quem atua ou deseja atuar na área de psicologia social.

Por fim, é fundamental que continuemos discutindo essas questões, enfrentando as adversidades e criando espaços de diálogo, aprendizado e resistência. O racismo só pode ser combatido se agirmos coletivamente e com responsabilidade.

1:13:27 Também temos um estudo de psicologia que é extremamente necessário. Muitas vezes, as pessoas vão fazer terapia e acabam saindo pior do que entraram. Por isso, estamos com um edital aberto, e todos estão convidados a conferir no site caxangá.org. Lá vocês encontrarão informações sobre esse e outros projetos, que infelizmente não terei tempo de detalhar agora. Em breve, lançaremos uma cartilha vinculada ao projeto "Sustentabilidade e Cidadania". Este é um tema que não está desconectado da nossa essência, porque nós somos parte da natureza – não temos uma natureza; nós somos natureza. Assim,

a formação política é fundamental para essa sustentabilidade.
Entre os projetos pedagógicos da Caxangá, lançaremos a série "Negritude e Direitos Humanos". Nossa primeira cartilha será sobre letramento racial, e a segunda abordará "Negritude e Cannabis", para levantar questões sobre a luta contra as drogas no Brasil e como a necropolítica continua assassinando e aprisionando as populações negras. Não é coincidência que, 135 anos após a abolição da escravatura, as prisões sejam majoritariamente ocupadas por pessoas negras.
Na cartilha, teremos contribuições incríveis: da Comissão da Diversidade Sexual e de Gênero da OAB Minas Gerais, da Comissão da Igualdade Racial da OAB Santos e da Comissão da Verdade sobre o período da escravidão. Também contamos com a participação de iniciativas como o MNU Baixada, o Educar, e o Sindicato de Limpeza. A Frente Ampla de Cubatão também estará envolvida, junto com outros representantes da Nova Frente Negra Brasileira. Bendito está produzindo um texto maravilhoso para nós, e teremos ainda contribuições de profissionais da área de saúde, pois, como sabemos, o racismo também está presente nos hospitais – o que pode impactar diretamente a sobrevivência de pessoas negras.
A cartilha reunirá essa "turma pesada", com representações poderosas de várias áreas e organizações. Entre os participantes, teremos também a colaboração do projeto "Alguém Me Chama Pelo Meu Nome". O lançamento está previsto para setembro deste ano, e será um momento muito especial.
Quero agradecer por todo o apoio e incentivo para que esses materiais sejam acessados e usados. Ser antirracista começa com cada um de nós, reconhecendo o racismo dentro de nós mesmos e trabalhando para desconstruí-lo. Além disso, temos a responsabilidade de denunciar qualquer atitude racista e garantir que as consequências legais sejam aplicadas.
Espero poder retornar para outras mesas-redondas e abordar novos temas com vocês. Com o vasto currículo e experiências que possuímos, tenho certeza de que haverá muito conteúdo para compartilhar. Termino minha fala mencionando o pacto da plenitude – algo que acredito ser um passo importante para abrir nossos corpos e mentes pretas. Um beijo e muito obrigada pelo convite. Espero estar com vocês novamente em breve!

Evento

Palestra

“Uma conversa sobre relações raciais e gêneros na escola com o Grêmio Estudantil Carolina Dantas. Professor Doutor Cesar Rodrigues. https://www.youtube.com/watch?v=qy0IqSFC2KM&t=17s



Vou falar um pouquinho do professor Mestre, Doutor e pós-doutor, César Rodrigues pesquisador especialista em educação para as diferenças membro do grupo de RACNEGÊ, tem livros publicados para público infantil e infanto-juvenil, músico músicas infantis é a música compositor integrante do Grupo Tempero, enfim ou versos sobre as relações e raciais e gêneros na escola tem Samba na educação tem educação no sambam professor o César Rodrigues por favor palavra com você vamos conversando e quando pessoal vai chegando Ou você que se bater um papinho também Possa um pouquinho mais

05:44 de você do seu trabalho a dos seus livros das suas músicas à vontade vamos lá

Prof. Cesar Rodrigues – Boa noite, Márcia, boa noite menina linda boa noite demais espectadores de ou quer dizer Live computadores né digamos assim eu estou aqui é de bom grado a minha presença aqui por uma pessoa muito querida a Professora Márcia e o Gouveia são meus amigos em outras instâncias, para além da educação e isso é muito interessante. Quando ela me propôs essa conversa com o pessoal do grêmio é de imediato eu acatei a ideia por conta de entender a importância do Grêmio dentro

06:32 de uma perspectiva de gestão democrática e também pelo fato de ser uma conversa direcionada às meninas também principalmente e prioritariamente. Depois há o grupo de professoras e professores, a Marcia já falou, é interessante, mas vou começar pela questão mais polêmica na minha carreira é o fato de ser músico sambista de também as pessoas terem muita dificuldade de associar que é essa minha posição como músico e sambista, principalmente por ser sambista, porque está até de preconceito julgando que não se possa transitar pelo acadêmico enquanto sambista, apenas pelo popular e quando se fala em Popular já existe uma ideia no senso comum de menos valia. Isso é Popular, logo não tem força política.

Então a ideia de uma educação para as diferenças justamente é fazer esses enfrentamentos e tentar quebrar, desconstruir, esses padrões que são mentirosos, né que estão por aí. E o Grêmio tá bem cima dessa perspectiva. Eu sou pesquisador em educação para as diferenças. Atualmente o trabalho lá no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de São Paulo – Campus

Cubatão e tem o nosso Grupo de Pesquisas Raça, Culturas negras e gênero – RACNEGÊ. Eu divido a liderança do Grupo com o André Vieira, outro pesquisador também é normal do que além de ser poeta ele cantor de rap, enfim um professor com muita experiência na questão dos corpos negros, é uma liderança que eu divido com a maior tranquilidade. Em relação à questão do Grêmio tem muito a parabenizar. Não é comum existir uma pessoa que dê suporte para que
08:35 essa experiência aconteça, já que de uma perspectiva de escola democrática se fala muitas coisas e pouco se põe em prática para que essa gestão seja realmente democrática e o Grêmio penso que seja um caminho para que se comece a reivindicar certos espaços. É legal para que se possa avançar dentro de todas as questões dos grupos excluídos que transitam pela Escola, a começar pelas próprias alunas e alunas bom então aqui começa a minha fala tá legal.
E aí eu vou ser um pouquinho egoísta vou puxar para mim tá legal acho que ele sofrer interessante e importante ainda não fala hoje eu vou disponibilizar o link para que vocês acessem no formulário respondam o formulário eu preciso façam ganhar os certificados Quem não respondeu formulário no acessar não o significado que essa palestra está sendo certificada pelo Instituto Federal né Educação Ciência e Tecnologia de São Paulo tá bom então é muito importante que isso aconteça professoras e professores está bem demais pessoas que estão assistindo Legal vamos lá vamos nessa. Então a gente é quando a Professora Márcia
09:52 solicitou e falou que é essa questão do voltada é as que vocês têm dentro de uma escola e, incluída nelas, a questão do Grêmio, foi uma coisa que me chamou muita atenção pois conforme eu já disse no nesse início da minha fala, o Grêmio é uma das, digamos, Vamos pensar numa metáfora e eu utilizo o polvo aqui né, a identidade que nos vários tentáculos do polvo e suas ventosas, como sendo conexões para fazer com que uma escola democrática aconteça e avance. O Grêmio é o local para isso. É muito importante porque ser uma representação legítima das alunas e alunos e nem sempre essa representação ela é reconhecida.
E uma escola, um sistema de ensino, para começar a pensar, na maneira de ser democrática, de ouvir outras vertentes, de ouvir as diversas vozes e falas que acontecem a todo o tempo nessa escola, ela tem que ter uma representação efetiva de suas alunas e alunos. Aí quando eu vejo que o Grêmio Carolina Dantas além de ser o local onde essas representações acontecem, ele é dirigido por meninas, isso me deixa muito mais é estimulado a estabelecer esse diálogo por conta da representação feminina estudantil, fato que quebra mais um paradigma

de sexismo, que é o paradigma sexista contra a questão feminina, e que acontece também na escola. Isso é mais que importante. E aí quando a gente volta e a temática aqui que nos envolve que, na verdade, seja essa palestra faz parte da jornada e uma série de eventos que o grupo de Pesquisas RACNEGÊ vem realizando e estará realizando até o dia trinta de novembro.

12:37 Depois vocês podem ficar atentas e atentos e a partir disso eu posso passar para Márcia programação, para acompanharem também outras rodas de debate, outras questões importantes. Voltando a nossa conversa e a nossa temática, talvez seja importante pensar em como o Grêmio Carolina Dantas, que é o canal de interlocução, de diálogo direto com qual a gente está lidando, com esse Grêmio pode atuar dentro de uma perspectiva de diminuição dessas desigualdades que estão no mundo, que estão na sociedade estão na escola também tá legal. E aí como é a questão da diferença? Ela é muito extensa e, por isso, eu peguei duas temáticas específicas que não vão deixar de ser extensas, mas talvez sejam bem importantes para que nós possamos dialogar. Comumente nas palestras nas lives dessa natureza, nós temos algumas apresentações com slides e tudo mais, mas como hoje é uma conversa informal e eu penso que a minha linguagem e a proposta dos assuntos aqui tenham de ser uma coisa que dialogue com vocês, que vocês se entendam em casa acolhidas e acolhidos.

Vamos fazer um link dentro desse caminho, as Relações raciais, como elas estão presentes na escola e de que maneiras elas influenciam o aprendizado, a convivência e o crescimento pessoal de cada uma de cada um de vocês. Como o currículo – como as coisas que são ensinadas dentro da escola – está em sintonia ou não conversam ou não com as Relações raciais. Como os regulamentos, as regras as brincadeiras, as intervenções, as conversas com as nossas amigas de amigos, as lições que estão presentes nos livros

15:04 didáticos e paradidáticos, nas revistas, nos gamers se levam para escola, porque todo mundo brinca com celular todo mundo zapeia no celular a aula, enfim como isso daí vai passando de maneira explícita ou extremamente sutil, dentro de uma escola e qual seria a importância do Grêmio ao enxergar essas questões raciais. Depois a gente entra na outra parte da temática que é de gêneros também dentro dessa relação entre as/os estudantes, estudantes e docentes, entre docentes, estudantes e pessoal da Conservação da limpeza, estudantes e equipe gestora equipe multi e interdisciplinar, enfim, toda a comunidade escola pais e mães de alunos que mais e pais de alunos também fazem parte da comunidade escolar como essas coisas estariam presentes.

Vamos lá a princípio bem direto e bem simples, meninas e meninos podem até responder aqui no chat isso pessoal do grêmio Carolina Dantas é eu faço uma

provocação: quantas pessoas não-brancas vocês veem nos cartazes nos avisos é mais é postagens acessadas por vocês?
Dentro da escola tanto as questões internas quanto as questões externas quando vocês estão lá com o celular de vocês no meio da aula fingindo que não estão, mas estão trabalhando também, então disfarçando, quantas pessoas que não sejam as pessoas mulheres e homens meninas e meninos crianças brancas vocês veem e quantas não brancas vocês veem nessas postagens? Essas são as minhas primeiras provocações.
E aí, ao pensarmos nessas figuras que estão dentro do cotidiano escolar, tanto na rotina dos livros aprendizado ensino e aprendizagem, quanto quanto vocês fazem um cartaz, por exemplo, para festa junina? Aí eu já pego no pé porque geralmente se faz um cartaz o cara lá e a mulher da festa junina com aquela roupa toda rasgada, o chapéu todo ferrado, o dente pintado de preto, o bigode a gente cai na real. Veja qualquer lugar de sertanejo quem tá no interior do Brasil tá dessa maneira?
As pessoas estão com a roupa rasgada, com chapéu de palha todo deteriorado, com dente ruim, enfim quantas e quantos negras e negros, e aí vamos pensar de medo é pela classificação do IBGE quem não é branco, se é da minha o para cima ou abaixo um pouco da minha cor para cima tá legal, quantas pessoas dessas representam as profissões mais importantes que são trabalhadas na escola de vocês ou no Facebook, ou no Instagram, ou no WhatsApp? Quantas pessoas dessa raça aí que vocês veem, dessas cores com esses tipos de narizes cabelos lábios estão presentes no cotidiano da escola de vocês e quando estão presentes quais e quantas delas representam profissões ou posições sociais hiper positivas.
19:18 Ah tá legal outra questão e aí entrando para questão de gêneros tá porque a gente hoje fala em gêneros não em gênero tá legal em função da mudança dos múltiplos sentidos Dos muitos significados que tem nessa palavra falaria polissemia mais os muitos significados que tem essas palavras então vocês meninas certamente se não conhecem conhecerão amigas que são bi amigas que são hetero amigos e amigas que são se Opa são trans amigas que não tem até agora um grupo novo muito crescente que é simplesmente se diz assexuado também é e tem grupos indefinidos e aí esses grupos dentro da escola de vocês É sim lugar de reconhecimento e Respeito Não só respeita muito pouco tá legal que eu posso respeitar esse Grêmio e aí legal, respeito o Grêmio que tem lá o Carolina Dantas mas na hora das decisões esse Grêmio tá do lado de fora, ou seja, eu só respeito não reconheço eu tenho uma a seguinte tese *respeito sem reconhecimento é uma palavra vazia, ao contrário dá mais força somente para*

quem respeita e não para quem é respeitado porque quando eu te olho, o faço com o olhar de quem está na posição assimétrica, na escala mais alta da hierarquia.

Esse respeito não está presente na hora de decisão, pois quem vai falar serão somente os professores. Vai falar somente o pessoal da direção. Então Respeito é bom é um começo, mas muito insuficiente. Muito pouco, muito pouco. Não adianta as pessoas só te respeitarem e na hora de lhe chamarem para tomar uma decisão, não chamarem. Eu só te respeito, não te reconheço então é mais ou menos isso, daí tá legal então quantas dessas pessoas que a gente vai colocar **21:27** aqui. Vamos colocar "que a sociedade considera como estranhas ao que é normal. Acho que está bem porque as coisas são normais, porque foram ditas que eram. Na verdade, porque assim foram pronunciadas. Então quantas dessas pessoas vocês veem circulando nas escolas que ainda não foram reconhecidas? Não vou botar somente a culpa na sociedade, mas a responsabilidade. Quantas vezes o Grêmio Carolina Dantas parou para pensar nessas questões também? Quantas vezes vocês pararam e disseram “olha tudo bem a gente tem aqui é uma representação, mas o que que a gente está representando? O que a gente pode fazer para melhorar a ideia que se tem de por nós meninas de poder? Para nós do Grêmio, eu vejo se vocês não repararam, essas questões vão circulando aí pela escola de vocês e daí da escola para casa de vocês, para a sociedade e tudo mais. Opa alguma coisa estava faltando e não é dizer que depois dessa conversa aqui comigo que vocês vão sair maravilhosas e críticas.

Não nada disso. A ideia é também complementar o trabalho que já vem sendo feito e que, obviamente, se não tivesse sido feito, não se teria esse Grêmio com assinatura da escola, começando a chamar a atenção da secretaria de educação. Na verdade, você tem que chamar atenção assim, à medida que uma secretaria de educação não olha também para essas questões e aí eu me responsabilizo extremamente pelo que eu estou falando, que é uma fala autoral, independente da professora, da diretora e tudo mais aqui. É uma opinião de pesquisador. De pesquisador que não está fora da sala de aula, por que, mesmo agora só trabalhando com educação superior, eu tenho a escola da educação básica onde eu pesquiso.

Eu tenho ainda as minhas pesquisas que rolam então assim é se uma secretaria de educação, se uma direção não se preocupa com essas coisas, opa tem alguma coisa faltando na sociedade não é verdade? Porque não basta apenas isso aparecer a toda hora no Face que denunciou o caso de racismo, a violência, quando vocês já viram agora que a gente tem as redes sociais a nosso favor, parece que ascenderam, dispararam a arma da violência contra a mulher. Vocês

já viram quantos casos têm parecido de violência contra a mulher? E vocês meninas... vocês já perceberam a violência que talvez vocês tenham sofrido por serem um corpo feminino dentro de uma representação de um grupo estudantil? Onde existem muitos meninos que até enchem o saco de vocês querendo, através da força, não deixar vocês, por exemplo, ocupar espaços de lazer na hora que toca do sinal do intervalo e aí vocês vão lá na quadra. Os meninos estão jogando bola. Por que não as meninas jogarem bola também? Por que não as meninas fazerem certas brincadeiras?

Aí se a menina joga ela é sapatão, ela é isso mulher macho? É isso, é aquilo outro? Opa pera aí, onde é que está escrito isso? Vocês aceitam isso? Meninas vocês aceitam essas restrições? Se aceitam aí a gente tem que ficar muito preocupado, porque sempre em determinados contextos os meninos têm a prioridade. Questões para botar também pulga, as pulgas e carrapatos atrás das orelhas de vocês e no corpo inteiro para incomodar, para vocês refletirem na casa de vocês. Esse louco chato narigudo falando aqui, mas vou falar mesmo a minha função aqui é essa aqui, não é um papo acadêmico.

A gente fala de algumas coisas, mas é um papo para que a gente reflita qual é o papel qual é o papel do Grêmio e o papel do Grêmio no sentido de chegar junto às professoras e os professores e cobrar esse apoio. Cobrar essas discussões, porque muitas vezes as professoras e professores não avançam em certos caminhos por conta de não terem o estímulo e, de repente, professoras e professores estão lá aguardando o momento para poderem compartilhar também essas angústias, porque eu sou professor eu sei como a nossa classe é detonada.

26:15 Vocês podem ver aí, em razão de todas essas críticas, que vocês veem esses últimos ministros da educação que passaram por aí, cada hora falam uma coisa para acabar com a educação, para acabar com o nosso pensamento que dá espaço para que todas e todos todas possam conviver. Se o Grêmio não tem a percepção de que o seu papel é de chegar e olhar esses grupos, e ir contra a questão do bullying, se percebendo como representação, vocês são representação meninas de todas as alunas e alunos da escola de vocês, se vocês não perceberam os grupos que são excluídos lá dentro. Se esse papel de excluído ou uma coisa que incomoda vocês quando vocês veem a gordofobia. Quando vocês veem certas questões voltadas somente àquele grupo de meninas é o grupo queridinho bonitinho ou só aquele grupo de meninos que é o grupo querido bonito, por isso ele tem mais voz, existem mais vozes ou vozes mais ouvidas?

Ou então se a menina se veste de tal maneira, os meninos emprestarem uma maneira e ela por conta disso sofre bullying, sofre agressões ou isolamento

psicológico ou social dentro da escola e o Grêmio cruza os braços para isso, descobriremos que a Carolina Dantas deve estar muito aborrecida com isso. Então a ideia é de chamar a atenção de vocês para que percebam essas questões que estão presentes e nos mínimos detalhes. Estão presentes, conforme já falei, no cartaz que tem somente um certo grupo de meninas com corpo estereotipado, somente magras, ou somente gordas, ou somente isso, somente aquilo, é quando a gente está nos momentos de lazer e vocês são impedidas de exercer em todo direito que têm, por conta dos meninos prevalecerem, terem sempre voz ativa lá na quadra e em vários espaços que eles julgam que sejam só deles.

Façam uma agenda, façam um cronograma de utilização e outra coisa: utilização com o que vocês quiserem da maneira que vocês quiserem, porque senão o Grêmio não vale de nada. Se esse Grêmio não toma para si a luta por e um grupo de meninas que são excluídas por conta de não terem uma orientação sexual, seja uma orientação sexual diferente da heteronormativa, que só fica com meninos, porque tá legal terem também meninas ou meninos que não querem ficar meninos, que não querem ficar somente com as meninas e gostam de meninos, ou querem meninos por que não!

Gente, se os pais e as mães de vocês condenarem aqui essa minha fala, reforço que não tem nada a ver com a escola nem com a professora Márcia tá legal. É uma conversa minha enquanto pesquisador dessas questões se vocês verem, enquanto o Grêmio, certas religiões, por exemplo, de matrizes africanas, o fato delas serem rechaçadas e rejeitadas, tipo com frases idiotas como,

29:56 “chuta que aqui é macumba”, Sua Feiticeira só m*********”, “só esse aqui no seu macumbeiro seu Feiticeiro” e vocês cruzarem os braços e continuarem no privilégio de serem Grêmio, sinceramente, o papel de vocês é nenhum, porque o Grêmio está aí para representar as alunas e alunos de todos os credos. O Grêmio representa as alunas e alunos, é legítimo e se existe uma resistência em achar que ele é validado, ele está representando por ele ser composto por um coletivo feminino, aí é mais um estímulo para que vocês não cedam e façam com que isso valha a pena, mas para valer a pena tem que ter enfrentamento, tem que ter aquela atenção de não calar.

Não ouvir simplesmente sem poder argumentar. Logicamente que os argumentos, as questões bem argumentadas e daí provar que elas têm de ser acatadas sabe, mas vai depender muito mais de vocês terem um olhar mais esperto para certas coisas. Vou falar uma questão crucial, veja bem hoje em dia você já repararam que eles fizeram até a tal da Barbie Black? Fizeram mais bonecas negras e tudo mais, e aí, em um primeiro momento, as pessoas podem estar vendo como a

Negritude tem sido reconhecida, até a Barby Black está nas grandes lojas e tal!
Eu chamo a atenção para umas questões “gente meninas negras têm características fenotípicas totalmente diferente das meninas brancas, então se eu faço uma Barbie Black eu já estou ferrando tudo, que você tá chamando de Barbie Black é o modelo branco e isso é outra coisa. Está legal esse eu a faço com aquele nariz fininho cabelo que é liso etc., com as mesmas características das meninas brancas, eu só pintei de marrom e falei olha pessoal, a população negra, que é 56% da população brasileira pode encontrar a sua representação no mercado de bonecas femininas.
Isso é uma ideia somente para ganhar dinheiro e somente para se ganhar dinheiro entendeu? São o que chamo de Táticas Tácitas de Embranquecimento Reverberado (Lins Rodrigues, 2025)[1]. Então vocês têm que tomar cuidado, pois é isso que a chamamos de armadilhas. Às vezes, a coisa parece estar muito legal em relação ao respeito à diferença. Daí, faz-se um Dia da Consciência legalem relação ao respeito à diferença. Daí, faz-se um Dia da Consciência Negra e os outros 364 dias de consciência Branca. Eu tenho um artigo fala sobre isso “1 DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA X 364 DIAS DE CONSCIÊNCIA BRANCA: culturas e identidades entregues ao inoficioso”, enfim um dia das meninas, um dia que as meninas vão dominar, vão à quadra nos espaços de
lazer, vão fazer acontecer e os outros dias é dos meninos. Vocês meninas lindas e maravilhosas do Grêmio Carolina Dantas, somente certos corpos aparecendo, certas de imagens de menina e menino sem se manifestar a respeito e o Grêmio de vocês, ele tem dentro dele meninas negras e ele tem dentro dele espaço para que essas meninas transmitem? “Ah professor, elas não quiseram!”, mas porque não quiseram? Será que tiveram essa oportunidade alguma vez na escola? E tem mais, espaço para meninas trans ou bi ou sei lá ou com outra orientação sexual ou, perdão, outra a outra orientação sexual outra representação de gênero, será que tem a não tem mais?
34:46 Por que esses grupos que estão presentes na escola não têm um espaço e o que Grêmio propicia para conversarmos sobre as questões de gênero na escola? Como fazer uma grande reunião, uma grande palestra aqui e trabalhar essas questões? Olha aí uma função legal do Grêmio para descobrir as coisas que você têm na escola! Se quiserem eu dou uma força. Porque que o Grêmio

1 Conceito proposto em aula uma aula de Didática com a turma do 1º semestre 2025 de Licenciatura em Matemática, ao se comentar das sutilezas dos mecanismos de exclusão presentes na sociedade neoliberal, ao se discutir a estratégias de sutilidade das quais se apropriam os grupos como mais poder políticos em todas as esferas, para darem conta da manutenção do racismo e outras formas perversas de cancelamento das, assim narradas como subjetividades desviantes

ainda não faz esse pente fino e sai olhando todos os cartazes de todas as salas? Não é para chegar: “Oh professora! Oh diretor! Colocaremos vocês na fogueira, porque vocês estão agindo assim. Não não não não! Não é esse tipo de questão. É chamar atenção para certas coisas que acontecem no cotidiano dentro da escola né. E que, às vezes, passam direto sem que se perceba. A ideia não deixar passar batido, a ideia é falar “o Grêmio tá aqui e o Grêmio tem uma função”. O Grêmio não vai ter somente uma rádio para falar só dos informes. Ou somente se reunir para conseguir montar um uma olimpíada com jovens. Isso é bacana, mas têm coisas de suma importância acontecendo dentro da escola. Olha aí a ideia de pensar “qual é a função social dentro da sua escola”. Eu vou ser mais um grêmio ou um Grêmio que, de repente, possa servir de inspiração para toda a rede? Porque o Grêmio não é só de cada uma das diretoras, ou componentes, ou da tutora e fim. O Grêmio ou é a escola inteira ou não.

É também observar quando tem alunos sendo reprovados na escola, por exemplo, da turma da professora Márcia, “Ah! não é meu problema, pois na minha turma todo mundo passou... Oh, grandes coisas! Paciência se na tua turma todo mundo passou, porque quando um aluno não consegue avançar a escola toda que não avança, então quando o Grêmio não consegue fazer com que certas coisas sejam vistas dentro da escola, ou seja, que eu tenho de ter pelo menos um caminho, uma tentativa de solução para a escola toda que tá perdendo. É o Grêmio que perde a sua a sua razão de ser. Olha que coisa louca, enfim, eu ia até ficar mais tempo provocando, mas eu acho que pelo andar da Carruagem, eu já peguei pesado demais tá. E aí eu abro aqui para as questões.

Márcia, vou postar em seguida o link do formulário tá legal porque vejam é agora é o momento mais legal de vocês virem e me interrogarem, questionarem os porquês de eu falar tudo isso e eu estou aberto a essas questões. Tem uma pergunta da Letícia ela é a secretária do nosso grêmio tá: “Na sua opinião ou melhor forma de acabar e combater a discriminação racial no Brasil?”

Olha só olha Letícia, eu vou falar uma coisa que todos vocês já ouviram um milhão de vezes, mas é não tem outro caminho senão pela educação. É ponto Pacífico, mas assim... é uma questão que tem de começar desde a creche. Desde a creche e para começar desde a creche Letícia, o pensamento de quem está na creche, o pensamento de quem está lá na direção, de quem pensa a educação para essas crianças, ele tem que mudar. Ele tem que ir ao encontro da ideia de que essa discriminação esse racismo existe. Quer ver, eu faço atualmente uma pesquisa lá para o Instituto. Já tenho tempo e foi interrompida pela pandemia. Ela quer mapear, ou seja, você pegar e localizar certas coisas dentro dessa perspectiva. A gente mapeia o que acontece em nível de referencial de

humanidade nas escolas de educação infantil já fizemos toda a Cubatão, estamos na metade de Praia Grande foi interrompida por conta da Pandemia, mas a ideia é ir fazendo em todos os municípios da Baixada. A nossa intenção é levantar se tem de referência de Negritude nessas escolas e construir o que a gente chama de dossiê de referencial de humanidades e apresentar aos governos daqui dos municípios da Baixada Santista, para que se verifique se por aqui precisamos de políticas públicas que trabalhem muito mais a questão racial, principalmente a questão da negritude. Isso começando pela Educação Infantil.
Veja é um dos caminhos dos tantos caminhos possíveis e se justifica, porque a criança, ela efetivamente não nasce racista, ela aprende a ser racista, aprende a discriminar tanto em casa, na comunidade onde vive, como na escola:

> Eu não digo que a escola é o lugar onde se constrói o racismo, mas certamente é um lugar onde o racismo pode ser acentuado e perpetuado. Em outras palavras: a escola não é o nascedouro do racismo, mas sim o lugar onde ele potencialmente pode se perpetuar. Diria que é o local onde o racismo vive duas grandes possibilidades. Na primeira ele pode, contundentemente, incidir sobre as subjetividades discentes. Na segunda, pode ser uma grande barreira que impeça ou, pelo menos, dificulte o seu avanço. Isso vai depender também das professoras e professores, da postura política que a escola adota em relação a essas questões, enfim, da política educacional adotada pelo/os sistemas de ensino aos quais os equipamentos de ensino estão subordinados (Informação verbal) [2].

Quando eu falo quem é ela dá ideia que a escola tem, a respeito de isso. Por exemplo, em outras pesquisas que fiz, chegava nas escolas e perguntava: por que vocês não trabalham as culturas negras? Ah! Porque o pessoal associa à macumba, associa a coisa ruim e aí vai ter um grupo que vai ser contrário.
41:30 Se vocês no Grêmio não têm também esse pensamento para chegar para direção e dizer “Olha nós precisamos que certas coisas sejam feitas etc” aí fica difícil. Eu mesmo voltando nessa fala recorrente, não tem outro caminho senão você começar na educação desde a mais tenra idade, desde a creche. Existem estudos nas creches e não são só de 20 anos atrás, nos atuais e dizem o seguinte são estatísticas, as crianças negras, botar desde que vocês consideram “moreninho”, parda até preta entendeu, as crianças negras são sempre as últimas a serem trocadas e a serem higienizadas. “Se Liguem”! Isso não é conversa de quem estuda os pedaços estatísticas, são dados de pesquisas. Então, querendo ou não, é sobre questões muito sérias que a gente tem que observar e tem que ser uma ação conjunta. Não é só trabalhar o racismo durante uma semana da consciência negra. O racismo está presente todo dia. A homofobia está presente

[2] Informação verbal obtida em aula da disciplina de Cultura e Educação Matemática, ministrada pelo Doutor Antonio Cesar Lins Rodrigues no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo - Campus Cubatão, em 12 abril de 2022.

todo dia. A discriminação social está presente toto dia. O sexismo está presente todo dia. O Grêmio poderia atuar em conjunto com a equipe de direção e com os professores para manter o engajamento das/dos alunas/os da escola nas atividades escolares nesses tempos de afastamento social.

Laís está perguntando a minha opinião. Eu penso que em primeiro lugar vocês teriam de ter um mapeamento dessas coisas. Mapeamento, uma pesquisa com essas alunas e alunos, com esses professores e professores, com gestores com pessoal que também a de Educação que é da merenda, da Faxina, que a gente costuma tirar do cenário, que também são educadoras e educadores potencialmente né. Com as pessoas que estão convivendo com isso, faria um questionário depois vocês poderiam montar um grupo de estudos se reunissem periodicamente, via remota ou então pode ser até dia presencial, com máscara distanciamento que não vai ser todo mundo da escola.

Você pode se encontrar na escola outro lugar, não sei, aí vai depender das questões de regras do município etc., eu não vou entrar nesse mérito, mas, de uma maneira de outra, se vocês reunissem e apresentassem propostas nessa primeira reunião, apresentassem resultados para o representante da representante das professoras e professores e representantes da gestão da equipe gestora, talvez até todas as professoras e professores, já que a questão que eu acho que te incomoda é o engajamento e engajamento tem a ver com ensino e aprendizagem. Esse é um saco, sejam milhões são um saco mais um saco fácil de carregar se você pensar no objetivo maior que é lá na frente tenta Minimizar os problemas que eles estão, esses órgãos sociais nos trouxeram essa educação remota, tipo uma coisa assim “você tá trocando o pneu do carro em movimento”. Foi que aconteceu porque a nossa educação é estruturada em cima do modelo presencial. E essas aulas remotas que vocês têm não são modelos de educação a distância.

Tem mais uma pergunta aqui vou nessa tá aqui ó a Lúcia Helena dos Santos de Lima “César que você tem a dizer sobre o próprio conceito que alguns gêneros carregam em seu interior olha”?

Oi, Lúcia, ninguém nasce preconceituoso tá, vamos colocar esse princípio. É a cultura que constrói o preconceito na gente. Eu sou de uma linha de pesquisa chamada estudos culturais e nós entendemos que é a cultura que constrói isso. Eu dou sempre exemplos a minhas aulas lá na pedagogia licenciatura. Se eu apresentasse para vocês duas figuras do Arquipélago de Samoa tá. É onde eles têm lá um terceiro gênero são os Faafafines. Eu apresentarei a um homem bem gordão bem outro lento com a flor no cabelo com um vestido (sarongue) tudo mais e o outro homem tipo Fitness que vocês curtem aí, magro, corpo definido, com a

mesma Flor do tamanho sorrindo os dois com aquela assim a característica dos Havaianos. Tempo só para vocês terem uma ideia e eu falo essa sim olha é para as meninas qual o homem que mais chama a atenção de vocês como um homem bonito e tudo mais aí o pessoal! Geralmente eu falo isso e o pessoal vai optando pelo protótipo do saradão é isso. E aquele outro, gordo, com muitos quilos a mais, eu digo que, nesse local, aonde eles estão ele é simplesmente o maior objeto de desejo das mulheres.

Elas são apaixonadas por esse modelo de homem. Ele é objeto de atenção e de, por que representa a fertilidade fartura.

48:56 O outro que está a seu lado, o qual é todo saradão e tudo mais ele é o terceiro filho homem de uma família que só teve filhas mulheres. Olha que loucura, ele é o terceiro filho de uma família e nessa Ilha específica se até o terceiro homem não vê uma filha mulher, o terceiro filho é criado para ser mulher. Na cabeça daquele cara ele é a mulher. Olha que loucura. E aí vocês diriam: “Professor! Você tá louco? Não gente é a Cultura. A cultura daquele local estipulou que o terceiro filho tem que ser mulher se não vier uma mulher até o terceiro filho, esse é criado para ser mulher e olha que loucura naquela foto que eu trago ela saiu até na revista Caras de muitos anos arás, mas estabelece que aquele cara que as meninas geralmente escolhem como o mais atraente é casado com o outro gordo. O saradão é a mulher do casamento e não é considerado gay gente ele é um Faafafine, que é o nome que eles dão para essa Alternativa de gênero.

Eu dei essa volta toda para mostrar a vocês que a cultura é que faz com que as pessoas sejam o que são. O gênero é uma invenção cultural. Por exemplo, ninguém nasce um ser humano. Ao sair da barriga da sua mãe, você é um ser. Você só vai se tornar um ser humano, se você conviver em sociedade. O que faz com que sejamos mulheres e homens é a nossa convivência na sociedade e essa sociedade determinará o que é ser mulher ou homem. Fora da convivência em sociedade você não é ser humano. Tem um exemplo das gêmeas lá na Índia. As gêmeas foram perdidas na mata e foram criadas por Lobos. Uma foi recuperada com ainda criança se adaptou e a outra fora recuperada na adolescência e depois morreu. Ela não conseguiu se adaptar. Ela comia carne crua, não conseguiu desenvolver a fala etc., era uma loba. Essas coisas todas são só alguns exemplos. Nossa! Então se você não convive em sociedade, você não é ser humano? As sociedades têm os seus parâmetros culturais para fazer com que você seja essa ou aquela pessoa. Quer ver?

Olha só, em muitos lugares do Nordeste, inclusive o lado dos meus pais, na hora do café da manhã parecia o almoço. Comia-se muito lá seja forma comer

Guaiamum, linguiça para caramba é o que vocês chamam desse cuscuz salgado aqui na região da Baixada não, é cuscuz doce com farelo de milho e coco e tudo mais. Tudo que vocês possam imaginar e a questão da cultura. Ela constrói o que somos. A cultura, ela coloca dentro da gente expectativas e ideias racistas ou não tá.

Gente vou mais fundo, tudo que é considerado natural é uma construção social e ligada diretamente a certos grupos que tem o poder de dizer o que está certo ou errado. Olha que loucura! Não é à toa que isso acontece. Não é à toa nem de qualquer jeito.

53:57 Tem mais alguma outra tem consigo o professor já presenciou algum caso de preconceito?

Vários e podem ter certeza de que estou sempre disposto a tomar as atitudes necessárias. E, no entanto, de até fazer depoimento na polícia e tudo mais sabe e lutar sempre contra essas questões. Senão, não vale a pena esse discurso todo de pesquisa e tudo mais viu. Não são somente pesquisas e estudos. Não é só isso. São práticas e elas têm que estar aí né. É você comentou no começo da nossa conversa né sobre o samba Educação de uma pergunta de um aluno aqui você já foi vítima de preconceito. Oh! Vou contar uma história alguns um quando eu tinha 14 anos, namorava uma menina que era loira. Aí eu fui à formatura dela uma das professoras dela era minha professora também. Eu fui e naquela época é eu tinha cabelo né. Meu cabelo era meio Black né, entendeu. E aí eu cheguei lá e era o baile de formatura, sei lá do ensino fundamental. Uma das professoras dela disse: “é com esse cara que você namora? Ele é tem lá o pé da cozinha, lá dentro.

Esse aí é muito feio para você que é aluna mais inteligente, sei lá, mais bonita...” e aí uma professora minha que era professora de inglês interveio. Porque você está falando essa bobagem, brigando com a outra professora. Você não o conhece. Ele é um excelente aluno e bonito sim. Enfim, mas foi uma coisa que marcou bastante. E, como sambista, no próprio Instituto Federal um professor lá que estava conduzindo uma professora que estava nos visitando para apresentar uma palestra, ao apresentar a professora para um grupo de professores no qual eu estava presente, o fez indicando a titulação acadêmica de cada um dos professores, suas respectivas áreas de pesquisa etc. Na minha vez, apresentou-me como o “professor sambista” etc. Na hora retruquei afirmando que era tão doutor e pesquisador quanto todos os outros e que a posição cultural de sambista era apenas mais uma das características ancestrais que eu tinha e da qual muito me orgulhava. O Professor sambista aqui também pesquisa, também tem pós-doutorado também produz e trabalha aqui no curso

Em vários lugares, você do Samba, vai apresentar algum trabalho, alguma coisa acadêmica, aí você tem que ficar dando carteirada acadêmica.
Quero te agradecer em nome do Grêmio e da direção e a sua participação. Muitas provocações, muitas reflexões. Preconceito é complicado. é marcante. Você se lembrou uma coisa lá da Infância e uma coisa que aconteceu agora eu acho que as reações foram diferentes. Sempre você falou a questão de maturidade, você teve que se defender agora adulto né. Então, na realidade, quero te agradecer muito, muito, muito, muito. Você acrescentou muito. Agora uma palavra, assim de além de tudo que você falou para o Grêmio, para
1:00:34 minhas colegas professoras, para diretora daqui a vice-diretora que está aqui, colega que está aqui também. Porque a gente tem que ter esperança até enquanto professor também, mas é preciso que nossos jovens e professores também tenham.
Patrícia Queiroz, favor antes de despedida se você puder responder é bom seguindo a linha apesar da professora Lúcia. Quanto é o preconceito que alguns gêneros carregam em seu interior que podemos fazer para equilibrar estas discussões?
Opa, vamos lá Patrícia!
1:01:58 É assim, para não ficarmos numa saia justa, eu vou te colocar uma coisa: não existe solução pré-definida para nenhum problema de educação. E olha que coisa louca, mas também essa é a maior Fascinação que se tem dentro da educação, porque o projeto que eu faço no Grêmio Carolina Dantas pode ser legal, no Chico Mendes ou não pode ser legal no diretório Central estudantil da USP, ou não sei onde pode ser legal ou não enfim.
Talvez essa seja a maior dificuldade que você tenha para fazer com que educação seja bem-sucedida. Mas isso não deve ser o impedimento ao contrário deve ser um estímulo por quanto é um Desafio né e quando você me fala aqui perguntando o que podemos fazer para equilibrar as discussões, a primeira coisa, Patrícia, é da voz a esse grupo. Aliás, a primeira coisa identificar esse grupo. A segunda coisa superimportante, quer dizer, não é receita, mas apenas uma percepção apenas, uma
1:03:36 possibilidade de se pensar no espaço para esse pessoal, é você fazer com que elas e eles se sintam acolhidas e acolhidos. Demora um pouquinho para poderem entrar desse local e participar dessa discussão. E a terceira, talvez seja nesse acolhimento, elas e eles, eles poderem encontrar na escola um chão onde todo esse sofrimento — aí me referindo especificamente a uma outra orientação de gênero — entendeu, onde todo esse sofrimento seja aliviado o, ou seja, um chão de gênero que eu estou falando aqui o chão para o meu gênero, onde eu

possa transitar, mas no acolhimento.
Deve-se estar atento às propagadoras e propagadores desse preconceito ou desse desequilíbrio. Conforme você fala de equilibrar entendeu. E assim, a primeira coisa para eliminar o preconceito é reconhecer o preconceito racismo e discriminação em mim mesmo. Quando reconheço isso, quando eu passei a reconhecer isso em mim, que também fui criado para ser homofóbico, pois na década de 1970, no subúrbio do Rio de Janeiro, não tinha outro caminho senão a de ser construído dentro da homofobia e do racismo.
Eu reconheci que tinha isso tudo comecei a pisar na cabeça dessas coisas, aí as coisas foram começando a andar e eu comecei a avançar um pouco mais enquanto ser humano.
Depois dessas questões todas, abrir-se um espaço não só de respeito, mas de reconhecimento. Ou seja, sair do nosso quadrado de respeito e avançar para o reconhecimento. É o seguinte, quando eu respeito é cada um no seu quadrado. Opa meu direito começa onde o seu termina, sabe essas questões muito loucas **1:06:09** que entram no senso comum como a verdade absoluta. E não é nada disso. Todo mundo fala do próprio direito. Mas não tem nada disso os nossos direitos e os das outras pessoas se confundem entre si. Na verdade, eles se tocam e se borram uns aos outros e é assim. Eu costumo dizer que quando existe uma grande interrogação em quem pode mais ou menos, leva-se em consideração a questão do benefício o humano. A medida tem de ser o maior benefício ao humano. Na verdade, Patrícia, a sociedade vai precisar avançar muito para buscar esse equilíbrio, mas hoje em dia existem muitas coisas, por exemplo, já ouviu falar no Black Money? Do Pink Money?
Procure só pesquisa meninas Black. São questões que vocês poderiam ver outras coisas também, porque não levar um dia uma palestra do movimento LGBT, que irá mais para vocês, mães e pais, pensando a sociedade como ela realmente é. Enfrentar toda essa onda de conservadorismo, de reacionarismo o que querem? Então vamos botar toda essa gente que tem outra orientação de gênero ou sexual dentro de uma ilha ou de uma bolha e vamos isolar do mundo? Poxa é não é assim entendeu. Não é, não é não. Não é assim que acontece e se a escola não está presente ela tem que estar aberta para isso e é uma condição dolorosa de enfrentamento. À medida que o Grêmio é o importante porque é o movimento estudantil. Ele vai dar suporte para que suas professoras e professores amigas e amigos, sei lá, a direção consigam avançar com jeito. Têm alguns setores radicais do movimento negro e/ou LGBT que querem entrar na escola com os dois pés na porta. Não é assim. Eu pesquiso escola no dia a dia, pelo menos há 15 anos e tem muita e intensa resistência, enfim.

1:09:37 Obrigado meninas, professoras e professores, direção que estão assistindo, enfim. Professora Márcia e é isso e espero que o Grêmio avance.
Bom fim de semana para todas e todos. Obrigado, obrigado, tchau, tchau, tchau!

Evento
Palestra
Quem é essa mulher preta que legitima os corpos pretos na Educação Física? Professora Doutora Josi Climaco. Mediação Professor Doutor Cesar Rodrigues. https://www.youtube.com/watch?v=jjS3WYNwl4s&t=3870s



04:26 Que maravilha essa é a nossa querida Doutora Josi, Josiane. Eu vou fazer aqui uma apresentação dela né no currículo que é um currículo Impecável. Ela é doutora em educação pela Universidade Federal da Bahia e, pela Universidade Federal da Bahia, especialista em planejamento Educacional e metodologia do ensino de Educação Física esporte e lazer. É graduado em Licenciatura em Educação Física pela Fundação Oswaldo Aranha. Atualmente professora na Secretaria de Educação do Estado da e trabalhou em algumas faculdades posterior do programa institucional de bolsas de iniciação à docência na Universidade Federal da Bahia. Tem experiência nas áreas de gestão escolar e formação de professores em Educação Física com ênfase nas danças ginástica jogos brincadeiras e esporte capoeira cultura popular no âmbito da cultura corporal é corpo e ancestralidade e memória e processos pedagógicos sobre educação para as relações étnico-raciais, abordadas as duas leis né 10619 11.645 é a pesquisadora primo de esporte educacional 2014 tá legal é prêmio da Petrobras para igualdade racial 2015 e artigos aprovados em Sorbonne né Universidade de Paris em homenagem ao patrono da educação brasileira; e aprovado em congresso e culturas em Portugal 2019; membro do grupo de pesquisas da Universidade Federal da Bahia no hotel professora colaboradora do grupo de pesquisa e crescer na Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia. Coordenadora executiva do fórum Nacional de mulheres negras da Bahia; conselheira dos direitos das mulheres na Bahia; coordenadora do Fórum de Educação de Educação Básica da Associação Brasileira de pesquisadores negros a ABPN sobre a qual a lá deve falar bastante ao longo da sua exposição; coordenadora da Associação Nacional pela formação dos profissionais da Educação no Shopping Bahia... nossa tem que ter fôlego para falar de quem merece.
O Grupo de Pesquisas RACNEGÊ se sente imensamente honrado com a sua presença.
Vamos lá primeiro eu quero dar boa noite a todos né Toda o e logo de saída agradecer a você César Doutor César Rodrigues nosso professor Cesar Rodrigues que foi quem realmente fez o convite através do grupo de pesquisas

RACNEGÊ então assim essas nossas andanças né me permitiu ganhar mais esse militante cultural. Eu vou

09:13 começar falando justamente disso de quem é essa Josi e entendendo que nós somos os nossos conhecimentos a gente prima obviamente o respeito e o que é tão significativo em nossas vidas teu lado acadêmico. Mas acima de tudo eu tenho certeza de que o que nos trouxe para esse lado acadêmico e para o ter que falar pesquisar escrever sobre as africanidades a lei o 39/0 três e a 11645/8 e não sei né se aqui tem pessoas novas no outras que o verão do que se tratam essas leis a 10639/03 trata-se do ensino obrigatório né dos estudos da história e da Cultura Africana e Afro e afro-brasileira e 11.645/08 desculpa ela trata do ensino da história e da cultura indígena em território brasileiro em todos os estabelecimentos de ensino sejam eles públicos ou privados então assim tratar dessas leis não apenas ser professor e o professora, mas é ser um militante cultural é compreender.

A negação né dos nossos povos originários, ou seja, indígenas e os nossos povos que foram trazidos escravizados e que tem uma história anterior a escravização de muita potência então é para gente estar aqui para existir um rack mexer para existir o pesa para existir a Josi tá pro existir o nosso é GP de Educação Física e relações étnicos-raciais do CPC é isso é só que faz possível porque existiram os nossos ancestrais e que nós temos um papel na contemporaneidade e esse papel é de reafirmação elegy e são da nossa história e também que a gente não pode mais queimar portanto a barbáries e portanto.

A negação e portanto desconhecimento então eu já começo falando de sair E aí é César né ele ele para me instigar coloca como tema dessa palestra. Quem é essa preta que legitima os corpos pretos na Educação Física e pelo comércio falando um pouquinho de mim né vou falar um pouquinho de mim para depois é um entrar no processo mesmo de do meu objeto de estudo certo e que nós somos protagonistas dentro desse objeto nós não estamos é distante desse objeto nós vivenciamos dia a dia no teto no chão da escola na formação os professores esse objeto porque senão nunca nós poderemos tornar possível.

Uma materialização total em sua totalidade das leis né das ações afirmativas em educação que são justamente essas duas leis que nós estamos aqui e aí sim essa Josi que vocês estão vendo aqui ela é a filha de Marília graça Clímaco pé eu quero pedir benção a minha ancestralidade porque eu sei que sem os meus não traz sem a dona e o dono do meu ori eu não estaria aqui vem teria permissão para falar tá César e a todos vocês que estamos assistindo e a filha da Maria neta de dona realina e esse é o João Clímaco.

Ela é oriunda de nasce em Volta Redonda Rio de Janeiro então eu nasci em Volta

Redonda Rio de Janeiro e me lembro muito bem né quando o meu avô e que eu sei que a história talvez dê muitos e muitas que falavam assim minha neta porque eu fui a primeira acessar a universidade na minha família A minha meta tem que ter uma doutora.
Mas eu Doutora dele naquele momento ele tem dia que tinha que ser uma médica advogado que você não tem 6 que eles outra pessoa para poder chamar de novo e já tá triste técnico em química comecei a Faculdade de área química mas não era minha praia velho não era e a dança sempre as artes tiveram na minha vida a minha família sempre tem uma veia muito artística muito grande assim de somos famílias da classe trabalhadora de preto os trabalhadores dentro da cidade de militância de movimento negro meu avô foi um preso político.
Marco que sempre uniu todas as essas problemáticas né que a gente sabe do não acesso né. Nós não éramos abastados que não será mente mas ele conseguiu nos dar é acesso à cultura então isso por exemplo eu que fiz dança desde cedo eu sempre cantei eu fiz parte canto coral na minha cidade desde cedo eu sempre tive acesso a Esporte principal jogadora de handebol praticar atletismo e isso sempre foi muito bom instante na minha vida ou seja o patrimônio sócio histórico das práticas corporais e das práticas artísticas na minha vida eles sempre estiveram presente então isso culminou com que através da dança que foi a forma que o ajude que eu conseguir burlar o seu João Clímaco não fazer Educação Física porque não queria que eu fizesse faculdade de dança e a gente entende né e as problemáticas os enfrentamentos sociais.
O preconceito isso porque eu sou eu me formei em eu sou da turma de 1988 a última turma de 3 anos que hoje é chamado Centro Universitário no os Fundação Oswaldo Aranha e na época era for apenas Fundação Oswaldo Aranha em Volta Redonda Então eu preciso contar um pouquinho dessa trajetória para que vocês entendam como eu venho parar Educação Física e sempre com a dançar afro o Jazz ou seja as Vertentes negras constantes na minha vida daí que eu tive esse acesso e era algo que me incomodava como tem entra numa
16:42 faculdade Educação Física se você parar para observar eu estudei de 1988 o nó venda 90 a minha licenciatura e foi o grande Boom das discussões né das nossas abordagens pedagógicas da Educação Física e também não pedagógicas e a gente sabe muito bem É o quanto estamos custa quanto herança e quanto nos custou e que não é uma questão só de Educação Física a chuva tá falando aqui culpabilizando a Educação Física porque a gente tá falando é que a educação lugar viu ela foi estabelecida pela segregação pelo separatismo e sim de alicerçar o que a cultura do dominador.
Então isso é uma questão no geral da educação no Brasil e aí eu vos pergunto

nas especificidades seria diferente Claro que não é claro que não então é por isso que a gente vem dando esse enfrentamento.
E aí essas 12 que sempre teve essa prática da cultura negra que sejam as danças de matriz africana que sejam samba enquanto canto que é minha raiz né a gente ama o samba não tem como abrir mão disso isso vem que vem trazendo não tem como eu ir separar então quando na Educação Física nós estamos lidando com
18:11 esse patrimônio sócio-histórico é óbvio que na Minha cobrança eu não vejo eu não me vejo representada na faculdade e nem na formação continuada nesses 30 anos né já formada eu não via não envia contemplada enquanto cultura enquanto ser humano que a cultura do meu povo estivesse lá nas nossas formações tanto dos Ban a universidade das Universidades e tanto também nos Bancos escolares ou seja nas escolas é preciso a gente se colocar assim e a dança afro através do clube Palmares em Volta Redonda Volta Redonda um grande grupo de movimento.
Desde a adolescência, fui levada à militância negra. Agora, como coordenadora do Fórum Nacional de Mulheres Negras, ocupo uma cadeira no Conselho Estadual de Mulheres, representando este fórum. Quando mencionamos "corpos", referimo-nos ao impacto da colonização em nossas vidas, que nos
19:42 desumanizou. César um ser humano e tantos outros, outras e outros. Nós somos humanos, porém o colonizador, ele nos desumanizou e na desumanização me chamam de negro, por exemplo, a gente chega numa unidade de uma pessoa não-negra a gente fala: Poxa ou aquela mulher é linda como aquele homem é lindo e por que que quando você chega para uma negra você tem que dizer por que que essa mulher negra linda?
Por que o negro não tem o direito de ser bonito ou bonita? A gente não tem o direito de ser bonito. A gente tem o direito de ter glitter. Então, hoje, a nossa desconstrução está em cima dos nossos corpos enquanto seres humanos. Eles foram invisibilizados, rechaçados e discriminados, certo? Eles não têm aparência, e quando se fala da cultura, a nossa cultura é minimizada. E enquanto conhecimento, porque o que nós temos também é conhecimento. Nós vamos falar mais à frente, e eu vou mostrar para vocês.
Eu vou me fazer não recorte, não é um recorte, mas eu vou me estender nas práticas corporais que estamos abordando aqui na Educação Física. Mas, se eu tivesse que falar, se existiu a medicina, se existiram os papiros, se existiu a tecnologia, se existiram tantas outras coisas, já existiam há mais de 4.000 anos antes da era comum, ou seja, quatro mil anos antes de Cristo.
Desde os núbios, desde os que habitavam o Egito — país situado no continente africano — tudo isso foi invisibilizado. Aliás, foi o primeiro a ser invisibilizado e

tomado pelo colonizador. Por que foi tomado? Porque eles estavam além do capital, das condições objetivas de sair pelo mundo expropriando terras e explorando outros seres. Eles também roubaram a cultura e tomaram o nome dela Dando um exemplo na Educação Física, eu não vou dizer que ignoramos a sistematização da ginástica na Europa, mas o que estamos abordando aqui é que já existiam movimentos ginásticos realizados por povos africanos muito antes. Já existiam treinamentos militares organizados por esses povos, bem antes desse grupo chegar para expropriar e explorar a África. É isso que estamos destacando. E é justamente sobre isso que é negado nos nossos livros, o que nos leva a buscar uma reparação na Educação Física.

Para Josiane alcançar esse ponto e ter essas conclusões, assim como outros pesquisadores e pesquisadoras que compartilham dessa perspectiva, é necessário, antes de tudo, ter essa condição de lastro de vida.

Ah, sim, é necessário! Eu sei que, às vezes, há professores que não são militantes orgânicos do movimento negro, mas são militantes culturais. Entendeu? Às vezes, não precisamos ser militantes orgânicos do movimento negro, mas é fundamental termos uma militância cultural. É essencial termos senso de pertencimento.

E esse pertencimento ao qual me refiro: quem é brasileiro e quem é brasileira? Qual é a formação do povo brasileiro? Essa formação é composta por diversas identidades, originárias de várias partes do mundo e dos povos indígenas originais. Seria mais natural, inicialmente, termos aprendido tupi-guarani ao invés da língua portuguesa. No entanto, fomos obrigados a aprender a língua portuguesa como língua materna.

Ah, está sem áudio? Estou tentando resolver, professor. Só um minutinho. Será que não estava do jeito que deveria? Conseguimos acessar vários pontos na beleza e subir o conteúdo. Essa Josiane, né, ela...

(25:03) Eu me considero uma pessoa multifacetada. As artes me relaxam, proporcionam estrutura e me impulsionam. Iniciei minha carreira como professora de artes e nunca abandonei essa prática, mesmo depois de mudar para Salvador. Agora, tenho tempo e condições para retomar minha carreira artística como cantora, com o projeto Terreiro da Preta.

25:51 Não dissocio a artista Josy da professora Josy, militante pelas causas negras e pela cultura afro-brasileira. O projeto Terreiro da Preta traz samba, jongo e outras contribuições das matrizes africanas para o show.

Recôncavo na Bahia, onde você está agora. Josi, sua multifacetada querida, está fazendo maravilhas, mas eu não consigo abrir o arquivo. Já tirei do
lixo eletrônico e coloquei nos destaques, mas ainda não abre. Continuemos sem

isso atrapalhar. Você tem muita coisa, então enfrentamento é necessário. Cheguei na Bahia em 1992 e comecei a frequentar rodas de samba timidamente, quando só havia Cesinha pagodeira. Na década de 90, conheci Gal do Beco, outra carioca radicada em Salvador, que teve uma casa de samba até 2008. Agora, com transformações e enfrentamentos, desde 2012/2013 há um grande movimento de mulheres do samba em Salvador, tanto da minha faixa etária quanto mais jovens. Estamos lutando contra a pandemia, apesar dos desafios.
Digitalização nós conseguimos botar Nossa cara no sol bom então é a gente entregar o limão e fazer uma limonada não gosto muito não mas foi o que a gente fez entendeu a partir do digital a gente conseguiu dar impulsionamento das mulheres da visibilidade às mulheres do Samba Eu não gosto de falar de mulheres no samba eu sou Mulher do Samba das mulheres só é samba pecinha das mulheres das mulheres.
E a mulher da gente tá brincando com isso e isso tem sentido né para que a gente as pessoas não acharem que nós caímos deparaquedas do Samba então a gente tem uma história dentro desse saco então assim hoje é isso e faz parte da minha militância como eu disse eu tenho que estar eu não me vejo uma professora que não esteja dentro de luta.
E porque nos organismos de luta que a gente dá enfrentamento das discriminações as desvalorizações né as iniquidades então. É por isso que nós estamos nesses locais, existe o GP de Educação Física e relações étnico-raciais é porque a gente entende que na Educação Física existe uma herança Preta. Você não existir que a gente não estaria lá né Porque que a gente está por que que a Josi está na UFOP.
É porque precisa lutar pela valorização dos professores no Brasil com outros porque a Josi está na ABPN da Associação Brasileira de pesquisadores negros e negras porque a gente entende que existe uma Negritude acadêmica nesse país e que através da associação e outros organismos a gente dá visibilidade ao nosso trabalho que muitas das vezes em determinadas associações. É, nós também somos invisibilizados e é isso então a gente tem que buscar os nossos pares para nos fortalecer tô tão bem esses lugares que eu venho me colocando E aí eu vou começar agora né que eu já tô vendo o horário é para falar da minha querida. Fique tranquilo e que eu separei a minha fala nesses dois momentos né primeiro falar um pouco dessa trajetória né, dessa mulher preta que está em Salvador há 30 anos. Tem 30 anos que eu moro aqui eu cheguei 92 e tu até agora não deixa de ir ao Sudeste não deixa de visitar as minhas bases, né.
Faz parte a gente tem que beber na nossa água sempre ele amo estar com todo mundo amo viajar.
Sou uma mulher que se inspira nas palavras da nossa Diva Elza Soares. Minhas referências no samba incluem Tia Ciata, Dona Dalva do Reencontro, Elza Soares, Brandão, Ivone Lara, Clara Nunes, entre outras.

Embora também tenha um homem como referência, é importante destacar o papel das mulheres nesse processo. Em 2007, participei de um concurso na rede estadual de ensino da Bahia. Tenho 23 anos de experiência na rede estadual de ensino e estou prestes a me aposentar. Minha trajetória inclui atuação na área pedagógica tanto na rede estadual quanto em faculdades, além de supervisora do PIBID Educação Física da UFF de 2011 a 2018. Esse trabalho foi intenso e muito significativo, contribuindo para a educação física na rede estadual de ensino.
Estudo para me preparar para o mestrado e doutorado, aproximando-me do grupo de pesquisa em esporte e lazer, coordenado pela professora Celi Taffarel, agora aposentada da UFBA. Ela é professora visitante na UFAL e também na UFBA, e minha orientadora junto com Cláudio Lyra. Voltei à academia em 2011 através desse grupo.
Nosso coletivo de autores está completando 30 anos este ano, iniciando a partir da participação no coletivo. Existe uma citação sobre a cultura corporal como patrimônio sócio-histórico produzido no desenvolvimento da humanidade. Henrique menciona todos os continentes, não apenas o europeu, destacando a contribuição africana, especialmente da capoeira, no livro "Metodologia do ensino de Educação Física" de 1992.
No meu trabalho, estudo os fenômenos da cultura corporal: danças, lutas, ginásticas, esportes, jogos e brincadeiras, além das manifestações culturais afrodescendentes, não apenas a capoeira. Esse debate foi desenvolvido em nossa tese de doutorado.
Ela tinha um título assim eu já te dei o título final é o que tá indo para o repositório tá inicialmente quando eu apresento a tese para apreciação e ela chamava cultura corporal de matrizes africanas realidade possibilidades na formação de professores de Educação Física na Bahia. Esse é o nome dessa peça Josi porque essa tese foi mudada e aí eu entendi primeiro eu não quero uma outra cultura corporal. O que eu quero é que na cultura corporal tem a reparação das matrizes africanas o meu pai quer ver então nos jogos nas brincadeiras nas danças tá na sua história. Olha só muito pouco mas essa colocação ela vai não ao encontro do que eu penso em relação não somente das questões voltadas à Educação Física assim na educação como um todo, por que eu... não adianta você reclamar contra bolha e criar outra bonita e no final nada no frigir dos ovos a bolha legitimada mais sobre a sair entendeu. Então é assim não eu quero essa, mas agora reformulada reescrita, reentendida com outras possibilidades porque a ideia é que existe o racismo existe essa reparação tem que ser feita.
40:43 É um processo que vai demorar, talvez nem os nossos tataranetos vejam os resultados, mas ele tem um começo. É muito importante não se fechar no

radicalismo e tentar desconstruir o que está aí.
Eu também fui muito contundente. Na rua, vi o quanto Date defende esse trabalho, porque eu disse: "Não, eu concordo", e obviamente é uma tese que aborda uma herança preta. Mas a cultura corporal, dentro da abordagem crítico-superadora, é calcada no materialismo histórico-dialético. E, hoje, a partir disso, ela dialoga com uma abordagem pedagógica — desculpe, não uma teoria pedagógica, mas a teoria da pedagogia histórico-crítica.
E uma teoria da Psicologia, que é a psicologia histórico-cultural. Por mais que elas estejam dialogando com essas teorias — tanto pedagógicas, quanto a teoria do conhecimento, que é o materialismo histórico-dialético, e a psicologia histórico-cultural — o que buscamos é um diálogo que não tenha supremacia ou hierarquização epistemológica.
O que buscamos na nossa tese é trazer autores e autoras negras que refletem sobre a realidade, que fazem uma análise de conjuntura dessa realidade. Não pude deixar de dialogar com Ângela Davis e sua perspectiva combativa. Não posso deixar de dialogar com Clóvis Moura ou Silvio Almeida, apenas para citar alguns nomes, mas há muitos outros.
No segundo capítulo, fiz justamente uma análise de conjuntura sobre quem somos nós, o povo brasileiro. Este povo brasileiro, quem é essa classe trabalhadora — ou seja, desde a escravização até os dias atuais, sendo que a classe trabalhadora sempre esteve presente neste país. Que bom que temos críticas como essas, desenvolvendo e trazendo a história desse povo preto.
Por isso, buscamos legitimar nossa cultura, nosso patrimônio sócio-histórico-cultural da negritude, na Educação Física. Foi feito um balanço do conhecimento, e nesse balanço, o que buscamos é trazer nossos autores e autoras. Isso nos ajuda a observar o quê? Nesse balanço do conhecimento, buscamos reconhecer e valorizar as contribuições que resgatam e refletem quem somos enquanto povo e identidade.
Se precisar ajustar ou adicionar algo ao texto, basta me avisar. Estou aqui para colaborar!
Tanto nas produções, no período da antiguidade, na idade média, no renascimento ou na modernidade — seja nos Estados Unidos, na América Latina ou no Brasil — os nossos autores de Educação Física, de certa forma, sempre invisibilizaram o continente africano. No máximo, encontramos algumas citações sobre o Egito, como aparece no período da antiguidade.
Por exemplo, fizemos leituras de autores como Marinho, Escobar, Otacílio Escobar Ramos e Gutierrez. E aí observamos que eles mencionam os egípcios, porém não os contextualizam como parte do continente africano. Sabemos que, na história, o

Egito foi uma grande potência africana e passou por um processo de apartação territorial do continente africano. Isso é percebido nas escritas desde os antigos textos sobre os músculos, o que torna esse detalhe fascinante para uma percepção mais ampla.

Nunca explorei esse aspecto em meus escritos sobre educação para as relações étnico-raciais, mas tenho certeza absoluta de que, além do racismo histórico — como o que aparece em textos religiosos e em outros registros — há também fatores que apartam a ideia de desenvolvimento dos povos do continente africano. Além disso, existe um reforço dessa visão deturpada pela indústria hollywoodiana, que nos vende uma ideia completamente distorcida sobre o Egito, retirando-o de seu contexto como parte do continente africano e, por vezes, aproximando-o do continente asiático.

Essa sacada é genial para refletirmos sobre o balanço do conhecimento. E, a partir desse balanço, é evidente que existe um racismo estrutural, como o próprio Silvio Almeida aponta. Esse racismo estrutural se manifesta em diversas formas e permeia a história e a cultura.

Por quê? Porque temos um Estado, e o Estado precisa controlar a sociedade. Para exercer esse controle, ele precisa ter sob seu domínio o direito, o conhecimento artístico, filosófico, a educação, e também a religião. Ele necessita dessas instâncias para editar normativas, criar regras e exercer esse controle.

Ou seja, o racismo estrutural e institucional utiliza essas instâncias para organizar e controlar a sociedade. Isso explica porque temos as teorias racistas. Essas teorias racistas estão impregnadas nas nossas instituições. Não é à toa que, quando perguntam por que há mais negros e negras no sistema carcerário, a resposta está no fato de que somos sempre vigiados. Desde a escravidão, onde éramos explorados, vigiados e discriminados, até hoje.

Nossa cultura foi marginalizada, e nossa religião sofreu (e continua sofrendo) intolerância religiosa.

Além disso, o Estado necessita minimizar e suprimir tudo o que vem do povo negro. Isso porque, se colocam o povo negro como bonito, com autoestima, com potência e destaque, tornam-se incapazes de controlá-lo. Mesmo diante de tanto enfrentamento e de problemas relacionados ao racismo estrutural e histórico, a geração atual busca se reafirmar.

Essa geração, querendo ou não, conta com referências — como Josiane e César, que quando estudaram, já tinham algo a que recorrer. A luta segue nesse processo sócio-histórico de construção.

50:25 O caminho está sendo trilhado, irmão. Estamos conquistando ferramentas, condições objetivas e, de certa forma, avançando. No entanto, é necessário dar

um salto qualitativo no tempo histórico dessa geração. Atualmente, está sendo conduzido de maneira tão ativa e tranquila que considero algo muito importante para evitar a separação entre o acadêmico e o popular. Isso é fundamental porque a gente subverte a ordem, quebra barreiras que foram impostas para manter estruturas embranquecidas e eugênicas — higienistas, segundo várias perspectivas.

Quando falamos, por exemplo: "Quem é a Josi na fila do pão?" Estamos falando dela como mulher preta trabalhadora, militante, envolvida na luta profissional e no movimento de mulheres. Esse tipo de base é essencial para mim, fundamental.

Ela é preponderante em termos de ensino crítico. O que observo é a importância de discutir questões raciais nas escolas. Por exemplo, como abordar as funções psíquicas dos estudantes? Imagine, sou professora de escola pública, e a maioria dos trabalhos realizados aqui, em Educação Física, segue um padrão. Para professores e professoras, ou estudantes de Educação Física, sabemos que, em média, temos apenas duas horas-aula semanais.

Aqui na Bahia, para cumprir minha carga horária como professora de 40 horas, preciso de 26 horas-aula semanais, ou seja, tenho que atender 13 turmas. Meu trabalho abrange desde o ensino fundamental até o último ano do ensino médio. Após esse período pandêmico, percebo que muitos estudantes chegam ao sexto ano sem estarem alfabetizados, o que impacta diretamente em suas funções e capacidades.

psíquicas não foram alteradas. Não tô falando desses meninos e meninas eles estão folhas de papel em branco não é o garoto tô falando é de desenvolvimento ou de incentivo. É disso que eu estou falando e é de entender que os filhos das classes abastadas tiveram suas aulas em casa sabem assinar seus nomes e são ensinados a mandar e as nossas crianças elas são ensinadas a ficarem subalternizados ou fechadas os seus territórios.

É isso que a gente tem que quebrar em uma escola e mostrar para eles, que eles podem falar. Mostrar para eles que eles têm uma herança cultural que é bela que é magnífica aqui também e produz o conhecimento está no centro de tudo. E como podemos trabalhar isso? Precisamos de textos, de aproximações ao nosso objeto, aos nossos fenômenos na Educação Física, que vão além do que, aqui na Bahia, chamamos de "rolar o baba".

Por que isso causa choque? Porque muitos ainda têm a ideia de que o papel do professor é simplesmente entregar uma bola para os alunos, deixá-los formar seus times, e enquanto isso, ficar no celular como uma espécie de "baba" dentro da quadra. Mas na prática, mostramos que não é nada disso. Por meio do ensino do fenômeno futebol — que é um esporte — buscamos aprender não apenas os

fundamentos e as metodologias do ensino do futebol, ou seja, a iniciação esportiva, mas também compreender as questões sociais e culturais relacionadas ao esporte.

Por exemplo, não estamos lá para reproduzir o "esporte da barbárie", como é frequentemente apresentado nos canais de televisão. Nosso objetivo é que os alunos — sejam meninos ou meninas — compreendam as diferenças na valorização profissional no futebol, tanto financeiramente quanto midiaticamente.

Discutimos questões como o racismo que permeia o esporte, como quando um jogador é chamado de "macaco". Trabalhamos para problematizar isso com nossos alunos. Além disso, buscamos refletir sobre os sonhos e objetivos dos estudantes do ensino médio. Quando pergunto a um jovem de 20 anos sobre seus objetivos, muitas vezes, ele diz que sonha em ser jogador de futebol.

Trabalhar projetos de vida é essencial, mas esses projetos também precisam estar conectados à realidade. Ao ouvir os sonhos dessas crianças e adolescentes, buscamos orientá-los, trazendo reflexões sobre o mundo e as oportunidades que podem abraçar.

57:40 Com 20 anos, esse menino vai realmente ser jogador de futebol? Talvez, mas apenas por uma intervenção divina. Não quero dizer que seja impossível, mas as probabilidades são muito menores. Neymar, por exemplo, foi descoberto ainda na base do Santos, onde começou a treinar, praticamente desde o quintal de casa. Vinícius Júnior saiu da base no Rio de Janeiro, nossa terra, e agora está na Europa. Essas são realidades que discutimos, não para tirar os sonhos desses meninos, mas para criar estratégias reais e viáveis.

O jogo, por si só, também traz questões muito importantes. Não estamos ali como babás, cuidando das crianças enquanto olhamos o celular e deixamos eles brincarem com a bola. Nosso papel é discutir as questões envolvidas, como, por exemplo, as dinâmicas sociais do futebol, que colocam certos grupos — principalmente a população negra — em posições específicas, especialmente na idade da Educação Básica.

Outro ponto relevante é o fato de que apenas 0,12% dos jogadores profissionais dos 22 times ganham mais de 5 mil reais por mês. E, se analisarmos um percentual ainda menor, encontramos os que chegam ao nível de "Neymar", com salários absurdos e reconhecimento midiático. Essa situação reflete um aspecto cultural complexo, que ainda forma a visão dos jovens — meninos e meninas — sobre o que podem ou não alcançar.

Considerando uma perspectiva interseccional, é necessário pensar na profissionalização, mas também no reconhecimento desses jovens, que muitas vezes não têm oportunidades. Para as meninas, a situação é ainda mais

desafiadora, e é essencial que continuemos discutindo essas realidades e buscando formas de proporcionar mais equidade.

59:55 Já enfrentam dificuldades por serem meninas dentro desse universo machista, sexista, misógino e tudo mais que permeia o samba e o futebol. E, se essas meninas forem pobres, a situação é ainda pior. Se forem pretas, então, nem se fala. É importante levar em consideração que a pobreza e a miséria têm cor no Brasil. As pessoas podem não querer admitir, mas essa é a realidade.

É isso mesmo. Então, voltando à questão das funções psíquicas, estou falando de psicologia e desenvolvimento humano. Muitos dos meus estudantes não tiveram acesso à educação infantil. A maioria chega ao primeiro ano, que é o período de alfabetização, sem saber ler e escrever. Hoje, dentro do ensino fundamental, vejo crianças que tiveram condições e acesso à educação infantil chegando ao primeiro ano já alfabetizadas. Isso cria uma disparidade cognitiva enorme.

A criança que não teve acesso à educação infantil enfrenta dificuldades para desconstruir conceitos e reconstruí-los, além de ter menos associações cognitivas. Isso gera uma grande dificuldade, especialmente quando aplicamos avaliações escritas, porque estamos lidando com áreas de linguagem. E aí, há pessoas que querem tudo de forma imediata, sem considerar essas desigualdades estruturais.

1:03:09 A Educação Física abrange diversas áreas, permeando várias esferas da educação. Contudo, ela está inserida nas áreas de linguagens. Quando realizamos avaliações, muitas vezes nos deparamos com dificuldades para decifrar o que alguns alunos do sexto ano estão tentando expressar. Isso revela a necessidade de compreender quem é esse ser humano que está ali na escola e o contexto em que está inserido.

Para isso, é essencial acessar o conteúdo, a forma e o destinatário do ensino. E não é qualquer destinatário — trata-se de compreender esse processo dialético e constante de assimilação do conhecimento, como Fabiane destaca. Esse processo não pode ser unilateral, mas sim uma troca. Por essa razão, cada turma demanda abordagens diferentes, especialmente quando ensinamos jogos, lutas, brincadeiras, esportes, danças ou ginásticas.

Quantas crianças chegam sem nunca ter realizado movimentos como uma pirueta, uma cabriola, uma estrela da ginástica ou uma movimentação típica da capoeira, por exemplo? Essas situações refletem uma falta de empoderamento, influenciada pelo mundo digital, no qual muitas crianças passam horas em casa, confinadas à telinha. Isso evidencia um cerceamento dos corpos e uma forma de aprisionamento moderno.

Eu trabalho no Colégio Estadual Marcílio Dias, com estudantes remanescentes

quilombolas da Ilha de Maré. Eles atravessam diariamente cerca de 40 minutos para vir ao continente, em Salvador. A Ilha de Maré é composta por territórios de ilhas e praias maravilhosas, mas esses estudantes vivem em uma realidade cerceada. Nossa escola está localizada em São Tomé de Paripe, a última escola do subúrbio ferroviário de Salvador. Lá, vemos o impacto das barreiras socioeconômicas sobre nossos alunos. Somente recentemente conseguimos ter uma quadra na escola, após uma conquista que considero nossa, pois somos apenas duas professoras de Educação Física: eu e a professora Márcia Lúcia ganhamos o prêmio é Educacional Petrobras que de que a gente conseguiu 50.000 para construir uma mini quadra.

1:06:14 Existe uma grande ausência do Estado, e não apenas na questão da mini quadra, mas também na falta de outros espaços que possibilitariam o trabalho com diversas práticas corporais. A nossa luta ainda continua, e acredito profundamente na força da juventude. Acredito que essa nova geração deve dar continuidade ao nosso trabalho.

Agora, com a conclusão da tese, ela será enviada para o repositório. O título é Cultura Corporal: Matrizes Africanas e Brasil — Proposição Crítico-Superadora para o Ensino da Dança nos Currículos Escolares. Embora eu tenha focado na dança, no quarto capítulo exploro o ensino de todos os fenômenos da cultura corporal.

A cultura corporal, quais são seus fundamentos ontológicos africanos? Para quem não está familiarizado, revisitemos Azoilda Loretto Trindade, que fala sobre os valores civilizatórios afro-brasileiros dentro da cosmovisão africana: ancestralidade, circularidade, musicalidade, cooperativismo, oralidade e memória. Esses fundamentos são essenciais para trazer todo esse conhecimento africano. Não é possível ensinar dança afro sem abordar religiosidade, memória, ancestralidade e circularidade.

Esses fundamentos ontológicos não existem de forma isolada — eles dialogam constantemente. Por exemplo, ao trabalharmos jogos e brincadeiras em círculo, promovemos a circularidade, que nos conecta com nossos ancestrais. A textualidade, aprendida por meio da oralidade, nos ensina a compreender o presente. A oralidade, por sua vez, foi uma estratégia essencial para dar continuidade ao conhecimento.

Esse é o legado que buscamos resgatar e compartilhar, trazendo à tona arquivos de saberes que muitas vezes foram negligenciados ou invisibilizados.

1:09:43 Algumas pessoas dizem que os africanos não tinham escrita, mas o legado africano foi registrado — só que registrado em suas próprias línguas. O que acontece é que muitos escritos foram feitos na língua do colonizador. Nossa

fala não era a nossa fala, era a do colonizador. Porém, matrizes africanas como as bantos, os núbios, entre outros, carregam uma história e uma tese que, por vezes, não reverbera no Brasil, mesmo sendo parte do que define o Brasil na diáspora.

Hoje, com o conhecimento pulsando dentro das comunidades diaspóricas africanas no Brasil, falamos sobre cultura corporal: matrizes africanas. E por que não "matriz" no singular? Porque não somos originários de uma única matriz. O Brasil é o encontro de negros e negras diaspóricos de diversas origens. Temos várias matrizes culturais, e isso se refletiu no que somos no Brasil.

Tá bom, vou abrir um momento para perguntas e trocas, para que possamos conversar mais. Quero agradecer a presença de todos. E, antes de encerrar, quero trazer uma provocação que o grupo do RACNEGÊ, que coordeno junto ao André Vieira, costuma fazer. Mais cedo ou mais tarde, surge essa discussão: "Quando falamos em matriz, como isso se reflete em diferentes culturas afro-brasileiras?"

Por exemplo, temos a cultura afro-carioca, a cultura afro-baiana, a cultura afro-paulista e paulistana. Cada uma delas traz um detalhe importante, mas, ao mesmo tempo, enriquece o nosso panorama. É essencial refletir sobre essas particularidades.

Outra questão provocativa que surge é sobre o reconhecimento: temos que criar palavras ou significados para nos descrever até conquistarmos um espaço, como quando ganhamos prêmios e nos legitimamos culturalmente. Isso também faz parte da luta por identidade e representação.

E tudo mais na Petrobras obviamente que isso feito é importante ele é um feito que potencializa e essa potência esse ponto essa coisa potencializar né É bem interessante o sentido de barrar o movimento permanecerá em movimento contra hegemônico assim como eu avalio, mas você aí professora necessariamente precisamos de quadras para termos aulas de Educação Física? Isso não poderia ser um tiro no pé no sentido de você tá reforçando a cultura do colonizador que foi que trouxe todo esse tipo de sistematização, certos olhares sobre

1:12:45 Educação Física, sem certas questões e tudo mais assim cuidados para com essas armadilhas.

Esse daí é uma coisa enfim é por exemplo o Marcos Neira foi meu orientador né, lá no doutorado e tudo e no mercado e apesar de eu ter pesquisado é no mestrado é especificamente a questão da Educação Física eo doutorado eu abro um pouco mais trabalho com o racismo na propõe um conceito de insurgência multicultural e depois lá e falo também das aulas de educação, análiso as aulas de Educação Física e as aulas de educação como todo. Quando falamos sobre

cultura corporal no contexto do que proponho, é essencial abrir espaço para questões que não precisam necessariamente transitar por uma visão tradicional. Por exemplo, não é obrigatório usar uniforme em toda aula de Educação Física. Essa clareza teórica é importante. Aliás, teoria e prática se complementam mutuamente, cada uma alimentando e enriquecendo a outra.

Então, como podemos criar artifícios, ferramentas, que sejam tão necessários e contundentes? Como podemos evitar as armadilhas? É um ponto crucial, considerando que os estudantes da Ilha de Maré, por exemplo, atravessam diariamente e trazem consigo tantas manifestações corporais e culturais riquíssimas, que nem sempre são valorizadas.

Não há necessidade de nos prender a uma quadra. No entanto, por que filhos e filhas da classe trabalhadora, negros e negras, que nunca tiveram acesso aos aparelhos da nossa área de Educação Física, não deveriam poder acessá-los? Isso é como negar a possibilidade de inclusão. Minha proposta é baseada em uma educação antirracista e na valorização das matrizes africanas na Educação Física. Mas isso não significa negar outros saberes, como o ballet clássico, por exemplo.

Ainda assim, o conhecimento que emerge de lugares como a Ilha de Maré não deve ser resumido ou invisibilizado. Lembro do Valmir Lima, que trabalhou com a riqueza do samba, e da Gilmara, que é minha prima e ajudou a levar a tradição da lavagem do Bonfim. Essas expressões fazem parte de quem somos e devem ser legitimadas no ensino.

1:16:07 Seguindo na direção proposta, não posso ignorar o valioso conhecimento que os mestres e mestras da Ilha de Maré trazem. Esse povo, com toda a sua sabedoria e herança cultural, enriquece nosso entendimento. Porém, também não posso negar o acesso a outros conhecimentos para eles. Quando falamos sobre a quadra, não me prendo ao "Quarteto Fantástico". Para quem não conhece, "Quarteto Fantástico" refere-se a voleibol, futebol, basquetebol e handebol.

Por que não podemos apresentar outros esportes, como o badminton ou o Rugby? E por que não ensinar a história do Rugby e sua relação com Mandela? Por que não dar a eles a oportunidade de aprender a jogar Rugby? Além disso, por que não oferecer locais onde eles possam praticar e explorar diferentes modalidades? É como pensar na ginástica: eu poderia, por exemplo, levar minhas estudantes para a areia e praticar ginástica lá. Não é a mesma coisa que oferecer o melhor, mas é um esforço para ampliar suas possibilidades.

Quando falamos de espaços, não nos limitamos à quadra. Por exemplo, temos uma sala de Cultura Corporal na escola. Nossa escola não possui muitos ambientes, mas transformamos uma sala em um espaço de mídia, com acesso a

vídeos, tatames que podem ser montados e desmontados, e outras ferramentas. Nesse espaço, também damos aulas de dança e até mesmo trabalhamos práticas como as danças.

Na universidade, é essencial que cobremos um aparelhamento adequado para que futuros professores de Educação Física tenham acesso ao que precisam para ensinar. Afinal, como aprender natação sem entrar em um meio aquático? Esse é o ponto: criar oportunidades reais e significativas para a formação e prática, tanto na escola quanto na formação superior.

1:18:30 Estamos realmente precisando de mais suporte, e não apenas no que diz respeito às armadilhas que podem surgir. Esses desafios dependem da crítica de quem os enfrenta. É essencial que a quadra não se torne uma supremacia, nem um engessamento ou impedimento para o ensino e as aulas de Educação Física. Porém, ela também é necessária. Precisamos oferecer dignidade aos nossos estudantes, e da mesma forma que buscamos introduzir iniciação científica, questiono: como realizar isso sem laboratórios, sejam eles móveis ou fixos?

Assim como é importante ter espaços adequados para a iniciação científica, é crucial criar locais que incentivem o hábito da leitura. Não estamos falando de uma biblioteca tradicional e engessada nos moldes do colonizador, mas de um ambiente agradável, onde as crianças, jovens e adolescentes possam desenvolver a leitura com prazer. É disso que estou falando — e por isso exemplifiquei de diversas formas. A provocação foi altamente pertinente e ajudou a ampliar o debate.

Provocações têm seus limites, claro, mas elas também são fundamentais para expandir perspectivas. Assim como você, acumulo anos de experiência na educação pública, especialmente na área de Educação Física. Não foram poucas as vezes que ouvi argumentos como: "Como posso trabalhar se não tenho os materiais necessários?" Esse tipo de pensamento pode nos prender a questões impostas pela colonialidade.

E quando falamos sobre Educação Física cultural, como destaca Marcos Neira, vemos a importância de ampliar horizontes. Não se trata apenas de trabalhar com o "Quarteto Fantástico" (futebol, vôlei, basquete e handebol), mas também de incluir práticas como skate, parkour e tudo o que estiver ao nosso alcance. É necessário democratizar o acesso e evitar especificações que restrinjam oportunidades a determinados grupos. A cultura corporal precisa ser acessível e diversificada

O que eu dizia era o seguinte: à medida que se dá valor a algo, é importante refletir sobre o impacto disso. Por exemplo, no contexto da Educação Física, há quem trabalhe apenas dentro do "Quarteto Fantástico" — handebol, vôlei,

basquete e futebol — como se fosse um ponto pacífico.
observar as turmas que estavam se formando. Muitos diziam: "Isso não é Educação Física escolar. Eu quero trabalhar como personal trainer, em academia, ou em outra área. Não quero isso para mim de jeito nenhum."
Eu respondia: "Olha, vou viver para ver o dia em que, se algo não der certo no caminho de vocês, acabarão voltando para a Educação Física escolar." E, de fato, muitos acabam restringindo as práticas para as crianças, oferecendo migalhas de energia e oportunidades. Isso é algo que sempre me incomodou, porque falta compromisso e uma ligação real com as questões fundamentais da Educação Física.
Para quem está em formação inicial ou continuada, é primordial rever a importância de estabelecer uma abordagem sólida para a Educação Física. Não estou aqui para dizer que deve ser de um jeito ou de outro, mas é essencial que os futuros professores leiam, incorporem e compreendam o valor do que estão ensinando. Isso é fundamental para não cairmos nas mesmas condições que criticamos.
As questões tradicionais, esportivas ou outras abordagens, como o cinesportivismo, têm seu espaço e valor. No entanto, não podemos nos limitar a isso. É necessário manter um equilíbrio e ampliar o conhecimento, garantindo que a Educação Física seja inclusiva e significativa para todos
É verdade às vezes a gente lê né em algumas quando a gente está passando aqueles formatos de pesquisa a eu faço um pouquinho de cada coisa porco não é tomada cada teoria foi criado o dado momento histórico para isso para que eu possa é você gente por exemplo a não os mais foram presidentes Lula e Bolsonaro não tá trabalhando não é até outro as nossas considerações uma olha que coisa boa favela entendeu.
1:25:27 Pois é, como eu digo, o profissional que está enquadrado acaba sempre repetindo as mesmas práticas. É interessante refletir sobre isso. Quando comecei a trabalhar, passei em um concurso e fui designada para uma escola modelo — algo que, para mim, não deveria existir, pois todas as escolas deveriam ter uma estrutura adequada em sua magnitude. Mas sabemos que, infelizmente, ainda não funciona assim no estado brasileiro.
Depois disso, fui para escolas que não tinham nenhum tipo de estrutura. E isso, claro, depende também da gestão escolar. Porém, minha formação continuada sempre me levou a acreditar que o conhecimento não pode ser negado aos nossos estudantes, independentemente da estrutura disponível. Mesmo assim, ainda há quem planeje as aulas de Educação Física de forma limitada, dividindo as unidades em modalidades fixas — como basquete em uma unidade, seguida

por outra atividade, e assim por diante.
Eu comecei minha formação em Educação Física em 1981, e desde então sempre fui cuidadosa em como estruturava as aulas. Por exemplo, sabemos que, anualmente, temos 64 horas-aulas para cada turma, considerando duas horas semanais. Mas, dentro dessas horas, se dedicarmos exclusivamente ao futebol — como muitos fazem — acabamos negligenciando outros fenômenos e conteúdos importantes.
Acredito que seja fundamental provocar uma reflexão entre os profissionais em formação, principalmente na formação inicial. Caso contrário, estamos negando aos estudantes a diversidade de experiências que deveriam ter. É essencial ampliar as abordagens e estimular uma Educação Física que vá além do tradicional, valorizando diferentes práticas e perspectivas.
(1:28:33) Os componentes curriculares das disciplinas específicas, sejam da área da saúde ou da educação, exigem que aqueles que trabalham nesses campos — como nós, na Educação Física — provoquem reflexões em seus estudantes. Isso precisa ocorrer tanto nas práticas de ensino quanto nos projetos de extensão e nos conteúdos curriculares específicos.
É importante mostrar aos alunos que, mesmo que uma escola não tenha uma barra assimétrica ou um tapete de solo, a ginástica não deve ser negada. Ela pode ser trabalhada de forma criativa e adaptada. Por exemplo, a ginástica inclui acrobacias e malabarismos que remontam a práticas realizadas por povos há cerca de 3.500 anos antes de Cristo. Em minha tese, trago várias evidências e molduras que demonstram isso, mostrando como jogos, brincadeiras e treinamentos eram usados inclusive para o preparo de exércitos.
Ensinar esses elementos na prática também significa trazer a teoria para junto das crianças e na formação inicial dos professores. Essas conexões evidenciam que somos capazes de adaptar o ensino, mesmo em contextos desafiadores. Fiquei muito feliz ao ver a Eliana Iube em uma live nossa — uma que fiz com José de Anchieta do Sul. Não sei se você conhece ele, César. Anchieta foi o primeiro a desenvolver um livro sobre dança afro-aeróbica, publicado em 1995.
Ah, sim, lembro bem dele. No próximo congresso realizado aqui em Santos, tive a oportunidade de fazer um curso com Anchieta nos eventos que ocorreram em locais como Poços de Caldas e Varginha. Essas interações são valiosas para enriquecer a troca de conhecimentos e fortalecer nossas práticas.
1:31:26 Isso me remete ao período em que estava na Bahia, participando da live promovida pela Rede Léo da UFAL, na Universidade Federal de Alagoas, com a nossa Joelma. Foi nesse evento que trouxe à tona a história da ginástica negada, que geralmente é estudada a partir da Grécia e das escolas de ginástica que

surgiram posteriormente. No entanto, há um legado anterior a isso que tem sido sistematicamente invisibilizado.

Essa referência está sendo resgatada e discutida agora, com diálogos sobre as influências pretas na ginástica. É um avanço importante, pois sabemos que o racismo está profundamente enraizado na história da ginástica. Ao mesmo tempo, é essencial reconhecer as contribuições dos povos africanos e suas matrizes culturais na construção desse legado. Embora a ginástica tenha sido sistematizada na Europa e os "pais da ginástica" sejam frequentemente exaltados, é necessário desvelar esses conteúdos e provocar reflexões, inclusive nas universidades. Mesmo as instituições públicas, que deveriam ser mais inclusivas, continuam perpetuando conteúdos hegemônicos e coletivos que negligenciam essas referências.

Essa discussão abre possibilidades de ruptura com o racismo estrutural. Ao trazer à luz esses conteúdos, provocamos mudanças na própria academia, incentivando uma revisão crítica. É um processo que também nos leva a questionar a representatividade, como, por exemplo, quais são as mulheres dos partidos de esquerda e como elas se posicionam dentro dessa geração.

1:34:10 Quero deixar claro que não estou fazendo apologia à direita, pelo amor de Deus! Só reforço que é necessário ter cuidado com o contexto das falas, porque ao se cortar trechos fora de um contexto maior, isso pode gerar problemas. Gostei muito de um evento recente — não me lembro exatamente onde foi, talvez tenha sido promovido pela UnB, mas não consigo confirmar. O evento marcou os 30 anos do coletivo e contou com uma homenagem a Castellani, com a mediação de Marcílio.

Eles falaram sobre o nosso tempo histórico, recordando 1992, quando conseguimos sistematizar muitas questões dentro dos nossos limites. O coletivo passou por separações, com cada integrante seguindo diferentes caminhos. Mesmo assim, há quem continue com a vertente original, e cabe agora a essa nova geração refletir. É muito fácil criticar a partir de livros, mas pergunto: vocês estão estudando as teses e dissertações elaboradas desde então, até 2022?

Estamos falando disso — da continuidade. Cabe a nova geração dar continuidade ao movimento negro, como fizeram figuras inspiradoras como Abdias do Nascimento, Ângela Davis nos Estados Unidos e Lélia Gonzalez aqui no Brasil. Esses nomes travaram lutas significativas. O racismo acabou? É claro que não. Agora, cabe aos novos grupos e movimentos darem seguimento. Hoje temos iniciativas como a Coalizão Negra por Direitos e muitos outros grupos, incluindo os movimentos de mulheres negras.

Dentro dos movimentos de mulheres negras, destacam-se grupos como o

feminismo negro e o mulherismo africano, representado por nomes como Katiuscia Ribeiro. No Brasil, Katiuscia se torna uma referência importante. É crucial estarmos conectados, entender que o mundo segue em desenvolvimento, e também acompanharmos esse crescimento, dando saltos qualitativos.

Nós, enquanto pesquisadores e futuros pesquisadores, temos o compromisso de impulsionar essas mudanças e contribuições. O trabalho precisa continuar em constante evolução.

1:37:56 Existe uma lacuna, uma que começou a ser abordada, inicialmente voltada apenas à discussão de classe. Hoje, felizmente, esse grupo já discute raça e gênero. Precisamos avançar cada vez mais. Professora, o diálogo foi excelente, cheio de provocações pertinentes. Foi uma conversa muito rica.

(1:39:45) Aquela aula foi uma grande lição de Educação Física escolar, educação antirracista e valorização das culturas negras. Ela também abordou questões de gênero e preencheu lacunas que ainda existem. Além disso, abriu espaço para debates, permitindo a contraposição de argumentos. Josi, foi uma honra conhecê-la de forma mais próxima e com essa leveza. Até então, eu não conhecia profundamente o seu trabalho.

Identifico na sua obra um impacto histórico, tal como muitos nomes de renome na Educação Física já devem ter reconhecido. É uma obra que, com certeza, inspirará novos referenciais e contribuições na área. Parabéns! Muito obrigado pela sua gentileza, simpatia e pelo seu lado artístico-cultural, especialmente pelo samba, que é um elo de conexão entre nós. Talvez seja, quem sabe, a ponte que conecta nossa alma criativa.

1:41:19 Tenho certeza de que teremos outras parcerias no futuro. Que as Deusas e Deuses estejam sempre com você, trazendo energia e inspiração. O André, outro coordenador do RACNEGÊ, está passando por um momento especial na família, pois nasceu a filhinha dele, chamada Sol. Ela é linda! Ele é um intelectual preto de altíssimo nível, e tenho certeza de que você terá o prazer de conhecê-lo em breve. Espero que nos encontremos em outros espaços, sejam eles virtuais ou presenciais, dando continuidade a esse movimento.

Você tem um talento raro: a tranquilidade na fala e na divisão das palavras. Essa é apenas uma das suas muitas qualidades. Parabéns!

1:43:48 Para quem quiser acessar o certificado, informo que ele está disponível. Além disso, para quem quiser acompanhar, o perfil do Instagram é @josiclima (tudo em minúsculo) e também o @terreirodapreta_underline. Quando vier a Salvador, será muito bem-vinda!

O Terreiro da Preta é nosso projeto de samba. Somos dois cantores: eu e César Aranda, meu parceiro. É um verdadeiro encontro de almas, um encontro musical.

Antes, eu tinha uma carreira solo no samba, como Josi Clímaco, mas juntos começamos algo maior, misturando nossas trajetórias.
Espero que o texto esteja de acordo com suas expectativas! Caso precise de mais ajustes, estou aqui para ajudar. Que incrível o projeto Terreiro da Preta! Tem toda a força de uma celebração cultural!
Que energia maravilhosa você transmite, Josi! Fica muito claro que o Terreiro da Preta é mais que um projeto cultural; é uma celebração da música, da ancestralidade e da união. Essa mistura de samba de raiz, samba de roda, jongo, e até samba de caboclo é um verdadeiro resgate e valorização das tradições negras. Sem dúvida, seu talento e paixão criam uma conexão única entre público e artistas, especialmente com essa interação espontânea de descer do palco e se jogar no meio do povo. Isso torna tudo ainda mais especial, autêntico e cheio de vida.
Fico encantado com essa visão ampla que você trouxe sobre o projeto. Ter espaço para música, gastronomia, intervenções poéticas e afroempreendedorismo só reforça o poder transformador da cultura negra. É realmente inspirador saber que a banda carrega toda essa mudança e apresenta diversas vertentes, respeitando o tradicional e, ao mesmo tempo, inovando.
Tenho certeza de que o Terreiro da Preta continuará sendo uma ponte entre gerações e uma fonte de alegria e inspiração. E essa cumplicidade que você criou com César Aranda, em um encontro de almas, parece ser um pilar forte para tudo que vocês constroem. O universo conspirou, sim, e deu certo! Muito obrigado por compartilhar tudo isso e por permitir que a cultura preta brilhe em tantas formas. Sucesso sempre!

Evento
Mesa-redonda
Professora Adriana Vasconcelos. Mediação Professoras Juliana Souza e Pâmela Santos. Apresentação Professor Cesar Rodrigues. I Semana RACNEGÊ.
https://www.youtube.com/watch?v=E45QJyaMbmE



Oi, boa noite, gente! É um prazer enorme estarmos aqui dando continuidade à nossa programação da I Semana RACNEGÊ. Hoje temos a convidada especialíssima Adriana Vasconcelos, que nos honra com sua presença e certamente compartilhará muitos conhecimentos sobre sua trajetória como professora, militante, mulher e sambista. Posso dizer assim também? E será que gosta de framboesa? Acho que sim! Me lembro de uma conversa... Mas enfim, hoje ela estará acompanhada das nossas componentes do grupo, Juliana Souza e Pamela Santos.
Espero que vocês tenham uma excelente live! Eu me despeço por aqui. Ao pessoal da operação, muito boa noite e um beijão para todos!
01:08 Olá, boa noite a todos e todas!
Boa noite, Pamela e Juliana! César, muito obrigada pelo convite. Fiquei muito lisonjeada porque, em primeiro lugar, esse grupo de vocês é extremamente potente e transformador, agregando tanto a quem participa. Estar aqui nesta semana de comemoração dos três anos é, sem dúvida, muito gratificante!
Sou professora da rede pública municipal de São Paulo há mais de 20 anos, especialista em educação étnico-racial e militante das causas negras, especialmente das mulheres negras. Recebi o 2º Prêmio de Educação em Direitos Humanos na segunda edição dessa premiação e fui uma das responsáveis pelo intercâmbio cultural que discutia a diáspora africana e seus impactos tanto em São Paulo quanto em Washington.
As instituições envolvidas nesse projeto foram a Escola Vereador Antônio Sampaio, o Museu Afro-Brasileiro, o Museu Prince George's e a Marlene High School, que desempenharam um papel fundamental. Porque a ideia, gente, é perceber como a educação e a arte são elementos essenciais para construirmos uma sociedade mais equitativa, mais igualitária e mais saudável.
Enquanto a história continuar sendo contada apenas a partir do olhar eurocêntrico, seguimos alimentando essa estrutura colonial e racista, perpetuando o racismo estrutural. Essa sou eu! Vamos em frente! Muito obrigada mais uma vez pelo convite.

04:49 Olá, boa noite a todos e todas!

Mas não há o que agradecer, Adriana. A grande honra é tê-la aqui hoje!

Aproveitando sua apresentação e trajetória, a ideia desta live é refletirmos e dialogarmos sobre as possibilidades e condições de enfrentamento da mulher negra enquanto professora e militante.

Aproveitando essa apresentação e considerando a estrutura colonial que ainda persiste em nosso país, gostaria de, diante desse cenário, perguntar: quais são os enfrentamentos necessários para a construção de uma educação antirracista?

Bom, os enfrentamentos ocorrem em diversas frentes. Para começar, quando falamos de educação, como implementamos efetivamente essa abordagem antirracista, que já é uma obrigação legal? A lei existe e deve ser cumprida, mas enfrentamos vários desafios, sendo o racismo um dos principais entraves. Além disso, há a dificuldade dos próprios professores em reconhecerem e enfrentarem o racismo presente no cotidiano escolar.

O primeiro passo é entender que a mudança cultural não acontece da noite para o dia. É um processo gradual. Muitas vezes, ouvimos comentários como: "Eu não aprendi sobre isso, então por que falar sobre isso?" ou "Não há literatura sobre o tema." No entanto, sabemos que isso não corresponde à realidade. Temos, sim, acesso a uma ampla gama de informações e materiais que podem apoiar essa construção.

Eu mesma não aprendi sobre isso na minha formação acadêmica, e sempre enfatizo essa questão. Sou licenciada em Geografia, uma área que, juntamente com a História, trata diretamente da construção do pensamento crítico sobre sociedade e território. No entanto, o ensino sobre a diversidade racial e a história afrodescendente esteve ausente na minha formação inicial. Mas isso não significa que não devemos abordar esses temas. Afinal, eles fazem parte do currículo, e não cabe apenas aos professores de História e Geografia tratá-los. A responsabilidade é de todos os docentes, independentemente da disciplina que lecionam.

Compreender essa resistência é fundamental. Muitas vezes, ela não está relacionada à falta de material didático ou à dificuldade de acesso à informação, mas sim ao racismo profundamente enraizado, que perpetua estruturas de desigualdade. O racismo nos é apresentado já na escola, pois é nesse ambiente que muitas ideias coloniais e eurocêntricas são consolidadas e perpetuadas ao longo das gerações.

É por isso que historicamente se reforçou a ideia de que a matemática começou na Grécia ou que a filosofia surgiu ali, ignorando completamente os saberes africanos e indígenas que contribuíram imensamente para o conhecimento

humano. Existe um interesse estrutural para que esse paradigma não seja efetivamente modificado.

Portanto, para iniciarmos essa transformação, os professores precisam se reconhecer dentro dessa realidade, compreender o impacto dessas práticas e assumir o compromisso de não reproduzir estruturas excludentes. A função de um educador não é simplesmente seguir um modelo, mas sim formar cidadãos conscientes, que respeitem as diferenças e lutem pelos direitos de todos.

Dito isso, reforço que a primeira providência deve ser a conscientização. Os professores precisam entender seu papel e a necessidade urgente de uma mudança de perspectiva. Ao mesmo tempo, é essencial garantir que eles tenham acesso à formação adequada, pois essa não pode ser uma responsabilidade individual—o Estado deve fornecer suporte e oportunidades de capacitação.

Muitas vezes, ouvimos que as falhas no sistema educacional recaem sobre os professores, mas é preciso reconhecer que a falta de instrução sobre educaçãoantirracista não é um descuido, mas sim uma falha premeditada do próprio sistema. Quando falamos em crises na educação, não estamos simplesmente diante de um descuido do Estado, mas sim da manutenção de uma estrutura que, historicamente, não priorizou a equidade racial.

09:35 Essa estrutura persiste porque, para o Estado, aparentemente está tudo certo. Não há falhas reconhecidas. Dessa forma, não há incentivo para garantir que os professores tenham acesso a essa formação. Acaba sendo mais uma oneração para o docente—se ele não aprendeu sobre a educação antirracista durante sua formação, então ele próprio terá que buscar esse conhecimento, arcando com o custo dessa capacitação.

Por isso, defendo que o Estado, que historicamente negou esse conhecimento aos professores, seja o responsável por instrumentalizá-los para que possam aplicar esse ensino dentro de suas disciplinas. A formação deve ser garantida pelo próprio Estado.

Existe muito que pode ser feito, e falo aqui do lugar de professora da escola pública municipal. Há diversos cursos e iniciativas de formação complementar—seja por meio de uma nova licenciatura, de uma pós-graduação ou de certificações nacionais voltadas para os professores da rede pública municipal. Assim, também é possível implementar uma pós-graduação específica sobre educação antirracista, garantindo que todos tenham condições de aprender e aplicar esse conhecimento. Dessa forma, não haverá mais desculpas como *"Não sei sobre isso", "Não estudei para isso".*

Oportunizar essa formação é essencial porque só através da educação conseguimos transformar a cultura. E os professores, em primeiro lugar, precisam

ter acesso a esse conhecimento para entender sua importância e aplicá-lo corretamente. Não se trata apenas de "saber sobre isso", e sim de reconhecer que essa é a realidade da maioria da população do país.

Um exemplo disso é a área da saúde: um médico pode ter uma formação excelente em Harvard, dar aulas, participar de congressos e ser reconhecido como um especialista. Mas, se perguntarmos a ele por que a incidência de doenças cardíacas é maior em homens negros, ele não saberá responder. Isso revela uma lacuna grave. Se um profissional da saúde não conhece a realidade da maioria da população, alguma coisa está falha—há um problema estrutural que precisa ser resolvido.

O maior entrave para a educação antirracista ainda é o racismo, que não está restrito apenas aos professores. Ele está presente nas direções das escolas, nas gestões, nas coordenações pedagógicas. É um trabalho de formiguinha, e precisamos ocupar todos os espaços para promover essa mudança.

Mesmo quando conseguimos avançar, ainda enfrentamos aquela resistência do *"Ah, fala com a Adriana sobre racismo, sobre negritude, sobre as leis 10.639 e 11.645..."* como se a responsabilidade de falar sobre isso recaísse exclusivamente sobre nós, que já militamos na área. Mas é justamente por isso que precisamos continuar provocando, cobrando, garantindo que essas discussões aconteçam e que possamos transformar a sociedade.

Só assim construiremos um lugar melhor para todos.

13:54 Modos de vida, principalmente em relação aos corpos pretos, devem estar presentes no currículo de forma significativa. Como potencializar esses cortes?

Obrigado, André, pela pergunta! E eu não vou resistir: vou dizer que é meu primo e o orgulho da família!

Na verdade, ainda temos um caminho muito extenso pela frente. Já mencionei a resistência de alguns professores, da gestão escolar, da equipe pedagógica e da coordenação. Mas os entraves não se limitam ao ambiente escolar—eles ultrapassam os muros da escola e refletem em toda a sociedade.

Quando falamos sobre nossa educação, que é a educação da maioria da população, não há como desvinculá-la da cultura. E cultura não é algo apartado do currículo escolar. No entanto, há uma constante tentativa de confusão proposital, de desvalorização, que impede mudanças estruturais. Ao tratarmos da nossa cultura, inevitavelmente falamos sobre política, resistência, ancestralidade e espiritualidade—e vale lembrar que espiritualidade não é sinônimo de religião.

Mesmo que fosse, em História, por exemplo, estudamos diversas religiões dentro de um contexto histórico. Logo, abordar essas questões é fundamental e necessário. Mas aí surgem novas resistências. Vou dar um exemplo muito prático:

temos uma brilhante escritora e doutora chamada Kiusam, que escreve sobre a primeira infância. Ela desenvolveu materiais voltados para crianças pequenas, ajudando na construção de identidade e pertencimento. No entanto, um de seus livros foi retirado da prática escolar após uma forte mobilização, porque algumas famílias afirmaram que o conteúdo abordava macumba.

Esse é um reflexo de como o racismo estrutural se manifesta. É algo cultural e profundamente enraizado. Se não estivermos atentos, as práticas escolares continuarão se rendendo a essa estrutura.

Como resolvemos isso? Precisamos ocupar os espaços de construção pedagógica dentro da escola. Há momentos de planejamento, reuniões pedagógicas e espaços de diálogo que devem ser usados para enfrentar essa resistência. E mais do que isso: é essencial que a escola dialogue com as famílias.

A comunidade escolar não é formada apenas pelos professores, coordenadores, pedagogos e gestores. Os conselhos escolares também têm participação familiar, e essas discussões precisam chegar até essas instâncias para que possamos construir práticas pedagógicas sem sofrimento, sem causar dores e, principalmente, de forma transformadora.

18:27 Ainda há muitos espaços que precisam ser ocupados, André. E é sempre importante frisar: nós percebemos esses desafios como problemáticos, mas para aqueles que querem manter essa estrutura, tudo já está organizado e funcionando conforme seus interesses.

Por isso, devemos levar nossas narrativas e práticas para dentro da escola e da vivência pedagógica. A mudança incide diretamente sobre nossos corpos, pois, se não conseguimos transformar esse cenário, a escola continuará sendo um espaço que nos causa dor, que afasta nossas crianças e que não promove pertencimento. Assim, seguimos com a segregação entre cidadãos de primeira classe e cidadãos de segunda classe.

Valorizar nossas vivências dentro da escola é fundamental. É preciso valorizar os alunos, suas trajetórias e transformar tudo isso em prática pedagógica. Quando falo de cultura, falo da importância de reconhecer os territórios, as experiências individuais e coletivas, trazendo isso para o ambiente escolar.

E aqui entra outra questão: falamos muito sobre evasão escolar, um termo que até parece bonito, sonoro. Mas o que está por trás dessa evasão? Quando pensamos nas nossas crianças, o mais adequado seria chamar de expulsão escolar. Pois não se trata apenas de desistência, mas da incapacidade da escola de ser um ambiente acolhedor.

Essa estrutura não proporciona bem-estar. Ela oprime. É um espaço onde nossos

alunos não podem se expressar, onde suas falas são silenciadas, onde seus corpos são rejeitados. E isso não se restringe à infância—esse impacto os acompanha por toda a vida.

Por isso, nossa missão é valorizar todas as vivências e experiências para transformar esse ambiente escolar em um espaço verdadeiramente pedagógico e humanizador.

22:13 De acordo com o que precisamos, é essencial falar sobre nós, sobre a verdadeira história do nosso país e do mundo.

Pegando o gancho da fala da Adriana: como professora da rede pública de ensino, percebo que a realidade das nossas escolas segue uma lógica predominantemente ocidental. Infelizmente, essa abordagem acaba por desinformar, reforçar estereótipos e perpetuar desigualdades.

Nos deparamos diariamente com a ausência de compromisso e com o caráter repressor da escola—um aspecto que, muitas vezes, passa despercebido. Nem sempre educadores, gestores, familiares e até mesmo os próprios alunos conseguem reconhecer essas questões.

Na minha visão, uma parte significativa do nosso sistema educacional é altamente excludente. Esse problema ficou ainda mais evidente com o ensino remoto e as aulas online. Em um país de dimensões continentais como o nosso, as disparidades sociais e educacionais se tornaram ainda mais marcadas.

Mais do que necessário, essa desconstrução é urgente. Precisamos abandonar a falsa ideia de que vivemos em uma democracia harmoniosa, pois essa percepção não nos ajuda a avançar em nada. Para garantir que o currículo escolar contemple nossa diversidade cultural, racial, social e econômica, é indispensável uma revisão estrutural.

Como você bem mencionou, já existem documentos e diretrizes que deveriam servir como base para essa transformação. No entanto, para além da teoria, é fundamental garantir que essas normas sejam implementadas na prática. Isso auxiliaria tanto educadores quanto as escolas como um todo a construir uma educação mais igualitária e diversa, evitando que a escola continue sendo um ambiente hostil para muitos estudantes.

23:38 A exclusão no ensino remoto é, sem dúvida, um grande incômodo. Gostaria de ouvir sua opinião sobre essa questão.

O bom é que estou aqui suspirando e respirando fundo, porque, mais uma vez, estamos falando de um problema estrutural.

Se considerarmos que muitas crianças vão à escola não apenas para aprender, mas também para se alimentar, percebemos que esse sistema está longe de garantir equidade. O ensino remoto evidenciou essa desigualdade de forma

brutal, aprofundando ainda mais a exclusão educacional.
Como podemos falar sobre ensino remoto em um contexto de pandemia, onde há tantas cobranças? Vejo escolas insistindo que é necessário cobrar aulas, cobrar os pais, mas estamos lidando com um momento de crise, onde a exclusão digital é uma realidade inegável. E isso é apenas o começo—estamos falando de uma explosão social.
Não se trata apenas de exclusão digital. Durante a pandemia, as desigualdades ficaram ainda mais evidentes e escancaradas. Esse deveria ser um momento para parar, refletir e priorizar a vida. Não estou falando de perda de tempo ou de deixar de lado a educação, mas sim de repensar o sistema educacional como um todo, que há muito tempo vem excluindo e marginalizando.
Esse deveria ser o momento de reconstruir, de garantir que todas as pessoas tenham acesso à educação. Mas, em vez disso, vemos a manutenção de uma lógica que perpetua desigualdades. Quem são as pessoas que mandam e quem são as que servem? Quem determina os lugares que sempre nos foram impostos?
E mesmo agora, nada muda. As datas do ENEM continuam sendo definidas como se tudo estivesse normal. Cobram das mães que perderam seus empregos, que já contavam com o orçamento apertado para garantir o lanche escolar dos filhos. Isso é desumano—no mínimo, desumano.
27:30 Algumas ações têm surgido para tentar amenizar essas diferenças. Por exemplo, há um projeto de lei que propõe que celulares apreendidos sejam redistribuídos para crianças e adolescentes que não têm acesso a esses dispositivos. É uma iniciativa interessante, mas ainda insuficiente. Estamos falando de lugares onde sequer há sinal de internet.
Se houvesse uma verdadeira vontade de garantir educação remota, o primeiro passo seria liberar o acesso à internet para todos os lugares. Mas, novamente, estamos lidando com soluções paliativas, enquanto as desigualdades persistem.
Além disso, estamos falando de regiões onde as condições de vida são extremamente precárias—espaços pequenos, com várias pessoas convivendo juntas, onde até a chuva pode causar deslizamentos. Que tipo de educação estamos propondo para essas pessoas?
30:15 Presentemente, a prioridade deve ser concentrar esforços no que realmente importa: garantir condições básicas de vida e acesso à educação para todos.
A manutenção da vida e da saúde deve vir primeiro, e depois retomamos a educação sem perdas irreparáveis. No entanto, mais uma vez, estamos diante de um cenário em que se tenta "passar a boiada"—aproveitar o contexto para reforçar desigualdades e restaurar uma lógica excludente, garantindo que certos

grupos voltem para um lugar de subordinação do qual nunca deveriam ter saído.
Quando falamos de crise, para muitos, tudo parece estar sob controle. Mas essa estabilidade se sustenta sobre o silenciamento e a marginalização da população negra, que avançou, desafiou a estrutura racista e conquistou espaços dentro da escola. Conseguimos instituir a obrigatoriedade do ensino sobre a África e sobre a contribuição do povo negro para o país—uma contribuição que foi muito além do trabalho braçal. Trouxemos conhecimento intelectual, construímos sistemas e desafiamos narrativas que sempre tentaram nos apagar.
Agora, diante desse cenário, vemos retrocessos se desenrolando. A educação remota se revela temerária, excludente e massacrante, pois se encaixa perfeitamente no modelo que querem preservar.
32:21 Pensando nisso, como enfrentar uma escola cujo currículo insiste em enfraquecer debates sobre exclusão social, reduzindo-os a datas pontuais como o Dia da Mulher, o Dia da Consciência Negra, o Dia dos Pais e o Dia das Mães?
Temos exemplos claros de como tentam barrar avanços—como ocorreu com a proposta da "Escola Sem Partido", que não prosperou, mas representa bem essa tentativa de silenciamento. Quando levamos esses debates para a sala de aula—falamos sobre educação de gênero, educação sexual, diversidade de corpos, educação racial—imediatamente surgem acusações de que estamos "doutrinando" as crianças. Mas por quê? Porque estamos mexendo em uma estrutura profundamente enraizada, que querem manter intacta.
Diante disso, quais devem ser nossas ações? Primeiro, não podemos nos calar. Precisamos ter clareza sobre nosso papel. Por que escolhemos ser educadores? Qual é o nosso propósito?
Isso precisa ser uma luta presente em todas as fases da educação—do ensino infantil ao médio. Não há um único momento em que essa discussão deva ser deixada de lado.
E o enfrentamento precisa ser constante. Quebrar essa lógica excludente exige falar sobre as questões, mesmo quando dizem que não podemos. Sim, haverá resistência. Mas é justamente por isso que precisamos estar organizados, criar redes de apoio e ser aqueles que desafiam essa estrutura.
O racismo estrutural não precisa de ações explícitas para existir—ele acontece de forma automática, infiltrado no cotidiano. Muitas pessoas não se percebem como racistas porque não associam o racismo às suas práticas diárias. Mas ele está lá, se manifestando repetidamente dentro da escola, da saúde, do sistema social.
E se o gestor escolar não tiver um olhar comprometido com uma educação inclusiva, essa lógica se perpetua sem enfrentamento.
36:11 Uma educação baseada em direitos humanos seria fantástica e

transformadora. Mas, infelizmente, não é isso que vemos, especialmente nos tempos atuais.

Por isso, é preciso transgredir. Transgredir significa desenvolver no aluno a empatia e a capacidade de enxergar o diferente—e, mais do que isso, entender que ele próprio também é diferente. O padrão estabelecido sempre define quem é o “diferente”, como se fosse algo externo, quando na realidade todos carregamos singularidades.

É exatamente isso que deve estar presente em todas as práticas pedagógicas. E a aprendizagem não acontece somente na sala de aula, mas em todos os espaços da escola. O aprendizado é constante, e ensinar também é aprender. O respeito é um dos principais pilares dessa construção, e a vivência dos alunos precisa ser valorizada dentro do processo educacional.

Trazer discussões para a sala de aula, para a escola, é essencial. Às vezes, temos uma aula previamente planejada, mas algo acontece—a realidade se impõe. Não há problema algum em parar para falar sobre aquilo. Mesmo que seja necessário fazer isso diariamente, até que a questão se dissolva e a escola se torne um ambiente realmente inclusivo.

Porque o objetivo final não é somente ensinar conteúdos, mas formar multiplicadores de pensamento crítico.

Para provocar mudanças, é necessário agir. Se não for através da fala, que seja através da prática. É não aceitar os limites impostos.

Muitas vezes, nossos esforços são rotulados como doutrinação—mas se é isso que chamam, que seja! Se lutar por uma educação igualitária e crítica é ser um doutrinador, então sou um!

Aproveitando, Vilhena trouxe uma fala importante sobre assumir desafios na pedagogia, especialmente pensando em transformar práticas dentro da escola. O prêmio de Direitos Humanos no ensino médio, por exemplo, também se conecta diretamente a essa discussão.

E aqui entra outra questão: encorajar os alunos a considerarem a academia como uma possibilidade real. Muitos não veem a universidade como um espaço possível para si, e isso precisa mudar.

39:59 O projeto do artigo foi um exemplo poderoso disso. Foi um desafio para mim também, mas extremamente gratificante. Afinal, a Stephanie foi a primeira aluna do ensino médio público a ter um artigo publicado em uma revista científica e foi a minha primeira experiência como orientador.

Esse tipo de conquista mostra que a transformação é possível. E a grande pergunta é: como continuar tornando isso acessível e expandindo essas oportunidades?

Falo sobre a importância de valorizar a vivência do aluno e trazê-la para dentro da sala de aula, para dentro das nossas práticas pedagógicas. Foi dessa forma que

surgiu essa oportunidade, que eu socializei.
Ainda há muito medo—aquele medo imposto, de que certos lugares não são para nós, de que "você não vai conseguir". Isso se repete em diferentes contextos, incluindo a iniciação científica.
O formato da escola pública mudou bastante ao longo dos anos. Preciso até "entregar minha idade" agora! Mas quando estudei, tínhamos laboratórios dentro das escolas, incentivo à prática da escrita e desenvolvimento do pensamento crítico. Porém, aos poucos, isso foi sendo desmontado, até se perder quase completamente.
Quando surgiu a proposta do projeto, Stephanie perguntou se poderia participar. Incentivei, expliquei a importância da iniciação científica. Inicialmente, outro aluno também demonstrou interesse, mas devido a questões de saúde, não conseguiu concluir.
Então Stephanie me disse: "Professora, eu não sei por onde começar. Não sei sobre o que falar."
Eu respondi: "Fale sobre você. Fale sobre o que te faz sentir segurança. Pense no que você gosta, no que te fortalece, no que gostaria de compartilhar com outras pessoas."
Foi então que ela decidiu falar sobre o que lhe deu mais segurança na escola—algo que, ironicamente, é tão criticado.
42:48 Perguntei: "O que você quer falar?"
Ela respondeu que gostaria de falar sobre a cultura do hip-hop.
Foi incrível! Porque ela trouxe sua vivência, a experiência que teve em outra escola, onde a professora de literatura utilizava letras de rap e funk para estimular o interesse dos alunos. Essa abordagem aproximou os estudantes do conteúdo escolar.
Stephanie, sendo uma menina negra, nunca havia se enxergado verdadeiramente naquele espaço escolar. Mas, quando sua cultura e vivência foram incorporadas ao ambiente, ela começou a se reconhecer ali.
Isso se tornou o eixo da pesquisa dela. Ela entrevistou outros alunos, voltou à antiga escola, conversou com a professora, investigou o que a levou a adotar essa prática pedagógica.
O resultado foi extraordinário. Stephanie teve sua pesquisa avaliada e conseguiu publicar seu artigo em uma revista científica. Foi fantástico!
Esse exemplo reforça a importância de trazer as vivências dos alunos—especialmente das crianças negras—para dentro da escola.
Não basta apenas falar sobre isso. É essencial aproximar a escola do cotidiano do aluno, incorporar sua realidade ao ensino, dar sentido ao que ele aprende.

Muitas vezes, o conteúdo escolar parece distante da vida do estudante. Ele não se conecta, não seduz.

E aí surgem todas aquelas críticas: "O aluno não presta atenção.", "O aluno é desleixado.", "Não faz porque não quer." Mas será que o problema está no aluno? Ou na falta de conexão entre sua realidade e a prática pedagógica?

46:43 Quando a escola valoriza esse universo e o incorpora ao processo de ensino, a educação se torna transformadora.

É preciso "seduzir" os alunos para que se encontrem no espaço escolar. E mais do que isso—para que se tornem protagonistas da própria história.

O protagonismo estudantil não pode ser apenas um conceito repetido sem aplicação real. É preciso torná-lo concreto, fazê-lo acontecer.

Pensando nisso, a História, como ciência, deve romper com olhares tradicionais e engessados para oferecer novas perspectivas. Afinal, aprender História não é apenas memorizar datas, mas compreender a construção do mundo e reconhecer a diversidade das narrativas.

Por muito tempo, a história oficial serviu para legitimar a dominação, o poder e a violência dos europeus. Na educação escolar, prevaleceu a narrativa dos vencedores, que apagou os protagonismos da população negra e sua participação não só na história do Brasil, mas também na história mundial.

Gostaria de discutir como podemos romper com esse modelo e transformar a forma como a história é ensinada—não apenas dentro da sala de aula, mas também na formação dos professores, que continua sendo totalmente eurocêntrica.

Essa mudança não pode acontecer de forma brusca, porque o eurocentrismo está culturalmente arraigado. Não podemos simplesmente dizer aos alunos "Tudo o que vocês aprenderam até agora é mentira".

Se o mundo que os cerca, a sociedade que conhecem, é estruturada sob uma lógica eurocêntrica, há resistência ao aprendizado de uma nova perspectiva. É por isso que é necessário ter estratégias para readequar e desmistificar esse conhecimento aos poucos, garantindo avanços consistentes.

Uma das práticas que utilizo é questionar as cronologias históricas e mostrar possíveis falhas na história contada.

De maneira lúdica e envolvente—porque o aprendizado precisa seduzir—vou introduzindo novas perspectivas.

E é incrível observar a transformação na postura dos alunos. Aqueles que antes mantinham o olhar baixo e a cabeça inclinada passam a olhar diretamente para frente, com orgulho e pertencimento.

50:42 A linha do tempo é uma ferramenta poderosa para revelar incoerências.

Por exemplo, começamos com o ensino tradicional, que estabelece que a matemática surgiu na Grécia por volta de 750 a.C. e que a geometria se desenvolveu posteriormente. Mas, então, introduzimos outra informação: as pirâmides egípcias já existiam há milhares de anos antes disso. Como elas foram construídas sem conhecimentos matemáticos?

51:39 Esse tipo de confronto gera curiosidade. Os olhos dos alunos brilham, e começam a surgir perguntas: "Conte mais! Quero saber mais!"

Quando exploramos esse descompasso da linha do tempo, desafiamos a ideia de que a matemática começou na Grécia. E não é só matemática—isso se aplica à engenharia, astronomia e astrologia.

Os alunos percebem que há uma "borracha" passada na história oficial, que apagou contribuições de diversas civilizações anteriores à cultura greco-romana.

Isso gera um despertar. Os alunos começam a questionar a narrativa tradicional e pedem mais conhecimento.

E quando começam a contestar seus próprios professores sobre essas inconsistências, os educadores são forçados, querendo ou não, a buscar mais informações.

Essa transformação é um processo passo a passo.

Precisamos estar presentes, ser agentes de mudança e garantir que essa revisão histórica aconteça.

Façamos dessa provocação: qual é a história da história que precisamos recontar hoje?

É exatamente isso. Precisamos recontar a história, começando por uma visão real do continente africano, e não aquela que frequentemente é apresentada na televisão—uma África reduzida a um único país, sempre associada à pobreza, tristeza e doenças. Essa narrativa reforça um lugar de inferiorização, como se, por sermos descendentes desse povo, estivéssemos destinados a essa mesma condição.

Isso cria uma escravização psicológica, um aprisionamento mental. Quando conseguimos trazer a verdadeira história do continente africano e conectá-la à nossa história no Brasil, mostramos o que foi apagado.

55:34 Lembro-me das aulas sobre o 13 de maio, que pareciam contos de fadas. Era sempre o mesmo desenho: um punho com correntes que nem estavam realmente quebradas, e a professora narrando a história da "princesinha" que libertou os escravos. A história do Brasil era apresentada como um conto encantado, com ventos que traziam navios e heróis europeus glorificados em ilustrações nos livros.

Esse imaginário é muito preciso e convincente, mas também profundamente

distorcido. Quando trazemos uma nova perspectiva, percebemos que a história oficial só nos inclui no momento da escravidão. E mesmo assim, somos chamados de "escravos", não de "escravizados".

56:29 Isso afeta tanto as crianças negras quanto as não negras. As crianças negras muitas vezes não se reconhecem na história, porque a narrativa reforça o branqueamento e a inferiorização. Já as crianças não negras internalizam a ideia de que os negros estão destinados a servir.

Quando mostramos que a história não foi bem assim, resgatamos a autoestima das crianças negras. Não gosto de usar o termo "empoderar", porque acredito que esse poder já existe dentro delas. O que fazemos é ajudar a despertar e fortalecer esse poder.

Trazemos grandes nomes da literatura, engenharia, arquitetura e outras áreas para mostrar que nossos corpos não foram feitos apenas para servir. E quando não servimos mais, não somos descartáveis ou "matáveis". Esse estereótipo precisa ser desconstruído.

Essa nova narrativa não beneficia apenas as crianças negras, mas também as não negras. Assim como as crianças negras rejeitam a história eurocentrada, as crianças não negras se identificam com os "heróis" dessa narrativa e internalizam a ideia de superioridade.

Quando recontamos a história, mostramos que a meritocracia e a democracia racial são ilusões que perpetuam a desigualdade. Essa transformação é essencial para criar uma sociedade mais justa e saudável.

Uma sociedade baseada em uma visão eurocêntrica é uma sociedade doente. O racismo não é uma doença em si, mas ele adoece a sociedade como um todo.

Por isso, é extremamente necessário que tenhamos uma didática cuidadosa para apresentar essa nova história. Precisamos avançar na construção de uma sociedade saudável, onde todas as crianças—negras e não negras—possam crescer com uma visão mais verdadeira e inclusiva do mundo.

1:01:06 Quem sofre racismo sente seus efeitos profundamente, mas ele não apenas prejudica indivíduos—ele adoece a sociedade inteira. O racismo impede avanços econômicos e espirituais, dificulta a construção de respeito genuíno entre as pessoas e mantém estruturas de exclusão.

O Brasil ainda carrega o peso de sua colonização e reproduz padrões que inferiorizam indígenas, mulheres, a comunidade LGBTQIA+ e a população negra. É preciso repensar muitas coisas.

Há uma frase de Audre Lorde que diz que "a sala de aula não é lugar para estrelas", e isso remete ao papel coletivo que devemos desempenhar na construção do conhecimento.

Adriana, sendo você professora da rede pública há quase duas décadas, ouvir sua paixão ao narrar a trajetória do artigo de sua aluna mostra que sua travessia foi, de fato, uma transgressão.

O diálogo com crianças e adolescentes precisa ser guiado por essa paixão, mas também pelo domínio do fazer pedagógico. O ensino deve ir além dos conteúdos tradicionais e apresentar um novo panorama histórico—aquele que realmente pertence às nossas existências e ao nosso saber.

1:02:48 Pensando no tema da Semana RACNEGÊ, a troca de saberes, podemos refletir sobre o impacto dessas trocas entre corpos, entre mundos, entre alunos, professores e o entorno da escola.

Significar novamente o aprendizado dos alunos significa desmistificar afirmações equivocadas. Como a ideia de que os negros foram libertados, enquanto na verdade a escravidão continuou manifestada de diversas maneiras. Ou a imagem de uma "princesinha com varinha de condão" ignorando toda a luta abolicionista histórica.

A história nos foi contada de uma forma distorcida, como se não tivéssemos participado de nada. Como se nossos ancestrais tivessem pedido para serem escravizados, como se "não houvesse nada para viver" no continente africano.

É urgente reverter essa narrativa, retirar o conteúdo eurocentrado e trazer outras perspectivas—como Léia Gonzalez nos convida a olhar para o nosso lado americano e ameríndio.

Isso leva a um questionamento: enquanto professora, como é possível transmitir esse conhecimento dentro da sala de aula? Como se posicionar diante de um currículo que, durante muito tempo, tratou a história da colonização como um relato encantado?

Essa história foi romantizada ao extremo, como se o "vento soprasse para a chegada das caravelas". As crianças veem essas imagens nos livros e absorvem essas ideias como verdades absolutas.

Nos ensinaram que "os africanos se deixaram escravizar", que os indígenas "trocaram ouro por espelhos". Essas narrativas reforçam estereótipos e apagam completamente a resistência e a luta desses povos.

Por isso, desconstruir essas ideias na educação não é apenas uma questão de conteúdo, mas de formação crítica. O aluno precisa entender a história com profundidade para se reconhecer nela e perceber como ela afeta sua própria identidade e percepção de mundo.

O que quero dizer é que desconsiderar modos de vida que valorizam o coletivo e a filosofia de existência é desonesto. A visão eurocêntrica, ao contrário, valoriza o individualismo e o acúmulo, impondo uma lógica capitalista

que nos faz acreditar em ideias absurdas, como a inferioridade de povos originários.

Quando falamos da cultura dos povos originários, estamos falando de mais de 350 etnias, cada uma com sua língua, sua história e suas contribuições. Mas essa riqueza é frequentemente colocada em um único pacote, apagando sua diversidade.

1:07:03 Aprendi com uma irmã pertencente aos povos originários que o dia 19 de abril, conhecido como "Dia do Índio", é, na verdade, um dia de dor. Foi nesse dia que um líder indígena, símbolo de resistência, foi morto pelos bandeirantes. Eles não apenas o assassinaram, mas penduraram sua cabeça como troféu—a prática cruel que marcou a violência contra os povos originários.

Transformar esse dia em uma celebração é cruel e reforça a narrativa de apagamento. Nas escolas, vemos atividades como pintar o rosto ou fazer cocares, mas isso não reflete a verdadeira história e luta desses povos.

A história contada precisa ir além de um olhar eurocêntrico. Por exemplo, quando falamos sobre o corpo da mulher negra, vemos como sua intelectualidade foi minimizada ao longo da história. Isso não é por acaso—faz parte de um projeto que busca apagar a centralidade da mulher negra em sociedades matriarcais.

Em sociedades matriarcais, a mulher era o centro, a coluna vertebral. Ela geria, gestava, decidia e dava diretrizes. Não havia competição entre homens e mulheres; ambos reconheciam suas importâncias dentro da estrutura social.

Mas ao chegar ao Brasil, essa mulher estrategista e líder foi colocada na base da estratificação social. Durante o processo de escravização, ela foi silenciada, usada e agredida. Sua cultura, que é a base da identidade brasileira, foi perseguida e marginalizada.

Quando falamos de África, não estamos falando de religião, mas de resistência, política e filosofia de vida. Cada povoado tinha sua própria organização, sua própria forma de viver e alimentar sua comunidade.

Aqui no Brasil, tivemos que juntar todos os orixás em um único espaço, mas na África ancestral, cada povoado tinha sua própria identidade e autonomia. Essa riqueza cultural precisa ser reconhecida e valorizada.

1:13:15 Quando pensamos na matriarca e na noção de família dos povos originários, percebemos que ela é completamente diferente da família judaico-cristã, composta por "papai, mamãe e filhinho". A família dos povos originários é estendida, abrangendo toda a comunidade.

Se alguém daquela família estivesse passando fome, a matriarca poderia sacrificar um animal em nome do orixá cultuado pelo povoado. Essa tradição foi trazida para o Brasil, onde os terreiros de candomblé se tornaram espaços de

resistência e acolhimento. Mesmo nos lugares mais pobres, os terreiros garantem que nunca falte comida. Quando há festas, toda a comunidade ao redor se alegra e participa, independentemente da região.

1:14:05 Essa cultura é profundamente política e resistente. Pensemos na mulher negra que amamentava o filho da mulher branca enquanto seu próprio filho morria de inanição, puxando a barra de sua saia.

Ela embalava o filho da mulher branca, cantando cantigas como:

"Boi, boi, boi da cara preta, pega essa criança que tem medo de careta. O bicho papão em cima do telhado, o bicho papão sai de cima do telhado, deixa o neném dormir sossegado."

Essas cantigas, aparentemente inocentes, eram formas de resistência. O silêncio das mulheres negras muitas vezes escondia estratégias para sobreviver e resistir.

Um exemplo claro disso é o sincretismo religioso. Durante a escravização, os negros eram considerados "animais" e só ganhavam "alma" após serem batizados. Mesmo assim, eram proibidos de cultuar seus orixás.

Então, as mulheres negras pegaram imagens de santos católicos e as usaram para continuar cultuando seus orixás. Essa foi uma estratégia brilhante de resistência, mostrando a força e a inteligência dessas mulheres.

Não podemos esquecer figuras como Luísa Mahin, uma grande líder que organizou a Revolta dos Malês. Mas, propositalmente, a história coloca a mulher negra apenas como um corpo—hipersexualizado, estuprado e violentado.

Isso não é por acaso. O número de feminicídios, estupros e violência doméstica contra mulheres negras é alarmante. É um reflexo de um sistema que as vê como ameaças à estrutura racista e patriarcal.

Quantas vezes já ouvimos: *"Lá vem a barraqueira".* Mas não podemos nos calar. Não podemos esperar. Somos livres e precisamos continuar lutando para transformar essa realidade.

Em grande parte das famílias mais pobres deste país, é a mulher quem está à frente. Nunca ocupamos um lugar de passividade, mas os estudos frequentemente tentaram reduzir nossa função à maternidade, como se o matriarcado se resumisse a um papel biológico. No entanto, o conceito de materno dentro das culturas africanas e afrodescendentes é muito mais amplo.

A perpetuação de estereótipos sobre nossos corpos foi uma estratégia para nos silenciar, nos colocar abaixo, nos manter invisibilizadas — porque sabem que, se nos permitirem ocupar o protagonismo, faremos a revolução.

1:18:58 O imaginário coletivo, alimentado pelas novelas e pela mídia, reforça essas narrativas. A mulher negra aparece como serviçal, como amante clandestina ou como alguém que *"não consegue manter um marido"* — sempre

encaixada em papéis que reforçam sua subalternidade dentro do sistema patriarcal.
Mas quando essa mulher rompe todas as barreiras impostas, ela se torna um alvo. O exemplo de Marielle Franco, uma mulher preta, periférica e política, ilustra perfeitamente esse cenário. Assim como tantos outros casos, como o de Cláudia Silva Ferreira, que teve seu corpo arrastado pelas ruas do Rio de Janeiro após ser baleada pela polícia.
1:20:03 O patriarcado, o racismo e o classismo não impactam apenas as mulheres negras—nossos homens negros também são marcados por essa estrutura que os criminaliza desde cedo. Estamos atravessados por todas essas opressões, e a manutenção dessa lógica colonial continua a nos atingir.
Mas nós resistimos. Nenhuma das conquistas que tivemos foi um presente. Nada nos foi dado—nós lutamos e conseguimos.
A implementação das políticas afirmativas é um exemplo claro disso. No primeiro ano após sua implantação, 150 mil estudantes ingressaram nas universidades públicas por meio das cotas, e a maioria deles eram mulheres negras.
Esse avanço provocou uma mudança na estratificação social. Seguimos para o mestrado, doutorado, assumimos cargos de liderança, e o sistema colonial escravocrata se pergunta: "O que aconteceu?"
A resposta é simples: aconteceu justiça histórica.
E essa estrutura não aceita. Ela busca formas de reverter nossos avanços, de nos impedir de ocupar espaços.
Mas não há volta. Não existe retrocesso para quem compreendeu sua potência.
O apagamento de nossas histórias é proposital. Quilombos, comunidades negras, espaços de resistência foram minimizados na história oficial para que continuemos marginalizados.
Nossa estética também é alvo dessa tentativa de silenciamento. Nosso cabelo, nossa coroa, nossa identidade são constantemente atacados.
Nos ensinaram que cabelo crespo precisa ser "domado", que só o liso é aceitável, que precisamos esconder quem somos. Mas resistimos. Hoje, nossos cabelos estão em destaque, nossas tranças estão na moda, nossos traços são celebrados —e não por concessão da sociedade, mas porque nós tomamos esses espaços de volta.
1:25:23 E é exatamente isso! Alguém comentou no chat: "chocada com essa aula!" E eu concordo em gênero, número e grau—foi uma live rica em trocas e aprendizado.
Infelizmente, estamos chegando ao fim desta live, mas antes gostaria de reforçar uma ideia central: *não voltaremos nem um passo atrás.*

Há uma frase muito dita recentemente que vale ser lembrada aqui: "Eles combinaram de nos matar, mas esqueceram que somos sementes."
1:26:17 E é isso! Estamos aqui e continuamos a brotar.
Ou como disse Conceição Tavares: "Eles combinaram de nos matar, mas nós decidimos não morrer."
Não há volta. Nós não morremos. O sistema precisa entender isso.
A ancestralidade nos fortalece, e destruir nossos corpos nunca será o fim—é sempre um novo começo. Somos um elo que jamais se quebrará.
Como seguimos nos fortalecendo? A primeira resposta é: precisamos saber sobre nós mesmos.
Nos instrumentalizar, nos armar de conhecimento e amor próprio.
Sim, nós, pretos e pretas, estamos nos amando. Estamos nos armando—e deixo essa interpretação aberta para quem quiser entender o que isso significa.
E por isso, ataques contra nós continuam. Especialmente contra mulheres negras.
Tentaram de tudo—o maior índice de feminicídios está entre nós, mas ainda assim, não paramos.
Nos colocaram nas posições mais baixas, mas seguimos avançando.
A ideia de que deveríamos ser inimigas entre nós não tem espaço mais. Nunca fomos inimigas, e nunca seremos. Nossa irmandade segue firme e cada vez mais consciente.
Somos da guerra e da paz. Da alegria, mas também da luta.
E hoje só tenho a agradecer.
1:30:22 Esta é uma revolução.
A continuidade de uma luta ancestral, pela qual seguimos nos fortalecendo.
Nosso caminho foi aberto pelas que vieram antes de nós, e continuamos por elas e pelas que ainda virão.
Quem quiser somar, que venha ao nosso lado. Mas não nos impeçam—não há quem possa nos parar.
Se quiser somar, faça a sua parte.
Porque, com ou sem apoio, continuaremos avançando.
E mais do que isso: eduque seus filhos para que não sejam racistas. Porque estamos educando os nossos para reagir.
Queremos agradecer profundamente a Lélia Gonzalez e todas aquelas cujos conhecimentos nos guiam hoje.
Agradecer aos nossos mais velhos. Às nossas mães. Nossas avós.
Porque seguimos avançando por um ideal, e esse ideal já está sendo alcançado.
Apesar do que dizem, somos vencedores. Nada do que construímos pode ser apagado. Seguimos produzindo conhecimento, ciência e desmascarando os

grandes contos de fadas que tentaram nos iludir por tanto tempo.
1:34:10 Muito obrigada por essa troca.
Que este grupo continue crescendo, que a luta siga firme e que a produção intelectual e social a partir de nós e sobre nós seja feita por nós.
Nada sobre nós sem nós.
Muito obrigada!

Evento

I Semana RACNEGÊ - Corpos no Mundo, Mundo nos corpos Palestra com o Professor Everton Vieira. 27 de agosto de 2020. Mediação Professor Doutor Cesar Rodrigues. https://www.youtube.com/watch?v=-Z_nml0wAJg



Boa noite, pessoal! É um prazer enorme estar aqui com vocês hoje. Nesta semana, temos a honra de receber um grande militante, um grande amigo e uma inspiração para mim. Tenho certeza de que será uma inspiração para todos vocês que ainda não o conhecem.

Estou falando de Everton Vieira, uma pessoa muito querida com quem tive o prazer de compartilhar conhecimento durante muito tempo, pelo menos quatro anos, no curso de Pedagogia. A posse do grupo como professor é um dos orgulhos que tenho por ter trabalhado com ele. Everton é uma pessoa engajada na militância pelos direitos humanos e pela luta pelos direitos de corpos marginalizados. Ele atua pensando em políticas que enfrentem as desigualdades e trabalhem contra a exclusão das minorias, que muitas vezes não têm representatividade nas estruturas de poder ou não têm permissão para ocupar esses espaços.

É com grande prazer que coordeno este momento, que também conta com a participação do pesquisador André Vieira. Ele é um parente social, mas, acima de tudo, um parente de luta, e certamente contribuirá muito para esta conversa, que será um grande aprendizado. Após a fala de André, teremos a apresentação do nosso grupo e, em seguida, Everton Vieira compartilhará suas ideias. Everton, é um prazer enorme tê-lo aqui conosco!

André, já passo a palavra para você. É sempre um prazer ouvi-lo. Quero destacar que tenho um carinho muito grande pelo César, que foi e continua sendo meu professor. Costumo dizer que nossos professores são para a vida toda, mesmo após o término do curso. Durante o tempo em que estive no IMIP, tive a oportunidade de aprender muito com o César e discutir diversos temas. Qualquer convite vindo dele não é apenas um convite, mas uma convocação. Estou muito feliz por estar aqui. Obrigado, César, pelo convite!

Eu sou Everton, tenho 27 anos e atualmente trabalho na Fundação Lauro Campos e Marielle Franco, com formação política e desenvolvimento de quadros políticos. Milito há algum tempo no movimento popular, especialmente na luta por moradia. Tenho uma relação muito profunda com o movimento Oi Calnas e sou militante da Intersindical. Costumamos dizer que "estamos" na direção, porque ninguém é dono de nada. Atualmente, estou na direção do PSOL no estado de

São Paulo, cumprindo a tarefa de ocupar espaços e formular políticas no âmbito institucional, onde algumas pautas têm relevância e outras não.

É isso! É um prazer estar aqui com vocês. Vamos começar com uma provocação. André, que é especialista nisso, certamente trará reflexões instigantes. Estou ansioso para ouvir e discutir com todos vocês sobre o contexto sociocultural e sociopolítico em que vivemos. Vamos aproveitar este momento para refletir sobre as questões que envolvem corpos negros e outros corpos marginalizados, e como podemos avançar em direção a uma sociedade mais justa e inclusiva.

Verdadeiramente, é possível, dentro de uma perspectiva crítica, abordar o descolamento de certos “surpluses” e como esses campos estão inseridos na cidade global. Quando pensamos nas questões que envolvem esses lugares, como nos identificamos, transitamos e criamos laços de sangue, surge a reflexão sobre o tempo e o espaço em que nos tornamos sujeitos de existência. Essa é, sem dúvida, uma questão central na minha vida.

Os impactos disso sobre nossos corpos e vidas são profundos. A primeira coisa que busco entender é que estamos lidando com um sistema que define quem pode viver e quem deve morrer. Quando falamos de necropolítica, estamos falando exatamente sobre matar ou deixar morrer. Matar, por exemplo, através do Estado, que perpetua a violência com balas perdidas nas favelas. Essas balas, embora chamadas de “perdidas”, sempre encontram corpos negros, favelados e periféricos. Elas têm endereço, têm CEP.

Deixar morrer, por outro lado, ocorre quando reformas, como a da previdência, não garantem condições mínimas de sobrevivência. Quando estruturas políticas do Estado não asseguram subsistência, estamos diante de um sistema que exclui e marginaliza. Esses corpos, que são desautorizados a exercer poder, enfrentam barreiras em todos os lugares, mesmo quando tentam socializar ou redistribuir poder.

Por exemplo, quando uma mulher negra ocupa um espaço como a Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro, sua presença é um incômodo para muitos. É um desafio entender como essa pessoa ultrapassou todas as barreiras impostas pelo sistema e chegou ali. E, mesmo após enfrentar essas barreiras, ela ainda lida com calúnias, violência e, em casos extremos, assassinatos.

Esses corpos são constantemente marginalizados, não apenas por suas identidades, mas também por não se encaixarem nas expectativas da sociedade patriarcal. As sexualidades dissidentes e os corpos que quebram regras enfrentam violências físicas e simbólicas em todos os momentos. É essencial afirmar nossa existência e resistir, mesmo diante de um sistema sistemático e violento que tenta nos silenciar.

Quando falamos de incidentes de gênero, estamos nos referindo a todos aqueles que, por escolha ou circunstância, não se enquadram nas normas e regras impostas pelas perspectivas tradicionais. Essas pessoas precisam lutar, primeiramente, pelo direito de existir, de se relacionar, de amar, de ter uma moradia digna, de trabalhar e de decidir sobre os rumos de suas próprias vidas.

Encontramos uma série de barreiras em todos esses espaços. A auto-organização e a ocupação de decisões são fundamentais para enfrentar essas dificuldades. Vivemos em um sistema onde as estruturas de poder moldam as condições de vida, e nosso objetivo não é apenas fazer parte disso, mas socializar esse poder e legitimar formas de viver que não se submetam às regras impostas. É sobre afirmar que essas formas de existência são válidas, independentemente de serem reconhecidas ou aceitas por essas estruturas.

Essa tarefa não é fácil. É um desafio constante, mas há muitas pessoas engajadas nessa luta. A luta política é contínua e essencial para garantir a existência e os direitos básicos. Como Everton mencionou, é necessário refletir sobre como esses corpos são permitidos na sociedade e, mais do que isso, sobre como garantir o mínimo necessário para sua existência.

No contexto escolar, as questões de gênero e sexualidade também enfrentam desafios. Muitas vezes, sexualidade é confundida com educação sexual, e gênero e sexualidade são tratados como se fossem a mesma coisa. Essa confusão dificulta o entendimento e a abordagem dessas questões nos espaços pedagógicos. É importante trazer nuances e reflexões que ajudem a esclarecer essas complexidades, promovendo discussões mais profundas e inclusivas.

17:06 Sair daqui pensando em outras formas de existência, em como essas duas questões estão sendo relacionadas e discutidas, é muito importante. Discutir gênero e sexualidade na escola, na educação, é essencial. A escola, em sua arquitetura e função, possui um potencial transformador indiscutível, mas também pode ser um espaço de reforço de comportamentos normativos. Os diversos currículos ali presentes formam para alguma finalidade, muitas vezes tentando impor certos comportamentos.

A arquitetura da escola, por exemplo, pode refletir esses valores e normatizações. O bullying, por sua vez, faz parte de um currículo oculto, ditando o que pode ou não pode ser feito, quem é aceito e quem é excluído. Assim, pensar em gênero, sexualidade e a desconstrução da significação desses corpos, bem como a derrubada da heterossexualidade como norma rígida, torna-se um desafio. Quem não segue essas normas frequentemente é reprimido ou marginalizado.

Apesar das dificuldades, muitos educadores têm se dedicado a esse debate, tentando encontrar respostas e caminhos. O que esse debate pode oferecer à

escola é, na verdade, uma transformação significativa: colocar essas questões em pauta de forma tática, construída com seriedade, e enfrentar os reais problemas que surgem da ausência dessas discussões. Não inserir esses debates na escola tem como consequência violência, exclusão e até mesmo morte, perpetuando políticas de extermínio.

Recentemente, tivemos um caso de violência que me abalou profundamente, destacando a urgência de lidar com essas questões. Um espaço escolar que promove discussões profundas sobre violência de gênero, generificação e sexualidade preparará melhor as crianças para identificar abusos e reagir a esse tipo de violência. Embora esses debates causem desconforto em um espaço que, historicamente, normatiza corpos e comportamentos, eles são essenciais para desafiar estruturas enraizadas.

Quando discutimos gênero e sexualidade, estamos falando de como a sociedade impõe limites às pessoas. Ao remover essas amarras, permitimos que todos vivenciem sua liberdade. Contudo, essa liberdade muitas vezes é seguida de violência, refletindo o quanto ela ameaça as normas vigentes. Por exemplo, o processo que atribui gênero a um bebê antes mesmo do nascimento: determinar que uma menina será doce, delicada, carregará uma mochila de princesa, usará rosa, cruzará as pernas de determinada forma. Ao questionar esses processos, damos o primeiro passo para uma mudança significativa.

21:11 Discutir a estrutura que impõe, de forma violenta e rígida, comportamentos que não são naturais nem frutos de um destino biológico é uma tarefa complexa, mas essencial. Essa estrutura de enquadramento dos corpos das pessoas gera uma cadeia de violências, uma sobreposta à outra. Além disso, legitima e autoriza essas violências, sendo, por si só, um processo profundamente violento.

Ao abordar essas questões, não podemos fugir da necessidade de discutir toda a estrutura educacional. Mesmo que, no momento, o tempo ou as condições não sejam ideais, é importante iniciar esse debate agora. Ter clareza sobre a importância dessas discussões é essencial, embora saibamos que haverá muita resistência e dificuldades nos espaços educativos.

Tive a oportunidade de presenciar práticas em sala de aula que demonstraram como os professores podem alinhar o que pesquisam, escrevem e propõem ao ensino que realizam. No entanto, os desafios são inúmeros. Há uma estrutura burocrática e conservadora que teme mudanças, uma estrutura que, em sua forma atual, visa apenas moldar corpos “bem comportados” e ajustados a funções previamente designadas.

Pensar gênero e sexualidade na educação significa desestabilizar as estruturas tradicionais, causando desconforto. Mas é justamente esse incômodo que

precisamos provocar. Quando colocamos essas questões no espaço educativo, estamos, de certa forma, “bagunçando” para reorganizar toda a estrutura da sociedade. É uma tarefa árdua, mas necessária, que demanda tentativa, insistência e persistência.

Falo com propriedade, pois dediquei minha vida inteira à educação básica. Pude observar como é necessário trabalhar questões de dignidade humana, de sociedade, de cultura e de transformação. Quando falamos de corpos negros dentro dessa perspectiva, entendemos que a evolução conceitual é vital para avançarmos. No entanto, reconheço que esses debates enfrentam resistências em múltiplas camadas, sendo, por vezes, mais violentos e pesados para aqueles que já sofrem discriminação.

Esse é um tema complexo, mas é exatamente por isso que não podemos evitá-lo. Transformar a educação é essencial para enfrentarmos essas questões e, finalmente, darmos os primeiros passos rumo a uma sociedade mais justa e inclusiva.

Parece mesmo um “super trunfo” das opressões, não é? A sociedade foi construída em cima de marcadores de identidade, como raça, gênero e classe, que acabam por colocar as pessoas nos lugares onde o sistema acredita que elas devem estar. No caso dos corpos negros, a violência que se manifesta é incrivelmente brutal.

Por exemplo, ser um homem gay, afeminado e branco com certo poder aquisitivo coloca a pessoa em um lugar de discriminação, sem dúvida. Mas ser um corpo negro, periférico e com acentuadas questões de classe coloca esse indivíduo em uma posição de opressão completamente diferente. Para os corpos negros, a violência assume um caráter muito mais concreto: tiros, balas perdidas, encarceramento em massa. Para esses corpos, a política não é apenas de "deixar morrer", mas de matar. É uma violência direta e deliberada.

Já para outros corpos subalternos, de forma geral, a política de "deixar morrer" é bastante eficaz, perpetuando violência e abandono. Os marcadores sociais em nossa sociedade, que foi construída sobre a violência da escravidão e da exploração, reforçam essas dinâmicas. E a resistência negra, uma das mais antigas e fundamentais deste país, continua enfrentando essa brutalidade. A violência física direta contra corpos negros permanece alta e constante.

Quando questionamos essas estruturas no ambiente educacional, estamos diante de uma atitude epistemológica potente, que transcende apenas o conhecimento sobre raça ou gênero. Essa reflexão alcança o conhecimento sobre identidades em um sentido mais amplo. Abordar esses marcadores significa contestar, problematizar e questionar as formas normatizadas de construir e validar o

conhecimento.
Além disso, os regulamentos existentes no espaço escolar acabam reforçando essas opressões desde cedo. Por exemplo, nas brincadeiras infantis, as crianças muitas vezes não têm um entendimento formado sobre questões de gênero ou sexualidade, mas já são submetidas a normativas binárias. Quando um menino deseja brincar com bonecas, frequentemente justificamos isso com argumentos como “ele vai ser um bom pai”, moldando essas brincadeiras sob normas heteronormativas. A ideia subjacente é reforçar funções e papéis de gênero que a sociedade espera.
Pensar em gênero e sexualidade na educação não significa apenas abordar conteúdos, mas também desestabilizar estruturas, criando desconforto para reorganizar a sociedade de forma mais inclusiva. É uma tarefa desafiadora, mas absolutamente necessária.
32:46 Na educação infantil e nos primeiros anos, há, de fato, um paradoxo quando se trata da liberdade nas brincadeiras e da retirada de gêneros dos brinquedos. Ao mesmo tempo em que buscamos eliminar o viés de gênero, muitas vezes colocamos novos significados que acabam legitimando essas divisões de forma implícita. Por exemplo, justificar que um menino pode brincar com uma boneca porque isso o tornará um "bom pai" perpetua a lógica do destino biológico, reforçando a ideia de que ele deve ser pai e reafirmando a masculinidade como norma.
Esse tipo de discurso é uma armadilha, um reflexo da violência estrutural e da perversidade engenhosa que molda o processo de formação dos corpos. Mesmo quando tentamos fugir desses padrões, muitas vezes tropeçamos neles sem perceber. Essa violência está tão enraizada que até discursos aparentemente inclusivos, como "aceitar" pessoas transexuais, podem reforçar hierarquias ao sugerir que cabe a alguém decidir quem é "aceitável". Aceitar, nesse contexto, não é um ato neutro, mas uma reafirmação de poder e controle sobre a legitimidade dos outros.
No movimento sindical e em lutas mais concretas, esse debate se torna ainda mais desafiador. A classe trabalhadora, em sua diversidade, enfrenta uma série de dificuldades relacionadas a raça, gênero e sexualidade, e esses temas não são homogêneos nem fáceis de abordar em espaços como ocupações ou greves. Muitas vezes, mesmo tentando avançar, caímos em tentativas frustradas de romper com os modos tradicionais de operar o gênero, como ao legitimar um menino brincando de boneca com justificativas que reforçam os papéis sociais já existentes.
Uma situação concreta que vivi ilustra bem essas complexidades. Quando eu

era assessor sindical na cidade de Vinhedo, em São Paulo, surgiu um caso envolvendo uma manifestação de alunos. Eles protestavam contra uma merendeira que havia expulsado sua própria filha de casa por ela ser lésbica. A situação exigia um encaminhamento imediato, e, por eu ser LGBT e ter alguma experiência nesses debates, fui chamado para mediar. Era um exemplo claro das dificuldades e dilemas que emergem na "vida real". Resolver algo assim vai além de discursos teóricos; requer pensar em soluções concretas que dialoguem com a realidade das pessoas envolvidas.

Esses desafios mostram como trazer o debate sobre gênero e sexualidade para o cotidiano escolar ou para os movimentos sociais exige mais do que boas intenções. É uma tarefa fundamental e urgente, mas que demanda sensibilidade, paciência e uma abordagem genuinamente inclusiva e transformadora.

37:48 O relato que você trouxe é profundamente reflexivo e ilustra bem as complexidades de lidar com questões sociais delicadas no contexto da vida real. Situações como a que você descreveu demandam empatia, paciência e uma habilidade de navegar por territórios de crenças profundamente enraizadas, ao mesmo tempo em que se busca minimizar os danos e criar espaço para transformação.

O caso da mãe merendeira é um exemplo poderoso das contradições que encontramos em nossa sociedade. Por um lado, ela era vítima de um sistema que oferece poucas alternativas, criando um espaço onde sua conexão social e cultural era mediada pela igreja, que perpetuava discursos violentos. Por outro lado, ela reproduziu essa violência ao expulsar a filha, algo que, em última instância, não surgiu de maldade, mas de uma formação social marcada pela opressão e pela falta de acesso a perspectivas mais inclusivas.

É marcante o cuidado que você teve em construir um diálogo com ela nos termos dela, respeitando seu contexto enquanto plantava a semente da transformação. Concessões são, às vezes, necessárias para abrir portas, especialmente em casos em que as estruturas religiosas e sociais são tão opressoras. A evolução dessa mãe, passando de uma postura de rejeição à compreensão e amor pela filha, é um lembrete de que mudanças são possíveis, mesmo em cenários difíceis, quando há dedicação e paciência.

A complexidade aumenta quando o contexto envolve trabalhadores em situações de vulnerabilidade social, influenciados por dinâmicas históricas e sociais que os “embrutecem”. Isso acontece em fábricas, acampamentos, ou mesmo em espaços ocupados por um fundamentalismo religioso agressivo, onde as perspectivas de vida são moldadas por décadas – ou séculos – de opressão.

Essa realidade não apenas evidencia os desafios de levar debates acadêmicos

para a prática, mas também nos ensina que a transformação exige empatia e um esforço genuíno para entender as múltiplas camadas de opressão que atravessam cada indivíduo. É um trabalho lento, com avanços graduais, mas cada passo importa.

Histórias como essa são um chamado para lembrar que, mesmo nas situações mais adversas, é possível plantar sementes de mudança. Essa mudança pode ser sutil, mas tem um impacto profundo ao criar brechas em sistemas que perpetuam violências.

Estamos lidando com questões profundas, como a forma com que os marcadores de identidade – como raça, gênero e classe – organizam e restringem a vida das pessoas. Nossa sociedade foi construída sobre essas normas, que colocam as pessoas em lugares pré-determinados, conforme o que o sistema julga ser aceitável ou legítimo. Isso cria a necessidade de romper com esses padrões, borrando os limites da norma e criando novas possibilidades para resistências e formas de existência.

Uma questão que me faz refletir é sobre as alianças entre esses corpos subalternizados – os trabalhadores precarizados, as mulheres, a população negra e as dissidências de sexualidade e gênero. Ressalto a importância de falarmos de dissidências de sexualidade e gênero, porque a sigla LGBT+ não consegue abarcar todas as formas de existir e amar que rompem com as imposições da heteronormatividade e do binarismo de gênero. São inúmeras as formas de estar, viver e amar que escapam a essas categorizações.

Essas alianças enfrentam desafios, não apenas pela opressão imposta externamente, mas também pelos atritos internos entre os próprios grupos, que, na verdade, são as verdadeiras maiorias sociais. Nosso povo é diverso: é negro, é LGBT, é atravessado pela mobilidade social e pelas lutas contra os marcadores de gênero, que muitas vezes tentam se impor com radicalidade, mesmo sobre os corpos subalternizados.

Para construir essas alianças, enfrentamos dilemas importantes. Por exemplo, há debates dentro de alguns setores dos movimentos sociais que adotam o "essencialismo estratégico", ou seja, mesmo reconhecendo que identidades não têm uma essência fixa, elas são temporariamente tratadas como tal para construir estratégias políticas. Essa prática, apesar de tática, pode reforçar construções rígidas e essencializadas, que acabam enquadrando e excluindo outras identidades, perpetuando novas formas de violência.

É um equilíbrio delicado. Precisamos analisar constantemente quais concessões estamos dispostos a fazer e quais são inegociáveis. Há momentos em que é preciso avançar com pequenos passos, minimizando impactos imediatos, mas

sem perder de vista a necessidade de desestruturar os sistemas de violência e exclusão que nos oprimem.

Esse jogo social e político nos coloca diante de um "tabuleiro" que não podemos apenas jogar – precisamos destruí-lo. A famosa frase "isso não é normal, isso não é de Deus" reflete uma visão normativa que tentamos romper. Questionar essas normas exige coragem para pensar em identidades e resistências que vão além dos padrões impostos.

51:53 A aliança entre os grupos oprimidos exige, antes de tudo, a compreensão da violência estrutural que afeta a todos, desde o entregador do Ifood, que vive uma realidade de precariedade extrema, até a mulher negra da favela, que vê sua casa ser demolida durante uma reintegração de posse. Não se trata apenas de resistir, porque resistir em formas precárias é sobreviver à margem. Queremos ir além disso – queremos viver plenamente, transformar e reconstruir as estruturas.

Para começar, é essencial entender o pensamento e o comportamento hegemônicos que fundamentam essas estruturas. Por que uma mulher negra, periférica, merendeira, expulsa a filha de casa? Isso não está relacionado apenas a escolhas individuais, mas sim a influências estruturais que moldam seu pensamento e suas ações. Ao compreender isso, podemos combater as estruturas ao invés de atacar diretamente os indivíduos.

Digo isso porque é necessário paciência e estratégia ao lidar com aqueles que estão próximos de nós – carteiros, feirantes, motoristas de ônibus, colegas e amigos. A violência do cotidiano pode muitas vezes impedir essa tranquilidade, mas o caminho para a mudança passa por diálogo e compreensão. É essencial separar os indivíduos marginalizados das estruturas de poder que perpetuam a opressão. Um ator parlamentar ou celebridade com privilégios deve ser responsabilizado e confrontado publicamente, mas a mulher negra da favela não pode carregar sozinha a culpa por um sistema que a moldou.

Por isso, precisamos construir alianças reais, baseadas na clareza de que os problemas são estruturais. As bases da sociedade patriarcal, racista e de classes impõem formas de marginalização de maneira brutal. Como dizia a frase clássica, "o pensamento dominante de uma época é quase sempre o pensamento da classe dominante". É esse pensamento que precisamos destruir, desmontar, demolir. Não podemos aceitar estruturas que apenas legitimam formas específicas de comportamento, de existência e de amor enquanto marginalizam todas as outras.

Porém, ao mesmo tempo, é necessário ter paciência com aqueles que estão ao nosso redor e, por vezes, ainda não compreendem completamente essas questões. Se demolirmos todas as pontes, nos isolaremos, perdendo a

oportunidade de diálogo e transformação. A tarefa é construir um mundo mais justo, onde a possibilidade de vida plena e digna não seja um privilégio, mas uma realidade para todos.

O papel das alianças e da disputa de poder institucional é um desafio imenso. Quando pensamos em partidos, não se trata apenas de concorrer a eleições ou disputar vagas. Para mim, partido significa disputar o tipo de sociedade em que queremos viver. Isso vai além dos processos eleitorais, embora os resultados desses processos sejam os mais visíveis e facilmente reconhecíveis.

Um exemplo claro é a questão da representação das mulheres na política. Na última eleição, conseguimos eleger a única bancada paritária do Congresso Nacional: cinco homens e cinco mulheres. Isso não foi um acidente ou coincidência. Foi resultado de condições concretas criadas por meio de políticas firmes e comprometidas com a importância de que esses corpos ocupem esses espaços.

No entanto, a dificuldade vai além de garantir essa representação. É preciso dialogar com outros setores e enfrentar as dinâmicas impostas pelo aparelho ideológico do Estado, que gerencia os interesses dos mais ricos – ou, como podemos dizer, dos super-ricos. Esses interesses são protegidos de forma a manter corpos subalternos e violentados longe dos espaços de poder, pois esses corpos representam uma ameaça real a essas estruturas.

O espaço de poder não se limita às instâncias institucionais mais altas. Ele também está presente em diretórios partidários e em outros locais de decisão. A reação de setores que temem perder seus pequenos privilégios ou espaços de poder é um reflexo disso. Jovens, mulheres, mulheres negras, pessoas trans – todos esses grupos, historicamente excluídos, causam desconforto e até medo ao questionarem essas hegemonias.

Posso ilustrar isso com uma experiência pessoal. Quando assumi a presidência do meu partido no Guarujá, aos 22 anos, fui recebido com olhares de pavor. Em uma reunião de presidentes de partido, todos os presentes eram homens, mais velhos, brancos e vestidos de forma quase idêntica. Minha presença – um jovem de 22 anos, de All-Star, calça jeans e camisa do partido – foi um choque para eles. Era como se minha simples existência naquele espaço fosse uma afronta ao estado de poder que eles representavam.

Esse incômodo é, de certa forma, uma violência para quem está acostumado a ocupar esses espaços sem ser questionado. Eles se perguntam: "Quem deixou isso acontecer? Quem são essas pessoas que ousam se organizar e dizer o que pode ou não pode ser feito?" No primeiro momento, a reação é quase cômica, mas logo se transforma em violência, porque a presença de corpos dissidentes nesses espaços desafia diretamente a estrutura de poder estabelecida.

Essa luta não é fácil. É um processo de desestabilizar o que está posto, de criar condições para que novos corpos ocupem esses espaços e de enfrentar o medo e a resistência que isso provoca. Mas é exatamente essa ousadia que precisamos para transformar a sociedade.

1:07:07 Olhar nos olhos dessas pessoas e ver o desespero é algo marcante. É um desespero real, que reflete o incômodo causado pela presença de corpos dissidentes em espaços historicamente hegemonizados. O que precisamos fazer para ampliar nosso alcance e não nos restringirmos a um círculo fechado é afirmar, com muita clareza, que os subalternos, os oprimidos e os marginalizados são a maioria. A diversidade é a maioria. O comportamento não hegemônico, não cristalizado, é a norma para a maioria.

A nossa forma de existir só é questionada quando agride. Mas, mais do que reconhecer ou aceitar, as pessoas precisarão lidar com a forma como vivemos. É nessa rebeldia que encontramos força. É nessa postura de tirar as pessoas da vergonha — por serem negras, gays, trans, jovens, trabalhadores precarizados ou entregadores de aplicativo — e trazê-las para uma posição de poder coletivo que reside o verdadeiro impacto. Juntos, somos muito poderosos, e é natural que isso cause medo. No momento em que nos dermos conta disso, o espaço para os opressores ficará pequeno.

Lembro de uma experiência que vivi com o César, em um debate sobre educação. Era um evento com uma professora trans e uma filósofa na mesa, pessoas incríveis. De repente, um grupo conservador invadiu o local com violência, tentando interromper a atividade. Diante disso, tínhamos duas opções: perder completamente a postura e reagir com raiva, ou provar que somos melhores do que o reacionarismo. Escolhemos a segunda opção. Decidimos que terminaríamos a atividade, e eles seriam obrigados a ouvir o que tínhamos a dizer, gostassem ou não. Eles saíram de casa para nos ouvir, e, no final, teriam que lidar com isso.

Foi uma situação tensa, com gritos e tentativas de interrupção, mas conseguimos concluir o debate. Foi um exemplo claro de como resistir e manter a dignidade mesmo diante de ataques. Essa experiência reforça a importância de não recuar, de continuar ocupando espaços e de enfrentar as tentativas de silenciamento.

A mensagem é clara: precisamos construir alianças, ampliar nosso alcance e afirmar que a diversidade é a maioria. Não podemos permitir que o medo ou a violência nos impeçam de avançar. É na resistência coletiva que encontramos a força para transformar a sociedade.

1:12:11 Você traz uma análise poderosa e cheia de nuances sobre o impacto das festividades que desafiariam normas de gênero, como no caso do carnaval

e eventos escolares. Seu ponto vai além das permissões e proibições, explorando como essas permissões muitas vezes podem reafirmar normas patriarcais e estereótipos de forma velada.

Os momentos de liberdade oferecidos por essas festividades são, sem dúvida, importantes para muitas pessoas. No entanto, quando observamos o comportamento performativo, percebemos como ele pode reproduzir sistemas de opressão, mesmo que de maneira inconsciente. Por exemplo, homens que vestem roupas consideradas femininas no carnaval, após superar a repressão interna, frequentemente acabam reproduzindo a hipersexualização da mulher. É como se a liberdade temporária estivesse sempre moldada por estruturas patriarcais profundas.

Por outro lado, mulheres que têm a oportunidade de usar roupas tradicionalmente masculinas podem, igualmente, reproduzir comportamentos tóxicos associados à masculinidade. Essa performance também reflete a internalização das normas de gênero, destacando o quão difícil é romper com essas construções.

Sua visão sobre essas festividades é profundamente reflexiva: não se trata de proibir ou interromper, mas sim de criar espaços para questionar e entender. Por que essas festividades perpetuam certos padrões de comportamento? Qual é o papel delas na validação ou desconstrução das normas de gênero e do patriarcado?

O caminho parece ser um equilíbrio entre permitir a existência desses eventos e utilizá-los como pontos de partida para reflexões mais profundas. Festividades como essas podem ser transformadas em espaços educativos, onde a desconstrução dessas normas é possível. Você brilhantemente destaca que a questão vai além da aparência da liberdade e nos lembra de olhar para as camadas mais profundas de significado que essas permissões carregam.

1:18:24 Você trouxe reflexões muito profundas sobre a construção do gênero e as dinâmicas sociais que o sustentam. A ideia de que o gênero é uma fabricação, como Butler sugere, é poderosa porque nos faz questionar o que tomamos como "natural" ou "verdadeiro". Essa escrita sobre o corpo – seja pela roupa, pela maquiagem ou pelos gestos – é uma performance que carrega um efeito de verdade, mas que, no fundo, é uma construção social.

O ponto que você levanta sobre as festividades é crucial. Elas têm, sim, um potencial transformador, mas não podem ser deixadas sem análise crítica. Questionar os marcadores e as violências que emergem nesses espaços é essencial. A ideia de usar essas experiências como ponto de partida para discussões em sala de aula é brilhante. Imagine o impacto de uma aula que analisa como as pessoas performaram o gênero durante um evento,

desconstruindo os comportamentos naturalizados e refletindo sobre o que eles revelam sobre as normas sociais.

A metáfora que você traz sobre as armadilhas e as interrogações incômodas também é muito potente. Essas interrogações são fundamentais para desestabilizar o que está cristalizado, mas o sistema muitas vezes tenta silenciá-las, retirando-as do contexto de disfunção que elas expõem. É nesse ponto que a desconstrução se torna um ato de resistência.

E sobre o silêncio que você mencionou, às vezes ele é uma resposta poderosa. Ele pode ser um espaço de reflexão, um momento para processar e reorganizar pensamentos antes de agir. Mas, como você bem apontou, o diálogo é essencial para avançar. É nesse equilíbrio entre o silêncio reflexivo e a fala transformadora que encontramos caminhos para questionar e reconstruir.

1:24:58 Essa troca de ideias é de suma importância para construir outras formas de existência na sociedade. Reflexões sobre gênero na educação nos convidam a questionar constantemente o papel da escola, o exercício do poder e as bases de conhecimento que moldam as práticas pedagógicas. Pensar gênero na educação é, em sua essência, “bagunçar para reorganizar”, retirando elementos de seus lugares cristalizados e provocando mudanças significativas.

A escola, como espaço de formação, muitas vezes reflete as estruturas de dominação presentes na sociedade. No entanto, também pode ser um lugar de transformação, onde discutimos as forças que influenciam os discursos e desafiam essas estruturas. Esse processo exige relações desarmadas entre os nossos, baseadas em alianças e companheirismo, para que possamos avançar juntos. Caso contrário, perdemos a oportunidade de mobilização e compreensão coletivas.

O mundo acadêmico, como mencionado, é um espaço desafiador, frequentemente contaminado por certezas inabaláveis, mas com poucas questões reflexivas. No entanto, o diálogo franco e respeitoso, como o que estamos tendo, cria a possibilidade de novas perspectivas e avanços. É exatamente nesse espaço que a rebeldia epistemológica se torna fundamental: uma atitude de contestação constante, impertinente e, ao mesmo tempo, respeitosa.

Agradeço profundamente pela oportunidade de troca. Essa interação não é apenas enriquecedora, mas essencial para pensarmos em novas formas de coexistir e transformar as realidades que nos cercam. Estou completamente à disposição para continuar colaborando, aprendendo e contribuindo.

Evento
I Semana RACNEGÊ - Corpos no Mundo, Mundo nos corpos: contribuições e trocas. Palestra com a Professora Maria Ileana Iglesias. 29 de agosto de 2020. Mediação Professor André Vieira. https://www.youtube.com/watch?v=XnKGQZN3pb8&t=161s

01:08 Primeiramente, agradeço por esta oportunidade. Esta semana foi perfeita, marcando a primeira etapa de uma jornada de extrema importância para o grupo. Foi uma semana produtiva, na qual trabalhamos intensamente. O grupo de prisioneiros, com suas histórias complexas, levou-nos a reflexões significativas. Não somos crianças isoladas; ao contrário, somos parte de uma sociedade em construção.

Falando em construção, devemos repensar nossas casas e nossas vidas no presente. Seguimos com Marin e Iglesias, referências no Parlamento, e contamos com figuras maternas e amigas nessa trajetória, com um humor que ilumina o caminho. Entre essas figuras, destacam-se a antropóloga e historiadora Marin, cujas pesquisas exploram as relações sociais com um olhar inovador.

Maria, com uma trajetória acadêmica notável, recebeu prêmios internacionais, como os da faculdade de Montreal. Ela ainda renunciou a outras oportunidades para focar em edições importantes no clube de Miami, Flórida. Autora reconhecida, Maria aborda temas como o macroecumenismo e as relações interculturais na África. Sua obra reflete a riqueza da africanidade, destacando aspectos da dança, da cultura e da identidade negra.

Além disso, Marin tem contribuído com estudos profundos sobre mulheres afro-cubanas, explorando as múltiplas possibilidades de pensar a mulher como um ser único e plural. Seu trabalho enfatiza os poderes do indivíduo em situações particulares, como as enfrentadas por mulheres negras em Cuba em 2015. Essa perseverança é essencial para entender as ações e contribuições das comunidades negras.

Marin escreveu um livro chamado Afro-Cubanos, organizado para destacar histórias relevantes. Apesar de alguns leitores considerarem os capítulos desafiadores, a obra é essencial para compreender o contexto e o papel das mulheres afro-cubanas. Ela também explorou potencialidades e projetos de educação, como o ensino inclusivo e a formação de professores. Tais iniciativas são fundamentais para promover transformação social e empoderar comunidades marginalizadas.

Finalmente, Marilena, outra figura destacada, é uma intelectual afro-brasileira

que inspira confiança e respeito. Suas contribuições na área de educação e sua abordagem séria à pesquisa são notáveis. Com uma voz firme e uma visão inovadora, ela continua a transformar vidas e a impactar positivamente a sociedade.

05:56 Reflexividade é, em essência, enxergar-se como sujeito ao longo da própria vida e pesquisa. Em determinado momento, percebemos nuances, descobrimos aquilo que nos define e nos coloca em diálogo com o mundo. É um prazer compartilhar reflexões nesta noite, usando plataformas que englobam temas como cultura, gênero e sociedade. Hoje, mesmo sendo um dia comum, reconhecemos a riqueza dos povos africanos e afrodescendentes, que são dotados de uma diversidade extraordinária e mentalidades amplas.

Essa diversidade, além de cultural, manifesta-se no modo como moldamos nossas identidades e trajetórias. Somos sementes em uma caminhada que reflete histórias complexas e descontinuidades. Desde eventos emblemáticos, como o que marcou Cuba em 1º de janeiro de 1959, até a relação pessoal com crenças e espiritualidades que nos sustentam, as narrativas entrelaçam aspectos religiosos, ateísmo e práticas afro-religiosas, criando um mosaico único.

Hoje é sábado, um dia especial para conectar com nossos ancestrais. O sábado, simbolicamente, também representa tradições e espiritualidades que ressoam profundamente em nossas raízes. É um dia para refletir sobre o impacto do colonialismo, assim como sobre os ensinamentos dos ancestrais, que nos guiam.

Em minha trajetória, percebo que a pesquisa sobre questões afrodescendentes, seja em Cuba ou no Brasil, trouxe luz à história plural da África e aos desafios enfrentados pelas comunidades negras. Apesar das barreiras impostas pelo regime colonial, continuamos resistindo, buscando conhecimento e compartilhando nossas narrativas. Essa busca se reflete na educação, nas artes e na construção de espaços de reconhecimento.

Ainda hoje, enfrentamos desafios como acesso à educação e equidade. Muitas mulheres afrodescendentes, em especial, são impactadas por desigualdades que dificultam seu avanço acadêmico e profissional. No entanto, é fascinante ver como, mesmo diante de adversidades, há uma força coletiva que transforma.

Por isso, é imprescindível revisitar a história, pensar na riqueza de nossas origens e valorizar cada expressão artística, intelectual e espiritual que surge das comunidades negras ao redor do mundo. A luta por reconhecimento e inclusão continua, e cada passo dado é uma celebração da nossa essência.

13:08 As questões raciais permeiam profundamente as estruturas sociais e educacionais. O caso afro-cubano, por exemplo, demonstra como muitos afrodescendentes deixaram o país em busca de oportunidades, especialmente na

Europa (Inglaterra e França) e nos Estados Unidos. Esses indivíduos estudaram, formaram-se e buscaram se aproximar das possibilidades acadêmicas e profissionais de lá. Quando retornavam a Cuba, contribuíam significativamente para a sociedade, embora as mulheres, especialmente nas duas primeiras décadas do século XX, enfrentassem desafios ainda mais pronunciados.

No contexto educacional, muitos afro-cubanos que se tornaram pedagogos foram moldados por histórias que remontam à segunda metade do século XIX. Embora houvesse progresso, o sistema ainda carecia de regulamentação e suporte adequado para que professores pudessem consolidar suas carreiras. Ainda assim, a educação foi fundamental para garantir avanços sociais.

Com o tempo, profissionais afro-cubanos destacaram-se em diversas áreas, incluindo direito, jornalismo, odontologia, engenharia e medicina. Esse leque de contribuições reforça a importância de celebrar as conquistas dos afrodescendentes em múltiplos campos. Contudo, é essencial notar que essas conquistas foram frequentemente alcançadas apesar das barreiras impostas por sistemas racistas e desigualdades estruturais.

A Revolução Cubana de 1959 trouxe mudanças significativas, mas também desafios. Embora houvesse um discurso de que o racismo teria sido eliminado, a experiência vivida por muitos afro-cubanos indicava o contrário. A palavra "racismo" tornou-se quase um tabu, substituída por narrativas politicamente corretas. Isso dificultou discussões abertas sobre discriminação e exclusão, mesmo na academia e do setor educacional.

Em muitos casos, afrodescendentes enfrentaram censura e obstáculos em seus esforços para acessar a educação superior e outras esferas da sociedade. Apesar disso, as comunidades continuaram a resistir e a buscar formas de manter vivas suas histórias, culturas e contribuições. A literatura, a educação e a pesquisa antropológica são exemplos de áreas onde afrodescendentes têm se destacado, mesmo diante das adversidades.

21:47 A história de Cuba é frequentemente ensinada a partir de uma perspectiva oficial que destaca figuras como Carlos Manuel de Céspedes, conhecido como o "Pai da Pátria". No entanto, esse relato nem sempre representa as narrativas completas ou as vozes de todos os envolvidos. Por exemplo, antes mesmo da Revolução de Independência em 1868, Carlos Aponte, um escravizado, conseguiu mobilizar afro-cubanos e africanos por toda a ilha, desempenhando um papel crucial na luta por liberdade.

Essa marginalização de contribuições afrodescendentes reflete-se também em outros aspectos da sociedade. Apesar dos avanços, a educação e a pesquisa em Cuba ainda enfrentam desafios estruturais. Estudantes de humanidades, por

exemplo, precisam definir objetos de pesquisa muito cedo em sua formação, o que pode limitar uma compreensão mais ampla e crítica das questões humanas. Improvisações nesse processo podem prejudicar tanto a saúde mental quanto o desenvolvimento acadêmico.

A trajetória educacional e profissional de afro-cubanos, assim como suas contribuições culturais, é marcada por resistência e inovação. Alguns começam em áreas como jornalismo ou ensino, enfrentando críticas políticas ou censura ao abordar temas sensíveis. Outros dedicam-se à pesquisa e educação superior, como estudos sobre religiões africanas e afro-cubanas ou história cultural das Américas. Essas iniciativas são essenciais para preservar e promover as identidades afrodescendentes.

No entanto, o período especial em Cuba nos anos 2000 trouxe novos desafios econômicos e sociais. Afro-cubanos começaram a buscar maior diálogo e liberdade para abordar questões como racismo e relações interraciais. Artistas e intelectuais afrodescendentes têm usado seu trabalho para destacar a importância dessas discussões, tornando visíveis as necessidades de novos espaços e discursos que não se limitem às narrativas institucionalizadas.

Hoje, há um movimento crescente para incorporar outras perspectivas à história e à cultura, reconhecendo a importância de figuras e acontecimentos anteriormente marginalizados. Essas vozes são essenciais para construir uma compreensão mais inclusiva e representativa da história e da sociedade cubana.

Este discurso é o que falta em Cuba maravilhoso castrista que resolveu todos os seus assuntos também os assuntos ancestral desde que eles veem do o treinamento dá até mais um mês e eles estão a estrutura é que ainda não existe recomendar sons sem institucional de racismo venda online m de parede como surpresa de ser chamada de minha própria garota faculdade de um eu que formei contra vontade de tantos professores que parte do que ele chamou de estabelecimento acadêmico que eu tenho que deixar tudo claro sobre sua festa

30:37 A história das populações afrodescendentes nas Américas é marcada por conexões e desafios comuns, ainda que cada região tenha desenvolvido características próprias. Tanto Cuba quanto o Brasil compartilham legados de violência escravista e colonialismo que moldaram suas sociedades. A diversidade africana e a rica cultura dessas comunidades são elementos centrais, mas o racismo, institucionalizado e enraizado, gerou consequências duradouras.

Em Cuba, a história oficial frequentemente silencia ou minimiza contribuições fundamentais de afro-cubanos. Ainda assim, é preciso destacar figuras como Carlos Aponte, que mobilizou afrodescendentes e africanos antes da independência. Do mesmo modo, no Brasil, muitas histórias de resistência e

contribuição afrodescendente permanecem invisibilizadas.

A experiência educacional das populações afro-cubanas e afro-brasileiras reflete os desafios e avanços em ambas as sociedades. Em Cuba, o período especial trouxe dificuldades econômicas, mas também permitiu certa abertura para discutir questões raciais e interraciais. No Brasil, embora haja progresso, é crucial ampliar o acesso à educação e criar espaços que valorizem a diversidade e o legado das populações afrodescendentes.

Artistas e intelectuais afro-cubanos e afro-brasileiros têm usado suas obras para destacar a necessidade de diálogo sobre racismo e inclusão. Esses esforços são essenciais para construir uma história mais inclusiva, que reconheça as contribuições das comunidades negras como parte vital da identidade nacional.

Além disso, a reflexão sobre nossas histórias compartilhadas é fundamental para valorizar a ancestralidade e as experiências únicas de cada comunidade. Reconhecer as semelhanças e diferenças entre Cuba e Brasil, por exemplo, fortalece o entendimento de nossas identidades e promove a universalização de valores de respeito e equidade.

A distinção entre educação e instrução é essencial para compreender o impacto desses conceitos em diferentes contextos históricos. Enquanto a educação está relacionada à formação integral do indivíduo, abrangendo valores, ética e cidadania, a instrução foca em habilidades práticas e no conhecimento técnico. Ambas são valiosas e, idealmente, deveriam estar acessíveis a todos, independentemente de grupo étnico ou racial.

No contexto da população afrodescendente, especialmente em Cuba, a instrução e a educação enfrentaram barreiras significativas desde o período colonial. Entre a segunda metade do século XIX e o início do XX, os afro-cubanos começaram a ter acesso mais estruturado à instrução, marcando um avanço importante. No entanto, esses progressos ocorreram em meio a um cenário de desigualdade sistêmica, onde muitos recursos e oportunidades permaneciam inacessíveis.

O colonialismo espanhol em Cuba estruturou uma sociedade marcada por desigualdades operacionais, estruturais e políticas. Por exemplo, embora houvesse legislação colonial, sua aplicação era limitada, perpetuando exclusões e injustiças. Mesmo com o advento da República, as promessas de igualdade e inclusão muitas vezes não se concretizaram.

Outro aspecto relevante é a história de acesso limitado à instrução formal. Afro-cubanos, em muitos casos, dependiam de meios alternativos para acessar conhecimento, como o suporte de famílias mestiças ou brancas dispostas a investir em sua formação. Com o tempo, a formalização desse acesso permitiu que afrodescendentes alcançassem maior presença em profissões como

engenharia, jornalismo e ensino. No entanto, ao retornarem a Cuba, esses profissionais enfrentavam frequentemente os desafios de um ambiente político e racial ainda carregado de tensões.

A história das lutas pela independência de Cuba também reflete essas desigualdades. Enquanto muitos afrodescendentes desempenharam papéis fundamentais no exército de independência, a liderança frequentemente permanecia nas mãos de indivíduos brancos, reproduzindo estruturas racistas. A fase final da guerra de independência, liderada majoritariamente por brancos, priorizou acordos políticos que desfavoreceram a maioria negra do exército.

47:23 A guerra contra a Espanha resultou em uma Cuba livre, mas também revelou as contradições de um projeto de nação racializado e predominantemente branco. Desde o início da República, em 1902, três aspectos fundamentais marcaram a experiência da população afro-cubana: a luta por inclusão, a criação de espaços políticos e educacionais, e a resistência às estruturas de discriminação institucional.

No início da República, afro-cubanos conquistaram avanços significativos, como a formação de uma bancada afro-cubana no Congresso, com voz e voto. Em 1906, a população afrodescendente organizou-se e, dois anos depois, fundou o primeiro Partido Negro das Américas, conhecido como Partido dos Independentes de Cor. Este partido integracionista buscava combater a discriminação estrutural e promover a igualdade, mas enfrentou forte repressão. Muitos de seus líderes foram assassinados, e o partido foi dissolvido, evidenciando o racismo institucionalizado.

A educação e a instrução sempre foram pilares fundamentais para a população afrodescendente. Desde o final do século XIX, afro-cubanos valorizaram a transmissão de valores e o acesso ao conhecimento como formas de ocupar espaços e afirmar sua identidade como fundadores da nação. No entanto, a discriminação limitava o acesso a oportunidades educacionais, e muitos afrodescendentes dependiam de apoio externo para estudar, frequentemente na Europa.

Com a Revolução Cubana de 1959, houve avanços significativos, como a universalização da instrução e campanhas de alfabetização. No entanto, a liderança negra que apoiou a revolução enfrentou perseguições, exílios forçados e censura. Muitos líderes negros, incluindo pedagogos, advogados e sindicalistas, foram marginalizados, destacando as contradições de um movimento que prometia igualdade, mas invisibilizava as contribuições afrodescendentes.

A história da população afro-cubana é marcada por resiliência e luta por reconhecimento. Apesar das barreiras, afrodescendentes continuam a

desempenhar papéis fundamentais na construção da identidade nacional e na promoção de valores de equidade e inclusão. Reconhecer essas contribuições é essencial para construir uma sociedade mais justa e representativa.

1:00:16 As condições de moradia e os desafios enfrentados pela população afrodescendente em Cuba ilustram as barreiras estruturais históricas e contemporâneas. Mesmo com conquistas educacionais e profissionais, como médicos, professores e engenheiros negros, muitos continuam vivendo em condições desfavoráveis. Isso reflete o racismo estrutural que limita o acesso a oportunidades reais de ascensão social e qualidade de vida.

A Revolução Cubana de 1959 trouxe a promessa de igualdade, com medidas como a universalização da instrução e campanhas de alfabetização. Contudo, a população afrodescendente continuou enfrentando discriminação institucionalizada. Líderes negros que participaram da revolução foram perseguidos, exilados e marginalizados, evidenciando as contradições de um movimento que invisibilizou as contribuições e lutas afro-cubanas.

A diáspora afrodescendente em Cuba também revelou elementos de resistência e espiritualidade. Mulheres afro-cubanas desempenharam papéis fundamentais na preservação de valores culturais e na luta por inclusão. No entanto, muitos refugiados afro-diaspóricos foram forçados a deixar Cuba, levando consigo histórias e experiências que continuam sendo essenciais para entender as dinâmicas da população negra na ilha.

Atualmente, associações afro-cubanas continuam reivindicando direitos e denunciando censura e discriminação. Esses grupos enfrentam repressão e desafios semelhantes aos vividos na era pós-revolução, reforçando a necessidade de espaços inclusivos e reconhecimento das contribuições afrodescendentes.

A história da população afrodescendente em Cuba e seu paralelo com o Brasil demonstram elementos comuns, como a violência escravista e o colonialismo, mas também diferenças que moldaram a experiência de cada nação. Ambos os países compartilham uma luta contínua contra o racismo estrutural e pela valorização de suas respectivas histórias e culturas negras.

Reconhecer essas lutas e dar visibilidade a essas narrativas é fundamental para construir sociedades mais justas e equitativas, onde os direitos e a dignidade das populações afrodescendentes sejam plenamente respeitados.

1:13:58 A saúde pública em Cuba é frequentemente elogiada internacionalmente, mas enfrenta desafios internos significativos. Muitos cubanos relatam longas esperas para exames, cirurgias e consultas, evidenciando problemas estruturais no sistema. Apesar de formar médicos altamente qualificados, o país prioriza a exportação desses profissionais em condições que podem ser comparadas à

semiescravidão, enquanto a população local enfrenta dificuldades para acessar cuidados básicos.

Além disso, há relatos de corrupção e desigualdade no acesso a medicamentos e e serviços médicos. Medicamentos essenciais são vendidos em dólares para mercados internacionais, enquanto muitos cubanos não conseguem adquiri-los. Essa situação reflete uma contradição entre o discurso de solidariedade internacional e as necessidades internas não atendidas.

Outro ponto crítico é a exportação de café cubano, considerado um dos melhores do mundo. Paradoxalmente, os cubanos muitas vezes não têm acesso ao próprio produto, sendo obrigados a comprá-lo em dólares. Essa prática exemplifica como recursos nacionais são direcionados para exportação, deixando a população local em desvantagem.

Essas questões estão inseridas em um contexto histórico de desigualdades estruturais que remontam ao período colonial e ao castrismo. A população afro-cubana, em particular, enfrentou exclusões e marginalizações, mesmo após a Revolução de 1959. Embora a alfabetização tenha sido universalizada, líderes negros que apoiaram a revolução foram perseguidos e exilados, destacando as contradições de um movimento que prometia igualdade.

1:23:00 As populações afrodescendentes, tanto em Cuba quanto em outros contextos, não são monolíticas. São, ao contrário, profundamente diversas em termos culturais, históricos e sociais. Essa multiplicidade de experiências e identidades precisa ser reconhecida e valorizada, especialmente no discurso que muitas vezes tende a simplificá-las.

A narrativa que reduz a África e sua diáspora a uma única história ou perspectiva é limitante e perigosa. Como Chimamanda Ngozi Adichie alerta em sua famosa palestra sobre "o perigo de uma história única", é fundamental ampliar nossas perspectivas para evitar estereótipos e simplificações. O pensamento colonial muitas vezes reforçou essas narrativas únicas, mas cabe a nós desconstruí-las e abrir espaço para a complexidade.

O processo de colonização, por exemplo, impactou profundamente os corpos e identidades afrodescendentes, tanto física quanto psicologicamente. Essas experiências resultaram em um equilíbrio entre o emocional, o espiritual e o cultural, formando comunidades que são ao mesmo tempo resilientes e inovadoras. A espiritualidade, particularmente, desempenha um papel central, pois conecta os indivíduos a suas ancestralidades e raízes, ajudando a superar os desafios impostos por estruturas opressoras.

As mulheres afrodescendentes exemplificam a diversidade e a força dentro dessa trajetória. Elas são construtoras de feminilidades que vão além dos aspectos

físicos, refletindo desenvolvimento emocional, psicológico e espiritual. Essa multiplicidade se reflete nas profissões, nos modos de ser e nas contribuições culturais, que são fundamentais para a transmissão do conhecimento e dos valores dentro das comunidades.

Ademais, é importante ressaltar que a cultura nunca deve ser uma prisão. Em vez disso, ela deve ser um farol que ilumine as possibilidades e promova a complementaridade entre diferentes identidades e perspectivas. Reconhecer essas multiplicidades não significa apagar as histórias de sofrimento e opressão, mas sim destacá-las como parte de uma narrativa maior de resistência e transformação.

04

PESQUISAS

RELATÓRIO FINAL DE PESQUISA 2018 - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo - Campus Cubatão.

Relações raciais e o desempenho discente em matemática nos anos iniciais das escolas da comunidade local do IFSP

Bolsista: Isadora Lima Santana da Silva.

Orientador: Professor Doutor Antonio Cesar Lins Rodrigues

RESUMO

A presente pesquisa traz em seu escopo a identificação da vinculação ou não das relações raciais no desempenho discente em matemática no ensino fundamental. Teve como público alvo estudantes do 1º ao 5º ano do ensino fundamental de duas escolas do município de Cubatão-SP, todas ligadas aos bairros pertencentes à comunidade local do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – Campus Cubatão/IFSP-CBT. Por se tratar de uma pesquisa em educação, acataram-se as abordagens qualitativas como referencial teórico-metodológico fundante, abertas à possibilidade de mescla comas abordagens quantitativas, já que, ao se realizar tal investigação, também serão apresentadas estatísticas determinantes como produto final esperado. Como método, adotou-se a combinação dos estudos exploratório e descritivo. Utilizaram-se os dados do instrumento de avaliação em larga escala, a Prova Brasil, como ponto referencial de partida, a fim de se depreender o fenômeno. Como resultado, propôs-se um acompanhamento sistemático durante o tempo de pesquisa – podendo ser estendido em convênio posteriormente estabelecido com a secretaria municipal de educação –, oferecendo suporte acadêmico aos discentes e docentes, no qual estarão envolvidos os alunos e professores do curso de Licenciatura em Matemática do IFSP-CBT.

Palavras-chave: Aulas de Matemática. Crianças Negras. Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

INTRODUÇÃO

O desempenho escolar em matemática nas escolas brasileiras tem sido um complexo problema por se resolver. Ligado a distintos fatores, dentre os quais se aponta “os atributos familiares e as suas condições socioeconômicas” (ARAÚJO; SIQUEIRA, p. 101, 2010), bem como uma série de deficiências na formação docente (MOURÃO; ESTEVES, 2013), o ensino da matemática nos anos iniciais chama a atenção das autoridades educacionais, destacando-se como um dos campos de prioridade nas questões relativas ao desenvolvimento suas peculiaridades se encontra presente nas escolas brasileiras, compondo um cenário matizado necessitado de olhares mais esmerados, que a analisem e a entendam nas mais abrangentes perspectivas possíveis. Nesse contexto, percebe-se a cidade de Cubatão como sui generis, já que tem o maior número de negros declarados em nível de proporcionalidade por habitante, segundo o censo de 2007. Diante de tal cenário, vislumbrou-se a possibilidade de uma pesquisa que mapeasse os indicadores das escolas que compõem a comunidade local do IFSP-CBT , a fim de se poder entender a dinâmica de funcionamento que permeia os índices de desenvolvimento das mesmas na área de matemática, observando se há ou não uma relação, direta ou indireta, com a já citada questão racial.

Após um levantamento para a identificação das escolas da área correspondente em à comunidade local do IFSP-CBT, chegou-se ao número total de cinco escolas, selecionando-as como pressuposto inicial para a elaboração do presente projeta de pesquisa, a partir dos dados da “Prova Brasil” (INEP, 2015). De posse de tais informações, observou-se que, ao serem avaliadas, apresentaram médias de desempenho em matemática que não ultrapassaram os 26 pontos percentuais em cada um dos 10 níveis de proficiência, sem atingir, de maneira significativa, os cinco últimos níveis propostos como parâmetro pela instituição. Entende-se que esses dados iniciais, ao passarem por uma análise mais profunda, talvez propiciem descobertas bem mais complexas do que aparentemente pressuponham. Logo, antevê-se a necessidade de investigá-los como mais acuidade se torna preeminente, a fim da se obter uma depreensão compatível a sua dimensão.

A partir dos dados do IBGE referentes ao pertencimento racial da população

do município anteriormente citados e das investigações empíricas realizadas ao longo de 12 anos de atuação no magistério em educação básica do município de Cubatão, admitiu-se não poder prescindir de tal investigação, em virtude da população negra discente compor significativamente o cenário não somente da comunidade local do IFSP-CBT, mas também de toda a Região Metropolitana da Baixada Santista que também constitui a área de abrangência da instituição.

Nesse contexto o papel da escola é de fundamental importância para a construção das identidades docentes, pois ajuda a estruturar as possibilidades de se estar no mundo como cidadã/cidadão. Segundo Ferreira e Camargo:

> A escola é uma instituição socializadora de fundamental importância por revelar a ideologia opressor/oprimido e dominante/dominado, e passa a funciona como potente difusora da ideologia dominante. Torna-se, portanto, reflexo das relações sociais discriminatórias vividas diariamente, além de retroalimentar tais relações. Tais condições se refletem nos índices educacionais obtidos por negros e mestiços, sistematicamente inferiores aos das crianças brancas (2011, p. 382).

Dentro dessa perspectiva, tem-se a questão racial como sendo de total relevância nas escolas e relacioná-la às situações de desempenho acadêmico em matemática faz todo o sentido, à medida que estão imbricadas em “relações de poder” (FOUCAULT, 1979), e essas se dão a todo o momento nas instituições escolares, sendo determinantes de quem e como logrará sucesso no contexto curricular ao qual estiver submetida/o.

A escola ainda é um dos poucos aparelhos públicos que consegue concentrar um grande número de crianças durante boa parte de seus dias semanais e, por tal circunstância, apresenta-se como uma alternativa a novos caminhos permeados de novas construções curriculares não tão “desinteressantes e desnecessárias” (D’AMBRÓSIO, 2005, p. 116) aos discentes dentro do ensino da matemática. Entende-se que a atribuição de uma maior atenção ao distanciamento causado pela falta de interesse discente, talvez seja um caminho ao combate dos inúmeros fatores concorrentes ao aumento de volume das estatísticas relacionadas ao fracasso escolar. Observar, também, até que ponto certos grupos socialmente deslegitimados são atingidos pelos diversos mecanismos de exclusão, admite-se ser uma forma de busca das possibilidades da “justiça curricular”, a qual Connell define como:

> [...] o grau em que uma estratégia pedagógica produz menos desigualdade no conjunto de relações sociais ao qual o sistema educacional está ligado, pautada, a seu ver, por três princípios: (a) os interesses dos menos favorecidos, (b) participação e escolarização comum e (c) a produção histórica da igualdade (CONNELL 1993 apud MOREIRA; CANDAU, 2003p. 157).

Em face da realidade sugerida, entende-se como de total relevância a realização do presente projeto, vislumbrando-se possibilidades acadêmicas que podem se espraiar, alcançando esferas para além das diretamente ligadas às escolas, discentes, docentes, bolsista(s), instituição promotora – IFSP-CBT e orientador(es) envolvido(s).

Objetivo Geral

- Identificação da existência ou não de uma vinculação entre o desempenho escolar discente em matemática e o seu pertencimento racial.

Objetivos Específicos

• Levantamento dos possíveis fatores ligados às situações de desempenho da população discente;
• Análise das possíveis relações entre o desempenho escolar discente em matemática e a formação docente nas escolas pesquisadas;
• Ofertar alternativas de formação docente por meio de encontro de formação, a partir do estudo das áreas da matemática de menor desempenho discente, de acordo com a indicação docente das escolas pesquisadas, utilizando, para tanto, o suporte técnico colaborativo dos professores e graduandas/os do curso de Licenciatura em Matemática do IFSP-CBT;

DESENVOLVIMENTO (METODOLOGIA E ANÁLISE)

Trabalhou-se com a fusão dos métodos exploratório e descritivo, utilizando a observação não participante, aliada às entrevistas semiestruturadas como técnica de coleta de dados.

Para a análise de dados, lançou-se mão da hermenêutica crítica de Kincheloe e McLaren (2006), a partir da ideia de texto apresentada por Tomaz Tadeu da Silva (2010), na qual o texto se encontra presente não somente na escrita, mas também em situações contextuais nas quais as relações humanas aconteçam direta ou indiretamente. Entende-se que nessa perspectiva a hermenêutica crítica tenha suficiente potencial para dar conta das várias situações registradas pela bolsista, trazidas por meio do registro de suas observações.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicia-se a exposição dos resultados da pesquisa ressaltando que, durante o seu percurso, a mesma foi atravessada por vários problemas de ordem técnica e logística, os quais serão elencados em seguida.

Em relação às escolas pesquisadas.

A princípio tínhamos em nosso planejamento cinco escolas como escopo, cujos nomes decidimos por preservar, a fim de que não se abram espaços para pré-julgamentos em razão dos escritos. O projeto de pesquisa foi apresentado às respectivas direções e, de imediato, apenas uma das escolas mencionou que não teria condições de participar da pesquisa em função de estar passado por uma crise de escassez de funcionários, na qual a Diretora e a coordenadora pedagógica haviam assumido, inclusive, as funções de inspetoras e agentes administrativas por não terem como contar com os profissionais dessas áreas. As demais escolas não esboçaram impedimentos e comprometeram-se em participar sem maiores problemas.

Nos meses seguintes, o município de Cubatão passou por uma série de greves e paralisações em função da gestão atual está vivendo uma das maiores crises com a classe docente. Esses eventos sucessivos inviabilizaram o planejamento de pesquisa de campo, anulando as intervenções previamente programadas em razão das consequências geradas por tal situação. No início do segundo semestre de 2018 a bolsista que iniciou o trabalho de pesquisa desligou-se e a bolsista Isadora Lima Santana da Silva assumiu o seu lugar, proporcionando a continuidade da pesquisa. Ao revisitarmos as quatro escolas restantes, “A”, “B”, “C” e “D”, encontramos um cenário bem diferente do inicial, no que tange à receptividade à pesquisa nas escolas “A” e “B”. A escassez de pessoal, aliada às crises entre gestão e docentes, agora agravadas, fizeram com que as escolas citadas declinassem do acordo inicial em relação à realização da pesquisa, colocando-nos em uma situação cada vez mais complicada e distanciada dos objetivos do planejamento inicial.

Diante de tais circunstâncias, optou-se por reestruturar a estratégia de pesquisa, selecionando-se 4 turmas para serem investigadas durante o período restante, sendo duas em cada uma das escolas – escolas “C” e “D”.

Entrou-se em contato com a direção e equipe dessas escolas e acertaram-se os horários de observação de acordo com as adequações da rotina pedagógica das respectivas turmas. Optaram-se por duas turmas do 2º ano na escola “C” e duas turmas do 3º ano na escola “D”. A bolsista visitava semanalmente ambas as escolas, dedicando dia e horário específico para cada

uma delas. Nessas visitas ela se colocava como observadora não participante, registrando o cotidiano pedagógico das turmas, no qual as reações, acontecimentos, comportamentos, intervenções, desempenho, relações docente-discente e discente-discente eram observadas durante as aulas de matemática. Há que se registrar o acordado nas visitas que foram direcionadas para os dias e horários da semana em que as professoras trabalhavam com o ensino de Matemática.

Segundo relatou a bolsista, as professoras mostraram certo desconforto com a possibilidade da presença de uma observadora em suas salas de aula. Por conta disso, optou-se por garantir que as observações manteriam as professoras no anonimato, aproveitando para abrir o espaço de indicação da criação de mecanismos (por parte do IFSP-CBT) que ajudassem a construir soluções para os problemas de aprendizagem os quais eram mais comumente enfrentados por elas no ensino da matemática; tais mecanismos seriam as “formações” a partir das necessidades indicadas por elas como prioridades, oferecidas como parte da contrapartida da pesquisa corrente. Tal desconforto foi sendo minimizado, à medida que os laços iam se estreitando com a constância das visitas. Outro aspecto importante relatado pela bolsista tratou da forma em que o processo de ensino-aprendizagem fora apresentado no começo das observações.

Notou-se que as docentes se valiam de uma atuação sob autovigilância, para demonstrar uma preocupação direta com o aprendizado discente em relação à matemática, apresentando métodos e meios atrelados a uma prática sazonal – em função da estranha presença da aluna bolsista – que não era a prática voltada à rotina de suas intervenções pedagógica. Com o tempo, as situações reais começaram a vir à tona e um registro mais fidedigno pode ser feito.

Em seguida, apresentar-se-ão recortes das observações da bolsista durante a sua pesquisa de campo para que se tenha uma ideia mais concreta de como o processo se desenrolou ao longo dos meses de pesquisa de campo. Tomar-se-ão os critérios de não distinguir as autoras dos textos por ora interpretado a partir das observações realizadas pela bolsista. Começando pelas impressões iniciais colhidas:

> [...] O modelo da organização da sala é tradicional, fileiras e os alunos não se movimentam muito dentro da sala. A professora segue um modelo tradicional, pois utiliza recurso tradicionais como a lousa, o giz, a apostila, os livros didáticos, correção de exercícios ,situações problemas, etc (ALUNA BOLSISTA, observação 1).

Uma das questões que eclodiram foi o fato das configurações de sala de aula estarem alicerçadas em um modelo tradicional de ensino. A ideia de uma escola tradicional, na qual o conhecimento continua centrada no professor ainda é muito marcada dentro da escola contemporânea, não obstante todas as discussões

acontecidas ao longo das últimas décadas em torno de tal assunto, eminentemente, encontrou-se tais configurações como prevalentes nas escolas pesquisadas. A aluna bolsista também chama a atenção para alguns aspectos relacionados à questão racial acontecidas em sala de aula no que tange ao tratamento dispensado pela professora às crianças:

> [...] Foi chamada a atenção de três alunos, a “MV” (negra), a “L” (negra), a “P” (branca) e o “”R (pardo),ela tinha comentado que tem três alunos que são terríveis, não especificou o sexo, mas não tenho certeza se são um deles, eles são os alunos que a professora mais chama a atenção, talvez porque eles tentam questionar alguma coisa na hora da explicação, como ”eu não consegui, a minha conta deu errado” e a professora sempre interrompe dizendo que “não é para falar ao mesmo tempo”. Outro fator interessante a ser notado, foi que em uma fileira inteira está sentado somente alunas pardas e na outra está sentado alunas brancas, existe uma separação da sala, uma turma não fala tanto com a outra, isso foi notado por enquanto, só na turma do 2B. Observações relevantes: os alunos mais interessados em responder são os alunos negros e pardos, a aluna negra “MV” não conseguiu fazer o exercício da forma certa e o garoto “R” sempre responde, mas a professora chama sua atenção muitas vezes, uma delas foi porque ele perguntou para a professora se ela já tinha explicado essa matéria e ela disse em tom de voz bravo que não era para interromper, ela gesticulou muito com olhares de advertência em direção a esses alunos (ALUNA BOLSISTA, observação 2).

Nesse relato se pôde observar que tal comport. Essa está marcada pela falta de voz e vez dentro da rotina em sala de aula e também pela segregação, mesmo que velada, de seus lugares dentro da organização estabelecida dentro de sala de aula. Não se pode afirmar categoricamente que tal fato será o fator crucial em seus desempenhos matemáticos durante o processo de escolarização, contudo é um fator a ser levado em consideração, haja vista que essas crianças passarão uma boa parte de seus anos de aprendizagem vivenciando tais relações em sala de aula e que nesse ambiente de aprendizagem, é preciso que se criem condições de avanço à todas e todos dentro de uma perspectiva de igualdade. Também foram observadas intervenções pontuais das professoras que “mascaravam” a rotina aplicada em função de a aluna bolsista estar presente. Quando as visitas de observação aconteciam condicionadas às datas previamente indicadas pela coordenação, a professora apresentava situações de ensino e aprendizagem variadas, com fartura de recursos didáticos, variedade de metodologias etc. Contudo, quando as visitas eram feitas em dias que não estavam programados, as professoras demonstravam um outro lado de suas atuações, trabalhando dentro de uma perspectiva de improviso e demonstrando um pouco de apatia às situações acontecidas em sala de aula no tangente à aprendizagem. Em seguida a bolsista relata uma das muitas visitas nas quais tal situação fora observada:

> Essa contradição só ocorreu porque ela não foi avisada neste dia especifico que eu estaria lá para observar, a aula foi desorganizada e ela estava muito estressada os alunos fizeram o que queriam na aula, fingiram que estavam fazendo exercícios e ela não apresentou quais exercícios eram, coisa que não tinha ocorrido, no primeiro dia ela foi mais organizada, planejou o que seria feito na aula, mas nessa aula ela não planejou. A professora ficou sentada durante a aula toda e só falava alto quando uma criança arrumava confusão com a outra (ALUNA BOLSISTA, observação 3).

Observou-se que as dificuldades das alunas e alunos não eram levadas em conta em uma boa parte das intervenções das professoras. As dúvidas não eram constantemente sanadas e as crianças acabavam por terem de literalmente “virar a página”, avançando para os conteúdos solicitados pelo calendário escolar, mesmo que esses fossem pré-requisitos para a apreensão dos conteúdos subsequentes. A preocupação em serem observadas decerto modificou os comportamentos das professoras. A princípio pareciam dar conta de vivenciarem a situação, mas, com o tempo, a aluna bolsista relata esse incômodo por parte das professoras. Na observação que se segue, a bolsista relata uma das situações nas quais esses dois comportamentos se tornam evidentes:

> [...] A forma como a professora administra a aula não ajuda todos os alunos a compreenderem o conteúdo, cada aluno anota suas respostas sozinhos, a professora não vai em cada mesa conferir se está certo. A correção dos exercícios não é passada na lousa, é ditada e alunos como o “J” não conseguem acompanhar. Quando a aula está encerrando, os alunos querem fugir da lição e pedem para ir ao banheiro logo, a professora dá bronca e manda eles esperarem e terminarem a lição. Outro detalhe é que essa professora mostra estar preocupada em ser observada (ALUNA BOLSISTA, observação 4).

Há uma utilização maciça de cópias de exercícios como método, isso de um modo generalizado. Não obstante as circunstâncias de exceção, de um modo geral, as cópias das lousas ainda são utilizadas como um recurso frequente para a “contenção corporal” e para a formatação “Bancária” (FREIRE, 2005, passim) e, nesse sentido, a observação que se segue ilustra bem essa afirmação:

> [...] A lousa já estava preenchida com os exercícios, nesta aula, os alunos ficaram um pouco mais comportados e em silencio se for comparado nas aulas anteriores. Segundo a professora, uma lousa desorganizada causa tumulto e assim, eles não se sentem na obrigação de ter um caderno organizado. A professora passou somente um exercício de matemática na lousa, colocou a resposta e a continuação dos numerais. Os alunos ficaram a aula toda copiando (ALUNA BOLSISTA, observação 5).

Um aspecto relevante presente na observação foi a constatação de uma prática pedagógica bem tradicional no que se refere às possibilidades de trocas de

aprendizagem. As professoras em uma grande parte de suas práticas, não fomentam espaços de discussão a respeito das intervenções acontecidas durante as aulas. Em vezes que não foram poucas, a bolsista se deparou com situações nas quais as crianças não tinham espaço para colocações durante as explicações das professoras. Geralmente as que faziam ou tentavam fazer intervenções tinham suas atitudes interpretadas de maneira distorcida, associando-as a uma falta de disciplina. Na observação que se segue temos um exemplo:

> A sala continua dividida entre fileira de meninos e de meninas e durante a leitura do livro a professora demonstrou desanimo. Os alunos que levam bronca são os mesmos, existe fileira de meninas pardas e negras e uma fileira de meninas brancas. A lousa estava vazia quando eu cheguei, mas foi preenchida logo em seguida, com o cabeçalho, continuação dos números, alfabeto e exercícios, os alunos são comunicativos e gostam de fazer perguntas a professor e como sempre ela comenta que os alunos acham que são melhores, ela disse assim" eles acham que são gente, não tem nem o nível superior e se sentem melhores que a professora" (ALUNA BOLSISTA, observação 6).

No que diz respeito à autonomia de aprendizagem e no reconhecimento dos saberes discentes, identificou-se certo apartamento dessas preocupações por parte da docente, o que nos remete a pensar se essas atitudes têm relação com o desempenho escolar ou se são fatores preponderantes para que esse aconteça. Talvez seja precipitada a afirmação de que, por conta desse tratamento no processo de escolarização, essas crianças terão maior ou menor dificuldade de lograrem êxito em seus desempenhos, porém se entende como importante o trabalho da autonomia discente a partir de um estímulo às iniciativas ligadas à resolução de problemas e produção de inferências dentro do processo ensino-aprendizagem. Segue-se mais uma observação importante para o direcionamento dessa análise:

> [...] lembrei que em uma das aulas eu perguntei se a maioria dos alunos é da Vila dos pescadores e ela afirmou e disse que é por isso que é uma bagunça.. Foi comentado pela cuidadora que o aluno Gustavo faltou e na aula anterior ele não copiou nada, a professora disse" ele é um caso perdido, o irmão também é assim, não faz nada, não dão valor ao estudo". Enquanto a cuidadora está impaciente ao ensinar o aluno, a professora passa a correção na lousa e os alunos a corrigem e ela responde o seguinte: "Tá cheio de pedagogo aqui", as crianças perguntam o que é pedagogo e a docente responde" é quem tem nível superior e ninguém tem superior tirando a estagiária e eu"(ALUNA BOLSISTA, observação 7).

Apresenta-se uma situação na qual a fala da professora nos traz dá pistas da consolidação recorrente de um pensamento tradicionalmente assimétrico em se tratando da relação docente/discente. A citação acima descreve uma "descrição

linguística [apresentando e servindo] como uma forma de regulamento e de dominação [...] definidas como um conjunto de regras tácitas que regulam o que se pode ou não ser dito" (KINCHELOE; MCLAREN, 2006, p. 286).

E essa autorização ou não da fala também determinam, além do que pode ou não se falar, "[...] quem pode falar com as bênçãos da autoridade e quem deve escutar, de quem são as construções sociais válidas e de quem são as incorretas e as sem importância" (Ibidem, loc. cit.). Antevê-se estar em jogo uma questão maior dentro do processo de escolarização. Não raras sejam as incidências de tais situações, afirmação que traz o peso de outras observações feitas pela aluna bolsista e também advindas da prática docente do coordenador da presente pesquisa em análise, admite-se que, por conta das mesmas, tem-se um cenário no qual se torna muito difícil o avanço no desempenho escolar discente.

A necessidade em delimitar os territórios de atuação discente por meio de barreiras que as/os colocam na lógica da assimetria acontecida em sala de aula – no tangente à relação docente/discente – ainda não é rara e parece estar muito ligada a um exercício de controle muito mais ligado ao autoritarismo do que a uma autoridade.

Infere-se que tais atitudes tenham uma ligação muito grande às práticas pedagógicas vinculadas ao processo de escolarização vivenciado pelas/os docentes, por serem recorrentes e semelhantes às formas, jeitos e trejeitos de controle disciplinar presentes nos manuais pedagógicos tradicionais; também remetem ao pensamento de que o currículo das graduações em pedagogia, embora com muitas possibilidades de um pensamento mais democráticas no tangente às relações docente/discente, acaba sendo sufocado pelo cotidiano pedagógico maçante ao qual são submetidas/os as/os docentes, estimulando práticas por resultados mais imediatos, em se tratando da manutenção da disciplina em sala de aula.

Os traços punitivos transitam por certas preferências indicadoras, pelo menos no presente caso, de preferências que transitam pelos privilégios raciais. Pensando-se na hierarquização racial que indica discriminação, preconceito e racismo, a situação indicada na próxima observação pode dar pistas da presença desses três comportamentos nas aulas ministradas:

> A aluna "L" (preta) sentou em um determinado momento na frente da professora e a docente pediu para que a aluna sentasse em outro lugar chamando "L" de "abusada", a aluna ficou em silencio e sentou bem atrás da fileira. Os exercícios que foram passados na lousa contém o nome das alunas "L" e "MV", durante a explicação percebe-se que a professora está sem paciência e manda os alunos calarem a boca sempre que falam alguma coisa, ela ameaça a "L"(preta) e a "MV" (preta) dizendo que se continuarem falando ficarão sem passeio. O aluno "R" (preto) pergunta se tem que fazer continha na tabela, a professora fala que não e o garoto responde "eu sei" (nesse momento o aluno queria falar mais alguma coisa a respeito de sua dúvida, mas é interrompido) e a professora fala "Você não sabe de nada e não é para fazer continha", o aluno diz que entendeu e fica em

> silencio. “MV” faz uma pergunta a professora e logo em seguida o aluno Ruan também faz uma pergunta, a professora fica calma com a aluna, mas com “R” ela é ignorante e manda ele calar a boca. Observou-se que os alunos devem se comportar se não são punidos, ficam sem passeio, sem ir ao banheiro durante a aula, etc. Alguns alunos ficaram sem ir ao passeio por conta de serem desobedientes segundo a professora. Um dos alunos brancos foi até a professora tirar duvidas e ela foi calma com ele, na vez de “MV” a professora interrompe e chama a aluna de “cutucão”, outros alunos, incluindo a “L” pergunta o que é “cutucão” e a professora não responde a pergunta, só fala que “não pode ninguém vir aqui que vocês cutucam” (ALUNA BOLSISTA, observação 7).

Considerando-se que a escola também seja um local ao qual devamos atribuir a possibilidade polissêmica ao analisarmos as relações interpessoais e laborais acontecidas em seu cotidiano pedagógico, temos presentes na mesma, diversas formas de percepções/atuações em se tratando de prática pedagógica. Essas ações são uma oportunidade para se observar a questão racial presente sob forma de hierarquização, conferindo às(os) discentes negras(os) certos lugares nos quais terão as suas possibilidades de expansão social limitadas pela discriminação e pelo racismo, sub-representados na organização dos espaços internos da sala de aula – fileiras racializadas, locais próximos às/os professoras/es, legitimação de fala, legitimação intelectual etc., conforme se constatou no depoimento anterior.

A importância do entendimento da escola como um local no qual a cultura é consolidada talvez seja preeminente. A fim de que a mesma – a cultura – ocupe o espaço social na construção de tudo que a ela cabe, a escola enquanto equipamento público ainda é um dos fortes canais faculdade de amoldamento da sociedade. Contudo um paradoxo se estabelece nessa função exercida pela mesma, seja esse a concomitância na consolidação/desconstrução de execução do parâmetro socioculturamente estabelecido. Gomes, de maneira bem oportuna, salienta que a escola:

> [...] enquanto instituição social responsável pela organização, transmissão e socialização do conhecimento e da cultura, revela-se como um dos espaços em que as representações negativas sobre o negro são difundidas. E por isso mesmo ela também é um importante local onde estas podem ser superadas (2003, p. 77).

Conclusão

Há que se pensar que o contexto educacional é responsável pela criação de autorizações leitoras do legitimável e isso não é pouca coisa. A partir dessas, entende-se surgirem os alicerces imaginários aonde se constroem os espaços de permissão de existência para certos grupos, nos quais se mantém – sob a égide da hierarquização – certos corpos e as respectivas autorizações de crédito à cidadania. O poder concentrado em um determinado grupo hegemônico tem o caminho para dar conta de represar as perspectivas de avanço crítico, não somente contendo-as, como também minimizando o potencial de transformação inerente às mesmas, por meio do discurso produtor das identidades e diferenças. Acatando aqui a interpretação de Silva que nos diz da interdependência das mesmas, sendo atos de criação e não elementos naturais, necessitando, portanto, de serem produzidas (2000, p. 76), percebe-se que têm de ser nomeadas (Ibidem), tanto uma quanto a outra e assim o são quando certas crianças são postas à parte do processo educacional, à medida que a elas é legada uma menor atenção por conta de uma pré-classificação atrelada, mesmo que de forma não explícita, a caracteres raciais, socioculturais etc.

Os valores identitários atribuídos por meio do discurso são difundidos socialmente sem que muitas vezes, sequer, as pessoas os detectem. Daí a chamada de atenção para alguns momentos descritos nas observações feitas pela aluna bolsista. A elucidação das codificações ideológicas imersas nessas representações culturais (KINCHELOE; MCLAREN, 2006, p. 290), consiste um dos trabalhos centrais da Hermenêutica Crítica, teoria na qual se fundamenta a presente análise.

A identificação de uma metodologia prevalentemente tradicional nas práticas pedagógicas das turmas das escolas pesquisadas, valendo-se de recursos como lousa, giz e livros didáticos por excelência é comum na rede municipal pesquisada. Observou-se também que o desempenho das crianças tem uma forte ligação às preferências pessoais das professoras, as quais estão ligadas a certos perfis de boas e bons estudantes, atrelados a comportamentos de submissão, silêncio e acatamento. Nesse itinerário, o vínculo do mau comportamento às crianças negras, ligando essas à falta de capacidade de bom desempenho, não foi uma exceção. De acordo com algumas observações aqui descritas e outras que nos reservamos a não colocar por serem repetidas em contextos diferentes das quatro turmas observadas nas duas escolas, registraram-se atitudes das professoras que demarcavam os limites dos avanços cognitivos por meio de barreiras psicológicas construídas a partir de atitudes de tratamento dispensado

às crianças negras que as situavam hierarquicamente numa posição de inferioridade.

Decerto não se admitiu tais tratamentos identificados como regra totalizante na rede de ensino, mas não houve como deixar de notar a sua importante presença nas escolas pesquisadas. As professoras se apegaram às possibilidades que, julgavam, traria a pesquisa e essas ligadas a um possível fim das dificuldades no ensino da matemática as suas alunas e alunos, já que esse, segundo seus próprios relatos, junto à Língua Portuguesa, representava o "nó" da aprendizagem de suas escolas. Contudo, entendeu-se não terem noção da representação da pesquisa, esperando da mesma a produção de intervenções mais imediatas auxiliadoras na resolução dos problemas com os quais lidavam em seu cotidiano pedagógico.

Identificou-se uma organização das práticas pedagógicas em função das visitas de observação. Tal fato foi tido como um fator negativo, pois quase mascarou a rotina pedagógica. Mas as visitas não programadas que se deram em função de contratempos comuns na rotina da pesquisa, revelaram, em um número significativo de casos, outra realidade do cotidiano pedagógico, muito mais atrelada a uma educação bancária do que a quaisquer outras práticas recheadas de recursos não tradicionais. Entendeu-se ser essa uma importante constatação, inferindo o entendimento de que com, sem e apesar dos recursos oferecidos pelas tecnologias, dentro do ideário docente ainda prevalecem os fortes reflexos do processo de escolarização ao qual o grupo de professoras e professores fora submetido durante sua vida escolar. Não obstante os estudos de graduação e as formações às quais se submeteram, a prática pedagógica tradicional da repetição e da cópia ainda tem um forte apelo nos meios e modos de se ensinar a matemática.

Por outro lado, o apelo à formação em matemática para ajudar a dar conta das grandes dificuldades encontradas no processo ensino-aprendizagem, pode ser um sinal positivo. Remete-nos a pensar na existência de certo interesse na melhoria da qualidade do ensino promovido pelas escolas, mesmo transitando pela linha tênue de outras motivações menos atreladas ao benefício discente. Face a tal situação, percebe-se a necessidade do estabelecimento de um maior vínculo do IFSP-CBT com as escolas da região. Entende-se que a produção acadêmica das Licenciaturas – somente para citar uma das vertentes – possa estar ligada diretamente às necessidades loco-regionais de ensino-aprendizagem na educação básica. O estabelecimento de parcerias nos parece ainda tímido, haja vista o potencial acadêmico concentrado na instituição. Talvez se devesse promover uma pesquisa que nos desse o parâmetro das necessidades preeminentes nas áreas de Matemática e Português e, a partir dessa passássemos à elaboração de um projeto onde a integração dessas necessidades com as possibilidades das Licenciaturas pudessem ser

equalizadas. A construção de cursos de extensão de pequena e média duração – pensando nas limitações impostas por nossos balizadores –, por meio de um programa de parceira poderia trazer muitos benefícios tanto às escolas da Região, quanto à instituição no concernente a sua função social.

Entende-se que tal disponibilidade em, pelo menos, tentar tornar exequíveis tais parcerias esteja presente na equipe das Licenciaturas. Afastar-nos do abantesma que impede o diálogo entre a comunidade acadêmica e as instituições de educação básica pública loco-regionais é uma prerrogativa de existência do nosso Instituto, haja vista a conjuntura política atual, na qual nossa instituição vem sofrendo perdas mais que significativas de investimentos de importantes a sua sobrevivência. Provar a nossa importante função social pode ser um caminho a nos sustentar, provando a importância de nossa existência, na luta por uma sociedade menos desigual, na qual a Justiça social e Curricular estejam presentes no engendramento de ductos de legitimação para quaisquer grupos, principalmente os excluídos dentro de uma perspectiva de equidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Fernando Robson Almeida de; SIQUEIRA, Liedje Bettizaide Oliveira de. DETERMINANTES DO DESEMPENHO ESCOLAR DOS ALUNOS DA 4ª SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL NO BRASIL. **Economia e Desenvolvimento**, Recife (PE), v. 9, n. 1, 2010. Disponível em: < http://periodicos.ufpb.br/index.php/economia/article/viewFile/10285/5642>. Acesso em: 01nov. 2017.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. LDB -Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília : MEC, 1996.

D'AMBRÓSIO, Ubiratan. Sociedade, Cultura, Matemática e seu Ensino. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 99-120, jan./abr. 2005. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ep/article/view/27965>. Acesso em: 06 nov. 2017.

FERREIRA, Ricardo Frankllin.; CAMARGO, Amilton Carlos. As Relações Cotidianas e a Construção das identidades Negras. **Psicologia: ciência e profissão**, 2011, 31 (2), 374-389.

FOUCAULT, Michael. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Graal, 1979.

Freire, P. (2005). **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Censo de 2007.

GOMES, Nilma Lino. Cultura Negra e Educação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 23, mai./jun./jul./ago. 2003.

KINCHELOE, J. L.; McLAREN, P. Repensando a teoria crítica e a pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da metodologia científica**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2005.

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa.; CANDAU, Vera Maria. Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 156-168, mai./jun./jul./ago. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a11.pdf.> Acesso em: 03 ago. 2017.

MOURÃO, Luciana; ESTEVES, Vera Vergara. Ensino Fundamental: das competências para ensinar às competências para aprender. **Ensaio**: Avaliação e Políticas Publicas em Educação, Rio de Janeiro, v. 21, n.
80, p. 497-512, jul./set. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v21n80/a06v21n80.pdf>.
Acesso em: 03 nov. 2017.

PROVA BRASIL 2015. INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Ministério da Educação. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/educacao/2016/07/escolas-ja-podemconferir resultados-da-prova-brasil-2015>. Acesso em: 03 nov. 2017.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

RELATÓRIO FINAL DE PESQUISA 2019 - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo - Campus Cubatão

As escolas de educação infantil de Praia Grande e a construção da autoimagem e autoestima das crianças Negras.

Bolsista - Elaine Moraes da Silva Costa

Orientador - Professor Doutor Antonio Cesar Lins Rodrigues

RESUMO

A presente pesquisa teve como escopo o levantamento dos produtos culturais - especificamente os referenciais de humanidades circulantes nas escolas de educação infantil de Praia Grande, relacionados à construção da autoimagem e autoestima das crianças negras. Para tanto, far-se-á um levantamento minucioso das imagens distribuídas pelas escolas como indicativos de referencial de humanidade – tais como cartazes e figuras, – expostas em todos os lugares de trânsito discente, estendendo-se tal observação/levantamento, aos acervos das bibliotecas e imagens das mochilas, estojos e cadernos das crianças. A pesquisa etnográfica como método, em virtude de se tratar de uma investigação qualitativa. O público-alvo do projeto de pesquisa composto pela população discente da educação infantil, em específico a população negra discente das escolas de educação infantil da Cidade de Praia Grande – SP. A Hermenêutica Crítica proposta por Kincheloe e McLaren (2006) fundamentará a análise de dados em razão da mesma propiciar um aprofundamento na interpretação dos textos apreendidos na conjuntura e contexto pesquisado. Como resultado, pretende-se construir um dossiê dos referenciais de humanidades presentes nas pré-escolas, cujo conteúdo possa respaldar a construção de políticas públicas em educação para as para as relações étnico-raciais.

Palavras-Chave: Educação Infantil, Crianças Negras, Autoimagem, Autoestima, Referenciais de Humanidades.

Introdução

Observam-se muitas questões relativas à temática racial circulando em nossa sociedade de maneira contundente. Decerto a escola não passa ilesa a essa emergência, já que traz em sua configuração a propriedade de concentrar um grande número de seres humanos em seu território, propondo e muitas vezes impondo caminhos de construção de subjetividades, por meio de sua função social de escolarização. Nesse percurso, entende-se que a escola transite em uma função paradoxal, pois, ao mesmo tempo em que pode servir de aparelho ideológico de estado (AUTHUSSER, 1985), ela pode construir possibilidades de avanço na construção da cidadania, abrindo espaços de voz e vez aos grupos excluídos. Por conta dessa possibilidade, entende-se a escola como o lócus de construção-ação das práticas de equidade e, posteriormente, de igualdade.

Pensando especificamente na temática racial como o escopo da presente pesquisa de iniciação científica, admite-se que a construção de uma discriminação racial positiva para a população negra possa ser engendrada dentro das instituições escolares, tendo em vista a gama de recursos dos quais são munidas tais instituições. Esse pensamento vai ao encontro do que propõem a Lei 11.645/2008 que altera a Lei 9.394/1996, modificada pela Lei 10.639/2003, a qual estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e cultura afro-brasileira e indígena" e a Lei 12.880/2010 que institui o Estatuto da Igualdade Racial.

Por conta dessas premissas se torna mister não se descartar a possibilidade de trabalhar desde a mais tenra idade com os mecanismos de discriminação positiva das identidades negras, haja vista o volume mais que significativo dessas presenças na rede municipal de ensino eleita e, especificamente na referida etapa da educação básica.

Ademais, o município de Praia Grande é um dos municípios da Baixada Santista, região que, segundo os dados Fundação Seade (2010), figura como uma dos regiões de maior quantidade de autodeclaração de negritude no Brasil, dado que ratifica a preocupação em se trabalhar com tal objeto, procurando identificar se há ou não e quais seriam os elementos que concorrem para o engendramento das identidades e subjetividades da população discente infantil que tem na pré-escola o seu lócus de aprendizagem.

É nesse sentido que se construiu o entendimento da necessidade de tal projeto iniciação científica, buscando por meio do mesmo a coleta de dados

científicos que permitirão a depreensão dos textos sócio-históricos que determinam certos lugares sociais à população negra desde a mais tenra idade. Entende-se também que a construção de uma cartografia dos referenciais de humanidades circulantes nos referidos estabelecimentos de ensino possa ser de grande valia, não somente para a população do município no qual o projeto de iniciação científica acontecerá, como também para toda a região da Baixada Santista que, a partir desse, poderá avançar no entendimento dos mecanismos que engendram as relações raciais na escola e suas possíveis consequências.

Justificativa

A Baixada Santista é uma das regiões do Brasil na qual existe uma das maiores concentrações de população negra autodeclarada. Em razão de tal fato, entende-se que as políticas de igualdade racial dentro da educação sejam de extrema relevância e que também precisem de uma atenção especial, a fim de se chegar a uma aproximação entre os critérios de igualdades constitucionalmente garantidos e os processos de equidade estabelecidos para a diminuição das discrepâncias acontecidas de fato. Entender como se dão esses processos pode ser um dos promissores caminhos ao exercício pleno da democracia e, para tanto, entende-se a escola como importante lócus de possibilidades à tal realização. O avanço nas políticas públicas, talvez seja a única e real alternativa à conferência da igualdade racial em nosso país e, por conta disso, enxerga-se tal construção sendo solidificada desde a mais tenra idade, fato tal, que nos impeliu a buscar nas escolas de Educação Infantil do Município de Praia Grande, especificamente na pré-escolas, os dados encaminhadores à tal construção. Ademais a ideia de tornar o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, campus Cubatão, um polo-referência em Educação para as Relações Étnico-Raciais, dialoga com os objetivos do Grupo de Pesquisas Raça, Culturas Negras e Gêneros – RACNEGÊ IFSP/CNPq, o qual se encontra vinculado a tal instituição, a fim do mesmo ser mais um braço no cumprimento da função social vinculada ao tripé Ensino, Pesquisa e Extensão.

Em razão de tais motivações e outras demandas criadas por consequência das ações deflagradas pela presente pesquisa, investiu-se nessa realização, entendendo que o mesmo potencialmente daria conta de muitas das

necessidades concernentes ao presente tema na região.

Objetivo Geral

Entender se as imagens indicadoras de humanidades circulantes no meio escolar infantil influenciam, ou não, na construção da autoimagem e autoestima das crianças negras, apontando quais as consequências dessa influência no engendramento tanto nos discursos raciais hierarquizantes, quanto na construção das ações que permeiam o cotidiano pedagógico.

Objetivos específicos iniciais

- Realizar um levantamento de todas as imagens que indiquem seres humanos circulantes nas escolas infantis da rede pública do município de Praia Grande (imagens indicativas de refeitórios, banheiros, salas de aula, bibliotecas, pátios, mochilas, agendas, bonecas/os e outros), levantando também as declarações de pertencimento racial registradas nos prontuários individuais das/os estudantes, a fim de que componham o dossiê a partir do qual se avaliarão os marcadores sociais, interpretando-os à luz da hierarquização das relações étnico-raciais vigentes nesses equipamentos;
- Visitar junto à aluna bolsista, colaboradores externos e voluntários, as escolas de educação infantil do município de Praia Grande, registrando, por meio de fotografias, a estrutura de cada uma delas e os referenciais fotográficos, orientando essa coleta de dados de acordo com o referencial metodológico eleito no presente projeto de pesquisa;
- Entendimento do pensamento das/dos professoras/es das instituições de ensino submetidas à pesquisa, a partir de questionários semiestruturados aplicados às/aos mesmas/os, versando sobre o objeto de estudo relacionado ao presente projeto de pesquisa, seja esse a presença das imagens de referencial humano na instituição de ensino e sua relação com a população negra escolar infantil;
- Criar mecanismos de autorreconhecimento e discriminação positiva para a população discente negra da educação infantil, a partir da apresentação de cidadãs e cidadãos negros da região da Baixada Santista, que sejam referências em todos os campos sociais, por meio de encontros para “conversas do conhecimento”, tema que trará

- explicações a respeito das profissões de cada protagonista, suas histórias de vida, a importância de suas atuações sociais, etc., observando a adequação de linguagem ao público-alvo;
- Identificar se há ou não, ações gerais ou específicas voltada para a educação para as relações étnico-raciais nas escolas investigadas; Apresentação de obras de literatura infantil voltadas à discriminação positiva da negritude, a partir de contações de história e representações e roda de conversa para analisá-las à luz do entendimento das crianças;
- Objetivos modificados em razão da pandemia – nos vimos impelidos, orientador e orientanda, a modificar a adequar esse objetivo em razão dos impedimentos causados pela pandemia. Aproveitaram-se relatórios e visitas que foram feitas em algumas escolas antes do Lockdown que serão anexadas como registros pré-adquiridos antes da vigência oficial da bolsa. prosseguimento à pesquisa, adotaram-se como práticas as entrevistas com algumas professoras a respeito dos novos desmembramentos surgidos em razão do isolamento social. Nessas conversas, levantaram-se alguns aspectos que retratam essa nova configuração de escolarização, considerando-se os detalhes antes não presentes nas situações pré-pandemia, nas quais os aspectos da educação remota não tinham nenhuma influência. Apontaremos nos resultados algumas questões referentes aos efeitos causados pela “forçosa” educação remota e também algumas situações inusitadas identificadas nos relatos das professoras.

DESENVOLVIMENTO (METODOLOGIA E ANÁLISE)

A presente descrição será feita a partir dos fatos acontecidos por conta dos efeitos da Pandemia que teve influência direta em nosso escopo, principalmente no que tange às intervenções da pesquisa de campo, ressaltando-se que, dentro da natureza etnográfica de nossa pesquisa, mesma se torna precípua. Contudo a reorganização forçada nos propiciou mergulhar muito mais a fundo em nossa fundamentação teórica, associando os textos discutidos nas reuniões do Grupo de Pesquisas RACNEGÊ às situações das crianças negras e, consequentemente, de suas famílias durante esse período de Pandemia, observando suas posições socioeconômicas e associando-as às possibilidades de chegada da qualidade do ensino remoto às mesmas. As análises dessas situações estarão presentes na conclusão. Voltando ao desenvolvimento, seguem as argumentações/fundamentações do mesmo.

A princípio, a presente pesquisa teria as alunas e alunos da pré-escola da educação infantil do município de Praia Grande como público-alvo. Trabalhar-se-ia com as 32 escolas de educação infantil – especificamente a pré- escola – que dão conta dos 32 bairros das microrregiões do município. Contudo, em razão da Pandemia e o consequente isolamento social, conseguiu-se visitar e mapear apenas 9 escolas antes do fechamento total das mesmas. Ressalta- se que a rede tem 8.807 estudantes como total de matriculados na pré-escola. A abordagem etnográfica de pesquisa educacional seria adotada, por conta da mesma ter as características que se seguem como eixos fundantes, segundo Lüdke e André (1986) e os mesmos em consonância com as características do objeto em questão:

- Ter-se o ambiente natural como fonte direta de coleta de dados, com o(s) pesquisador(es) como o principal instrumento;
- Os dados coletados são predominantemente descritivos – descrições do ambiente físico; situações e acontecimentos cotidianos;
- Transcrição de questionários e entrevistas semiestruturadas; a atenção do pesquisador para o maior número possível presente na situação estudada;

- A combinação de vários métodos de coleta de dados: fotografias, entrevistas, questionários, depoimentos e demais produtos culturais decorrentes do objeto de pesquisa;
- A busca do entendimento do quadro contextual como suporte para o entendimento do fenômeno;

Seguem algumas propostas iniciais e suas adaptações/adequações em razão da situação de Pandemia:

1. Seleção das/dos pesquisadoras/es interessadas/os (docentes e discentes vinculados ou não ao Campus Cubatão) em desenvolver a temática em seus estudos e que dialoguem com os compromissos exigidos (apropriação do referencial teórico, visitas de campo, reuniões para tabulação e análise de dados, etc.), tendo disponibilidade de tempo para o cumprimento dos mesmos – ***etapa cumprida***;
2. Apresentação do projeto de pesquisa à Secretaria Municipal de Educação e pedido de autorização – **etapa cumprida**;
3. Treinamento da/s/do/s bolsista/s iniciante/s para o trabalho de campo;
4. Visitas de campo para a coleta de dados e aplicação dos questionários semiestruturados às/aos docentes, equipe e direção - *substituída pela coleta de dados com as professoras das escolas e estruturação das mesas-redondas e palestras acontecidas durante o período de vigência da bolsa, acrescentada da leitura e discussão dos textos estruturantes da fundamentação teórica, todos relacionados às questões de raça, culturas negras e gêneros ligados às questões educacionais e que também são o escopo do Grupo de Pesquisas RACNEGÊ, ao qual a pesquisa também se encontra vinculada, além, é claro, do IFSP-CBT;*
5. *T*abulação e categorização dos dados a partir das especificidades da pesquisa, essas submetidas à ajuda sistemática do Grupo de Pesquisas RACNEGÊ, que no IFSP- Campus Cubatão é o responsável pelos estudos e pesquisas do objeto correspondente;
6. Análise de dados a luz do referencial teórico, seja esse a Hermenêutica Crítica proposta por Kincheloe e McLaren (2006);

7. Elaboração de uma formação de curta duração com finalidade de proporcionar a oportunidade um maior aprofundamento teórico às/aos docentes, equipes e membros das direções de cada escola pesquisada, no tangente ao objeto de pesquisa – etapa cumprida por meio das várias formações oferecidas pelo Grupo de Pesquisas RACNEGÊ sob forma de lives, tendo a bolsista como uma das organizadoras e participante de todas no suporte técnico, as quais se encontram postados nos seguintes links:
   https://www.youtube.com/watch?v=JyoEo-kFCtI
   https://www.youtube.com/watch?v=p1hjVVC5pfs&t=435s
   https://www.youtube.com/watch?v=8LZs8mb4M1o&t=8s
   https://www.youtube.com/watch?v=E45QJyaMbmE&t=5s
   https://www.youtube.com/watch?v=-Z_nml0wAJg&t=40s
   https://www.youtube.com/watch?v=-e3u0XL0d_A&t=8s
   https://www.youtube.com/watch?v=XnKGQZN3pb8
   https://www.youtube.com/watch?v=qy0IqSFC2KM

8. Realização de ações de discriminação positiva das negritudes, por meio de apresentação de obras literárias infantis em educação para as relações étnico-raciais, utilizando-se, para tanto, os títulos “Por que os anjos não são negros também”, “Luanda Enroladinha a Afromiguinha”, “Yabá Kekerê Maria, a menina da escola com samba” e “Muitas cores de pele, nenhuma cor de lápis”, com a contação de história e apresentação das obras pelo próprio autor às escolas nas quais a pesquisa será realizada – apresentação garantida em razão do autor também ser um dos pesquisadores diretamente envolvidos no projeto essa etapa não foi cumprida presencialmente em razão dos impedimentos contingentes da Pandemia. Houve a disponibilização da equipe, orientador e orientanda, no estabelecimento de orientações e encaminhamentos das questões relacionadas à discriminação positiva das negritude, por meio de contatos diretos efetuados com as docentes. Contudo uma das ações realizadas foi a disponibilização da contação de história abordando um dos livros citados como possibilidades, “Luanda Enroladinha a Afromiguinha” no canal infantil de uma professora parceira de ações educacionais diversas, Professora Corina Mulero, mãe de uma das alunas da primeira turma formada em Licenciatura em Matemática, Laís Mulero. Segue o link de acesso:
   https://www.youtube.com/watch?v=0U1XmeHeATM

CONCLUSÃO (RESULTADOS DA PESQUISA)

A princípio tínhamos um planejamento de pesquisa vinculado à ideia de uma educação presencial, na qual as ações compostas pelas visitas para as verificações ***in loco*** construiriam um momento de importância fundamental, dando continuidade a um procedimento inicial feito pela equipe de pesquisa1, quando nos meses de Fevereiro e 1ª quinzena de Março, mapearam-se as seguintes escolas: “Ofelia Caccetari dos Reis”, “Vila Tupiry”, “Idílio Perticatti”, “Idalina da Conceição Pereira”, “Newton de Almeida Castro”, “Layde Rodrigues Reis Loria”, “José Ribeiro do Santos Cunha”, “Manuel Nascimento Junior”, “Florivaldo Borges Queiroz” todas de Educação Infantil do Município de Praia Grande. Contudo, em razão da situação de Pandemia, forçadamente a reformulação das estratégias fizeram com que novos caminhos alternativos fossem engendrados, para que não se perdessem as oportunidades de se avançar dentro do escopo inicial proposto pela pesquisa. O isolamento social nos fez atentar para outros caminhos que, direta ou indiretamente, também estabeleciam uma relação com a construção das autoimagem e autoestima das crianças negras na educação infantil.

A crise desencadeada pela Pandemia apagou todos os planejamentos educacionais, atingindo não somente todas as pessoas diretamente ligadas ao trabalho educacional institucionalizado – diz-se, principalmente, das(dos) funcionárias(os) em todos os níveis ligadas(os) diretamente à educação –, mas também toda a estrutura humana contida no bojo das mais variadas inter-relações acontecidas no processo de escolarização e suas implicações diversas no ambiente sociocultural de todas as atrizes e atores envolvidos: crianças, pais, funcionários, equipe, professoras e professores, direção, comunidade escolar, comunidade do entorno, parentes das/dos discentes e comunidades ligadas diretamente às(aos) mesmas(os).

Inesperadamente o mundo inteiro se viu amarrado numa corda viral imobilizante e essa com o poder de colocar por terra todas as estruturas que davam o toque de continuidade/existência da vida em sociedade experienciada até o momento de seu advento. Nessa trama/teia biologicamente traçada, os ambientes escolares forçosamente foram deslocados para os ambientes familiares o que chamou atenção da sociedade, pois as desigualdades sempre presentes, parecem-nos, compeliram-se aos olhares tão resistentes ou entorpecidos a tal visão.

Decerto uma avalanche de desigualdades visibilizadas pela pandemia apresentavam um público-alvo repetido desde os primórdios de nossa nação.

---

1 Pesquisador coordenador, aluna bolsistas e demais membros do Grupo de Pesquisas RACNEGÊ.

Nelas a população Negra e, especificamente, as crianças Negras, encontravam-se na base do por nós intitulado ***iceberg das desigualdades,*** foram as que mais sofreram e sofrem as consequências de uma sociedade historicamente.

O aligeiramento em busca de uma solução teve na EAD uma "tábua de salvação" e, por conta disso, uma utilização exacerbada, valendo-se de alguns recursos dessa modalidade de ensino, sendo os mesmos, condição, mas não suficiente para caracterizá-la como tal. Dias e Pinto (2020) nos alertam para os perigos vindos à reboque de uma utilização exagerada da EAD afirmando que a mesma:

> [...] não pode ser a única solução, esta metodologia tende a exacerbar as desigualdades já existentes, que são parcialmente niveladas nos ambientes escolares, simplesmente, porque nem todos possuem o equipamento necessário (DIAS; PINTO, 2020, p. 546).

E no esteio dessas desigualdades, não por vontade própria, mas sim por condições historicamente construídas, a População Negra Infantil ancora todos os reflexos negativos trazidos pelas mesmas, principalmente que diz respeito à boa sucessão no processo ensino-aprendizagem. Outros agravantes são apontados pelos autores e também aparecem em nossas conversas com as professoras ou mesmo em relatos espontâneos ouvidos em entrevistas ou em conversas particulares:

> [...] muitos no Brasil não têm acesso a computadores, celulares ou à Internet de qualidade – realidade constatada pelas secretarias de Educação de Estados e municípios no atual momento – e um número considerável alto de professores precisou aprender a utilizar as plataformas digitais, inserir atividades online, avaliar os estudantes a distância e produzir e inserir nas plataformas material que ajude o aluno a entender os conteúdos, além das usuais aulas gravadas e online. Na pandemia, grande parte das escolas e das universidades estão fazendo o possível para garantir o uso das ferramentas digitais, mas sem terem o tempo hábil para testá-las ou capacitar o corpo docente e técnico-administrativo para utilizá-las corretamente (Ibidem).

Aliam-se a tais fatores as questões relacionadas à superestimação das expectativas por parte dos sistemas de ensino e das próprias escolas em relação à atuação dos professores, família e as próprias crianças em relação ao aproveitamento escolar no ensino remoto. São muitos fatores a serem considerados e, em especial com o público das escolas de Educação Infantil da Praia Grande, as questões relacionadas ao acesso à infraestrutura, tanto

familiar, quanto de acesso aos recursos exigidos pela educação remota, fazem com que as condições específicas da população pobre infantil do município, essa encorpada, em sua maioria, pela população Negra Infantil, acabe por sofrer as piores consequências dos efeitos da Pandemia.

Chegou-se à conclusão da existência de uma desigualdade direcionada a a partir de relatos das professoras e também das pesquisas publicadas, reportagens, relatos, etc., durante a pandemia. Estar no meio desse fogo cruzado e sofrendo as consequências mais graves do isolamento é uma das imputações feitas à população Negra Infantil e isso muito longe de quaisquer vitimismos. Infelizmente questões como as relacionadas à formação das mães e pais também influenciam bastante no tangente à uma suposta assistência "obrigatória" às crianças, a fim de que as mesmas possam ter o mínimo de suporte nos parâmetros de razoabilidade na aprendizagem. Isso sem contar com a importância dos ambientes familiares, a presença da figura adulta para dar conta das orientações mínimas de cuidado, alimentação, espaço físico etc.

Entende-se que algumas lições tiradas da Pandemia podem trazer benefícios para a educação, principalmente no concernente ao enfrentamento da resistência à utilização dos recursos tecnológicos exercida por muitas professoras e professores da rede municipal de Educação de Praia Grande. Entretanto, há de se pensar e com muito cuidado em quem será beneficiado nesse cenário "novo" cenário que, pouco a pouco, vem se consolidando em nossa sociedade.

Mesmo parecendo um discurso repetitivo e pouco eficaz, entende-se que aposta em políticas públicas de atenção aos grupos de crianças excluídas em nossa sociedade, ainda se apresenta como uma alternativa viável, potencialmente capaz de, pelo menos, minimizar os danos sofridos pelos referidos grupos, no sentido de que tais danos, decerto, se espraiarão para além de um insucesso escolar – o que já é muito grave – e chegando aos campos mais variados, como trabalho, emprego, acesso à saúde, alimentação, etc., ligados à condição mínima que se queira para o exercício pleno de uma cidadania.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, Louis. **Aparelho ideológico de estado**. 3 ed. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1980.

BRASIL, Lei 12.288/10. Estatuto da Igualdade Racial. Brasília, DF: Presidência da República, 2010. Disponível em: Acesso em: 20 mar. de 2018.

BRASIL. Lei 11.645, de 10 de marco de 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm . Acesso em: 20 mar. de 2018.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm>. Acesso em 16 de Out. de 2019.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. LDB - **Lei** nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

DIAS, Érika; PINTO, Fátima Cunha Pereira. A Educação e a Covid-19. **Ensaio**: Avaliação e Política Pública em Educação, Rio de Janeiro, v.28, n.108, p. 545-554, jul./set. 2020`.

GOMES, Nilma Lino. Cultura e Educação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro n. 23, p. 75-85, mai./jun./jul./ago 2003. Disponível em: Acesso em: 15 mar. 2019.

KINCHELOE, Joe Lyons; McLAREN, Peter. Repensando a teoria crítica e a pesquisa qualitativa. In: DENZIN, Norman Kent.; LINCOLN, Yona. **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

LINS RODRIGUES, Antonio Cesar. Educação Física e LDB: assumindo a responsabilidade na aplicação das leis 10.639/03 e 11.645/08. **Reflexão e Ação**, Rio Grande do Sul, v. 18, n. 1, p. 125-150, 2010. Disponível em: Acesso em: 17 mar. 2019.

_____. **Corpos e culturas invisibilizados na escola**: racismo, aulas de educação física e insurgênciamulticultural. 2013. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2013. Disponível em: Acesso em: 19 mar. 2019.

MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa.; CANDAU, Vera Mmaria. Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 156-168, mai./jun./jul./ago. 2003. Disponível em: Acesso em: 23 fev. 2019.

SEADE. **A maior população negra do país**. Disponível em: http://produtos.seade.gov.br/produtos/idr/download/populacao.pdf. Acesso em: 22 de fev. de 2019.

ROSEMBERG, Fúlvia. Expansão da Educação Infantil e Processos de Exclusão. **Cadernos de Pesquisa**, nº 107, p. 7-40, jul.1999.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Descolonizar o currículo: estratégias para uma Pedagogia Crítica. In: COSTA, Marisa Vorrarber. **Escola básica na virada do século**: cultura, política e currículo. Porto Alegre: FACED/URGS, 1995.

TABELA DE COLETA DE DADOS – RAÇA/ETNIA

ESCOLA

Crianças por turma	Meninos	Negros	Pardos	Pretos	Discrep. Pard/Br	Discrep. Pard/Pret	Discrep. Pret/Par	Discrep. Pret/Br	Discrep. Br/Pard	Discrep. Br/Pret	ND	Indíg.
Turma/Total												
Crianças por turma	Meninos	Negros	Pardos	Pretos	Discrep. Pard/Br	Discrep. Pard/Pret	Discrep. Pret/Par	Discrep. Pret/Br	Discrep. Br/Pard	Discrep. Br/Pret		
Turma/Total												
Crianças por turma	Meninos	Negros	Pardos	Pretos	Discrep. Pard/Br	Discrep. Pard/Pret	Discrep. Pret/Par	Discrep. Pret/Br	Discrep. Br/Pard	Discrep. Br/Pret		
Turma/Total												
Crianças por turma	Meninos	Negros	Pardos	Pretos	Discrep. Pard/Br	Discrep. Pard/Pret	Discrep. Pret/Par	Discrep. Pret/Br	Discrep. Br/Pard	Discrep. Br/Pret		
Turma/Total												
Crianças por turma	Meninos	Negros	Pardos	Pretos	Discrep. Pard/Br	Discrep. Pard/Pret	Discrep. Pret/Par	Discrep. Pret/Br	Discrep. Br/Pard	Discrep. Br/Pret		
Turma/Total												
Crianças por turma	Meninos	Negros	Pardos	Pretos	Discrep. Pard/Br	Discrep. Pard/Pret	Discrep. Pret/Par	Discrep. Pret/Br	Discrep. Br/Pard	Discrep. Br/Pret		
Turma/Total												
TOTAL												

TABELA DE IMAGENS

ESCOLA – Minas Gerais

	Portas das salas de aula	Portas dos banheiros femininos	Portas dos banheiros masculinos	Portas do refeitório	Corredores específicos	Interior da sala de aula	Cadeiras Ou agendas	Estojos	Mochilas	Cabelereiros	Bonecas	Bonecos
Referencial Branco-total												
Referencial Negro-total												
Total de imagens												

BIBLIOTECA

Acervo	Referencial de humanidades	Referencial de negritude	Bonecas	Bonecos
			Total	Total
			Brancas	Brancos
			Negras	Negros

SALA DE AULA

Acervo	Referencial de humanidades	Referencial de negritude	Bonecas	Bonecos
			Total	Total
			Brancas	Brancos
			Negras	Negros

RACNEGE

A escola e a construção da autoimagem da criança negra

QUESTIONÁRIO SEMIESTRUTURADO

U.M.E. _____

Docente ( ) Coordenação ( ) Orientação ( ) Direção ( )

Assinale a(s) alternativa(s) que julgar mais adequada como resposta às perguntas.

PERGUNTA 1

Existem ações voltadas para a aplicação da lei 11.645/08 nessa Unidade de ensino?

SIM ( ).

NÃO ( ).

Não conheço com profundidade a referida lei, por isso, não consigo identificar se há ou não ações relativas a mesma ( ).

Em razão da pouca idade Idade das/dos estudantes, não vejo razão para que, nessa fase da educação básica se tenham ações específicas para a referida lei ( ).

PERGUNTA 2

Você sente a necessidade de se trabalhar com as questões raciais nessa Unidade Escolar?

SIM ( ).

NÃO ( ).

Em razão da pouca idade Idade das/dos estudantes, não vejo razão para que, nessa fase da educação básica se tenham ações específicas para as referidas questões ( ).

As crianças não apresentam um comportamento que denote a necessidade de construção de ações voltadas ao trabalho das referidas questões ( ).

PERGUNTA 3

Você percebe a presença de ações voltadas à valorização da população negra infantil dentro dessa Unidade Escolar?

SIM ( )

NÃO ( )

Se sim ou não, por favor, faça a gentileza de justificar – pode utilizar o verso da folha.

_____

RELATÓRIO FINAL DE PESQUISA 2021- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia - Campus Cubatão

Calidoscópio racial escolar: a quantas andam os processos de engendramentos das identidades negras nas escolas de Educação Infantil da Praia Grande? 1ª fase

Bolsista: Leonardo Xavier do Nascimento

Orientador: Professor Doutor Antonio Cesar Lins Rodrigues.

RESUMO

A presente pesquisa teve como escopo buscar o entendimento da construção das identidades negras das crianças nas escolas de educação infantil da Praia Grande, a partir da identificação da presença dos referenciais de humanidades racializados e análises das ações ratificantes ou não de tal presença. Numa perspectiva geral, o trabalho será realizado nas escolas de educação infantil por meio de um questionário semiestruturado quali-quantitativo, distribuído remotamente a todas/os as/os profissionais da educação desse nível de ensino, no qual constam perguntas a respeito de suas práticas pedagógicas. Numa perspectiva especificamente qualitativa, elegeram-se quatro escolas para a construção de uma amostragem que fundamente um entendimento do trato dado pela educação infantil municipal à questão racial e, a partir de tal entendimento, a identificação das causas e possíveis consequências desse tratamento. Ressalta-se o grupo focal como método utilizado para a construção de tal amostragem. Os Projetos Políticos Pedagógicos de todas as escolas, assim como o referencial de educação infantil do município, também serão analisados. O público-alvo da pesquisa composto pela população discente da educação infantil das quatro escolas selecionadas dos distintos bairros da Cidade de Praia Grande – SP. A Hermenêutica Crítica fundamentará a análise de dados. Como resultado, pretende-se elaborar um artigo que servirá de subsídio tanto ao entendimento das relações raciais na escola e consequente engendramento das identidades negras infantis, quanto à construção de políticas públicas em educação para as para as relações étnico-raciais no município.

Palavras-Chave: Educação Infantil. Identidade Negra Infantil. Humanidades Racializadas. Ações Educacionais. Relações Étnico-raciais.

Introdução:

A presente pesquisa tem como escopo a busca do entendimento da construção das identidades negras das crianças nas escolas de educação infantil da Praia Grande, a partir da identificação da presença dos referenciais de humanidades racializados e análises das ações educacionais ratificantes ou não de tal presença.

A contemporaneidade nos trouxe uma nova e urgente demanda com o reconhecimento da existência das muitas diferenças dentro da sala de aula. Essa presença cria novas necessidades para a educação e por que não dizer, para a própria escola. Meios e métodos para dar conta das situações criadas por tal presença, entende-se, não conseguem dar conta das necessidades criadas se não houver uma reformulação profunda na maneira de se pensar a educação.

Tal reformulação talvez tenha um caminho mais viável se acontecer desde a mais tenra idade. Pesquisas têm identificado um abismo entre a presença de crianças negras e os referenciais de humanidades presentes no ambiente escolar como reflexo de um currículo vigente. A respeito desse, Fabiana de Oliveira e Anete Abramowicz, apontam que a escola tem se mostrado excludente e conservadora quando tem como base um currículo embranquecido, baseado na exclusão e no conservadorismo, não contemplando alunas e alunos negros em seus diversos conteúdos (2010).

A constatação de tal situação ***in loco*** por conta dos projetos de intervenção pedagógica feitos com as/os discentes de Licenciatura do Campus Cubatão e também das pesquisas e dos projetos de extensão/pesquisa realizados pelo Grupo de Pesquisas Raça Culturas Negras e Gêneros – RACNEGÊ, nos últimos 3 anos, sem contar com as temáticas desenvolvidas no doutoramento1 e pós-doutoramento2, potencializam o ímpeto em construir um aporte científico à construção de políticas públicas que contemplem a população negra infantil em sua plenitude, abrindo campos para a criação de quadros de "justiça curricular"(CONNELL, 1993) e superação discente da desigualdade.

[1]Corpos e Culturas Invisibilizados na escola: racismo, aulas de Educação Física e Insurgência multicultural.

[2]Culturas Negras no currículo escolar, apresentando o Samba como possibilidade de resistência cultural.

Na busca de um entendimento de como e por que tais engendramentos acontecem, elegeu-se o critério de zoneamento do município, elegendo-se, a princípio, quatro escolas de públicos distintos, na busca de uma aproximação o mais fidedigna possível à construção de uma amostragem que fundamentasse o entendimento do trato dado pela educação infantil municipal à questão racial e, a partir de tal entendimento, a identificação das possíveis/prováveis consequências de tais ações na construção das identidades negras infantis.

Para tanto, elegeu-se a proposta do mapeamento das ideias em relação às questões raciais circulantes na educação infantil por meio de questionários enviados por formulários eletrônicos disponibilizados às escolas de educação básica dessa categoria de ensino, procurando, por meio destes, alcançar as/os profissionais da rede.

Os Projetos Políticos Pedagógicos das escolas municipais de educação infantil também foram analisados e nesse caso específico em razão de se atuar em consonância com o pensamento de Guedes, da Silva e Garcia que nos dizem “o projeto político-pedagógico (PPP) é o caminho democrático para fortalecer a inserção da temática dos Direitos Humanos nas instituições” (2017, p. 582), entendendo-se a importância das questões raciais dentro dos direitos humanos na educação e, consequentemente, na escola.

A pesquisa tem a etnografia da prática escolar como ponto metodológico principal em virtude de se tratar de uma investigação qualitativa. Contudo, buscou-se também no Grupo Focal o aporte metodológico complementário, a fim de se poder dar conta das inúmeras demandas engendradas pelo objeto da pesquisa. Há que se considerar a utilização do Grupo Focal a partir do referencial pós-crítico indicado por Maria Cláudia Dal’Igna (2021) e também do referencial fundante de Roselaine Barbour (2009).

O público-alvo do projeto de pesquisa composto pela população discente da educação infantil, em específico a população negra discente das escolas de educação infantil das quatro escolas selecionadas dos distintos bairros da Cidade de Praia Grande – SP, tentando dar conta do máximo de amplitude em construir um aporte científico à construção de políticas públicas que contemplem a população negra infantil em sua plenitude, abrindo campos para a criação de quadros de “justiça curricular”(CONNELL, 1993) e superação discente da desigualdade.

máximo de amplitude enfrentamento às desigualdades que têm a população em discussão como a que mais sofre as suas trágicas consequências.

Objetivos:

Geral:

Compreender como se dão os mecanismos de invisibilização racial dentro do ambiente escolar infantil, partindo da premissa de que o mesmo está repleto de diferenças a partir do perfil racial discente, apontando as priorizações ou não atribuídas a determinados corpos em detrimento de outros e a "intervenções" dessa influência na construção da autoimagem e autoestima das crianças negras nos cotidianos pedagógicos.

Os *Objetivos específicos* estão divididos em duas fases da pesquisa. Os da 1ª fase são:

1. Entender o pensamento das/dos profissionais da educação das instituições de ensino submetidas à pesquisa, a partir de questionários semiestruturados aplicados às/aos mesmas/os e entrevistas de adesão voluntária, versando sobre o objeto de estudo relacionado ao presente projeto de pesquisa, seja esse a percepção de como acontecem os processos de engendramentos raciais nas escolas de Educação Infantil;

2. Entender como estão situadas as crianças negras nos processos supracitados, identificando se há uma hierarquização que as atinjam e quais os efeitos da mesma;

3. Identificar e analisar a existência, ou não, de políticas curriculares contempladoras das relações raciais e nessas, se se encontram presentes encaminhamentos/ações que contemplem as crianças negras por meio de conteúdos de equidade racial, direcionando a busca de uma possibilidade de igualdade racial no cotidiano pedagógico;

Os da 2ª fase são:

4. Criar mecanismos de autorreconhecimento e discriminação positiva para a população discente negra da educação infantil, a partir da apresentação de referências em todos os campos sociais, por meio de encontros para

“conversas do conhecimento”, tema que trará explicações a respeito das profissões de cada protagonista, suas histórias de vida, a importância de suas atuações sociais, etc., observando a adequação de linguagem ao público-alvo;

5. Apresentação de obras de literatura infantil voltadas à discriminação positiva da negritude, a partir de contações de história e representações e roda de conversa para analisa-las à luz do entendimento das crianças;

6. Realizar uma formação com os docentes, equipe e direção de todas as escolas pesquisadas, a partir de um grande encontro presencial e dando continuidade a mesma por meio de uma plataforma digital com os conteúdos de formação (JÁ FINALIZADA PELO GRUPO DE PESQUISAS RACNEGÊ E COM TODOS OS CONTEÚDOS DAS FORMAÇÕES DISPONÍVEIS no https://www.edmodo.com/home), com o total de 40 horas de formação em horário de trabalho;

7. Dar continuidade à pesquisa de SEMELHANTE objeto realizada no municípios de Cubatão e em parte do município de Praia Grande, cujas ações continuam a acontecer, e finalizaram-se no primeiro semestre de 2020 em razão da Pandemia;

8. Ao fim da formação, realização de um seminário de apresentação das experiências exitosas desenvolvidas nas escolas a partir das mesmas, culminando com um livro organizado pelo Grupo de Pesquisas RACNEGÊ em parceria com a secretaria de educação, no qual serão publicadas todas as experiências realizadas pelas docentes em suas respectivas escolas.

DESENVOLVIMENTO (METODOLOGIA E ANÁLISE)

A pesquisa tem a etnografia da prática escolar como ponto metodológico principal em virtude de se tratar de uma investigação qualitativa. Contudo, buscou-se também no Grupo Focal o aporte metodológico complementário, a fim de se poder dar conta das inúmeras demandas engendradas pelo objeto da pesquisa. Há que se considerar a utilização do Grupo Focal a partir do referencial pós-crítico indicado por Rosaline Barbour (2009) e Maria Cláudia Dal’Igna (2021).

trazido por tal amostragem. A Hermenêutica Crítica proposta por Kincheloe e McLaren (2006) fundamentará a análise de dados em razão da mesma propiciar um aprofundamento na interpretação dos textos apreendidos na conjuntura e contexto pesquisado. Como resultado, pretende-se elaborar um documento, cujo conteúdo possa respaldar a revisão dos referenciais de educação infantil do município criando

***Justificativa*:**

Outrora completamente banida da discussão no espaço escolar, a questão racial ganha corpo desde o século passado, por meio de uma série de ações estruturadas pelo movimento negro e demais entidades vinculadas aos direitos humanos. Essas ações acumulam ainda mais respaldo quando se tem o evento da criação das leis 10.639/2003, 11.645/2008 e 12.288/2010, essa última, instituindo o Estatuto da Igualdade Racial. Tais eventos, por si só, já seriam suficientes como justificativas, entende-se. No entanto a ideia de igualdade contida em nossa constituição de 1988 e o reforço da mesma nos artigos 205, 206, 208 e 213 dessa nossa carta magna, em contrapartida às necessidades preeminentes dos grupos raciais tratados desigualmente em nossas escolas – particularmente a população negra infantil –, nos impelem a agir no sentido de construir novas possibilidades, não somente de respeito, mas, principalmente de **reconhecimento** às diferenças raciais no espaço escolar infantil. Para tanto a realização da presente pesquisa se constitui em uma ação concreta dentro do âmbito acadêmico, reforçando o papel social do IFSP-CBT e de toda a contrapartida que essa instituição tem de oferecer à população da Baixada Santista.

Realizar pesquisas que apresentem dados à construção de políticas públicas cujo escopo seja a questão racial é crucial para a “re-construção” de nossa sociedade, em meio a um cenário devastador potencializado pela Pandemia da COVID-19. Não somente na questão de descolonização curricular e epistemológica, mas também por uma causa que avança para além dos usos e sentidos de tais termos, inquirir as formas de desenvolvimento da educação – particularmente, da educação infantil – pode ser um dos muitos caminhos de

O público-alvo da pesquisa é composto pela população discente da educação infantil, em específico a população negra discente das escolas de educação infantil das quatro escolas selecionadas dos distintos bairros da Cidade de Praia Grande – SP, tentando dar conta do máximo de amplitude trazido por tal amostragem. Também se trabalhou a coleta de dados quantitativos e qualitativos, disponibilizado um questionário a todas/os as/os profissionais de educação[3] que compõem o quadro de funcionários dessa categoria da educação básica, com o envolvimento das 33 escolas em funcionamento na rede.

A aplicação do questionário semiestruturado por meio do formulário do software de serviços “Google Docs”, com 11 questões, das quais dez eram fechadas e uma aberta. O teor das perguntas diz respeito ao trabalho desenvolvido com a questão racial nas escolas de forma direta e nas políticas e ducacionais do município de forma secundária. A aplicação do questionário se deu no período de 20/09/2021 à 10/10/2021, contudo as respostas foram efetuadas de 21/09/2021 - às 18h00 à 13/10/2021 - às 13h51. Encontros individuais entre pesquisadores e a chefia da Educação Infantil também foram realizados com a finalidade não somente de agendamento das ações, mas também de organização das etapas da pesquisa. Há de se considerarem os efeitos da Pandemia como fatores determinantes do cumprimento do cronograma de pesquisa e tais consequências serão detalhadas nos escritos que dizem respeito aos resultados da pesquisa.

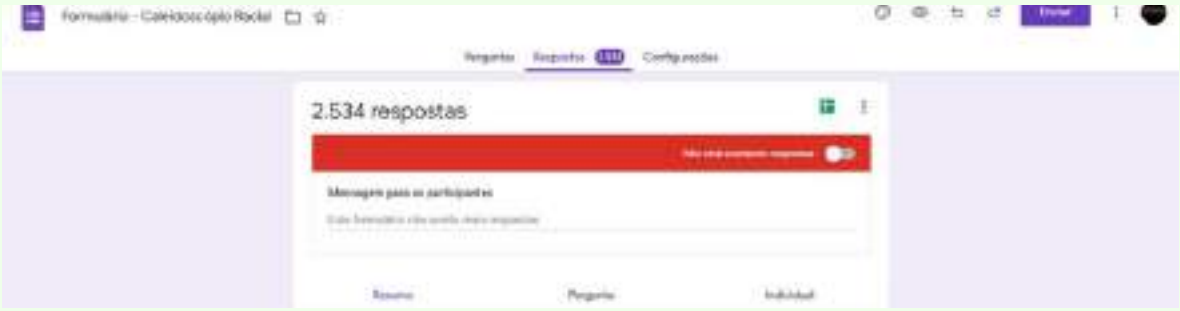
Trabalharam-se com categorias relacionadas ao objeto da pesquisa, disponibilizadas às/aos pesquisadores para que ao analisarem os projetos políticos pedagógicos e as respostas do questionário disponibilizados, tivessem elementos para uma sistematização de análise do ***visível, do invisibilizado e do invisível,*** entendendo como ***invisibilizado*** as demandas relacionadas às relações raciais as quais as/os profissionais da educação têm acesso, entendem e identificam, mas por motivações diversas não problematizam; e como ***invisível*** as demandas camufladas pelas falas e/ou atitude presentes no cotidiano pedagógico, as quais essas/es profissionais não se dão conta[4] .

[3] Termo que utilizaremos em todas as alusões às pessoas que trabalham na escola, independente das funções específicas exercidas.

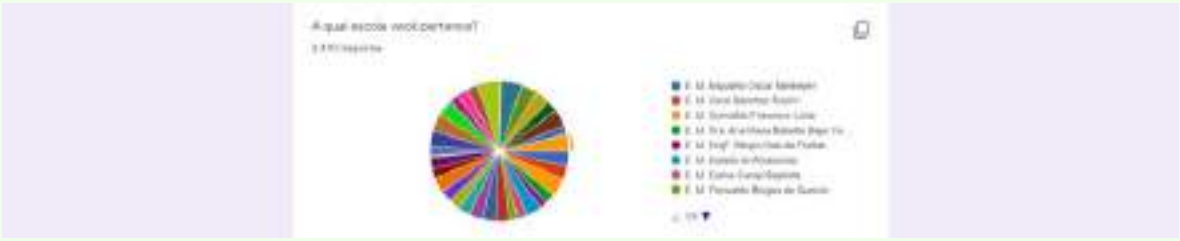
[4] Geralmente esse invisível se fez presente nas respostas da “pergunta aberta”, a de nº 11, nas quais as/os respondentes atribuíam motivações míticas a respeito de uma suposta inocência original inerente ao ser humano, a qual não permitia, bloqueava a hipótese de se pensar na presença de racismo ou quaisquer outros tipos de discriminações, preconceitos ou práticas excludentes em suas rotinas de trabalho ou no cotidiano pedagógico.

Hermenêutica Crítica proposta por Kincheloe e McLaren (2006) fundamenta a análise de dados em razão da mesma propiciar um aprofundamento na interpretação dos textos apreendidos na conjuntura e contexto pesquisado.

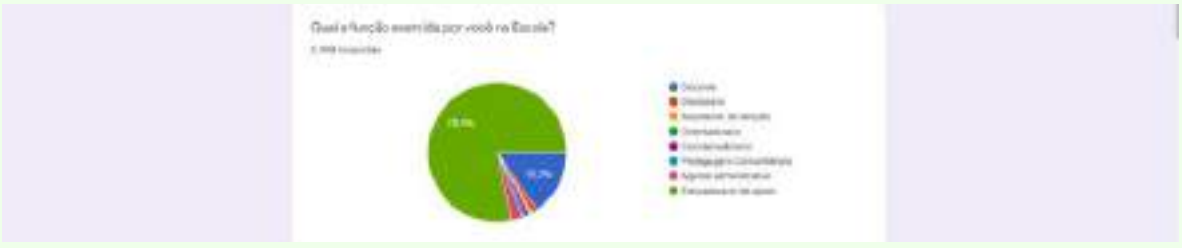
A análise inicial partiu das impressões deixadas pelas respostas do questionário disponibilizado às/aos profissionais da educação infantil do município. Obteve-se adesão de 2.534 respondentes, o que representa 77,96%, uma amostragem mais que considerável dentro dos parâmetros acadêmicos. Conforme dito anteriormente, o formulário continha 10 questões fechadas e uma aberta como demonstram as figuras na sequência abaixo:



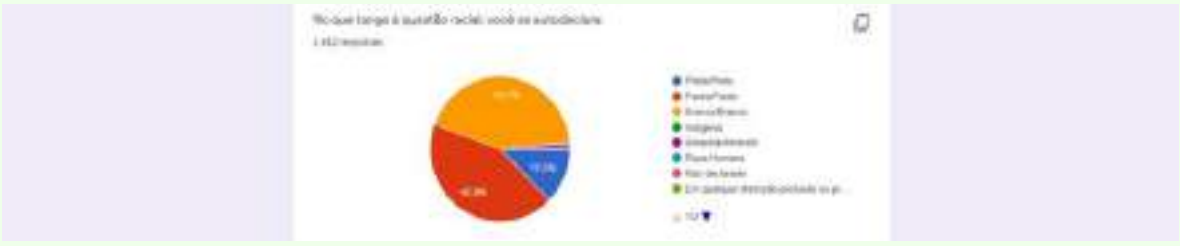
1



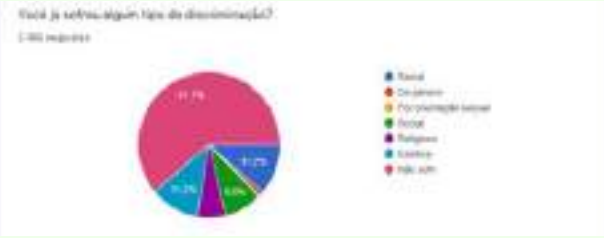
2



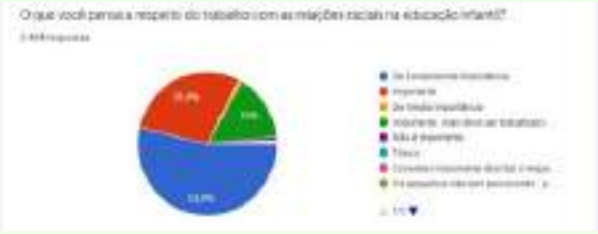
3



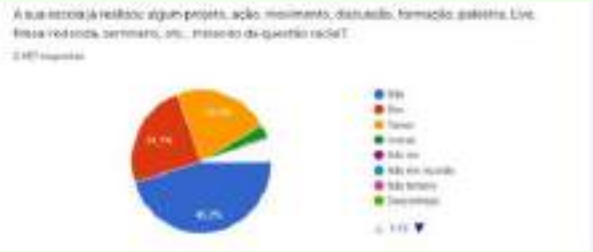
4


Você já sofreu algum tipo de discriminação?

5


O que você pensa a respeito do trabalho com as relações raciais na educação infantil?

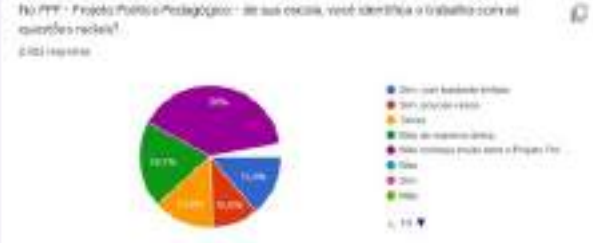
6


A sua escola já realizou algum projeto, ação, movimento, discussão, formação, palestra, Live, Mesa redonda, seminário, etc., tratando da questão racial?

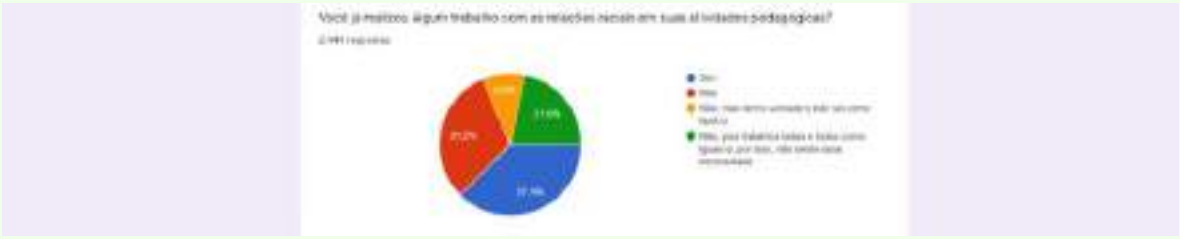
7


O seu MUNICÍPIO já realizou algum projeto, ação, movimento, discussão, formação, palestra, Live, Mesa redonda, seminário, audiência pública, convenção, etc., tratando da questão racial na educação?

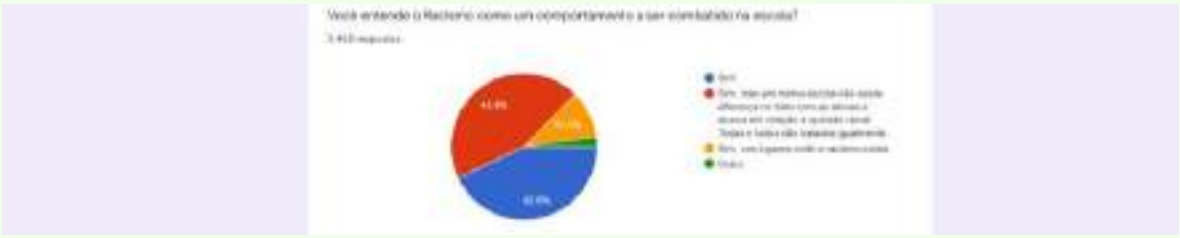
8


No PPP - Projeto Político Pedagógico - de sua escola, você identifica o trabalho com as questões raciais?

9



10



11



Conforme o explicitado pelas respostas às questões fechadas do questionário, certos pontos demonstraram pistas a respeito do trato com as relações raciais na educação infantil. Optou-se por apresentar uma análise questão a questão — partindo da questão 2 em razão da questão 1 dizer respeito ao pertencimento de cada local de trabalho —, a fim de se obter um resultado didático mais consistente. Nessa apresentação serão selecionados alguns dados relacionados às respostas, os quais foram eleitos como de maior relevância no diálogo com o objeto de pesquisa. Seguem as análises iniciais[5]:

Questão 2 – ***Qual a função exercida na escola?*** – 78,4% dos respondentes são educadores de apoio, uma denominação atribuída pelo município, considerando como tais, os atendentes de educação, serventes, agentes administrativos que atuam nas escolas ou sede da Secretaria de Educação, secretários escolares e

[5] Assim as classificamos em razão da pesquisa não se encerrar após a entrega do presente relatório. Em acordo com a secretaria de educação de Praia Grande, o Grupo de Pesquisas RACNEGÊ entende que ainda existem muitos desafios suscitados pela mesma e em razão das restrições impostas pela Pandemia da COVID-19, não se teve como dar conta das demandas.

outros cargos que estão direta ou indiretamente relacionados ao dia a dia escolar. Observa-se a importância desse público em razão do mesmo e, consequentemente, tendo um importante contato com as crianças, mesmo que, em muitos dos casos seja esporádico. A partir das respostas que esse grupo atribuiu à pergunta 11, a única pergunta aberta versando sobre o trabalho com as relações raciais, pôde-se entender um pouco mais do pensamento vigente no grupo de funcionários das escolas, identificando-se algumas demandas a respeito do conhecimento e propostas de ***caminhos*** a respeito de como lidar com as relações raciais no ambiente escolar. Essa identificação passa pelo próprio entendimento da função social de cada funcionário e também de suas autoestimas em relação ***ao que elas e eles podem fazer*** para uma contribuição mais profícua dentro do processo educacional. Apesar do município tentar solidificar o pensamento de que todas e todos dentro da escola também têm a função de educar, de um modo geral essa é atribuída às professoras e professores, conferindo-lhes uma autoridade inerente à função exercida. A impressão é da existência de um acordo tácito circulando no ideário escolar, no qual as hierarquizações estabelecem os limites das ações, não obstante um discurso oficial vigente nivelando as funções por um suposto bem maior, seja esse a ação de educar.

A segunda parcela de profissionais é a das/dos docentes, 15,2 %, sobre a qual se falará ao longo das demais análises de cada questão;

Questão 3 - ***No que tange à questão racial, você se autodeclara?*** – nesse caso, tem-se três grupos se sobressaindo: brancas/brancos 43,1%, pardas/pardos 42,9% e pretas/pretos 12,5%. Se considerarmos como população negra, ou seja, somando o contingente de pardas, pardas, pretas e pretos, teremos um cenário onde a mesma prevalece com o total de 55,4% da população. A princípio tal dado passa a ter mais relevância quando se tem o resultado dos reflexos da questão de pertencimento racial relacionada às práticas de exclusão – questão 4.

Também se pode observar que essa presença em maior quantidade de pessoas negras no ambiente escolar não necessariamente representa uma maior vigência do trabalho com as questões raciais no município, fato tal comprovado com os percentuais identificados nas questões 5, 6, 7, 8, 9 e 10, cujas análises virão a posteriori. De qualquer forma, entende-se como um dado relevante para se pensar a respeito dos caminhos designados ou não à temática nessa categoria da educação básica;

Questão 4 - Você já sofreu algum tipo de discriminação? – aqui aparecem alguns dados que merecem toda a atenção. 61,1% dos respondentes alegam

não terem sofrido nenhum tipo de discriminação. Esse ponto específico da pergunta traz implicitamente alguns requisitos importantes. Por exemplo: ao analisar as respostas das/dos docentes, nota-se que, de um total de 367 respondentes, 154 sofreram algum tipo de discriminação, ou seja, 41,9%. 209 dos respondentes não sofreram, ou seja, 56,9% e desses, 119, ou seja, 56,9% eram brancas e brancos. Analisando tais dados, infere-se que a discriminação[6], na seara da educação infantil de Praia Grande — pelo menos no que diz respeito às/aos docentes que trabalham nesse nível da educação básica –, tem ***residência fixa*** em certos corpos e esses, certamente, não são os corpos brancos.

Comprovando esse pressuposto para essa situação específica, apresentam-se os indicadores dos grupos de docentes que sofreram a discriminação racial – a fim de estabelecer o diálogo com o objeto da presente pesquisa –: 51 docentes compõem o total das/dos que sofreram discriminação racial, dentre as/os quais, 27 são pretas e pretos = 52,9%, 22 são pardas/pardos = 43,1% e 2 são brancas/brancos = 3,92%. Decerto esses importantes dados talvez sejam uma condição, mas não suficiente de afinação com os trabalhos raciais em sala de aula. Outros tantos fatores como políticas públicas, atribuição de relevância à temática, vontade política, acatamento da equipe gestora, reconhecimento da existência do racismo na escola como reflexo de nossa sociedade estruturalmente racista, etc., podem compor o engendramento da presença do trabalho com as relações raciais nas escolas. Alguns indicadores presentes nas análises das próximas respostas nos trarão pistas mais consistentes a respeito de possíveis entendimentos para a leitura desse "Caleidoscópio Racial Escolar";

Questão 5 – ***O que você pensa a respeito do trabalho com as relações raciais na educação infantil?*** – nessa respostas temos 1.320 = 53,6% de 2.464 respondentes, dizendo ser de fundamental importância esse trabalho na escola, mas quando analisamos a questão 9, por exemplo, que pergunta sobre a realização efetiva do trabalho com as relações raciais nas práticas pedagógicas desenvolvidas, apenas 593 = 24,1% de um total de 2.457 respondentes têm a convicção de já terem desenvolvido um trabalho dessa natureza. Instaura-se, no mínimo, uma contradição pondo em xeque a difusão dessa ideia da maioria entender como "de fundamental importância" o trabalho com as relações raciais na escola. Seguindo-se os dados obtidos nessa pergunta, 28,9% julga

[6] Nesse caso específico se utilizou o termo propositalmente para tornar mais eficaz o entendimento do tipo de exclusão racial sofrida, mesmo que outras formas de discriminação também constassem nas opções de respostas. Na verdade a intenção de pesquisa era verificar se o racismo esteve presente, em algum momento, na história de vida das/dos educadoras/es.

importante o trabalho, percentual que reforça ainda mais o questionamento supracitado e 370 = 15% julga que é “importante, mas deve ser trabalhado como tema transversal e não como prioridade”. A partir do entendimento da transversalidade como aquilo “que cruza, atravessa, passa por determinado referente” (Houaiss, 2001), tem-se certa desconfiança a respeito do trabalho da temática sob essa ótica. O perigo de um trabalho focado na transversalidade é a geração de um “currículo turístico, ou seja, em unidades didáticas isoladas, nas quais, esporadicamente, se pretende estudar as diferenças culturais” (Santomé, 2008, p. 173).

Questão 6 – A sua escola já realizou algum projeto, ação, movimento, discussão, formação, palestra, Live, Mesa-redonda, seminário, etc., tratando da questão racial? — nessa questão encontramos percentuais preocupantes. que a escola realizou o trabalho.

Das/dos 2.457 respondentes, um total de 593 = 24,1% afirmam 547 = 22,3% respondem que talvez tenham realizado o trabalho e 1.111 = 45,2% dizem que não houve um trabalho tratando da questão racial. Partindo-se do entendimento de que a resposta talvez traduza uma incerteza/desconhecimento do referido trabalho, não seria absurdo somar essa resposta à que indica a certeza de não haver o desenvolvimento de um trabalho sobre a questão racial dentro da escola. Efetuada a junção, tem-se o total de 67,5% de respondentes indicando a não realização do trabalho com as questões raciais pela escola, ou seja, 1.658 profissionais de educação não identificando tal presença em seus cotidianos escolares. Esse dado não é de causar espanto, pois ao se analisarem os Projetos Políticos Pedagógicos como movimento inicial da pesquisa, pôde-se constatar a falta de envolvimento da maioria das escolas para com a questão racial, tópico a ser desenvolvido com mais acuidade na análise da Questão 8 que trata especificamente dos Projetos Políticos Pedagógicos das escolas e a presença ou não da questão racial nos mesmos.

Questão 7 – O seu MUNICÍPIO já realizou algum projeto, ação, movimento, discussão, formação, palestra, Live, Mesa-redonda, seminário, audiência pública, convenção, etc., tratando da questão racial na educação? – nessa questão temos 631 = 25,9% das/dos respondentes dizendo que não há trabalho com a questão racial no município. 699 = 28,7% dizem que nunca se inteiraram a respeito desse item e 887 = 36,7% afirmam que sim, o município tem iniciativas que, de alguma forma, tratam da questão racial na educação. Considerando-se o fato de se ter 28,7% dos profissionais da educação afirmando que nunca se inteiraram a respeito de um trabalho do município com a questão racial na educação, não seria absurdo dizer que tal

percentual pode se somar aos 25,9% de profissionais que afirmam não haver um trabalho dessa natureza por parte do município. Essa junção nos daria um percentual de 1.330 = 54,6% de profissionais indicando que não há um trabalho efetivo do município com a questão racial dentro da educação. Por termos um total de 2.433 respostas e essas representam um igual número de profissionais da educação, cabe-nos a reflexão de quais seriam as prioridades das políticas públicas em educação! Tal quantitativo também pode nos levar a pensar em prioridades curriculares e em que lugar da hierarquização das prioridades estaria inserida a questão racial, ou mesmo se estaria inserida. Decerto mais um dado que nos alerta, fomentando o desejo de um diálogo mais efetivo entre a Secretaria de Educação e as demandas raciais presentes na educação infantil e, por que não dizer, na sociedade como um todo;

Questão 8 – No PPP - Projeto Político Pedagógico - de sua escola, você identifica o trabalho com as questões raciais? – nessa questão 13,9% = 336 afirmam que “há um trabalho com bastante frequência”, 10,6% = 256 afirmam que “sim, poucas vezes”, 13,8% = 335 afirmam que “talvez se trabalhe”, 19,7% = 476 afirmam que “não de maneira direta” e 39% = 945 afirmam “não conhecerem muito bem o Projeto Político Pedagógico”. Somando-se o contingente de profissionais da educação que não têm certeza do trabalho ao grupo indicador de que “talvez se trabalhe”, tem-se o total de 33,5% = 881.

Em termos proporcionais se tem 2,6 profissionais da educação que identificam um trabalho indireto ou que talvez aconteça para cada profissional que afirma que há um trabalho acontecendo com bastante frequência. Esse dado é bastante significativo, pois explicita um desconhecimento do significado do Político Pedagógico, uma utilização precária do mesmo e também a presenção “pro forma” do documento nas instituições de ensino. Guedes, Silva e Gargia (2017) afirmam que o Projeto Político Pedagógico “desempenha papel fundamental na construção de um espaço de diálogo e de promoção do direito à igualdade” e esse nenhum contato ou contato esporático com esse instrumento definição do espaço escolar e sua existência pode representar graves riscos ao desempenho da função social da escola, pois, ainda de acordo com os autores, ele “deve ser, portanto, o ponto de referência do trabalho escolar, pois é a partir dele que os sujeitos conduzem, reestruturam e avaliam seu funcionamento” (p. 584).

O Projeto Político Pedagógico é o instrumento potencializado para defender certas diretrizes determinantes do funcionamento da escola, dentre essas o caminho para não exclusão de certos grupos. Nesse cenário, questão

racial tem de estar presente nesse projeto, assim como as demais demandas relacionadas às diferenças, pois ele é o de abrigo, defesa e difusão do que nos torna humanas e humanos. Mediante a tal afirmação, “valorizar as diferenças é, sem dúvida, fundamental para que o PPP se torne aprendizado do exercício de cidadania” (Idem, p. 590). A primeira ação da presente pesquisa foi a análise dos Projetos Políticos Pedagógicos das escolas, à fim de se observar a existência de algum trabalho com a questão racial. Para tanto, utilizou-se um quadro que se segue com algumas categorias de identificação desse trabalho:

CATEGORIZAÇÃO INICIAL PROJETOS POLÍTICOS PEDAGÓGICOS 2019, 2020 E 2021						
ESCOLA:			**DATA DO REGISTRO:**			
Propostas relacioadas à questão racial - projetos, ações, datas comemorativas	Propostas nas quais sejam evidenciadas a presença da literatura infantil como referencial de humanidade negra	Propostas relacionadas às Culturas negtras - festas, celebraçoes, músicas, eventos folclóricos etc.	Propostas relacionadas às diferenças de gênero, social, racial, deficiências etc.	Propostas relacionadas aos direitos humanos	Propostas de artefatos culturais das TDICs - app e quaisquer outros recuros que te chamem a atenção e nos quais tenham referenciais de humanidades	Outras propostas.

A não presença ou a presença folclorizada que caracteriza os referidos documentos, confirmam a tendência identificada nos percentuais obtidos nas respostas a essa questão. Em razão da atuação de muitas/os pesquisadores do Grupo RACNEGÊ participantes da presente análise atuarem na da educação básica e termos membros de diferentes estados do Brasil que também compartilham dessa impressão, suspeita-se que esse trato para com a questão racial não é incomum numa parte considerável das escolas brasileiras, fato tal que nos impele à proposta de diálogo com a Secretaria Municipal de Educação, no sentido de uma proposição conjunta de caminhos à construção de um trabalho efetivo com as relações raciais na educação infantil, por meio de uma formação dividida em etapas. Tal ação, entende-se, é uma possibilidade de construção de uma ***justiça curricular racial***, termo por ora cunhado a partir do conceito de “justiça curricular[7]” (Connell, 1993), acrescido da perspectiva racial e toda a sua

[7] Referente à possibilidade de construir uma educação mais equânime e igualitária, pautada nos interesses dos menos favorecidos, na participação e escolarização comuns, e na produção histórica da igualdade.

condição de abrangência cultural, social, política e patrimonial;

Questão 9 – **Você já realizou algum trabalho com as relações raciais em suas atividades pedagógicas?** — Nessa questão aparecem três caminhos de interpretação para a questão. O primeiro nos aponta um percentul de 37,4% = 915 profissionais de educação afirmando ter realizado um trabalho com as relações raciais em suas atividades pedagógicas. Esse dado específico nos indica que não somente as/os docentes têm transitado pelas questões raciais em se tratando da prática pedagógica propriamente dita, pois o número total de docentes da rede é de 353.

Ou seja, pelo menos teríamos 61,4% = 562 profissionais desses que não são docentes atuando e entendendo o seu trabalho como ***atividades pedagógicas*** – ampliando a compreensão do escopo ao qual essas estejam pré-atreladas –, fato indicador de uma responsabilidade social assumida, pelo menos hipotéticamente, no tangente ao papel/dever de educar também as crianças em quaisquer espaços pedagógicos compreendido entre os muros da escola. O segundo parte de dois dados percentuais para duas respostas distintas, 31,2% = 765 que afirmam não terem trabalhado e 21,6% = 530 profissionais que afirmam não trabalharem por não haver essa necessida em razão de, em sua escola, todas/os serem iguais.

Nesse caso se parte para o questionamento a respeito dessa igualdade apontada por essas/es respondentes, no sentido de se saber que igualdade é essa acontecida nessas escolas de atuação dessas/es profissionais! A contar pelos precedentes legais[8]

sempre contrapostos por uma prática social de não utilização, aliados ao quadro histórico de desigualdades do Brasil, infere-se que haja, pelo menos, um equívoco na interpretação das/dos respondentes ao não identificarem a necessidade de um trabalho com as relações raciais nas atividades pedagógicas. Fica a desconfiança de talvez acontecer uma leitura superficial das situações estruturais do racismo, onde o mesmo se encontra presente nos mais diversos setores da sociedade e, por conseguinte, também na escola e em todos os níveis de ensino, sem, muitas vezes sem ser percebido pelas atrizes e atores que, por meio de seus matizamentos, delas escapam ou são vítimas;

Questão 10 — Você entende o Racismo como um comportamento a ser combatido na escola? — 1º item – 42,9% = 1058 profissionais da educação entendem que sim. 2º item – 44,4% = 1.096 profissionais dizem que deve ser

[8] Leis 10.639/03, 11.645/08, 12.288/10, Constituição Federal em seu artigo 5º e demais, Lei 9394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

combatido nos lugares onde exista e que em suas escolas, por todas e todos serem tratados como iguais, não há essa necessidade. Nessa resposta voltamos ao que fora citado como resposta na questão 9, analisada anteriormente, ou seja, a não percepção de sutileza de um racismo estruturalmente impregnado na sociedade, não deixando de estar presente em todas as instâncias dos "equipamentos" públicos de ensino. 3º item – 10,5% = 259 profissionais dizem que "sim nos lugares onde o racismo exista. Entende-se essa resposta como um dado com a possibilidade de se somar ao 2º item, já que indica um entendimento de existirem lugares/escolas onde o racismo não exista.

Ou seja, tal argumentação talvez represente uma atenção menor ou mais branda à temática. Se o ponto de partida for o entendimento de que a nossa sociedade fora construída imersa em elementos de uma cultura patriarcal, eugênica, higienista, estratificada, etc., tem-se inúmeros elementos para se pensar em tal justificativa para a ação atirracista como, no mínimo, equivocada. Contudo, há de se considerar o ideário cultural criado por todos esses elementos e seus efeitos devastadores na educação de um modo geral e na educação infantil especificamente, não somente por estar dentro do presente escopo de pesquisa, mas também e, principalmente, em razão de ser o estágio inicial do contado da criança com o mundo da cidadania institucionalizada;

Questão 11 — Na sua opinião o que falta na Educação Infantil para que ela tenha um trabalho que combata, de fato, o racismo e todas as suas consequências? Nessa questão a opção de resposta aberta deu às/aos respondentes a possibilidade de exporem as suas opiniões pessoais a respeito da temática. Também abriu um caminho à construção de categorias. Adoutou-se um critério para a análise das 1.703 respostas obtidas e, a partir desse, construíram-se categorias iniciais. O caminho para essa construção foi dividir entre 5 pesquisadoras/es do Grupo de Pesquisas Raça, Culturas Negras e Gêneros – RACNEGÊ, a análise das respostas. A fim de conferir um caminho mas didático para tal feito, estabeleceram-se os "Campos propositores de categorias – CCCs", organizados em uma tabela, contendo indicadores às/aos pesquisadoras/es com os quais pudessem iniciar o processo de construção das categorias iniciais de análise das respostas dadas à pergunta aberta:

CAMPOS DE PROPOSITORES DE CATEGORIAS		
RESPOSTAS	**NÚMERO DE RESPOSTAS ANALISADAS E RELACIONADAS COM OS CAMPOS – coloque a quantidade de respostas encontradas que têm relação com o campo indicado**	**RESPOSTAS QUE DE ALGUMA FORMA PODERIAM SER INDICADAS COMO INTERESSANTES PARA SEREM CITADAS NO RELATÓRIO E/OU ARTIGO COMO PRODUTO DA PESQUISA**
1. Respostas relacionadas à criação de projetos;	**192**	**50**

2. Respostas relacionadas às relações familiares – necessidade de inserção da família nas discussões realizadas nas escolas, falta de estímulo das famílias para a assunção da questão racial, falta de diálogo entre a escola e a família, etc.;	**101**	**20**
3. Respostas relacionadas à formação docente;	**89**	**89**
4. Respostas relacionadas às práticas pedagógicas docentes;	**25**	**20**
5. Respostas relacionadas à formação dos profissionais da educação como um todo;	**12**	**5**
6. Respostas relacionadas ao material pedagógico – falta, excesso, criação, utilização, etc.;	**9**	**9**
7. Respostas relacionadas à inclusão da questão por meio da literatura infantil;	**24**	**24**
8. Respostas que apontem pouco entendimento sobre a questão racial e/ou a sua importância dentro da educação infantil;	**42**	**42**
9. Respostas relacionadas à falta de uma política educacional do município voltada pra o assunto em questão;	**8**	**8**
10. Desinteresse da equipe de direção no trato com o assunto;	**12**	**3**
11. Desinteresse docente em tratar do assunto;	**12**	
12. Desinteresse do sistema de ensino em tratar do assunto;	**8**	**8**
13. Presença de um tratamento folclorizado/fetichizado do assunto, apontado, por exemplo, na indicação de momentos específicos para a presença da questão racial, como, por exemplo, em datas específicas do calendário escolar;	**3**	**1**
14. Presença de uma cultura do silenciamento das questões raciais na escola;	**3**	**5**
15. Presença da uma cultura do silenciamento das	**9**	**5**

questões raciais na/no respondente;		
16. Falta de diálogo relacionado ao assunto, entre a escola e a comunidade como um todo;	**88**	**30**
17. Presença da ideia que aponta um negacionismo da possibilidade de presença das questões raciais nas relações discentes acontecidas na educação infantil – em outras palavras: que apontem uma inocência inerente à educação infantil, o que não abre a possibilidade de se tratar as questões raciais dentro desse nível de educação.	**13**	**13**

A partir dessa tabela as categorias iniciais foram criadas e divididas em 2 grupos: Categorias Propositivas e Categorias Indicativas Causais.

Categorias Propositivas		
Ações		**Meios/Métodos**
	Formações	**Instrumentos pedagógicos**
Implantação de Projetos Realização de palestras **245**	Docente Profissionais da educação Família **89**	Brincadeiras Literatura infantil Peças teatrais Jogos Materiais pedagógicos **107**

Categorias indicativas causais				
Invizibilização do racismo – cultura do silenciamento	**Folclorização/fetichização**		**Relações Equipamentos-sistema de ensino-comunidade**	
Na escola Na educação infantil Mito da pureza infantil Presença de uma relação entre o mito judaico-cristão da criação como instrumento definidor da não existência do racismo (a ideia de que somos todas/os iguais perante a Deus) como justificativa que busca imprimir uma "inoperância" à presença do racismo no ambiente escolar e/ou sociedade. **13**	Ideia potencializada de igualdade inerente à humanidade, impedindo o avanço de práticas voltadas ao trabalho com as questões raciais. **48**		Falta de interação escola-família. **101**	
	Utilização de alguns instrumentos relacionados a caminhos únicos na literatura, materiais pedagógicos, etc. **8**			
			Falta de interesse da gestão. **3**	
	Presença de uma relação entre o mito judaico-cristão da criação como instrumento definidor da não existência do racismo (a ideia de que somos todas/os iguais perante a Deus) como justificativa		Falta de políticas públicas relacionadas às questões raciais.	

	que busca imprimir uma "inoperância" à presença do racismo no ambiente escolar e/ou sociedade. **61**			
			Pouco entendimento da questão racial na educação infantil **44**	
			Falta do diálogo escola-comunidade **106**	

A análise das respostas direcionaram a criação das categorias. Pôde-se perceber tanto nas/nos profissionais de educação, nos equipamentos (escolas) e no sistema de ensino não existem iniciaivas contínuas de inserção da questão racial no currículo escolar. Ações esporádicas geralmente vinculadas às datas comemorativas têm sido a tônica, colocando em xeque não somente o trabalho, mas também o entendimento e a importância do assunto dentro do processo de escolarização e da formação para a cidadania.

CONCLUSÃO (RESULTADOS DA PESQUISA)

A questão racial na educação infantil está sujeita a muitos filtros atrelados à cultura colonizadora a qual o Brasil fora submetido desde a sua invasão travestida de "descobrimento" pelos povos europeus. Dar conta da quebra dessa barreira é uma tarefa hercúlea a qual os setores da sociedade imersos na defesa de uma justiça racial curricular vêm se dedicando há décadas. Os instrumentos legais que serviram de conquista para ratificar essa luta são uma condição, porém não suficiente para transformar os discursos por legitimação em práticas. Os conteúdos referentes a um trabalho que dê conta das demandas existentes em cada comunidade escolar têm particularidades contextuais com as quais não se construíram estratégias e ações suficientemente alinhadas para grandes avanços. Pesquisadores como Almeida e Sanchez nos dão algumas pistas sobre as dificuldades da implantação das leis 10.639/03 e 11.645/08:

> Entre os problemas que surgem no processo de implementação destas leis há, sem dúvida, especificidades relacionadas aos seus próprios conteúdos, que, por estabelecerem ideais de igualdade racial e respeito às diferenças, são conflitantes com uma realidade social – sobre a qual a escola exerce influência e pela qual é, por sua vez, influenciada – que ainda se estrutura e organiza com base em preconceitos raciais e sociais naturalizados (2016, p. 74).

Nesse sentido a escola como um todo potencializa em seu ***corpus*** um caminho à transformação, onde as ideias de igualdade podem se tornar realizações práticas, por meio de ações equânimes. Contudo não se pode deixar de atentar para o caráter polissêmico que envolve os termos escola, ensino e aprendizagem, aos quais se refere propositalmente em conjunto justamente para apontar contradições e conformidades caminhando lado a lado, como muitas das respostas do questionário nos mostraram. Um dos entendimentos a respeito da escola que aqui se compartilha é de que a mesma consiste em um local de constantes tensões por reconhecimento em todos os campos, onde o currículo tem dado o ***tom e, consequentemente, as notas da canção que embala os sonhos de certas/os cidadãs/ãos e o pesadelo de outras/os***. Nesse sentido, as questões raciais já trazem em seu cerne o ***carimbo*** tatuador de um grupo humano específico, ou seja, a população negra infantil. Segundo Carlos Vilar Estevão, uma das compreensões atribuídas à escola é de que pode ser,

> [...] sobretudo como uma "arena política", onde a pluralidade de metas, de objectivos, de interesses, de racionalidades e lógicas de acção se intersectam, onde jogos de poder, coligações, confrontos, alianças, pactos se mobilizam de várias formas, onde estratégias, tácticas, cálculos se concretizam, ou seja, onde a micropolítica impera face até à distribuição de recursos escassos. Mas o que não deixa de ser verdadeiramente crucial neste modo de compreender a escola é a questão do poder, ou melhor, dos poderes, dada a plurivocidade deste conceito que remete para várias fontes, uma das quais, na linha de Weber (1964), é a autoridade, e graus diferenciados da sua distribuição, assim como para condutas tácticas e estratégicas várias que propicia, com um espectro amplo de respostas que podem ir do mero acatamento ao da resistência activa (2008, p. 518).

A impressão é de que a escola vem se apegando a certas práticas como constructos de um "modus operandi" inexorável aos clamores de igualdade e/ou equidade expostos pelas feridas recidivas da exclusão que, diante dos olhares atentos ou não da sociedade, ganham o tom do comum, do natural em detrimento

da indignação.

> Seguindo ainda o pensamento de Santos Guerra (2002), podemos dizer que essa perversidade pode advir de várias fontes, desde logo: do imobilismo que a escola por vezes propicia; da mudança que favorece os já favorecidos, que aumenta o pode de quem já é poderoso; do autoritarismo e controle, que diminuem os direitos dos aluno; da falta de transparência e impunidade; da discriminação e dos privilégios dos "herdeiros"; da impermeabilidade à crítica; da rotina dos discursos, atitudes e práticas; da discrepância entre os discursos e a acção; da sensualidade do poder que obriga a uma atitude submissa; da atenção dispensada apenas aos alunos mais brilhantes; do processo de avaliação como processo hierarquizador, de rotulagem dos alunos; da domesticação e formação bancária; da ocorrência de trabalho inútil e sem esperança (ESTEVÃO, 2008, p. 508).

A presente pesquisa realizou a sua primeira fase e o fato da Secretaria de Educação de Praia Grande permitir esse feito, colaborando de maneira integral em todos os aspectos é um sinal alvissareiro em meio à realidade encontrada aprioristicamente em relação ao trabalho com as questões raciais na educação infantil. Iniciar-se-ão as reuniões dos grupos focais nas escolas escolhidas e os encontros de apresentação dos resultados iniciais à Secretaria de Educação, para se poder traçar as estratégias de formação, o que caracterizará o início da segunda fase da pesquisa. Entende-se que o trabalho é de suma importância para substanciar a criação de políticas públicas e reelaboração curricular.

Estabelecer diálogo com as escolas, com todo seu corpo pedagógico se torna um marco para o grupo de pesquisas RACNEGÊ, para as escolas envolvidas nesse processo e para a Secretaria de Educação de Praia Grande. Sabe-se que serão muitos os desafios, porém necessários para que seja possível estabelecer uma política educacional mais justa, equânime e igualitária. Decerto esse cenário de muitas incerteza serve de impulso para avançarmos nessa parceria, enfrentando os desafios conjuntamente e construindo possibilidades de uma justiça racial curricular.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de; SANCHEZ, Livia Pizauro. Implementação da Lei 10.639/2003 – competências, habilidades e pesquisas para a transformação social. **Pro.posições.** V. 28, N.1 (82) |jan./abr. 2017.

BARBOUR, Roselaine. **Grupos Focais**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BRASIL, **Lei** 12.288/10. Estatuto da Igualdade Racial. Brasília, DF: Presidência da República, 2010. CÂMARA DOS DEPUTADOS.

BRASIL. **Lei** 10.639 de 9 de janeiro de 2003. Diário Oficial da União. Poder Executivo, Brasília.

BRASIL. **Lei** 11.645/08 de 10 de Março de 2008. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

CONNELL, R. W. **Schools and social justice**. Montréal: Our Schools/Our Selves Education Foundation. 2003.

DAL'IGNA, Maria Cláudia. Grupo Focal na pesquisa em educação: passo a passo teórico-metodológico. IN: MEYERM, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy. ORG. **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2021.

ESTEVAO, Carlos Alberto Vilar. Educação, conflito e convivencia democratica. Ensaio: **Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, [S.l.], v. 16, n. 61, p. 503-514, july 2015. ISSN 1809-4465. Disponível em: <https://revistas.cesgranrio.org.br/index.php/ensaio/article/view/527>. Acesso em: 25 nov. 2021.

GUEDES, Josenilson Viana; SILVA, Angela Maria Ferreira da; GARCIA, Luciane Terra dos Santos. Projeto político-pedagógico na perspectiva da educação em direitos humanos: um ensaio teórico. **Revista brasileira de Estudos pedagogicos.**, Brasília, v. 98, n. 250, p.580-595, set./dez. 2017.

KINCHELOE, J. L.; McLAREN, P. Repensando a teoria crítica e a pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens.** 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

OLIVEIRA, Fabiana de; ABRAMAWICZ, Anete. Infância, raça e "paparicação". **Educação em Revista**. Belo Horizonte. v.26, n.02, p.209-226. ago. 2010.

TORRES SANTOMÉ, J. As culturas negadas e silenciadas no currículo. IN: SILVA, Tomaz Tadeu. Org. **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. Petrópolis: Vozes, 2008.

RELATÓRIO FINAL DE PESQUISA 2022- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, Campus Cubatão.

Calidoscópio racial escolar: a quantas andam os processos de engendramentos das identidades negras nas escolas de Educação Infantil de Praia Grande? 2ª fase.

Bolsista: Alyssa Israel Batipsta

Orientador- Antonio Cesar Lins Rodrigues,.

RESUMO

A presente pesquisa teve como escopo buscar o entendimento da construção das identidades negras das crianças nas escolas de educação infantil da Praia Grande, a partir da identificação da presença dos referenciais de humanidades racializados e análises das ações ratificantes ou não de tal presença. Como continuação de uma pesquisa iniciada em 2020, nessa 2ª fase, realizaram-se as reuniões dos grupos focais com as/os profissionais de educação para a coleta de dados. Elegeram-se duas escolas para a construção de uma amostragem que fundamente um entendimento do trato dado pela educação infantil municipal à questão racial e, a partir de tal entendimento, a identificação suas causas e consequências. Utilizou-se uma abordagem metodológica mista, etnografia da prática escolar e grupo focal. O público-alvo da 2ª fase da pesquisa pesquisa é composto pela população discente da educação infantil, equipe gestora, docentes e educadoras/es de apoio das escolas selecionadas de distintos bairros da Cidade de Praia Grande – SP. A Hermenêutica Crítica fundamentará a análise de dados. Como resultado, pretende-se elaborar um artigo que servirá de subsídio ao entendimento das relações raciais na escola e das identidades negras infantis, juntamente a elaboração de formações, disponibilizadas aos profissionais de educação a partir dos resultados.

Palavras-Chave: Educação Infantil. Identidade Negra Infantil. Humanidades Racializadas. Ações Educacionais. Relações Étnico-raciais.

Introdução

A presente pesquisa teve como escopo a busca do entendimento da construção das identidades das crianças negras nas escolas de educação infantil de Praia Grande, a partir da identificação da presença dos referenciais de humanidades racializados e análises das ações educacionais de equipe gestora, docentes e educadoras/es de apoio, indicadoras da genealogia de tal construção.

A contemporaneidade nos trouxe uma nova e urgente demanda com o reconhecimento da existência das muitas diferenças dentro da sala de aula. Essa presença cria novas necessidades para a educação e por que não dizer, para a própria escola.

Meios e métodos para dar conta das situações criadas por tal presença, entende-se, talvez não consigam dar conta das necessidades criadas se não houver uma reformulação profunda na maneira de se pensar a questão racial na educação.

Tal reformulação talvez tenha um caminho mais viável se acontecer desde a mais tenra idade. Dentre outras questões, a presente pesquisa identificou um abismo entre a presença de crianças negras e os referenciais de humanidades circulantes no ambiente escolar como reflexo de um currículo vigente. A respeito desse, Fabiana de Oliveira e Anete Abramowicz, apontam que a escola tem se mostrado excludente e conservadora quando tem como base um currículo embranquecido, baseado na exclusão e no conservadorismo, não contemplando alunas e alunos negros em seus diversos conteúdos (2010).

Diversas situações vivenciadas nas escolas do Brasil têm repetido situações de supressão dos grupos excluídos e isso sempre nos chamou a atenção. Essa curiosidade nos impeliu a buscar o entendimento do porquê de tais acontecimentos e sua frequência nos municípios da Região Metropolitana da Baixada Santista.

A constatação de tal situação in loco por conta dos projetos de intervenção pedagógica feitos com as/os discentes de Licenciatura do Campus Cubatão (2018;2019) e também das pesquisas e dos projetos de extensão/pesquisa realizados pelo Grupo de Pesquisas Raça Culturas Negras e Gêneros – RACNEGÊ, nos últimos 5 anos, sem contar com as temáticas

desenvolvidas no doutoramento[1] e pós-doutoramento[2], potencializaram o ímpeto em construir um aporte científico à elaboração de políticas públicas que contemplem a população negra infantil em sua plenitude, abrindo campos para a criação de quadros de "justiça curricular"(CONNELL, 1993) e, por conseguinte, a superação dos quadros de desigualdade racial discente.

Na busca de um entendimento de como e por que tais engendramentos acontecem, elegeu-se o critério de zoneamento do município, elegendo-se, a princípio, duas escolas de públicos distintos, na busca de uma aproximação o mais fidedigna possível à construção de uma amostragem que fundamentasse o entendimento do trato dado pela educação infantil municipal à questão racial e, a partir de tal entendimento, a identificação das possíveis/prováveis consequências de tais ações na construção das identidades negras infantis.

Para tanto, na primeira fase da pesquisa, ano de 2021, elegeu-se a proposta do mapeamento das ideias em relação às questões raciais circulantes na educação infantil por meio de questionários enviados por formulários eletrônicos disponibilizados às escolas de educação básica dessa categoria de ensino, procurando, por meio destes, alcançar as/os profissionais da rede.

Os Projetos Políticos Pedagógicos das escolas municipais de educação infantil também foram analisados e nesse caso específico em razão de se atuar em consonância com o pensamento de Guedes, da Silva e Garcia que nos dizem "o projeto político-pedagógico (PPP) é o caminho democrático para fortalecer a inserção da temática dos Direitos Humanos nas instituições" (2017, p. 582), entendendo-se a importância das questões raciais dentro dos direitos humanos na educação e, consequentemente, na escola.

A pesquisa tem a etnografia da prática escolar como um dos pontos metodológicos em razão de se tratar de uma investigação qualitativa. Contudo, buscou-se também no Grupo Focal o aporte metodológico complementário, a fim de se poder dar conta das inúmeras demandas engendradas pelo objeto da pesquisa. Há que se considerar a utilização do Grupo Focal a partir do referencial

[1] Corpos e Culturas Invisibilizados na escola: racismo, aulas de Educação Física e Insurgência Multicultural

[2] Culturas Negras no currículo escolar, apresentando o Samba como possibilidade de resistência cultural.

pós-crítico indicado por Maria Cláudia Dal'Igna (2021)e também do referencial fundante de Gatti (2005) e Roselaine Barbour (2009).

O público-alvo do projeto de pesquisa composto pela população discente da educação infantil, em específico a população negra discente das escolas de educação infantil das duas escolas selecionadas dos distintos bairros da Cidade de Praia Grande – SP, equipe gestora, docentes e educadoras/es de apoio, tentando dar conta do máximo de amplitude trazido por tal amostragem. A Hermenêutica Crítica proposta por Kincheloe e McLaren (2006) fundamentará a análise de dados em razão da mesma propiciar um aprofundamento na interpretação dos textos apreendidos na conjuntura e contexto pesquisado.

Justificativa

Avançar na busca do entendimento dos mecanismos construtores das identidades negras discentes na escola pode ser uma possibilidade de criação de caminhos à prática democrática concreta, instituindo-se um espaço não somente de voz e vez ativas no combate à exclusão, como também de acolhimento, legitimação e desierarquização dos grupos excluídos.

Progredindo para a capilaridade de tais mecanismos, valemo-nos dos escritos de Gomes, quando se refere à prática educativa no espaço escolar, indicando esse como um ambiente de práticas democráticas, tem-se a seguinte afirmativa:

> [...] A fim de realmente se configurar como uma instituição democrática e que incorpore um projeto educativo emancipatório, nos dizeres de Boaventura Silva Santos (1996), a escola, sobretudo a política deverá inserir a questão racial no seu projeto político-pedagógico, tomá-lo como eixo das práticas pedagógicas e articulá-la nas discussões que permeiam o currículo escolar (2003, p. 102).

Pois bem, entender como a construção das identidades e subjetividades das crianças negras se dão dentro do espaço escolar na educação infantil, pode ser uma das alternativas à construção de uma escola mais justa e com um

currículo mais justo, descolonizado, pautado no enfrentamento das questões que engrossam o caldo da desigualdade étnico-racial vigente, por meio de uma incessante busca de desconstrução de quaisquer falácias de ratificação do mito da democracia racial e/ou discursos semelhantes potencialmente proferidos em nossas escolas.

A ideia de “Desfetichizar o social, ao demonstrar o seu caráter construído, sua natureza relacional” (SILVA, 1995, p.31) dialoga com a proposta por ora trabalhada, já que, à medida que se avança no desmembramento dos mecanismos de construção das identidades infantis, possibilitam-se outras chances de interpretação das diferenças, partindo-se para um processo de questionamento das hierarquizações presentes no ambiente escolar infantil por meio do currículo.

O progresso na desconstrução da fixidez das referências de humanidades talvez seja o início de muitas possibilidades de mudança pautadas, por exemplo no que Moreira e Candau (2003) chamam de “Ancoragem social dos conteúdos” (2003, p. 162), que, em outras palavras, seria ver como é que aquele conteúdo surgiu, em qual contexto sócio-histórico ele inserido e quais as ideologias dominantes ditaram o seu aparecimento e a sua força hierárquica dentro do processo de escolarização. Tal ideia transita pelo conceito de “justiça curricular” entendida como:

> [...] o grau em que uma estratégia pedagógica produz menos desigualdade no conjunto de relações sociais ao qual o sistema educacional está ligado, pautada, a seu ver, por três princípios: (a) os interesses dos menos favorecidos, (b) participação e escolarização comum e (c) a produção histórica da igualdade (Connell, 1993 apud Moreira; Candau, 2003p. 157).

A partir do que se propôs, interpreta-se a presente pesquisa como um potencial caminho ao avanço na ruptura com os mecanismos de exclusão presentes no cotidiano pedagógico das escolas de educação infantil do município de Praia Grande, além de aproximar o IFSP-CBT de toda comunidade da região a qual deve atender, oferecendo um serviço de extrema qualidade. Observa-se também a proposta de um novo ***enxergar*** do ambiente escolar, a partir de uma lógica caleidoscópica não ofuscada, como incitadora de enfrentamento não somente às desigualdades, como também às experiências

de insucesso escolar que, não raramente, abarcam à população negra infantil. Entende-se o fomento ao espraiamento do campo de visão dessa população escolar crie mecanismo de acatamento das suas ancestralidades, cultura, autoimagem, autoestima, enfim, de pertencimento.

Objetivos :

Geral:

Compreender como se dão os mecanismos de invisibilização racial dentro do ambiente escolar infantil, partindo da premissa de que o mesmo está repleto de diferenças a partir do perfil racial discente, apontando as priorizações ou não atribuídas a determinados corpos em detrimento de outros e a "intervenções" dessa influência na construção da autoimagem e autoestima das crianças negras nos cotidianos pedagógicos.

Os *Objetivos específicos* estão divididos em duas fases da pesquisa. Os da 1ª fase são:

1. Entender o pensamento das/dos profissionais da educação das escolas submetidas à pesquisa, a partir de questionários semiestruturados aplicados às/aos mesmas/os e entrevistas de adesão voluntária, versando sobre o objeto de estudo relacionado ao presente projeto de pesquisa, seja esse a percepção de como acontecem os processos de engendramentos raciais nas escolas de Educação Infantil;
2. Entender como estão situadas as crianças negras nos processos supracitados, identificando se há uma hierarquização que as atinjam e quais os efeitos da mesma;
3. Identificar e analisar a existência, ou não, de políticas curriculares contempladoras das relações raciais e nessas, se se encontram presentes encaminhamentos/ações que contemplem as crianças negras por meio de conteúdos de equidade racial, direcionando a busca de uma possibilidade de igualdade racial no cotidiano pedagógico;

Os da 2ª fase são:

4. Criar mecanismos de autorreconhecimento e discriminação positiva para a população discente negra da educação infantil, a partir da apresentação de referências em todos os campos sociais, por meio de encontros para “conversas do conhecimento”, tema que trará explicações a respeito das profissões de cada protagonista, suas histórias de vida, a importância de suas atuações sociais, etc., observando a adequação de linguagem ao público-alvo;
5. Apresentação de obras de literatura infantil voltadas à discriminação positiva da negritude, a partir de contações de história e representações e roda de conversa para analisa-las à luz do entendimento das crianças;
6. Realizar uma formação com os docentes, equipe e direção de todas as escolas pesquisadas, a partir do dia 29 de novembro de 2022, tendo como atividade inicial a palestra “Práticas antirracistas na escola: entre o fazer e o não fazer, reflexos sobre o racismo cotidiano” que ficará disponibilizada no YouTube no Canal do Grupo de Pesquisas RACNEGÊ, a fim de que as professoras e professores do município – educação infantil e ensino fundamental – acessem e utilizem em suas Horas de Trabalhos Pedagógicos Individuais – HTPI’s;
7. Realização de 10 encontros 80% online e 20% presenciais, com as temáticas orientadas pelos resultados da pesquisa e organizados pelo Grupo RACNEGÊ e a Secretaria de Educação;
8. Ao fim da formação, realização de um seminário de apresentação das experiências desenvolvidas nas escolas a partir das mesmas, culminando com um livro organizado pelo Grupo de Pesquisas RACNEGÊ em parceria com a secretaria de educação, no qual serão publicadas todas as experiências realizadas pelas/os docentes em suas respectivas escolas.

DESENVOLVIMENTO (METODOLOGIA E ANÁLISE)

A pesquisa tem a etnografia da prática escolar como ponto metodológico principal. Contudo, buscou-se também no Grupo Focal o aporte metodológico complementário, a fim de se poder dar conta das inúmeras demandas engendradas pelo objeto da pesquisa. Há que se considerar a utilização do Grupo Focal a partir do referencial pós-crítico indicado por Rosaline Barbour

(2009), Bernadete Gatti (2005) e Maria Cláudia Dal'Igna (2021). Do ponto de vista da abordagem, trata-se de uma pesquisa quali-quantitativa por interpretar as informações quantitativas a partir de seus números e percentuais, atribuindo a esses uma interpretação dos dados por meio da interpretação dos discursos dos sujeitos (KNECHTEL, 2014, p. 106).

O público-alvo da pesquisa foi a população discente da educação infantil, em específico a população negra discente das escolas de educação infantil das quatro escolas selecionadas dos distintos bairros da Cidade de Praia Grande – SP, tentando dar conta do máximo de amplitude trazido por tal amostragem. Também se trabalhou a coleta de dados quantitativos e qualitativos, disponibilizado um questionário a todas/os as/os profissionais de educação[3] que compõem o quadro de funcionários dessa categoria da educação básica, com o envolvimento das 33 escolas em funcionamento na rede.

A aplicação do questionário semiestruturado por meio do formulário do software de serviços "Google Docs", com 11 questões, das quais dez eram fechadas e uma aberta. O teor das perguntas dizia respeito ao trabalho desenvolvido com a questão racial nas escolas de forma direta e nas políticas educacionais do município de forma secundária. A aplicação do questionário se deu no período de 20/09/2021 à 10/10/2021, contudo as respostas foram efetuadas de 21/09/2021 - às 18h00 à 13/10/2021 - às 13h51. Encontros individuais entre pesquisadores e a chefia da Educação Infantil também foram realizados com a finalidade não somente de agendamento das ações, mas também de organização das etapas da pesquisa. Há de se considerarem os efeitos da Pandemia como fatores determinantes do cumprimento do cronograma de pesquisa e tais consequências serão detalhadas nos escritos que dizem respeito aos resultados da pesquisa. Esses procedimentos foram adotados no ano de 2021, 1ª fase da presente pesquisa.

A partir do ano de 2022, iniciou-se a 2ª fase da pesquisa na qual a aplicação dos grupos focais foi a prioridade para se poder consolidar os resultados a partir dos depoimentos colhidos durante a realização dos mesmos.

[3]Termo que utilizaremos em todas as alusões às pessoas que trabalham na escola, independente das funções específicas exercidas.

Dos grupos focais

Construiu-se uma estratégia própria de aplicação do grupo focal, levando em consideração todo o rigor indicado pelas referências as quais acessamos. Essa estratégia materializou-se a partir de uma "PROPOSTA DE ROTEIRO DE APLICAÇÃO DO GRUPO FOCAL", contendo os seguintes procedimentos e observações:

1. Abertura com breve explicação a respeito do que trata aquele evento de Grupo Focal - Os porquês;
2. Apresentar sulfite com o tema; 3. Solicitar que cada uma/um dos participantes faça um comentário geral sobre o assunto como "aquecimento"(Gatti,2005, p. 30);
4. Apresentar um sulfite falando sobre a questão racial na educação infantil;
5. Aprofundando um pouco mais, apresentar outro falando sobre a presença do racismo na educação infantil e na escola – nesse momento uma atenção ainda maior deve ser dedicada, pois a linguagem corporal pode nos dar muitos sinais que corroborem ou não com o teor das colocações feitas;
6. Aprofundando mais ainda, entrar com o 3º sulfite indicando sobre as ações feitas por eles e pela escola a respeito dessa presença ou não – valem as mesmas recomendações em relação às observações mais acuradas nos momentos correspondentes a essas situações;
7. Sugerir às/aos participantes que façam anotações pessoais a respeito de cada provocação antes de responder – dessa forma serão evitadas influências maiores das lideranças, fato tal que, pelo menos em tese, aproximará muito mais as respostas a sua fidedignidade (MORGAN,
1997, p. 50 apud GATTI);
8. Observação e controle do tempo;
9. Observação dos possíveis desvios de assunto e/ou monopolização de fala;
10. Pensar em reunir entre 3 e 10 participantes de horários diferentes, de preferência sem uma relação mais próxima;
11. Trabalhar com o critério de homogeneidade de funções como prioridade;
12. Levantar os dados de cada participante para poder categorizar essas/es sujeitos do Grupo Focal, mesmo que se tenha um todo generalizante, ou seja, servidores da educação infantil em suas distintas categorias;
13. Procurar estimular a adesão de participantes;
14. Procurar evitar o distanciamento entre uma intervenção e outra, a fim de que não haja uma comunicação prévia quebrando o efeito da "surpresa", o que

poderia minimizar os prejuízos de uma fala pré-elaborada a respeito da temática, por parte das/os participantes. Solicitar a autorização prévia para a gravação das falas das/os participantes;

15.Fazer o grupo focal da direção e equipe utilizando os elementos da 2 escolas para compor os grupos - as 2 diretoras em um grupo e as coordenadoras em outro.

A partir dessa proposta de roteiro, elaboraram-se seis provocações dialogando com o nosso objeto de pesquisa, a fim de as aplicarmos como ***gatilho*** inicial das manifestações do grupo focal. O coordenador da pesquisa atuou como moderador e as bolsistas Alyssa Israel Batipista – bolsista e Bruna Cavalcante – pesquisadora voluntária, atuaram como colaboradoras pontuando as observações sobre a linguagem corporal e quaisquer outras intercorrências acontecidas durante a realização do procedimento metodológico.

A estratégia utilizada para a realização dessa intervenção foi a apresentação de 6 provocações que serviram de estímulo à discussão de cada participante sobre os referidos temas sobre o qual elas, as provocações, versavam. As provocações eram apresentadas em folha de papel sulfite em letras garrafais com os conteúdos referentes ao objeto de pesquisa. O Moderador as apresentava durante o tempo suficiente para cada participante fazer suas anotações-guia e, em seguida, era aberto um tempo para as colocações de cada participante. Durante a realização do grupo focal não se descartou a possibilidade tanto de acréscimo quanto de supressão de alguns elementos. No caso específico do presente grupo focal, as provocações “2” e “4” foram suprimidas em razão das respostas que as antecediam – “1” e “3” – terem dado conta de seus conteúdos. Também houve algumas provocações feitas pelo

Moderador, aproveitando algumas situações não previstas surgidas durante a realização. Seguem as provocações utilizadas:

1. A QUESTÃO RACIAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL
2. A QUESTÃO RACIAL NESSA ESCOLA
3. A QUESTÃO RACIAL E AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS
4. COM QUE FREQUÊNCIA TRABALHAM A QUESTÃO RACIAL
5. RACISMO
6. NEGRITUDE APRENDIZAGEM ENSINO

Os grupos focais foram realizados com sucesso durante os meses de agosto, setembro e outubro com as equipes gestoras, docentes e educadoras/es de apoio. Nos meses anteriores houve um aprofundamento nos referenciais teóricos e reuniões de discussão para a elaboração das estratégias de aplicação do grupo focal, além de ajustes feitos com as escolas e Secretaria de Educação, para que se pudesse avançar na realização da pesquisa. Ressaltam-se as dificuldades no equacionamento dos horários da equipe gestora, docentes e educadoras/es de apoio, nos quais se pudesse realizar os grupos focais. O volume de atividades presentes nas escolas foram um importante dificultador para a realização dos grupos.

Resultados e discussão

Os resultados apresentados a partir da aplicação dos grupos focais consolidaram algumas pistas presentes nos dados coletados por meio da aplicação do questionário na 1ª fase da pesquisa. Algumas categorias construídas anteriormente se confirmaram. Percebeu-se a importância da das/dos participantes. Adotaram-se as categorias de proposições "Descritiva, Performativa e Descritivo-performativa" a partir das referências de Silva (2000, p. 92-93). Seguem algumas categorias dessa 2ª fase da pesquisa buscando entender a construção das identidades e diferenças das crianças negras no ambiente escolar estudado. Adotou-se a estratégia de registrar suas presenças – a das categorias – em cada uma das ***provocações*** utilizadas nos grupos focais.

Provocação 1 – **A QUESTÃO RACIAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL**			
	Descritiva	**Performativa**	**Descritivo-performativa**
Equipe Gestora	Trabalhamos as diferenças porquê faz parte do PPP;	A grande maioria não tem essa percepção de raça; À medida que vão crescendo eles despertarão essa percepção.	
Docentes	A ideia prevalente de não haver maldade no universo infantil;		
Educadoras/es de apoio	Trabalho com a igualdade por parte de todas as educadoras de apoio; .	As crianças são inocentes.	Entre as próprias crianças não existe racismo; Trabalho com a igualdade por parte de todas as educadoras de apoio; O dever ensinar o antirracismo

			atribuído à família, isentando a escola do mesmo; A criança é negra e não aceita a cor e acaba sendo mais preconceituosa do que a criança branca.
Provocação 2 – **A QUESTÃO RACIAL NESSA ESCOLA**			
	Descritiva	**Performativa**	**Descritivo-performativa**
Equipe Gestora			
Docentes	Essa questão só é tratada em eventos pontuais, como o dia da consciência negra, etc.		Falta de formação e de projetos que dialogassem com a questão em pauta
Educadoras/es de apoio	Diz que é automático esse emgranquecimento.	Cita o caso da festa junina na escola onde os bonequinhos de enfeite eram todos brancos	
Provocação 3 – **A QUESTÃO RACIAL E AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS**			
	Descritiva	**Performativa**	**Descritivo-performativa**
Equipe Gestora	Eles sabem analisar as diferenças, mas nunca foi colocado por eles com preconceito; O que é mais comumente viso é a questão das diferenças físicas.	Temos um grande número de alunos com inclusão e o foco são eles e não uma questão racial e sim de diferença mesmo.	
Docentes		É na família que elas aprendem a ser racistas	
Educadoras/es de apoio			

Provocação 4 – **COM QUE FREQUÊNCIA TRABALHAM A QUESTÃO RACIAL**			
	Descritiva	**Performativa**	**Descritivo-performativa**
Equipe Gestora	Não é somente a questão racial em si; Sempre, pois está em nosso Projeto Político Pedagógico; Pra nós enquanto educadores a cor não é uma diferença. Não é uma situação que exija um tratamento diferenciado por ter uma cor diferente		Vão ser trabalhadas todas as diferenças. Pra nós enquanto educadores a cor não é uma diferença. Não é uma situação que exija um tratamento diferenciado por ter uma cor diferente. Pra nós falar que tem de respeitar um amiguinho que é negro, branco ou pardo, seria ressaltar uma coisa que eles não percebem. Seria trazer à tona uma coisa que eles não têm naturalmente, a não ser por conta da família.
Docentes	De maneira pontual em datas comemorativas ou quando acontece um caso.		
Educadoras/es de apoio	Não se trabalha; Em datas comemorativas.		
Provocação 5 – **RACISMO**			
	Descritiva	**Performativa**	**Descritivo-performativa**
Equipe Gestora	Não existe em nossa escola em razão das crianças não serem racistas.		As crianças não têm esse vocabulário: o negro, o preto e se for é de forma totalmente inocente. Então não vemos a necessidade de, de repente,

			despertarmos um olhar diferente do que seja isso. Não na educação infantil, mas se surgir a necessidade de falar sobre as diferenças. De forma genérica “ser diferente é legal”.
Docentes	Eu não percebo assim também no brincar, né... nas atividades lúdicas, nas interações: formar uma roda, dar a mão para o amigo, eu não percebo essa discriminação assim deles; É uma questão de ignorância, da falta de conhecimento que induz a pessoa a ter ali aquilo engessado e não consegue Vê através daquilo, “preconceito” a própria palavra rejeita aquilo que você não tem conhecimento; Falta formação para os professores para trabalhar com a temática.	Vem da família a criança aprende em casa a ser racista;	Falou que não REPARAVA nisso (mulher negra que se coloca como branca, mesmo apresentando todos os marcadores raciais da negritude)... que não tinha vivência a respeito, não sabia como abordar tal questão em sala de aula e que a escola não trabalhava o racismo dentro de uma perspectiva de formação; Disse também que não poderia se manifestar em razão do seu “lugar de fala” não ser legítimo para tal questão, pois era mulher branca e não o direito a fazê-lo.
Educadoras/es de apoio	O dever ensinar o antirracismo atribuído à família, isentando a escola do mesmo.		
Provocação 6 –	**NEGRITUDE APRENDIZAGEM ENSINO**		
	Descritiva	**Performativa**	**Descritivo-performativa**
Equipe Gestora			No dia da consciência negra elas fazem o

			bonequinho, falam da africanidade, lá elas fazem as máscaras africanas, essas coisas. É um momento em que acaba se evidenciando a cultura africana e é um momento de aprendizagem, mas é...
Docentes	Relatou as práticas fetichizadas, ou seja, acontecendo somente em datas específicas e, por tanto, sem maiores efeitos no combate às diferenças raciais; Disse que dá para responder com uma única palavra: “Política”... o trabalho com a negritude na escola é uma questão pura e simplesmente política. Existe na escola; Algumas crianças são racistas;		
Educadoras(es) de apoio	Já presenciamos casos de racismo	É reflexo da família.	

Categorias elaboradas a partir da 1ª fase da pesquisa.

Categorias Propositivas		
Ações		**Meios/Métodos**
	Formações	**Instrumentos pedagógicos**

Implantação de Projetos Realização de palestras	Docente Profissionais da educação Família	Brincadeiras Literatura infantil Peças teatrais Jogos Materiais pedagógicos

Categorias indicativas causais		
Invizibilização do racismo – cultura do silenciamento	**Folclorização/fetichização**	**Relações Equipamentos-sistema de ensino-comunidade**
Na escola Na educação infantil Mito da pureza infantil Presença de uma relação entre o mito judaico-cristão da criação como instrumento definidor da não existência do racismo (a ideia de que somos todas/os iguais perante a Deus) como justificativa que busca imprimir uma "inoperância" à presença do racismo no ambiente escolar e/ou sociedade.	Ideia potencializada de igualdade inerente à humanidade, impedindo o avanço de práticas voltadas ao trabalho com as questões raciais.	Falta de interação escola- família.
	Utilização de alguns instrumentos relacionados a caminhos únicos na literatura, materiais pedagógicos, etc.	
		Falta de interesse da gestão.
	Presença de uma relação entre o mito judaico-cristão da criação como instrumento definidor da não existência do racismo (a ideia de que somos todas/os iguais perante a Deus) como justificativa que busca imprimir uma "inoperância" à presença do racismo no ambiente escolar e/ou sociedade.	Falta de políticas públicas relacionadas às questões raciais.
		Pouco entendimento da questão racial na educação infantil.

			Falta do diálogo escola-comunidade	

O cruzamento dos dois quadros de categoria confirmam questões que apareceram na 1ª fase da pesquisa. As ideias de que as crianças da educação infantil são inocentes por natureza; de que o racismo vêm da família; de que não se devem trabalhar as práticas antirracistas sob o perigo de incitar um racismo não presente nas crianças; de que o trabalho é feito de forma pontual – ao surgirem os casos de racismo – ou nas datas comemorativas relacionadas à temática; de que o trabalho com as diferenças como um todo dá conta das questões raciais e que essas não precisam de uma atenção específica; de que, por não serem racistas e tratarem todas as alunas e alunos como iguais não há a necessidade de um trabalho com uma educação antirracista; do trabalho com apenas um referencial literário, por exemplo, a obra "A menina bonita com laço de fita" dê conta de todas as necessidades que a escola por ventura apresente relacionadas à questão racial; de que há uma falta de formação mais aprofundada dentro do município; somam-se às constatações já identificadas no questionário aplicado.

Todavia o que mais chamou a atenção nessa análise de dados foi a discrepância entre as ações que a Equipe Gestora julga acontecer dentro da escola durante o ano letivo, a ações que as/os docentes dizem acontecer durante o ano letivo na escola e as ações que as/os educadoras/es de apoio afirmam acontecer dento da escola. Isso traz um indício de que a administração do espaço escolar se encontra em dissonância, o que pode suscitar uma grande urgência nas mudanças.

Reconhece-se não ser fácil poder administrar o **fornt pedagógico**[4],
, pois é lá onde a educação realmente acontece, distantes das ideias e ações recheadas pela burocracia inerente ao entendimento construído a respeito do conceito de educação de qualidade construído ao longo da história do Brasil.

Contudo, é de preocupar muito a sensação de que tal dissonância possa estar atingindo as questões relacionadas aos temas mais sensíveis permeantes ao processo de escolarização das crianças negras.

Entende-se tal situação como uma importante das muitas causas do insucesso escolar das crianças negras, já que a importante indicação dos referenciais de discriminação positiva vão sendo colocados para escanteio

[1]Diz-se do espaço escolar onde as relações humanas de ensino e aprendizagem acontecem, tendo a sala de aula, não somente, mas como o principal locus de tais relações.

a cada jogada bem-sucedida da invisibilização do racismo na escola e do apagamento, anulação ou inviabilização das práticas antirracistas dentro do cotidiano pedagógico. Aliado a esses fatos a dissociação da existência do racismo no ambiente educacional infantil somado aos projetos e práticas pedagógicas onde não há a discussão das diferenças e das hierarquizações construídas para elas em nossa sociedade, tão bem alocadas e eufemizadas nas escolas, deixa-se, para as crianças negras, a trilha única de deslegitimação como fomento diário à forja de ***subjetividades fraturadas.***

CONCLUSÃO (RESULTADOS DA PESQUISA)

A questão racial na educação infantil está sujeita a muitos filtros atrelados à cultura colonizadora a qual o Brasil fora submetido desde a sua invasão travestida de “descobrimento” pelos povos europeus. Dar conta da quebra dessa barreira é uma tarefa hercúlea a qual os setores da sociedade imersos na defesa de uma justiça racial curricular vêm se dedicando há décadas. Os instrumentos legais que serviram de conquista para ratificar essa luta são uma condição, porém não suficiente para transformar os discursos por legitimação em práticas. Os conteúdos referentes a um trabalho que dê conta das demandas existentes em cada comunidade escolar têm particularidades contextuais com as quais não se construíram estratégias e ações suficientemente alinhadas para grandes avanços. Pesquisadores como Almeida e Sanchez nos dão algumas pistas sobre as dificuldades da implantação das leis 10.639/03 e 11.645/08:

> Entre os problemas que surgem no processo de implementação destas leis há, sem dúvida, especificidades relacionadas aos seus próprios conteúdos, que, por estabelecerem ideais de igualdade racial e respeito às diferenças, são conflitantes com uma realidade social – sobre a qual a escola exerce influência e pela qual é, por sua vez, influenciada – que ainda se estrutura e organiza com base em preconceitos raciais e sociais naturalizados (2016, p. 74).

Nesse sentido a escola como um todo potencializa em seu ***corpus*** um caminho à transformação, onde as ideias de igualdade podem se tornar realizações práticas, por meio de ações equânimes. Contudo, não se pode deixar de atentar para o caráter polissêmico que envolve os termos escola, ensino e aprendizagem, aos quais se refere propositalmente em conjunto justamente para apontar contradições e conformidades caminhando lado a lado, como muitas das respostas do questionário nos mostraram.

Um dos entendimentos a respeito da escola que aqui se compartilha é de que a mesma consiste em um local de constantes tensões por reconhecimento em todos os campos, onde o currículo tem dado o ***tom e, consequentemente, as notas da canção que embala os sonhos certas(os) cidadãs(ãos) e o pesadelo de outras(os)***. Nesse sentido, as questões raciais já trazem em seu cerne o ***carimbo*** tatuador de um grupo humano específico, ou seja, a população negra infantil. Segundo Carlos Vilar Estevão, uma das compreensões atribuídas à escola é de que pode ser,

> [...] sobretudo como uma "arena política", onde a pluralidade de metas, de objectivos, de interesses, de racionalidades e lógicas de acção se intersectam, onde jogos de poder, coligações, confrontos, alianças, pactos se mobilizam de várias formas, onde estratégias, tácticas, cálculos se concretizam, ou seja, onde a micropolítica impera face até à distribuição de recursos escassos. Mas o que não deixa de ser verdadeiramente crucial neste modo de compreender a escola é a questão do poder, ou melhor, dos poderes, dada a plurivocidade deste conceito que remete para várias fontes, uma das quais, na linha de Weber (1964), é a autoridade, e graus diferenciados da sua distribuição, assim como para condutas tácticas e estratégicas várias que propicia, com um espectro amplo de respostas que podem ir do mero acatamento ao da resistência activa (2008, p. 518).

Tem-se a sensação de que as situações envolvendo as relações raciais dentro do cotidiano pedagógico, de uma maneira geral, são deixadas de lado e, quando tratadas, atribuem soluções construídas na base do improviso, ficando muito à mercê do repertório individual de cada professora/or, o que acaba por reforçar o status quo. Ou seja, há uma estagnação da "Miopia de desmatizamento" (Lins Rodrigues, 2013, p. 140) que confere a condição de deslegitimação às crianças negras dentro do universo da educação infantil. Talvez a sutileza com que o racismo desliza nas relações escolares o fortaleça em sua invisibilidade, reforçado histórico-culturalmente pelo mito da democracia racial(não deixar de indicar a referência) que imobiliza as ações antirracistas, semelhante ao veneno de uma serpente mortífera que paralisa a sua presa até que a mesma possa ser engolida. Dessa forma o veneno do racismo atua nas relações escolares – arrisca-se dizer que, em cada nível de educação, com nuances próprias – paralisando os corpos negros, por meio do apagamento permanente de suas subjetividades com o pincel invisível do embranquecimento.

A ideia de cristalização das categoria Negro como estereótipo do exotismo, de distanciamento da condição fundamental de humanidade, sem que possuam as

senhas de acesso aos seus entendimentos fora da lente da coisificação, enquanto a branquitude se isola na condição de um inatingível pré-dado em sua "metafísica da presença" (Silva, 2000, p. 78) exposta nos discursos docentes.

Quando as professoras analisam ou não a existência do racismo a partir de suas experiências/entendimentos desse comportamento, eu posso pensar no processo de "citacionalidade[5]" da linguagem e o seu caráter performativo na produção das identidades (Idem, p. 94). Ou seja, atribuir a não presença do racismo – e, portanto, não discutir, contextualizar, trabalhar e, ainda mais grave, não se acatar a necessidade de práticas pedagógicas antirracistas – a partir de suas experiências pessoais em relação a esse tipo de comportamento cria uma blindagem de reconhecimento racial, intransponível para as crianças não brancas. Essa não admissão da existência do racismo por meio da citacionalidade da linguagem, contribui de forma muito particular e importante no processo de produção das identidades (Idem, p. 95) das crianças negras na educação infantil.

A impressão é de que a escola vem se apegando a certas práticas como constructos de um "modus operandi" inexorável aos clamores de igualdade e/ou equidade expostos pelas feridas recidivas da exclusão que, diante dos olhares atentos ou não da sociedade, ganham o tom do comum, do natural em detrimento da indignação.

> Seguindo ainda o pensamento de Santos Guerra (2002), podemos dizer que essa perversidade pode advir de várias fontes, desde logo: do imobilismo que a escola por vezes propicia; da mudança que favorece os já favorecidos, que aumenta o pode de quem já é poderoso; do autoritarismo e controle, que diminuem os direitos dos aluno; da falta de transparência e impunidade; da discriminação e dos privilégios dos "herdeiros"; da impermeabilidade à crítica; da rotina dos discursos, atitudes e práticas; da discrepância entre os discursos e a acção; da sensualidade do poder que obriga a uma atitude submissa; da atenção dispensada apenas aos alunos mais brilhantes; do processo de avaliação como processo hierarquizador, de rotulagem dos alunos; da domesticação e formação bancária; da ocorrência de trabalho inútil e sem esperança (ESTEVÃO, 2008, p. 508).

[5] É a característica da escrita de ser repetível e independente mesmo de quaisquer supostas intenções que a pessoa que a escreveu pudesse ter tido no momento que o fez, podendo sempre ser retirada de um determinado contexto e inserida em um contexto diferente. É exatamente essa citacionalidade da linguagem que se combina com seu caráter performativo para fazê-la trabalhar no processo de produção de identidade (Silva, 2000, p. 94-95).

A questão racial ainda continua a ser um tabu em nossas escolas. O “Mito da Democracia Racial” ainda exerce uma importante influência na sociedade brasileira e isso se resvala na escola, ultrapassando seus muros e circulando com bastante potência em seu ambiente. A descontinuidade de um trabalho envolvendo a questão racial talvez seja um dos maiores empecilhos à construção da igualdade racial na escola. As ações pontuais ainda prevalecem e restringem o trabalho à datas comemorativas. Docentes em suas formações têm um currículo que não lhes propiciou um contato além do “proforma” em suas licenciaturas, na maioria das vezes e isso é provado pela alegação de que não têm suficiente conhecimento para o trabalho com as questões raciais na escola – os dados nos provam. A presunção da “pureza” de pensamento inerente à criança parece blindá-la de uma possibilidade de construir, por meio do contexto sociocultural, escolhas em relação as suas preferências raciais, atribuindo à família a única “culpa” quando essas escolhas induzem a comportamentos racistas.

Pensar a Educação Infantil como primordial para o trabalho com as relações raciais, almeja-se ser o ponto fulcral e mais fértil para a desconstrução do racismo estrutural presente em nossa sociedade. As práticas antirracistas têm potencial suficiente para fazer com que a justiça social se faça realmente presente. Por meio de ações práticas que intervenham na descolonização do currículo, talvez se possa vislumbrar caminhos de legitimação às crianças negras dentro da escola e, consequentemente, na sociedade.

Estarmos atentas/os às armadilhas do cotidiano escolar em relação às questões raciais, ou seja, a todos os acontecimentos conferentes de desprivilégios à população negra infantil é fundamental para se conseguir a equidade e o aumento da autoestima dessa população, propiciando um autorreconhecimento por meio de uma autoimagem incorporada como a melhor das possíveis, principalmente por ser atravessada por ancestralidade e negritude.

A presente pesquisa realizou a sua primeira fase e o fato da Secretaria de Educação de Praia Grande permitir esse feito, colaborando de maneira integral em todos os aspectos é um sinal alvissareiro em meio à realidade encontrada aprioristicamente em relação ao trabalho com as questões raciais na educação infantil. Iniciar-se-ão as reuniões dos grupos focais nas escolas escolhidas e os encontros de apresentação dos resultados iniciais à Secretaria de Educação, para se poder traçar as estratégias de formação, o que caracterizará o início da segunda fase da pesquisa. Entende-se que o trabalho é de suma importância para substanciar a criação de políticas públicas e reelaboração curricular.

Estabelecer diálogo com as escolas, com todo seu corpo pedagógico se torna

um marco para o grupo de pesquisas RACNEGÊ, para as escolas envolvidas nesse processo e para a Secretaria de Educação de Praia Grande. Sabe-se que serão muitos os desafios, porém necessários para que seja possível estabelecer uma política educacional mais justa, equânime e igualitária. Decerto esse cenário de muitas incerteza serve de impulso para avançarmos nessa parceria, enfrentando os desafios conjuntamente e construindo possibilidades de uma justiça racial curricular.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de; SANCHEZ, Livia Pizauro. Implementação da Lei 10.639/2003 – competências, habilidades e pesquisas para a transformação social. **Pro.posições.** V. 28, N.1 (82) |jan./abr. 2017.

BARBOUR, Roselaine. **Grupos Focais**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BRASIL, **Lei** 12.288/10. Estatuto da Igualdade Racial. Brasília, DF: Presidência da República, 2010. CÂMARA DOS DEPUTADOS.

BRASIL. **Lei** 10.639 de 9 de janeiro de 2003. Diário Oficial da União. Poder Executivo, Brasília.

BRASIL. **Lei** 11.645/08 de 10 de Março de 2008. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

CONNELL, R. W. **Schools and social justice**. Montréal: Our Schools/Our Selves Education Foundation. 2003.

DAL'IGNA, Maria Cláudia. Grupo Focal na pesquisa em educação: passo a passo teórico-metodológico. IN: MEYERM, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy. ORG. **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2021.

ESTEVAO, Carlos Alberto Vilar. Educação, conflito e convivencia democratica. Ensaio: **Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, [S.l.], v. 16, n. 61, p. 503-514, july 2015. ISSN 1809-4465. Disponível em: <https://revistas.cesgranrio.org.br/index.php/ensaio/article/view/527>. Acesso em: 25 nov. 2021.

GUEDES, Josenilson Viana; SILVA, Angela Maria Ferreira da; GARCIA, Luciane Terra dos Santos. Projeto político-pedagógico na perspectiva da educação em direitos humanos: um ensaio teórico. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 98, n. 250, p.580-595, set./dez. 2017.

KINCHELOE, J. L.; McLAREN, P. Repensando a teoria crítica e a pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

OLIVEIRA, Fabiana de; ABRAMAWICZ, Anete. Infância, raça e "paparicação". **Educação em Revista,** Belo Horizonte. v.26, n.02, p.209-226. ago. 2010.

TORRES SANTOMÉ, J. As culturas negadas e silenciadas no currículo. IN: SILVA, Tomaz Tadeu. Org. **Alienígenas na sala de aula**: uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis: Vozes, 2008.

RELATÓRIO FINAL DE PESQUISA 2023 - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo - Campus Cubatão.

A Produção da Representação do feminino na escola: quais ideias de "ser menina negra" estão presentes nos anos iniciais do ensino fundamental das escolas de São Vicente- SP?

Bolsista - Felix Sebastião Souza

Orientador – Professor Doutor Antonio Cesar Lins Rodrigues. IFSP-CBT.

RESUMO

A presente pesquisa teve como escopo o entendimento da construção do feminino nos anos iniciais do ensino fundamental, especificamente da representação das meninas negras nas turmas de 1º e 5º ano. Para tanto, elegeram-se duas escolas do município São Vicente, por esse fazer parte da área de abrangência do Campus Cubatão e também por se entender que o desenvolvimento de uma pesquisa com tal escopo possa trazer muitas possibilidades de depreensão da temática, colaborando para uma percepção mais ampla das diversas relações intraescolares que se refletem no sucesso dos processos de ensino, aprendizagem, construção de autoimagem, autoestima e da produção discursiva de sentidos ligados às meninas negras . Teoricamente se lançou mão dos referenciais teóricos fundantes de Hall (2016), Foucault (1988; 2009), Cruz (2014) como principais, além outras leituras complementares. Trata-se de uma investigação de abordagem quali-quantitativa cuja realização de grupo focais, aliada às observações de campo e entrevistas encaminharam a metodologia como método e instrumentos de pesquisa. Como resultado, dentre outras, detectaram-se as seguintes questões: o discurso docente de que as meninas negras dos primeiros anos não são influenciadas pelo racismo ao construírem suas subjetividades em razão de uma *inocência inerente à tenra idade*; a falta de formações específicas relacionadas à educação antirracista na rede de ensino, evidenciado por um desejo expressado por parte significativa das docentes por tais saberes; um parco trabalho sobre a temática racial, restrito às datas específicas ou a episódios acontecidos; a importância de se ter uma discriminação positiva dos referenciais raciais de negritude – principalmente nos marcadores raciais relacionados aos cabelos crespos e cor da pele – na construção das subjetividade negras das meninas do quinto ano.

Palavras-chave: Meninas Negras; Subjetividades Discentes; Racismo; Autoimagem; Autoestima.

Introdução

Nem sempre as palavras traduzem a intenção original da/do escritora/escritor, ao contrário, "elas são fugidias, instáveis e têm múltiplos apelos (LOURO, 2010). O entendimento de que a sexualidade é uma "invenção social" (FOUCAULT, 1988) sugere reflexões a respeito de como esse social se constitui e até que ponto influi no entendimento do feminino - e aí se chama a atenção para o trânsito do mesmo em todos os locais sociais, circulando nas instituições e aparelhos públicos e, nesse percurso, produzindo "discursos sobre sexo: discursos que regulam, que normalizam, que instauram saberes, que produzem 'verdades' (LOURO, 2010).

Ao se tratar das "verdades" supracitadas como fruto de uma produção discursiva, observa-se que elas também permeiam as identidades sexuais e, consequentemente as identidades de gênero, isso por toda a interrelação existente entre elas, mesmos que não sejam a mesma coisa. Quanto a essa distinção, Louro nos apresenta de maneira precisa e didática tal distinção, apesar da confusão comum em nossas linguagens e práticas, gênero e sexualidade não são a mesma coisa. Indivíduos podem ser de qualquer gênero (masculino, feminino, trans etc.) e ter diversas sexualidades (heterossexuais, homossexuais, bissexuais, panssexuais, assexuais, interssexuais) além de outras identidades (raciais e socioeconômicas). O ponto-chave é que tanto no gênero quanto na sexualidade, as identidades são sempre construídas e não fixas (2010).

O fato dessas identidades estarem em constante transformação sugere a reflexão a respeito de como essas transformações atingem as escolas e, em particular, o entendimento do feminino e, a partir desse, como se deva ser menina negra no universo escolar. Entende-se tais questões como ligadas ao entendimento de representação. De acordo com Hall,

> A representação é uma parte essencial do processo pelo qual os significados são compartilhados entre os membros de uma cultura. Representar *envolve* o uso da linguagem, de signos e imagens que significam ou representam objetos. Entretanto, esse é um processo longe de ser simples e direto (2016).

A questão dos “significados compartilhados entre os membros de uma cultura” está presente fortemente no universo escolar que pode perpetuar modos de representar e consolidar certas identidades em detrimento de outras, já que “as identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença” (WOODWARD, 2000, p. 39) e essas identidades outras aqui citadas e em particular das identidades de gênero, têm sua representação mascarada como tal, mas que, na verdade, desempenham o papel de diferenças.

Ou seja, existem e são mantidas como existência para sustentarem a presença das identidades, representando, nesse caso, a desigualdade.

Ao transitar pelas construções de gênero no universo escolar o entendimento de Foucault a respeito do poder pode nos ser extremamente útil, quando o autor diz que ele – o entendimento de gênero – opera diante de uma rede de relações tensas em constante atividade (1987, p. 29) e por estar distribuído de forma "capilar" (Idem,1995) imiscuído nas relações sociais e impregnado por discursos de verdade, torna-se mais difícil a sua identificação e encaminhamento a um equilíbrio nas desigualdades por ele causadas.

Observar-se as representações do feminino na escola e de como é ou são construídos o jeito específico de ser menina negra talvez nos deem pistas de um entendimento das desigualdades de gênero que podem ter nesse espaço um lócus de perpetuação dessas desigualdades, cristalizando as mesmas no universo infantil feminino e causando graves consequências sociais, já que a escola reforça hierarquias de gênero, atribuindo às meninas papéis subalternos fixos e estabelecendo punições para a sua transgressão (Louro, 2003). Isso se manifesta em práticas como filas separadas, livros indicados por gênero e brincadeiras distintas, gerando conflitos, resistências e aprendizado desigual (Moreira; Jayme; Alves; Souza, 2021, p. 6).

Os efeitos de tais construções se estendem para além dos muros escolares e podem trazer uma enorme possibilidade de naturalização de práticas sexistas em nossa sociedade. Entende-se que o presente projeto de pesquisa possa identificar importantes pistas não somente a respeito da produção das representações do feminino identificadas no cotidiano pedagógico, mas também a respeito da sua genealogia e seus respectivos engendramentos. Nesse caminho a atribuição de sentidos à negritude pode fazer toda a diferença em todos os aspectos, não somente do processo de escolarização, mas também da própria legitimação da cidadania dessa população.

Especificamente ao se tratar da construção das representações das meninas negras, existem algumas importantes particularidades que nos remetem ao conceito de interseccionalidade proposto por Crenshaw. A autora cunhou o termo detalhando como o racismo, o patriarcalismo a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios não atuam isoladamente, mas sim se cruzando para estabelecer desigualdades profundas, hierarquizando a posição de mulheres, grupos raciais, étnico e classes sociais (2002, p.177). A intersecicionalidade ainda analisa como políticas e ações específicas amplificam essas opressões, resultando em um desempoderamento ativo e contínuo.

Nessa direção, entende-se que as meninas negras estão sujeitas de forma direta a pelo menos dois dos eixos de subordinação. O primeiro em razão de erem do gênero feminino e o segundo ao fato de serem negras. Sem dúvidas

mais um dos possíveis eixos, porém esse fica sujeito a outros condicionantes e não de maneira direta como o primeiro e o segundo. Ainda teríamos outras questões como as deficiências, etc., dando conta da composição de possíveis eixos a serem agregados. Infere-se ser a interseccionalidade um dos conceitos-chave para a depreensão das representações do que são as meninas negras dentro do universo escolar.

Muitas interrogações movem à busca pelo entendimento do lugar ocupado por essas atrizes da escola, pois elas estão indelevelmente marcadas pela ação do racismo de nossa sociedade. A "raça é um forte marcador social para ambos, meninos e meninas" (Cruz, 2014, p. 183) e dentro de uma perspectiva generalizada, em um primeiro impacto, atravessa todos os corpos negros da escola. Porém, o mesmo racismo conserva uma estreita relação com a questão de gênero indicando a necessidade de interpretação mais acurada quando se pensa no papel atribuído às meninas negras no universo escolar. Talvez seja de suma importância observar que:

> Se o racismo assume em nossa cultura uma linguagem baseada em ofensas verbais de domínio predominantemente dos meninos, observamos que, na escola, esse racismo também está presente contra as meninas. Ambas discriminações se reforçam: o ato de qualificar os insultos raciais com atributos de gênero também produz o seu contrário, quando os insultos de gênero são qualificados com atributos raciais (CRUZ, 2014, p. 183).

Marcadores raciais como o cabelo crespo, formato de nariz e cor da pele estão presentes na estética das meninas negras com extrema importância na construção de suas representações. O discurso de que o cabelo crespo é cabelo ruim – não incomum em nossa sociedade – pode ser relacionado à construção de uma autoimagem e autoestima fraturada nas meninas negras. Em seu estudo, Gomes traz importantes reflexões a respeito dessa temática, quando aponta que:

> [...] a experiência com o corpo negro e o cabelo crespo não se reduz ao espaço da família, das amizades, da militância ou dos relacionamentos afetivos. A trajetória escolar aparece em todos os depoimentos como um importante momento no processo de construção da identidade negra e, lamentavelmente, reforçando estereótipos e representações negativas sobre esse segmento étnico/racial e o seu padrão estético (2002, p. 41).

A associação da estética negra à representação do ruim tem sido sustentada secularmente a partir do que Foucault (1995) chama de "regimes de verdade", dizendo que não há verdade apartada ou sem o poder. A verdade é uma

construção produzida por meio de diversas coerções, gerando, consequentemente, efeitos de poder que são regulamentados. Cada sociedade, assim, desenvolve o seu próprio regime de verdade, uma espécie de *política geral*, para determinar o que é considerado verdadeiro.

Como consequências de tais regimes, tem-se uma ideia de meninas negras construída nas escolas. Entende-se como preeminente a necessidade de pesquisar a genealogia dessa construção mediante a todos os argumentos por ora apresentados nessa fundamentação.

Daí a necessidade de se avançar no presente objeto de pesquisa pensando nas lei 12.288/10, o Estatuto da Igualdade Racial e a leis 11.645/08 que altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.

Justificativa

A questão racial é um grande desafio em nossa sociedade e trazê-la ao debate mais amplo requer de todas e todos cidadãos um esforço ininterrupto. Nesse contexto, entende- se que a educação é a principal instância na qual se deva investir, a fim de se conseguir tal intento. Mediante a tal contexto, lê-se a escola como o equipamento público capaz de não somente concentrar durante um logo tempo crianças e adolescentes dentro de um processo de ensino e de aprendizagem, como também/talvez o local mais adequado para o desenvolvimento de uma educação antirracistas.

A busca de um entendimento da genealogia da construção das subjetividades femininas negras infantis, entende-se, ser um dos pontos-chave para uma política que resulte em práticas efetivas na promoção da igualdade racial. Em uma sociedade vitimada pelo patriarcado, ser mulher e mulher negra tem uma relação interseccional direta com as inúmeras desigualdades que de maneira perversa asseveram a todo o momento os processos de deslegitimação desse segmento populacional. O desenvolvimento dessa temática, quiçá, trará contribuições para a criação de alternativas de combate ao racismo, estruturando possíveis construções de alternativas de enfrentamento de mais essa categoria dentre as tantas compositoras do mosaico social brasileiro.

Objetivos

Objetivo Geral

Compreender como se dá a construção da representação das meninas negras nos anos iniciais do ensino fundamental.

Objetivos Específicos

1. Entender o pensamento das/dos profissionais da educação das instituições de ensino submetidas à pesquisa, a partir de questionários semiestruturados aplicados às/aos mesmas/os e entrevistas de adesão voluntária, versando sobre o objeto de estudo relacionado ao presente projeto de pesquisa, seja esse a percepção de como são construídas as representações das meninas negras nos anos iniciais do ensino fundamental;
2. Entender como estão situadas as meninas negras nos processos supracitados, identificando se há uma hierarquização que as atinjam e quais os efeitos dela; 3. Identificar e analisar a existência, ou não, de políticas curriculares contempladoras das relações raciais e nessas, se se encontram presentes encaminhamentos/ações que contemplem as crianças negras por meio de conteúdos de equidade racial, direcionando a busca de uma possibilidade de igualdade racial no cotidiano pedagógico;
3. Criar mecanismos de autorreconhecimento e discriminação positiva para a população discente negra a partir da apresentação de referências em todos os campos sociais, por meio de encontros para “conversas do conhecimento”, tema que trará explicações a respeito das profissões de cada protagonista, suas histórias de vida, a importância de suas atuações sociais, etc., observando a adequação de linguagem ao público-alvo;
4. Ao fim da formação, realização de um seminário de apresentação das experiências exitosas desenvolvidas nas escolas a partir das mesmas, culminando com um livro organizado pelo Grupo de Pesquisas RACNEGÊ em parceria com a secretaria de educação, no qual serão publicadas todas as experiências realizadas pelas docentes em suas respectivas escolas.

Metodologia

A presente pesquisa teve as alunas negras dos anos iniciais do ensino fundamental, 1º e 5º, do município de São Vicente - SP como público-alvo. Trabalhar-se- á com as 2 escolas do ensino fundamental indicadas pela Secretaria de Educação, cuja denominação atribuída foi “Escola 1” e “Escola 2”. Houve o cuidado da eleição de duas escolas representante diferentes públicos situados em níveis socioeconômicos distinto: a “Escola 1” representando famílias de um nível de renda baixo, de 1 a 2,5 salários mínimos e a “Escola 2” com crianças oriundas com um nível de renda de 3 a 4 salários mínimos. A pesquisa tem uma abordagem metodológica mista, onde a etnografia da prática escolar será o ponto metodológico principal em virtude de se tratar de uma investigação qualitativa.

Contudo, buscou-se também no Grupo Focal e na Análise de Conteúdo os aportes metodológicos complementares, a fim de se poder dar conta das inúmeras demandas engendradas pelo objeto da pesquisa.

No tangente à abordagem etnográfica, apresentaremos algumas características como eixos fundantes, segundo Lüdke e André (1986) por se entender as mesmas em consonância com as características do objeto em questão:

- Ter-se o ambiente natural como fonte direta de coleta de dados, comas/os pesquisadoras(es) como principal instrumento;
- Os dados coletados são predominantemente descritivos – descrições do ambiente físico; situações e acontecimentos cotidianos; transcrição de questionários e entrevistas semiestruturadas;
- A atenção do pesquisador para o maior número possível presente na situação estudada;
- A preocupação com o processo é muito maior do que com o produto, à medida eu a verificação sobre como o problema se manifesta ganha maior importância na pesquisa;
- Os pesquisadores realizam a maior parte do trabalho de campo pessoalmente;
- A combinação de vários métodos de coleta de dados: fotografias, entrevistas, questionários, depoimentos e demais produtos culturais decorrentes do objeto de pesquisa;
- A busca do entendimento do quadro contextual como suporte para o entendimento do fenômeno.

No que se refere ao grupo focal, trabalhou-se a partir dos referenciais teóricos de Barbour (2009) e Dal’Igna (2021). A respeito de tal método, Barbour aponta características que dialogam com os encaminhamentos necessários à presente pesquisa:

> Enquanto as entrevistas sobressaem-se na tarefa de eliciar considerações "privadas", os grupos focais oferecem ao pesquisador acesso às participações e aos argumentos que os participantes estão dispostos a apresentar em situações de grupo, sejam esses grupos pares, sejam de estranhos convocados para pesquisa (Barbour, 2009).

Grupos focais podem ser empregados de forma útil tanto como um método único quanto como parte de uma abordagem de método misto. Em estudos de método misto, os grupos focais têm o potencial para desenvolver "ferramentas" mais estruturadas, como questionários, mas também ser utilizados com boas vantagens para esclarecer resultados quantitativos "[...] grupos focais podem gerar dados paralelos e, então, facilitar a interrogação de bases de dados contrastantes por meio de comparações – particularmente em relação a explorar e buscar explicações para discrepâncias (2009, p. 83).

A realização de entrevistas e a observação do cotidiano pedagógico serão utilizados como instrumentos de pesquisa e para a análise de dados a hermenêutica crítica. No que se refere à análise de conteúdo, Bardin (2011) nos aponta que tem como objetivo a análise do que foi falado durante a investigação e que propiciou a elaboração de concepções referentes ao objeto de estudo. Há também que se seguir um rigor científico ao se analisar o material coletado a partir Conteúdo objetiva analisar o que foi dito em meio a uma investigação, construindo e apresentando concepções em torno de um objeto de estudo. A análise do material coletado segue um processo rigoroso frente às fases definidas por Bardin (2011), como: Pré-análise; Exploração do material e Tratamento dos resultados.

Procedimentos adotados

- Nas entrevistas com as discentes negras, apresentavam-se várias imagens de pessoas negras – crianças e adultos – e iniciávamos um diálogo a respeito das representações daquelas pessoas para a turma como primeiro passo. Em seguida, perguntava-se às alunas negras em específico o que aquelas pessoas representavam para elas. As respostas eram registradas pelo pesquisador e seus bolsistas, assim como as observações dos detalhes ligados à linguagem corporal que compunha o conjunto das falas proferidas. Em seguida às intervenções efetuávamos um diálogo inicial a respeito dos dados coletados e fazíamos, à posteriori, um registro por escrito do acontecido. Esses escritos, sob forma de documento editável, eram postados no "Drive do Grupo de Pesquisas RACNEGÊ", em um arquivo criado especificamente para a coleta desses dados, cuja análise foi feita em conjunto, a partir das discussões

- acontecidas em nossas reuniões quinzenais. Ressalta-se que a fundamentação teórica que subsidiou essa análise conjunta do grupo foi disponibilizada anterior mente a todas e todos os componentes. O resultado dessas análises eram registrados e disponibilizados no próprio documento, a fim de que pudéssemos lançar mão dos mesmos para os nossos escritos.

Nos grupos focais realizados com as docente, optou-se por uma alternativa construída pelo grupo RACNEGÊ. Escolhemos algumas “provocações” referentes à temática racial. As provocações eram apresentadas aos grupos de professoras e alguns procedimentos aconteciam. Em primeiro lugar cada professora escrevia o que aquela provocação sugeria segundo sua interpretação. Em seguida todas eram convidadas a falar a respeito da provocação. A ideia de todas escreverem antes de proferirem suas falas, deu-se a partir do pressuposto de que se por acaso alguma das falas sofresse a influência de alguma liderança discursiva, teríamos garantidas as opiniões individuais iniciais. Nesse sentido não somente tivemos as impressões registradas pelo pesquisador e bolsistas, como também os registros próprios de cada professora participante. Foi pedido às professoras a permissão para gravarmos cada depoimento, porém elas não nos permitiram. Em razão dessa circunstância, o pesquisador coordenador teve de registrar as falas em tempo real, o que diminuiu a possibilidade de observação da linguagem corporal, ficando essa função restrita aos alunos bolsistas.

Análise de dados

Para a análise de dados apresentaremos algumas falas capturadas nas entrevistas e nos grupos focais e nas entrevistas, utilizando a análise de conteúdo como método, a partir dos escritos de Bardin (2011) e Souza e Santos (2020). Como passo inicial, trabalhou-se a pré-análise, discutindo as primeiras impressões ao visitarmos as escolas, docentes, discentes e equipes gestoras. Os dados foram apresentados aos componentes do grupo de pesquisas RACNEGÊ em nossos encontros programados com a finalidade de dar andamento às discussões a respeito dos dados coletados, pensando coletivamente a análise deles. Após passada a pré-análise, elaboramos as categorias a partir dos grupos focais realizados com as docentes e das entrevistas realizadas com as meninas negras.

Em seguida apresentaremos o quadro de categorização principal e suas divisões em quadros secundários, nos quais as subcategorias compõem o arcabouço de sustento da pesquisa. Para efeito didático, numeraremos as subcategorias, registrando as falas docentes e discentes correspondentes.

TABELA DE CATEGORIZAÇÃO DA PESQUISA “A Produção da Representação do feminino na escola: quais ideias de "ser menina negra" estão presentes nos anos iniciais do ensino fundamental das escolas de São Vicente- SP?”					
CATEGORIA 1 - FALA DAS DOCENTES SUBCATEGORIAS IV					
I	**II**	**III**	IV	**V**	**VI**
Imaginário de feminino; ambiente da escola como construção da ideia de menina negra	***O pensamento discente a respeito de beleza***	***Falas de feminilidad e tradicional x feminilidade não tradicional***	***Percepções de negritude – autopercepção***	***Falas das professoras x falas discentes***	***Visão docente em relação às questões raciais.***

Tabela 1

CATEGORIA 2 - FALA DAS DISCENTES NEGRAS					
SUBCATEGORIAS					
1	**2**	**3**	**4**	**5**	**6**
Imaginário de feminino; ambiente da escola como construção da ideia de menina negra	***O pensamento discente a respeito de beleza***	***Falas de feminilidade tradicional x feminilidade não tradicional***	***Percepções de negritude – autopercepção***	***Falas das professoras x falas discentes***	***Falas intradiscentes primeiros e quintos anos***

Tabela 2

A seguir apresentamos algumas falas das docentes referentes às subcategorias “I” e “VI” com suas respectivas análises:

Falas Docentes, subcategoria I – Escola 1 – professoras do turno da manhã.

- *A menina negra é bem resolvida, se coloca em todos os momentos, participativa. Se relacionam bem; Hoje em dia. A influência da mídia positivamente a questão da raça. Temos pessoas negras ocupando cargos de importância;*
- *Essa diferenciação ocorre principalmente no ensino médio ou fundamental II, mas por influência dos grupos dos amigos. Mas agora tem tanta representatividade na mídia que na fase inicial eles não focam tanto;*
- *As mulheres negras sofreram preconceito, mas já diminuiu muito. Por enquanto, os anos iniciais, é normal, porque já é trabalhado desde a educação infantil. Acho que pega mais no médio e no fundamental 2. Eu ainda não tive essa experiência mais grave de exclusão ou diferenciação. Eles são terríveis, mas eles brincam normal. Quando pega no Ensino Médio ou Fundamental 2. Tem que trabalhar muito para eles levarem para a família;*
- *Na atualidade as meninas negras estão muito mais empoderadas. E como trabalho desde o infantil, facilita a compreensão da necessidade do respeito. Quando eu era adolescente eu não tinha creme... eu fazia toca de gesso pq não sabia como cuidar do meu cabelo. Meu filho tem cabelo cacheado e ele adora os cachos dele. Ele sabe como cuidar do cabelo e ele me ensina. 40 atrás a gente não tinha. Agora tem uma gama de produtos; Autoafirmação frequente, necessidade de representatividade;*
- *Normal. Com direitos e deveres iguais aos outros alunos. Temos presidentes, corredores de fórmula 1 que a gente usa como exemplo;*
- *Como é série de transição - 1º ano - as crianças não diferem etnias. A comunidade é muito carente de tantas coisas e acredito também no papel da mídia e posições sociais que mudaram para melhor. Acho que principalmente de casa... hoje um aluno chamou a outra de vagabunda. Um menino pequeno não tirou isso da cabeça dele. Aqui na escola não se fala isso. Deve ter ouvido na família, pois esses são muito carentes. Antigamente não se via uma mulher Negra assumindo cargos.*

Falas Docentes, subcategoria I – Escola 1 – professoras do turno da tarde.

- *Vejo a mesma necessidade de ajuste, principalmente entre o gênero, muita competitividade. É importante o encorajamento..... elas competem muito entre elas;*
- *Não é fácil, pois estão em minoria e pode sofrer ou pode sofrer preconceitos pela sua cor, pelo seu cabelo, enfim, pelos padrões de beleza;*

- *Difícil. Elas são criticadas por seus cabelos, cor de pele ...;*
- *Três vezes mais complicado. Lidar com o racismo, com comparações, padrões de beleza e afins. Deve ser mais complicado. Pela comparação, pq meninas são mais competitivas. Acho que os padrões impostos pela sociedade devem mexer mais com autonomia e autoestima;*
- *A menina negra tem mais dificuldades no ambiente escolar, pois ainda tem que lidar com a competição entre meninas;*

Análise

Apesar do grupo de docentes pertencerem a mesma escola, fica explícito uma discrepância nos entendimentos a respeito do assunto. As professoras do turno da tarde se mostram mais sensíveis à temática, percebendo, pelo menos, a presença de mais enfrentamentos referentes a ser “menina negra”. Em contrapartida, as professoras do turno da manhã demonstram, em sua grande maioria, que se em outros tempos era bem difícil ser menina negra na escola e na sociedade, hoje as coisas mudaram por conta da grande representatividade encontrada cotidianamente. Apontam a mídia, alguns cargos de relevância social ocupados por pessoas negras, o empoderamento das meninas negras como “pontos de inflexão”, ou seja, os pontos-chave para a mudança da posição das meninas negras na sociedade.

Percebe-se que existe um distanciamento entre os enfrentamentos vivenciados cotidianamente pelas meninas negras em sala de aula, na escola e, por conseguinte, na sociedade e a assunção deles como uma grande questão a ser resolvida pela instituição em seu currículo e figurando como protagonistas nesse cenário, as professoras com suas práticas pedagógicas sendo as representantes dessas ações.

A **visão fraturada** do que é ser menina na escola ao analisarmos as falas das docentes da manhã e da tarde, per se, já nos apresenta uma grande barreira das muitas que dificultam o trato para com o problema, isso por conta do evento de entendimentos opostos a respeito da temática dentro de um mesmo microuniverso.

Falas Docentes, subcategoria I – Escola II – professoras do turno da manhã.

- *É ter as mesmas oportunidades. As duas questões são bem semelhantes (ser menina e ser menina negra na escola), pois a base de toda a educação é o respeito, não fazer diferença, não ser preconceituoso. Tenho ajudantes que são negras e se destacam, eu sou professora e sou negra, cada um tem de ocupar o seu espaço e não fazer discriminação;*
- *No 1º ano não vejo esse tipo de distinção, eles continuam aprendendo, se envolvendo com o outro. Eu ainda continuo na mesma opinião. Eles continuam se desenvolvendo e não têm essa maldade. Porque ela e negra, porque a outra é loira. Nessa faixa etária continuam se desenvolvendo, vão escutar, vão ler, vão estudar para criar a sua própria identidade. Eles se envolvem no geral;*

Falas Docentes, subcategoria I – Escola II – professoras do turno da tarde.

- *Não acontece isso na minha sala. Mas eu digo que alma não tem cor. Eu não vejo a cor das pessoas eu paro logo o assunto. Eles têm que se respeitar, se gostar muito muito muito. Tem que olhar nos olhos das pessoas e tem que estar seguros, porque eu levo sempre a questão de alma não tem cor. Eles já me conhecem e eu não aceito. Eu acredito que nessa faze seja muito importante ter autoconfiança. Eu tenho um aluno que foi trabalhado isso e ele mudou. Eu não passei a mão na cabeça dele. Falei: você tem que se olhar no espelho e se aceitar;*
- *Eu tenho meu cabelo cacheado e eu tenho muitas meninas negras. É uma questão de trabalhar a autovalorização. Tem vários livros que eu trabalho e elas gostam. Eu valorizo quando elas vêm com cabelos trançados etc. e elas gostam. A questão do respeito. Que elas têm que valorizar o que têm. Essa questão de trabalhar as diferenças entre elas eu trabalho desde a educação infantil. Se vier inserindo sempre essas questões de uma forma que se torne um pouco mais natural. Os meus já sabem que a caixinha de lápis de cor não tem o tom de pele;*
- *Eles podem não falar um do outro. É um desafio por conta do estereótipo. Eu diria que tem muito da educação. Onde essas crianças vivem ou convivem. Se o pai fortalece essa cultura essa raça, a criança não terá muitos problemas. Na minha infância a gente se xingava e resolvia ali, no ambiente. Se eu aprendo isso no grupo social é diferente. Às vezes, isso não é só o suficiente a autoconfiança. Uma chegou para mim e falou e perguntou se tinha simpatia para alguém da cor dela;*

- *Existem outras questões que são da idade. É um desafio. A Criança alisa o cabelo e se sente mais linda do que antes. E a resposta que eu dou pé que ela está tão linda quanto quando não está com o cabelo cacheado. Carregar estereótipos depende. Se a família não passar, não carregam, mas se os grupos sociais colocam aí sim;*
- *A gente faz para ter esse trabalho. O ano passado eu tinha a aluna mais linda, mais inteligente, mas ela tinha dificuldade de falar sobre essa questão. Quando surgia alguma coisa sobre isso ela não queria participar. Ela não queria assumir que ela era negra. Ela dominava, conversava, comandava a sala, mas.... não vamos tocar nesse assunto. Chegou aí ela travou;*
- *Tem um caso em minha sala de uma aluna que é negra etc., mas sempre traz para mim uma questão relacionada ao cabelo meio torto, ela é bonita, mas ela tem esse problema. Ela é uma aluna que se destaca na bagunça e conversar.*

Análise

Evidencia-se que as professoras não consideram que as questões raciais estejam presentes nas turmas de primeiros anos. Percebe-se a vigência da ideia de uma inocência inerente à infância, que blindaria as crianças de cometerem certas atitudes relacionadas à racialidade, não obstante ela esteja presente em todas as formas de convívio social e, por conseguinte, na escola.

Outra ideia muito presente nas falas das professoras é a do respeito como único ponto de partida e chegada possível e suficiente para a convivência dentro da escola. Considera-se um argumento perigoso, à medida que não são discutidas as questões que geram a falta de respeito. Apesar do respeito ser uma condição, admite-se que não seja suficiente para dar conta de tais demandas. Tem-se a impressão de que quando a ideia de respeito é colocada diante de uma situação de exclusão sem que a sua genealogia não seja destrinchada, a situação é sujeita a uma menor valia estruturada na *situação do natural.* A atribuição da construção da *autoconfiança racial* das meninas associada à construção familiar também está muito presente nas falas. Ficou a impressão de que, para uma parte significativa das professoras, mais do que a escola, a família é tida como condição primordial para que as meninas tenham a sua autoestima alta em relação à sua feminilidade e negritude, tirando da escola essa responsabilidade, ou seja, como se o trabalho não tivesse de ser feito a todo o momento em todos os locais de convívio social.

As falas relacionadas ao trabalho contínuo acabaram ficando relacionadas à professora negra, cujos marcadores raciais se assemelhavam aos das meninas

negras presentes. Fica latente a seguinte questão: será que as meninas negras adquirem a alta autoestima somente quando têm nas docentes negras os estímulos legitimadores de suas condições raciais?

Falas Docentes, subcategoria VI – Escola
1. RELAÇÕES RACIAIS E EDUCAÇÃO

- *Assuntos de extrema importância que estão conectados;*
- *Na grande maioria caminham de mãos dadas. Nós somos dos quintos anos e é bem diferente e trabalhamos outras coisas como raça e religião e no fim eles estão muito diferentes;*
- *Assunto de extrema importância que deve ser evidenciado. Apesar do tema ser abordado nas escolas, penso que não se discute frequentemente e deixam apenas para o período de novembro (consciência negra); Trabalhamos com sutileza, mas é trabalho todos os dias. Vai do que a gente fala para os alunos. Do que a gente vive no cotidiano. Quando eu estudava tinha um conteúdo específico que é a miscigenação de raças. Hoje eles tiraram esse conteúdo. Hoje em dia não tem. Não dá tempo para inserirmos. O nosso conteúdo, às vezes, tem coisas que não são muito importantes e o que é importante fica de lado. O meu marido é negro e descendente de índios. Meu filho tem sangue negro, índio e português. O meu filho sabe disso porque eu falo;*
- *Necessário abordar o assunto de todas as formas. Numa situação corriqueira na sala, ou apenas planejar uma aula sobre o assunto;*
- *Penso que as relações raciais são e devem continuar como parte do processo educacional, uma vez que nosso país ainda é muito racista e boa parcela da população desconhece a sua origem étnica;*
- *Com a minha sala é de 1º ano não há muito , ou praticamente posso dizer, que não é muito abordado. São crianças que têm tantas necessidades que tratar desse assunto é sempre abordado de forma sutil;*

VOCÊ TRABALHA AS RELAÇÕES RACIAIS EM SUAS AULAS?

- *Quando chegar no 5º ano talvez ela tenha mais autonomia para se ajeitar etc. No 5º ano;*
- *Sim, toda vez que é feita uma leitura, vídeo e conversas informais. No primeiro ano toda vez que tem um conflito nós falamos sobre o respeito, independente das crianças serem da mesma cor ou sexo, se houver respeito não haverá o conflito pela cor ou por que é menina ou menino. Toda vez que há o conflito eu entro e lá já trabalho basicamente o respeito. Quando você fica muito falando uma coisa assim ela vai e fica perguntando e o problema não é só perguntar, mas alguns começam a querer contrariar. Temo s alguns alunos que são do contra. Enfatizar o respeito . Eu tenho duas alunas que têm um problema muito grave por higiene. Ela é branquinha, mas vem cheirando a urina e ninguém quer ficar perto dela. Não é pela cor, mas sim pela higiene. Já conversamos com o pai, mas ele é do mesmo jeito. O que eu vou falar? Se falar isso para o pai ela fará um escarcéu e depois como vai ficar. Não tem dentes da frente por falta de cuidado. Na minha sala as meninas negras são bem cuidadas, ali você vê que não tem esse problema. Eles falam: ela é feia, não vem limpa... eu dou a mão para ela na fila, procurando não excluir mais ainda. Fazemos o que podemos, mas se a família não se ajeitar, ela vai sofrer;*
- *Não só a questão racial, mas dos especiais. São várias coisas não só as raciais;*
- *São tantas carências na comunidade;*
- *Saber lidar com as diferenças e orientá-los que não existe pele e sim o que vale é a índole da pessoa. Afinal somos todos iguais;*
- *Esse tema precisa ser muito discutido na escola por questões muitas vezes veladas;*
- *Com os alunos do 1º ano, em alguns momentos percebo que alguns se sente constrangidos sob certos comentários, mas que são feitos SEM MALDADE;*
- *Assunto bem delicado;*
- *É um assunto que eu gosto de tratar eu gosto de estudar sobre isso. Eu tenho uma questão bem de colorismo em mina família. Eu sou casado com um preto, meu filho é preto. Eu gosto de me envolver com as questões raciais na educação. Eu amo trabalhar essa questão sempre. Envolvendo o meu ambiente educacional, pois tenho essa experiência em casa e em sala de aula;*

- *A educação em linhas gerais não está preparada. Ainda depende muito do professor regente. Por mais que você trabalhe muito no contexto é sempre pontual. Já teve casos não tem um trabalho contínuo esse trabalho dependerá sempre das iniciativas individuais. Quando vai resolver alguma coisa já estourou tudo;*

Falas Docentes, subcategoria VI – Escola 2.

RELAÇÕES RACIAIS E EDUCAÇÃO

- *A educação é a base para que mudemos esse cenário que dizem que está acabando, mas não está; Eu trabalho. É interessante é fundamental. Trabalho a questão das diferenças. Não existe somente um tom de pele. Não é somente o lápis que se diz cor da pele. Temos uma diversidade de livros para se trabalhar e conscientizar;*
- *No 5º ano essas coisas aparecem nos apelidos. Mas quando alguém que não é do grupo e chama de apelido racializado eles brigam. Num contexto histórico, social e cultural a gente sempre tem de trabalhar, mas provocar a discussão não. Hoje se esquece que nós somos um país colonizado por várias raças. Deve ser abordado por causa da cultura brasileira;*
- *Eu acredito que não se deva trabalhar, a menos que aconteça alguma situação;*
- *Eu trabalho porque sempre vem algum assunto de cotas raciais. Isso está muito presente e eu acabo o contando a história do porquê. Acabo abordando por esses motivos de história – Mas no 5º ano tem de abordar.*
- *Eu vejo na minha sala, mas aparece o assunto em outros conceituais. É diferente a abordagem do 5º ano; Na minha área específica eu só pontuaria isso quando acontecesse alguma questão pertinente. Trabalho sim as questões e todos os dias, pois todos os dias temos de estar com esses compromissos em sala da aula. É um trabalho diário. Em minha sala teve questões de gênero, todo dia tem de estar mediando;*
- *A escola deve trabalhar essas questões sim;*
- *A escola deve trabalhar sim a todo o momento e de todas as formas, envolvendo em rodas de conversas, projetos e no dia a dia.*

Análise

De um modo geral, observa-se que as professoras entendem a questão racial como de grande relevância e que deva ser trabalhada. Porém, entre se entender a importância e reconhecê-la, percebe-se uma lacuna que pode ser um importante fator dificultador para que o trabalho com as relações raciais se efetive. Desse grupo

de professoras uma parte relevante também entende que esse trabalho deva acontecer, à medida que as situações pontuais o exijam e isso é um fator limitante importante, pois ratifica a falta de continuidade. Tal fato corrobora para que o não cumprimento da lei 11645/08 aconteça.

Outro fator presente é a ligação desse trabalho a uma data específica, o 20 de novembro. Assim como as práticas atreladas a situações pontuais, o trabalho somente no dia ou Semana da Consciência Negra, limitam as possibilidades da temática, corroborando para a manutenção do *status quo* como fator deslegitimador da negritude. Isso não apaga somente a população negra discente, como também assevera as consequências do racismo vigente em nosso país, assim como serve de impedimento ao processo de discriminação positiva das discentes negras. As professoras dos primeiros anos continuam a atribuir às crianças uma suposta "isenção" das questões raciais. Mesmo quando afirmam sobre a importância de se trabalhar essas questões em sala de aula a todo o momento, indicam uma não presença desse tipo de pensamento nas crianças dos primeiros anos.

Entende-se que o incômodo causado pela discussão da temática racial seja tão grande a ponto da não admissão dessa presença nos primeiros anos tomar as questões de higiene como pontos cruciais de discriminação, conforme citado em um dos depoimentos.

Como resultados podem-se elencar os seguintes itens:

1. Por conta de não se ter um trabalho contínuo com as questões raciais, as meninas negras têm uma série de enfrentamentos em relação a assunção de seus pertencimentos raciais potencializados;

2. A presença de referenciais de discriminação positiva pode ser um fator muito importante para que a construção da autoestima, por meio da identificação de referências apresentadas no cotidiano pedagógico, seja potencializada. Uma prova disso foram os depoimentos docentes que se seguem, após os pesquisadores – durante uma das visitas de campo – proporem uma avaliação de imagens onde estavam presentes meninas, meninos e adultos negras e negros com os seus marcadores raciais positivamente expostos:

P4 Escola 1 tarde "

Eu lembro quando vocês foram na sala e mostraram fotos. Pegou muito isso nas crianças. Eu tinha uma criança que não soltava o cabelo. Depois da

apresentação das imagens ela começou a trabalhar o crespo, os cachos" P2 Escola 1manhã "Um pequeno ato... só o fato de ter mostrado modificou, pegou uma situação que transformou. Você vê como é importante a fala do professor para o aluno. Vou assumir o meu cabelo";

3. A prevalência do senso comum de que as questões raciais não estão presentes nas crianças dos primeiros anos por conta de uma inocência inerente à infância e de que as meninas negras não são vistas sob o aspecto racial por suas/seus colegas, pois as crianças nessa idade não são suscetíveis aos efeitos do racismo como praticantes;
4. Identificou-se uma fala quase unânime entre as professoras em relação à importância do trabalho das relações raciais na escola, contudo os conteúdos relacionados à questão não se encontravam presentes tanto nos projetos políticos pedagógicos das escolas, quanto nos planejamentos aunais das professoras. Quando muito, falava-se em questões de uma inclusão generalizada;
5. A necessidade preeminente de formações que tratem das questões raciais, reivindicada pelas docentes;
6. Presença de um certo "receio" ao se propor a discussão das questões raciais na escola. Mesmo parecendo um contrassenso em razão das professoras identificarem a importância do trabalho com as questões raciais na escola, percebeu-se um distanciamento das docentes quando se abordou o assunto.
Causou-nos a impressão de que, não obstante a sua presença no cotidiano pedagógico, as questões raciais eram invisibilizadas das discussões pedagógicas das duas escolas;
7. As meninas negras dos primeiros anos ainda tinham um referencial embranquecido de beleza, pois ao apresentarmos as imagens de pessoas negras e brancas, identificavam as pessoas brancas como mais bonitas, a exceção de uma turma onde a autoestima das meninas negras era bem alta, fato identificado pelas escolhas de pessoas negras como as mais bonitas;
8. As meninas negras dos quintos anos, em sua esmagadora maioria, apontavam as mulheres negras presentes nas imagens como as mais bonitas, principalmente por terem marcadores raciais semelhantes aos delas. Ressalta-se que o marcador cabelo crespo era o que mais chamava a atenção, apontando para uma discriminação positiva proferida pelas meninas negras;

9. Nas turmas nas quais as professoras assumiam a negritude como ponto de partida para a identificação dos referenciais de humanidade, as crianças assumiam suas racialidades de maneira mais enfática. E nas turmas onde as professoras eram negras e tinham suas negritudes assumidas, a potencialidade da discriminação positiva aumentava;
10. Uma necessidade de formação voltada para a temática, questão apontada pelas professoras e reivindicada em suas falas

Conclusão

O trabalho com as relações raciais nas escolas é fundamental para podermos transita por uma educação mais justa e equânime. Marcadores raciais como cabelo, cor de pele e narizes estão presente nos processos de hierarquização das discentes negras de todo o Brasil. Especificamente nos anos iniciais do ensino fundamental o trabalho e o entendimento com as temáticas raciais é mister para que possamos atingir a igualdade racial. Nesse sentido uma educação antirracista, não pode estar apartada dos processos educacionais como um todo e dentro de suas especificidades, tem de estar presente no cotidiano pedagógico. É no dia a dia que as relações sociais se estabelecem e desde a mais tenra idade. Ser menina negra na escola é estar sujeita a um processo de "interseccionalidade" (CRENSHAW, 2002), onde os muitos eixos de subordinação colocam sob os ombros dessas discentes, pesados fardos construídos no imaginário da nossa sociedade racista, engendrada sob o legado do patriarcado. À medida que essas discussões são trazidas à baila dentro das escolas muitas possibilidades podem ser construídas. Possibilidades de, por meio de práticas pedagógicas equânime, conseguirmos atingir os caminhos de uma justiça social, assim como, uma justiça curricular (CONNEL, 2003), na qual se possa transitar superando os inúmeros óbices à legitimação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOUR, Roselaine. **Grupos Focais**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL, Lei 12.288/10. Estatuto da Igualdade Racial. Brasília, DF: Presidência da Disponível
República,em:https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/496308/000898128.pdf?sequen ce=1. Acesso em: 08 nov. 2022.

BRASIL. Lei 11.645, de 10 de março de 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm . Acesso em: 08 nov. 2022.

CONNELL, Raewin. **Schools and social justice**. Montréal: Our Schools/Our Selves Education Foundation. 2003.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **ESTUDOS FEMINISTAS**. ANO 10, 1º SEMESTRE, 2002.

CRUZ, Tania Maria. Espaço escolar e discriminação: significados de gênero e raça entre crianças. Educação em Revista. Belo Horizonte. v.30 | n.01 | p. 157-188 | mar. 2014.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e Pesquisa,** São Paulo, v.29, n.1, p.167-182, jan/jun. 2003.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade** – Vol. 1: a vontade de saber. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. A Microfísica do Poder. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1995.

_____. **Vigiar e punir**. 36. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Organização e revisão técnica: Artur Ituassu; Tradução: Daniel Miranda e Willian Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, Apicuri, 2016.

LOURO, Guacira. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MOREIRA, Maria Ignez Costa; JAYME, Juliana Gonzaga; ALVES, Cláudio Eduardo Resende; SOUZA, Magner Miranda de; COELHO, Nilma. RELAÇÕES DE GÊNERO NA REDE MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE: FORMAÇÃO DOCENTE CONTINUADA. **Psicologia em Estudo**, Volume: 26, Publicado: 2021.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. da. et al. **Identidade e Diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

SOUSA, José Raul de; SANTOS, Simone Cabral Marinho dos. Análise de conteúdo em pesquisa qualitativa: modo de pensar e de fazer. **Pesquisa e Debate em Educação**, Juiz de Fora: UFJF, v. 10, n. 2, p. 1396-1416, jul.-dez.2020.ISSN 2237-9444. DOI: https://doi.org/10.34019/2237-9444.2020.v10.31559.Esta revista está licenciada sob a licença Creative Commons Attribution 4.0 International License(CC BY4.0).

RELATÓRIO FINAL DE PESQUISA 2024 - IFSP

Gênero e sexualidade nos anos iniciais do ensino fundamental: o que nos dizem os Projetos Pedagógicos e o Referencial curricular do município de Santos -SP?

Bolsista - Alyssa Israel Baptista

Orientador - Professor Doutor Antonio Cesar Lins Rodrigues

RESUMO

A presente pesquisa teve como escopo a identificação da presença das temáticas de Gênero e sexualidade nos anos iniciais do Ensino Fundamental no município de Santos-SP e seus possíveis efeitos dentro de uma perspectiva de educação legitimadora das diferenças. A pesquisa foi realizada a partir da análise do "Currículo Santista 2021", documento referencial curricular da rede municipal disponibilizado online e os Projetos Políticos Pedagógicos das escolas que trabalham com a referida etapa da educação. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, cujo método utilizado será a Pesquisa Documental, fundamentada teoricamente a partir dos escritos de Bardin (1977); e Lima Junior, Oliveira, Santos e Schnekenberg; Lüdke e Andre, (1986) entre outros. No tangente à análise de dados, as obras de Louro (2010); Foucault(1988); Freire, Haddad e Ribeiro (2007) e Campos (2015), figurarão como suporte central do referencial teórico. Como resultados, buscou-se a depreensão dos possíveis efeitos dessa presença ou não enquanto política pública de educação e como ela pode refletir na construção do cotidiano sociopedagógico das Escolas Municipais Santistas de Ensino Fundamental, a partir dos seus projetos políticos pedagógicos como contraponto documental de análise.

Palavras-chave: Currículo Santista; Gênero e Sexualidade; Projetos Políticos Pedagógicos; Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Introdução:

As palavras podem ser armadilhas semânticas não limitadas a uma só interpretação. Elas podem ser "fugidias, instáveis e têm múltiplos apelos (Louro, 2010), fato tal que proporciona um vasto campo interpretativo. O entendimento de que gênero e sexualidade emergem de uma "invenção social" (Foucault, 1988) sugere reflexões a respeito de como esse *social* se constitui e até que ponto influencia na compreensão do elencado socialmente e culturalmente como feminino e masculino. Ainda na possibilidade de entendimento das palavras como armadilhas semânticas, chama-se a atenção para o trânsito das mesmas por variados locais sociais e a produção de significados como consequência desse trânsito. Circulando nos sistemas educacionais, em seus respectivos documentos oficiais e aparelhos públicos, as palavras gênero e sexualidade vão produzindo "discursos que regulam, que normalizam, que

instauram saberes, que produzem 'verdades'" (LOURO, 2010).

A produção das verdades - em particular de verdades sobre gênero e sexualidade - dentro de uma sociedade cria óbices para as cidadãs e cidadãos que a ela pertencem. No tangente às identidades sexuais e de gênero, percebe-se que as mesmas ficam sujeitas a uma produção discursiva estabelecedora do que classificamos como limites de existência, ou seja, a vida vinculada a uma pré-condição de aprisionamento identitário da qual não se possa escapar,sob pena do alijamento social.

A partir do supracitado, entende-se que as questões relacionadas à gênero e sexualidade estejam além dos aspectos biológicos comumente utilizados como ponto central de abordagem do assunto, em se tratando de práticas pedagógicas escolares. Nesse sentido Campos (2015, p 1) ratifica o que indicamos em seus escritos pontuando que "[...] perpetua-se uma prática historicamente construída: a abordagem de aspectos biológicos da sexualidade(aparelho reprodutor, reprodução, doenças sexualmente transmissíveis e métodos contraceptivos) pelo professor da área de Ciências".

Não é incomum lidarmos com esse tipo contínuo de intervenção praticada pelas professoras e professores quando transitam pelos conteúdos relacionados a gênero e sexualidade. Percebe-se na educação brasileira a interpretação de tais questões como "intocáveis" no currículo e quaisquer investidas sugerindo outros campos interpretativos são passíveis de retaliações que passam pelos filtros morais pessoais docentes e também pelos filtros morais das/dos responsáveis, direção da escola, sistemas de ensino, sociedade etc. Parece-nos ser um entendimento tácito, proveniente de acordos não anunciados, mas repletos de potencial força mantenedora de sua vigência por séculos.

Campos (2015) também nos chama a atenção para o "currículo sexual oculto" conceito de Barreto, Araújo e Pereira (2009), que "ensina a normalização das expressões de gênero, o modelo do casal heterossexual reprodutor, a família nuclear, a hierarquização dos gêneros, a exclusão de orientações sexuais diferentes etc.”.

Justificativa:

Por serem construções sociais, gênero e sexualidade têm variantes especiais de exclusão e são muito importantes na construção de uma sociedade, determinando pontos estratégicos de legitimação de certas identidades. A escola talvez seja o local onde se possa avançar no entendimento mais abrangente a respeito do gênero e sexualidade, e também na construção de uma percepção para além das vigentes como norma.

Nesse sentido o currículo por meio dos seus referenciais legais de cada município num sentido lato sensu e nos projetos políticos pedagógicos de suas escolas, em stricto sensu, podem efetivar ou não a legitimação do gênero e sexualidade e as e identidades que, a partir desses conceitos, se constroem. Nessa panorâmica o currículo tem importante papel, pois "está implicado em relações de poder [transmitindo] visões sociais particulares e interessadas [produzindo] identidades sociais particulares (Moreira; Silva, 2002, p. 8)". Entende-se que o currículo tenha o poder de engendrar ideias de humanidade em todas as crianças a ele submetidas e, por conta disso, carrega a possibilidade de "romper ideias cristalizadas e construídas na sociedade, formando um ser humano consciente das relações sociais a que está submetido[...]" (Maia et al., 2012, p. 152). Tais constatações nos motivaram a avançar no processo investigativo, pois ratificamos a importância de uma escola plural e acolhedora em cuja as variadas presenças das sexualidades e gênero sejam, não somente possíveis, mas também legitimas, tendo a garantia de reconhecimento como a tônica de suas práticas pedagógicas.

Objetivos:

Geral

Identificar se o município de Santos tem um compromisso com as diferenças relacionadas à gênero e sexualidade e se esse está registrado como política pública de educação dentre os componentes do seu referencial curricular oficial, encontrando-se presente nos Projetos Políticos Pedagógicos das escolas do Ensino Fundamental.

Específicos

1. Analisar com profundidade todo o conteúdo do documento Currículo Santista 2021;
2. Analisar com profundidade os Projetos Políticos Pedagógicos das escolas de Ensino Fundamental de Santos, observando se existem ou não ações curriculares que contemplem os tópicos gênero e sexualidade;
3. Cruzar as presenças de gênero e sexualidade no documento Currículo Santista 2021 e nos Projetos Políticos Pedagógicos das Escolas, caso hajam;
4. Perceber as relações de poder existentes nas hierarquização das prioridades temáticas e analisar as consequências das atribuições conferidas às questões de gênero e sexualidade nessa escala hierárquica;
5. Provocar uma discussão mais aprofundada com a secretaria de educação de Santos, tendo como temática a presença das questões de gênero e sexualidade em seu currículo do ensino fundamental em stricto sensu;
6. Discutir os possíveis reflexos dessa presença ou ausência nas/nos discentes.

Metodologia

A presente pesquisateve como método a Análise documental. Como documentos analisados, elegeu-se o referencial curricular do município de Santos, oficialmente denominado como "Currículo Santista" e os Projetos Políticos Pedagógicos das escolas municipais que contemplam os anos iniciais do ensino fundamental. Entende-se que os referidos documentos puderam apontar aspectos relacionados às mais distintas configurações e que abriram um campo para o engrendramento de "[...] inferências sobre os valores, sentimentos, as intenções e a ideologia das fontes ou dos autores dos documentos" Lüdke e André (1986 p. 40). Tal fato ratifica o entendimento de se poder interpretar as relações estreitas entre o currículo, projetos políticos pedagógicos e a produção de entendimento de gênero e sexualidade nas escolas. Por se tratar de uma pesquisa de abordagem qualitativa a eleição da Análise Documental como método nos dá o respaldo necessário, pois, segundo Lima Junior, Oliveira, Santos e Schnekenberg, "numa perspectiva qualitativa, se configura em um procedimento que utiliza técnicas específicas para a apreensão e compreensão de variados tipos de documentos e que adota para tal cauteloso processo de seleção, coleta, análise e interpretação dos dados" (2021, p, 49).

Por trabalharmos com registros institucionais, nos apropriamos de Gil (2010) quando afirma que os escritos produzidos oficialmente por instituições de governo, têm utilidade na pesquisa social. Pensamos que a produção dos entendimentos sobre gênero e sexualidade na escola acabam por refletir na sociedade como um todo, assim como as ideias construídas na sociedade acabam por influenciar a produção de entendimentos da mesma temática na escola.

Ou seja, não há como tornar incólume ambos os ambientes, escolar e social, já que se encontram imiscuídos.

Análise de dados

Ao analisarmos o referencial curricular de Santos observamos alguns itens que apresentavam as questões de gênero como componentes a serem trabalhados nas escolas como práticas pedagógicas “comuns” ao longo da educação infantil e ensino fundamental. As questões de gênero são mencionadas diretamente na tabela a seguir:

Marco Legal pág. 19	**Lei nº 11.340/2006, coíbe a violênciacontra a mulher.**
Pág. 353 tópico	**Mecanismos reprodutivos Sexualidade.**
Pág. 354	**(EF08CI11A) Reconhecer a sexualidade humana na sua integralidade, selecionando argumentos que evidenciem as dimensões biológicas, socioculturais, afetivas e éticas.** **(EF08CI11B) Valorizar e respeitar a diversidade de manifestações e expressões da identidade humana, independentemente de orientação sexual e gênero,compreendendo o preconceito e a discriminação como uma construção social.**
Pág. 373	**EF07GE04) Analisar a distribuição territorial da população brasileira, considerando a diversidade étnico- racial e cultural (indígena, africana, europeia, latino-americana, árabe, asiática entre outras) e relacionar com outros indicadores demográficos tais como: renda, sexo, gênero, idade entre outros nas regiões brasileiras.**
Pág. 384	**(EF01HI06C) Identificar os diferentes papéis das mulheres na família e na escola, comparando as mudanças entre as gerações que se conhece.**
Pág. 390	**(EF03HI13A) Pesquisar, identificar e reconhecer histórias de mulheres e o seu protagonismo no município, região e/ou lugares de vivência.**
Pág. 394	**(EF05HI05B) Comparar os diferentes movimentos populares em busca de direitos das mulheres, dos trabalhadores do Porto, e as primeiras greves em Santos, o sindicalismo, a luta pela democratização santista e as principais reivindicações atuais.**
Pág. 402	**(EF06HI19A) Descrevere analisar os diferentes papéis sociais das mulheres no mundo antigo e nas sociedades medievais.**
Pág. 415	**(EF09HI07) Identificar e explicar, em meio a lógicas de inclusão e exclusão, as pautas dos povos indígenas, das populações afrodescendentes e das mulheres no contexto republicano (até 1964).**

Pág. 421	**(EF09HI26) Discutir e analisar as causas da violência contra populações marginalizadas (negros, indígenas, mulheres, homossexuais, camponeses, pobres, etc.) com vistas à tomada de consciência e à construção de uma cultura de paz, empatia e respeito às pessoas.**
Pág. 514	**(EF46AT08) Pesquisar e conhecer as dimensões históricas e sociais dos esportes e dos paradesportos de marca, perpassando as questões de gênero, culturais e as características dos sujeitos que os praticam, verificando, assim, os praticantes deficientes, participantes ou não das paralimpíadas, e as formas adaptativas para sua estruturação e realização dentro ou fora do ambiente escolar.**

Tabela 1 - fonte autoral

Avançando na próxima etapa, ou seja, a análise dos Projetos Políticos Pedagógicos, deparamo-nos com um quadro de total ausência das questões de gêneros nos documentos. Os Projetos Político Pedagógicos seguem um modelo no qual constam as informações da escola, caracterização da comunidade escolar, índices de aproveitamento, estratégias de gestão etc. Apontam 8 indicadores de qualidade quando diagnosticam a Unidade Municipal de Ensino - UME:

1. Gestão democrática;
2. Participação familiar na escola;
3. Cultura da Paz;
4. Inovação e Investigação;
5. Diversidade e Inclusão;
6. Protagonismo e autonomia;
7. Avaliação e acompanhamento;
8. Infraestrutura;

Avaliaram-se, um a um, os indicadores, verificando se em algum deles havia menções diretas ou indiretas às questões de gênero. Por “proximidade semântica”, elegeu-se o item “Diversidade e Inclusão” para uma averiguação mais minuciosa e não se encontraram quaisquer menções às questões de gênero. Para todos os indicadores de qualidade o documento abre um campo para indicar as "interferências do ambiente interno e externo" com duas subcategorias para cada um dos campos, conforme nos mostra a tabela a seguir:

INDICADORES DE QUALIDADE			
Interferências do ambiente interno		*Interferências do ambiente externo*	
Forças	Fraquezas	Oportunidades	Ameaças

Tabela 2 - fonte autoral

Chamou-nos a atenção essa categorização dos indicadores de qualidade e, ao levantarmos as fontes, identificamos que a mesma vem da tradução da sigla SWOT, que em inglês significa Strengths (Forças), Weaknesses (Fraquezas), Opportunities (Oportunidades) e Threats (Ameaças). “Trata-se de uma ferramenta fundamental para a análise estratégica de qualquer negócio, podendo fazer toda a diferença na hora de planejar e executar ações eficazes para sua empresa” (Santos, 2024).

Independente das intencionalidades que inspiraram as/os elaboradoras/es do modelo de Projeto Político Pedagógico adotado pela Secretaria de Educação de Santos, a adoção de tal modelo aponta um pensamento neoliberal da educação, indicando a escola como empresa, sujeita às formas administrativas presentes no setor, entendendo o aprendizado das/dos docentes como produto rentável ou não, à medida que pode servir com mais eficiência ao mercado. Tal assunto nos é muito bem apresentado por Gentili (1996) quando nos fala da educação escolar com a “função de garantir as funções de classificação e hierarquização dos postulantes aos futuros empregos (ou aos empregos do futuro)”, O autor continua nos dizendo que tal *modus operandis* se assemelha à lógica empresarial neoliberal, ou seja, a MacDonaldização da educação criando a *“pedagogia fast food”*, ou seja, “sistemas de treinamento rápido com grande poder disciplinador e altamente centralizados em seu planejamento e aplicação”.

CONCLUSÃO

Após uma análise arguta dos documentos tradutores do currículo santista, ou seja, Referencial Curricular e Projetos Políticos Pedagógicos das escolas dos anos iniciais do Ensino Fundamental, concluiu-se que, o tangente às questões de gênero, não há consonância entre ambos os documentos. Tal constatação nos leva a inferir que as questões de gênero têm passado ao largo das práticas pedagógicas desenvolvidas nas escolas, pelo menos do segmento analisado. Falar de gênero e sexualidade sempre foi um tabu no ambiente escolar. Percebe-se uma dissonância entre a importância de tais questões e o entendimento de função social atribuída a escola. Esse pensamento extrapola as diversas camadas sociais e atinge o currículo escolar de maneira contundente, trazendo, de modo geral, uma relação de "periculosidade" entre o que se pode e o que não se pode nas trocas humanas permeadas por esses assuntos.

Na escola esse pensamento é disseminado por muitas/os docentes que não conseguem dar conta de discernir a dimensão do privado em relação ao público. A escola em sua acepção mais genuína possível deveria ser um espaço onde as oportunidades de discussão acontecessem sem o cancelamento das mais diferentes formas de pensar e existir. São muitas as temáticas sensíveis que passam pela escola. Arriscaríamos dizer que todas as temáticas sensíveis à sociedade — pelo menos — deveriam transitar livremente pela escola em todas as suas dimensões político-pedagógicas.

A práxis educacional presente no que chamamos de *front pedagógico* requer não somente conhecimento especializado em todas as áreas, mas também e fundamentalmente, pensa-se, a criação de possibilidades de inúmeras visões de sociedade. Não trazer a discussão de gênero e sexualidade para o interior dos muros escolares é deixar de permitir que outras formas de existir sejam possíveis, reforçando a misoginia presente sutil ou abruptamente em nossa sociedade. É sustentar as premissas do patriarcado que justificam as injustificáveis formas de enxergar a contemporaneidade de gêneros pululante em nossa sociedade, fato tal que tem trazido perspectivas de existir para além das perpetuadas a partir da exclusão de quaisquer outras possibilidades desviantes do que se normalizou como correto. Do que tem dado, até o momento, todas as *senhas de sobrevivência* aos corpos de nossas e nossos discentes.

Reconhecemos que a temática carece de um estudo mais aprofundado a partir dos dados disponibilizados no município. Seria muito pertinente que outras investigações acontecessem, envolvendo as práticas pedagógicas das(os) docentes no tangente ao objeto analisado na presente pesquisa. A nossa utopia,

fundada na utopia de Paulo Freire — como uma busca por um futuro melhor, um sonho que guia a ação e a luta por transformação social (2001) — é que o presente trabalho sirva de estímulo para que outros dessa envergadura aconteçam, quiçá levantando muito mais pontos relevantes dos que aqui foram apresentados. É nesse sentido que entendemos a importância desse nosso pontapé inicial, no sentido de uma ampla e certeira provocação que atinja todas as atrizes e atores que contracenam no palco educacional do município de Santos, a fim de que se comece a desenhar outras possibilidades com mais equidade aos grupos que sofrem o desgaste permanente da exclusão de gênero e todas as nocivas consequências desse covarde e destruidor processo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1979.

BARRETO, A.; ARAÚJO, L.; PEREIRA, M. E. (Org.). **Gênero e diversidade na escola:** formação de professoras/es em gênero, orientação sexual e relações étnico-raciais – livro de conteúdo. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009. Disponível em: <http://estatico.cnpq.br/portal/premios/2014/ig/pdf/genero_diversidade_escola_2009.pdf>. Acesso em: 3 nov. 2023.

CAMPOS, Luciana Maria Lunardi. Gênero e diversidade sexual na escola: a urgência da reconstrução de sentidos e de práticas. **Ciência & Educação,** (Bauru), 21 (4). Out-Dez 2015.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade** – Vol. 1: a vontade de saber. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FREIRE, Paulo. Algumas reflexões em torno da utopia. In: FREIRE, Ana Maria de Araújo (org.). **Pedagogia dos Sonhos Possíveis**. São Paulo: UNESP, 2001.

GENTILI, Pablo. Neoliberalismo e educação: manual do usuário. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **ESCOLA S. A.:** quem ganha e quem perde no mercado educacional do neoliberalismo. Brasília, CNTE, 1996.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo, SP: Atlas, 2010.

LIMA JUNIOR, Eduardo Brandão; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; SANTOS, Adriana Cristina Omena dos; SCHNEKENBERG, Guilherme Fernando. Análise documental como percurso metodológico na pesquisa qualitativa. **Cadernos da Fucamp**, v.20, n.44, p.36-51/2021.

LOURO, Guacira. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Elisa Dalmazo de Alfonso. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas.São Paulo, SP: Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

MAIA, A. C. B. et al. Educação sexual na escola a partir da psicologia histórico-cultural. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 17, n. 1, p. 151-156, jan./mar. 2012. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722012000100017>. Acesso em: 3 nov. 2023.

MOREIRA, Antonio Flávio; SILVA, Tomaz Tadeu da. Org. **Currículo, cultura e sociedade**. 7. ed. São Paulo, Cortez, 2002.

SANTOS, João Vitor Rodrigues. **Leads 2b blog**. 10, jun. 2024. www.leads2b.com. Acesso em 29 nov. 2024.

RELATÓRIO FINAL 2024- INICIAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA-AF CNPq

Currículos de Pedagogia das Instituições de Educação Superior da Baixada Santista: reflexos nas práticas docentes e nas crianças negras das redes municipais de São Vicente e Praia Grande

Bolsista – Dav Henrique dos Santos Alves

Orientador – Professor Doutor Antonio Cesar Lins Rodrigues.

RESUMO

A presente pesquisa traz em seu escopo três objetos a serem analisados: a educação para as relações étnico-raciais nas matrizes curriculares dos Cursos de Pedagogia da Região Metropolitana da Baixada Santista, as práticas pedagógicas das/dos docentes – egressos desses cursos – na Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental pertencentes às redes municipais de ensino e seus reflexos na construção das subjetividades negras discentes dos municípios de São Vicente-SP e Praia Grande-SP. Quanto à metodologia, trata-se de uma pesquisa etnográfica com abordagem mista, qualitativa e quantitativa, valendo-se de dois métodos para a sua realização, a Análise Documental e o Grupo Focal. Para tanto se atuou em oito escolas, quatro de cada município, para que se possa aproximar, ao máximo, da representação do perfil docente das referidas redes municipais de ensino, depreendendo os possíveis reflexos na formação discente. As/os autoras/os Gome (2003; 2019), Hall (2003; 2016), Silva (1995, 2001; 2002; 2010), Barbour (2009), Moreira e Candau (2003) comporão o referencial teórico. A Hermenêutica Crítica fundamentou a análise de dados. Concluiu-se que a racial, quando muito, é trabalhada de maneira ineficaz na formação superior que subsidia as/os docentes que atuam nas escolas da Região. Tal fato faz com que, como consequência, as/os estudantes tenham suas oportunidades ceceadas em se tratando de uma educação antirracista. Daí não ser incomum, um ambiente favorável a episódios, explícitos ou não, de racismo no ambiente escolar.

Palavras-Chaves: Currículos de Pedagogia; Relações Étnico-Raciais; Docentes e Discentes; Educação Infantil; Anos iniciais do Ensino Fundamental; Baixada Santista.

Introdução

Na premissa de Moreira e Silva, a qual nos indica que "O currículo está Implicado em relações de poder [transmitindo] visões sociais particulares e interessadas [produzindo] identidades individuais e sociais particulares (2002, p. 8)".

Observa-se que a construção das identidades raciais das crianças na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental não passa incólume às vicissitudes produzida pelo currículo em seus anos de escolarização. Ao contrário, também sofrem interferência direta dos seus efeitos no que se refere ao engendramento de suas subjetividades, visões de mundo, referenciais de humanidades, autoimagens, autoestimas, enfim, de suas culturas. Admite-se que as/os docentes são as/os principais no engendramento e operacionalização do cotidiano pedagógico . Nesse contexto faz todo o sentido se pensar na Educação para as Relações Étnico-Raciais dentro desse grupo de conhecimentos acolhidos pelos currículos vigentes nos Cursos de Pedagogia da Região e seus efeitos refletidos na prática pedagógica das Pedagogas e Pedagogos por eles formados.

Nesse caminho, Silva nos traz o seguinte apontamento:

> [...] E, no entanto, o currículo – entendido como o conjunto de todas as experiências de conhecimento proporcionadas aos/às estudantes – está no centro mesmo da atividade educacional. Afinal, a escola não está apenas histórica e socialmente montada para organizar as experiências de conhecimento de crianças e jovens com o objetivo de produzir uma determinada identidade individual e social [...], o currículo constitui o núcleo do processo institucionalizado de educação (Silva, 2001, p. 184).

O currículo tem o poder de engendrar ideias de humanidade em todas as crianças a ele submetidas. Nesse sentido se tem a questão racial como tópico imprescindível ao se pensar nos conteúdos propostos nas práticas pedagógicas das/dos professoras/es em suas escolas e sistemas de ensino. As práticas pedagógicas da educação para as relações étnico-raciais começam a ser construídas na Universidade, nos Cursos de Pedagogia.

Não há a obrigatoriedade da incorporação das Leis 10.639/03 e 11.645/08 na educação superior, mesmo que essa forme as/os docentes que atuarão na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, momento da escolarização onde à população negra infantojuvenil é de vital importância a presença educação para as relações étnico-raciais, já que a sua presença em nas escolas da Região

Metropolitana da Baixada Santista é muito significativa e os efeitos do currículo na construção de suas subjetividades são contundentes. As crianças crianças negras, já saem prejudicadas no processo de escolarização em razão dos eixos de subordinação aos quais estão relacionadas – raça/cor e desigualdade social. Gomes ratifica o que se aponta nesses escritos:

> Não é preciso ser uma investigadora muito atenta para compreender que a maioria das crianças atendidas pelas creches populares, pelas escolas infantis privadas dos bairros pobres e pela Educação Infantil pública é preta e parda, ou seja, devem ser reconhecidas como negras, estão entre aqueles que representam 54% da população. Dessa forma, é possível afirmar que uma grande parcela de crianças atendidas pel Educação Infantil pertence aos segmentos populacionais que sofrem os problemas da perversa articulação entre desigualdades sociais e raciais (2019, p. 1017).

Nesse sentido cabe lembrar que a Região Metropolitana da Baixada Santista, segundo Censo Demográfico de 2000, é a que concentra o maior percentual de população negra no estado de São Paulo, 34,8 %. Nos dias de hoje teríamos aproximadamente 635.000 pessoas pretas e pardas o que é muito significativo. A desigualdade racial não é um dado da natureza e Hall nos traz alguns escritos que elucidam a questão supracitada:

> A prática de reduzir as culturas do povo negro à natureza, ou naturalizar a “diferença” foi típica dessas políticas racializadas da representação. A lógica por trás da naturalização é simples. Se as diferenças entre negros e brancos são “culturais”, então elas podem ser modificadas e alteradas. [...] A “naturalização” é, portanto, uma estratégia representacional que visa fixar a ‘diferença e ancorá-la para sempre (2016, p. 171).

O que é eleito como conteúdo por parte das/dos docentes faz a diferença na construção das subjetividades das crianças negras. A ideia da busca de equidade curricular talvez fosse uma das possibilidades para mitigar as desigualdades que afetam a população negra em idade escolar, para tanto, Moreira e Candau nos trazem a proposta de uma “Ancoragem Social dos Conteúdos” entendida como:

> [...] ver como é que ele [o conteúdo] surgiu, em que contexto social ele surgiu, quem foi que propôs historicamente esse conceito, quais eram as ideologias dominantes. E aí você vai fazendo isso com todos os conteúdos possíveis dentro do currículo e [...] isso é uma maneira d você nem cair naquele vazio de ficar só tentando entender diversas linguagens, diversas culturas, e também não cair na ideia de que o conteúdo é algo fixo. É uma outra vertente. (2003, p. 162).

Justificativa

As desigualdades raciais presentes na escola não estão lá por acaso e nem apareceram de repente em um passe de mágica. Desde a formação da/do docente até a sua prática propriamente dita existe um importante processo em construção que vem se solidificando com o passar do tempo de prática pedagógica. Uma analogia oportuna trazida por Silva (1995) ao citar Willis (1994, p. 173) quando o autor faz um análise do conceito de mercadorias – traduzindo para a sua interpretação esse conceito marxista –, talvez nos ajude a elucidar tal ideia. Ele nos diz que:

> [...] as mercadorias são produzidas dentro de conjuntos de histórias, relações e habilidades altamente específicas e determinadas. Não caíram do céu. Persegue o rastro de qualquer mercadoria até a fábrica e te espera um mundo de surpresas – processos de trabalho complexos, hierarquias humanas, disciplina, regimes incomuns de controle e motivação diretiva, conflito,cansaço e, com frequência, também sofrimento.

Entende-se que o percurso de compreensão das diferenças raciais estabelece hierarquizações, não obstante ao pressuposto constitucional presente no Artigo 5º da Constituição de 1988, o qual garante que “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade”. Contudo a garantia legal é uma condição, mas não suficiente para a igualdade racial no ambiente escolar. Nesse sentido Gomes aponta que no caso do negro brasileiro a classificação hierarquizada tem a sua genealogia no auge da escravidão a partir de relações raciais pautadas pelo racismo. Essa classificação passou a regular as relações entre negros e brancos, tornando suas assimetrias, mais uma lógica perversa desenvolvida no interior da sociedade brasileira e introjetada nela por meio da cultura (2003, p. 76-77).

Mediante ao exposto, infere-se que a descolonização curricular seja uma questão urgente e, nessa direção, o presente projeto de pesquisa pode criar horizontes não somente na questão genealógica das hierarquizações curriculares, como também na indicação de possibilidades para o currículo no cenário escolar contemporâneo. Essas possibilidades também estão presentes nas ***culturas negras populares*** marcadas não somente na geografia corporal de sua população, mas também em todos os seus saberes que invadem o espaço escolar a todo o tempo representando a resistência de seu povo, não

obstante às opressões racistas vividas e marcadas indelevelmente em suas subjetividades. Lins Rodrigues, nos apresenta algumas pistas de como esse jogo de flexibilidade pró-existência, estrategicamente pode ser jogado no cotidiano pedagógico:

> Esse vai e vem de disputas por reconhecimento, ora colocando o Samba em posição de não-distanciamento da cultura branca dominante, ora se posicionando de maneira quase incólume na conservação das tradições africanas vivenciada no processo de autoconstrução sociohistórica no Brasil, está ligado à própria dinâmica regente do que se pode afirmar como cultura popular [...] (2015, p. 34).

Mesmo quando se corre o risco da sujeição ao peso do estereótipo imiscuído à Cultura Popular, há de levar em consideração o seu poder de tensionar o *status quo,* pois "[...] A cultura popular é um dos locais onde a luta a favor ou contra a cultura dos poderosos é engajada; é também o prêmio a ser conquistado ou perdido nessa luta. É a arena de consentimento e resistência" (Hall, 2003, p. 246).

Uma escola mais justa, igualitária e equânime e que sua constituição sociohistórica não está apartada de interesses de certos grupos detentores de poder. Ao tratar das relações de Colonialismo, Racismo e Sexismo, Hall indica que:

> Além das relações de classe, objeto convencional da teorização crítica de inclinação marxista, ganham importância, em termos teóricos e políticos, as relações de imperialismo e dominação entre nações, as relações de subordinação e subjugação entre raças e etnias e as relações assimétricas entre os gêneros. [...] a noção de que a diferença não é um fato da natureza e sim um produto social, construído no contexto das relações sociais de poder" (1994, p. 32).

Tal afirmação reforça ainda mais a premissa de que questões raciais também são parte do currículo e são hierarquizadas à medida que suas interpretações as relegam a uma suposta condição natural inerente à sua própria existência, fazendo dessa interpretação um reforço à suposta ideia de que a branquitude seja um pré-dado, utilizado de maneira nefasta como justificativa às condições de desigualdade curricular vividas pela população negra.

Objetivos

Geral

Avaliar se há ou não um trabalho com a educação para as relações étnico- raciais nos cursos de Pedagogia da Baixada Santista, assim como analisar as práticas docentes dentro do mesmo tema nas escolas de Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental das redes de Praia Grande e São Vicente, observando os reflexos dessas práticas na construção das subjetividades das/os discentes negras dessas etapas da Educação Básica.

Objetivos Específicos

1. Analisar as matrizes curriculares dos Cursos de Pedagogia da Baixada Santista, verificando a presença ou não e de que forma, da educação para as relações étnico-raciais;
2. Analisar as práticas pedagógicas em educação para as relações étnico-raciais das/dos profissionais da educação das escolas submetidas à pesquisa;
3. Entender como estão situadas as crianças negras no currículo escolar e sobre quais óticas esse currículo funciona, identificando se há uma hierarquização que as atinjam e quais os efeitos da mesma;
4. Identificar e analisar a existência, ou não, de políticas curriculares contempladoras das relações raciais e nessas, se que contemplem as crianças negras por meio de conteúdos de equidade racial, direcionando a busca de uma possibilidade de igualdade racial no cotidiano pedagógico;
5. Criar mecanismos de autorreconhecimento e discriminação da apresentação de referências em todos os campos sociais, por meio de encontros para “conversas do conhecimento”, tema que trará explicações a respeito das profissões de cada protagonista, suas histórias de vida, a importância de suas de vida, suas atuações sociais, por meio de encontros para “conversas do conhecimento”, que trará explicações a respeito das atuações sociais etc., observando a adequação da linguagem ao público-alvo;
6. Realização de um seminário online em parceria com o Grupo de Pesquisas RACNEGÊ para ambas as redes em específico e para toda a Baixada Santista, onde se apresentarão os resultados, publicizando as possibilidades do trabalho com a escola elaboradas a partir da pesquisa.

Metodologia

A presente pesquisa teve como objeto os currículos de Licenciatura em Pedagogia das Instituições de Ensino Superior - IES, da Região Metropolitana da Baixada Santista e as práticas das/dos docentes da educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental dos municípios de Praia Grande e São Vicente – SP, a partir da análise de seus planos de aulas, respostas a um questionário e ao grupo focal. Todas/os docentes pesquisadas/os eram egressas/os das IES, cujos Projetos Pedagógicos de Curso foram analisados.

Trabalharam-se com oito escolas da educação infantil e do ensino fundamental – duas de educação infantil e duas dos anos iniciais do ensino fundamental, totalizando quatro escolas para cada município – indicadas pela Secretaria de Educação. A pesquisa teve uma abordagem metodológica mista, qualitativa-quantitativa, onde a etnografia da prátic escolar foi o caminho metodológico central, tendo como métodos a Análise Documental e o Grupo Focal.

Iniciou-se a pesquisa a partir da coleta de dados ***in loco*** como parte da etnografia, na qual os dados da escola foram levantados em visitas de campo para mapeamento da instituição e apropriação dos planos de aula das/dos docentes participantes, Projeto Político Pedagógico das escolas e demaisdocumentos complementares. Os documentos das Instituições de EnsinoSuperior – IES foram acessados em sua maioria ***online.*** Por meio de contato com um coordenador de curso, conseguiu-se um dos Projeto Pedagógico de Curso – PPC, complementando os dados para a análise. Em seguida, aplicou-se um questionário online às/aos docentes, a partir do aplicativo Google forms, para que elas/eles respondessem indicando o contanto ou não com a disciplina de Educação para as relações étnico-raciais em suas graduações e também se esse conteúdo estava presente ou não em suas práticas pedagógicas.

A ideia era a de poder entender se as(os) docentes tiveram contato com a disciplina de Educação para as Relações Étnico-raciais em seus cursos de graduação e, caso tivessem acontecido, como foi esse contato e de que modo ou não, ele teria influência em suas práxis educacionais.

Houve um cuidado antes da aplicação. Por meio de um encontro com as(os) docentes, todos os detalhes foram informados, abrindo-se para os questionamentos, dirimindo as dúvidas apresentadas.

Segue o questionário aplicado às(aos) docentes:

Esse questionário nos ajudará a entender as suas práticas pedagógicas em educação para as relações étnico-raciais. Ele faz parte da pesquisa que está sendo realizada em sua escola, cujo título é " CURRÍCULOS DE PEDAGOGIA DAS INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO SUPERIOR DA BAIXADA SANTISTA E AS RELAÇÕES RACIAIS: reflexos nas práticas docentes e nas crianças negras das redes municipais de São Vicente e Praia Grande". É de fundamental importância que você o responda. Desde já, agradecemos a sua colaboração.

Em qual etapa da educação básica você atua?

a. Educação infantil
b. Ensino fundamental anos iniciais

Em qual Instituição de Ensino Superior você cursou a Licenciatura em Pedagogia e em que ano concluiu?

_____

Em sua graduação você teve alguma disciplina que tratasse da educação para as relações étnico-raciais

a. Sim como conteúdo específico
b. Sim, como parte de um conteúdo
c. Não

Qual a relevância da educação para as relações étnico-raciais em suas práticas pedagógicas?

a. Muita relevância na etapa onde atuo
b. Média relevância na etapa onde atuo
c. Pouca relevância na etapa onde atuo
d. Nenhuma relevância na etapa onde atuo

Caso você realize um trabalho em educação para as relações étnico-raciais, poderia descrevê-lo?

_____

Caso não realize um trabalho em educação para as relações étnico-raciais, poderiadescrever os motivos

_____

Após essa etapa, explicou-se o que era um grupo focal, indicando sua finalidade, sugerindo a participação das/dos docentes sendo de livre adesão. Apresentou-se também o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido), indicando o compromisso ao qual as/os pesquisadoras/es estão submetidos e toda a garantia legal conferida às/aos docentes participantes. O nosso TCLE tem a autorização do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/IFSP em parecer consubstanciado de número 7.050.891 do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, Plataforma Brasil.

No tangente à abordagem etnográfica, apresentam-se algumas características como eixos fundantes, segundo Lüdke e André (1986) por se entender as mesmas em consonância com as características do objeto em questão:

- Ter-se o ambiente natural como fonte direta de coleta de dados, com o(s) pesquisador(es) como o principal instrumento;
- Os dados coletados são predominantemente descritivos – descrições do ambiente físico; situações e acontecimentos cotidianos; transcrição de questionários e entrevistas semiestruturadas; a atenção do pesquisador para o maior número possível presente na situação estudada;
- A preocupação com o processo é muito maior do que com o produto, à medida que a verificação sobre como o problema se manifesta ganha maior importância na pesquisa;
- Os pesquisadores realizam a maior parte do trabalho de campo pessoalmente;
- Há uma combinação de vários métodos de coleta de dados: fotografias, entrevistas, questionários, depoimentos e demais produtos culturais decorrentes do objeto de pesquisa;
- A busca do entendimento do quadro contextual como suporte para o entendimento do fenômeno

No que diz respeito à Análise Documental, segundo Lüdke e André (1986) aponta-se que:

- São considerados documentos “quaisquer materiais escritos que possam ser usados como fonte de informação sobre o comportamento humano”, estes incluem leis e regulamentos, normas, pareceres, cartas, memorandos, autobiografias, jornais, revistas, discursos, roteiros de programas de rádio e

televisão até livros, estatísticas e arquivos escolares;

- Os documentos são constituem uma fonte estável e rica e podem ser consultados várias vezes e inclusive servir de base a diferentes estudos, o que dá mais estabilidade aos resultados obtidos.

No que se refere ao grupo focal, a partir dos referenciais teóricos de Rosaline Barbour (2009) e Maria Cláudia Dal'Igna (2021). A respeito de tal método, Barbour aponta características que dialogam com os encaminhamentos necessários à presente pesquisa. Enquanto as entrevistas sobressaem-se na tarefa de eliciar considerações "privadas", os grupos focais oferecem ao pesquisador acesso às participações e aos argumentos que os participantes estão dispostos a apresentar em situações de grupo, sejam esses grupos pares, sejam de estranhos convocados para pesquisa.

Grupos focais podem ser empregados de forma útil tanto como um método único quanto como parte de uma abordagem de método misto. Em estudos de método misto, os grupos focais têm o potencial para desenvolver "ferramentas" mais estruturadas, como questionários, mas também ser utilizados com boas vantagens para esclarecer resultados quantitativos

> [...] grupos focais podem gerar dados paralelos e, então, facilitar a interrogação de bases de dados contrastantes por meio de comparações – particularmente em relação a explorar e buscar explicações para discrepâncias (2009, p. 83).

Seguem as perguntas aplicadas no Grupo Focal:

1.Vocês já identificaram alguma situação de racismo, preconceito e/ou discriminação racial em suas turmas?

2.Vocês já identificaram alguma situação de racismo, preconceito e/ou discriminação racial na escola?

3.Vocês entendem o trabalho com as relações étnico-raciais como relevante em suas aulas?

4.Vocês se consideram docentes com formação suficiente para trabalhar as questões étnico-raciais com suas alunas e alunos?

5.Considerando-se que vocês não tenham a formação suficiente para trabalhar as questões étnico-raciais em sala de aula, o que vocês propõem como solução?

A aplicação de questionários semiestruturados e observação do cotidiano pedagógico serão utilizados como instrumentos de pesquisa e para a análisedos dados, utilizaremos a “Unidade de Análise” (Ludk; André, 1986) codificadas em seus dois tipos “Unidade de Registro e Unidade de Contexto”, na criação de categorias incluídas em cada uma das Unidades.

Dando prosseguimento aos nossos escritos, apresentaremos as tabelas de categorias que encaminharam nossas análises.

Quadro de categorias relacionadas à Unidade de Registro

QUANTO A PRESENÇA DA EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO- RACIAIS NOS PPCs DAS IES E AS PERCEPÇÕES DOCENTES A RESPEITO DESSA PRESENÇA				
Instituições	O que consta nos PPCs	Total de docentes	Percepções docentes	
UNIMES	3	6	4 para o item 2	2 para o item 3
UNIMONTE/Centro Universitário São Judas.	3	3	2 para o item 2	1 para o item 3
UNIBR	3	3		3 para o item 3
UNISANTA	3	4	2 para o item 2	2 para o item 3
UNISANTOS	3	2	1 para o item 2	1 para o item 3
UNESP	3	1	1 para o item 2	
ULBRA	3	3		3 para o item 4
UNIP	1	3	1 para o item 1	2 para o item 4
UNICESUMAR	3	1		1 para o item 3
Centro Universitário DON DOMÊNICO	3	1		1 para o item 4

UNIFAEL	1	1	1 para o item 2	

Tabela 1

Fonte – dados da pesquisa

Legenda:

Em relação à Educação para as Relações Étnico-raciais segundo o que consta nos PPCs das IES:

1. Presença da Educação para as relações Étnico-Raciais em disciplinas específicas durante o curso

2. Presença da Educação para as Relações Étnico-raciais diluída em conteúdos de disciplinas não específicas durante o curso;

3. Sem a informação da presença da Educação para as Relações Étnico-raciais em disciplinas específicas ou correlatas durante o curso.

Em relação à percepções das/dos docentes quanto a presença da Educação para as Relações Étnico-raciais durante o curso:

1. Presença de uma disciplina específica de Educação para as Relações Étnico-Raciais durante o curso

2. Presença da Educação para as Relações Étnico-raciais como parte de uma disciplina;

3. Sem conteúdo relacionado a Educação para as Relações Étnico-raciais durante o curso;

4. Não se recorda de ter visto conteúdo relacionado à Educação para as Relações Étnico-Raciais

Discussão

A partir dos dados apresentados, infere-se que, não obstante à existência das Leis 10.639 de 2003, 11.645 de 2008 e 12.288 de 2010, as IES não estão em consonância aos pressupostos que elas determinam. A inclusão da Educação para as Relações Étnico-raciais em suas matrizes curriculares acontece como prioridade em apenas 18,18%, ou seja, somente duas das onze instituições incorporaram a temática racial nas matrizes curriculares dos cursos de formação

de professores, enquanto 81,81% não têm indicação da presença da temática em suas matrizes curriculares. Decerto os reflexos dessa falta de formação específica dentro da temática racial influenciam em suas práticas pedagógicas e esses reflexos foram apresentados nos grupos focais, pois quando eram estimuladas a discorrerem a respeito dos trabalhos desenvolvido dentro da temática, a grande maioria acusou uma carência de formação dentro da especificidade que já se estendia desde o curso de formação de professores.

Outra questão da tabela de categorização que chama muito a atenção, diz respeito à análise das percepções docentes relacionadas à temática. Quando respondem a respeito de terem trabalhado o conteúdo de Educação para as Relações Étnico-raciais em suas graduações 39,28% dizem ter tido contato como parte do conteúdo, 35,71% afirmam não terem tido contato com a Educação para as Relações Étnico-Raciais em sua graduação e 21,42% afirmam não recordarem. Apenas 3,5% das(dos) docentes afirmam terem tido uma disciplina específica que tratasse da temática.

Essa situação nos dá pistas do perfil do egresso almejado pelas IES e, não obstante afirmarem em suas "missões" que a/o profissional deva ser capaz, via de regra, de atuar nas diversas situações de ensino e dentro de uma perspectiva o mais abrangente possível, percebe-se uma lacuna em relação à Educação para as Relações Étnico-raciais que, potencialmente, influenciará negativamente nos mecanismos de promoção da igualdade racial na escola e práticas antirracistas na escola.

Unidade de Registro

QUANTO ÀS PRÁTICAS DOCENTES DADOS QUANTITATIVOS			
Relevância da educação para as relações étnico-raciais	Total de docentes **%**	Trabalho em Educação para as Relações Étnico-raciais	
		Realiza	Não Realiza
Muita relevância na etapa onde atuo	21 75%	25	3
Média relevância na etapa onde eu atuo	5 17,8%	//////////////////////	//
Pouca relevância na etapa na qual onde atuo	2 7,1%		//

Tabela 2 Fonte – dados da pesquisa

Unidade de Contexto

QUANTO ÀS PRÁTICAS DOCENTES DADOS QUALITATIVOS	
Categoria - Estratégias de ensino	
Leitura	Realizo trabalho de leitura com livros com o tema; Trabalho com histórias, onde a criança expressa sua opinião através das situações dos livros; Trabalho com literatura, roda de conversa; Sempre inicio com um livro e fazemos reflexões e referências no nosso dia a dia; Realizo trabalho de leitura com livros com o tema; Tenho como prática incluir leituras de livros que abordem o tema durante todo ano e roda de conversa sobre diversidade, respeito mútuo; Utilizando um livro com o voltado para o assunto abrangendo as diversidades culturais de nosso país; Leitura do livro "Letras de carvão" e roda de conversa; Bom, não sei se faço certo, mas utilizo a literatura infantil;
Contação de Histórias	Contando histórias étnico-raciais, costumes, comidas , mostrando pra eles alguns fatos sobre e mostrando que somos todos iguais; conversas sobre respeitar os colegas estão sempre em pauta; costumo usar a temática no dia a dia, como norteador para explanar sobre as relações dos povos com a arte e a cultura e como nos relacionamos com outras culturas. Essa abordagem é o ponto de partida para reflexões sobre etnias, cultura e religião; Por meio de histórias; só realizo trabalho com contos africanos e histórias;

Rodas de conversa	Sempre inicio com um livro e fazemos reflexões e referências no nosso dia a dia; utilização de livros infantis com temas afro e projeto mascote da turma com boneco negro onde cada dia uma criança deve zelar por seus cuidados; com frequência converso com os alunos sobre autoestima, amarem sua cor, seus cabelos; realizo nas datas comemorativas, agora, por exemplo, se tratando do folclore trabalhamos as diversas, sua regionalização; roda da conversa sobre diferentes culturas e etnias que compõem a nossa nação e diferenças raciais; realizo roda de conversa e atividades que expressam a igualdade; acredito que em todo momento precisamos abordar esse assunto, no meu trabalho, roda de conversa; geralmente esse trabalho é realizado por meio de discussões e conversas informais a partir da exibição de vídeos, leitura de livros e textos relacionados ao tema e, até mesmo, através de experiências vivenciadas no dia a dia; trabalho os livros paradidáticos, leitura compartilhada em sala de aula com esse tema; roda da conversa sobre diferentes culturas e diferença raciais.
Produção textual	Faço com leituras, vídeos, pesquisas e produção de textos sobre o assunto.

Tabela 3 Fonte – Dados da pesquisa

Análise

Na Unidade de Registro, tabela 2, percebe-se que a maioria das/dos docentes, 75%, admitem que o trabalho com a Educação para as Relações Étnico-raciais é de muita relevância nas etapas onde atuam o que vai ao

encontro da análise tecida anteriormente, que tratava da importância de disciplinas que tratassem dessas questões nas matrizes curriculares das Licenciaturas em Pedagogia. Suspeitamos que esse grupo de docentes tenha sentido muito a falta desse suporte em sua formação, mesmo que tenham dado conta dessa lacuna tardiamente, ou seja, num período pós- formação. As questões relacionadas à Educação para as Relações Étnico- raciais já estão no cenário educacional do Brasil há bastante tempo como bandeira empunhada pelo movimento negro e uma série de educadoras/es que têm conferido muita relevância a essa questão. A percepção de que docentes têm o entendimento da importância desse trabalho, faz com que pensemos na responsabilidade das IES na promoção da equidade racial dentro da educação e como a ausência das mesmas dentro dos currículos podem causar grandes lacunas de desigualdade em toda a sociedade.

No tangente à Unidade de Contexto, tabela 3, apresentaram-se uma grande parte das estratégias de ensino utilizadas pelas/os docentes. Identificamos como opções prevalentes as Rodas de conversa e Leitura de livros. Esse caminho pode reservar armadilhas se forem utilizadas apenas leituras “clichês” como algumas que já são bem conhecidas no campo da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Por isso, faz-se necessário um aprofundamento nas discussões pós-leituras e rodas de conversa, na busca da desconstrução dos estereótipos atribuídos à população negra pela sociedade e ratificados no ambiente escolar. Alguns dos depoimentos relatados tanto no questionário quanto no grupo focal nos causaram preocupação, como, por exemplo, a ideia de se aproveitar somente as datas comemorativas para dar conta da discussão do assunto.

A ideia de uma educação antirracista tem a Educação para as Relações Étnico-raciais como alicerce. Nesse cenário, questiona-se o suporte teórico-pedagógico que é oferecido para as/os docentes. Em muitas falas dos grupos focais as/os docentes apontavam a necessidade de um suporte de formação sobre a temática do qual sempre foram carentes desde a graduação. Admite-se que sem esse suporte as questões antirracistas fiquem reduzidas a uma passagem rápida e folclorizada, caracterizando o que Santomé (1995) chama de “Currículo Turístico”, fato tal que continuaria a contribuir para a manutenção do status quo da injustiça curricular.

Conclusão

Ao finalizarmos a nossa pesquisa chegamos a algumas conclusões que podem ser elencadas como principais, sejam essas:

1. 99% são docentes oriundas/os da Região Metropolitana da Baixada Santista, o que nos possibilita inferir que estão imersas/os no contexto Loco-Regional do qual suas/seus alunas/os são oriundas/os;

2. 75% entende como muito relevante o trabalho com a educação para as relações étnico-raciais;

3. Para 95% das/dos docentes a questões relacionadas à Educação para as Relações Étnico-raciais foram abordadas de maneira insuficiente em suas graduações, pois em sua maioria, o foram abordadas como parte do conteúdo;

4. Ao serem abordadas como parte do conteúdo, infere-se que as/os docentes não adquiriram o suporte suficiente para trabalhar com essas questões, já que as respostas do questionário e do grupo focal oferecem pistas para tal conclusão;

5. Ao serem abordadas como parte do conteúdo, infere-se que as instituições de ensino não encaram essas questões com a devida importância e têm responsabilidade por acirrarem as desigualdades raciais na educação e não propagação de uma educação antirracista.

Os currículos das Instituições de Ensino Superior têm um papel fulcral na educação básica. A partir deles se pode construir caminhos ou impedimentos à justiça social. Um currículo é um indicador da sociedade que se pretende construir e pode ser um importante instrumento na criação de oportunidades para os grupos sociais em processo de exclusão permanente. Nesse sentido, a População Negra vem sofrendo as agruras do alijamento desde sua diáspora engendrada pelos invasores que dizimaram o continente Africano e suas grandes nações, trazidas ao nosso país como escravizadas. Mas a história das População Negra não é feita somente da escravização e sim muito mais de sua resistência e construção de caminhos de enfrentamento às/aos opressores por meio do que Moura (2004) classificou como “Quilombagem”. Essas “Quilombagens” precisam ser contadas e exaltadas às/aos nossas/os discentes desde a mais tenra idade e, para tanto, faz-se urgente que a Educação para as

Relações Étnico- raciais seja uma constante em todos os currículos, em todos os níveis de ensino, em todas as práticas pedagógicas desenvolvidas pelas/os docentes. Para tanto inferimos que o suporte teórico esteja presente desde o início da formação docente e as leis elaboradas com todo o aporte necessário, sejam cumpridas.

Não é um fato novo o que constatamos na presente pesquisa, ou seja, a ausência do aporte teórico necessário nos currículos das IES, para que as práticas ligadas a uma educação antirracista possam se materializar nas práxis das professoras e professores da Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental. Entendemos que o conceito de uma educação de qualidade não pode ceder aos apelos neoliberais que exigem das escolas um ensino que prioritariamente busque a excelência profissional, para servir aos interesses de uma produção laboral acrítica enriquecedora cada vez mais da desigualdade social. O papel das IES é fulcral na estruturação da sociedade, no sentido de dar o aporte necessário para que os grupos historicamente excluídos possam encontrar na educação um caminho de equilíbrio e justiça social.

Entendemos que a formação docente é um importante e fértil campo para a construção de mecanismos de resistência e equidade, à medida que, com um currículo abrangente e justo, possa chamar a atenção para as hierarquizações que asseveram as desigualdades. Levar em conta os saberes e histórias dos povos subalternizados durante toda a construção da educação brasileira, colocando-os em um patamar de igualdade dentro do currículo é uma das aproximações dignas do que Connell (1993) classifica
como “Justiça Curricular”.

Pensar em caminhos que indiquem novas possibilidades de construção de reconhecimento à População Negra em nossas escolas está para além de uma simples obrigação de cumprimento de leis. Talvez seja pensar em uma sociedade capaz de uma ressignificação capital que possa corroer o abismo da desigualdade racial, que insiste em ter na escola não o seu nascedouro, mas sim um lócus permanente de perpetuação o qual tenhamos, como docentes, a obrigação e o compromisso de combater.

Percebemos que essa pesquisa não esgota e nem teve a intenção de esgotar a necessidade de mais estudos e com o aproveitamento necessário, a fim de que se possa avançar no desenvolvimento de uma educação antirracista em nossas escolas. Por conta disso, tem-se o convicto desejo de que a provocação p aqui levantada, sirva de estímulo às(aos) pesquisadoras(es) que também buscam na justiça curricular um caminho à justiça social em nosso país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOUR, Roselaine. **Grupos Focais**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BRASIL. **Lei** 10.639/2003, de 9 de janeiro de 2003 . Altera a Lei nº 9. 394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

BRASIL. **Lei** 11.645/08 de 10 de Março de 2008. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

BRASIL. **Lei** 12.228, de 20 de julho de 2010. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

CONNELL, Robert Willian, (1993). **Schools and social justice**. Montréal: Our Schools/Our Selves Education Foundation.

GOMES, Nilma Lino. Cultura Negra e Educação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro n. 23, p. 75-85, mai./jun./jul./ago 2003. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbedu/a/XknwKJnzZVFpFWG6MTDJbxc/abstract/?lang=pt. Acesso em: 01 dez. 2021.

_____. RAÇA E EDUCAÇÃO INFANTIL: À PROCURA DE JUSTIÇA. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v.17, n.3, p. 1015-1044 jul./set. 2019. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/44232. Acesso em: 15 de mar. De 2023.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidade e mediações culturais. Liv Sovik (org). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

_____. **Cultura e Representação**. Org. Arthur Ituassu; Trad. Daniel Miranda e Willian Oliveira. – Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016. Acesso

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo, EPU, 1986.

MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa; CANDAU, Vera Maria Ferrão. Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 156-168, mai./jun./jul./ago. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a11.pdf.>. Acesso em: 25 mai. 2023.

MOURA, Clovis. **Dicionário da escravidão negra no Brasil**. São Paulo: Edusp, 2004.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. As culturas negadas e silenciadas no currículo. In: SILVA, Tomas Tadeu. (Org.). **Alienígenas na sala de aula**: Uma introdução aos Estudos Culturais da Educação. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Descolonizar o currículo: estratégias para uma Pedagogia Crítica. In: COSTA, Marisa Vorrarber. **Escola básica na virada do século**: cultura, política e currículo. Porto Alegre: FACED/URGS, 1995.

_____. Org. **Territórios contestados**: o currículo e os novos mapas políticos e culturais . Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

_____. Org. **Currículo, cultura e sociedade** . 7. ed. São Paulo, Cortez, 2002.

SILVA, Tomas Tadeu. Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.